
JURAMENTADOS
TERCEIRO VOLUME DA SÉRIE *LENDÁRIOS*
TRACY DEONN
intrínseca

JURAMENTADOS

OATHBOUND

LIVRO 3 DA SÉRIE *LENDÁRIOS*

TRACY DEONN

Tradução de Carolina Candido

intrínseca

Copyright © 2025 by Tracy Deonn

TÍTULO ORIGINAL
Oathbound

COPIDESQUE
Júlia Ribeiro

REVISÃO
Rachel Rimas

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
Isabella Carvalho

ARTE DE CAPA
© 2025 by Hillary Wilson

DESIGN DE CAPA E PROJETO GRÁFICO ORIGINAL
Laura Eckes

E-ISBN
978-85-510-1618-3

Edição digital: 2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ
CEP 22640-904
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D466j

Deonn, Tracy
Juramentados [recurso eletrônico] / Tracy Deonn ; tradução Carolina Candido. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2026.
recurso digital (Lendários ; 3)

Tradução de: Oathbound
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1618-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Candido, Carolina. II. Título. III. Série.

CDD: 813
25-101619.0 CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782


intrinseca.com.br


@intrinseca


editoraintrinseca


@intrinseca


@editoraintrinseca


intrinsecaeditora

SUMÁRIO

Para as garotas que enfrentam o desconhecido… e se jogam mesmo assim.





PRÓLOGO

O QUE PRECISA SER FEITO

I

O REI DAS SOMBRAS poderia me destruir.

Consigo sentir. Quando a magia do demônio ancestral nos engole, sinto minha própria ruína, mas não posso fazer nada para impedi-la.

Seus fios negros e rodopiantes são como um punho apertando meu peito, e então… *dor*. Uma dor sufocante, esmagadora, que rouba meu ar.

Na colina acima da Fortaleza da Divisão do Norte, a fumaça com aroma de mirra e seiva encobre minha visão de Nick, que corre para nos deter. A magia do Rei se espalha, e a armadura de aether de Nick reluzindo ao sol é tudo que consigo ver. Sua mão estendida. Seus olhos azuis desejando a batalha. Minha última lembrança da Fortaleza é a imagem de Nick lutando para me proteger.

Foram muitos os combates e muitas as perdas só *para me proteger.*

A Volição foi destruída porque me abriguei em seus terrenos ancestrais. O refúgio para Artesãos de Raiz de Lu, Hazel e Mariah foi comprometido porque eles me acolheram. Alice entrou em coma depois que a derrubei enquanto estava possuída. Selwyn sucumbiu à demonia após consumir meu poder para me trazer de volta a mim mesma. E Nick, que arriscou a própria vida ao retornar à Ordem que enviou Merlins assassinos para matá-lo. Lutas demais. Perdas demais.

O Rei segura minha mão.

— Desculpa — digo para Nick, para todos, para mim mesma.

Evitei encontrar Nick antes de subir a colina porque se alguém poderia me impedir de ir embora, seria ele. Os olhos dele veem demais, com nitidez demais, sempre viram. Ele me compreende até quando tudo o que quero é não ser compreendida.

Não por isso.

— Por favor, saiba que eu… — sussurro.

E, então, estamos viajando pelas sombras.

A escuridão nos envolve em correntes espessas e densas como tinta. Meu corpo *sente* o movimento. Percebo os saltos pelo espaço. Às vezes, quando fendas se abrem o suficiente no redemoinho negro, vislumbro cenários aterrorizantes — campos carbonizados queimando sob o céu escuro, quilômetros e mais quilômetros de lápides à noite, as profundezas do oceano — antes que o turbilhão se feche de novo. Meu estômago se revira quando o mundo reaparece e se contorce quando desaparece.

Então viajar pelas sombras é assim, penso, antes de começar a sufocar.

Neste vórtice entre o aqui e o lá, não existe ar. Eu me pergunto se vou morrer antes mesmo de começar essa nova vida.

Não.

O pensamento aguça minha mente sufocada pela falta de oxigênio. Aperto o cabo rígido da Excalibur contra meu corpo.

Eu não *vou morrer aqui.*

Quanto tempo se passou? Segundos? Minutos? Não sei dizer.

Então, de repente, sem aviso, nós aterrissamos.

Meus joelhos cedem e batem no mármore branco e frio. Minha mão fraqueja, e a Excalibur ressoa ao cair no chão. O cheiro forte de produtos de limpeza invade minha garganta, o que me faz tossir. Xingo entre arfadas. Tento respirar. Tento entender onde estou.

Estamos em um corredor longo e vazio, sem janelas, dentro de um prédio que não reconheço. Ainda tossindo, ergo meu olhar embaçado e vejo uma nuvem de fumaça diante de mim. Onde deveria haver um rosto, há olhos de obsidiana com íris incandescentes de um vermelho intenso. Um demônio tão poderoso que, a essa distância, até mesmo seu olhar faz minha pele arder.

O Rei das Sombras, inumano.

Enquanto ele me observa, no auge da minha humanidade, toda desajeitada, ofegante e suada no chão, percebo uma sombra sinuosa rodeando a câmera de segurança na parede atrás dele, bloqueando a lente. Seja lá onde estivermos, o Rei das Sombras já se certificou de que ninguém nos veja.

A nuvem escura volta a chamar minha atenção. Ela se agita lentamente, depois se dissolve, e, por fim, se solidifica na figura familiar de Erebus Varelian, Mago Senescal das Armas do Alto Conselho da Ordem da Távola Redonda.

Erebus me observa com uma única sobrancelha erguida, as mãos agarrando o cinto. Seus olhos agora lembram os de um Merlin de meia-idade: vermelho-sangue profundo, com pupilas pretas e humanas. Seu cabelo cheio e escuro como a noite está perfeitamente penteado para trás no corte tradicional da Guarda dos Magos, e um longo sobretudo escuro recai com elegância sobre seus ombros, indo até os joelhos.

Esse é o homem que enganou a sociedade secreta mais poderosa e antiga do mundo, fazendo-os acreditar que era um deles, sabe-se lá por quanto tempo. Mesmo agora, a Ordem ainda acredita que Erebus é seu soldado Merlin mais fiel e prestigiado. Só nós dois sabemos a verdade: ele é o maior inimigo da Ordem. E só *nós dois* sabemos que eu, a Herdeira da Coroa e do rei da Ordem, deixei a Távola Redonda para me tornar sua pupila.

Minha respiração está trêmula. *O que foi que eu fiz?*

— Consegue andar? — Ao falar, a voz de Erebus é baixa e indiferente.

O respeito e a formalidade que demonstrou quando nos conhecemos não existe mais.

— Por que você… — começo, a garganta áspera — … me levou antes que eu conseguisse…

— E o que você teria dito a Nicholas Davis — murmura Erebus, a expressão indecifrável —, se eu não tivesse te levado?

Revejo aqueles momentos finais em minha mente. A armadura de Nick. Sua mão. Seus olhos. Seus dedos estendidos para encontrar os meus. Nosso chamado e resposta, interrompidos antes do fim. Cerro os dentes.

— Não é da sua conta.

Erebus ergue a sobrancelha.

— Então fiz bem em levá-la naquele momento.

— O que você quer dizer com *isso*?

— Se Nicholas Davis tivesse te tocado, não teria deixado você ir. — Erebus franze os lábios. — Ele já é uma pedra no sapato por si só.

O medo é uma sensação fria e silenciosa dentro do meu peito. O Alto Conselho dos Regentes quer Nick morto porque não pode controlá-lo; minha ausência não mudará isso.

Eu me levanto.

— Pedra no sapato?

Um brilho cruel cintila nos olhos do Senescal.

— Quando ele perceber sua ausência e se recuperar do choque, quem você acha que Nicholas vai procurar primeiro? Você… ou Selwyn?

Sinto um embrulho no estômago. Não sei a resposta, mas sei que não quero que Nick venha atrás de mim.

Erebus ri diante do meu silêncio.

— Seja como for, o garoto vai perseguir fantasmas. Vou me certificar de que ninguém encontre você, e Selwyn é uma causa perdida.

Aquele medo silencioso aumenta. Pedi para que Erebus levasse Sel até a mãe dele, na esperança de que ela pudesse reverter sua decadência à demonia, mas nem mesmo o rei dos demônios podia garantir que Natasia Kane salvaria seu filho. Sel

acreditava que eu poderia controlar Arthur, e porque confiei *em mim mesma* quando não deveria, ele sacrificou sua humanidade para me salvar.

Minha respiração falha e meus olhos ardem. Acabou. Está tudo *acabado,* e nada pode mudar isso.

Engulo em seco e retribuo o olhar de Erebus com ferocidade.

— Acho que Nick vai atrás é de *você* — falo. — Afinal de contas, ele viu você. Viu *Erebus* me levar embora.

A expressão de Erebus se esvai em sua pele marrom até virar névoa acinzentada até que ele não seja Erebus, nem o Rei, nem *ninguém*, exatamente. Apenas uma sombra com forma de homem.

— Será que viu mesmo?

Meu coração acelera quando lembro que Erebus é um rosto que o Rei *escolhe.*

Eu não estava olhando para o Rei das Sombras naquele último momento na colina; estava olhando para Nick. O Rei pode assumir a identidade de qualquer uma de suas vítimas. Ao contrário dos cambions, que são meio demônios, meio humanos, aqueles que, como Erebus, são apenas demônios, não *têm* humanidade própria; eles a roubam. Eles nos matam e depois nos vestem. Como se fôssemos roupas.

A bile sobe até minha garganta.

— Se Nick viu você assim, então com quem ele acha que eu fui embora?

— Com ninguém, imagino. Ou qualquer um.

O Rei estremece.

Agora, no lugar da figura de Erebus, há uma pessoa alta, de rosto fino, que eu não reconheço. Sua pele é pálida e sardenta, e o cabelo, uma mistura de tons de castanho e cinza.

O medo e o horror perdem espaço para a raiva que cresce dentro de mim.

— Você ao menos se lembra do nome da pessoa de quem roubou esse rosto?

— O nome não era importante — responde ele, com a voz do novo corpo.

Sem dizer mais nada, o Rei das Sombras se vira e segue pelo corredor com passos longos e rápidos. Quando não está jogando sombras sinuosas para confundir as câmeras à frente, mantém as mãos enfiadas nos bolsos fundos.

Eu corro atrás dele, segurando a Excalibur com cuidado e apoiando-a no quadril, a lâmina apontada para baixo e para trás. Eu deveria ter arranjado uma bainha antes de partir.

— Onde estamos?

Erebus, o Senescal, teria respondido à pergunta de sua Herdeira da Coroa, mas esse demônio não é o Erebus que conheci, e eu não sou a Herdeira da Coroa dele. Esses eram apenas os papéis que desempenhávamos — e o desempenho dele era sempre melhor do que o meu.

Sou a Herdeira da Arte de Sangue do Rei Arthur. Uma Artesã de Raiz e Lendária, ou *era*, antes de ter abandonado os dois grupos. Agora sou o *investimento* marcado com sangue do Rei das Sombras. Sou uma fonte de poder, um poder que pedi a ele para me ensinar a dominar e me ajudar a fazê-lo crescer, mesmo sabendo que o Rei das Sombras pretende usar minha força para triunfar sobre a Ordem que nós dois desprezamos. Assim, me tornarei uma arma que ele manejará quando eu me tornar forte o suficiente.

Tenho a sensação de que o Rei das Sombras não me deixará esquecer que, ao me juntar a ele, escolhi *essa* identidade, a de uma arma, acima de todas as outras.

Os pés demoníacos do Rei não fazem som, mas os meus, humanos, sim. As botas marrons e macias que Greer arranjou para mim fazem um ruído baixo enquanto me apresso para acompanhá-lo. Também estou com uma calça jeans larga e uma camiseta de banda — que provavelmente vieram do guarda-roupa de Greer. Eu me pergunto se encontrarei mais roupas no lugar para onde estamos indo ou se terei que me virar com isso. Talvez eu devesse ter trazido uma mochila, e não apenas uma espada.

Mais à frente, o Rei das Sombras vira bruscamente à esquerda e empurra uma porta. Eu o sigo, e meu pensamento é interrompido quando vejo a sala iluminada em que acabamos de entrar… e o que há dentro dela.

Ao redor da sala, há sarcófagos egípcios protegidos por grandes vitrines de vidro. Com um movimento de mão, o Rei obscurece as câmeras alinhadas simetricamente no teto alto. Eu me viro para falar com ele:

— Onde…

Ouço sua nova voz enquanto ele avança.

— No Museu Britânico.

— Em *Londres*? — Minha voz sai em um guincho.

Observo o sarcófago diante de mim com um novo olhar, e uma sensação silenciosa de injustiça me consome. De acordo com a placa branca na base da vitrine, estou olhando para uma jovem que viveu em Tebas no ano 800 a.C. As tintas bege, amarela e vermelha desenham seu rosto no caixão de madeira — e, de repente, sou atingida por uma lembrança cortante de outra jovem que nunca mais despertará. Alice. Respiro fundo, tentando lidar com a memória sufocante, a culpa. Eu as afasto para o fundo da minha mente.

Esse não deveria ser o lugar de descanso dela, penso. *Não aqui, atrás desse vidro, nas mãos de colecionadores. Não é aqui que seu povo imaginou que ela ficaria.* A ponta dos meus dedos formiga, como se me pedissem para tocar o sarcófago e sentir se o espírito da garota ainda está desperto ali dentro. Um instinto de médium. Um instinto que nem sei se ainda posso seguir depois do que fiz com minha linhagem ancestral…

O Rei pigarreia, parado junto a uma porta no fim da galeria. Apoio a Excalibur do outro lado do meu quadril e corro até ele. A placa na porta diz SOMENTE CURADORES. Quando paro ao seu lado, ele estende a mão. Por um momento, fico confusa.

— A espada, Briana.

Seguro o cabo com força.

— Ela é minha.

Não deveria ter dito isso.

Ele sibila, retorcendo os lábios.

— Você não tem *autoridade* aqui, garota. — Sua voz se torna áspera, sobrenatural. — Não tem nenhuma corte de crianças para se ajoelhar diante de você, nem Regentes para disputar sua linhagem. Você não é a *Herdeira da Coroa* na *minha* presença. E, se eu quiser, tomo a espada Caledfwlch à *força*.

Sou tomada pelo pânico. Meus instintos gritam que o Rei das Sombras é muito mais poderoso do que o Merlin que ele finge ser. Que é mais forte até do que os demônios goruchels mímicos, os mais temidos pela Ordem Lendária. Que sua verdadeira natureza demoníaca é desconhecida, oculta e mais antiga do que as montanhas dos tempos mais remotos. Ele acabou de me transportar pelo planeta, dobrando espaço, luz e matéria à sua vontade. Mas eu escolhi isso.

Não posso ficar à mercê dele também.

— Eu preciso dela… — começo.

— Para quê? — retruca ele.

Força. Poder. Controle. É disso que eu preciso mais do que qualquer outra coisa. Isso fará a fuga valer a pena. E agora que reforcei a Excalibur, ela é mais minha arma do que nunca.

— Para treinar. — Ergo o queixo, travo a mandíbula. — Como Erebus, você treina Merlins e comanda a Guarda dos Magos. Como o Rei das Sombras, você já viu cada Camlann, cada levante demoníaco e cada vitória dos Lendários. Como Caçador, acompanhou todas as mulheres da minha família desde Vera. Você sabe do que somos capazes.

— Tudo verdade.

— Você concordou em me ensinar — digo. — E estou pronta para aprender. Temos um acordo.

O Rei das Sombras abre um sorriso.

— Um acordo *sem regras*.

Estreito os olhos. Um acordo sem regras, feito sem um negociador; já estou bem familiarizada com isso.

— Pode não ter tido regras, mas eu deixei meus termos bem claros.

— Os *seus* termos estavam claros. — O rosto dele muda de volta para o de Erebus. — Mas os meus, não.

Minha respiração falha.

— Valechaz nunca explicou para você como funciona um acordo demoníaco? — Ele começa a me rodear devagar, com um sorriso divertido, e faz um som de reprovação. — Que pena.

O calor dentro do meu peito cresce contra a minha vontade. Eu me preparo mentalmente para confrontá-lo.

— Valec me ensinou muita coisa — respondo. — A falta de regras torna mais fácil que demônios exijam o que quiserem de um humano, mas eu *deixei bem claro* o que estava disposta a fazer e o que precisava de você. Concordei em acompanhá-lo e ficar ao seu lado se você levasse Sel até a mãe dele. Nosso acordo foi negociado e está concluído.

Ele continua como se eu não tivesse falado nada:

— Para cada exigência feita em um acordo, a outra parte tem o direito de fazer uma exigência em troca. Como um negociador de renome, Valechaz regula esses acordos para garantir que todas as exigências sejam feitas e aceitas, permitindo que os envolvidos fechem o acordo nas mesmas condições. Essa regulamentação *é* essencial, porque, a menos que *todas* as exigências tenham sido cumpridas e aceitas, o acordo não pode ser fechado.

Meu coração para.

— Como assim?

— A parte que ainda não declarou suas exigências no momento do fechamento sai com uma dívida aberta e não cumprida. — Ele sorri. — Um "fico te devendo essa", por assim dizer.

— Não. — O medo faz meu coração disparar como nunca. — Eu… nós…

— Você disse que viria comigo e ficaria ao meu lado se eu realizasse um único favor, e ainda assim fez não uma, mas *duas* exigências, Briana. — Ele ergue um dedo. — Primeiro pediu que eu levasse Selwyn até a mãe dele. Você disse: "Se você levá-lo até ela, eu vou com você."

Eu o encaro.

— Eu sei o que eu disse…

— Mas será que você se *lembra* do que disse? — diz ele, num tom de desdém. — O que exigiu *antes* de me pedir para levá-lo?

— Que outro…

— Você exigiu meu *conhecimento.* Quer aprender força, poder e controle. "Apenas um rei pode ensinar a um rei."

Fico pálida, o sangue indo do meu rosto para o meu estômago em um redemoinho gelado e vertiginoso.

— Duas exigências, e apenas uma foi cumprida. Você está me devendo, Briana. — O sorriso dele se alarga. — Somos praticamente Juramentados, você e eu.

— Não, eu… eu… — gaguejo.

— *Sim*.

— Foi… um acordo…

— O que é um acordo, senão um juramento? E o que é um juramento, senão uma promessa com um preço? Chame como quiser. É tudo a mesma coisa… uma mistura de intenção, vontade e sacrifício. Seu poder está atado à minha marca de sangue. Sua morte está ligada ao meu triunfo. E *você* está presa a mim pelas suas próprias palavras. — O Rei das Sombras enfia as mãos nos bolsos. — Se eu não puder estabelecer minha recompensa por educar e treinar você, então estamos em desequilíbrio. E o acordo pode ser revogado por inteiro.

— Então não me ensine! Eu… eu aprendo sozinha — digo, mesmo sem acreditar nisso.

Mesmo sabendo que *ele* sabe que eu não acredito. Que eu *não* sou capaz de aprender sozinha. Que já tentei… e falhei.

Em vez de dizer o que ambos sabemos ser verdade, sua voz baixa para um sussurro ameaçador.

— Você não quer descobrir o que acontece quando se quebra um acordo justo com um demônio, Briana Matthews.

Respiro fundo e tento encontrar a frieza que senti na colina da Divisão do Norte, a confiança, mas não a encontro.

— Isso não é *justo*…

— *Será* justo quando sua dívida for paga. Se você não cumprir com sua parte do acordo, minha vingança será *multiplicada por dez*. — Ele se aproxima e abre um sorriso, os dentes brilhando sob a luz. — Primeiro, Selwyn Kane morrerá. Depois, a Guarda dos Magos cortará a garganta de Alice Chen enquanto ela dorme. E *Erebus* se certificará de cumprir o plano dos Regentes para assassinar Nicholas Davis.

As ameaças me sufocam. Não consigo respirar. Não consigo formular um único pensamento. Meus ouvidos *zumbem*…

Ele se inclina para murmurar as palavras seguintes:

— Ou quem sabe eu apenas diga a Aldrich que, se quisermos arrancá-la de onde quer que tenha se escondido, talvez a vida do seu pai, Edwin, não seja uma moeda de troca tão arriscada quanto eu pensava…

Respiro fundo. Meu pai é inocente. Ele não sabe quem eu sou de verdade.

— O que. Você. *Quer*?

Todo o bom humor some do rosto dele.

— Algo que você pagará um preço alto para ceder. Um preço que só direi quando chegar o momento certo.

Fecho os olhos. Viver sob uma dívida desconhecida com o Rei das Sombras, pelo tempo que ele quiser, é pior do que a destruição.

— Enquanto isso — murmura ele —, você *me entregará* a Excalibur de livre e espontânea vontade.

Não há nada que eu possa fazer.

De repente, penso em Nick. Ele caminhou pelo sangue comigo até as origens do poder dos Lendários, no século VI. Juntos, assistimos ao Merlin original lançar o Feitiço da Eternidade sobre os cavaleiros da Távola Redonda, iniciando o ciclo que permitiria que seus descendentes, os Herdeiros, herdassem os dons mágicos dos ancestrais, geração após geração. O núcleo desse feitiço faz parte de mim, e foi por ter nascido Herdeira de Arthur que consegui arrancar a Excalibur da pedra. Depois de tudo o que testemunhamos juntos, eu me pergunto o que Nick diria sobre eu entregar o símbolo da Ordem ao seu maior inimigo. Ele entenderia? Ou esperaria que eu lutasse para mantê-la? Que eu não desistisse dela?

Por fim, ergo a Excalibur pelo punho. Uma oferta.

O Rei puxa a espada das minhas mãos, e um som metálico e agudo reverbera na minha mente assim que ela se afasta de mim. Arregalo os olhos. Já ouvi o grito de guerra da Excalibur, mas nada tão triste quanto isso.

Enquanto o Rei ajusta a lâmina sob o braço, sua identidade como Erebus se dissolve, até restar apenas o homem sardento e sem nome. Ele bate duas vezes na porta atrás de si.

Após um instante, uma voz abafada responde, se aproximando:

— Quando é que vocês, estagiários, *vão aprender*? — A porta se abre, revelando um homem branco, de ombros estreitos, vestindo uma camisa azul-clara abotoada até o colarinho. — Se continuarem me incomodando, eu…

— Você o quê, Agaraz? — desafia o Rei das Sombras, a voz baixa e crepitante.

O homem arregala os olhos.

— Majestade! — Ele cai de joelhos. — Não o reconheci… não esperava sua presença.

— Levante-se — ordena o Rei.

Agaraz fica de pé em um único movimento fluido, como se seus membros estivessem presos a cordas puxadas ao mesmo tempo. Goruchel. O terceiro que encontro, depois de Rhaz e Kizia. Ao ouvir minha exclamação de surpresa, Agaraz se vira para mim de repente, seu olhar queimando minhas bochechas. Ele inclina a cabeça, curioso, antes de inspirar devagar na minha direção. O Rei suspira, impaciente.

— Preciso da sua ajuda com uma lâmina.

— Sim, claro, majestade.

Os olhos de Agaraz são atraídos para a Excalibur enquanto o Rei adentra um cômodo mal-iluminado por um abajur sobre uma escrivaninha de madeira. Antes de segui-lo, Agaraz me encara mais uma vez. A fome escancarada no rosto do goruchel me faz estremecer. A porta se fecha.

Fico atenta, tentando captar qualquer som do outro lado, mas não ouço nada. Mesmo que a Excalibur continue no museu, isso não significa que eu vá conseguir pegá-la. Vamos continuar aqui ou voltar para os Estados Unidos? Se voltarmos, como eu poderia viajar para tão longe sozinha?

As ameaças do Rei me sufocam cada vez mais e minhas mãos começam a tremer. Achei que estávamos em pé de igualdade, de certa forma, mas já fui passada para trás. Meus olhos ardem com lágrimas repentinas de vergonha. Por que pensei que poderia enganar um demônio ancião, mais velho que a própria Ordem?

Valec teria percebido no mesmo instante que meu acordo com o Rei estava incompleto. Alice teria nos interrompido para fazer perguntas. Mas Valec não está aqui agora, e Alice nem sequer está *consciente*. E Selwyn… Sel teria me arrancado dali antes mesmo que a negociação começasse.

O que você fez? Estremeço com a lembrança das últimas palavras de Sel para mim.

Seu desprezo se soma ao meu. *O que eu fiz?*

Minha respiração acelera. A cada exalação, um fio de raiz vermelha escapa da minha boca, subindo em direção ao teto antes de se dissipar. Já soltei fogo antes, mas isso… Parece que estou expirando puro sofrimento.

De repente, a porta se abre, e o Rei retorna de mãos vazias. Ele para, o nariz empinado. A raiz vermelha sumiu, mas tenho certeza de que seu cheiro ainda permanece.

— Você já tirou uma das minhas armas. Vai tomar minha raiz agora também? — pergunto. — Vai me manter presa, me enfraquecendo?

O Rei lança um olhar significativo para as obras de arte expostas atrás de mim antes de voltar a me encarar.

— Homens gananciosos colecionam o que não conseguem compreender, e homens fracos destroem o que não podem controlar. Um homem que é os dois tentará recriar aquilo que está além do seu entendimento… e, no processo, aniquilará o original.

Eu me lembro da garota morta no sarcófago e o encaro com cautela.

— O que os demônios fazem?

— Vou transformar você em alguém que ninguém poderá destruir. Você não precisará de armas. Você será a arma. — O Rei me segura pelo cotovelo, apertando com força, nos envolvendo nos tentáculos do seu poder. — Respire fundo, Briana.

Obedeço, e deslizamos pelo espaço mais uma vez.

II

DESTA VEZ, QUANDO viajamos, cada salto para um novo lugar sombrio vem acompanhado de uma sensação de compressão. Como se meus próprios átomos estivessem sendo espremidos em novos espaços, me pressionando para dentro de algo pequeno demais, perigoso demais. Vejo ruínas sob um céu iluminado pela lua, a vegetação mais densa de uma enorme floresta, o Ártico sob uma noite sem fim.

Quando aterrissamos, caio de joelhos mais uma vez, mas agora no piso de um átrio coberto de tijolos vermelhos. Estamos cercados por paredes rebocadas de branco. À minha esquerda, vejo uma mesinha de entrada sob um espelho dourado. À frente, há uma sala de estar com poltronas marrons estilo vitoriano sobre um tapete grosso, luxuoso, diante de uma lareira de pedra. Seja lá onde estivermos, a luz da tarde atravessa o vitral da pesada porta de carvalho atrás de mim, criando uma colagem de cores. As paredes do átrio são banhadas em tons de dourado-escuro, azuis quentes e um sépia-queimado, quase laranja. Era fim de tarde em Londres, então talvez estejamos de volta à Costa Leste? E a Excalibur está a milhares de quilômetros daqui.

O Rei das Sombras se move, bloqueando minha visão do restante da casa — a grande sala de estar, os corredores à esquerda e à direita.

Fico de pé, exasperada.

— E *agora*, onde estamos?

Como se respondesse, seu corpo muda de forma de novo, voltando a ser Erebus.

— Estamos na casa de Erebus.

Detesto o fato de achar esse rosto, essa voz, minimamente reconfortantes. Eu me convenço de que é porque conheço Erebus, mas isso não é verdade, é? "O que conheço" escorre como areia entre dedos abertos.

— Você também o matou? — pergunto.

— Matei.

— Há quanto tempo está se passando por esse Merlin chamado Erebus? Há quanto tempo está vivendo a vida dele? — indago.

— Tempo suficiente — responde o Rei das Sombras.

Fico olhando para ele, tentando organizar meus pensamentos. "Erebus" é o apelido que Natasia Kane deu a ele na academia Merlin. Será que esse apelido foi conquistado pelo *demônio* que está ao meu lado agora, ou é só mais uma história roubada do garoto Merlin cuja vida foi interrompida?

— Por quanto tempo os instrutores da academia ensinaram e treinaram, sem saber, a maior ameaça da humanidade?

Sua boca se curva num leve sorriso, quase agradecido.

— Você está fazendo perguntas interessantes, Briana.

— Não quero sua aprovação — disparo.

— E não será fácil conquistá-la. Espere aqui.

Após atrair a escuridão tremeluzente para si, Erebus desaparece em uma rajada de fumaça.

Até onde sei, ele pode estar do outro lado do mundo de novo, em outro país, outro fuso horário, ou até mesmo com os Regentes, fingindo ser o Senescal deles.

Alguns minutos depois, as sombras da sala relaxam e retornam aos seus lugares, voltando a assumir a forma dos objetos que as originaram até ficarem imóveis. A única coisa que se move neste cômodo é meu peito, que sobe e desce com minha respiração entrecortada.

Não sei por quanto tempo fico ali esperando Erebus voltar. Tempo suficiente para que a luz ao meu redor mude, criando novas formas nas paredes rebocadas. Para o tique-taque discreto de um relógio de pêndulo em um canto ficar cada vez mais alto. Para o arrependimento e a incerteza se instalarem no meu peito. Para que eu me pergunte se não me condenei a algo pior ao escolher meu próprio destino.

Há quanto tempo estou esperando? Olho para o relógio. Tempo demais.

Dou um passo à frente, e parte de mim espera que meu novo mentor apareça para me repreender. Ele não aparece. Dou outro passo, depois mais um, até estar no centro da sala de estar, examinando os detalhes da casa com mais atenção.

Para a casa de um rei demoníaco, tudo é bastante… normal. Arcos altos ligam o espaço principal a outros corredores e cômodos. À esquerda, há uma cozinha parcialmente aberta. Estantes marrons embutidas dos dois lados da lareira exibem cinco fileiras de livros encadernados em couro, que me lembram a coleção rara da biblioteca do Alojamento, só que esses parecem em melhor estado. Não há porta-retratos, mas a casa não parece abandonada. A lareira está impecável, sem um grão de poeira, e as cúpulas das luminárias também estão limpas.

É aqui que Erebus vai me deixar até decidir que estou pronta para ser treinada? Por quanto tempo? Dias? Semanas? *Meses?* Começo a me desesperar e sinto um arrepio na nuca forte o bastante para que eu o confunda com nervosismo.

Quando a sensação se intensifica, porém, eu me dou conta do que aquilo significa.

Estou sendo observada por um demônio.

Inspiro sem fazer barulho. Deixo o pânico de lado e me preparo para lutar. Em vez de deixar a respiração sair ofegante, puxo o ar em ondas longas e constantes, abastecendo meus músculos e cérebro. Sinto o calor familiar da minha raiz bem atrás do esterno. Sinto a força de Arthur no meu corpo e lembro que ela é minha, não dele.

Olho para a lareira. Há um atiçador de ferro batido perto do meu pé esquerdo. Vai servir.

Giro devagar para observar o cômodo e fico frente a frente com uma garota negra da minha idade, com longas tranças grossas descendo pelas costas. Ela está vestindo uma regata preta de alças finas, calça jeans justa, também preta, e luvas de renda sem dedos que vão até os cotovelos. Sorri como o gato de Alice no país das maravilhas. A maquiagem dela está impecável. Sombra e delineador escuros, um batom roxo-escuro, blush rosa suave sobre as maçãs do rosto salientes e marrons. Poderia estar tanto numa cafeteria quanto num show de rock. Ela é tão bonita que nenhum ângulo a desfavorece.

Cada detalhe de sua postura — dos dedos tensos ao sorriso empolgado — transmite a sensação de que ela está preparada para lutar.

Seus olhos são castanho-escuros e parecem humanos, e por um instante duvido dos meus próprios sentidos, da minha paranoia. Mas então o sorriso dela se alarga, e suas íris brilham em vermelho antes de voltarem ao castanho. Então percebo: ela não é um goruchel, cujos olhos são sempre vermelhos ou da cor dos olhos do humano que possuíram. Não é um Merlin *majoritariamente* humano, com olhar dourado ou ocre, mas uma cambion equilibrada, filha de humano e demônio, como Valechaz. O que significa que ela pode ter minha idade… ou centenas de anos.

Talvez viajar com o rei dos demônios tenha me deixado imune ao medo comum, porque uma cambion equilibrada deveria ser *aterrorizante*. Mas, em vez disso, sinto frio, como quando deixei Alice. Como quando estive na colina da Fortaleza. Como se este momento não pudesse tirar nada de mim que eu já não tivesse entregado.

E é exatamente desse frio que preciso agora.

— Quem é você? — pergunto, me aproximando discretamente da lareira.

— Meu nome é Zoelle — diz ela, baixinho. — Quem é *você*?

O atiçador de ferro está à altura do meu quadril. Caminhar pelo sangue nas memórias de Arthur, que é canhoto, fez *minha* mão esquerda ficar mais habilidosa do que antes, o bastante para que eu agarre o atiçador com confiança. O que significa que vou canalizar a raiz com minha mão direita. Vai ter que ser assim, porque não pretendo deixar Zoelle se aproximar. Se ela encostar em mim, não vou conseguir vencê-la na força bruta; cambions são fortes demais.

Tento uma última cartada antes que a coisa fique feia.

— Foi o Erebus quem me trouxe até aqui. Ele não vai querer que eu me machuque.

— Foi mesmo? — Zoelle me examina de cima a baixo, os olhos parando no meu esterno. — Te trouxe com todo *esse* poder? — Ela sorri. — Aposto que é delicioso.

— Você não *precisava* dizer isso — respondo, fazendo uma careta.

— Por que não? — Os olhos dela brilham. — É verdade?

Em vez de responder, estico a mão com a palma para cima, disparando chamas de raiz em uma rajada curta.

Ela se joga no chão.

— Ei!

Aproveito a distração para pegar a barra de ferro, mas antes que eu possa usá-la, uma bola de fogo verde surge, se abrindo bem diante do meu rosto e me fazendo recuar, assustada.

Uma bomba de aether. Eu nem vi quando ela forjou aquilo.

Preciso de mais espaço.

Disparo em direção à lareira, e a mão de Zoelle surge, se fechando ao redor do meu tornozelo. Ela me puxa para baixo. Quando atinjo o chão, a ponta afiada do atiçador caído roça minha bochecha.

Alguns centímetros a mais e teria perfurado meu olho direito.

Rosno, me viro e empurro a palma em chamas contra o rosto dela. Ela grita.

Enquanto Zoelle se contorce, eu me levanto num salto. Preciso sair daqui. *Agora.*

Saio correndo. Quero chegar até a porta dos fundos. De repente, um corpo surge borrado entre mim e a saída, me fazendo parar bruscamente.

— Aonde você pensa que vai? — pergunta uma voz grave.

Pisco, certa de que estou vendo coisas. O cambion à minha frente é igual a Zoelle… não, não é *igual,* mas se parece *bastante* com ela. No lugar das tranças longas, seu cabelo é preto e cortado rente ao couro cabeludo. Tem os mesmos olhos. Mesmo corpo alto e esguio, mas está vestindo uma camiseta azul-marinho de mangas compridas, arregaçadas até os cotovelos, e uma calça escura com tênis vermelhos. Esse cara com certeza poderia ser visto em uma cafeteria, com o sorriso torto e olhos ávidos, que parecem observar tudo. Zoelle é pura energia em movimento, enquanto ele é feito de uma energia contida. Um poder constante e quente, em vez da faísca brilhante da atenção de Zoelle, queimando minha pele enquanto o sujeito me observa. Mas isso não significa que ele não seja perigoso.

Atrás de mim, ouço uma gargalhada. Eu me viro de uma vez só e vejo Zoelle com os braços cruzados, sorrindo. A bochecha esquerda dela já está se curando, o vermelho cru da queimadura se transformando em um rosa-escuro.

— Meu nome é Elijah. Quem é você?

Levo um susto com a voz grave tão perto do meu ouvido. Dou um passo para trás, mantendo os dois no meu campo de visão.

— Vocês são…

— Gêmeos — diz Zoelle. — Ele é meu irmão pentelho.

— E ela é minha irmã teimosa e cabeça-dura — completa Elijah. — E você é…?

— Alguém que não liga para quem vocês são — sibilo, desviando de Elijah e correndo em direção à porta.

Elijah ri e agarra meu braço, apertando com força.

— Não corre! Isso só faz a gente ter mais vontade de perseguir você!

Eu me solto das mãos dele por instinto.

Depois de ver a força de Valec, algo em mim espera ouvir e *sentir* meus ossos se partindo, mas nada acontece, não por falta de tentativa de Elijah.

Então eles são cambions equilibrados, mas não tão fortes quanto Valec? Será que chegam ao nível de Sel? Tento me desvencilhar de novo, e os dedos de Elijah escorregam um pouco.

— Só queremos uma provinha.

Quando Elijah me solta para passar um braço pelos meus ombros, como se fôssemos amigos, percebo algo crucial: não importa se eles têm a mesma força de um Merlin, os dois não são tão bem *treinados* quanto um.

Um Merlin jamais cometeria o erro de me soltar.

— Não vai rolar.

Agarro o antebraço de Elijah com as duas mãos e puxo com força, rápido, antes que ele reaja, curvando minha coluna e jogando os quadris para trás num movimento potente. Ele gira por cima do meu ombro num arco perfeito, caindo na mesa de centro de vidro e espalhando estilhaços por toda parte.

Por um segundo, todos nós ficamos imóveis. Zoelle fica boquiaberta. Em seguida, a expressão de choque de Elijah dá lugar à fúria. Antes que ele consiga se levantar no meio do mar de vidro quebrado, a risada da irmã corta o ar.

Nós nos viramos para olhar ao mesmo tempo. Zoelle está abraçando o próprio corpo, os olhos brilhando em vermelho e preto.

— Jah! — Zoelle ofega. — Você saiu *voando*!

— Zoeeee… — rosna Elijah.

Num piscar de olhos, ele já está de pé bem na minha frente, no meio da mesa quebrada, o rosto marcado por um rosnado furioso.

Ele estende a mão para invocar o aether, e uma nuvem verde envolve seu punho, mas Zoelle redireciona tudo para sua própria mão estendida, transformando o poder numa clava sólida e brilhante…

— *O que está acontecendo aqui?* — A voz de Erebus ecoa do átrio, estourando em meus ouvidos.

Num instante, Zoelle e Elijah estão ajoelhados, com a cabeça abaixada. Erebus se ergue sobre eles, os olhos ardendo em vermelho.

A voz de Elijah sai em um murmúrio furioso, ao lado da irmã.

— Nós não…

— Vocês, *sim* — corrige Erebus. Elijah se cala no mesmo instante. — Porque, quando deixei Briana aqui, ela estava sozinha. Expliquem-se.

— Ela… — começa Zoelle.

— Expliquem o que *vocês* fizeram, não ela. *Agora.*

Os gêmeos estremecem com o tom de Erebus, enquanto a sala escurece ao nosso redor. Até a luz parece fugir da presença do Rei das Sombras. As próprias sombras se tornam mais ousadas.

— Pensamos que ela fosse uma oferenda. — A voz de Zoelle sai por entre os dentes cerrados. — Um tributo.

A escuridão da meia-noite atrás de Erebus se agarra às suas costas e, em seguida, se abre como asas, pintando o ambiente em tons de cinza e preto.

— Se ela fosse um tributo, *eu* consumiria o poder dela. Não vocês.

— Sim, senhor — murmura Elijah. — Pedimos desculpas.

— Zoelle? — A voz de Erebus adquire aquele tom ecoante, sobrenatural, de antes. Uma voz capaz de invadir mentes.

Zoelle fecha os olhos com força, fazendo uma careta de dor, como se lutasse contra o impulso de responder.

— Zoe! — repreende Elijah.

No fim, a resposta da irmã sai curta e ríspida:

— Eu peço desculpas.

Satisfeito, Erebus assume novamente a forma de um homem.

— Em pé — ordena.

Os gêmeos se levantam, ainda de cabeça baixa.

Erebus não parece surpreso com o comportamento deles. Na verdade, parece até entediado.

— Quem são eles? — pergunto.

Ele observa os dois por um longo momento, pensativo.

— Meus protegidos.

— Seus *protegidos?* Tipo seus filhos?

Elijah abre a boca, talvez para protestar ou me corrigir, mas um único olhar de Erebus o silencia. Zoelle — ou melhor, Zoe — me lança um olhar fulminante antes de baixar a cabeça de novo.

Erebus percebe tudo.

— Eu esperava voltar antes dos gêmeos para poder fazer as devidas apresentações, mas fui impedido pelos Regentes. No entanto, este momento

inesperado serve para nos lembrar do trabalho que temos pela frente, Briana.

— Que *trabalho*? — dispara Zoelle. — Quem é essa garota, se não é uma oferenda?

— Vocês dois dizem que não querem ser tratados como crianças. Que desejam conquistar minha confiança. — Os gêmeos erguem a cabeça na mesma hora. Erebus tem a atenção total deles agora. — Que estão prontos para mais responsabilidades. Talvez Briana seja a resposta.

— Não gostei disso — murmuro.

Os três se viram para mim ao mesmo tempo.

Erebus cruza os braços.

— Sua primeira lição começa agora, Briana Matthews.

— E qual é?

— Invocar seu poder não é suficiente. Você também precisa aprender a *selá-lo*. — Ele aponta para meu peito. — Pelo que parece, tanto Zoe quanto Elijah sentiram sua energia de imediato. Assim como Agaraz, mais cedo, no museu. Isso é inaceitável. Você deve ser capaz de escondê-la tão bem que nenhum demônio ou cambion consiga detectá-la. Para que qualquer criatura mágica que cruzar com você a veja apenas como uma simples garota humana.

Olho para os gêmeos, depois me lembro do olhar insistente de Agaraz. Da fome nos olhos dele.

— Por quê?

— Porque, se não fizer isso, será devorada ou destruída antes mesmo que seu treinamento de verdade comece. Não posso e não vou estar com você a todo instante. E não consigo controlar todos os demônios e cambions deste plano.

Isso, sim, é interessante. Até o rei dos demônios tem seus limites? Tento ler qualquer emoção no rosto de Erebus enquanto ele fala, mas sua expressão não me entrega nada.

— Certo — concordo com um aceno. — Como aprendo a selar meu poder?

Ele atravessa a sala até as portas dos fundos e desliza uma delas, apontando para a floresta além do quintal, para as árvores e arbustos distantes, e as colinas onduladas que parecem se estender por quilômetros. Uma rajada de vento de inverno invade o ambiente… e sou a única na sala que estremece.

— Com uma vantagem de dez minutos.

— Um jogo? — Elijah estala os dedos. — Esconde-esconde?

— Exatamente.

— E podemos comê-la se a encontrarmos? — pergunta Zoelle, os olhos fixos em mim.

Erebus emite um som baixo, pensativo.

— Se conseguirem encontrá-la usando *apenas* o sentido de aether, posso pensar no caso.

— O quê?

Meu coração salta para a garganta. Não é possível que ele deixaria outro demônio consumir minha raiz.

Mas o brilho vingativo nos olhos de Elijah diz que ele mal pode esperar para me derrubar. Ao lado dele, Zoelle mostra os caninos enquanto prende as tranças num rabo de cavalo.

— Vamos nessa — diz ela, com um sorriso malicioso.

Erebus aponta para o relógio de pêndulo.

— Dez minutos, Briana…

Começo a correr antes que ele termine a frase.

Saio pelas portas, desço os degraus, atravesso o pátio e corro entre as árvores o mais rápido que minhas pernas permitem. Meus braços e coxas queimam conforme avanço, espalhando agulhas de pinheiro pelo caminho.

Se esta é a primeira lição, então não tenho escolha a não ser dominá-la. E a próxima. E a que vier depois. Não tenho escolha, porque não *existe* escolha.

Vou aprender tudo que puder com o Rei das Sombras, porque só ele pode me ensinar o que preciso saber.

Quando eu estiver forte o suficiente, poderosa o suficiente, quando tiver controle total, não vai importar o que eu enfrentar depois. Não vai importar se meu inimigo for humano ou demônio, cambion ou espírito, Morgana ou Regente… porque, não importa quem sejam, eu nunca mais vou deixar que me machuquem.

III

DEZ MINUTOS. DEZ *minutos*.

Percorro o terreno com o olhar, buscando um esconderijo, enquanto debato comigo mesma se é possível me esconder de verdade.

Zoelle e Elijah não parecem treinados para combate, mas isso não significa que será fácil enganá-los ou vencê-los. Já enfrentei demônios feitos de pedra, demônios feitos de musgo em decomposição e raposas infernais completamente corpóreas. Já lutei contra um goruchel de nível mais alto que seus irmãos isel elementais e animais — e venci. Mas, se tem uma coisa que sei sobre o mundo dos demônios, é que *todos* eles são criaturas caóticas e imprevisíveis.

Corro por entre as folhas, até que escorrego em um trecho com pedras, *girando* no último segundo para cair de lado e não torcer o tornozelo. Caio ofegante e me levanto rapidamente. Viro para observar o chão por onde vim.

Quantos minutos já se passaram? Três? Talvez quatro?

E ainda não tenho um plano.

O vento atravessa minha camisa e calça finas, fazendo meus cachos chicotearem ao redor do meu rosto. Onde quer que estejamos, o frio é cortante. Faz mais frio aqui em novembro do que em Chapel Hill ou em casa, em Bentonville. Nas montanhas, talvez? Olho para cima. Se eu parar debaixo dessas árvores esqueléticas, o frio vai se infiltrar rápido no meu corpo, deixando minhas articulações rígidas demais para correr ou lutar. *Não posso ficar aqui*. *Preciso continuar.* Acelero o passo.

O que eu sei?, penso. *E, mais importante, como posso usar o que sei sobre meus oponentes?*

Os gêmeos são cambions. São sobrenaturalmente rápidos e fortes. Têm metabolismo acelerado; se curam rápido. Seus sentidos de olfato e audição são aguçados, mas Erebus enfatizou que os gêmeos deveriam usar apenas o sentido de aether para me encontrar. Não sei como vão evitar recorrer aos *outros* sentidos sobrenaturais… a menos que ele os tenha mesmerizado, cobrindo seus olhos e ouvidos. Foi o que fizeram *comigo*, na floresta atrás do Alojamento, na noite do Primeiro Juramento, quando Sel tirou minha visão temporariamente.

Sinto um aperto no peito ao pensar em Sel. Um fiapo de raiz escapa por entre meus lábios… um poder vermelho-sangue flutuando como névoa no ar. *Merda*.

Cubro a boca com a mão enquanto o fio paira cada vez mais alto. Uma parte de mim, dançando e se desfazendo no ar. *Isso não é nada bom*, penso, *nada bom*. Era para eu estar selando meu poder, não deixando-o escapar!

Corro para longe do resquício, cerrando os lábios com força para manter distância entre meu poder e meu corpo.

Ao meu redor, a paisagem muda drasticamente. Cem metros à direita, colinas se erguem como sombras imensas. Uns duzentos à esquerda, a terra desaba em um abismo profundo. Ainda não sei onde estamos, não é possível ver um trecho de cordilheira entre as árvores ao longe. O chão é uma mistura de plantas mortas ou prestes a morrer, tudo seco, quebradiço e barulhento sob meus pés. No silêncio, cada galho quebrado ecoa como um tiro nos meus ouvidos. Cada suspiro soa como uma serra cortando ossos.

Pense, Bree!

Se Valec… ao pensar em Valec, outra labareda escapa da minha boca. Corro ainda mais rápido para fugir dela. *Se ele estivesse me caçando, onde eu me esconderia?*

Em um lugar alto, para vê-lo se aproximar.

Um lugar tão óbvio que ele talvez não percebesse.

Um lugar onde eu não pudesse ser encurralada, se precisasse lutar.

Ali.

Há um grande celeiro marrom aos pés de uma colina alta, com um gramadinho repleto de cascalhos perto da entrada. Corro naquela direção.

Vejo duas portas grandes na frente, mas evito usá-las. Em vez disso, sigo em direção à colina com uma subida suave, a uns dez metros atrás do celeiro, tentando encontrar apoio para os pés e as mãos enquanto subo. É fácil ser encurralada dentro do celeiro, mas *atrás* dele, no alto da colina com vista para a clareira? É um bom lugar para avistar os gêmeos chegando e, com sorte, é alto o suficiente para que qualquer vazamento de raiz suba direto para as nuvens antes que eles percebam.

Chego ao topo e me abaixo entre as altas moitas de capim quase seco, bem na hora em que ouço uma voz ecoar pelas árvores e pela paisagem.

— Brianaaaaaa. Cadê vocêêêêêê? — É a voz de Zoe. Ela está rindo. Ouço um murmúrio grave, *Elijah,* e então ela ri de novo antes de falar: — Elijah acha que você vai facilitar pra gente, mas eu acho que talvez você seja esperta! — Uma pausa. — Você é esperta, Briana?

Fecho os olhos e foco na raiz dentro do meu peito. O que foi que Erebus disse? Selar, para que eu pareça apenas uma garota humana. Passei muito tempo tentando *abrir* minha fornalha, mas agora que descobri como usá-la, não faço ideia de como fechar suas portas. Agora que não sou mais protegida pelos Lendários e pela Guarda dos Magos, é como se tivesse sido deixada sozinha com um armamento

incontrolável. Uma bomba sem botão de desligar. Um lança-chamas com o gatilho preso.

O poder que ontem parecia liberdade pode, com a mesma facilidade, causar minha queda. Como sangue na água, atraindo tubarões famintos.

E não há ninguém aqui para me proteger.

De repente, vejo o rosto de Nick na Divisão do Norte, a mão estendida, as pontas dos dedos. *Nick*... Mais uma explosão de poder salta dos meus lábios como uma chama furiosa.

— Arrá! — exclama Zoe. — O que foi *isso*?

Merda. Fecho os olhos com força. *Pare! Não pense no Nick. Não pense em ninguém. Não*...

Não seja teimosa, sorria e coma um pedaço de bolo. Palavras de Alice.

A lembrança do cheiro de bolo recém-assado se mistura com o cheiro do plástico de um único balão de aniversário. Cerro os dentes — a raiz passa por entre eles. *Não pense em Alice. Se pensar nela, vai pensar no*...

Só quero que você esteja bem, filha. Que esteja em segurança. As palavras carinhosas do meu pai.

Meu pai, tentando deixar de lado sua apreensão enquanto minto para ele — de novo — dizendo que não há motivo para se preocupar. Quando, na verdade, *há tantos*. A dor é tão aguda que eu ofego — e raízes brotam dos meus lábios.

Droga.

— Briana! — exclama Zoe outra vez. — Garota, você é *péssima* em se esconder, sério! Seria melhor soltar fogos de artifício logo! Parece até Quatro de Julho...

Os gêmeos estão rindo agora.

Elijah me chama a seguir.

— De onde você tirou esse aether vermelho, hein? Ele acaba depois de um tempo? Tipo bateria recarregável?

— Você tem quer ficar ligada na tomada? — grita Zoe.

— Você roubou? Ou fez um acordo? — pergunta Elijah, e parece de fato curioso. — Calma aí... Você é uma bruxa?

— Eca, Elijah. Elas *fedem*. O poder da Bree é *cheiroso.*

Prendo a respiração, como se isso fosse ajudar, e me abaixo ainda mais, quase deitando no chão.

Eu me agarro à imagem que costumava usar para me proteger — a parede imaginária de aço e tijolo que levei comigo para a Carolina do Norte. A barreira de um quilômetro de altura, sem frestas ou rachaduras. Aquela parede me protegia de um luto recente, mantinha a Bree-de-Depois contida. Mas a parede não funciona aqui. Não mais. Raiz vermelha explode da minha boca. Engulo de volta, a boca brilhando, e tento forçá-la para dentro...

— Achei você! — Ouço a voz de Zoe vindo lá de baixo da colina.

Não me atrevo a me mexer, com medo de que seja apenas um blefe, uma tentativa de me fazer sair.

O capim alto ao lado dos meus cotovelos se curva de repente com um forte sopro — meu único aviso antes de duas mãos me erguerem pelos cotovelos, como se eu fosse leve como uma folha de papel.

Cerro os dentes, e os gêmeos sorriem, segurando meus braços com força.

— Aí está ela.

Zoe estreita os olhos, e agora que estou perto, consigo ver o efeito do poder de Erebus nos sentidos deles. Camadas finas de fumaça negra cobrem seus rostos, se contorcendo e girando no ar como máscaras feitas de aether. Por baixo da fumaça, os olhos dela brilham em vermelho.

— Cadê aquele poder? — insiste ela.

Mostre-me esse poder, garotinha. Uma ameaça demoníaca.

Um lampejo de memória atravessa meu corpo como um raio. Kizia, a assassina goruchel, enviada para me emboscar em um esconderijo dos Lendários. As garras dela cravadas no meu pescoço. Raízes se formam com a minha respiração.

Até meus inimigos despertam essa confusão, essa perda de controle.

Zoe dá uma risadinha.

— Ah, isso vai ser legal, Jah…

Ouço a voz de Zoe, mas só *vejo* Kizia. Mesmo com os gêmeos cambions me ameaçando aqui e agora, estou presa ao passado.

Eu me lembro do uchel que enfrentei na floresta durante o Primeiro Juramento. A criatura de pedra que me lançou dentro de um carro blindado como se fosse um brinquedo. Eu me lembro até de Selwyn, que ameaçou minha vida mais de uma vez antes de minha linhagem ser revelada. Eu me lembro dos Regentes, que achavam que eu era poderosa demais para viver em liberdade, mas nunca o bastante para ser o rei deles.

Mesmo tendo fugido da Ordem, ainda sou a mesma adolescente criada como Primavida, à mercê de um oponente que rosna e ri.

Ainda. Depois *de tudo*.

Três meses atrás, vi um demônio em uma pedreira quando não deveria ter visto… e, desde então, tudo tem sido sufocante e implacável. Seis meses atrás, minha mãe ainda estava viva e eu não sabia como era ver a morte de perto.

Agora, eu sei qual é o *som* dela.

O cheiro. O gosto. O peso dela no corpo de Rhaz, perfurado pela minha espada. O estalo grave e retumbante de ossos quebrando. Agora sei como meu corpo fica quando é rasgado. Já vi minhas tripas, brilhantes, molhadas, vulneráveis. Sei quão

fundo a dor pode ir, qual a sensação de ter seus nervos gritando e seus músculos se rompendo. Quero chorar, bem alto… *não quero saber de nada disso.* Mas eu sei. *Eu sei.*

E estou *cansada* disso.

Sem fazer a mínima ideia do acúmulo de luto e raiva dentro de mim, Zoe balança a cabeça para o irmão com uma expressão animada.

— Não acredito que o Rei vai mesmo deixar a gente provar um pouco…

— *Cala. A. Boca.*

O ódio me consome.

Zoe se vira para me encarar.

— Como é que é?

— Vocês querem meu poder? Vão em frente.

Com um gêmeo segurando cada braço meu, abro as mãos… e libero raiz como um vulcão debaixo dos queixos deles.

Chamas envolvem suas cabeças com um assobio satisfatório.

Eles gritam e me soltam, cambaleando. Aproveito o fato de estarem concentrados na dor que sentem.

Jogo meu ombro contra o peito de Elijah, grunhindo com o esforço. Ele solta um "argh" e é arremessado pelo ar, pairando por um segundo antes de despencar colina abaixo, rolando até desaparecer de vista.

Zoe solta um rosnado baixo. Eu me viro e…

Mas ela já percebeu que minhas mãos são minha maior arma.

Em um rompante, Zoe se afasta.

Ela para a uns seis metros, o peito arfando, e passa o dorso da mão pela bochecha chamuscada, arrastando a maquiagem borrada pela têmpora como uma cicatriz roxa.

— Ah, então você quer guerra?

— Pode apostar que sim. — Olho para o irmão dela, caído imóvel no sopé da colina. — Tomara que não tenha batido a cabeça.

Zoe avança num borrão, vindo para cima de mim com um golpe selvagem e desajeitado.

Eu recuo num salto, me movendo instintivamente, e o punho fechado dela passa raspando bem na frente do meu nariz.

Paramos de novo, nos estudando.

— Você se cura rápido? — provoco. — Espero que se cure mais rápido do que soca.

— Cala a boca! — grita Zoe.

Ela tenta me golpear de novo… e eu desvio, grata pelo tempo que passei sob os ensinamentos de Gillian Hanover. Grata até por meus inimigos. Por Vaughn, por Rhaz e por todo isel que me ensinou a me mover antes de ser atingida.

Zoe tropeça num monte de grama e terra, se recupera na hora, mas ainda assim eu percebo.

Aquela escorregada a abalou.

Fico me perguntando se…

Avanço num movimento rápido. Ela *recua* em vez de fugir.

Meu palpite estava certo. A cautela de Zoe a torna lenta — até mesmo para se defender.

Agora, toda vez que Zoe avança, eu desvio com facilidade. E toda vez que ela bufa de frustração, eu dou um sorriso de canto.

Movo meus pés melhor do que ela. Eu sei disso. E ela também sabe… o que a deixa furiosa. E a raiva a faz perder o foco.

— Cuidado, *Zoe* — digo. — Não tropece de novo. Vai acabar torcendo o tornozelo.

Ela sibila, mas não ataca, atenta o bastante para não cair na provocação pela segunda vez.

— Já lutei com raposas infernais mais rápidas do que você — provoco. — E elas já estavam com o pé na cova.

Funciona.

Ela ataca devagar, tomada pela raiva. Eu me abaixo, giro o corpo e acerto um soco nas costelas dela antes de girar para longe. Não foi meu melhor golpe. Provavelmente usei só metade da força que herdei, mas foi o suficiente para fazê-la cambalear, segurando a lateral do corpo.

Pela primeira vez, vejo medo em seu rosto.

Salto para trás, tomando cuidado para não me aproximar demais da beirada. Olho para baixo e vejo Elijah gemendo, se virando de lado. Vai se levantar logo.

Zoe tenta me desestabilizar.

— Vou acabar com o seu poder, garotinha.

Dou uma risada seca.

— Por quê? Você não precisa de aether pra sobreviver. Também não precisa de dor humana. Nem precisa se alimentar como um demônio.

Ela sorri, e suas presas aparecem entre o roxo-escuro dos lábios.

— É, eu e o Elijah não precisamos nos alimentar como demônios completos, mas é bem divertido ir atrás de aether e de um pouco de desgraça.

— Então é só ganância. — Eu me abaixo quando o punho dela passa por cima da minha cabeça. — Destreinada, lenta e gananciosa. Por que Erebus ainda perde tempo com vocês?

Ela arregala os olhos.

— Sua…

Fácil demais. Aproveito a abertura e avanço de uma vez, contando com a surpresa para desestabilizá-la. Funciona.

Mais ou menos.

Ela agarra meus ombros, nos desequilibra, e nós rolamos colina abaixo. Sinto uma pedra cutucando minhas costas, e alguma coisa faz um corte longo e ardido no meu braço. Caímos bem aos pés de Elijah.

Recuperado da queda, Elijah me agarra pela gola da camiseta com as duas mãos, me levantando até me deixar quase na ponta dos pés, e eu cerro os dentes. Dou um chute e acerto a canela dele. Seu aperto enfraquece, mas Zoe agarra minha camiseta e me puxa para si. Ela me ergue mais alto, com uma força impressionante.

— Esse jogo perdeu a graça.

— Sério? — Eu rio, tentando respirar. — Estou adorando.

— Eu podia quebrar seu pescoço agora mesmo — sibila Zoe.

— *Zoe!* — exclama Elijah. — Não vale a pena!

Ele lança um olhar nervoso por cima do ombro, procurando por Erebus, tenho certeza. Também não sei onde ele está, mas *sei* uma coisa sobre o Rei. Um detalhe muito importante.

— Você *poderia* me matar, claro — murmuro. — Mas não vai, porque seu *senhor* nunca permitiria. Você sabe disso. E eu também. — Eu me estico até nossos narizes se tocarem. — Não sabemos, *Zoelle*?

Ela fica tão furiosa que não consegue responder. Em vez disso, rosna… e me arremessa para trás, na direção do céu.

Não tenho nem tempo de me preparar para a colisão contra as portas pesadas de madeira — mas ela nunca acontece. Em vez de me chocar com o celeiro, minha coluna acerta *com força* algo que parece uma parede grossa de concreto. O ar ao meu redor pisca em verde e branco brilhantes. Minha cabeça também se choca contra aquilo, e pontos pretos dançam diante dos meus olhos.

Seja o que for essa parede brilhante, não é só sólida; parece *viva*. Todo o meu corpo é mantido contra ela, como se, por um instante, estivesse magnetizado à sua superfície pulsante. Minha mente se apaga, sem palavras, sem pensamentos. Em vez disso, sinto um terror profundo, primitivo, de embrulhar o estômago. E uma necessidade desesperada de andar — não, de *fugir.*

Fugir… sairdesselugar… nuncamaisvoltaraqui… fugir…

Quando a parede finalmente me solta, uma corrente elétrica atravessa meu tronco e membros, amortecendo o impacto do cascalho afiado contra meu rosto. Caio toda desajeitada, de bruços, ofegante e atordoada pelas emoções que fervem no meu estômago.

Uma mão firme me puxa pela parte de trás da camiseta, me levantando. Estou sendo arrastada, com os braços moles ao lado do corpo, pelo cascalho e de volta à

grama. Por um instante desorientador e confuso, sinto alívio. Um alívio tão grande por estar sendo levada para longe do celeiro, por meu corpo estar indo na direção certa, mesmo que eu não esteja correndo por conta própria.

A mão me vira com força. Pisco contra o sol brilhante e o céu cinza-claro de inverno, com os olhos ardendo e embaçados.

— O quê…? — digo, confusa. — O que foi isso?

Não recebo uma resposta, mas minha mente inventa uma mesmo assim. Uma proteção? Uma barreira? Mas parecia *viva*. Proteções e barreiras não têm esse tipo de presença.

Os gêmeos se agacham ao meu redor, seus rostos surgindo de cada lado, bloqueando a luz do sol.

É familiar demais. Já estive aqui antes, à mercê de cambions. Raízes emergem do meu corpo em uma névoa vermelho-clara.

— Rá! — Zoe sorri para mim. — Não é à toa que o velhote está tentando treinar você. Todo demônio de nível baixo no condado viria correndo se soubesse quanta energia você tem.

Tento me levantar num salto, rosnando para enfrentá-la, mas meus próprios músculos me traem, ainda fracos por causa da magia do celeiro. Os gêmeos pressionam as mãos em meus ombros até que eu desista e desabe.

— Nós a pegamos… — Elijah começa, me observando com cautela. — Então…

— Então vencemos! — O sorriso de Zoe é quase feroz. — Podemos provar o poder dela.

— Ele disse que ia *pensar* se deixava a gente consumir a garota — corrige Elijah, olhando ao redor de novo. — Pensar *não* é permitir. É melhor esperar por ele…

— Elijaaaah — resmunga Zoe. — Para de ser o cachorrinho do rei dos demônios.

Elijah bufa.

— Eu não sou…

Eu me debato sob as mãos deles. O impulso de fugir do celeiro não diminui. Enquanto luto contra os dois, minha raiz floresce, e a atenção dos gêmeos se volta para mim no mesmo instante.

— Não… — diz ela com a voz rouca e baixa, os olhos brilhando em vermelho. — Não estou com vontade de esperar.

Quando Zoe se inclina até meu rosto, leva apenas um segundo para a hesitação do irmão desaparecer. Juntos, eles inspiram sobre minha garganta num só movimento, minhas chamas vermelhas girando em direção ao rosto deles…

E então, como se estivessem em perfeita sincronia, os dois recuam com uivos idênticos de dor.

Qualquer pensamento sobre o celeiro desaparece diante de algo que eu havia esquecido no meio de tudo isso. Algo totalmente fora do meu controle.

O despertar furioso da minha marca de sangue.

IV

ELIJAH ARFA e se engasga, cuspindo no chão.

— O que *foi* isso?

Eu me sento com um gemido, segurando a cabeça com as duas mãos, a visão ainda turva. Pelo menos a magia estranha do celeiro parece ter saído do meu corpo; não sinto mais vontade de fugir.

— Merda! — O grito abafado de Zoe chama minha atenção. À minha esquerda, ela arranha o próprio rosto e a língua. Está me xingando, os olhos lacrimejando. — O que você fez?

— Nada — respondo. — Não fiz porcaria nenhuma, pode acreditar.

— Então por que essa porcaria *queima*…

— Você sempre foi apressada demais, Zoelle. — A voz de Erebus soa calma e entediada. Nós três nos viramos para vê-lo parado a uns três metros de onde os gêmeos ainda estão, no chão e se contorcendo de dor. — Impaciente demais.

Zoe me encara, furiosa.

— Vou arrancar sua garganta…

— Não vai, não. — Erebus surge entre nós como um borrão.

— Por quê?! — grita Zoe. — Ela queimou a gente!

— Briana não queimou vocês — corrige Erebus. — O poder dela fez isso, sem que ela pudesse controlar.

Solto o ar pelo nariz, e emoções conflitantes se agitam dentro de mim. Eu me sinto frustrada comigo mesma por ter me esquecido da marca de sangue e uma gratidão relutante pelo fato de ela existir.

Erebus estala a língua.

— Nunca garanti que vocês poderiam consumir o poder de Briana.

Elijah resmunga para a irmã.

— Eu avisei.

Erebus assente, um lampejo de orgulho nos olhos vermelhos.

— Boa percepção, Elijah.

Ele faz joguinhos de palavras, até mesmo com eles, penso.

— Ter uma boa percepção para truques e armadilhas não faz esse… *desconforto* passar, senhor.

— Não — responde Erebus. — Eu esperava que sua mente lógica o impedisse de tomar a mesma decisão ruim que sua irmã. — O Rei se vira para mim. — Sempre foi assim com eles, Briana. Zoe se precipita, Elijah a imita. São movidos por fomes diferentes.

Quando ele ergue a sobrancelha, a frustração e a humilhação me invadem… e percebo que ele armou para todos nós. Para mim *e* para os gêmeos.

— Você sabia que eu não conseguiria esconder meu poder — declaro, ficando de pé.

Erebus baixa o queixo num leve aceno.

— Sou professor, Briana. Conheço bem meus alunos.

Eu me enrijeço ao ser descaradamente apontada como uma de suas "alunas", mas ignoro o incômodo. A indignação me levou longe, mas suspeito que aqui ela não vai me ajudar, não enquanto eu estiver em dívida com o Rei das Sombras. Foi isso que eu pedi, lembro a mim mesma. Foi isso que negociei.

— Você sabia que os gêmeos tentariam consumir minha magia de qualquer jeito, e o que aconteceria com eles se tentassem.

Zoe fica de pé de repente, num borrão.

— Calma, como é que é?

— Esse poder pertence a ela, mas está conectado ao senhor de algum modo, não está? — arrisca Elijah.

Ele senta sobre os calcanhares e passa a mão pela boca, pensativo, e então encara Erebus.

Erebus assente.

— O que vocês sentiram foi a magia dela sendo ativada pela minha marca de sangue.

— O que diabo é uma marca de sangue? — pergunta Zoe.

Erebus lança um olhar de reprovação a ela, que engole em seco, baixando a cabeça com os dentes cerrados.

— Senhor? — Elijah se levanta, a expressão e a postura solenes endossando, em silêncio, a pergunta da irmã.

Mesmo que Valechaz já tenha me explicado o que é uma marca de sangue, percebo que estou ansiosa para ouvir a explicação da boca do antigo rei demônio. Embora eu seja a nona Herdeira pela linhagem materna a carregar sua marca, sou a única que sabe que ela existe — e a única que a usou, para começo de conversa.

— Antes que contratos demoníacos fossem escritos e assinados com sangue, usávamos marcas de sangue — explica Erebus. — Uma marca de sangue tem dois propósitos: vincular permanentemente um humano à dívida acordada, garantindo

que ele pagará quando chegar a hora, e sinalizar para outros demônios que a energia daquele humano já foi reivindicada e não pode ser negociada com mais ninguém. Neste caso, marquei a ancestral de Briana, mas ainda não cobrei meu pagamento, então ela nasceu com minha marca, herdada pela linhagem materna.

— Um aviso de "não encoste" já daria conta do recado — resmunga Elijah.

— A fonte do poder de Briana é verdadeiramente única neste plano — continua Erebus. — Uma fornalha infinita, moldada com Arte de Sangue no corpo dela por meio de um pacto sem regras, selado entre sua ancestral Vera e os espíritos dos mortos a quem Vera suplicou por ajuda. Sem que Vera soubesse, eu me juntei àquele pedido aberto, reivindicando a fornalha que existiria em uma futura filha, em troca de oferecer certa proteção aos seus Herdeiros. Quando alguém tenta tomar à força a magia de Briana, minha marca de sangue desperta o poder dentro dela, queimando o ladrão.

Os gêmeos me encaram com um novo olhar, e a sensação de ter dois cambions e o Rei das Sombras focados em mim queima minha pele e me provoca arrepios.

Por um momento, me sinto como a garota tebana morta no museu. Um prêmio reivindicado por mãos famintas, um artefato valioso que um dia foi uma pessoa. Uma garota que já esteve viva e agora está presa atrás de um vidro, em uma terra e um tempo que nunca poderia ter imaginado.

As bochechas de Zoe ficam coradas, num tom marrom-avermelhado.

— O senhor poderia ter nos avisado…

— Não. — Erebus olha para ela. — Você, em particular, só aprende do jeito mais difícil, Zoelle.

Ela se encolhe.

Odeio o fato de que, mesmo em meio ao meu desconforto, eu me sinto ansiosa para aprender mais. Os últimos trinta minutos de correria e luta me pareceram um preço mínimo a se pagar pelo conhecimento que posso ganhar. Essa educação *tem* valor. *Vale* o preço. Eu *preciso* daquilo que os Lendários e os Artesãos de Raiz não puderam me ensinar. O que meus próprios ancestrais não souberam ou não quiseram ensinar. Preciso do que Vera não soube e não pôde saber. O Rei das Sombras é um demônio incentivado a me tornar mais forte e, na mesma medida, a impedir que eu morra nas mãos de qualquer outro. Um demônio que, admito a contragosto, parece disposto a ensinar.

Erebus observa os gêmeos, o olhar se estendendo para me incluir.

— Dúvidas?

Elijah levanta a mão.

— O que teria acontecido se tivéssemos continuado?

— Vago demais — corrige Erebus. — Seja *específico*, Elijah.

Elijah bufa e então me estuda de um jeito que faz minha pele coçar.

— Se Zoe e eu tivéssemos persistido, mesmo com os efeitos dolorosos da marca de sangue, e continuado a nos alimentar do poder da Briana, teríamos morrido?

— Lembre-se de que a ordem favorece o equilíbrio. — responde Erebus. — Como vocês são fruto da união entre humano e demônio, são seres equilibrados, bem adaptados para viver neste plano humano. Se tivessem resistido à dor da minha marca e conseguido de fato consumir o poder de Briana, vocês apenas ficariam intoxicados. Se passassem desse ponto, porém, certamente morreriam.

— Então a gente poderia ter *morrido* sem querer? — exclama Zoe, jogando os braços para o alto. — E o senhor deixou a gente cair nessa?! Ah, *qual é*, velhote…!

— Eu sabia que você ia parar, Zoelle — diz Erebus, *quase* gentil.

Mais uma vez, me pergunto qual é a relação dele com os dois. Por que os irmãos estão com ele. E como conseguem ser tão íntimos, e até casuais, com o rei dos demônios.

— E se fôssemos demônios completos? — insiste Elijah. — O que teria acontecido?

Erebus dá de ombros.

— Um demônio completo forte o bastante para suportar a dor ardente da marca obteria um poder inimaginável. E é por isso que o poder de Briana deve ser protegido.

Também tenho uma dúvida.

— E se fosse um cambion desequilibrado?

Como um Merlin, penso. *Como Selwyn.*

Os gêmeos trocam um olhar confuso ao ouvir minha pergunta. Erebus se vira lentamente para me encarar. Quando seus olhos encontram os meus, percebo no mesmo instante que ele também está pensando em Selwyn.

— Por exemplo? — murmura ele.

Ele vai me forçar a perguntar.

— O que aconteceria com um Merlin que tentasse consumir meu poder?

Erebus retorce um pouco os lábios com a omissão do nome de Sel, mas responde mesmo assim.

— O caos favorece o desequilíbrio, e os Merlins da Ordem são, em sua maioria, humanos. O destino deles seria muito pior do que o de um demônio completo *ou* de um cambion equilibrado.

— Pior do que *morrer*? — exclama Zoe, incrédula.

— Existem muitos destinos piores do que a morte, Zoelle — responde Erebus com delicadeza. — Quer que eu liste?

Zoe faz uma careta.

— Não, tô de boa.

Elijah balança a cabeça.

— Não, obrigado.

— Sim — respondo —, me diga o que é pior que a morte.

— Qual é o seu problema, novata? — sibila Zoe.

Ela me olha horrorizada, enquanto seu irmão me observa com interesse. Ignoro os dois.

Não consegui me despedir de Nick. E não consigo me despedir de Sel. Não sei como deixar para trás as duas pessoas que caminharam pelo sangue até o pesadelo e se recusaram a *me* abandonar. Se recusaram a *me* deixar cair. A raiz queima atrás dos meus dentes, lutando para sair.

Erebus e eu nos encaramos em silêncio.

— Você sabe, Briana.

— Me diga *mesmo assim* — insisto.

— Ele *se foi* — dispara Erebus, em voz baixa — Melhor aceitar isso agora do que se agarrar ao impossível.

— Quem… — começa Elijah.

— Me diga como — ordeno, a voz tensa, os punhos cerrados sobre as coxas. — Me diga por quê.

Erebus estreita os olhos.

— Se um cambion desequilibrado tentasse usar o seu poder, digamos, ao criar um construto com ele, a primeira coisa que aconteceria seria uma intoxicação. E das fortes. Fala arrastada, desorientação, perda das inibições.

Ele me encara com seriedade, e eu entendo o motivo.

Quando estávamos fugindo, pedi a Sel que forjasse minha raiz para criarmos uma barreira contra Erebus juntos. Ela queimou Erebus, mas não queimou Sel. Só que o deixou bêbado de aether, delirante.

— No entanto — continua Erebus —, simplesmente usar seu poder não se compara a consumi-lo. Se a transição gradual de um Merlin para sua natureza demoníaca é uma caída lenta, então a absorção do seu poder é uma queda acelerada e sem fim. Qualquer Merlin que se alimente do seu poder — ele faz uma pausa intencional —, *seja ele quem for,* será completamente consumido pelos instintos brutos da demonia. Será transformado, de forma irreversível, em uma criatura que só quer se alimentar, sem lógica ou razão. Um Merlin cambion em demonia perde a humanidade para sempre. Passa a desejar aether e dor humana, como todo demônio.

Engulo em seco e desvio o olhar. Sei que essa é a versão da Ordem sobre a demonia. Sei que dizem que a humanidade de Sel se foi. Mas eu ainda não acredito nisso. Não *posso* acreditar.

— Briana — continua Erebus, dando um passo à frente, falando mais baixo —, onde quer que Selwyn esteja, *se* ainda for capaz de pensar em você, ele está faminto por mais do que sua dor. Se você o enfrentasse, encontraria um demônio movido

pela vontade de descobrir não apenas quanta dor seu corpo humano pode suportar antes de morrer, mas quanta dor você pode suportar *e continuar viva*.

— A mãe dele sucumbiu e manteve a humanidade.

— A mãe dele é única, entre Merlins e demônios. Uma estudiosa e feiticeira única em sua geração — afirma Erebus. — O que você diz é possível, mas *ela* teve tempo para se preparar para sucumbir. O filho dela, não.

Estremeço, me lembrando de como Sel se afastou de mim e de Nick. Ele não conseguia nem falar. Eu mal o *reconheci*. Mas agora uma nova e terrível peça se encaixa no quebra-cabeça da minha mente: Sel continuou consumindo minha raiz mesmo com a dor provocada pela marca de sangue de Erebus.

— Ele sentiu a marca de sangue… — sussurro. — E mesmo assim não parou de tentar me salvar.

— Ele condenou a si mesmo — diz Erebus. — Selwyn sabia o que viria depois.

— O que é mais humano do que o sacrifício? — disparo.

Os olhos de Erebus se estreitam.

— O que é mais humano do que arriscar o que você tem e o que você é por outra pessoa? — Minha voz falha.

Ao expirar, um fio espesso e vívido de raiz vermelha flutua para fora da minha boca e sobe no ar, acima de mim.

Zoe cobre o nariz só para evitar o cheiro do meu poder e da minha dor latente.

Erebus me encara com raiva.

— Basta — diz ele, a voz cheia de raiva. — Deixem-nos a sós.

— Por quê? — pergunta Zoe.

Os irmãos se viram para ele com os olhos arregalados.

— A aula de vocês acabou por hoje, e não repetirei o que já disse — diz Erebus. — Preciso falar com Briana a sós.

Os gêmeos se entreolham e chegam a algum tipo de acordo, então se viram juntos e voltam pela floresta em direção à casa, seus passos de cambion completamente silenciosos.

V

NÃO CONSIGO OUVIR a caminhada mal-humorada dos gêmeos de volta para a casa, mas Erebus consegue. Ele inclina a cabeça, um gesto de atenção típico dos demônios, e eu espero. Pouco tempo depois, volta a atenção para mim, observando meu queixo erguido e a mandíbula tensa.

— Nem preciso dizer que há muitas coisas que você não deve revelar aos gêmeos, nem a qualquer outro demônio que encontremos enquanto estivermos juntos.

— Por que deixou os dois me atacarem?

— Para te ensinar uma lição. Você falhou.

— Ninguém nunca me treinou pra usar a raiz — protesto. — Por que *armou* pra eu fracassar assim?

— Porque você precisava entender o que vai acontecer se revelar sua raiz acidentalmente. Se não *aprender* a selá-la.

Deixo as frases dele ecoarem na minha mente. Assim como Elijah fez, presto atenção na sua escolha de palavras. Por fim, ressalto:

— Você não chama meu poder de "raiz" na frente deles.

— Não.

Em sua expressão há um convite silencioso para que eu continue, para que siga pressionando. Ao contrário do Erebus que conheço do Conselho, *este* Erebus quer que eu faça mais perguntas.

— Que outros segredos você esconde dos gêmeos?

— Mais do que escondo de você.

— Tipo quais?

— De onde você vem. Qual título tinha. Que é uma Lendária. Se eles, ou qualquer demônio, descobrirem que o sangue de Arthur Pendragon corre nas suas veias, te matariam sem pensar duas vezes.

— Mesma história de sempre — resmungo. — Estou fugindo de demônios desde *antes* de puxar a Excalibur, e ainda não morri.

— Muitas vezes você contou com companheiros que lutaram por você ou com você — contesta ele. — A maioria das criaturas das quais você fugiu eram isels, demônios inferiores. Você ainda é humana e fácil de matar.

— Demônios de todos os tipos estão sempre tentando me matar — contesto de volta. — Estou aqui pra garantir que não consigam. Você vai me ensinar como fazer isso.

Erebus me analisa novamente, como se estivesse procurando algo sob a minha pele. Garimpando algum detalhe meu que ele ainda não consegue decifrar. Ele solta o ar devagar pelas narinas antes de falar outra vez.

— Para os demônios, o plano terrestre é um ambiente rico em alimento, mas hostil. A Ordem, os Lendários e seus Merlins são nossos inimigos naturais. Você enfrentou demônios inferiores que mal funcionam além de seus dois impulsos básicos, a fome por aether e por emoções humanas, mas não conhece de verdade os tipos de demônios com quem *eu* ando. Nem isel nem uchel, mas goruchel. Esses grandes demônios têm sua própria hierarquia, suas próprias regras, seus próprios objetivos.

— Eu *sei* disso…

— A Herdeira de Arthur é um prêmio glorioso para um goruchel — diz ele, me interrompendo. — Derrubar você poderia significar um banquete eterno, sem oposição… e controle total sobre os demônios inferiores. Este plano se tornaria nosso. — Ele dá um passo à frente, os olhos brilhando. — Para um goruchel, a sua morte é uma aspiração sagrada.

Estremeço e resisto ao impulso de recuar. Erebus não pode me ferir, mas seu olhar me lembra que, mesmo que minha aliança com ele tenha retardado o massacre, seguir por esse caminho não é uma opção para mim. Um passo após o outro, rumo à morte inevitável, não importa o que eu faça. E, quando me matarem, destruirão o poder da Távola Redonda. E, quando os Lendários forem eliminados de vez, os demônios vão se alimentar para sempre. Vão dominar o plano humano tanto quanto já dominam o plano demoníaco.

Erebus fala baixo, descontente:

— Você não é a mesma pessoa que era quando nos conhecemos na Divisão do Sul.

— Bom, fui expulsa do meu próprio corpo e quase fiquei presa no pesadelo de Arthur — digo, cruzando os braços. — Isso deixa marcas.

— Não, não é por causa disso. — Ele se aproxima mais. — Essa perda de controle, esse *vazamento* do seu poder… isso é novo.

Erebus tira a luva direita com os dentes e, sem aviso, estende a palma da mão na direção do meu esterno, a um palmo do meu peito.

Solto um grito sufocado quando meu corpo reage sozinho, me deixando na ponta dos pés.

— O que você está…

— Silêncio — murmura ele, os olhos semicerrados.

Minha marca de sangue pulsa no peito, mais quente e intensa, toda vez que ele move os dedos no ar.

— Me solta!

— Ainda não — diz Erebus, abrindo os olhos, que brilham com intensidade.

Ao girar o punho, algo *dentro* da marca de sangue se rompe de forma dolorosa, e eu engasgo. Uma onda de magia ancestral invade minhas narinas: mirra, madeira de ágar, seivas e incenso. Então, ele me solta.

Caio no chão, agarrando o peito, e assisto, horrorizada, à marca de sangue ramificada se espalhar por baixo da minha camiseta, alcançando meus bíceps e descendo pelo braço. Quando encaro Erebus, os olhos dele pulsam no mesmo ritmo da minha marca, vermelhos e vibrantes.

— O que você fez?

— Alterei a feitiçaria da marca — responde, girando o pulso com uma das mãos antes de colocar a luva novamente. — Ela ainda vai me alertar se você estiver correndo perigo de morte, para que eu possa protegê-la, se estiver por perto. Ainda vai recorrer à sua raiz se alguém tentar consumi-la, mas, se eu for fortalecer você, preciso conseguir monitorar essa força. E agora eu posso.

Erebus cerra o punho de repente, e a marca brilha, pulsando dolorosamente no meu peito, me fazendo arfar de novo antes que o brilho desapareça.

— O quê…? — digo, ofegante e esfrego o esterno. — Você consegue…

— Sentir o nível da sua raiz sempre que quiser, a qualquer distância? Chamar pela marca e ouvir sua resposta? — Ele confirma com um aceno. — Sim.

Franzo o nariz só de pensar em Erebus verificando meu nível de poder como se eu fosse uma bateria que ele pudesse recarregar. Acho que Zoe tinha razão.

Ele bufa, irritado.

— Ainda não entendo essa sua perda de *controle* repentina. Começou no museu e tem piorado a cada hora que passa. Se continuar assim, vai se esgotar até ficar incapacitada antes do fim do dia. Você já está mais fraca.

Isso me deixa assustada. Não quero ficar incapacitada aqui, em meio aos meus inimigos.

— Essa perda de controle vai fazer você morrer antes que tenha qualquer utilidade para mim.

— Eu não vou…

— Silêncio! — A voz de Erebus fica mais alta, como pedras rachando ou ondas quebrando. — *Algo* está gerando emoções intensas em você, em camadas tão densas que, somadas à sua raiz, sua humanidade descontrolada inunda esta clareira *e* os meus sentidos. Agora mesmo, você está emanando um sofrimento tão profundo que bastaria um vento mais forte para atrair um demônio.

O preto das pupilas dele derrete, restando apenas um brilho vermelho. Erebus — não, agora ele é o Rei das Sombras — parece ficar maior à medida que a névoa negra se ergue de seus ombros. Sua fúria se choca contra minha pele, sombras dançam ao redor de seu casaco escuro, depois se dissolvem diante dos meus olhos.

— Isso é inaceitável.

Eu me encolho, lembrando, mais uma vez, que ele não pode se alimentar de mim… mas isso não faz com que eu me sinta mais segura.

— Eu não consigo… não consigo impedir…

A voz dele vira um sussurro mortal.

— Você é a garota que enfrentou o Alto Conselho dos Regentes, cuja mente sobreviveu a uma mesmerização feita pelo próprio Senescal Tacitus. Você é a garota que empurrou o Pendragon de volta para sua prisão dimensional. O que afeta *essa* garota? O que faz você perder o controle com tanta facilidade? O controle do mesmo poder que lutou com unhas e dentes para dominar?

— Eu… — gaguejo, sem saber o que dizer.

Será que eu deveria dizer que perco o controle ao pensar em certas pessoas? Mesmo que eu diga, não sei *por que* está acontecendo agora, desse jeito…

A próxima pergunta dele me atinge como uma lâmina.

— Você nunca vai reivindicar de verdade aquilo que herdou?

Eu fico em silêncio enquanto a risada baixa de Erebus ecoa na escuridão. A gargalhada do Rei das Sombras ricocheteia ao meu redor, estala nos meus ouvidos, acerta meu rosto, me golpeia de todas as direções.

— Não brinque comigo — aviso. — Foi isso que Arthur fez.

Ele abre as mãos.

— Arthur Pendragon manipulou você, se aproveitou da sua ignorância e sufocou seu poder para benefício próprio. Ao contrário de Arthur, eu me importo se você vive ou morre. Eu *preciso* que você se torne poderosa.

— Você é só mais um rei antigo querendo me usar!

— E *você* é uma garota de dezessete anos, uma soberana por mérito próprio, querendo usar *mais um* rei antigo! — rebate ele. Os olhos do Rei começam a soltar fumaça, como brasa incandescente. — É isso que líderes fazem, garota. Se encontram e arrancam um do outro aquilo que só um igual pode oferecer. Lembre-se de que foi *você* quem me chamou. Eu estava lá quando as primeiras sombras caíram. Eu estava lá quando os humanos deram seus primeiros passos rumo à consciência. Eu estava lá quando a lua e as estrelas eram as únicas luzes em meio à escuridão. Conheço a magia que você está tão desesperada para dominar, porque vi seu primeiro portador. Os corações humanos são fáceis de decifrar. E o seu está exposto para quem quiser ver, Briana Matthews. — A voz dele fica mais grave. — Que nem o da sua mãe.

Quando o ouço mencionar minha mãe, eu lembro que *ele* sabia quem ela era mesmo quando *ela* não sabia — Herdeira de Arthur, portadora da Arte de Sangue —, e um fio espiralado de raiz escapa da minha boca.

— Então é *isso*? — pergunta o Rei. — É a lembrança da sua mãe que alimenta sua culpa, sua vergonha e seu medo? Que faz você perder o controle de seu próprio poder?

Olho para ele, furiosa.

— *Não* fale dela.

— Vamos fazer um experimento — diz ele, recuando um passo. — Forje um construto.

Eu hesito, e ele bufa.

— Aos cinco anos, todo Merlin já sabe forjar um construto simples. Selwyn Kane forjou um aos três.

Cerro os dentes, incapaz de conter o jorro de raiz que escapa do meu corpo ao pensar em Selwyn. Não só em Selwyn agora, mas na imagem dele quando criança. Antes de Erebus, da Ordem e do Juramento — antes que a inocência fosse arrancada dele, pouco a pouco.

— Eu *não* sou um Merlin.

— Não — admite Erebus. — Mas você poderia se tornar algo muito, *muito* mais poderoso do que um Merlin, se quisesse.

— Eu quero.

— Então considere esta sua segunda lição, já que foi tão mal na primeira.

Cerro os punhos ao lado do corpo.

— A maioria dos professores revisaria a matéria antes de empurrar o aluno para mais uma reprovação.

— Eu não sou como a maioria dos professores — rosna ele — Forje um construto simples.

Certo.

Invoco o aether do ar como os Lendários fazem e crio uma longa espada azul-prateada reluzente.

O Rei estala a língua.

— Sua afinidade com o aether permite que você forje a espada e a armadura de Arthur, mas sua *raiz* é mais flexível do que isso. Forje algo para me *deter*, não para me apunhalar.

Solto a espada azul-prateada. Deixo que se transforme em poeira. Invoco a fornalha de raiz dentro do meu peito, abro-a por completo, deixo as chamas vermelhas correrem pelos meus bíceps, descendo pelos antebraços até as mãos, até que a cor reflita nos olhos escuros do Rei. Mas não consigo moldá-la. Cerro os

dentes e visualizo uma manopla. Uma esfera pequena. Uma lâmina… qualquer coisa.

Ele me encara.

— Lute pela sua vida, Briana.

Meus olhos *ardem*.

— Estou lutando!

— Não, não está. — Ele se afasta, as mãos apoiadas atrás das costas. — Por que pediu minha ajuda? O que deseja se tornar?

Libero minha raiz com frustração.

— Eu já te disse!

— Força, poder e controle são o que você *quer ter,* garota! — grita o Rei, parando de andar. — Não o que deseja se *tornar*.

O Rei não pode ler minha mente, mas suas palavras descrevem exatamente os pensamentos que eu não disse em voz alta. Lágrimas de raiva escorrem pelo meu rosto, porque ele está certo. Essas são as coisas que eu quero ter, não quem eu quero ser.

O que eu *desejo* me tornar?

Aqui, na presença do demônio que se aproveitou do pacto feito com nossos ancestrais, ouço a voz de Vera novamente: *Agora é você quem decide como manter a nossa Linhagem viva, Briana Matthews.*

Mas Vera não entende que este mundo transformou seu presente maravilhoso em maldição. Depois de oito gerações de medo e luto dilacerantes, de mães morrendo quando mais precisávamos delas, de perdermos o conhecimento que poderia ter nos conectado umas às outras e à própria Vera… a violência não morreu; apenas renasceu com uma nova forma. Nossos corpos param de funcionar como relógios, nossas mães morrem cedo, nossas filhas morrem jovens, e tudo recomeça.

Nosso ciclo é de morte e confusão… e eu ainda não aprendi o bastante para quebrá-lo.

Mas vou aprender.

Ergo o olhar e encaro o Rei.

Ele assente devagar.

— Diga.

— Eu vou cumprir o desejo de Vera. Eu *vou* honrar o sacrifício dela. Mas se nem ela nem meus outros ancestrais podem me ensinar como fazer isso, então preciso me tornar algo que eles nunca conseguiram ser. — Puxo o ar duas vezes e passo a língua pelos lábios rachados. As palavras roucas escapam de meu peito antes que eu possa hesitar. — Devo me tornar intocável.

Os olhos do Rei brilham como rubis.

— Porque…?

— Porque meus inimigos estão por toda parte. — Sinto meus lábios se curvarem, como se *eu* fosse um demônio captando um cheiro no vento. Como se *eu* fosse um monstro, rosnando para o mundo. — E se eles estão por toda parte, então vou me tornar algo que eles não podem atingir.

O Rei insiste:

— Continue.

— Se meus oponentes são implacáveis — digo —, então vou me tornar imbatível.

— E?

Falo mais rápido, a respiração acelerada.

— E se eles querem meu poder, meu corpo e meu sofrimento para seus próprios fins, então me tornarei inatingível.

— Para quê? — pergunta ele baixinho. — Tudo isso… para quê?

— Para que… — Faço uma careta. — Para que meu poder e minha dor pertençam… a mim.

Ele assente devagar, se aproximando de mim até seu olhar me deixar tonta.

— E o que você está disposta a fazer para se tornar essas coisas?

Não falo em voz alta, mas a resposta aparece na minha mente, clara como o sol.

Qualquer coisa.

Estou disposta a fazer qualquer coisa.

Qualquer coisa.

— Vejo a resposta nos seus olhos — murmura o Rei. — Agora entendo o que precisa ser feito.

O mundo escurece e me engole por completo.

VI

ACORDO EM um quarto desconhecido, numa cama desconhecida, com o rosto colado a um edredom cinza já desbotado.

De algum modo, já se passou um dia desde minha primeira sessão de treinamento com Erebus. A última coisa de que me lembro é de tê-lo enfrentado sozinha, e da escuridão que veio a seguir.

A luz do sol da manhã entra por um par de arcos com moldura preta e vitrais coloridos, bem no meu campo de visão. Com os olhos semicerrados, vejo os painéis multicoloridos piscando e cintilando.

Eu me viro de lado com um gemido. O quarto onde estou é simples e pequeno. Há um piso de madeira com tábuas largas. Paredes brancas de reboco, com algumas pinturas de paisagens emolduradas. Uma escrivaninha antiga num canto, ao lado de um espelho pesado, com moldura dourada, encostado na parede. Um tapete sob a cama, com padrões pequenos em vermelho, dourado e verde. Uma porta de correr que leva a algo que parece um armário minúsculo. A cama de solteiro com dossel ocupa toda a parede oposta à porta de madeira escura. Eu poderia atravessar o cômodo em, no máximo, seis passos. É o quarto de hóspedes com mais cara de quarto de hóspedes que já vi.

A sensação incômoda e persistente de fome clareia um pouco minha mente e me faz sentir cada centímetro do meu corpo. Mexo os dedos dos pés dentro das meias e percebo que estou sem as botas. Pelo jeito que o tecido aperta minha cintura, sei que ainda estou com a mesma calça jeans emprestada que vesti quando saí da Divisão do Norte. Assim como ainda estou com a camiseta emprestada. As roupas que…

Pisco.

As roupas que…

Pisco de novo.

As roupas que…*alguém*… me deu.

Eu me apoio nos cotovelos, as sobrancelhas franzidas enquanto encaro o travesseiro. Vasculho minhas memórias. Alguém me deu essas roupas, tenho certeza disso, mas *não lembro* o nome de quem foi.

Meu estômago ronca, mas minha fome vem acompanhada de algo pesado e inquietante.

Eu me arrasto até o minúsculo banheiro, que mal comporta um vaso sanitário e uma pia pequena, e me alivio enquanto tento pôr os pensamentos em ordem.

Quando volto para a cama e me deito, meus pensamentos parecem em ordem, mas, ainda assim, não consigo lembrar o nome da pessoa que me emprestou as roupas que estou vestindo. Eu sabia esse nome, tenho certeza disso. Sabia ontem, mas hoje… não.

A inquietação e o desconforto percorrem meu corpo e ficam mais fortes a cada vez que respiro, tentando lembrar. No lugar em que esse alguém, essa pessoa, vivia em minha mente, agora há apenas uma massa cinzenta e disforme, banhada em névoa. Sem nome. Sem rosto. Sem corpo. Sem características marcantes. Desconheço sua personalidade, seu sorriso ou como nos conhecemos.

É como se essa pessoa nunca tivesse existido.

Não. Tem… *alguma coisa.*

Quando penso nela, sinto uma única e intensa emoção: gratidão.

Faz sentido. Se essa pessoa me deu roupas para usar, deve ser minha amiga. E se me deu essas roupas recentemente, antes de eu sair da Divisão do Norte, deve ser um Lendário.

Mas tudo o que eu sabia a respeito dessa pessoa está coberto por névoas e sombras.

Repasso o dia anterior em minha mente, passo a passo. Acordei. Vesti essas roupas emprestadas. Fui até a colina na Divisão do Norte. Queimei meu fluxo ancestral, restaurei a Excalibur, chamei por Erebus. Negociei com ele. Ele levou alguém embora…

Espera. Quem era *essa* pessoa?

Quando tento me lembrar dessa segunda figura, minha mente fica em branco de novo. Como se tudo o que eu soubesse a respeito dessa pessoa tivesse sido removido da minha cabeça.

Outra figura cinza, sem identidade.

Não. Há mais. Mesmo que eu não conseguisse reconhecer esse segundo rosto em uma fileira de pessoas, sinto uma emoção ao pensar nela. Fecho os olhos com força, tentando decifrar esse sentimento, e então percebo: culpa. Uma culpa imensa, incomensurável, faminta.

Fora isso, não sei mais nada a respeito dela.

O que aconteceu depois que Erebus levou essa pessoa embora?

Havia uma terceira pessoa que correu atrás de mim pouco antes de partirmos. Essa pessoa estava me perseguindo, tentando me impedir de ir embora.

Mais uma vez, nenhum detalhe. Apenas névoa cinza e sombras. E mais uma vez, uma única emoção. É, ao mesmo tempo, uma perda silenciosa e uma dor profunda. É… saudade.

Se essa terceira pessoa estava tentando me impedir de partir, então era porque queria muito que eu ficasse. Eu sentia saudade dessa pessoa… e ainda assim, fugi dela?

A confusão me invade.

Penso desesperadamente em outras pessoas da minha vida antiga, em outros amigos, conhecidos, mas só encontro vazios. Rostos e corpos cinzentos, envoltos em névoa. Companheiros, amigos e até inimigos sem nome. Todos desapareceram.

Se existem emoções ligadas a essas pessoas, não consigo localizá-las agora. Não quando meu coração está acelerado, cheio de apreensão e angústia.

Vamos começar pelo básico.

Eu me lembro da minha mãe. De tudo. De cada momento, cada detalhe. Consigo vê-la com clareza. Sinto dezenas de emoções ligadas a ela, ao longo do tempo.

Meu coração se agarra à esperança… mas, ao pensar no meu pai, outra lacuna.

Sei que, da última vez que o vi, estávamos na Waffle House. A emoção que sinto ao pensar nele? Arrependimento.

Um medo profundo se acumula dentro de mim. As pessoas não podem simplesmente ser apagadas, retiradas da minha história, podem? Não sem… magia.

Como a mesmerização.

Erebus me *mesmerizou*.

Solto um gemido e me sento, balançando as pernas para fora da cama. *É claro*. Como pude ser tão ingênua? Como fui tão tola a ponto de achar que ele realmente me ajudaria, quando tudo o que ele fez foi tomar minha espada, jogar na minha cara que estou em dívida com ele por tempo indeterminado, deixar seus protegidos cambions me atacarem e agora manipular minhas memórias?

Tenho um hematoma bem feio no joelho, de quando caí no museu. Pressiono os dedos contra ele, com força. A dor desperta meus sentidos, e meus olhos se enchem de lágrimas. Espero pela queimação familiar que dissipa a mesmerização encobrir minha mente… mas ela não vem.

Pressiono o hematoma de novo, com ainda mais força, pedindo desculpas em silêncio ao meu corpo machucado… mas não funciona.

A apreensão no meu peito se transforma em completo pânico.

— Erebus!

Atravesso a casa como um furacão — todos os cômodos estão vazios. Então, estou de volta ao lado de fora, correndo em direção ao campo perto do celeiro.

Quando chego lá, Erebus está manipulando dois cães infernais verde-prateados contra os gêmeos. Cada irmão luta com uma criatura, desviando e rolando para evitar os ataques rápidos dos enormes construtos dele.

— O que foi que você fez comigo?! — grito.

Erebus arregala os olhos e inclina a cabeça. Seus construtos se dissipam.

— O que você está sentindo?

A pergunta me pega de surpresa.

— Sua mesmerização? — retruco. — É óbvio.

— Responda à pergunta. — Ele fixa o olhar no meu, indo de um lado pro outro, como se quisesse vasculhar minha mente. — Diga o que está *sentindo*.

Abro os braços, exasperada.

— Pessoas sumiram da minha mente! Meus amigos!

Ele espera. Observa. Não repete a pergunta.

— Bateu a cabeça, novata? — pergunta Zoe. Ela desvia brevemente o olhar para o celeiro. — Na barreira?

— Não, eu não bati a cabeça — disparo. — Ele tirou minhas memórias de mim! Eu não sei, não consigo me lembrar.

Elijah se aproxima, observando tudo com cautela. Ainda mantendo certa distância, ele pergunta:

— Suas memórias se foram ou seus amigos se foram?

Olho feio para ele, que se limita a dar de ombros.

— Só estou perguntando — diz ele. — Para entender direito o que aconteceu.

— Meus amigos se foram — digo, ofegante.

— De vez? — pergunta Elijah. — Você ainda *sabe* quem são seus amigos, então é óbvio que…

— Não, eles não se foram de vez! — grito. — Mas eles são apenas… vazios em minha mente. Não consigo me lembrar deles. Não vejo nomes, nem rostos.

— Fascinante — diz Erebus, com calma. — Isso afeta só seus amigos?

— Para de fingir que não sabe o que fez — vocifero, andando de um lado para o outro. — Eu deveria saber…

— Seja mais específica — ordena Erebus. — Me diga mais.

— Você fez alguma coisa com eles! — Eu me viro de volta. — É isso, né? Você fez alguma coisa com meus amigos. Você fez alguma coisa com meu pai.

Erebus suspira, enfiando as duas mãos nos bolsos.

— Não fiz nada com seus amigos nem com seu pai. Estão todos como você os deixou. Onde os deixou. Do mesmo jeito em que os deixou.

Noto a ênfase em suas palavras.

— Pensei que você não podia me machucar…

— É verdade que, devido ao acordo que fiz com Vera, não posso te ferir fisicamente — responde ele. — E não foi isso que fiz.

— Então você *fez* alguma coisa — acuso —, algum tipo de… supermesmerização?

— Não existe isso de supermesmerização — intervém Elijah, revirando os olhos.

Eu me viro para ele, que ergue as mãos, recuando. Olho feio para Erebus.

— Eu consigo quebrar mesmerizações, sabia?

— Você consegue quebrar mesmerizações? — pergunta Zoe.

— Conseguiria. *Se* fosse uma mesmerização, ela *poderia* quebrar — explica Erebus —, mas você já tentou e não conseguiu, não é mesmo?

— É — admito.

— Eu não manipulei sua mente — afirma ele. — Dei o que você precisava para atingir seus objetivos. A perda das suas "memórias" de outras pessoas, se for isso mesmo que está acontecendo, é algo inesperado… até para mim.

Isso me preocupa. Erebus fez alguma coisa, *me deu* alguma coisa, mas não previu esse resultado? Engulo em seco.

— Seja lá o que você tenha feito, *desfaça*.

Ele dá de ombros.

— Não posso desfazer.

Nós nos encaramos por um longo momento, e, a contragosto e frustrada, quase acredito nele.

— Então *me* diga como reverter.

— Você também não pode fazer isso.

Sinto meu coração disparar dentro do peito. A raiva se transforma em desespero sob minha pele, em meus pulmões.

— Então quem pode?

Ele balança a cabeça devagar.

— Ninguém.

— Não acredito em você.

— Ele nunca mente — diz Zoe, confiante. — Não para a gente.

— E como você sabe? — Estou inquieta, tomada por uma vontade súbita de bater em algo. De destruir. De aniquilar. — Você não faz ideia do quanto ele mente. Do quanto a *vida* inteira dele é uma mentira.

— Cuidado com o que diz, novata! — Elijah dá um passo à frente.

Abro um sorriso irônico para ele.

— Você acha, de verdade, que estou preocupada com o que estou falando?

— Zoe não está errada — diz Erebus, com calma.

Eu me viro e o vejo olhar para Zoe e Elijah, um de cada vez.

— Vou oferecer a você o mesmo acordo que ofereci aos gêmeos. Enquanto estiver comigo, se me fizer uma pergunta, responderei com sinceridade. Embora eu nem sempre vá dizer tudo o que sei, assim como sei que você não dirá…

— Mentiras por omissão ainda são mentiras — falo.

— Não discordo — responde ele, imperturbável. — Mas que outras opções você tem?

— Voltar para…

— Voltar para onde? — pergunta Erebus, os olhos brilhando. — E para quem?

Hesito.

— Se você estivesse na mesma condição que estava ontem — continua ele —, essa pergunta resultaria em uma onda de magia escapando descontroladamente.

Abro a boca. Fecho. Ele tem razão.

— Mas…

— Agora que suas emoções não a controlam mais, vamos testar o que você é capaz de fazer. — Ele levanta a mão, o polegar e o indicador prontos para estalar. — Recuem, Zoe e Elijah.

Os gêmeos dão um passo para trás ao mesmo tempo, um de cada lado de nós, saindo da terra batida e do cascalho e entrando no mato ralo na beira do campo.

Erebus estala os dedos, e o mundo mergulha na escuridão.

Acima de nós, uma cúpula de aether negro se espalha, se curvando até o chão, até estarmos presos dentro de uma imensa bola de vidro.

No início, o interior da barreira de Erebus é silencioso. Depois, um vento quente começa a soprar, como se estivéssemos em pleno deserto ao meio-dia, e não dentro de uma barreira feita da noite.

— O que é isso?

— O que todo trabalho com aether é. — A voz que me alcança parece estar sendo sussurrada bem no pé do meu ouvido. Eu me afasto, estremecendo, mas Erebus está a uns quatro metros de distância… e não abriu a boca. — Minha intenção, tornada realidade. — O suor escorre pelas minhas costas. Um raio prateado cruza o céu falso, branco e ofuscante. — Os gêmeos não podem nos ver nem nos ouvir. Podemos falar abertamente.

— Então fale abertamente — retruco. — Diga o que está acontecendo comigo, ou vou embora.

— Mesmo que não estivesse em dívida comigo, você não *conhece* mais as pessoas que deixou para trás. Se voltar para elas, como acha que vão se sentir quando você reaparecer de repente, sem saber nada a respeito delas, mas se lembrando de tudo da própria história? Do presente de Natal que ganhou aos nove anos, da nota que tirou na aula de inglês há alguns meses, da última comida gostosa que comeu? Como acha

que eles vão se sentir quando você se lembrar de tudo sobre você mesma, mas de nada sobre eles?

Comprimo os lábios com força. Não sei como ele sabe, mas tem razão: eu me lembro de tudo isso.

— Você mesma disse — continua Erebus, refletindo em voz alta —, pessoas *sumiram* da sua mente. Para você, elas foram apagadas. Mas, para *elas,* não passaria a impressão de que você… as esqueceu?

Sinto um calafrio tomar conta do meu corpo.

— Eu não… eu *nunca* me esqueceria deles…

— Será que eles sabem disso? Afinal, você quis abandoná-los — responde ele com desdém. — Não acha que seus amigos e sua família podem sentir que não foram importantes o bastante na sua vida para que você se lembrasse deles?

— Pare — imploro. — Eles vão entender quando eu contar o que aconteceu.

Erebus continua como se eu não tivesse falado nada:

— O que *vai* acontecer quando você não reconhecer o rosto do seu próprio pai? Ou o garoto que você beijou pela última vez? Ou o nome da sua melhor amiga que entrou em coma por sua causa?

Meu pai, ausente da minha realidade.

O último garoto que beijei? Sumiu.

A melhor amiga que entrou em coma por minha causa… de repente, a última lembrança que tenho com essa garota sem nome volta à tona. Ela estava deitada em uma cama, fraca, respirando magia. Então surge uma emoção: preocupação. Tanta, tanta preocupação.

— Eu…

— E o garoto Merlin que sacrificou a própria humanidade para salvar você? — prossegue Erebus, em voz baixa, curiosa… e ciente. — E que você mandou embora?

Engulo em seco. Eu lembro que alguém se sacrificou para me salvar. Essa pessoa era um garoto Merlin? E foi *ele* quem mandei embora na Divisão do Norte?

A culpa ainda me invade quando penso no garoto, mas, com essa nova informação, ela não apenas aumenta, mas me engole numa onda esmagadora. Tão forte que poderia me arrastar para o fundo do oceano. Tão pesada que ameaça me puxar para baixo e nunca mais soltar. O tipo de culpa que arranha o coração por dentro, pronta para rasgá-lo em pedaços.

— E o garoto de quem você fugiu, que só queria te manter segura e por perto?

O garoto de quem fugi, de quem sentia saudade, que queria me manter segura… que queria me manter perto. A confusão é tanta que me sufoca.

Gratidão. Saudade. Arrependimento. Preocupação. Culpa.

O que eu poderia fazer com esses fragmentos? O que eu poderia esperar levar de volta para aquelas cinco pessoas que despertam essas emoções em mim, ou para qualquer outra da minha vida? Se eu voltasse, por que elas me aceitariam de volta? Ainda mais quando eu os olhasse como se fossem completos estranhos?

— Alguns juramentos, Briana — murmura Erebus —, nós fazemos a nós mesmos. E a mais ninguém.

Enquanto ele fala, as emoções que pareciam incontroláveis começam a recuar. Como uma tempestade enfraquecendo. Como uma onda voltando para o mar. Consigo respirar de novo.

— O que está acontecendo comigo?

— Você sabe quais juramentos fez a si mesma? Quais compromissos assumiu, nas partes mais silenciosas do seu ser? Alguém já te perguntou isso? Não é possível que tenha sido para vencer uma guerra que não é sua, ou para derrotar o fantasma de Arthur Pendragon. Foi por vingança?

— Não… Eu…

— A Ordem já tirou muito de você, garota. — Erebus dá um passo à frente. — De você, de sua mãe, de sua linhagem materna. O próprio Arthur tomou seu corpo sem permissão, falou através de você, lutou através de você, *destruiu* através de você. É tão difícil assim imaginar que você deseje vingança?

— Não, mas…

— Mas?

— Eu já disse o que quero me tornar.

Ele assente.

— Disse mesmo. Você quer que seu poder e sua dor pertençam a você. Essa é sua intenção. E, por isso, nossas lições continuam. Forje um construto.

Eu arquejo.

— Você sabe que eu não consigo…

— *Forje um construto.* — Ele ergue a mão acima da cabeça, os dedos em formato de garras voltadas para o céu, como se fossem sua coroa, exigindo que as próprias estrelas desçam até eles. — Vou atacar você com meu poder em dez segundos, a menos que consiga criar um construto para me deter.

Cambaleio para trás, olhando para cima, onde o céu escurecido começou a se transformar em um turbilhão de nuvens negras.

— Não, pare!

— Direcione sua intenção para fora!

Em pânico, busco minha raiz… e meus punhos se incendeiam. Não em vermelho, mas num roxo escuro e intenso.

— Esvazie sua mente!

Relâmpagos se acumulam, rasgando o céu…

— Canalize uma intenção em uma única palavra. Um único desejo!

O relâmpago dele estoura, mirando direto no meu crânio, e eu encontro uma palavra. Pronuncio-a como uma arma.

— Proteção!

O raio nos atinge como uma bomba. Meus ouvidos estalam. Poeira e pedra explodem sob meus pés, entupindo meu nariz e minha boca. Quase sou jogada de joelhos, mas firmo os pés no chão, me preparando para o impacto… mas ele não acontece.

— Abra os olhos, Briana.

Entreabro os olhos.

Espero destruição, mas o mundo está em silêncio. Imóvel. E eu estou de pé no centro de uma esfera roxa, incandescente e crepitante, cravada trinta centímetros no chão… alimentada pelo poder em meus punhos.

Essa esfera não é um acidente, nem um escudo lançado às pressas, um rugido de raiz da minha boca ou uma explosão de chamas das minhas mãos, mas uma cúpula perfeitamente construída.

A bomba não foi o relâmpago do Rei. A bomba… fui eu. Minha barreira, surgindo num estouro para me proteger. Ele não me quebrou.

Eu quebrei a terra.

A magia de Erebus, o mármore escuro, já está desaparecendo. Não passa de fragmentos cristalizados, faiscando até o chão ao nosso redor. Os gêmeos estão debaixo da chuva de faíscas, de boca aberta e olhos arregalados.

Uma risada sobe pela minha garganta.

Eu a deixo sair. Eu me permito ouvir meu próprio assombro alimentado por adrenalina.

Encaro os olhos carmesim de Erebus através do meu escudo brilhante.

— Você merece parabéns — diz ele.

— Por ter concluído sua lição?

— Não era minha. Era sua — murmura ele. — Você se tornou intocável.

Erebus e eu, o Rei das Sombras e a antiga Herdeira da Coroa de Arthur, nos encaramos através de um escudo de magia possível apenas por meio da nossa colaboração. Por meio das minhas decisões e das dele.

Dei o que você precisava para atingir seus objetivos.

Não sei o que dizer… mas assinto para ele.

Erebus olha para cima.

— Uma palavra para desfazê-la.

Penso, depois digo:

— Desmorone.

Minha barreira cai.

À medida que meu primeiro construto se dissipa, ele revela o celeiro, as árvores de inverno e o céu do fim da manhã acima de nós, tudo com absoluta clareza.

Meu novo mentor cruza os braços.

— Agora — diz ele — estamos prontos para começar.



PARTE UM

INTOCÁVEL



SEIS SEGUNDOS

Após o desaparecimento de Briana Matthews

William

ÀS VEZES, "TARDE DEMAIS" pode ser uma questão de segundos.

Quando chego ao topo da colina, com o coração disparado e sem fôlego, Bree e o estranho não estão em lugar nenhum — e Nick está sozinho. Enquanto estou ofegante da corrida, com o peito subindo e descendo a cada respiração, ele está imóvel como uma estátua. O antebraço coberto pela manopla e a palma nua continuam estendidos no ar vazio, congelados na tentativa de alcançar Bree antes que ela desaparecesse. À nossa frente, a floresta está vazia. Carvalhos altos guardam o caminho, enquanto arbustos baixos balançam com a brisa. Até o chão está intocado, sem nenhum rastro para seguir.

Tarde demais.

Uma questão de *segundos.*

Minha pergunta ofegante rompe o silêncio:

— Cadê… eles?

Nick não responde.

Tudo aconteceu rápido demais: Sel, com raiva e frustrado, passou a manhã quebrando móveis no quarto. Então, quando o silêncio se instalou de forma estranha, Larkin, Nick e eu corremos para dentro — e descobrimos que ele havia desaparecido. Havia sumido de

dentro de um quarto trancado, protegido por feitiços e vigiado. Entramos em pânico e fomos atrás de Bree em seguida.

Quando a encontramos ao lado de uma figura estranha no topo da colina da Divisão do Norte, Nick e eu estávamos lado a lado. Corremos até ela juntos, mas ele me ultrapassou rapidamente, mais veloz como Herdeiro de Lancelot do que eu jamais seria como Herdeiro de Gawain, invocando aether para o corpo enquanto se movia.

Em um único segundo, a magia azul-prateada o envolveu. Em *dois* segundos, uma armadura cristalina surgiu com estalos, cobrindo as pernas, o torso e os braços dele, brilhante e pronta para o combate. Foi uma façanha impressionante — só Merlins conseguem invocar e forjar aether assim, com tanta eficiência, mesmo distraídos.

Mas era tarde demais. Questão de segundos.

— Aonde eles foram, Nick?

Mais uma vez, Nick não responde. É só então que percebo que ele não está olhando para a floresta como eu. Seus olhos estão fixos no fiapo de fumaça negra que se contorce entre seus dedos, como uma cobra escura e fina.

Aquilo é aether. Aether preto.

O aether pode ter muitas cores. Azul-prateado, verde, dourado, e até carmesim, como o da própria Bree. Aether nunca, jamais, é preto. E, ainda assim, este aether se move como uma sombra viva. Como se o próprio ar estivesse amaldiçoado. Observamos juntos enquanto o vento agita os fios, fazendo-os girar para o alto até desaparecerem.

O medo que sinto por Bree me domina com tanta força que fico sem ar. Ela sofreu muito, mas sempre teve outras pessoas por perto. Todos nós.

Agora, ela está sozinha.

Quando Nick baixa a mão ao lado do corpo, ele não reconhece minha presença. Não olha nos meus olhos. Eu, como curandeiro, imediatamente deixo de lado a preocupação com Bree e Sel e foco no Herdeiro à minha frente. Sufoco meu medo e busco a calma que reservo para momentos como este.

— Nick. Ei, olha pra mim.

Balanço a mão na frente do rosto dele, mas seus olhos azuis estão vidrados, sem piscar. *Acordado, mas sem reação. Está catatônico?*

Meus dedos coçam em busca de uma lanterna de exame para verificar as pupilas dele.

A armadura de aether de Nick estremece uma vez, como uma imagem perdendo o foco e logo retomando, mas não se desfaz. Entre os Lendários, reter a armadura é uma resposta comum ao estresse. Seus corpos, em modo de luta ou fuga, mantêm as defesas ativas. É um mecanismo protetor mágico e inconsciente que me revela algo crucial: Nick ainda está "na batalha". Sua mente está enterrada em algum lugar inacessível.

A ficha cai como um bloco de pedra dentro de mim.

Já vi Nick tendo essa reação antes. Sei de onde ela vem. Sei como ele a esconde. Como, em questão de segundos, ele foi lançado de volta a um tempo e lugar onde ninguém mais pode alcançá-lo.

— William!

Ouço o grito de Larkin vindo do pé da colina. Levo um susto com o som repentino… mas Nick não reage.

Larkin sobe depressa até nós, o cabelo ruivo bagunçado pelo vento, o sotaque escocês carregado pela tensão.

— Procurei em todos os lugares possíveis. Nem sinal do Kane. Encontraram a Bree?

— Não — respondo, observando Nick com atenção. — Mas…

Larkin me interrompe, farejando com força.

— Mas Bree *estava* aqui. O cheiro dela ainda está aqui. — Ele estreita os olhos cor de âmbar antes de percorrer com o olhar o mesmo caminho que eu: esquerda, direita, a floresta, o chão. Ele inspira de novo, forte. — Alguém mais esteve aqui também. O cheiro é fraco, mas… cheira a… a…

De repente, ele endireita a postura e se vira num estalo, o fogo de mago levantando os fios de seu cabelo.

— O que aconteceu aqui, Herdeiros? Por que está cheirando a Crias Sombrias?

— Larkin… — Mantenho a voz sob controle, vendo a respiração de Nick acelerar. — Se for um demônio…

— Não tem isso de "se"! Eu *conheço* o cheiro de um demônio! — As palmas de Larkin se acendem com magia, as chamas subindo ao redor dos pulsos. Um Merlin em alerta. — Bree foi…

— *Embora.* — A voz de Nick é um sussurro rouco e furioso atrás de mim, mas não consigo conter o alívio ao ouvi-la. — Ela foi embora, William.

— Eu sei — falo.

O sistema nervoso simpático de Nick está no controle agora. Como uma tempestade se formando sobre o mar. Mantenho minha voz firme e estável. Estendo uma boia de resgate.

— Vamos encontrá-la. — declaro.

— Ela estava bem ali… Eu quase… — Nick suspira, frustrado, e pisca com força algumas vezes, como se estivesse despertando de uma anestesia. — Os *dois*… foram embora.

— E vamos encontrá-los — insisto, com toda a confiança que consigo, na esperança de que isso envolva Nick e o ancore. — Vamos trazê-los de volta.

— Como, exatamente? — questiona Larkin.

A agitação dele rompe qualquer calma que eu possa ter transmitido, alarmando Nick.

Respiro fundo e me lembro de que até Merlins treinados podem ser instáveis em uma crise.

— Larkin, se controle…

— Eles não deixaram rastros! — exclama Larkin, com os olhos arregalados. — Eles…

— Pare. — O comando de Nick é baixo, mas firme. Larkin se cala na hora, e eu também. — Entrar em pânico não vai nos ajudar, nem vai ajudá-los.

As chamas de Larkin recuam, e ele observa Nick com desconfiança.

— Herdeiro Davis? Você está…?

— Estou bem.

Ainda que Nick esteja olhando para Larkin, meu olhar de curandeiro está *nele*. Os batimentos em seu pescoço desaceleram. Ele está voltando para nós, para o presente, mas aprendi a não confiar em quem diz estar "bem" quando não é questionado. Sel dizia isso o tempo todo. Bree, mais do que eu gostaria. E Nick? "Bem" foi a palavra que ele repetiu sem parar antes de renunciar publicamente ao seu título e deixar a divisão.

Nick *sempre* dizia que estava bem, mas Nick *nunca* esteve bem.

— Nick…

— Estou *bem*. — A atenção de Nick está em Larkin. — O que sabemos?

— Pouco. — Larkin não perde tempo. É um Merlin caçando seu alvo. — Poucas pistas. Perguntas demais.

— Então vamos lidar com uma pergunta de cada vez. — A resposta de Nick, com seu olhar afiado e a rapidez com que se recupera do choque, enfatiza algo que já sei: que ele foi treinado para liderar. Está despertando agora, desanuviando a mente enquanto recorre aos protocolos ensinados e às velhas lembranças. Já vi muitos guerreiros feridos na minha enfermaria para saber que esses protocolos servem como proteção em momentos assim. — Vamos avaliar a ameaça. Agora, enquanto tudo ainda está fresco.

Quero pedir a Nick que não tome nenhuma decisão agora. Para que eu possa lhe oferecer um momento de descanso, de cura. Espaço e clareza. Mas Larkin continua antes que eu consiga reunir as palavras certas para deter o que Nick começou.

— Certo. — Larkin assente, recompondo-se. — Primeira ameaça, primeira pergunta: Kane e a Herdeira da Coroa foram levados pelo mesmo demônio? Ou são dois demônios agindo juntos?

A resposta de Nick é rápida:

— Devemos presumir que foi um só. Se o homem que vimos consegue se teletransportar, então levar Sel em um momento e Bree no momento seguinte seria possível. Fácil, até.

— Demônios poderosos não gostam de trabalhar juntos. Uma aliança entre dois goruchels desse nível seria atípica. Iria contra o que sabemos e o que nos ensinaram.

— Já deixamos o "típico" para trás faz tempo — digo.

— É verdade. — Nick lança um olhar para mim, depois olha fixamente para Larkin. — E os últimos três meses provaram que não vamos avançar muito se nos apoiarmos apenas no que nos ensinaram. O cheiro te diz mais alguma coisa?

Larkin fareja o ar de novo.

— Não. Não se parece com nada que já tenha sentido antes.

Nick range os dentes.

— E o quarto do Sel? Também há resquício de aether lá? Pode durar mais tempo em ambientes fechados…

— O quarto é um beco sem saída. — Larkin ergue a mão, frustrado. — Kane forjou tantas armas tentando escapar que parecia que uma bomba de aether tinha explodido.

Perdemos tempo procurando por ele quando um demônio maior estava atrás da Bree…

— Procurar por Sel *não* foi uma perda de tempo — diz Nick, em voz baixa. — Ele não é descartável. Nem a Bree.

— Briana Matthews é a Herdeira Desperta da Coroa do Rei da Távola Redonda, Davis — rebate Larkin, os olhos faiscando. — Ela é insubstituível. Deveríamos estar protegendo a ela. *Eu* deveria tê-la protegido!

— As barreiras ao redor da Fortaleza foram violadas — protesto, balançando a cabeça. — Tínhamos todos os motivos para acreditar que Bree estava protegida por elas. Isso não é culpa sua, Larkin.

— Eu sou o *Mago-Real* dela — rosna Larkin. — É claro que isso é culpa minha!

— Você *não* é o Mago-Real da Bree. — A voz de Nick é firme e clara. Quando Larkin se vira para ele, Nick não recua. Em vez disso, ergue o queixo, sua postura e altura ainda mais imponentes com a armadura brilhando. — Por mais que deseje esse título, Guarda Douglas, ele não é seu.

O rosto de Larkin fica vermelho.

— Com todo o respeito, Herdeiro Davis…

— Agora seria um bom momento para lembrar que você está falando com alguém que de fato *fez* o Juramento de Mago-Real. — Não há maldade na voz de Nick. Em vez disso, o que ouço é um cansaço e uma sensatez cortante. — Vivi quase metade da minha vida vinculado a um Mago-Real. Você e Bree *não estão* ligados, e isso faz diferença. Se estivessem, você teria sentido o medo mortal dela. Como não estão, não temos nenhuma prova de que a vida dela esteve ou *está* em risco, só suposições.

Larkin não percebe a exaustão de Nick, apenas a crítica. Seu rosto fica ainda mais vermelho ao apontar o dedo para o espaço vazio diante da mata.

— A Herdeira da Coroa foi feita *refém* por um demônio de origem *desconhecida*. Um demônio que pode desaparecer no ar. Ela pode estar morta. A guerra pode já estar perdida. — Os olhos dele queimam de fúria. — Não vou ficar aqui sendo insultado…

— Então fique aqui e *pense*, guarda — retruca Nick. Ao erguer a mão direita com a manopla de aether brilhante, a luz reflete em sua pele, lançando um brilho azul-gélido em um lado do rosto, enquanto o outro permanece na sombra. — Minha armadura ainda está ativa. Minha herança está *viva* dentro de mim. O que significa…

— Que Bree está viva — sussurro, tomado pelo alívio. Olho para minha adaga brilhante de Gawain. — Nick tem razão. Minha adaga não se desfez. Se a Herdeira Desperta de Arthur morrer pelas mãos de uma Cria Sombria, todas as heranças dos Lendários, todas as nossas habilidades e magias, desapareceriam com ela.

E nunca mais voltariam. Todos nós pensamos isso, mas não ousamos dizer em voz alta. Larkin aperta os lábios numa linha fina.

— Perdoe-me, Herdeiro Davis. Eu deveria ter me lembrado…

— Está perdoado — interrompe Nick, baixando o braço e a manopla. — Mas continue pensando. Precisamos ser inteligentes. Determinar qual ação tomar e tomá-la logo. Bree está viva. O que mais isso quer dizer?

— Se ela está… — Engulo o nó na garganta. Nick assente, me incentivando a continuar o raciocínio. — Se ela não morreu até agora… então o demônio que a levou não pretende matá-la.

— Não dá pra ter certeza disso — rebate Larkin.

— Acho que dá, sim. — Nick cerra a mandíbula. — Pense em todas as informações que esse demônio deve ter para saber, com certeza, que a Herdeira da Coroa estava nesta propriedade. Pense no poder que ele deve ter para romper as proteções mágicas de uma divisão Lendária. Pense na *força* necessária para enfrentar Selwyn Kane do jeito que ele está agora. Você acha *mesmo* que um demônio com esse perfil hesitaria por um segundo sequer em matar Briana Matthews, se tudo o que quisesse fosse acabar com as Linhagens e vencer a guerra?

— Não — admite Larkin. — Ele a teria matado na hora. Assim que a visse. O sangue dela estaria aos nossos pés.

Olho para meu relógio.

— E já faz quase dez minutos que eles sumiram.

Larkin arregala os olhos.

— Ele… quer alguma coisa dela.

— Não. — O olhar de Nick é taciturno. — Ele não quer só alguma coisa dela. Ele *precisa* dela. Isolada de nós, em um lugar que ele controla. A questão é… para quê?

— E por que levar o Selwyn? — pergunto. — Ele está instável agora, mais do que nunca. Agressivo, violento, provavelmente faminto por toda emoção negativa ao seu alcance. Considerando que Selwyn está em pleno estado de demonia, qualquer freio que ele costuma impor à própria fúria agora se foi.

Larkin ergue uma sobrancelha.

— Você fala como se Kane fosse alguém *comedido*.

— Selwyn se controla o melhor que pode — digo, cada vez mais na defensiva.

— Quando consegue, sim — murmura Nick, o olhar se perdendo ao longe. — Mas agora? Sel está incontrolável.

— E ainda mais poderoso, já que começou a sucumbir — resmunga Larkin. — Pelo estado em que deixou o quarto, as habilidades com aether e os feitiços dele não diminuíram nem um pouco.

Nick bate o dedo na coxa, pensativo, olhando para a Fortaleza à distância.

— Duvido que o demônio tenha levado Sel por causa do aether dele. Por que perder tempo com um Merlin, mesmo um do calibre de Sel, quando se é poderoso o bastante para atravessar proteções e se teletransportar? Não. Ele levou Sel por outro motivo… e provavelmente para outro lugar. Separou os dois.

Larkin franze a testa.

— Como você sabe que…?

— Porque Sel não estava aqui com a Bree e o demônio — explica Nick, apontando para o local onde a garota estava. — E não acredito nem um pouco que esse demônio fosse fraco demais para levá-los ao mesmo tempo. Sel desapareceu primeiro porque foi a

primeira viagem. Depois, o demônio voltou para buscar Bree. Onde quer que Sel e Bree estejam, não estão juntos.

— Bom, isso é um alívio. — Larkin solta um suspiro contido.

— Como é que é? — pergunta Nick, em tom de censura. — Por que isso seria melhor? Sel poderia proteger a Bree…

— "Poderia" é a palavra-chave. — Larkin franze os lábios. — Não sou tão próximo de Kane quanto você ou Will, mas sei que ele não está agindo normalmente. Não dá pra prever como ele reagiria ao ver Bree agora. Se a veria como comida ou…

Nick estreita os olhos.

— Ou o quê?

— Ou se a culparia por ele ter sucumbido — diz Larkin. — Poderia atacá-la por vingança, ou até machucá-la de propósito…

— Sel não faria isso — intercedo.

Talvez eu não saiba exatamente como um cambion que sucumbe se comporta, mas me recuso a acreditar que Sel seria capaz de tanta crueldade. Não posso acreditar nisso. *Não vou* acreditar nisso.

Larkin parece hesitar, mas só por um instante.

— O Selwyn que vocês conhecem se foi, Herdeiros. Sei que para vocês é mais difícil aceitar a situação, mas…

— Você não conhece o Sel. — Nick cerra o maxilar. — Ele sacrificou a própria humanidade para trazer Bree de volta pra casa.

— É exatamente o que estou dizendo! — rebate Larkin, com as presas à mostra. — Kane sacrificou a própria humanidade, e agora ela *se foi*. Ele raciocina de outra forma agora, a percepção dele está alterada. Se não tomar cuidado, pode acabar morto, seja por um goruchel que o veja como ameaça, por esse demônio que o sequestrou, ou até por outro Merlin…

Nick continua firme.

— Impossível. Sel nunca…

A frase dele é interrompida por um suspiro ofegante. De repente, ele cai de joelhos, batendo as palmas no chão com força, a cabeça curvada.

— Nick! — Eu me jogo para a frente por instinto, tentando ver se deixei algum ferimento passar.

Torço para que não seja Sel e o fim do vínculo do Mago-Real. Se ele estiver morto, não sei o que isso faria com Nick…

Ao meu lado, Lark forja um machado de aether.

— É a Cria Sombria? — Ele olha rapidamente de Nick para o entorno, os sentidos em alerta. — Não sinto nada…

— Você se machucou?

Agarro o ombro de Nick, puxando uma ombreira, mas ele se esquiva com força.

— Não encoste em mim! — sibila ele.

Dou um passo para trás, engolindo a pontada de culpa por tê-lo tocado sem consentimento.

— Diga o que está acontecendo.

Nick balança a cabeça, cravando os dedos no solo escuro e úmido.

— Nnnnnngh… — O gemido é baixo e gutural. Um grito preso entre os dentes, como se Nick estivesse tentando contê-lo. — Só… — rosna ele — preciso… de um minuto…

O torso dele treme sob a força de algo que o consumiu. Um ferimento invisível que não consigo ver nem deter.

Depois de um longo momento de tremores e respirações entrecortadas, Nick se apoia nos joelhos. Arquejo ao ver a mistura de emoções em seu rosto corado. Dor, eu imagino. Frustração, com certeza. Mas no maxilar tenso e na testa franzida, vejo algo mais… uma fúria potente. E assim, tão rapidamente quanto apareceu, essa expressão se dissipa e Nick começa a rir. Rir de verdade. Gargalhadas ofegantes e intensas saem roucas de sua garganta castigada… e eu não faço ideia de como reagir.

Larkin me encara, horrorizado.

— Que merda está acont…

— Sel. — Nick me encara com os olhos azuis dançando de alegria, com rugas de puro júbilo nos cantos. — Ele… não morreu.

O alívio me invade.

— O Juramento de Mago-Real e o vínculo ainda estão ativos — concluo ao mesmo tempo para mim e para Larkin. — Sel está vivo.

— Sel não está… só… vivo. Ele está… mortífero. — Nick respira com dificuldade, sorrindo, as duas mãos apoiadas nos joelhos. — Ele quer *alguém* morto. Não sei quem… mas posso sentir: Sel quer despedaçar um corpo, membro por membro. — Ele dá uma risada seca, e um brilho sombrio ilumina seu rosto. — Devagarzinho.

— O seu medo mortal e o desejo de matar do Selwyn — murmuro, lembrando que já vi isso antes, mas do outro lado da equação.

Quando Bree, Alice e eu estávamos do lado de fora do Lounge da Encruzilhada, na Geórgia, Sel também se curvou com o impacto de Nick no vínculo.

— Eu queria, de verdade, que o vínculo desse acesso a mais de uma emoção por vez — exclamo.

— Uma já é mais do que suficiente, acredite em mim. — Nick balança a cabeça. — Eu não queria estar na mira do Sel agora.

— É… — Larkin observa Nick se recompor. — Quem quer que seja essa alma infeliz, não vai durar muito neste mundo.

Percebo que esta é a primeira vez que Larkin presencia o preço que o Juramento de Mago-Real cobra de seu Juramentado. Nick fez a coisa certa ao lembrá-lo de que ele não sabe o que é isso, e de repente fico grato por Bree, onde quer que ela esteja, não sentir a raiva de Larkin.

Larkin observa Nick por mais um instante.

— Você parece satisfeito demais com o apetite do Kane por desmembramento.

— E estou mesmo. — Nick assente e fica de pé com um discreto e delirante sorriso. — Porque agora sabemos que eles estão bem, Bree *e* Sel.

— "Bem" é relativo — alerta Larkin. — "Bem" não é o mesmo que "a salvo".

— Não, não é.

Os olhos de Nick se voltam para mim, e não gosto do que vejo neles.

— Nick? — pergunto com cautela. — No que você está pensando?

Ele desvia o olhar, passando a língua pelo lábio inferior.

Larkin franze a testa.

— Herdeiro Davis?

Nick inspira fundo, endireitando os ombros até ficar completamente ereto. Quando solta o ar, longa e lentamente, sua armadura se desvanece, depois desaparece por completo, revelando a camisa azul-marinho larga, a calça jeans e a mão esquerda ainda enfaixada. Reconheço o ferimento no mesmo instante: é o corte raso que ele e Sel fizeram para caminhar pelo sangue até Bree.

Ainda não tive chance de curá-lo.

Quando Nick se vira, há algo na forma como ele trava o maxilar e retesa os ombros que nunca tinha visto antes: uma autoridade fria.

— Me entregue seu celular, Guarda Douglas.

Larkin se sobressalta.

— O quê?

— Seu celular. — Nick aponta com o queixo para o paletó de Larkin, a voz calma. — Esse aí, no bolso interno. O que usou para ligar para os Suseranos quando você e os outros estavam na Volição. Acredito que tenha outros números salvos, certo?

Larkin leva a mão ao bolso no mesmo instante.

— Tenho. Que outros números?

Nick olha fixamente para Larkin.

— É uma ordem, Guarda Douglas.

Larkin hesita por apenas um milissegundo antes de desbloquear o aparelho com o polegar e entregá-lo a Nick.

— Nick? — chamo.

O maxilar dele continua tenso.

— Temos que fazer isso, William.

— Isso o quê? — pergunto.

Nick navega pelo histórico do celular de Larkin e toca o botão de chamada. Quando uma voz atende, o rosto dele se transforma com um sorriso encantador.

— Regente Cestra. Quanto tempo.

Larkin e eu avançamos ao mesmo tempo em direção ao celular, mas Nick gira o ombro e se esquiva com facilidade. Do outro lado da linha, Cestra responde com uma reação contida de choque, antes que Nick continue.

— Sim, é o Herdeiro Davis.

Tento alcançá-lo de novo, mas desta vez Larkin me segura. Está ouvindo com atenção a voz baixa e irritada da Regente. Cestra nunca revogou a ordem de execução contra Nick, o que significa que ele acabou de ligar exatamente para a pessoa que enviou assassinos atrás dele.

E, mesmo assim, Nick ri, os olhos brilhando.

— O que *eu* quero? Bem… — Nick apoia uma das mãos sob o cotovelo. — O Conselho e eu temos muito a discutir, não acha?

As vogais longas, a entonação quase retórica… Assim que percebo quem esse tom familiar me lembra — Lorde Davis, o pai de Nick —, cerro o maxilar. Ouço Cestra gaguejar. Eu me pergunto se ela também consegue ouvir o falecido Vice-Rei Davis na voz do filho. Se isso a incomoda como me incomoda.

— Não acredito — murmura Larkin. — Não *acredito* nisso…

Ele passa as mãos pelo cabelo e começa a andar de um lado para o outro.

— Não, não acho que *vou* "escutar aqui" — fala Nick com leveza. — Na verdade, acho que é você quem *vai* ouvir o que *eu* tenho a dizer. Cada palavra.

Cestra retruca com um tom cortante, um grito indignado que soa como um "Por que eu faria isso?".

— Porque — diz Nick, com a voz envolvente, cheia de malícia e autoconfiança — estou falando com você e, por meio de você, com o Alto Conselho de Regentes. Como o Herdeiro Desperto da Linhagem de Lancelot, segundo cavaleiro da Távola Redonda e primeira lâmina do rei, invoco *curia conventus*.

Congelo, e Larkin xinga, sem conseguir acreditar. Ao ouvir o suspiro chocado de Cestra, o sorriso de Nick se amplia.

Tento me lembrar das regras de uma *curia*, mas faz séculos que nem *ouço* falar disso. É algo arcaico. Inédito…

— Conhece o termo, não conhece? — continua Nick. Uma pausa. — Conhece? Excelente. Então estamos combinados. Você, os outros Regentes e seus Senescais não têm escolha a não ser cumprir. Convoco vocês para uma audiência formal aqui na Fortaleza da Divisão do Norte, em três dias. — O sorriso dele é uma lâmina rápida e afiada que corta o calor do rosto, tornando-o frio. — Enquanto isso, por que não manda o Guarda Douglas e o Merlin aqui da Fortaleza me prenderem?

Ao meu lado, Larkin se engasga. Inspiro bruscamente, a tempo de ouvir o tom estridente da voz de Cestra.

— Por que me prenderiam? Além do fato de que nós dois sabemos que você dormiria melhor se eu fosse capturado? — pergunta Nick. — Ou, melhor ainda, se eu estivesse morto?

A voz dela se torna mais clara no alto-falante do celular.

— Herdeiro Davis, nós nunca…

Nick ri, a voz baixa e provocadora.

— Anda logo, Regente Cestra. Pode me prender. Você sabe que quer.

Cestra começa a responder, mas ele a interrompe.

— Tudo bem, deixemos de lado por um instante o seu plano nem um pouco secreto de me matar e me substituir pelo próximo Herdeiro elegível de Lancelot. Mesmo sem essa jogada de xadrez diabólica, acho que você e sua guarda provavelmente vão querer me prender por outra coisa. Um crime que ninguém pode contestar, muito menos eu, já que estou preparado para confessá-lo.

— E que crime seria esse? — pergunta Cestra.

Nick mantém o olhar fixo no meu ao responder, com a voz firme e clara:

— O assassinato do seu Guarda Maxwell Zhao.



VINTE E QUATRO HORAS

Após o desaparecimento de Briana Matthews

William

A FORTALEZA DA DIVISÃO DO NORTE, isolada da vizinha Charlottesville, com sua arquitetura gótica em cinza-escuro, sempre me pareceu desnecessariamente intimidadora. Talvez seja porque eu cresci numa cidadezinha tranquila do Sul.

Não ajuda o fato de a Fortaleza ter sua própria prisão.

Nick está sendo mantido ali e, embora não possa receber visitas, vim ver com meus próprios olhos o local que ele escolheu para se hospedar.

A torre da prisão é uma estrutura alta, estreita, de quatro lados, separada do prédio residencial principal, que tem dois andares. A porta de madeira é marrom-escura, com ferragens pretas e uma fechadura de metal pesada. *Pelo menos essa prisão tem cara de prisão,* penso. Ao contrário do Instituto, onde os Regentes mantiveram Bree e a mim presos. *Essa* parece um centro de conferência empresarial moderno. Estéril, claro e limpo, mas igualmente torturante.

Preferiria não ver mais um amigo ser confinado pela mesma Ordem à qual nascemos para servir. Queria que Bree estivesse confortável, onde quer que ela esteja agora. Como chegamos a esse ponto, em que consigo imaginar nossos inimigos tratando nosso rei melhor do que a própria liderança?

Uma proteção extra envolve a torre. Quando encosto a mão na magia, ela se ilumina, branco-azulada e elétrica… Então sou tomado por um profundo pavor. O desespero se agita em meu peito. Tiro a mão no mesmo instante — e a proteção volta a ficar quieta e invisível.

É uma barreira afetiva. Selwyn não as lança na nossa divisão, mas sei por que o Merlin da Fortaleza da Divisão do Norte faz isso.

Essas proteções não servem como barreiras físicas ou simples dissuasores, mas como punição severa a qualquer um — humano ou demônio — que toque sua superfície.

A Divisão do Sul é a casa mais antiga da Ordem. Foi projetada para abrigar a Linhagem de Arthur, o que significa que está protegida não só pelo Mago-Real, mas também pelo Herdeiro de Gawain. Outras divisões não podem se dar ao luxo de ver seus prisioneiros escaparem ou seus membros se ferirem de forma inesperada.

Aqui, eles precisam se curar da forma tradicional… ou nem se curam.

Não é justo que eu julgue as táticas de nossos colegas da Távola, especialmente quando foram empregadas, em parte, porque não estou presente entre eles. Mas, ainda assim, me pego julgando.

Meus dedos estão doendo até agora por causa da barreira. Eu a toquei por apenas um segundo e fiquei com um gosto forte na boca — a pungência metálica do medo e o amargor da bile e do tormento.

Quantos inocentes já tocaram essa proteção por acidente? Quantos vivem em segurança dentro dessas paredes, mas à base do medo?

Minhas perguntas silenciosas são interrompidas quando ouço uma voz familiar.

— William!

Samira Miller e Risa, a Merlin de cabelos escuros da Fortaleza, caminham na minha direção. Samira acena, e eu retribuo. Ambas, percebo, fazem um grande desvio em torno da barreira afetiva de Risa.

Samira, assim como muitos Suseranos, usa uma roupa tática. Hoje, está ostentando um broche de Bedivere na gola.

— Suserana Miller. Merlin Takada.

— Pode me chamar de Samira, Will — diz ela, com um sorriso tranquilo que se espalha por seu rosto marrom e caloroso.

Sempre que vejo Samira ou qualquer Suserano de perto, fico impressionado com o contraste entre os rostos e corpos e os cabelos grisalhos precoces. O custo visível de usar os poderes dos Lendários é um lembrete de que o Abatimento os espera.

— Herdeiro Sitterson — diz Risa com a voz baixa e polida. A mulher é musculosa, magra e está vestida com o preto e prata típico dos Merlins. Ela olha para a torre, depois de volta para mim. — O Herdeiro Davis não pode receber visitas.

— Eu sei. Não esperaria tanta gentileza quando o encarceramento é objetivamente desumano — respondo, e a encaro com uma expressão séria antes de continuar. — Só vim ver onde ele está sendo mantido.

Risa estreita os olhos.

— Não precisa se preocupar com o Herdeiro Davis. Ele está sendo bem tratado, com respeito e civilidade…

— Me preocupar em que sentido? — pergunto.

Ela franze a testa, unindo as sobrancelhas escuras.

— Admito que minhas barreiras ao redor da Fortaleza foram comprometidas pelo demônio que teletransportou o antigo Mago-Real Kane e a Herdeira da Coroa Matthews, mas já as reforcei. As barreiras afetivas ao redor da torre agora têm duas camadas e causam o triplo de dor. Infundi a primeira com dúvida e a segunda com terror. Seja lá quem for esse demônio misterioso, não acho que conseguiria passar para alcançar o Herdeiro Davis à noite…

— Acho que o Herdeiro Sitterson sabe que o Herdeiro Davis está *fisicamente* seguro, Merlin Takada — intervém Samira. — Ele não está questionando suas habilidades. A Linhagem de Gawain é de curandeiros, então suas preocupações costumam ser… — ela faz uma pausa, sorrindo para mim — …variadas.

Fico grato pela explicação, mas ainda me incomoda. Não *sabemos* do que esse demônio misterioso é capaz. Qualquer preocupação que eu tenha é *mais* do que justificada. E o encarceramento de Nick é desumano mesmo assim.

— Entendi — diz Risa.

Samira cruza os braços.

— Embora não tenhamos visto mais sinais desse demônio, houve mais avistamentos de Portais se abrindo. Os ataques de isels contra humanos estão aumentando. Os avistamentos mais recentes foram na Geórgia. Talvez seja melhor você pensar em levar alguns da sua divisão de volta pra casa, Will.

— Não vamos embora antes da *curia* do Nick — disparo, ríspido. — Sem chance. E se a Bree voltar? Ou o Sel? Precisamos estar aqui caso eles retornem.

— Já se passaram vinte e quatro horas…

— E todos os Lendários ainda têm seus poderes — retruco, fechando o punho e fazendo um bracelete se materializar no meu antebraço. Rapidamente o desfaço. — Bree ainda está viva. Ela pode escapar. Pode encontrar um jeito de voltar.

— Com todo o respeito, Herdeiro Sitterson, duvido que qualquer demônio forte o bastante para ultrapassar minhas barreiras também seja ao mesmo tempo fraco o suficiente para deixar alguém tão despreparada quanto a Herdeira da Coroa escapar — diz Risa, dando de ombros, desamparada.

— Com todo o respeito, Merlin Takada, você não conhece Bree Matthews — rebato, com acidez.

— Certo, certo, vamos respirar um pouco… — Samira ergue as duas mãos, tentando nos acalmar. — Me deixe falar com o Herdeiro Sitterson a sós, por favor. Risa, veja se consegue descobrir o horário que a Guarda dos Magos deve chegar. Precisamos continuar os preparativos para receber Regentes, mesmo que estejamos com menos pessoal.

Risa se enrijece.

— Claro, Suserana Miller. Preciso patrulhar o perímetro também — diz ela, checando a posição do sol no céu. — O Guarda Douglas deve estar saindo do turno da noite agora.

— Boa ideia — comenta Samira, com suavidade.

Risa faz que sim com a cabeça e corre para longe, seu corpo se tornando um borrão escuro.

— Perdão pelo comportamento dela, ela é jovem — murmura Samira, assim que a garota se afasta. — Foi designada à segunda divisão mais importante da Ordem aos dezesseis anos.

— Todos somos *jovens*, Samira — digo, com um suspiro. — Até você. Mas os Merlins amadurecem mais rápido que os próprios Lendários, e os cambions sempre parecem ter a idade deles e muitas outras ao mesmo tempo. Eternos, mesmo na juventude.

— É difícil imaginar que uma garota tão doce como Risa possa criar encantamentos tão devastadores — murmura Samira, parando ao meu lado e fazendo um gesto em direção à barreira invisível. — Esperava que as proteções aqui e na Geórgia fossem mais severas, mas isso não quer dizer que estou pronta para o impacto quando esbarro em uma delas por acidente. Mesmo quando eu era só uma jovem Escudeira, odiava passar perto. Tivemos uma Pajem sem a Visão que caiu em uma barreira afetiva uma vez. Nunca se recuperou completamente.

— Elas agem sem distinção alguma — falo, com o rosto retorcido e um embrulho no estômago. — Não posso compactuar com isso.

— Tem muita coisa acontecendo por aqui que nenhuma pessoa razoável aprovaria — diz ela, apontando para o ponto em que Risa desapareceu. — Belo acesso de raiva agora há pouco, aliás. Se eu não te conhecesse, quase acreditaria que você estava *mesmo* irritado com Risa. Facilitou bastante pra eu me livrar dela.

— Fico feliz em ajudar — digo. — Quanto ao temperamento, talvez Selwyn tenha me influenciado.

— Um curandeiro com um lado sarcástico? Fantástico. — Ela ri e se vira para mim, cruzando os braços. — Gillian disse que você queria falar comigo a sós?

— Eu quero. — Não consigo evitar o sorriso ao ver o brilho de travessura nos olhos castanhos dela. — Preciso te pedir um favor.

— Herdeiro Sitterson — diz Samira, arrastando as palavras —, tenho a sensação de que esse "favor" é algo imprudente, contra as regras e potencialmente perigoso.

— Receio que sejam as três coisas.

Samira sorri.

— Do que você precisa?



SESSENTA E DUAS HORAS

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Mariah

— MEU PAI SE REVIRARIA no túmulo se soubesse para onde estamos indo agora — resmungou tia Lu, encarando Valec do banco de trás do SUV caro dele.

— Mas ele não foi cremado? — pergunto, mal segurando o riso.

— Fica quieta, Mariah — rebate Lu. Sorrio ainda mais e me aconchego no banco do carona, sentindo o couro aquecido nas costas.

— É uma pergunta justa — comenta Valec, sorrindo ao meu lado no volante, os dentes brancos contrastando com a pele marrom-escura na penumbra do carro. Não há postes nessa estrada secundária. Ele olha para tia Lu pelo retrovisor. — Você guarda o velho Ephraim numa urna em cima da lareira, lá na sua casa com Hazel. Não mente pra mim.

Lu rebate na mesma hora:

— Você também pode engolir essa sua língua, Valechaz.

— Claro que posso. — Valec arrasta as palavras. — Logo depois de lembrar a você que eu estava lá quando Ephraim nasceu, então sei muito bem onde vocês o enfiaram quando morreu.

— Valec — pondero —, por que você sempre faz questão de lembrar aos outros que sabe onde os corpos estão enterrados?

Ele franze a testa como se eu tivesse acabado de dizer algo sem sentido.

— Porque *eu sei* onde os corpos estão enterrados.

— E onde foram cremados, pelo jeito — murmura Lu.

— Isso também — concorda Valec. Ele olha para Lu de novo. — Está com frio, Lucille? Liga o aquecimento do banco, sobrinha. Não comprei isso pra mim.

— Eu sei, eu sei — resmunga Lucille, apertando o botão na porta traseira.

É raro ver Lucille deixando Valec tratá-la como se *ele* fosse o mais velho e *ela* a pessoa que precisa ser cuidada. Ela vive reclamando dele, mas Valec é o único membro da família que tem permissão para mimá-la. Lucille jamais admitiria isso, mas eu percebo. E a esposa dela, minha tia Hazel, também percebe. E, pela forma como ele pisca para mim assim que Lucille liga o aquecimento do banco, Valec também percebe.

— Vai me obrigar a apertar o botão, Riah? Quem está perdendo calor é você, não eu.

Ele me encara por um instante e aperta o botão do aquecedor no meu lado com força, colocando-o no máximo.

— Tá bom, tá bom.

Tiro as mãos dos bolsos do casaco acolchoado e estendo as palmas abertas para a saída de ar. Meus dedos tremem um pouco. Cerro os punhos para acalmá-los, mas quando abro novamente as mãos, o tremor continua. Enfio as mãos de volta nos bolsos.

Observo Valec sob a luz fraca do painel. Fazia umas duas semanas que eu não o via, desde que saímos da casa da tia Hazel no interior. Hoje ele está usando uma versão mais discreta do seu visual de sempre para o Lounge da Encruzilhada: calça social cinza matizada e colete combinando, camisa social amarelo-ocre escura com as mangas dobradas até os cotovelos, e botas pretas elegantes, mas práticas. Os cachos escuros estão recém-lavados e penteados com gel. Suas bochechas têm aquele mesmo tom quente e marrom de sempre, os olhos de um castanho profundo, e as presas aparecem discretamente sob o lábio superior.

Para alguém do mundo humano comum, Valechaz parece um rapaz de dezenove anos, vestindo roupas caras e chiques, com um toque retrô, curtindo um passeio noturno com a família. Mas, na verdade, ele é um cambion de duzentos e cinco anos, meio humano e meio demônio, dirigindo com uma Médium de vinte anos e sua tia Grande Dama que lê auras, e atravessando fronteiras estaduais por motivos que nenhum humano comum poderia entender.

Valec percebe que o estou observando.

— Tudo certo aí, Riah?

Volto a olhar pelo para-brisa dianteiro. É uma noite sem lua. Com apenas os faróis de Valec nos guiando, parece que a linha branca no meio da estrada segue sem fim.

— Já estamos na estrada há seis horas. Acho que "tudo certo" passou há umas duas horas.

— Quase lá.

— Parece que estamos indo direto pra toca dos leões, é só isso — comento.

— Não, esses aí são só filhotes — murmura Valec. — Os leões mesmo só chegam amanhã. Dá tempo de entrar e sair rapidinho.

— Mas os Lendários vão estar lá mesmo assim — insisto. — Ainda tem três Merlins na propriedade. Selwyn…

Valec faz que sim com a cabeça.

— A garota que eles mandaram para essa divisão e…

— O garoto da Guarda dos Magos que estava na Volição — completa Lu do banco traseiro. — Aquele que ficou pra trás quando os outros fugiram.

Faço uma careta, me lembrando de quando os Merlins recuaram junto aos membros do Conselho, Erebus e Cestra. Qualquer satisfação que senti com a partida deles evaporou com a indignação por terem ousado violar a Volição. Por terem levado Bree. E tudo isso acabou ficando em segundo plano diante da preocupação com Alice e Sel, desacordados sob nossos cuidados.

— Claro que o guarda fugiu — murmura Valec. — Sem os superiores por perto, pra que ficar? Ainda mais depois que os ancestrais fizeram a terra tremer. Covardes. Bem que eu queria estar lá na hora pra *acabar com eles.*

— Tantos Merlins assim? A Guarda dos Magos? — Franzo a testa. — Eles podiam ter te matado.

— Eles podiam ter *tentado*, você quer dizer. — Valec dá uma risada baixa ao meu lado, virando o rosto para que eu veja seus olhos brilharem em vermelho. — Sou mais demônio do que toda a Guarda dos Magos junta, priminha.

Reviro os olhos, e ele ri. Valec e eu não somos parentes de sangue, mas *somos* família. Teoricamente. Os tataravós da minha tia Lu, por parte de mãe, são descendentes do meio-irmão humano de Valec… ou algo assim. Estreito os olhos para ele, tentando imaginar como seria encarar tantos Merlins de uma vez. Nunca o vi lutar, mas tia Lu sempre diz que ele é perigoso. Imagino que ter duzentos anos nas costas e ser meio demônio deve dar uma boa vantagem, até mesmo contra a Guarda dos Magos treinada pela Ordem. Ele já deu uma surra em Selwyn Kane uma vez. Foi o que me disseram. Sendo sincera, eu queria ter visto isso.

— E quanto à… — Valec passa a língua pelos dentes.

Ele não costuma hesitar. Nunca. Normalmente, Valec é descontraído e confiante, até quando está fora da sua zona de conforto. No entanto, leva um tempo para dizer as palavras seguintes. E antes mesmo de falar, eu já sei em quem ele está pensando.

Bree.

— E quanto àquela força toda? — pergunta ele.

— Você sabe tudo que a gente sabe — responde Lu do banco traseiro. — O que não é muito. Os Merlins armaram uma emboscada na Volição. Aquela mulher, Cestra, prendeu Bree, e foi por isso que os ancestrais quebraram a terra…

— Eu *sei* por que os ancestrais fizeram aquilo, Lucille. — Um músculo treme no maxilar de Valec.

Ele entende melhor do que ninguém o que alimentou a fúria dos ancestrais. Ele viveu a escravidão. Sobreviveu a ela. Ele é uma memória viva, e às vezes eu me esqueço disso.

É raro Lucille pedir desculpas, mas agora ela diz baixinho:

— Perdão, tio. Não quis ofender.

— Tudo bem — responde Valec com um sorriso tenso. — Entendo por que a Volição parece ter sido atingida por um terremoto. O que *não* entendo é o que aconteceu depois. Cestra e Erebus prenderam ela, o próprio *rei* deles?

— Sim, mas ela não era *só* Bree quando a levaram. Era Bree… — Faço uma pausa, sabendo que o correto a se fazer na tradição dos Artesãos de Raiz seria honrar o espírito vivo que possuía minha amiga, mas Arthur Pendragon não é um espírito que mereça meu respeito. — E Arthur.

Ele ergue a sobrancelha.

— Bree e Arthur.

Faço que sim.

— Possessão. Completa. Depois que ela o deixou entrar, não voltou mais.

— A Ordem não teria conseguido exorcizá-la — comenta ele.

— Não, não conseguiria — concorda tia Lu. — Ainda não sei pra onde Arthur mandou a menina, sendo sincera. Algum lugar profundo. Um lugar de onde uma médium não consegue voltar sozinha.

— Bree lutou contra ele — diz Valec, esperançoso. — Eu sei que lutou.

Balanço a cabeça.

— Você não estava lá. Não viu o que eu vi como médium. Aquele espírito é antigo e *forte* — respondo, me lembrando dos fios prateados nas têmporas de Bree. O toque constante de Arthur, sempre com ela. — Arthur já tinha reivindicado Bree como dele. *Estava* reivindicando a cada caminhada pelo sangue.

— Mariah está certa. Arthur era um espírito desgraçado mesmo. — Lucille faz um som de reprovação. — Ainda não entendo como aqueles garotos conseguiram trazer a Bree de volta. Um Mago-Real Lendário e um Herdeiro sem experiência em exorcismo?

Valec contrai a mandíbula.

— Os garotos podem ter ajudado a quebrar o controle de Arthur sobre Bree, onde quer que ela estivesse, mas não foram eles que a trouxeram de volta. Eu sei disso, e nem precisei estar lá pra saber. Não preciso da história inteira para entender que aquela menina voltou *sozinha*, e ainda trouxe os dois juntos. — Ele estreita os olhos, encarando a escuridão. — É aqui que viramos.

Valec dá seta para a esquerda e entra em uma estradinha pavimentada e estreita, com uma placa onde se lê PROPRIEDADE PARTICULAR. Algumas luzes de segurança fracas ficam entre as cercas vivas dos dois lados da estrada, mas só iluminam os pinheiros densos que se erguem bem acima de nós.

— Uma barreira de Merlin — avisa Lu. — Estou sentindo.

— Uhum, e eu consigo Ver — diz Valec, parando o carro e colocando o veículo em ponto morto. Ele aponta de um lado a outro do para-brisa. — É leve, mas está lá.

Aposto que deve circular o terreno inteiro. Vamos evitá-la. Ficar pelo lado de fora.

A Visão de Valec é melhor do que a nossa, já que ele é meio demônio, mas tia Lu consegue *sentir* a barreira de um jeito que eu não consigo. Como leitora de aura, ela é mais sensível à magia viva. Uma barreira nada mais é que um pedaço do lançador impregnado na magia. Já a barreira da Volição é mais minha área que dela. Médiuns lidam melhor com os que estão mortos de verdade e com a magia criada *por eles.*

Valec olha o relógio de bolso dourado e assente.

— Está quase na hora. — Ele desliga o motor. — Vamos andando daqui.

Faço uma careta.

— Está congelando lá fora.

— Tem mais casacos lá atrás.

Valec sai do carro e vai até o porta-malas, e eu, teimosa que só, afundo no assento e espero até ele voltar trazendo não só casacos de inverno compridos, mas também luvas e gorros grossos. Tia Lu e eu os vestimos enquanto Valec vai até a frente do carro, ouvindo coisas que não conseguimos escutar e observando coisas que não conseguimos enxergar.

Quando finalmente descemos, o ruído dos nossos passos quebra o silêncio. Valec não faz barulho algum ao se aproximar e oferecer o braço para tia Lu, que dá um tapinha brincalhão nele.

— Eu consigo andar sozinha, obrigada.

Valec não parece irritado nem surpreso. Normalmente ele responderia com uma provocação sobre ambos estarem ficando velhos, mas dessa vez não há bom humor algum em sua expressão. Quando ele nos entrega as lanternas, seus olhos brilham, vermelhos como os de um animal na escuridão.

— Deixem que eu vou na frente. Mantenham as lanternas apontadas para o chão, não importa o que acontecer.

Nós lhe obedecemos. Um ambiente como esse — mata fechada, escuridão total, frio de doer os ossos — é o território perfeito para um cambion. Não sinto exatamente medo. Sei que Valec nos protegeria, mas não estou acostumada a confrontos físicos. Nem um pouco. A maioria dos médiuns não se envolve muito na prática, por assim dizer. Nossos poderes não são tão chamativos quanto os de outros ramos da raiz. Nunca dei um soco, muito menos lutei contra um demônio.

Nem todo mundo é Bree Matthews.

A maioria dos médiuns não fala tão diretamente com seus próprios ancestrais como Bree consegue fazer. Nós captamos, interpretamos, imaginamos seus desejos ou necessidades. Bree pôde implorar diretamente pela ajuda de seus ancestrais durante o avivamento na Volição, e foi difícil não sentir inveja desse contato tão direto. A ancestral de Bree, Vera, pode não tê-la ajudado com suas habilidades como ela pediu, mas ao menos lhe mostrou uma direção clara, deixando evidente que Bree era a escolhida da família.

Não é que eu queira *ser* Bree, mas… às vezes, me pergunto como seria não apenas *ter* um plano, mas *ser* o próprio plano. Porque é isso que Bree é, o resultado da barganha dos

ancestrais dela, uma bomba-relógio marcada pelo sangue, a ponta da lança. Bree não é pensamento, ela é ação. Parece que não importa o que esteja enfrentando, ela consegue vencer. Bree Matthews nasceu para ser única. A pessoa certa, na hora certa, para fazer as escolhas certas.

O restante de nós só precisa dar um jeito de descobrir por conta própria. Precisamos nos preparar para o nosso momento, agir quando chegar a hora. Juntar os pedaços e torcer para que eles se encaixem.

— Vamos — chama Valec, conduzindo-nos pela escuridão.

O chão é firme sob nossos pés, iluminado pelos cones de luz amarelada das nossas duas lanternas. Não tenho ouvidos tão aguçados quanto os de um cambion, mas estou atenta, identificando… alguma coisa. Qualquer coisa. Em poucos minutos, Valec para.

— Por ali.

Ele aponta, mudando de direção, sentindo algo que não podemos sentir e nos levando para fora da estrada, entrando diretamente na floresta.

Nossos passos fazem mais barulho aqui, estalando galhos e folhas secas. Tem algo na floresta que espalha o som para todos os lados. Sei que somos nós que estamos fazendo barulho, mas as árvores devolvem os ecos como se fossem outros, fazendo a floresta parecer mais cheia. Mais perigosa.

Piso numa pinha e torço o tornozelo, mas Valec já está ao meu lado antes que eu tropece. Nem o vi se mover.

— Cuidado.

Assinto enquanto ele me ajuda, apertando meu cotovelo antes de tomar a frente de novo.

Não consigo sentir assinaturas mágicas como Bree, mas me pergunto se ela conseguiria perceber os finos fios dourados de magia começando a se acumular nos pulsos de Valec.

Abro a boca para perguntar por que ele está reunindo raiz, mas então percebo duas luzes verdes brilhantes, a uns quinze metros de distância, vindo em nossa direção. Elas estão mais ou menos na altura da cabeça e ficam piscando.

Meu coração dispara.

— Que merda é…

— Calma, Riah — murmura Valec. — Ele está exatamente onde disse que estaria.

Semicerro os olhos e paro ao lado de Valec. Agora ouço passos firmes e lentos. As luzes verdes se aproximam e cintilam duas vezes seguidas, como olhos piscando. Quando chegam perto o suficiente, percebo que são mesmo olhos. E eles pertencem à pessoa que viemos encontrar.

— Herdeiro Sitterson — diz Valec.

— Olá, Valechaz.

William Sitterson, o curandeiro com o sorriso gentil dos Lendários, surge da escuridão, mal iluminado pelas lanternas abaixadas. Ele observa cada um de nós com seus

olhos esmeralda brilhantes. O brilho é forte o suficiente para tingir as bochechas pálidas dele com um leve verde-neon.

— Mariah. Lucille. — diz ele. — Obrigado por virem.

Ele acena para nós duas, mas não estende a mão para nos cumprimentar, porque em seus braços, protegida junto ao peito, está a figura adormecida de Alice Chen.



Mariah

EU VI ALICE há poucos dias, e ela estava exatamente assim. Parada. Desfalecida. Alheia a tudo.

Alguém — William, suponho — limpou e vestiu a melhor amiga de Bree com uma calça confortável, sapatos macios e um casaco combinando. Até colocaram um gorro de lã cobrindo seu cabelo preto.

Sobre sua respiração pairam silenciosos e constantes fios de aether Lendário — prateados, azulados e finos. Eles sobem lentamente num ritmo constante saindo de seu nariz, subindo sem parar até desaparecerem na escuridão. Sobem, sobem e somem de novo.

— Puta meeerda… — sussurra Valec.

— O que está acontecendo? — pergunto, incrédula. — Não me diga que ela está respirando magia.

— Eu não queria… — começa William, franzindo o cenho. — Não sei…

Tia Lu solta um suspiro impaciente, e William desiste de explicar.

— Deixa eu dar uma olhada nela. — diz Lu.

Tentamos passar por Valec, mas ele estica o braço primeiro, nos detendo.

— Você está esperando alguém? — pergunta Valec, observando a floresta atrás de William.

— Não.

— Tem certeza? — Valec franze a testa. — Se conheço Kane, ele vai chegar num piscar de olhos…

— Sel se foi — dispara William.

— Se foi? — Os olhos de Valec se estreitam. — Como assim, "se foi"?

— Ele se foi, simples assim — responde William, exasperado. — Neste momento só há dois Merlins no local, e eles estão usando barreiras para proteger o perímetro e patrulhando os prédios. Consegui sair enquanto trocavam de turno. Temos uns quinze, vinte minutos.

Valec parece prestes a insistir para saber mais de Kane, mas pensa melhor e desiste.

— Tem razão. Não temos muito tempo.

Ele abaixa o braço, e tia Lu bufa, avançando como se não tivesse sido interrompida.

Ela olha para Alice, segurando a lanterna entre os dentes e murmura:

— Sei que você pediu pela Hazel, mas ela não pôde fazer essa viagem. Ficou preparando as coisas em casa. Ela é a diagnosticadora. Eu sou só uma enfermeira, na melhor das hipóteses.

Lu solta um ruído descontente ao deslizar a mão sob a franja de Alice, tocando a testa da garota. — Fria que nem gelo. A aura de vida dela está fraca, quase inexistente.

— Sim — confirma William, com as sobrancelhas franzidas. — A temperatura dela se mantém baixa. O ritmo cardíaco está estável e a respiração está regular. As pupilas estão dilatadas e reativas à luz, mas ela não responde a outros estímulos. Estava preocupado com desidratação e falta de nutrientes. Até procurei suprimentos para fazer um acesso intravenoso ou usar uma sonda, mas ela não está se deteriorando como seria esperado. Não tem escaras visíveis, nenhum sinal de coagulação. Não precisa comer nem beber. Não entendo, e um médico humano também não entenderia. Parece que está em coma, pelo menos até onde consigo dizer, mas não é como os livros descrevem. Acho que não percebe o que acontece ao redor dela. É como se estivesse… congelada num tipo de limbo. Talvez seja o aether que dei a ela que a esteja mantendo desse jeito? — Ele retorce os lábios, frustrado. — Porque a magia saindo da respiração dela *é* aether. Que eu lancei. Mas corpos humanos Primavidas não foram feitos pra absorver aether, então eu… não sei.

— E os pais dela? — pergunto. — Aquela desculpa de estar ocupada com as aulas já não engana mais ninguém…

William confirma com um aceno de cabeça.

— Tenho certeza disso. Os Suseranos que vigiam os pais dela também estão de olho no pai de Bree. São leais a Bree, mas existem protocolos para esse tipo de situação. Procedimentos que eu não consigo impedir quando… — Ele ergue os ombros num gesto de desamparo.

— Quando alguém inocente entra no caminho da Ordem da Távola Redonda? — completa Valec, com os olhos gélidos. — Sim, já ouvi falar desses tais *protocolos.*

— Os pais delas não vão se machucar — garante William. — Só sei disso.

Lu devolve a mão de Alice ao colo da garota, com uma expressão preocupada.

— Aquele número que Samira nos passou pra falar com você funciona? Hazel pode te ligar pra fazer mais perguntas sobre Alice?

— Claro que pode. — William olha para Alice com a testa franzida. — Já fiz tudo o que podia, tanto magicamente quanto clinicamente. Curei os ossos quebrados, a hemorragia interna, mas… eu… — Ele hesita, engolindo em seco. — Isso está além das minhas habilidades. A dra. Hazel é a única outra provisora em quem confio.

— Ela escuta muito isso — responde Lu, sem esconder o orgulho pelas conquistas da esposa. — E reconhecer as próprias limitações requer muita força.

— É, sim. — William faz uma careta. — Minhas limitações não param de crescer.

Dou um passo para a frente e estudo o rosto de Alice. Suas sobrancelhas escuras estão franzidas, como se estivesse tendo um pesadelo. Seguro a mão dela, e um leve choque passa de seus dedos frios para a minha palma. William percebe minha reação e me observa com mais atenção.

— O que houve? Você sentiu algo?

— Não sou curandeira, médica nem nada disso. — Abro um sorriso tenso, dando de ombros. — Mas sei reconhecer quando alguém já esteve perto demais da morte. — Olho novamente para Alice. — E parece que… ela esteve muito perto.

William engole em seco.

— Sim. — Seu olhar brilhante parece pulsar, mais intenso. — Esteve mesmo.

— O que é isso nos seus… hum… olhos? — pergunto, por fim.

William franze os lábios, corando de leve.

— Herdeiro de Gawain. Força máxima ao meio-dia e à meia-noite. — Ele se volta para Lucille. — Não queria me encontrar com vocês aqui sem minhas habilidades e defesas completas. Só por precaução.

— Precaução por quê, exatamente? — Lucille solta a mão de Alice.

— Caso eu precisasse lutar. — William se ajoelha, colocando Alice sentada no chão com todo o cuidado. Ele olha para mim e para tia Lu. — Vocês poderiam…?

Tia Lu se adianta no mesmo instante, sustentando a parte superior do corpo de Alice contra seu ombro. William murmura um agradecimento e se levanta, alongando as mãos agora livres se juntando a Valec, que vigia a floresta.

— Pedi pra encontrar vocês aqui porque fica além da última barreira de proteção — Explica o Lendário. — Não acho que encontraremos Crias Sombrias, mas depois do que aconteceu com Bree e Selwyn, não posso garantir.

Acabo sondando a floresta também, com receio de que um demônio surja das sombras.

— O que aconteceu com Bree e Kane? — pergunto, a tensão subindo pela minha coluna. Se *fôssemos* atacados agora, o que eu poderia fazer? O que *conseguiria* fazer? — Eu estava lá quando Samira ligou pra tia Lu, mas ela não contou muitas coisas.

— E eu *não* estava lá — diz Valec, irritado. — Então por que você não conta tudo pra mim agora?

William umedece os lábios e explica:

— Há pouco mais de dois dias, Selwyn estava trancado numa sala protegida por barreiras. Ele já estava sucumbindo, e estávamos monitorando seu estado.

Valec solta um ruído baixo, mas não interrompe.

— Quando fomos verificar o Sel — continua William —, a sala estava vazia. Corremos atrás da Bree e a encontramos lá fora com… uma figura.

— Uma figura? — pergunta Valec.

— Que tipo de figura? — completa tia Lu.

William retorce os lábios.

— Não conseguimos ver o rosto dele. Aconteceu tudo muito rápido. Quando eu cheguei perto, Bree e a figura tinham sumido.

— Simplesmente desapareceram? — pergunto, franzindo a testa e olhando para Valec. — Tipo o Louis, o segurança do Encruzilhada?

Valec cruza os braços, unindo as sobrancelhas escuras.

— Louis é um bruxo. Um humano que barganhou pelos próprios poderes. O uchel com quem ele fez o pacto podia fazer saltos curtos, pequenas distâncias. Mas nunca ouvi falar de outro demônio que pudesse se teletransportar de verdade. — Valec se volta para William. — Não deixaram nenhuma pista?

— Nada significativo. — William tensiona o maxilar. — Um pouco de aether.

— De que cor?

— Preto. Que nem fumaça. Nunca vi nada daquele jeito.

Um músculo próximo ao olho de Valec se retorce. Para qualquer outra pessoa, sua expressão não teria mudado, mas Lu e eu sabemos como Valec fica quando uma ideia ganha força dentro dele. Quando pisco, o movimento some e o rosto dele volta a ser indiferente e crítico.

— Um mistério, então.

A sutileza nas palavras de Valec talvez funcionasse com um desconhecido, mas William Sitterson é observador. Ele semicerra os olhos verdes brilhantes.

— Você já ouviu falar desse demônio, né?

— Mas por que você perguntaria isso? — questiona Valec com falsa inocência. — Acha que tive algo a ver com o sequestro da Briana?

— Não. — William inclina a cabeça. — Mas acho que talvez você saiba quem a levou.

Valec sorri.

— Olha aqui, Herdeiro, você não pode me acusar de conhecer todos os outros demônios só porque sou meio demônio. — Ele leva a mão ao peito, fingindo estar ofendido, mas há algo por trás desse gesto. Uma tensão no canto dos olhos. Fico preocupada, pois se eu notei, William certamente também notou.

— Valec — insiste William.

— Isso é um estereótipo. — Valec faz um som de reprovação. — Quando é que nós, como sociedade, vamos superar esses preconceitos mesquinhos…

— *Valec* — dispara William, ríspido.

O curandeiro consegue enxergar por trás do teatrinho de Valec.

O rosto de Valec fica perigosamente imóvel.

— William.

O curandeiro dá um passo em direção a ele, baixando a voz.

— Bree e Sel são meus *amigos*. Estão em *perigo*. E dá pra ver claramente que você sabe quem os levou. Quem foi? Alguém com quem você trabalha, alguém de quem já ouviu falar, alguém que você… — William para de falar de repente, arregalando os olhos. — Espera aí… espera… Por que eu não pensei nisso antes?

— Pensou no quê? — pergunta Valec, com um tom impassível. — Por que você não compartilha com a turma?

Ao meu lado, tia Lu também está completamente imóvel. Alterno meu olhar entre Valec e Lu, me perguntando o que estou deixando passar. Eu me sinto mais excluída do que nunca, mas fico em silêncio, pois está claro que William está perto de descobrir algo que minha família não quer revelar.

— O… — Os olhos de William se movem rapidamente enquanto ele pensa. Quando finalmente encontra o que procurava, seus olhos verdes brilham com intensidade. — O Caçador.

Enrijeço. O Caçador é o bicho-papão dos Artesãos de Raiz. *Nosso* bicho-papão. Não costumamos ouvir pessoas de fora dizendo esse nome, e William só conhece o demônio porque tia Lu falou para Bree e os amigos dela — incluindo William — que havia rumores sobre ele ter voltado à ativa. Nosso monstro, à espreita.

Valec tenta dar uma de desentendido de novo.

— Quem é o Caçador?

— Você está tentando me distrair — murmura William, olhando de Lu para Valec. — Vocês dois sabem quem ele é. *Vocês* mesmos contaram para a gente. O demônio antigo e sedento por poder que vocês pediram para Bree enfrentar quando controlasse os poderes dela. Que caça Artesãos de Raiz pra roubar seus poderes. Valec descobriu a marca de sangue no corpo da Bree e disse que ele a procuraria um dia, que ela *devia* algo a ele. — William dá um passo à frente. — Foi ele, não foi? O Caçador achou a Bree e a levou.

Algo dentro de Valec se rende, e a tensão desaparece. Ele solta um suspiro longo e olha para Alice como se a garota tivesse repentinamente capturado sua atenção.

— Você está nos pedindo um favor grande demais, Herdeiro — diz Valec. — Receber Alice Chen entre os nossos. Procurar uma cura para a condição dela…

William franze a testa, confuso.

— Sim, eu sei, mas o Caçador…

— Não me leve a mal, eu *gosto* da Chen — continua Valec, se aproximando de William, a mão no bolso do colete. — Alice é amiga de Bree, e nós também somos, e é por isso que estamos aqui hoje… mas, se a acolhermos, preciso que você entenda que é um favor que faremos *a ela e à Bree,* não a você nem à Ordem.

Um pouco atordoado, William tenta processar as palavras de Valec… e as perguntas que ele claramente está tentando evitar.

— Eu entendo. Sei que estou pedindo muito, só… — William arqueia as sobrancelhas. — Valec, você está ameaçando voltar atrás na sua palavra?

— Não — responde Valec, dando de ombros. — Mas por que eu deveria ajudá-la? Me relembre.

— Porque ela merece estar em segurança — insiste William. — E eu não consigo mantê-la segura aqui. Não mais. — Seus olhos estão tão verdes que as pupilas parecem algas escuras no fundo do mar. — Posso prometer alguma coisa em troca. Qualquer coisa. Um acordo, uma troca ou…

Quando Valec ergue a mão, seus olhos brilham num tom de vermelho antes de voltarem ao castanho. É assim que percebo que esse Herdeiro Lendário acabou de cair na armadilha de Valec.

— Acordos são uma via de mão dupla — entoa Valec. — Eles exigem pedidos formais e trocas equivalentes. Um contrato oficial. Não estou pronto para me comprometer com você, mas *estou* pronto para dizer que você *me deve uma*, curandeiro. Tudo bem ficarmos assim?

William é esperto o suficiente para não concordar logo de cara com algo tão vago, mas quando olha para Alice, franze as sobrancelhas claras, como se a visão do corpo dela, curado, mas inconsciente, o desestabilizasse. Quando ele ergue os olhos de novo, sua expressão está firme.

— Vou precisar de garantias. Nada que machuque qualquer outra pessoa, fisicamente ou emocionalmente.

Valec pensa rápido, em especial quando se trata de acordos.

— "Nada que machuque qualquer *outra* pessoa, fisicamente ou emocionalmente." Mas machucar você está permitido?

William ergue o queixo.

— Você ouviu o que eu disse.

— E ouvi o que você *não* disse. — Há um leve tom de admiração na risada de Valec. — Bem *Herdeiro de Gawain* da sua parte, curandeiro. Só por causa dos seus termos, que respeito muito, vou te dar um bônus: não vou pedir nada que machuque *você* também. Que tal?

William concorda com um aceno breve.

— Fechado.

— Fechado. — Valec estende a mão, com um sorriso amigável.

William aperta a mão de Valec, que a segura com firmeza. O verde nos olhos do Curandeiro escurece.

Valec se aproxima e diz, num sussurro hipnótico:

— Você é um rapaz muito esperto, William Sitterson. E eu gostaria mesmo que você não tivesse se lembrado do que eu te disse sobre o Caçador e as marcas de sangue. Que inferno, eu não deveria ter deixado essa informação escapar na frente de um Herdeiro Lendário. Então, acredite ou não, a culpa é minha, não sua. Ainda assim — a voz dele ganha um tom grave e ressonante, e as vibrações me fazem cerrar os dentes, mesmo que

a magia não esteja sendo direcionada a mim —, preciso que você esqueça o que acabou de dizer sobre o Caçador, Herdeiro, e tudo o que ouviu de mim e da Lu naquela noite no Encruzilhada, quem é aquele demônio e quem ele caça para obter poder. Pode fazer isso?

Isso é mesmerização, eu penso. Tenho certeza. Nunca vi um Merlin fazer isso, mas tia Lu me alertou a respeito dessa prática quando me contava histórias sobre Merlins que caçavam Artesãos de Raiz. O que eles fazem com usuários "rebeldes" de aether como nós. Mas isso é coisa de Merlin. Valec *não* é um Merlin… Ainda assim…

William franze as sobrancelhas, como se tentasse resistir à sugestão de Valec, mas sua voz sai calma quando responde:

— Sim.

— E… — As palavras seguintes de Valec saem com dificuldade, entre respirações pesadas. Ele está pagando um preço por essa magia. Exige esforço. Exige foco. — Também preciso que você esqueça que o Caçador é o conjurador da marca de sangue de Briana Matthews. Pode fazer isso?

William assente, letárgico.

— Sim, claro.

Satisfeito, Valec retira lentamente a mão. Está ofegante e com o semblante tenso.

— Obrigado, Herdeiro.

William pisca uma vez, duas, então balança a cabeça e pigarreia.

— O que eu estava dizendo? Desculpe.

— Não se preocupe — diz Valec, com tranquilidade. — Vamos levar Alice. Você concordou que ficaria me devendo uma, com garantias, e selamos o acordo com um aperto de mão.

— Certo. — William assente, a lembrança aparentemente intacta. Ele percebe a respiração alterada de Valec. — Você está bem?

Valec faz que sim com um breve aceno de cabeça. Lu desvia o olhar e se afasta. A culpa que sente é evidente, e eu também a sinto. É doloroso ver William perguntar se Valec está bem, logo após ser mesmerizado por ele. Começo a sentir uma pontada de raiva. William é uma pessoa boa, e Valec violou seu próprio código ao retirar uma lembrança sem consentimento.

— Pois é, Valec — pergunto —, você *está* bem?

Valec me encara ao responder a pergunta de William.

— Bem até demais.

William parece confuso, mas insiste:

— E você garante a segurança de Alice? De qualquer um que venha atrás dela?

— Claro que sim. Ela será tratada como se fosse uma de nós — afirma Valec. Antes que William possa continuar, ele ergue a cabeça de repente, olhando por cima do ombro do Herdeiro. Então sibila, os lábios retraídos revelando as presas, a voz em um tom mais grave. — Temos companhia.

Meu coração dispara ao ver os fios dourados de raiz ao redor do corpo de Valec. William se vira, olhos alertas e corpo retesado. O Herdeiro se posiciona ao lado de

Valec, ambas as palmas abertas enquanto aether branco-azulado rodopia em suas mãos. Até tia Lu mudou de posição, colocando-se entre a floresta e Alice, a mão estendida.

Todos reagem *no mesmo instante*, prontos para enfrentar o desconhecido. Uma vergonha profunda me invade diante da minha paralisia. Estou imóvel, de mãos vazias, respiração ofegante e olhos arregalados, enquanto todos os outros se preparam para uma luta.

— William, pra trás!

Uma voz com sotaque quebra o silêncio enquanto o recém-chegado se revela, surgindo num borrão diante de William para nos confrontar.

É o guarda que Cestra e Erebus deixaram para trás na Volição, Larkin. Está usando praticamente as mesmas roupas de dias atrás: traje totalmente preto com detalhes prateados, botas escuras e uma túnica preta com capuz. Na palma das mãos há dois pequenos tornados de aether girando, brilhando ainda mais enquanto ele avalia rapidamente a cena à sua frente — eu, Lu e Alice no chão, William — antes de lançar um olhar penetrante para Valec. — Não se mexam.

— Larkin, não… — diz William depressa. — Não é o que você está pensando.

Larkin rosna para Valec.

— O que você está fazendo aqui?

— William nos convidou. Reclama com ele — responde Valec, descontraído.

O olhar de Larkin salta de volta para mim e Lu, mas seu corpo não relaxa nem um pouco.

— Sei quem vocês são — anuncia Larkin, mexendo os dedos ao lado do corpo. — Mas acho que ainda não fomos apresentados.

Valec sorri, os fios dourados de raiz serpenteando pelos antebraços numa camada fina.

— Você se lembraria de mim.

— William — repete Larkin, seco. — Explique-se.

O Curandeiro desfaz seu aether antes de responder, mas o de Larkin ainda crepita nas mãos dele.

— Alice precisa de mais ajuda do que eu posso oferecer, e ela não pode estar aqui quando os Regentes chegarem amanhã. Nick pode estar protegido pelo ritual da *curia*, mas Alice não tem proteção nenhuma. Eu pedi um favor a ele, para protegê-la.

— Você chamou um goruchel pra cá?! — exclama Larkin. — Você perdeu o juízo?

Valec pigarreia e ergue a mão, que agora brilha.

— Não sou um goruchel, obrigado. Sou um cambion equilibrado. Meu nome é Valechaz.

Larkin estreita os olhos.

— Já ouvi falar de você. É o negociador de poderes de Geórgia.

— Uau, sou famoso entre a Guarda dos Magos? — O sorriso de Valec se alarga. — Que honra.

— Não é honra nenhuma. A gente deixa você tocar seus negócios desde que fique longe dos nossos — responde Larkin.

O sorriso de Valec desaparece.

— Isso é uma ameaça?

— Não — retruca Larkin. — É um lembrete.

Valec passa a língua por uma das presas.

— Imagino que vocês precisem fazer esses *lembretes* de vez em quando hoje em dia, né? Com o time todo tão desfalcado.

Larkin se enrijece, e Valec volta a sorrir. Algo não dito paira entre os dois, e a tensão se intensifica, como se disputassem quem vai quebrar o silêncio primeiro. Larkin cede antes de Valec.

— Se você sabe de alguma coisa, sugiro que fale.

— Vocês viraram agentes da imigração agora também? — ironiza Valec. — Achei que fossem só policiais.

Faíscas de aether explodem nos dedos de Larkin.

— Não estou brincando, negociador…

— Tá bom, tá bom. — Valec ri. — Pode baixar a guarda, Segurança Nacional.

William se coloca entre os dois.

— Larkin, chega. Não é hora de brigar. Ele veio resgatar a Alice. Você sabe o que os Regentes vão fazer se voltarem aqui e encontrarem entre os Lendários a garota que já mesmerizaram uma vez. E ainda mais num coma mágico que nem *eu* entendo direito.

Larkin solta um grunhido de frustração.

— Não acredito que você fez isso pelas minhas costas. Podia ter me avisado…

— E tirar sua chance de fingir que não sabia? — rebate William. — Não queria te colocar em mais uma situação em que precisasse mentir.

— Bem, agora ele vai ter que mentir de qualquer jeito — murmura tia Lu.

— Sim — concorda Larkin —, vou mesmo. Mas pelo menos eu saberia a verdade. Amanhã eu teria notado que a Chen sumiu, Will. E aí?

— Eu iria te contar — responde William —, diria que pedi um favor. Só não falaria os nomes de Valec, Mariah e Lu para *protegê-los* da Ordem.

— Obrigada — diz Lu.

Suspiro.

— Valeu a tentativa, ao menos. Agora esse guarda sabe que Artesãos de Raiz estiveram aqui. E os Regentes podem descobrir.

— Eles não vão descobrir. Larkin não vai abrir a boca — afirma Valec. — Vai, escocês?

Larkin ignora Valec, mas não o contradiz. Em vez disso, encara William e desfaz as chamas nas mãos.

— Então você ainda teria mentido pra mim por omissão?

— Alice é minha *paciente* — afirma William. — Tenho que fazer o que é melhor pra ela.

— Do jeito que você fala, *todo mundo* é seu paciente! — exclama Larkin, balançando a cabeça.

— Talvez seja mesmo! — rebate William. Ele passa a mão pelo cabelo, a frustração visível em seu rosto. — Não escondi isso de você pra te machucar…

— Não, você escondeu porque não confia em mim — retruca Larkin, ríspido.

Tia Lu arregala os olhos, e Valec solta um assovio.

— Bem, parece que a conversa *mudou* de rumo. — Ele por fim libera sua raiz e ergue as mãos. — Temos que voltar para a estrada se quisermos chegar em casa antes do amanhecer. Vamos partir com a Chen, e deixar vocês continuarem essa DR em paz.

— Não somos namorados — respondem os dois garotos em uníssono, e até tia Lu balança a cabeça, se divertindo.

Valec dá uma piscadinha.

— Aham, claro. — Ele se vira para mim. — Mariah, Lu, vamos andando.

Com delicadeza, Valec se abaixa e ergue Alice nos braços. Ele carrega a melhor amiga de Bree como se não pesasse nada, como se fosse algo precioso.

— Espera aí. — William se aproxima e apoia a mão com cuidado na sobrancelha de Alice. Ele ajeita o gorro para cobrir as orelhas dela e ajusta a gola do casaco. — Por favor, peça à Hazel que me ligue se tiver dúvidas. Ou mande mensagem. Eu respondo assim que puder.

Lu fica de pé, apertando meu ombro.

— Pode deixar.

William dá um passo atrás, como se essa fosse a única forma de nos deixar ir. *Alice é minha paciente*.

— Obrigada, Will — digo baixinho enquanto os outros se viram em direção ao carro. — Por tê-la protegido.

Ele assente e diz uma última coisa antes de partirmos.

— Se tiver notícias da Bree ou do Sel, ou se eles encontrarem vocês…

— A gente avisa — respondo, mesmo sabendo que é uma promessa difícil de cumprir.

Aceno e me junto a Lu e Valec no caminho de volta pela floresta, ligando minha lanterna para iluminar o trajeto. Ouço os passos de William e a voz de Larkin enquanto eles se afastam na direção oposta.

Nós três não dizemos uma palavra até que Alice esteja acomodada no banco de trás, com a cabeça no colo de Lu, as portas fechadas. Ninguém dá um pio até voltarmos para a estrada principal. Só então Lu quebra o silêncio:

— Pensei que só Merlins pudessem mesmerizar alguém, Valechaz — diz ela, baixinho.

— Eles também pensam assim — responde Valec.

— Como você… — pergunto, mas Valec balança a cabeça.

— História longa e não é urgente — responde ele. — Te conto depois.

— Não, você vai contar agora — afirmo. — Você tirou as memórias do William, Valechaz. Fez algo sem o consentimento dele. Você nunca faz esse tipo de coisa. Como *pôde*…

— Não gostei nem um pouco de fazer isso, Riah! — rebate Valec, irritado, apertando o volante com força. — Vou me desculpar com o Will e restaurar as memórias dele quando tudo se resolver. Eu vou explicar…

— Quando o quê se resolver? — insisto. — Explicar o quê?

— Você acha, de verdade, que pode ter sido o Caçador que levou Bree e o Mago-Real? — pergunta tia Lu.

Valec assente.

— Acho.

— E por que você não queria que William soubesse disso? — Dou de ombros. — Não seria melhor os Lendários saberem também? Eles têm poder de fogo pra ir atrás dele.

— Eles *acham* que têm — diz Valec, a voz firme. — Mas não têm. Apaguei a memória de Will porque, se a Ordem descobrir que o Caçador pegou a Bree, o rei deles, eles vão se mobilizar pra buscá-la. Mesmo sem ordem dos Regentes, esses garotos vão se lançar numa missão suicida. Você viu a integridade daquele Curandeiro lá atrás? Ele e o Herdeiro de Lancelot bolariam algum plano pra ir atrás do Caçador. E não podemos nos dar ao luxo de permitir isso, porque aquele demônio é um predador alfa, e se a Ordem perceber isso, vão fazer o que todo humano faz quando topa com um monstro que não consegue vencer.

— Que é…? — murmuro.

— Ir atrás da presa dele. — Valec me lança um olhar antes de encarar a estrada de novo. — Procurar a fonte de alimento do monstro, ou para eliminá-la, ou para usá-la como isca para encurralar o demônio. — Ele aponta com o polegar para trás. — Você ouviu o Will. Ele já estava quase concluindo isso sozinho, perguntando o que a gente sabia. Ele não faz ideia do demônio com que está mexendo, nem do que o nosso povo tem feito há gerações para tentar *sobreviver* a ele.

Um medo silencioso cresce dentro de mim ao mesmo tempo que sinto um profundo alívio por Valec compreender a situação.

— E o Caçador precisa…

— De aether. — Lu estremece. — De muito aether. E de seres humanos. Demônios precisam dos dois pra existir neste plano, e quanto mais antigo e poderoso o demônio for, mais insaciável ele é.

Valec faz que sim com a cabeça.

— *Ainda mais* para os seres humanos que conseguem acessar uma fonte quase infinita de raiz quando se conectam com seus ancestrais.

— Artesãos de Raiz — sussurro. — Se a Ordem descobrir que o Caçador roubou o rei deles, cedo ou tarde vão atrás dos Artesãos de Raiz para atraí-lo, porque somos a presa dele.

Lu solta um palavrão baixo.

— Você pensou rápido, Valechaz, para proteger todos nós.

— Eles já vieram para a Volição uma vez — diz Valec. — E você ouviu aquele guarda. Eles estão só esperando um motivo para vir atrás de mim. De nós. Não podemos entregar essa chance de bandeja.

Sinto um nó na garganta.

— Mas e a Bree?

— Ela concordou em enfrentar o Caçador para nos proteger — lembra tia Lu. — Talvez ela tenha ido com ele voluntariamente.

Valec balança a cabeça.

— Ela disse que faria isso depois de aprender a controlar os próprios poderes. Ela ainda não tem controle. E, mesmo que tivesse, ir a qualquer lugar com o demônio que te marcou com sangue é loucura. Ir voluntariamente com o *Caçador* é uma sentença de morte. Bree é esperta demais para isso.

— Talvez ela tenha ido por outro motivo — digo, indignada e furiosa de repente. — Não significa que ele tenha o direito de roubar o poder dela. Matá-la para ficar mais forte e voltar para pegar a gente, sem ninguém poderoso o suficiente para detê-lo. E eu não gosto do Sel, mas… por que o Caçador levaria *ele*? O que ele está planejando? Deveríamos ter escutado o Will para descobrir mais. Os Lendários…

— Não. — Valec tamborila no volante.

— Valec! — exclamo. — Não podemos deixar a Bree morrer! Ela é… ela é… — A escolhida. O plano. A ação.

— Não vou deixar o poço de energia morrer.

— Como? — pergunto.

Olho de Valec para Lu, que já estão se encarando pelo retrovisor. Após um momento de conversa silenciosa entre eles, Valec assente.

— Bom, sobrinha — diz Valec, com um olhar decidido —, é o seguinte, se *alguém* vai atrás do poço de energia, do Kane e do Caçador… esse alguém serei eu.



QUARENTA E OITO HORAS

Após o aparecimento de Selwyn Kane

Natasia

GRAVAÇÃO DE ÁUDIO — ENTRADA Nº 1

Meu filho está comigo. Após treze anos*, meu filho está comigo. Aqui, na minha casa.*

Mas Selwyn não está acordado — nem em repouso. Erebus disse que foi forçado a sedar meu filho para conseguir controlá-lo, e, após dois dias, eu entendo o porquê.

Selwyn está inconsciente desde o momento em que surgiu na minha sala, mas sua mente e corpo vêm travando uma batalha cada vez mais intensa contra algo invisível. O suor escorre pelo rosto e pelo corpo dele, ensopando os lençóis. Ele se debate violentamente, e já deixou uma marca do tamanho de um punho na parede do quarto de hóspedes. Suas garras negras se contraem e se esticam, abrindo cortes profundos nas próprias palmas, que se curam em seguida. As sobrancelhas estão franzidas, numa expressão de fúria. Eu falo com ele, mas ele não me ouve. Só me responde com rosnados e gemidos ininteligíveis. Meu filho está fervendo numa raiva silenciosa, lutando contra um adversário que não consigo enxergar… e tudo que posso fazer é esperar enquanto o feitiço sedativo de Erebus continua se desgastando.

Se Selwyn está assim mesmo desacordado, o que ele poderia fazer desperto? Talvez eu nunca descubra. Erebus afirmou que ele sucumbiu à demonia, mas é cedo demais, ele é jovem demais, essa queda é violenta demais…

O tapete da sala já está gasto de tanto que ando de um lado para outro. Tenho vivido basicamente de adrenalina e cafeína — uma péssima combinação.

Talvez seja meu estado emocional que me fez buscar este gravador, para iniciar um novo arquivo de anotações e observações — para me dar a segurança da distância acadêmica. Qualquer coisa é melhor do que o silêncio e a agonia dos últimos dois dias, e não posso continuar me preocupando desse jeito. O tapete não vai sobreviver.

Então. [Exalação lenta.] *Anotações e observações. Deixe-me começar:*

Mesmo agora, Selwyn é impressionante. Alto. Forte. O cabelo tão escuro quanto o meu. Mesmo inconsciente, percebo que sua afinidade com o aether é precisa e poderosa — que ele é poderoso. Pelas mãos calejadas e corpo atlético, vejo que aprendeu muito. Viveu muito. Lutou muito. Mas há outros detalhes que eu não esperava:

Em algum momento, ele começou a fazer tatuagens. Tatuagens! *Ambos temos a marca do Merlin, mas ele expandiu o símbolo que compartilhamos, inscrevendo sua própria história na pele com linhas de tinta. E as orelhas! Estão perfuradas com alargadores pretos e grossos. Como ele já tem idade suficiente para ter tatuagens e piercings? Ele fez sozinho? Foi com amigos? Ele tem alguém? Uma pessoa que ele ame e que o ame também? Essa pessoa* sabe *da condição atual dele? Está preocupada?*

Enquanto faço vigília ao lado da cama de Selwyn, milhões de perguntas passam pela minha cabeça. Perguntas antigas misturadas às novas. E junto a essas questões, a culpa por tê-lo abandonado torna tudo… confuso. E doloroso.

A última vez que passei um tempo com meu filho, ele tinha cinco anos. Era curioso. Brilhante. Falante. O menino que Selwyn era quando os Regentes me levaram embora já desapareceu há muito tempo. Não sei se aquele garoto um dia vai voltar — se a demonia afastou essa criança para sempre, ou se a Ordem roubou a inocência dele anos atrás…

Talvez eu deva deixar as especulações para outro momento. Outra gravação.

Selwyn nasceu Merlin, mas, como todos os Merlins, nasceu com uma identidade fragmentada. Desde o nascimento, as partes pequenas e quebradas de nós que são demoníacas, *as partes que não estão exatamente vivas como os humanos estão neste plano, vivem nos cantos da nossa mente, testando os limites, manipulando nossa consciência. Nossos demônios são famintos, lancinantes, persistentes… e pacientes. Porque um dia, cedo ou tarde, eles se manifestam. Exatamente como o demônio de Selwyn agora se manifestou… muito mais cedo na vida dele do que eu teria imaginado.*

Fico feliz que seja eu a vigiar seu repouso, em vez de algum amigo humano ou mesmo seu vínculo, Nicholas. Imagino que ele assustaria um humano agora, incluindo os Herdeiros e Escudeiros Lendários sob sua supervisão. É melhor que não o vejam assim. Do jeito que ele está, quando acordar, verá apenas as emoções que seu corpo e mente agora desejam. Só posso esperar que ele me reconheça, que saiba que sou sua mãe… e a mulher que o abandonou por motivos que ele não compreende.

A Ordem não reconhece Merlins que sucumbem. Para eles, nós dois somos "os sucumbidos". Para eles, somos almas perdidas.

Eles estão errados.

Ao contrário da sociedade que orquestrou tanto minha concepção quanto a dele, garantindo nossa força e poder e nos descartando depois, espero que Selwyn me reconheça assim como eu o reconhecerei — por completo.

Mas não foi por isso que comecei esta gravação. [Suspiro audível.]

Continuo perdendo o rumo dos meus pensamentos. Que tipo de cientista eu sou? Que tipo de acadêmica?

Me pergunto isso… e ainda assim, talvez eu deva ter paciência comigo mesma. Se Faye estivesse aqui, ela me lembraria de que não sou apenas uma cientista. Não sou apenas uma acadêmica. Nem mesmo só uma Merlin. Ela diria que sou todas essas coisas — e que também sou mãe.

Então, aqui estão os detalhes do momento em que meu filho voltou para mim, o melhor que consigo lembrar:

Tenho uma cabana próxima das linhas de ley que atravessam os Montes Apalaches. É a mesma linha que passa pelas montanhas Cambrianas, no País de Gales, ideal para estudar os Portais. Como em todos os esconderijos, não fico aqui por muito tempo — mantenho visitas breves para não me acomodar demais em nenhum lugar. Também mando cartas para Faye… [pigarro]. *Perdão, quando Faye era viva, eu* mandava *cartas codificadas avisando-a sobre minhas visitas. E nas poucas vezes em que nos vimos ao longo dos anos, ambas entendíamos por que eu não podia revelar a localização dos meus esconderijos. E nos meses desde… desde que ela partiu, me mudei cinco vezes, talvez por paranoia minha, depois de me expor à filha de Faye enquanto ainda estava tomada pelo luto. Essa paranoia aumentou quando senti Martin Davis morrer por meio do nosso vínculo de Mago-Real. Depois da morte de Martin, me esforcei ao máximo para não ver nem ser vista por ninguém. Fui cuidadosa. Extremamente cautelosa.*

Digo tudo isso para explicar que não há, simplesmente, nenhuma explicação racional para como Erebus Varelian descobriu minha localização atual.

Erebus só seria capaz de me encontrar tão rápido e de uma forma tão precisa se estivesse me observando constantemente há algum tempo… e não consigo compreender isso. Ele é um Mago Senescal, e eu sou, aos olhos da Ordem, uma criminosa encarcerada. Se Erebus tem me observado, então deve saber que escapei das profundezas da mais notória Prisão das Sombras da Ordem. Mas ele escolheu não me perseguir ou me mandar de volta para lá. Por quê?

E como ele conseguiu se teletransportar *diretamente até minha sala carregando Selwyn nos braços? Apenas demônios possuem tal poder, e até mesmo eles só conseguem usar essa habilidade por curtas distâncias e para lugares onde já estiveram antes.*

[Uma pausa.]

Eu me preocupo que meu velho amigo tenha passado tempo demais sozinho com sua pesquisa, ou que talvez esteja colaborando com o Herdeiro de Mordred, que é conhecido por se envolver com experimentos demoníacos pouco éticos. A magia de pacto usada pelos bruxos tem efeitos nocivos sobre o corpo humano e, há muito tempo, é considerada não apenas indesejável entre os Merlins da Ordem, mas também perigosa. Será que Erebus andou testando magia de pacto em si mesmo? Na academia, ele era reservado e, às vezes, meio indiferente com os outros, mas seu desprezo pelas práticas dos bruxos era tão forte quanto o de qualquer outro Merlin. Mas isso foi há quase trinta anos. Todos nós mudamos, com certeza…

Estou divagando.

Os detalhes, Natasia… volte aos detalhes. *Aos* fatos.

Dois dias atrás, Erebus Varelian, o Mago Senescal das Armas, surgiu na minha sala trazendo meu filho inconsciente nos braços. Meu primeiro instinto, o medo imediato que senti, foi que Selwyn tivesse sido morto em batalha. Eu não sentia um medo assim… há muito tempo.

Erebus disse: "Ele está vivo. Fique calma." Poucas palavras, mas me senti grata por isso.

Selwyn tinha acabado de perder a consciência. Estava inerte, sem reação. E, quando me aproximei, percebi que estava completamente tomado pela demonia. Veias escuras percorrem seus pulsos e braços, e suas garras terminam em pontas escuras como a noite, sinal claro da mudança em seu sangue. A pele está ruborizada, e as presas cresceram além do lábio inferior. As orelhas agora têm um leve formato pontudo.

Erebus, por sua vez, parecia preocupado e irritado. Ele se preparou para ir embora logo após deixar meu filho no chão diante de mim. Antes que pudesse sair, perguntei o que tinha acontecido.

Erebus respondeu: "Fui obrigado a desacordá-lo, senão continuaria lutando contra mim. Ele vai ficar assim por talvez um ou dois dias, então você terá algum tempo para se preparar para quando ele acordar. Saiba que ele é perigoso. Mesmo para você."

"Como isso aconteceu? O vínculo de Mago-Real dele com Nicholas deveria tê-lo protegido…"

"Selwyn estava separado de seu vínculo há algum tempo. Ele vinha sucumbindo de forma lenta e controlável até recentemente."

Quando perguntei o que tinha acontecido, Erebus pareceu… frustrado. Irritado.

"Selwyn consumiu poder que não pertencia a ele."

Não entendi — e ainda não entendo *— o que Erebus quis dizer com aquilo. Como Merlin, Selwyn não deveria consumir o poder de* ninguém.

Em vez de explicar, Erebus perguntou:

"O pai de Selwyn virá procurá-lo?"

É claro que um Mago Senescal iria querer saber se um humano procuraria o próprio filho, causando problemas com o Código de Sigilo e atrapalhando as coisas. Eu disse que o pai de Selwyn não iria procurá-lo. Embora meu filho tenha herdado do pai o ar despreocupado, sarcástico e encantador, o impulso de ajudar os outros veio todo de mim. Além disso, Selwyn foi mais criado pela academia e pelos Davis do que por seu pai.

Mais uma vez, estou divagando…

Erebus fez uma pausa, depois disse:

"Não sei quais notícias chegam a você sobre o mundo da Ordem, mas, se não tiver ouvido…"

"Você permitiu que eles me prendessem, Erebus", interrompi, repentinamente irritada por mim e pelo meu filho. "Você não os impediu."

"Eu ainda não era Senescal. E, mesmo que fosse, não poderia ter interferido", foi tudo que ele disse. Tudo que disse há vinte e cinco anos, e tudo que repetiu dois dias atrás. Essa foi sua desculpa para deixar que me levassem, quando poderia ter ficado do meu lado.

"Você poderia ter me defendido", retruquei. "Você sabia que eu nunca teria aberto aqueles Portais."

Sua expressão ficou séria. E, exatamente como antes, ele apenas repetiu:

"Eu não podia interferir."

Então, Erebus se virou para sair. Antes, porém, fez um comentário desencorajador que só registro aqui para que o relato fique completo. Ele disse:

"É tarde demais para Selwyn, Natasia. Mesmo para alguém tão experiente e habilidosa como você."

Talvez a intenção dele tenha sido me reconfortar. Uma gentileza oferecida a uma velha amiga por quem ainda guarda algum respeito. Erebus não tem filhos, então talvez suas palavras tenham sido uma tentativa de demonstrar solidariedade a uma mãe em crise. Seja lá qual tenha sido o objetivo dele ao me fazer esse alerta específico, não me importo.

Sem hesitação, deixei minha posição bem clara:

"Selwyn é meu filho*, Erebus.* Nunca *é tarde demais."*



SETENTA E DUAS HORAS

Após o desaparecimento de Briana Matthews

William

— O QUE ESSE MOLEQUE tá pensando, chamando uma *curia*? — resmunga Gillian.

O salão de reuniões na Fortaleza fica separado do prédio residencial principal por um longo caminho ao ar livre. Gillian me encontrou no meu quarto temporário ao amanhecer, e, no trajeto até o salão, passamos por um lago repleto de carpas, um gazebo vazio sobre um piso de pedras à esquerda e um jardim de ervas sob pérgolas de ferro à direita. Escuto nossos sapatos sociais ecoando ao responder:

— Me perguntei isso várias vezes. A *curia* permite que Nick peça uma única concessão aos Regentes. Eles deixaram claro que o matarão sem pensar duas vezes para seguirem rumo ao próximo Herdeiro de Lancelot elegível. Talvez ele peça que retirem a ordem de assassinato que deram ao guarda?

— Parece óbvio demais — comenta Gill.

Suspiro.

— Também acho. Ele ainda estaria sob suspeita. Continuariam vigiando-o de perto… e ainda assim não confiariam nele. Nick já renunciou ao título uma vez e poderia fazer isso de novo. Ainda mais após as traições do pai.

— O que mais poderia ser?

— Uma busca por Bree ou Sel? — sugiro.

— Também é óbvio — responde Gill. — E ele teria que escolher entre um ou outro. Seriam dois pedidos.

Receio que ela esteja certa. Caminhamos em silêncio por um momento, até que trago à tona outro pensamento que me ocorreu desde que Nick pediu para ser preso.

— Você sabia que, quando a Bree entrou no torneio de Escudeiros pela primeira vez, foi porque Nick disse a ela que, caso se tornasse Lendária, poderia convocar uma *curia*?

Gill para de andar e se vira para mim, com os olhos arregalados. Uma brisa matinal sopra entre os prédios, fazendo seus cabelos escuros voarem.

— Ele *não fez isso*.

Levanto as mãos.

— Nick não confirmou nada, mas acredito que sim. Lembro que Bree me contou que se infiltrou na Ordem para descobrir o que tinha acontecido com a mãe. Queria saber se os Regentes estavam envolvidos. Se tinham respostas. — Olho para nosso destino, ao longe: o salão onde todos os Lendários atuais e antigos se reunirão. — Acho que, mesmo naquela época, Nick já tinha em mente essa ideia de convocar uma *curia*, mas como uma estratégia para ajudar Bree, não a si mesmo.

— Então ele está com esse trunfo guardado no bolso há bastante tempo, — Gill pragueja baixinho e volta a caminhar. Eu a sigo. — Ainda assim, convocar uma *curia* para ele mesmo é um risco. Nick está colocando os Regentes contra a parede, e eles não gostam de se sentir pressionados.

Ouvimos alguém falar na grama ao nosso lado.

— Depende do que ele pedir, né?

Sorrio e aceno ao ver Samira se aproximar e se juntar a mim e Gill. Assim como nós, ela está usando uma roupa formal: um terninho azul-escuro com uma insígnia do falcão de uma asa só — símbolo da Linhagem de Bedivere — preso em uma fivela de prata no topo de um cordão roxo estilo *bolo tie*. A gravata âmbar da Linhagem Kay de Gillian está presa por um clipe com as chaves cruzadas do símbolo da linhagem, repousando sobre um paletó cinza escuro e calça social.

— Seja lá o que ele exigir — acrescenta Samira —, os Regentes terão que atender ao pedido.

— E eles com certeza gostam muito disso — diz Gillian, seca. Ela se vira para Samira de repente, depois me lança um olhar apreensivo. — Tudo certo com nossa Vassala adormecida?

— A essa altura ela já passou pelas fronteiras do estado — respondo com um sorrisinho. "Vassala adormecida" não é um codinome ruim para Alice. Afinal, eu tinha falsificado documentos para torná-la uma Vassala da linhagem de Gawain. — A entrega foi tão boa quanto se podia esperar.

Samira enfia as mãos nos bolsos.

— Lucille me deu uma bela bronca por causa da aparição surpresa de Larkin.

— Foi resolvido — comento, sem dar mais detalhes.

Samira bufa.

— Quer dizer que Larkin ficou furioso.

— Ficou mesmo. — Ajusto minha gravata. — Mas fiquei tão aliviado quando eles a levaram que valeu a pena.

Chegamos à porta externa do salão de reuniões redondo. Ao nos aproximarmos, os dois guardas posicionados de cada lado das grandes portas duplas de carvalho internas se endireitam. Estão com o uniforme padrão da Guarda dos Magos, com calças e botas pretas, o suéter preto, capa preta pesada com capuz e luvas sem dedos. Uma delas parece muito jovem, deve ter no máximo quinze anos. Ela arregala os olhos amarelo-escuros ao perceber as cores e insígnias do nosso grupo.

— Herdeiro Sitterson — diz a jovem guarda, abaixando a cabeça respeitosamente para me cumprimentar primeiro. — Suseranas Hanover e Miller.

Retribuímos a saudação, e ela arregala os olhos ainda mais.

De repente, o outro guarda, um Merlin mais velho, pigarreia. A jovem guarda se recompõe rapidamente antes que ambos abram as portas atrás deles para nos deixar passar.

A rotunda atrás das grandes portas tem um ar sagrado. Com certeza é grande e imponente o suficiente para parecer uma igreja histórica. Uma catedral completa com vitrais coloridos que projetam arco-íris fragmentados sobre o chão desgastado de madeira. Quando eu era criança, achava que o que fazíamos, as lutas, a caça, *era* uma vocação religiosa. Como um bem maior a serviço da guerra santa contra as Crias Sombrias. Mas agora…

As portas duplas se fecham atrás de nós, abafando o som dos pássaros lá fora e nos envolvendo em um silêncio solene. Avançamos pelo corredor longo e vazio, passando por inúmeras fileiras de bancos vazios. O caminho de pedra talhada sob nossos pés desce suavemente, como se o centro do recinto levasse a um núcleo profundo e terrível.

— A Merlin na porta é nova demais para ser guarda — diz Samira em voz baixa, observando as vigas vazias, os bancos e a plataforma iluminada no fim do salão. — São necessários pelo menos três anos de trabalho de campo solo e duas recomendações de Mestres Merlins antes que a Guarda dos Magos sequer considere adicionar um Merlin às suas unidades.

— Os tempos mudaram — diz Gill, num tom sombrio, absorta em pensamentos.

— Mudaram mesmo? — reflete Samira.

— No que você está pensando, Sam? — pergunta Gill com cautela.

Um breve silêncio paira entre elas. Então…

— Pode ir na frente, William — diz Samira com um sorriso que mal faz seus lábios se curvarem. — Nós vamos ficar lá em cima. Gill e eu encontramos você depois da cerimônia.

Ainda que desde o começo o plano fosse nos sentarmos em áreas diferentes da rotunda, a decisão de Samira me parece bastante repentina. Como ex-Lendárias, as

Suseranas têm permissão para assistir à *curia*, mas só podem observar os procedimentos, sem o direito de participar.

Gill não questiona a atitude estranha da outra Suserana. Apenas se vira para mim com um sorriso irônico.

— Até mais tarde, Will.

Elas sabem alguma coisa — ou pelo menos têm alguma suspeita —, mas não vão compartilhar.

Suseranas não costumam dividir o que pensam, então não adianta pressioná-las. Principalmente dadas as circunstâncias atuais. Em vez disso, me despeço das duas. Juntas, elas se viram e percorrem uma fileira vazia até desaparecerem na escuridão iluminada por velas, em direção à escada do balcão. Mas, enquanto as observo, sinto uma leve apreensão pressionar meu peito.

Olho para o balcão e vejo as silhuetas de mais Suseranos, espalhados em grupos pelo andar superior da rotunda. Não consigo ver seus rostos ou corpos, mas sei exatamente o que veria se pudesse: mechas grisalhas antes do tempo, cabelos salpicados de branco, dedos ou membros ausentes substituídos por próteses como as de Gillian, cicatrizes de feridas que demoraram a sarar. Os corpos dos Suseranos carregam os custos físicos de sua longevidade, de suas vitórias, de seus fracassos. E, hoje, tudo isso estará escondido dos olhos dos três Regentes humanos que lideram o Conselho. Suas marcas e limitações serão ocultadas, e suas vozes, silenciadas — sem qualquer influência sobre o que está por vir.

A raiva súbita que me atravessa é tão intensa que me deixa sem ar… e me leva de volta às palavras finais de Jonas, um Suserano que quebrou seus Juramentos e estava disposto a dar a própria vida para romper o ciclo.

Eu a vi morrer, senti a raiva dela, o medo… O ciclo Lendário salva vidas humanas e as destrói ao mesmo tempo.

Quantos Suseranos já testemunharam a corrupção da Ordem e, assim como Gill e Samira, escolheram resistir? E quantos encararam o mal de perto e, como Jonas, acabaram do lado dos monstros?

— William? — Ouço a voz de Greer ao meu lado.

Eu me viro, desviando o olhar das Suseranas no balcão, dos fantasmas e dos rostos sombreados.

— Oi, Greer.

Elu também ganhou uma gravata, e a sua tem um prendedor dourado. Sobre o terno cinza-escuro, o amarelo-ouro da Linhagem de Owain se destaca como um traço vibrante no peito. O cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo baixo e solto, na altura da nuca. Greer aponta com o polegar por cima do ombro na direção dos bancos mais próximos do palco circular.

— Estamos por aqui.

Uma *curia conventus* é um ritual fechado. Não é bem um julgamento, mas uma espécie de audiência entre as partes mais altas da Ordem. Apenas Lendários, Suseranos e o

Conselho comparecerão hoje — junto com um número limitado de guardas para proteger o Conselho.

Passamos pela pequena seção reservada às linhagens da Divisão do Oeste, fazendo um aceno rápido de cumprimento. Eles costumam ficar mais isolados, a menos que a necessidade seja grande.

Enquanto ando com Greer até a área da Divisão do Sul, cumprimento nossos amigos. Pete, Herdeiro de Greer, guardou um lugar para elu. Ao lado de Pete está Beau, irmão mais novo e substituto do falecido Herdeiro de Bors. Felicity, nossa Herdeira de Lamorak, bate na madeira ao seu lado, me convidando para sentar.

Ao me acomodar, me pego procurando pelos olhos cor de âmbar e o cabelo ruivo de alguém que ainda não chegou.

Os assentos no salão circular são distribuídos para representar as divisões e direções cardeais. Norte, Sul e Oeste têm áreas próprias, e ao leste há um grande púlpito vazio com seis cadeiras destinadas aos três Regentes e seus Magos Senescais correspondentes. Quando chegar a hora, Nick ocupará o palco no centro da sala.

Já sentados estão os Herdeiros da Divisão do Oeste, que identifico por suas cores: o azul-claro da Linhagem de Erec, o vinho de Caradoc, o preto intenso de Mordred e o cinza-pedra de Geraint.

As portas no topo do salão rangem, revelando os Herdeiros da Divisão do Norte: Kay e Bedivere; Alex, um primo mais novo de Gill; uma garota chamada Hannah; e o antigo e falso Herdeiro de Lancelot, Donovan Reynolds.

O sorriso presunçoso de Donovan parece permanentemente estampado em seus lábios. Seus ombros largos repuxam o suéter preto que ele usa sobre a calça cinza, e seus sapatos brilhantes estalam ruidosamente sobre o chão de pedra. Tem o porte de um atleta, caminha como um príncipe mimado e ostenta o tipo de rosto bonito que nos faz imaginar que sua personalidade é tão agradável quanto.

Infelizmente, seria um engano esperar isso dele.

Donovan e eu nos conhecemos há uma década, quando ambos tínhamos nove anos, num dos treinamentos para Herdeiros elegíveis. Ele já era excelente com uma espada. Com duas, era excepcional. Em tudo, era brutal e cruel.

Teria sido um Herdeiro de Lancelot de dar medo.

— O que *ele* está fazendo aqui? — Uma voz baixa ao meu lado interrompe meus pensamentos.

Eu me viro e vejo Felicity, que está vestida como eu: calça cinza e camisa social. Em seu braço direito, há dois braceletes de couro vermelho com o grifo de Lamorak. O bracelete dela e o de seu falecido Escudeiro, Russ.

— Não sei — respondo. — Agora que a verdadeira linhagem do Nick foi revelada, sabemos que Donovan nunca foi Herdeiro de Lancelot ou Lendário. O título dele deveria ter sido revogado e ele não deveria ser admitido na *curia*.

Ela resmunga e joga o cabelo cacheado para trás.

— *Algumas* pessoas ainda conseguem contornar as regras do jeito que quiserem.

Um murmúrio de concordância dos outros membros da nossa divisão percorre o banco como uma onda. Eu não digo em voz alta minha preocupação em relação a Donovan: ele é um grande lembrete de que nenhum dos nossos títulos, nenhum dos nossos poderes, é garantido. Os Regentes poderiam matar qualquer um de nós e nos substituir por um Herdeiro mais obediente, que se comporte à imagem deles, exatamente como estão ameaçando fazer com Nick.

— Deixa eu ver se entendi direito: nós não temos a menor ideia do que o Nick vai pedir? — pergunta Greer.

— Correto — respondo, e elu faz uma careta. — Eu chutaria que ele vai pedir qualquer coisa que garanta sua sobrevivência. Talvez peça permissão para procurar Bree ou Sel, quem sabe recursos para ir atrás deles. Ou até um pedido antecipado para arquivar qualquer acusação pela morte de Maxwell Zhao. Zhao era um guarda de alta patente e um dos soldados favoritos de Erebus. Leal, forte e valioso… um Merlin cujo poder estava crescendo, mas que ainda não apresentava sinais de demonia.

Pete faz que sim com a cabeça.

— Zhao era conhecido, mas se o que ouvi for verdade, os Regentes ordenaram que ele matasse Nick a sangue-frio. Mesmo depois que o pai do Nick foi atingido, Erebus não cancelou a ordem. Nick matou Zhao em legítima defesa!

Não discordo. Percebo um movimento na entrada. Tor e Sarah entram juntas, mas não tão próximas quanto antes. Elas se sentam duas fileiras à nossa frente, se evitando de forma proposital.

— Alerta de crise conjugal — murmura Greer. — Queria saber como Tor está lidando com essa treta toda. Não que eu me importe.

— Exato, ninguém se importa — comenta Felicity, o sotaque britânico alongando as vogais. Seus olhos ficam mais escuros. — Tor conspirou com os Regentes contra Bree, mentiu sobre onde William e Bree estavam enquanto os dois eram *mantidos em cativeiro*, e quando os Morganas tentaram passar as informações das quais os Lendários precisavam, ela entregou todo mundo. Pra mim, ou você está com a gente ou contra a gente, e Victoria fez a escolha dela, então que *apodreça*.

— Felicity… — digo em tom de alerta, imaginando como conseguiremos reunir a Távola com rancores tão profundos. Com Bree ausente e todos nós tão abalados.

Ela me desafia com uma sobrancelha erguida.

— Sim?

Não estou a fim de dar uma bronca, não tenho mais vontade de manter a paz como teria feito um ano atrás.

— Deixa pra lá.

De repente, nossos ouvidos estalam. Os outros Herdeiros e Escudeiros param de falar e de se mover. Eles também sentiram.

Uma barreira de aether está sendo erguida nas proximidades.

— É a Guarda dos Magos? — pergunta Greer.

Confirmo com um aceno, olhando para as vigas expostas e para o teto encoberto por sombras, estremecendo com a sensação de aether acima de nós. Entre os Lendários da Divisão do Sul que restaram, sou eu que tenho os sentidos mais apurados para o aether. Preciso ter, para rastrear o caminho do aether através de um corpo ferido.

— Estão lançando uma barreira protetora no prédio enquanto os Regentes estiverem aqui.

Uma porta atrás do palco se abre, e Erebus Varelian atravessa a cortina fechada, vestindo um terno preto simples. Não consigo evitar um calafrio quando o vejo analisando o salão com seus olhos vermelhos. Ao fixar o olhar na Divisão do Sul, ele comprime os lábios, mas não diz nada.

Um pequeno grupo da Guarda dos Magos usando capas formais pretas entra logo atrás dele, espalhando-se ao redor do palco, voltados para a plateia.

Larkin pode estar em algum lugar desse grupo. Não conversamos desde que ele me encontrou com os Artesãos de Raiz na floresta e descobriu meu plano de mandar Alice embora.

Espero que ele não esteja pensando que vou pedir desculpas.

Os outros Regentes entram em um fluxo constante. Primeiro, Cestra, Regente das Sombras de Erebus. Em seguida chegam Tacitus, o Mago Senescal da Mesmerização, e seu Regente da Luz designado, Gabriel. Depois vem Serren, o quase sempre silencioso Mago Senescal dos Construtos, e, por último, o próprio Alto Regente, Lorde Regente Aldrich. Ambos vestem calça social e camisa de botão. Todos, com exceção do Lorde Regente, tomam seus assentos.

Nunca vi os Regentes vestidos de um jeito tão informal. Talvez o confronto com os Morganas e os Lendários tenha mudado o ar de pompa e circunstância deles. Ou talvez eles tenham percebido que não existe traje formal capaz de amenizar a desconfiança que cultivaram entre nossos dois grupos.

— Muito bem — diz Lorde Regente Aldrich, caminhando até a extremidade do palco com a mão no bolso. — Declaro aberta esta assim chamada *curia conventus*. — Ele pronuncia as palavras com desprezo evidente. — Estamos todos aqui na data exigida, convocados segundo os requisitos do ritual. — Aldrich abre bem as mãos. — Onde está nosso convidado?

— Talvez Davis tenha aproveitado o atraso desta reunião para bolar um plano de fuga de sua prisão na torre — ironiza o Regente Gabriel de seu assento.

— Fugir é impossível — declara Erebus. — Treinei a Merlin Takada pessoalmente. As barreiras afetivas dela seriam suficientes para incapacitar até mesmo um Mago Senescal. Nicholas Davis não poderia ultrapassá-las sem ter o cérebro reduzido a mingau.

— E, ainda assim, só um *Davis* seria arrogante o suficiente para tentar. — Cestra ri com deboche.

De repente, me vejo incapaz de prestar atenção nas palavras deles. Só consigo ouvir a crueldade. Esses dois — a Regente Cestra e seu Senescal — nos mantiveram cativos, a mim e a Bree, por dias. Eles me forçaram a fazer coisas que eu nunca imaginei ser capaz.

Fui obrigado a me tornar alguém que machucaria a própria amiga, quando as opções eram feri-la ou permitir algo ainda pior.

Sou o Herdeiro Desperto de Gawain, e eles jogaram meu treinamento — e meu chamado — na minha cara.

— Mas Nicholas *não é* um Davis de verdade. — As palavras escapam da minha boca antes que eu possa contê-las. Ao meu lado, meus amigos se viram abruptamente para mim. Greer sorri, com surpresa e encantamento pela minha ousadia, enquanto eu mesmo me sinto vagamente chocado. E me sinto ainda mais chocado quando continuo falando: — Ele é um Reynolds, como agora todos sabemos. Como *vocês* sabem. Mais importante, ele é o seu Herdeiro de Lancelot… e vocês vão tratar esta *curia* com respeito.

O Lorde Regente Aldrich começa a responder, mas Cestra se antecipa:

— Tem algo a dizer, Herdeiro Sitterson?

— Tenho muito a dizer. — Eu me levanto antes que possa me convencer do contrário.

Repouso as mãos no encosto do banco à minha frente e percebo que meus dedos estão tremendo. Parece que nem meu próprio corpo consegue conciliar meu comportamento com meus instintos. Ou talvez seja a lavagem cerebral da Ordem, seu último véu desmoronando enquanto encaro meus antigos carcereiros.

Seja lá o que for essa força que me impulsiona a falar, ela me faz pensar em Bree. É um sentimento intenso, desesperado e completamente ligado *a Bree*. Penso em sua coragem, sempre entrelaçada com o medo. Se Bree conseguiu enfrentá-los, então eu também preciso fazer isso.

— Tenho muito a dizer — repito. — Por ora, gostaria apenas que os registros refletissem os *fatos,* antes de começarmos. — Olho propositalmente para Donovan Reynolds e seu sorriso descabido. — Nicholas Davis é um Reynolds de sangue, e o verdadeiro Herdeiro Desperto de Lancelot. A "arrogância" dele tem a mesma origem da teimosia lendária e do raciocínio rápido da Linhagem de Lancelot.

Acompanho com o olhar o sorriso de desprezo de Cestra. Ela repousa as mãos no colo com delicadeza, as unhas longas e brilhantes, com as cutículas impecáveis. Mãos sem os calos conquistados no campo de batalha.

A expressão de Cestra se fecha.

— Aonde quer chegar, Herdeiro Sitterson?

— Estou dizendo que, como filha de Tristan, até *você* aprendeu a reverenciar essas características, embora nunca tenha sido Chamada para uma batalha onde testemunhasse sua necessidade. — Ela arregala os olhos ao ouvir minhas palavras, mas não consigo me conter. — *Estou dizendo* que você zomba exatamente dos valores que a mantêm relevante… e por isso deveria medir suas palavras e ser grata.



7

William

A ROTUNDA ESTÁ tão silenciosa que daria para ouvir um alfinete caindo.

Até a minha *respiração* faz barulho.

Mas a raiva e o constrangimento de Cestra estão ali, à mostra, para minha *satisfação*. O rosto dela cora, as veias do pescoço e da face reagindo ao sistema nervoso, que, por sua vez, responde ao meu insulto. Ela crava as unhas na madeira da cadeira sob suas mãos. Nem sequer consegue forçar um sorriso educado.

Cestra e o Lorde Regente não fazem ou dizem *nada*, então Felicity solta um arquejo baixo e curioso ao meu lado. Fico me perguntando se ela chegou à mesma conclusão que eu: a rebelião da Távola junto aos Morganas deve ter tocado em um ponto sensível. Só isso explica o fato de meu insulto ter passado em branco.

— Seu argumento é válido, Herdeiro Sitterson — diz o Lorde Regente Aldrich após um pigarreio. — É claro que devemos honrar a verdadeira linhagem de Nicholas Davis.

— Como honraram a verdadeira linhagem de *Bree Matthews*? — pergunta Greer com um riso de escárnio.

Ergo uma sobrancelha para elu, que me encara de volta com um sorriso largo. Minha interrupção encorajou Greer a interromper também, e um sentimento de orgulho cria raízes no meu peito.

Aldrich se enrijece.

— Esta reunião não é sobre Bree Matthews, Escudeire Taylor.

— Como poderia ser? — pergunta Erebus. — Se ela nem sequer foi encontrada?

— Então vocês têm procurado pela Bree e pelo Sel? — pergunto, tentando sanar a dúvida de todos.

— Com todos os recursos que temos… e até mesmo com alguns que não podíamos nos dar ao luxo de usar — responde Erebus. Ele une as sobrancelhas com força. — É exatamente como você, Herdeiro Davis e o Guarda Douglas relataram: não há nenhum vestígio, nenhum sinal de onde possam estar. Ambos desapareceram.

— Como duas pessoas podem desaparecer assim, do nada? — Hannah, Herdeira de Bedivere, pergunta com raiva de onde está sentada. — E o que o Conselho está fazendo a respeito da situação?

Xii-xii-xii-xii. O som sussurrante de polegares esfregando os dedos preenche o espaço — um sinal não verbal de aprovação dos outros Herdeiros e Escudeiros na sala e até dos Suseranos acima, cujas vozes não são bem-vindas aqui. Os membros da Távola, tanto os atuais quanto os antigos, estão ouvindo. Os olhos do Conselho seguem o som da nossa insatisfação e desconfiança, que ecoa pelo salão. *Xii-xii-xii-xii*.

— Este Conselho está respondendo como deve, Herdeira Mather — diz Aldrich —, diante de um conjunto sem precedentes de circunstâncias.

— *Várias* circunstâncias sem precedentes, na verdade — acrescenta o Senescal Serren, falando alto o bastante para sua voz se propagar facilmente pelo espaço. — A Ordem não tem registro de um demônio poderoso o bastante para se materializar e desmaterializar atravessando várias camadas de barreiras. Nem mesmo um goruchel consegue fazer isso, muito menos um Merlin de qualquer nível.

Olho para Greer, depois para Felicity, que me encaram com olhos arregalados.

Eles não fazem ideia, de verdade, de onde Bree e Sel estão, tampouco têm pistas sobre o demônio que os levou.

— Talvez seus registros estejam incompletos — começo com cautela, pensando não apenas em Nick, mas também em Valec e Mariah, na Volição… e em Bree. — Não seria a primeira vez que a Ordem falha em registrar a verdade sobre o nosso mundo.

— Os Merlins fazem questão de conhecer os demônios, Herdeiro Sitterson — retruca Erebus com altivez, se recostando na cadeira. — Como cambions, entendemos a natureza das Crias Sombrias melhor do que qualquer humano. Nossos registros demonológicos são extensos e exaustivos. Se essa *criatura* já existiu em nosso plano, ela provavelmente tem o hábito de eliminar todas as testemunhas para apagar seus rastros. — Ele me encara com seus olhos vermelhos, frios e impassíveis. — Vocês três deveriam se considerar sortudos por estarem vivos. Se esse demônio misterioso tivesse outras intenções, tenho certeza de que vocês estariam mortos, e neste exato momento estaríamos recebendo os substitutos da sua linhagem. Sejam gratos por ele aparentemente ter tido outras prioridades.

Engulo em seco. Erebus tem razão. Se tivéssemos nos metido no caminho dele, aquele demônio poderia ter nos matado facilmente.

— Então isso seria algum tipo de supergoruchel? — Alex, o Herdeiro de Kay, se levanta.

— Não acreditamos que esse novo demônio possa ser compreendido com base nas nossas classificações atuais — acrescenta o Senescal Tacitus, com uma voz rouca. — Esse

monstro está além de "uchel" e "goruchel". Não há escala para um poder desse tipo, nenhum precedente para o aether negro descrito pelos Herdeiros Sitterson e Davis. É uma nova categoria, Herdeiro Hanover.

— Uma categoria para a qual não estamos preparados. — Erebus une as pontas dos dedos. — Essa suposta habilidade de teletransporte que vocês testemunharam é, sem dúvida, apenas uma amostra do que esse demônio é capaz. Não é exagero considerar que a verdadeira extensão dos poderes dele foge de nosso conhecimento.

Aldrich continua, a voz ganhando intensidade aos poucos.

— Embora o Conselho e os Lendários tenham tido suas… diferenças, seria irresponsabilidade da minha parte não deixar isso claro: esse novo demônio, onde quer que esteja, é um perigo para todos nós. Lendários, Suseranos, Regentes, Merlins e Primavidas. A simples existência dele ameaça *tudo* o que esta Ordem construiu. Não se enganem: o sequestro de Briana Matthews e Selwyn Kane é um sinal de que *este* Camlann, por mais que tenha começado de forma diferente, vai terminar como nenhum outro terminou.

A sala volta a ficar em silêncio. Uma batida na porta interrompe o momento.

— Entrem — chama a Regente Cestra.

As portas duplas no fundo da rotunda se abrem, e a luz do corredor externo se derrama pelo corredor central em um arco branco.

Reconheço no mesmo instante os dois primeiros guardas que entram. A Guarda Olsen, uma das primeiras da Guarda dos Magos a chegar à Divisão do Sul, olha fixamente para a frente, e ao lado dela está Larkin.

Quando ele se aproxima, por um instante fico na expectativa de que vai olhar na minha direção. Depois lembro que o Conselho está observando e que ainda não sabe que sua verdadeira lealdade é a Bree. Se Larkin demonstrar qualquer emoção ao me ver, pode estragar tudo, então só me permito olhá-lo de relance.

Fico incomodado e frustrado ao perceber que mais do que isso é suficiente para me deixar mexido.

Hoje, Larkin está com seu uniforme de gala cinza. Calça com fios prateados, jaqueta cinza escura com fivelas cruzadas e um capuz grande e um par extra de anéis prateados condutores de aether em cada mão. O cabelo no estilo típico dos guardas está recém-cortado e penteado para trás em uma onda espessa. *Ele fica bonito quando está concentrado,* percebo, e engulo em seco ao sentir o calor inesperado que sobe pelo meu pescoço.

Por fim, Nick entra. Não o vejo há três dias, mas, tirando as olheiras, sua palidez e postura são as mesmas de quando ligou para Cestra e pediu para ser preso. Sua mão esquerda está quase curada, sem curativos, e hoje ele veste uma calça escura e um colete cinza-chumbo aberto sobre uma camisa social azul-marinho com as mangas arregaçadas até os cotovelos.

No entanto, ao contrário daquela manhã na colina, quando Nick se movia com liberdade, agora ele é acompanhado por dois outros guardas. Quase tão altos quanto ele, os guardas o escoltam, um de cada lado, empurrando-o pelos ombros com luvas pesadas.

É só quando o grupo passa pela nossa fileira que vejo as grossas algemas pretas de ferro nos pulsos de Nick.

— Merda — resmunga Greer. — Aquilo é o que estou pensando?

— É — respondo no mesmo tom. — Cyffion gwacter. Algemas vazias.

Só tinha visto essas algemas em Selwyn, já que normalmente são forjadas para Merlins. Elas bloqueiam a habilidade dos cambions de sentir, invocar ou forjar aether. As de Selwyn não tinham correntes, permitindo que ele usasse as mãos livremente. As de Nick, por outro lado, estão ligadas por uma corrente de ferro grossa, deixando seus braços parcialmente imobilizados junto ao torso, com as palmas voltadas para dentro.

Quando passa por nós, os olhos azuis de Nick encontram os meus, a expressão dividida entre malícia e alerta, antes que ele volte a encarar o palco à frente.

— Guardas e algemas vazias? O que eles acham que Nick vai fazer? — sibila Greer. — Atacar o Conselho com espadas de aether?

— Bem — respondo —, eu diria que é *exatamente* isso que os preocupa.

Ninguém aqui além de Erebus viu Nick atacar Maxwell Zhao, então talvez a gente realmente não compreenda do que nosso amigo é capaz. Quando me viro, vejo o Senescal observando Nick se aproximar com um olhar atento e afiado — e não preciso adivinhar que foi Erebus quem lançou o feitiço nas algemas de Nick, o que significa que só ele e Bree podem quebrá-lo.

— Obrigado por se reunirem em tão pouco tempo, Alto Conselho — diz Nick, em voz alta. Ao parar diante do palco, o sorriso irônico em seu rosto combina com a provocação descarada de suas palavras seguintes: — Não posso dizer que é bom ver vocês, porque não seria verdade. Preferem que eu minta? — Os olhos dele brilham, quase esperançosos. — Ou vocês podem mentir? Seria como nos velhos tempos.

Aldrich se levanta com uma das mãos no bolso, ignorando o deboche de Nick.

— Não é como se tivéssemos vindo por escolha própria, Herdeiro Davis. — Ele faz um gesto para os guardas, que guiam Nick até o palco. Com um segundo gesto, eles se retiram, deixando o Lendário sozinho. Mesmo algemado, seu corpo e sua expressão estão tranquilos, os ombros relaxados.

Nick ergue os pulsos acorrentados em direção a Erebus.

— Alguma chance de você remover isso?

— Receio que não, Herdeiro Davis. — Erebus se recosta na cadeira. — Você provou ser uma ameaça aos meus guardas.

Nick abaixa os braços.

— Imaginei que diria isso. — Ele dá de ombros com desdém, fazendo seus pulsos se erguerem numa angulação estranha. Em qualquer outra pessoa, esse movimento pareceria desajeitado demais; em Nick, parece natural. — E não posso dizer que você está errado.

— Fico feliz que concorde — responde Erebus, com sarcasmo.

— Ah, tenho certeza de que há muitas coisas em que eu e o Conselho concordamos.

Nick gira para que todos possamos vê-lo. Ele observa o pequeno grupo de Lendários reunidos, pausando em Donovan, e então ergue o olhar para os Suseranos, silenciosos e ocultos no balcão acima — como se também pudesse vê-los claramente.

Franzo a testa, intrigado. Só um Merlin consegue ver no escuro.

Nick volta a encarar o Conselho.

— E discordamos em muitas outras coisas.

— Você invocou tradições antigas da Ordem para nos reunir aqui hoje, Herdeiro Davis — diz Aldrich, voltando ao seu assento na fileira de seis cadeiras no fundo do palco. — E, mesmo assim, está diante de nós como um criminoso autodeclarado. O que tem a dizer em sua defesa?

Nick abre um sorriso discreto. Então, com uma voz firme e ressonante, recita:

— Y cyngor, wedi'i alw ynghyd, i glywed gorchymyn. Y cyngor, wedi'i alw ynghyd, i ganiatáu cais.

O Conselho se reúne para ouvir uma demanda. O Conselho se reúne para aceitar uma proposta.

— Llw o gefnogaeth i'r Chwedlanedig, yn addawedig. Llw o wasanaeth i'r Chwedlanedig, iddo'n rhwym.

Um Juramento de Apoio aos Lendários, declarado. Um Juramento de Serviço aos Lendários, selado.

Aldrich franze os lábios, desconfortável.

— Tenho ciência do nosso compromisso.

— Imaginei que tivesse — diz Nick com desdém, se virando —, já que responder a um chamado dos Lendários para uma *curia* e atender formalmente ao pedido é o único Juramento que o Conselho faz à Távola Redonda. A única promessa que obriga vocês a cumprirem *nossas* exigências, e não o contrário. E, como qualquer outro Juramento, se não o cumprirem… morrerão de forma lenta, ardente e dolorosa.

As pessoas se remexem nos assentos, apreensivas, as roupas farfalhando contra a madeira e tosses rompendo o silêncio. Ao meu lado, Greer arfa de surpresa. Parece que nem mesmo elu sabia que no centro da *curia conventus* há um Juramento inquebrável que os Regentes não podem evitar. Só as famílias mais antigas de Herdeiros ainda ensinam essa verdade ancestral — e é por isso que os próprios Regentes nunca falam disso.

— Nós, do Conselho, não precisamos ser lembrados… em detalhes… das consequências de um Juramento rompido — diz Aldrich, mal disfarçando sua aversão. — Faça logo seu pedido para que possamos voltar ao *verdadeiro* trabalho de comandar esta ordem.

Nick abre as mãos dentro das algemas.

— Garanto que meu pedido está alinhado com os objetivos da Ordem.

— Nós decidiremos isso — responde Cestra, se recostando e cruzando as pernas. — Diga qual é sua solicitação.

A expressão relaxada de Nick não se altera.

— Como Herdeiro de Lancelot, segundo em posto na Távola Redonda, desejo que me seja concedida uma missão formal de cavaleiro.

Eu me remexo no lugar. Faz sentido que Nick queira procurar Bree, mas missões formais de cavaleiro são arcaicas e ultrapassadas. Nunca nem ouvi falar de um Herdeiro moderno que tivesse solicitado uma. E, pela cara que os Regentes fazem, eles também não esperavam por isso, nem de longe.

— Deixa eu ver se consigo adivinhar — provoca o Regente Gabriel, revirando os olhos. — Você deseja procurar Briana Matthews? Ou Selwyn Kane? Não pode procurar pelos dois.

— Não. — A voz de Nick permanece firme. — Não posso nem quero procurar pelos dois.

Não?

— Não? — Cestra se inclina para a frente na cadeira. — *Não?*

— Ele disse que não, minha Regente — murmura Erebus em resposta.

— O que você quer procurar, então? — debocha Cestra. — Não me diga que deseja buscar pelo Santo Graal.

Nick sorri, os olhos se enrugando nos cantos.

— Meu desejo não é uma história inventada por Conselhos antigos, posso garantir. Diferentemente do Santo Graal, o que pretendo buscar existe de verdade.

Cestra bufa.

— Então o que ou quem é seu objetivo nessa suposta missão?

Prendo a respiração. Se não é Bree ou Sel, então quem? A mãe dele, Anna?

Nick encara os Regentes.

— Pretendo caçar os Morganas que conspiraram com a Távola Redonda e atacaram o Conselho nos campos da Fortaleza.

Murmúrios se espalham pela sala. Ao meu lado, Greer e Felicity estão com as bocas escancaradas.

— Ele não pode estar falando sério — sussurra Pete.

Pelo visto, o mesmo pensamento passou pela cabeça do Conselho, pois os seis se entreolharam com inquietação e incerteza.

Crias Sombrias são o principal inimigo da Ordem, mas aprendemos que a Linhagem de Morgana vem logo em seguida. Embora nunca tenham sido cambions, os Morganas já foram vistos como uma vertente dos próprios Merlins. Eles usavam o mesmo título e desempenhavam funções semelhantes na hierarquia da Ordem, colaborando com os Merlins cambions na caça aos demônios e na proteção aos humanos. Mas, nos anos 1400, ocorreu uma cisão. Uma ruptura motivada pela discordância em relação ao modo como os Regentes da época conduziam a sociedade. Segundo as histórias, os Morganas que se intitulavam Merlins se voltaram contra seus colegas feiticeiros, contra os Regentes e os Lendários, abandonando o título que adotaram e passando a se chamar apenas "Morganas", antes de desaparecerem.

Recentemente, porém, eles se revelaram aos atuais Herdeiros e Escudeiros Lendários para expor as mentiras do Conselho e suas intenções ocultas — incluindo a verdade

sobre a minha prisão e a de Bree, além do plano dos Regentes para usurpar o poder da Távola Redonda.

Considerando que os Morganas são a origem da desconfiança entre os Lendários e o Conselho, tenho certeza de que os Regentes e seus Magos Senescais adorariam caçá-los e acabar de vez com essa célula dissidente. Mas por que Nick faria isso?

O Lorde Regente Aldrich pigarreia e se recompõe primeiro.

— Herdeiro Davis, há cinco anos você se apresentou diante deste Conselho, aos doze anos de idade, para renunciar ao título de Herdeiro de Arthur, ainda que essa linhagem estivesse equivocada. Você deixou evidente, de forma *assustadora,* seu desrespeito pela nossa Ordem e por esta liderança. Devemos mesmo acreditar que você despreza os Morganas, nossos inimigos, com tamanha intensidade?

Nick dá uma risada baixa.

— Sendo bem sincero com vocês, eu não poderia me importar menos com os Morganas. Ainda mais porque mandaram aquele goruchel Rhaz para me matar há alguns meses, baseados nessa tal linhagem equivocada.

— Então por que persegui-los? — pergunta Cestra.

— Estou cansado desses joguinhos de vocês. Estamos em guerra. Humanos estão morrendo e novos inimigos apareceram. Não posso viver fugindo, nem lutar sem saber quando o próximo assassino tentará me matar — diz Nick. — Solicito uma missão oficial de cavaleiro pra caçar os Morganas, seus inimigos, em nome desta corte e da Távola. Quero provar minha lealdade.

— Isso não é um simples favor, Davis — declara Cestra, recostando-se em sua cadeira com uma expressão sombria. — Uma missão formal concede ao cavaleiro designado a suspensão das obrigações civis e militares… e a clemência de qualquer punição imposta pelo tempo que a jornada exigir.

Nick inclina a cabeça com um toque de surpresa fingida.

— É mesmo?

E então tudo faz sentido.

Nick planejou tudo isso. Naqueles breves segundos após o desaparecimento de Sel e Bree, ele idealizou cada passo que nos trouxe até aqui.

A convocação de uma *curia* garantiu que ele tivesse uma audiência com o Conselho, com os Lendários e Suseranos como testemunhas, tornando tudo o que acontecesse durante o ritual inevitavelmente público.

Mas Nick sabia que os Regentes adorariam substituí-lo pelo próximo herdeiro elegível de sua Linhagem, e que, se o tivessem matado antes, a *curia* não aconteceria. Por isso, provocou Cestra até ser preso — a torre, com suas proteções mágicas, o manteria seguro de novas tentativas de assassinato.

Hoje, Nick usou seu profundo conhecimento da história da Ordem para exigir uma missão formal de cavaleiro — uma jornada obscura e arcaica que não só obriga os Regentes a suspender a ordem de execução, mas também os impede de mantê-lo preso.

Com um único telefonema, Nick Davis manipulou todo o Conselho de Regentes para enviá-lo numa missão oficialmente autorizada, sem supervisão, que pode durar semanas, meses ou até anos. E, por mais que o Conselho odeie a armadilha que Nick armou para eles, não podem se recusar… ou morrerão.

Não é apenas raciocínio rápido e estratégico, é genialidade. Uma genialidade aterrorizante, brutal, implacável.

O tom arrastado de Nick se torna doce. As palavras, densas.

— Desagradei vocês, Conselho? Eu os ofendi de alguma forma? Garanto que não era essa a minha intenção.

Enquanto o restante do Conselho ainda tenta processar o fato de ter sido superado por um garoto de dezessete anos, Erebus é o primeiro a se recompor. Ele parece ser o único que não se surpreende com o feito de Nick.

— Acho difícil acreditar em muitas das suas intenções, Herdeiro de Lancelot. Devemos presumir que você não sabia que, ao atuar sob a proteção de uma missão cavaleiresca concedida por *curia*, este Conselho não pode acusá-lo de novos crimes nem tentar causar dano a você, sem também arriscar violar o nosso Juramento aos Lendários?

Os olhos de Nick brilham.

— Sim, é isso mesmo que quero que acreditem. E quanto ao seu Juramento, bem… A Linhagem é a Lei.

Erebus suspira.

— Uma brecha irritantemente engenhosa, Herdeiro Davis. Estou impressionado.

Nick inclina a cabeça.

— Obrigado.

— Não temos escolha a não ser lhe conceder esse favor, Herdeiro Davis. — Aldrich inspira fundo. — A brecha que você *obviamente* explorou nos obriga a isso. Mas isso não significa que concederemos sua missão imediatamente. Antes, você responderá às nossas perguntas… pelo bem da Ordem.

— Claro — responde Nick.

— Por que os Morganas? — pergunta Aldrich.

— Você sabe a resposta para essa pergunta melhor do que ninguém. — Nick aponta com o queixo em direção aos guardas na sala. — Vocês já estão ficando sem Merlins.

Outro silêncio inunda o ambiente, mas, desta vez, os Regentes parecem abalados. Erebus e Cestra trocam olhares silenciosos e tensos que indicam que há *algo* nas entrelinhas desse diálogo — algo que Nick claramente sabe. Até mesmo a Guarda dos Magos parece inquieta. Então penso no comportamento de Gill mais cedo, em Samira, e naquela jovem Merlin, nova demais para ser uma guarda…

— Como assim? — pergunta Hannah, a Herdeira, levantando-se. — O que está acontecendo com os Merlins?

Do outro lado da sala, a mandíbula de Larkin está tensa, não de surpresa, mas de resignação. O que Valec disse a ele ontem à noite sobre a presença da Ordem no mundo? *Imagino que vocês precisem fazer esses* lembretes *de vez em quando hoje em dia, né? Com o time*

todo tão desfalcado. Cravo os dedos no banco. Valec *sabia* que as forças dos Merlins estavam se esgotando. E Larkin também sabia.

Aldrich pigarreia de novo.

— Não sei do que você está falando…

— Enquanto eu fugia, os Morganas me procuraram — revela Nick. — Eles sabiam *muitas* coisas sobre a Ordem, fruto de anos observando em silêncio. A líder deles, Ava, tentou me convencer a apoiar os interesses do grupo. Falou sobre um plano para enfraquecer a Ordem matando o exército de Merlins.

É possível ouvir passos no piso da varanda acima — os Suseranos se mexendo, agitados com a revelação.

— Não tô gostando disso — resmunga Greer. — O que ele quis dizer com "convencer"…?

— Xiu. — Repreendo Greer, embora tenha a mesma dúvida.

— Não fui ensinado a acreditar que os Morganas poderiam se tornar fortes o suficiente para matar Merlins — diz Nick, estreitando os olhos para o Conselho —, mas parece que estão conseguindo. Não podemos vencer essa guerra sem o apoio dos Merlins, e todos aqui sabem disso.

— Como Herdeiro de Lancelot, você é um alvo ideal para Ava — murmura Erebus, erguendo um dos ombros. — Talvez esse plano não passasse de uma grande mentira para convencê-lo a trair a Ordem. Um Lancelot cansado do mundo, pronto para se voltar contra sua própria criação, seria um belo troféu para nossos inimigos.

Nick solta uma risada seca.

— Talvez. Mas vocês, Senescais, deveriam prestar atenção nos seus Regentes agora… — Ele ergue os pulsos algemados e aponta com ambas as mãos, passando lentamente pela fileira de Regentes. — Essas expressões de pavor em seus rostos humanos são a prova mais evidente de que o plano dela *está* funcionando. Merlins estão sendo assassinados, não estão?

Engulo em seco, tentando assimilar algo que parece impossível. Um exército de Merlins enfraquecido pode ser um dos piores pesadelos do Conselho, e com razão. Os Lendários não conseguem cobrir nem de longe o mesmo território que os Merlins. Somos apenas vinte e seis, mesmo com a Távola em pleno poder. Deve haver ao menos mil Merlins em serviço ativo, talvez mais — ou havia.

O rosto de Aldrich fica vermelho antes que ele consiga reagir, engasgado.

— E como exatamente você pretende deter os Morganas?

— Ava odeia a Ordem e sabe que eu tenho todos os motivos para odiá-la também. — As palavras de Nick são como uma traição aos ouvidos. — Em outras palavras, ela vai acreditar que o inimigo do inimigo é seu aliado.

— E depois? — pergunta o Regente Gabriel, fazendo um gesto com a mão, incentivando-o a continuar. — Você vai matá-la?

— Se assim quiserem — responde Nick, sem alterar o tom de voz.

Eu me enrijeço. Tento decifrar a expressão de Nick, buscando sinais de hesitação, repulsa ou até falsidade… mas o rosto dele permanece vazio, inexpressivo.

Matar Ava ainda é assassinato, não importa quantos Merlins ela tenha matado ou quantos goruchels tenha enviado para matar Nick. O fato de o mundo dos Lendários lidar com tanta morte a ponto de o Conselho discutir abertamente o assassinato de uma inimiga, sem medo de censura ou punição, não me surpreende tanto quanto deveria. O que me chama a atenção é que Nick parece estar realmente disposto a cometer esse ato — e percebo que não consigo decifrá-lo.

Analiso o rosto de Nick em busca de vestígios do garoto com quem cresci. Esse garoto ainda está presente em sua postura, no cabelo e nos olhos, até mesmo na nobreza com que ergue o queixo. Mas o garoto com quem cresci não é quem Nick se tornou. *Este* Nick, com o brilho cortante nos olhos azuis, com as algemas vazias, o que concorda sem hesitar em matar uma inimiga, não é alguém que eu reconheça. Sinto uma onda de culpa por não ter percebido o surgimento dessa nova *versão* — e, junto com ela, uma determinação crescente de separar esse estranho do meu amigo.

Erebus tamborila na cadeira com impaciência.

— Você pode até conseguir matar uma das nossas maiores inimigas, mas isso não significa que é confiável. Você já matou um dos nossos.

— Maxwell Zhao tentou *me matar.* Eu não sou "um dos nossos"? — retruca Nick, com um tom cortante. — Sob suas ordens, Zhao tentou atirar uma lança de aether no meu coração, e meu pai morreu no meu lugar.

— Estou ciente dos acontecimentos, Herdeiro Davis — suspira Erebus. — Mas como podemos ter certeza…

— Tenham certeza *disso* — interrompe Nick, avançando lentamente em direção ao Conselho. — Nunca escondi meu desprezo pelos seus métodos, mas acredito na missão principal da Ordem, como foi ensinada a mim e aos outros Herdeiros. Acredito em usar nossas heranças para combater os demônios e proteger os Primavidas. — Enquanto fala, Nick dá mais um passo, e outro, até que repousa um de seus pés sobre o primeiro degrau que leva ao tablado onde o Conselho está sentado. — E você, Alto Regente — pergunta ele —, também acredita nisso?

A tensão, já prestes a explodir, se intensifica ainda mais. Aldrich estreita os olhos.

— Acredito.

O sorriso de Nick é afiado e rápido.

— Então chegamos a um acordo? Vão me conceder essa missão para que eu possa partir como um cavaleiro livre?

Aldrich tamborila no braço da cadeira.

— Você ainda não apresentou a este Conselho uma justificativa suficiente para provar que, assim que libertado, não irá procurar Briana Matthews ou seu Mago-Real e desertar da Távola Redonda no processo.

Uma longa pausa.

— Acho que nós dois sabemos que Selwyn Kane se foi — diz Nick em voz baixa. — Pelo menos quem ele era.

Sinto um nó na garganta. Será que Nick realmente desistiu de Selwyn? Isso não pode ser verdade. Conheço os ensinamentos da Ordem sobre demonia e sei que a transformação de Selwyn em *algo mais* é real, mas me recuso a acreditar que ele, de fato, se foi. E o Nick com quem cresci, aquele que vi logo após o desaparecimento de Bree e Sel, jamais aceitaria a palavra da Ordem sobre demonia sem questionar. Ele está mentindo. Ele *tem* que estar mentindo…

— Concordo que Kane é uma causa perdida — diz Erebus, inclinando levemente a cabeça. — E quanto a Briana?

Nick recua um passo.

— Seis meses atrás, este Conselho e sua missão teriam considerado Briana Matthews uma Primavida. No máximo, uma inocente ignorante; no mínimo, uma inconveniência descartável. Fui eu quem patrocinou o ingresso dela na nossa Ordem… uma decisão que vai me assombrar pelo resto dos meus dias. — Ele faz uma pausa. — Desde a revelação da verdadeira Linhagem de Briana, que é descendente não de apenas uma, mas de duas Linhagens de poder, ela foi enganada e traída, drogada, aprisionada, torturada e possuída pelo espírito maligno que nós, Herdeiros, fomos ensinados a venerar. E cada uma dessas ações não foi cometida por inimigos demoníacos, mas pela própria Ordem, que deveria estar *ajoelhada aos pés dela*. Este Conselho tentou *destruir* Briana Matthews… e descobriu que não conseguiria. Acho que vocês têm sorte por ela não ter buscado vingança contra todos aqui. Assim como nós.

Nick ergue os olhos para o Lorde Regente Aldrich, a certeza estampada no rosto.

— Para responder à sua pergunta, não vou atrás de Bree, porque mesmo que ela esteja com um inimigo, sei que ela vai sobreviver… o que é um destino muito melhor do que o que a espera aqui.

O silêncio pesado toma conta da rotunda.

A boca de Aldrich se contrai em uma linha dura. As próximas palavras dele quebram o silêncio como pedras lançadas num lago calmo.

— Você está flertando com a traição hoje, Herdeiro Davis.

— Se a traição for a verdade, então talvez eu esteja flertando com ela mesmo. Ou talvez eu apenas esteja cansado da sua ideia de lealdade — diz Nick, lançando um olhar firme e impenetrável ao homem mais velho. — Fui criado por meu pai com base nas filosofias da Ordem. Eu o ouvi falar todos os dias sobre os direitos e acessos que dizia merecer e serem meus por herança. Vocês me tornaram órfão duas vezes, Regentes. Sou um órfão da Corte de vocês. Vivi sob sua violência; vi o que vocês tentam esconder, não só aqui, mas em todos os lugares. E no tempo em que estive longe desta corte, vi e senti as verdades de vocês com mais clareza do que nunca.

— Quais verdades?

— A supremacia de vocês — responde Nick, com a testa franzida. — A misoginia. O racismo. A covardia.

— Herdeiro Davis… — rosna Aldrich.

— Só estou dizendo em voz alta aquilo que vocês praticam. Aquilo que *todos* podemos ver, se conseguirmos suportar o que enxergamos. — Nick está furioso. — Vão me punir por isso? O *filho escolhido* de vocês?

Os Regentes permanecem em silêncio.

— Briana Matthews não pode ser a única voz a se levantar contra vocês. — A expressão de Nick é sarcástica, uma fúria viva borbulhando sob sua pele. — Não quando ela carrega o peso de todos nós e continua tão desprotegida. Não quando vocês apagam a humanidade dela para proteger o próprio poder e preservar sua branquitude.

Aldrich e Gabriel se engasgam, enquanto o rosto de Cestra se colore de vermelho. O Alto Regente salta da cadeira.

— Herdeiro Davis…!

— Eu ainda não terminei! — ruge Nick em resposta. — E não estava falando só com você. — Nick se vira para o salão, encarando os outros Herdeiros e Escudeiros, além dos Suseranos no andar de cima. — Precisamos reconhecer esses pecados. Precisamos nomeá-los. Não só na presença de Bree — Nick olha para a Divisão do Sul, para mim —, mas também na ausência dela.



William

UMA ONDA FORTE e paralisante de vergonha me consome.

Alguma vez eu nomeei as forças que Bree enfrentou? Alguma vez as chamei pelo que realmente eram, com todas as letras, na frente dela? Ou simplesmente esperei que ela entendesse que eu sabia? Será que esperei que ela *conhecesse* meu coração sem que eu precisasse mostrá-lo?

Baixo a cabeça. Se nem eu consigo lembrar o que disse, como posso esperar que ela se lembre?

Alguma vez considerei quem Bree poderia ser fora dos pecados da Ordem? Quem ela poderia se não estivesse em meio a tanta violência? Percebo que quero conhecer essa garota. Quero saber quem ela é. Mas enquanto eu fizer parte da Ordem como ela é hoje… acho que nunca vou conseguir.

Aldrich suspira e se recosta.

— Suas observações foram anotadas.

Nick fica sério, a expressão tomada por raiva.

— É só isso que você tem a dizer, né?

— Tenho certeza de que para *alguém* suas palavras foram muito tocantes. — Aldrich acena com a mão de forma displicente.

— Só me resta torcer — diz Nick, balançando a cabeça, incrédulo. — Bree está mesmo melhor com um demônio. Mas, a essa altura, quase sinto pena de quem a capturou.

— Ora, por quê? — pergunta Erebus, entediado.

— Porque — Nick encara o Senescal com certo prazer — ninguém, vivo ou morto, consegue controlar Briana Matthews.

— É mesmo? — Erebus ergue uma sobrancelha.

— O humano ou demônio que tentar que se cuide. Briana não pertence a ninguém além dela mesma. Sei disso melhor do que qualquer um. Agora, concedam minha missão.

— Nós sabemos que vocês já se envolveram… — Cestra revira os olhos. — Você conhece as regras entre Herdeiros, Davis. As Linhagens não podem, não devem…

— Eu conheço muito bem as *atividades* que "não podem, não devem" ocorrer entre Herdeiros, Regente Cestra — rebate Nick, com desdém, balançando a cabeça. — Essas perguntas são distrações. Tentativas de adiar o desfecho inevitável que vocês são obrigados por juramento a fornecer. Já expliquei quais são meus objetivos. Concedam minha missão *agora*.

Aldrich olha para os lados, aguardando perguntas ou protestos.

Cestra ergue a mão, e seus olhos brilham ao falar:

— Pelo que me lembro, uma missão *tradicional* permite dois acompanhantes. Um segundo no comando e um guardião de escolta…

— Não preciso de acompanhantes — responde Nick, seco.

— Mas *temos que* seguir a tradição — retruca Cestra. — É o justo.

De repente, meu corpo volta a se mexer involuntariamente, e eu me levanto, com a mão erguida.

— Eu me voluntario como segundo no comando.

Nick se vira bruscamente para mim.

— Recuso sua ajuda…

— Participarei da missão do Herdeiro Davis — repito, mais alto, sem encará-lo.

— Uma equipe só vai me atrasar e causar problemas com os Morganas! — Nick se volta para os Regentes. — O Herdeiro Sitterson é um curandeiro, necessário para o restante da Távola…

— O pedido do Herdeiro Sitterson está aprovado, conforme a tradição — diz Cestra, sorrindo. — Quem será seu guardião?

— Eu me voluntario como guardião. — Reconheço a voz de Larkin antes mesmo de vê-lo se aproximar. — Protegerei o Herdeiro Davis em campo e farei os relatórios necessários ao Conselho. Confirmarei o êxito quando o Morgana for eliminado.

— Recuso isso — protesta Nick. — *Não* pedi acompanhantes. Ava nunca vai confiar em mim com um Merlin ao lado… e ela está *matando* Merlins. Vocês perceberam isso, não perceberam?

— Foi você quem invocou as tradições antigas primeiro, Herdeiro Davis — diz Aldrich com sabedoria, os olhos cintilando. — Não pode abandoná-las agora. — O Lorde Regente acena brevemente para mim e Larkin. — Como segundo e guardião da missão, vocês auxiliarão o Herdeiro Davis a cumprir seu objetivo: eliminar a líder Morgana, Ava. E, enquanto isso, monitorarão seu progresso para garantir que ele

continue comprometido com seus objetivos. Esperamos atualizações regulares nesse sentido.

Larkin assente, impassível, obediente.

— Claro, Lorde Regente.

— Se deixarem de reportar como ordenado ou se permitirem que o Herdeiro Davis abandone sua missão declarada, ele será considerado traidor e a missão será anulada e perdida — diz Cestra, com um sorriso satisfeito —, assim como a vida de vocês.

Nick me encara, implorando em silêncio que eu recue, que retire minha proposta.

Sinto minha garganta se fechar, mas Larkin e eu respondemos em uníssono:

— Entendido.

— Então estou satisfeita — declara Cestra, com compostura.

— E eu também — concorda Gabriel.

— Eu *não* estou! — grita Nick.

— Também estou satisfeito — finaliza Aldrich, com um aceno. — Herdeiro Davis, sua missão está concedida.

Nick parece prestes a protestar, mas se contém. Não é preciso ser um gênio tático para perceber que ele está encurralado… Ou aceita o favor como lhe foi oferecido, ou o Conselho vai atrasar ainda mais o inevitável. Ou até mesmo colocar suas motivações em xeque.

Ele aceita, deixando escapar um último suspiro silencioso.

Ótimo.

Nick fecha os punhos nas algemas e inclina levemente a cabeça.

— Obrigado, Regentes e Senescais. Considerem minha *curia* encerrada e minha…

— *Não!*

O que Nick ia dizer a seguir se perde sob o rugido repentino de um único guarda… e o assobio de uma adaga de aether lançada diretamente nas costas de Nick.



— Nick! — grito.

Nick se vira ao ouvir minha voz — e consegue, por um triz, segurar o cabo da adaga com as duas palmas, a centímetros do peito, evitando uma lesão grave. Um pequeno círculo de sangue desabrocha em seu esterno, manchando o centro da camisa azul com um tom roxo-acinzentado.

Um segundo a mais, e ele estaria morto.

Nem eu que sou curandeiro conseguiria tratar uma perfuração profunda no coração. Felizmente, o ferimento parece raso e o sangue se espalha sem escorrer.

Um segundo de silêncio se passa… antes que o barril de pólvora da sala finalmente exploda.

Raios de aether prateado-azulado piscam no ambiente mal iluminado, me cegando temporariamente enquanto os Guardas dos Magos se colocam a postos. Lendários enfurecidos saltam sobre os bancos e correm até o palco, gritando.

No palco, Nick procura quem o atacou e gira a adaga nas mãos algemadas, armando-se com a lâmina que quase o matou. Atrás dele, cada um dos três Senescais conjura uma barreira de proteção sobre si e sobre seu Regente.

Corro sem pensar ao lado de Greer, com a armadura subindo dos cotovelos até os ombros…

Pelo canto do olho, percebo um movimento.

Sob uma sacada em meio às sombras à minha direita, uma figura encapuzada dispara acelerada… Um guarda?

Ela avança até o palco num rastro preto e prata, saltando por cima dos outros guardas…

Até que surge na frente de Nick num piscar de olhos.

Com um estalo, a figura junta as mãos nas dele. Uma cúpula sólida e brilhante de aether azul envolve o palco — prendendo Nick, algemado, e um Merlin enfurecido.

— Regentes! — Gill ruge do alto do balcão, mas sua voz é abafada pela confusão. — Parem com isso!

A figura joga o capuz e a capa no chão de madeira, revelando um Merlin de vinte e poucos anos, pele clara e cabelos escuros. Assim como os outros guardas, ele usa o uniforme cinza de gala, mas o corte raspado nas laterais está bagunçado sobre a testa, metade caindo nos olhos âmbar intensos.

— Thompson, recue! — grita Erebus ao seu guarda, mas o Merlin não responde.

Em vez disso, estende a mão para Nick, tentando recuperar a lâmina. Nick tenta segurá-la… mas a adaga voa alto e pousa com precisão na mão do recém-chegado.

— Thompson! — ordena Erebus. — Agora!

Thompson gira a adaga uma vez. Duas.

— Eu não posso deixá-lo sair andando, senhor! Não depois do que ele fez!

Nick desliza um dos pés para trás, buscando equilíbrio.

— Não tenho nada para resolver com você, guarda Thompson. E estou algemado… Não será uma luta justa.

Agora, todos os Herdeiros e Escudeiros estão de pé no térreo, espalhados ao redor da cúpula, gritando e ordenando que Thompson desfaça a barreira.

— Você não *merece* uma luta justa. — O aether gira em torno dos pulsos de Thompson. — Você matou o Max.

Nick observa a magia se acumulando ao lado do Merlin.

— Acho que já conversamos sobre isso.

— Parem com isso! — grita Samira.

Apesar das súplicas, os Regentes permanecem em silêncio. Até que Erebus decide intervir. Ele sai da própria barreira protetora e ergue a palma em direção à de

Thompson, tentando dissipá-la silenciosamente, mas é interrompido por um raio de aether que atinge seu braço.

Na outra ponta do palco, Serren abaixa a mão. Os dois Senescais se encaram, um duelo silencioso.

Fico paralisado ao entender a situação.

O Conselho não pode ferir Nick agora que concedeu a missão, mas um guarda pode. E o Juramento de proteção deles é somente ao rei. Se Thompson quiser matar Nick, ele pode. Nenhum Juramento o impedirá.

Serren parece indiferente à possível morte de Nick, mas Erebus Varelian, com todos os seus defeitos, *se importa*.

Antes que o outro Senescal reaja, Erebus ergue a mão, fazendo um gesto no ar — e as algemas vazias ao redor dos pulsos de Nick caem no chão com um tilintar.

Serren revira os olhos, mas não diz nada.

Dou um passo à frente, indo em direção ao palco, para deter Thompson e ajudar Nick, mas sou contido pela pegada firme de Gillian Hanover no meu cotovelo.

Arregalo os olhos, alarmado.

— Gill…

— Não. — Gillian olha atentamente para os Senescais: observa os guardas ao redor, esperando uma ordem; os Regentes, imóveis; e as figuras em círculo, Nick e Thompson. — Variáveis demais.

Solto a mão dela do meu braço.

— Mas Nick está ferido…

— E é por isso que ele precisa se concentrar — afirma Gill.

O rugido de Thompson nos traz de volta ao palco.

— Ele era um bom soldado! — grita, circulando Nick. — Um bom homem!

— Se você está dizendo. — Nick cruza um pé sobre o outro, cauteloso, observando o aether ao redor dos braços de Thompson. Ele não molda a esfera de aether na palma; apenas a mantém ali, pronta. — Meu pai morreu pela lança de Zhao, então me perdoe se tenho minhas dúvidas.

Com outro rugido, Thompson avança, formando uma espada longa enquanto corre.

Nick invoca uma lâmina no mesmo instante, e os dois se encontram no centro, espadas faiscando…

Nick e o Merlin recuam quase em sincronia.

Uma pausa.

Eles se chocam novamente em um borrão de aether, lâminas se cruzando com violência. Ambos manejam as espadas com movimentos quase idênticos, até que Thompson grita e suas lâminas se transformam em chicotes serpentinos, que se enroscam na arma de Nick.

Dessa vez, quando Thompson recua, arrasta a espada de Nick com ele.

Nick desfaz seus construtos, e sua lâmina se desfaz em faíscas de poeira nas mãos do Merlin.

Sem a arma de Nick presa em seus construtos serpenteantes, os chicotes de Thompson começam a se transformar, assumindo uma nova forma…

Mas Nick já está em movimento, quase um borrão enquanto atravessa o palco.

Ele salta sobre Thompson, que está atônito, puxando o punho direito para trás, e acerta um soco seco e brutal no nariz do Merlin.

Nenhum Merlin espera uma luta corporal, não com um humano mais lento, mais fraco.

E embora Nick não tenha a força de um cambion, a velocidade herdada da Linhagem de Lancelot lhe dá vantagem. Thompson não estava preparado para isso.

A cabeça do Merlin tomba para trás, o rosto explodindo em sangue, enquanto Nick aterrissa, rolando para fora do alcance.

Num salto, Nick já está de pé. Thompson geme, levando as duas mãos ao rosto.

Merlins são extremamente resistentes e se curam rápido, mas um nariz quebrado ainda é um nariz quebrado. Um golpe de alto impacto contra um oponente mais ágil.

Nick dispara para o outro lado da cúpula, o peito subindo e descendo sob a camisa ensanguentada. Sacode a mão ferida, na qual um hematoma vermelho-escuro começa a se formar nos nós dos dedos.

Thompson mostra os dentes manchados de sangue e adota uma nova postura do outro lado do círculo.

— Recue! — ordena Nick.

— Esse soco foi por pura sorte! — responde Thompson, com a voz furiosa e abafada.

— Já admiti que matei Zhao. Não posso voltar atrás…

— Max estava seguindo ordens! — grita Thompson. — Ele não teve escolha. E seu pai era um traidor!

— Não vou discutir isso, mas… — Nick arregala os olhos, surpreso, interrompendo a frase. — Ah. *Ah*. — Ele arregala ainda mais os olhos. — Isso não é de agora. Você vem *alimentando* essa raiva há muito tempo.

Thompson junta as mãos trêmulas, fazendo surgir entre as palmas uma esfera feroz de aether rodopiante.

— Cala a boca.

— Agora eu entendo. — Nick franze as sobrancelhas. — Max não era só um "bom" homem; ele era o *seu* homem.

— Era — rosna Thompson, forjando uma arma longa e estreita.

Nick observa o homem mais velho com atenção, a compreensão crescendo em seus olhos.

— Você o amava.

O rosto de Thompson se fecha.

— E você o *matou*.

— Matei. — Nick forja uma espada. A lâmina se estende, lenta e firme, até brilhar. — Sinto muito por sua perda. Queria poder mudar isso, mas não posso. E não te culpo por querer vingança.

— Não dou a mínima pro que você sente, Herdeiro!

— Ambos pagamos um preço naquele dia, guarda Thompson — diz Nick, a voz séria. A tristeza domina seus traços enquanto ele ergue a espada com as duas mãos, apontando a lâmina para Thompson. — Tome cuidado para não pagar outro agora, na ponta da minha espada. Eu não vim por você.

— Mas *eu* vim por *você*. — O bastão de aether de Thompson agora está pesado, com extremidades arredondadas do tamanho do meu punho. *Tum!* Ele o bate contra o chão do palco, e faíscas se espalham com o impacto. — Estou pronto, Herdeiro.

— Ainda dá tempo de parar — afirma Nick, voltando a circular com a lâmina em guarda.

— Foi você quem começou — retruca Thompson, girando o bastão com uma só mão.

A cada volta, chamas de aether escapam pelas pontas, emitindo um pesado *vuum-vuum-vuum* que preenche a sala.

Nick baixa o queixo.

— Eu sei.

Thompson avança, o braço estendido, mas Nick já está se movendo. Ele solta a espada. Escorrega por baixo do bastão giratório e varre as pernas de Thompson por baixo.

Os segundos seguintes são um borrão.

Thompson cai de costas no palco, mas não se abala, e em um instante já está de pé de novo, pressionando o chão para tentar saltar. Só que Nick é mais rápido.

Ele acerta um chute giratório no rosto de Thompson, derrubando o Merlin no ar e jogando-o de volta ao chão antes que tivesse chance de pousar.

O corpo de Thompson desliza pelo palco de madeira até parar. O guarda jaz inconsciente, caído de forma estranha. Sua arma se desfaz no ar.

A sala mergulha em silêncio mais uma vez.

Eu sei que Nick foi treinado por Gillian na infância e que cresceu duelando com Selwyn, mas às vezes esqueço o que essa combinação representa numa luta de vida ou morte. As lições de uma Suserana experiente da Linhagem de Kay fizeram de Nick alguém perigoso, mas anos de combates com um jovem Mago-Real o tornaram quase imbatível. Agora, com a velocidade de Lancelot, Nick é letal, até mesmo contra um Merlin adulto e um guarda treinado como Thompson.

Ao meu lado, os olhos de Gill brilham com um orgulho silencioso, porque, durante toda a luta, ela sabia de algo que eu não sabia:

Nick estava se segurando.



9

DUAS SEMANAS

Após o aparecimento de Selwyn Kane

Natasia

GRAVAÇÃO DE ÁUDIO — ENTRADA Nº 2

Selwyn acordou há doze dias.

Tenho sido uma cientista relapsa. Num mundo ideal, tanto pelos registros de Selwyn quanto pelos meus, eu teria documentado o momento em que despertou e os dias seguintes com vários áudios e observações. Mas muitas vezes o que a gente planeja não condiz com a realidade… e parece que estou eternamente presa nesse impasse. E assim, com pesar, esta é apenas a segunda entrada de áudio.

Estou gravando esta segunda entrada a cerca de um quilômetro da cabana, para poupar Selwyn da experiência compreensivelmente constrangedora de ouvir sua própria mãe descrevê-lo. Acho que ele está no banho agora e deve ficar lá por pelo menos mais dez minutos, então serei breve.

Aquele primeiro momento em que o vi se mexer fez o ar congelar nos meus pulmões. Passei tanto tempo esperando que ele abrisse os olhos, parecia que esse momento não ia chegar… nunca. [Risada baixa.] *Meu coração martelava no peito, quase tão rápido quanto o de um ser humano. Sem dúvida, se alguém estivesse lá para me ver, ficaria alarmado com a minha aparência. Quando meu demônio desperta, meus olhos ficam vermelho-escuros, minhas orelhas ficam pontudas, minhas presas aparecem. Minhas emoções, por um instante, fogem do controle.*

Meu filho está diante de mim, e logo ele vai acordar, e vamos conversar de novo, *pensei. Estava tão emocionada que quase chorei.*

Então, ele abriu os olhos — e o olhar dourado que eu tinha visto pela última vez anos atrás havia desaparecido, substituído por um vermelho-escuro, cor de sangue. Ele rapidamente se encolheu na cama, rosnando, os dedos curvados para invocar aether, pronto para lutar.

Não me mexi nem saí do lado dele; sei, por experiência própria, que os sentidos de predador de Selwyn são especialmente aguçados para captar os comportamentos e movimentos de uma presa, e qualquer reação minha teria provocado um ataque.

Acredito que seus sentidos, amplificados pela demonia, perceberam que eu não era uma inimiga antes mesmo de sua mente consciente registrar isso, soterrada como estava, porque ele logo desviou o olhar para escanear o cômodo em busca de outras ameaças. Selwyn ergueu o nariz no ar, absorvendo informações sobre a casa, a construção. Os dedos se contraíram ao lado do corpo.

Prendi a respiração e fiquei imóvel, esperando que seus olhos se voltassem para mim. Um momento se passou, e então voltaram.

Quando Selwyn de fato me viu pela primeira vez, sua irritação desapareceu. Ele arregalou os olhos.

Soube exatamente quando ele me reconheceu porque, nesse instante, confusão e dor se misturaram em suas feições até se transformarem em repulsa… e, então, em fúria.

Não posso culpá-lo por essa mistura de emoções. Infelizmente, eu as mereci.

Seu maxilar ficou tenso como ferro, e ele permaneceu agachado. Ainda alerta. Ainda em guarda. Dei um momento a ele. Para falar. Para me fazer perguntas. Para fazer qualquer coisa. Eu daria a esse garoto, meu filho, qualquer coisa. Tudo.

Mas, em vez disso… ele não disse nada. Apenas me encarou. Observando, presumo, o que treze anos fizeram com meu rosto. Seus olhos se demoraram nos fios grisalhos das têmporas, que começavam a se espalhar por meus longos cabelos negros.

Mantive a voz baixa. Permaneci imóvel.

— Começou há alguns anos. Ultimamente tem ficado grisalho cada vez mais rápido.

Seus olhos, afiados e semicerrados, se fixaram nos meus. Parecia ter me entendido.

— Também devo ter mais algumas marcas de expressão no rosto do que da última vez que me viu.

Não mexi o corpo, mas baixei o olhar para minhas próprias mãos — anéis de prata, dedos longos.

— Minhas feridas não cicatrizam tão rápido quanto antes, então acumulei algumas cicatrizes aqui e ali.

Quando levantei o olhar, seus olhos estavam fixos em minhas mãos, catalogando os cortes finos e duplos que serpenteavam dos nós dos dedos, ao redor do pulso, até o antebraço.

— Presas de serpente infernal — expliquei, e ergui a mão devagar, mas não devagar o suficiente.

Ele retorceu os lábios, e um rosnado baixo ecoou em seu peito. Na mesma hora eu o acalmei.

— Não vou te machucar.

O rosnado continuou.

Baixei a mão novamente, e seu rosto relaxou.

— Eu nunca machucaria você, Selwyn — afirmei.

Uma de suas sobrancelhas grossas se ergueu. Descrença?

— Fisicamente, nunca — continuei. — Eu… eu sei que te machuquei de outras formas…

Ele pareceu ignorar meu gesto, minha tentativa. Em vez disso, voltou a observar minha mão, a expressão agora curiosa.

Tudo bem, *pensei*. Ele quer saber dos meus ferimentos, não dos meus sentimentos. Podemos seguir por aí.

— Encontrei uma ninhada de ovos de serpentes infernais em Dakota do Sul, num inverno — contei. — A mãe deles estava atacando moradores à noite, e o Merlin responsável pela região já tinha sido chamado para eliminá-la. Mas os filhotes eram jovens. Ainda não sabiam o suficiente para procurar o ninho.

Ele soltou o ar pelo nariz, rápido. Irritação?

— Concordo — disse. — Muitos dos Merlins mais jovens não são treinados como eu fui. Como eu treinei você.

Quando olhei para ele novamente, a curiosidade em seus olhos havia sumido. Estavam frios. Vazios. Hostis.

— Eu gostaria de explicar… — comecei, e ele olhou para as próprias mãos, como se as visse pela primeira vez.

Não me ofendi. Apenas segui o olhar dele.

Afinal, sei como é ver seu corpo se transformar em algo que você mesmo não reconhece.

Observei Selwyn estudar as mãos abertas, pousadas no colo, palmas para baixo: as unhas alongadas e escurecidas, as veias negras delineando os dedos, subindo pelos nós, passando pelos pulsos até os antebraços.

Tentei explicar. Demonstrar empatia.

— Você vai perceber que, quando…

Ele girou os pulsos, palmas voltadas para cima — e pequenas faíscas de aether verde irromperam em suas mãos. Ele silvou.

— Você vai perceber que, ao invocar aether agora, ele se manifestará como fogo de mago verde. Seus construtos também serão verdes. Sei que é alarmante ver…

O rosnado baixo de Selwyn me interrompeu quando ele torceu as mãos novamente, silenciando o aether até que o cômodo escurecesse outra vez.

Esperei. Não tinha certeza se o rosnado era um aviso para mim e minhas palavras, já que ele preferiria não ser distraído, ou para o que seu corpo e magia haviam se tornado.

Ele repetiu o movimento. Girando os pulsos, fechando os punhos, depois abrindo os dedos para cima e para fora. O aether verde-prateado irrompeu das palmas mais uma vez, mas desta vez ele fechou as mãos como se quisesse dominar as chamas e torná-las suas.

— Selwyn… — tentei de novo, mas ele apenas rosnou.

Após vários minutos, ele pareceu satisfeito. Então, repousou as palmas no colo e fechou os olhos.

Acho que nunca me senti tão ignorada.

[Suspiro longo.]

E tem sido assim todos os dias, nos últimos doze dias. Ele não me dirigiu a palavra uma única vez, mesmo que eu tente, a cada dia, uma abordagem diferente para incentivá-lo a falar. A demonia não afeta os centros da linguagem, então descartei a possibilidade de que ele não consegue falar e tive que aceitar que ele… simplesmente não quer falar. Pelas reações viscerais e claras às minhas tentativas de reconciliação — sua expressão continua tão vívida quanto sempre foi —, posso afirmar com segurança que ele não apenas está escolhendo não falar, mas escolhendo especificamente não falar comigo.

Nossa história é… complicada. Infelizmente. E a culpa é toda minha.

Nesses dias de silêncio unilateral, fiz questão de trazer roupas novas do tamanho dele, fornecer produtos de higiene e preparar uma variedade de comidas. Seu corpo ainda é majoritariamente humano, então ele precisa se alimentar — mesmo que, em breve, a demonia revele outras fomes. Felizmente, não sou péssima cozinheira: Selwyn tem comido o que preparo. Ele explora a casa. Descansa. Observa. Não sai de casa. Muitas vezes, nem sai do quarto. Acho que ainda está decidindo como prosseguir, ou talvez perceba que eu *ainda estou esperando para dar os próximos passos de sua recuperação — se ele estiver disposto a isso.*

Selwyn só testou suas novas habilidades com o aether verde silenciosamente na palma da mão. Não invoca mais do que um punhado de chamas. Não forja construtos. Apenas gira os pulsos para invocar o aether verde, como se estivesse se familiarizando com esse poder recém-descoberto.

Quando estava sozinha na Prisão das Sombras, fiz praticamente a mesma coisa quando meu aether invocado assumiu o verde-prateado de uma verdadeira Cria Sombria. Testei minhas habilidades. Testei a mim mesma. Busquei os limites entre meu eu Merlin, minha humanidade e o súbito despertar do demônio dentro de mim.

Naquelas primeiras semanas, não tinha com quem conversar. Sempre pensei que, se pudesse ter compartilhado aquele período com alguém, um rosto amigo, minha transformação talvez não tivesse parecido tão terrível. Queria falar com alguém que não me julgasse por sucumbir a algo que não foi culpa minha, ou por um crime que não cometi. Alguém como Faye, de quem não pude me despedir antes de os Regentes me trancarem.

Faye não teria me julgado nem me desprezado. Ela teria me compreendido e feito tudo para me ajudar.

Talvez eu não tenha registrado outra entrada neste diário porque esses dias têm sido difíceis demais para mim, de tantas maneiras. Como Merlin, como mãe e como alguém que também sofreu nas mãos da Ordem.

Repetidamente, me pego pensando na minha querida amiga e no que ela faria. É dolorosamente fácil lembrar o rosto de Faye — seu sorriso largo, seus olhos castanhos espertos demais —, mas isso só reacende o meu luto.

Já se passaram meses desde sua morte, e ainda não consegui superar o fato de tê-la decepcionado. De não estar lá para impedir o carro e evitar o inevitável.

Faye nunca pareceu temer a própria morte. Falava dela como uma força prestes a alcançá-la, mesmo quando era apenas uma adolescente. Naquela época, eu me sentia invencível. Não entendia por que ela passava tanto tempo refletindo sobre seus últimos dias de vida. Com frequência, quando um silêncio estranho a dominava, era a morte que ocupava seus pensamentos.

Nunca imaginei que compartilharia um destino semelhante ao do meu filho.

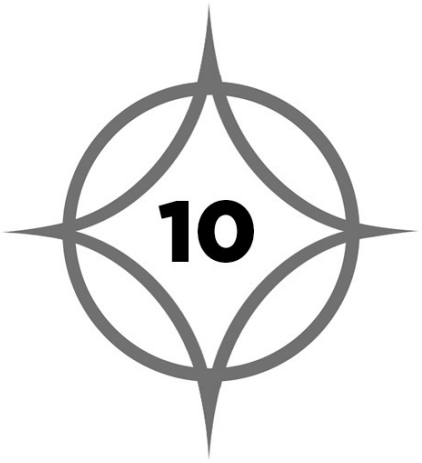
Sinto um alívio eterno por saber que o mesmo não acontecerá com Faye e sua filha.

Fico me perguntando o que Bree está enfrentando agora. Espero que esteja em casa, em segurança com o pai, e que possam se confortar mutuamente. Seja qual for a dor que sinto, provavelmente é cem vezes pior para a filha e o viúvo de Faye.

Sou grata, mais uma vez, pela sabedoria de Faye ao testar Bree para a Arte de Raiz logo cedo e confirmar que as habilidades dela haviam pulado uma geração.

Este mundo de Lendários e Crias Sombrias, de guerras antigas e traições, da Távola Redonda e da Corte das Sombras, não é lugar para uma criança. Nem para a minha, muito menos para a de Faye.

No meio de tudo isso, encontro ao menos algum consolo em saber que Bree Matthews estará livre para viver sua vida longe do caos que chamamos de Ordem.



DOIS MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Mariah

O ANO-NOVO veio e passou. Os Montes Apalaches já testemunharam algumas nevascas passageiras. O novo semestre na Carolina do Norte começou, meu terceiro ano da faculdade está na metade… e Alice Chen *ainda* não acordou.

Visito a casa das minhas tias todo fim de semana, e a melhor amiga de Bree continua exatamente como no fim de semana anterior, deitada no quarto de hóspedes onde ela e Bree dormiram quando fugiram da Ordem. Alice não enfraquece nem definha como um paciente em coma comum — seu corpo parece não precisar de alimento nem de água. Agora, encostada no batente da porta de seu quarto numa manhã de sábado, me pergunto se esse é o fim para ela. Se essa é a vida de Alice agora.

A garota que conheci era observadora, perspicaz e desconfiada de um jeito admirável. Conhecia Bree melhor do que ninguém, mas nem por isso hesitava em questionar a nova realidade da amiga. Às vezes, eu tinha a impressão de que Alice estava compensando o tempo perdido — sem saber ao certo se era um tempo perdido com a amiga no passado ou se era o tempo que ela sabia que perderia no futuro. A Alice Chen que conheci era inteligente o bastante para saber que a vida de Bree tinha um prazo de validade curto, mas que não deveria ficar lembrando a melhor amiga disso. Não que Bree precisasse de lembrete.

Nos últimos dois meses, me peguei pensando se a própria Bree Matthews tem refletido sobre o tic-tac de sua vida enquanto está nas garras do Caçador. Se minha amiga está contando o tempo que lhe resta neste mundo em meses e anos, não décadas. Será que quando eu a vir de novo, ela já estará morta? Será que a morte é o preço por ser a escolhida certa na hora certa?

Sou uma Médium. A morte não nos é estranha. As pessoas acham que a morte é algo sombrio, como a terra no meio do inverno. E sim, a morte pode parecer obscura, mas quem cresce entre Artesãos de Raiz sabe que nem sempre é assim. Para nós, a morte pode ser brilhante. Pelo menos para mim.

Consigo sentir a morte e, com uma oferenda e um empurrãozinho dos meus ancestrais, posso guiar os outros até seus entes queridos. E conheço a sensação de tocar um corpo que não está mais em uso.

Às vezes tenho medo de tocar Alice Chen e sentir isso — um corpo inutilizado. Da última vez que a toquei, percebi que ela esteve perto da morte… e escapou. Pode me chamar de supersticiosa, mas tenho medo de que, se tocá-la agora, a morte sinta que Alice escapou da primeira vez e tente voltar para levá-la de novo.

Tia Hazel e tia Lu também temem que Alice esteja a caminho do outro lado. Antes de irem para o quarto à noite, dão uma olhada para ter certeza de que ela ainda está respirando. A respiração de aether dela é fácil de ver. Tão brilhante que os fiapos cintilantes iluminam todo o quarto de hóspedes. Pequenos sopros rítmicos de luz no escuro que nos lembram que ela ainda está aqui, mas não é mais a mesma.

Onde quer que Bree esteja, gosto de pensar que ela ficaria aliviada ao saber que Alice está sob nosso teto. Onde quer que Bree esteja, espero que também ainda esteja respirando.

Mesmo assim, observo a melhor amiga de Bree com um aperto no peito, torcendo uma de minhas tranças com nervosismo. Alice Chen não está morta… mas o que quer que ela seja no momento, não pode ser bom.

Um xingamento baixinho atrás de mim interrompe meus pensamentos. Tia Hazel quase nunca xinga, mas, quando xinga, é a coisa mais suave que se pode imaginar. É quase uma bênção, que faz com que você se sinta grata por ela se importar a ponto de proferir impropérios. Se alguém é capaz de fazer praguejar soar como afeto, esse alguém é tia Hazel, mas, geralmente, só a ouço achincalhar os administradores da universidade onde é professora titular.

Fecho a porta do quarto de Alice e me junto a ela na cozinha.

— Tia Hazel, quem você está xingando hoje?

— Ninguém — diz ela, com um suspiro. Está parada no meio de um caos de ervas, pilões, almofarizes e conservas em vidros. Cada centímetro da cozinha está coberto de ingredientes para tinturas, pomadas, cataplasmas e chás, metade dos quais nem sequer usamos, só para prevenir que não reajam um com o outro. Há alguns objetos focais de latão, saquinhos de couro com cordões encantados amarrando-os com força, e algumas tiras de couro com miçangas numa tigela.

— Eu mesma, na verdade.

Pego um pote com folhas pálidas, finas como penas.

— Odeio ouvir isso. Você está dando o seu melhor.

No último mês, Hazel tentou tudo que já vi uma herbalista fazer para curar Alice. Ela não é uma Artesã Selvagem, uma Artesã de Raiz capaz de, entre outras coisas, manipular a energia das plantas para curar, mas uma Amplificadora. Ela é capaz de conectar as pessoas à própria força vital. Mas, além disso, desenvolveu a habilidade de criar pequenos tratamentos e curas pontuais. Por isso, sua cozinha fica banhada em magia dourada quase todas as noites, cintilando no ar enquanto Hazel trabalha.

Ela é meio famosa. Para os não mágicos, é professora de biologia molecular na Universidade da Geórgia, e, para os Artesãos de Raiz no território sudeste, é a herbalista e Amplificadora mais poderosa da região. Ela prepara chás e tinturas com todas as ervas do jardim e com algumas que Valec e eu buscamos quando saímos, a pedido dela. Volto da faculdade para ajudá-la em sua cozinha acolhedora, que hoje é parte laboratório, parte altar. Cada canto do armário de vidro está abarrotado de ervas secas verdes, marrons e cinzentas — angélica e manjericão, celidônia e cravo, plantago e artemigem-dos-jardins, para proteção, cura, purificação e circulação.

Ela já aplicou tantas cataplasmas nos pulsos, tornozelos e garganta de Alice que o quarto cheira a terra e coisas que crescem.

E, mesmo assim, Alice continua dormindo.

O rosto marrom de Hazel se ilumina com um sorriso suave, e ela caminha até mim para receber o abraço de que claramente precisava.

— Obrigada por estar aqui, Mariah.

Envolvo os ombros magros da minha tia com braço e sinto um aperto no peito ao perceber como encolheram com o passar dos anos. Odeio perceber que as mulheres que me criaram estão envelhecendo, mesmo sabendo que envelhecer é uma honra. Só queria que isso não me lembrasse tanto da passagem do tempo.

— Claro, tia.

Aperto o abraço, e ela passa os dedos pelas minhas tranças, dando leves tapinhas nas minhas costas conforme avança.

— Sabe… — começa Hazel, após um instante de silêncio. — Algumas dessas coisas não são pra Alice.

Franzo a testa e me afasto.

— Como assim?

Olho para o punhado de coisas esfriando no fogão, as panelinhas, potes tampados, ainda embaçados pelo vapor. Fico imaginando qual delas foi preparada para outra pessoa da comunidade, ou como reforço para as leituras de aura da esposa dela, ou…

Hazel dá um tapinha na minha mão e a segura ao contornar a mesa e se aproximar de mim.

— Olhe bem.

Observo a mesa até enxergar… uma bolsinha de couro escondida por alguns galhinhos de tomilho seco.

— Isso é…?

— Uhum — murmura Hazel, pegando a bolsinha. — Lu deixou comigo para uma purificação. Quando terminar aqui, vou deixar o luar e uma turmalina negra fazerem o resto. Vai passar a noite no quintal.

Hesito, os dedos coçando para tocar o couro.

— Posso…?

Hazel abre as tiras da bolsa de couro já gasta.

— Palmas.

Estendo as mãos em concha sobre a mesa e prendo a respiração quando Hazel despeja o talismã da Grande Dama nelas. Um choque percorre meus braços, começando nas palmas, subindo pelos cotovelos e indo até a nuca, igual à primeira vez em que o segurei.

Chamamos a pedra no centro de "o Coração".

Minha tia Lu só o usa em ocasiões especiais, não para leituras de aura comuns lá na Encruzilhada. Cerimônias, bênçãos de casa, nascimentos, esse tipo de evento, e sempre que precisa enfrentar outra Dama de outro território. Qualquer Artesão de Raiz reconhece uma Dama por sua energia e seu brilho, mas, se isso não bastar, o talismã resolve.

O Coração de tia Lu é uma pedra grande encaixada num disco de ouro escuro de uns sete centímetros de diâmetro. Todo talismã de Dama tem uma pedra de proteção e força, dois pilares das práticas de Artesãos de Raiz. Mas há muitas pedras, ervas e materiais que podem representar esses pilares. A pedra central nos lembra o que o ancestral que a criou guardava no coração naquele momento. No caso de tia Lu, é uma ônix marrom lisa, para aterramento, regeneração e, o mais importante, intuição.

— "Intuição é só um nome chique para instinto" — murmuro, lembrando o que Lu me disse quando me mostrou o Coração pela primeira vez.

— "E instinto é conhecimento do sangue" — completa Hazel com um sorriso. — "Conhecimento vindo dos ossos, passado através do tempo."

Levanto o Coração entre o indicador e o polegar.

— Não me diga que ela também faz esse discurso pra você.

Hazel ri.

— Ela disse essa frase no nosso primeiro encontro.

Reviro os olhos.

— Usando raiz pra conquistar uma garota bonita? — Passo o polegar na pedra fria, imóvel e silenciosa. — É a cara da tia Lu fazer isso.

Hazel encosta o ombro no meu.

— Vou contar pra ela que você disse isso. — Ela estende a palma, e eu devolvo o Coração. Hazel o guarda na bolsinha. — Andei pensando…

— Ihhh — disparo, com um sorriso debochado.

— Cala a boca — resmunga ela, sorrindo. — Andei pensando no que a gente pode fazer pela Alice, já que nada do que tentei funcionou. — Ela me encara com olhos atentos. — Talvez seja algo que você precise fazer.

Franzo a testa, surpresa.

— O que eu posso fazer? Não sou curandeira. Trabalho com gente que já morreu, e Alice ainda está viva.

Hazel pressiona os lábios.

— A questão é que…

O ranger de cascalho a interrompe, e nós duas nos voltamos para a porta da frente.

— Esperando alguém, tia Hazel? — O som grave vindo do carro na entrada é nítido demais. — Valechaz?

— Ele disse que passaria aqui — comenta Hazel, com a testa franzida. — Escuta, Mariah, quero tentar uma coisa com você. Com as ervas.

— Espera aí.

Aperto a mão de Hazel antes de ir até a porta de vidro. Um SUV de aparência caríssima para na entrada.

Valec sai do carro com botas de couro reluzentes, calça bordô escura e um blazer combinando. Está no telefone, conversando com alguém e assentindo. Ele ergue os olhos para mim através do vidro, e algo em sua expressão me faz parar. Franzo a testa, e ele desvia o olhar, virando-se de costas para a casa e abafando ainda mais a voz. Hoje ele está no modo *furtivo*, percebo.

Hazel murmura atrás de mim.

— Esse menino está aprontando.

— Leu meus pensamentos.

Nas últimas semanas, Valec tem recorrido à sua rede *nada convencional* de contatos para tentar descobrir alguma pista sobre Bree. Mas perguntar sobre o Caçador sem alarmar a comunidade mágica é mais fácil na teoria do que na prática. Para aqueles que nunca ouviram falar do Caçador, as perguntas de Valec podem levantar suspeitas. Para aqueles que já o *conhecem*, só de ouvirem o nome dele já ficam temerosas. Será que Valec encontrou algo concreto que possamos usar?

Enquanto espero ele terminar a ligação e entrar, outro carro aparece. Reconheço o motorista pelo jeito de dirigir, e, pela cara de Valec, ele também. O jeito como o carro entra, como faz a curva ao fim da entrada… Só um membro da família dirige assim.

— Tia Hazel! — chamo. — Emil chegou e está com raiva!

A cabeça de Hazel aparece no canto da cozinha.

— Melhor esse aí não trazer confusão pra minha casa.

— Pelo jeito, está tentando — resmungo.

Temos muita família por aqui: Harper e Birdie Wyatt, primas de consideração com quem eu pegava carona para a escola. Gail e Ernestine Blevins, irmãs que cantam como ninguém e sempre ficavam com os solos de soprano no coral jovem da Igreja Batista Clarion. E meu primo de primeiro grau, Emil.

O segundo carro, um SUV vermelho com o logo de um restaurante na lateral, freia bruscamente ao lado de Valec, que pula para fora do caminho. Quando a porta se abre, um homem alto, de pele marrom-avermelhada, sai do veículo, usando calça jeans e uma jaqueta preta leve. Emil acena com a cabeça para mim e pigarreia.

— Preciso desligar — diz Valec, e encerra a ligação, enfiando o telefone no bolso do blazer. — Olá pra você também, Emil.

— Valechaz.

Emil é um Movedor de Terra. Tem uns dez anos a mais que eu e é gente boa, mas, como muitos da família, trata Valechaz com frieza.

Valec inclina o queixo educadamente.

— Como anda o restaurante?

Emil dá de ombros.

— É baixa temporada.

Emil tem um restaurante de comida afro-americana no centro de Clayton. Também faz buffet. As verduras dele são as únicas que tia Lu come além das da tia Hazel; o segredo está no pescoço de peru que ele cozinha junto por horas.

Abro a porta e paro na varanda bem a tempo de ver Emil fulminar Valec com o olhar.

— O que você está fazendo aqui, Valechaz?

Valec cruza os braços.

— Visitando minha sobrinha. E você?

— Preciso de um saquinho de proteção — murmura Emil. — Uma bênção. Nada daquelas que vocês usam lá no Lounge, imagino.

— A gente usa bênçãos como qualquer um. Diferentes tipos pra diferentes pessoas — responde Valec. — Você parece agitado, Emil. Qual é o problema?

Emil bate a porta com força.

— Você sabe muito bem que não devia trazer seus negócios pra dentro da casa delas.

— Não trago assuntos da Encruzilhada pra casa *de ninguém*. — Valec se recosta na porta do carro, a voz assumindo um tom lento, que parece despretensioso… mas significa exatamente o contrário. — E se trouxesse, qual seria o problema?

— Porque é inverno. O véu está fino. A estrada entre os mortos e os vivos está escancarada. — Emil dá a volta no carro para encarar Valec, arrastando a mão pelo ar. Filamentos dourados de raiz brotam de seus dedos, deixando um rastro de cinco fios flutuando atrás dele. Emil deve ter invocado um ancestral recentemente, para manipular raiz com tanta facilidade. Ele enrola os fios nos dedos como uma fita brilhante. — E você não deveria estar perto de tanta raiz.

— Sou um cambion. Metade humano. — Valec suspira alto. — Não fico por aí *consumindo* raiz, Emil. Não corro atrás disso como os demônios maiores, porque não preciso disso para sobreviver. Não sei quantas vezes vou ter que repetir isso…

— Mas ainda pode *desejá-la* — retruca Emil. — Pode perder o controle. E aí, o que acontece?

Valec se endireita, e uma expressão taciturna distorce seu rosto.

— Não sou nenhuma Cria Sombria descontrolada. — Ele aponta para a mão ainda brilhante de Emil. — Eu vejo toda essa raiz em que você está mergulhado por todo lado, o tempo todo. Essa raiz que você *me acusa* de cobiçar… — Ele aponta para o brilho dourado no ar, as presas aparecendo enquanto sua voz desce para um tom perigoso. — Essa raiz? São seus ancestrais *te dando* acesso. O que significa que são *meus* ancestrais e *meus* descendentes sendo muito generosos ao te fortalecer. *Meu* povo, muito antes de ser o seu, seu *moleque* arrogante e ignorante.

Emil cerra o punho, e a raiz se dissipa.

— Sabe quem mais é do seu povo? Aquele demônio que caça Artesãos de Raiz por diversão e para se alimentar.

Valec revira os olhos.

— Eu não sou o Caçador, cara.

— Não me chame de "cara" — dispara Emil. — Tem gente sumindo.

Valec franze as sobrancelhas.

— Quem está sumindo?

— Do que você está falando, Emil? — pergunto.

— Garotas Artesãs de Raiz têm sumido — responde ele. — Não saiu nos jornais.

— Nunca sai — comenta Valec. — Que garotas?

— Uma Wyatt. Criadora de escudos. — Ele olha para mim. — Uma Richardson, da idade de Mariah. Rastreadora. E outra de um estado vizinho. O pai dela passou lá no restaurante perguntando se a gente sabia de algo.

— Qual a linhagem dela? — pergunto, em voz baixa.

— Artesã Selvagem.

Os olhos de Valec encontram os meus, e sei que ele está pensando a mesma coisa que eu. Então digo em seguida:

— Três linhagens diferentes de raiz. Níveis diferentes de poder. Tipos diferentes de oferendas, ancestrais diferentes, famílias diferentes.

— Uhum. — Emil assente, e volta a encarar Valec.

— Alguma delas voltou? — pergunta Valec. — Às vezes, elas…

— Ainda estão desaparecidas. — Há uma pausa. — Por acaso sabe de alguma coisa a respeito disso?

— Ouvi dizer que o Caçador estava à solta meses atrás. Mandei avisos para a comunidade, mas… — Valec dá um sorriso sem humor — não sabia que ele já estava levando gente. Parece que está se preparando para algo grande… ou se drenando rápido por algo maior ainda. Vou checar com a minha rede. Obrigado por avisar…

— Como a gente sabe que não é *você*? — provoca Emil.

Valec revira os olhos.

— O que eu faria com Artesãos de Raiz? Já tenho poder de sobra. Além do mais, eu protejo Artesãos na nossa ferrovia, os levo de estação em estação, desde antes do seu avô aprender a andar. Não sou eu, Emil.

Emil se aproxima de Valec, o suficiente para ser atingido por um golpe humano — quem dirá de um cambion. Valec retorce os dedos ao lado do corpo.

— E todo esse resgate foi antes ou depois de você… se entregar?

Valec paralisa, como se o ar tivesse congelado nos pulmões.

— Emil Verne Richardson!

A voz de tia Hazel estremece no ar enquanto ela passa por mim e para junto ao corrimão da varanda. Ela agarra a madeira com tanta força que os nós marrons de seus dedos ficam pálidos.

Emil lança um último sorriso cínico para Valec antes de se virar e caminhar em direção à varanda.

— Sinto muito que você tenha tido que ver isso, tia.

— Eu, não — retruca Hazel. Seus ombros tremem com o esforço de se manter ereta, e dou um passo à frente para pousar a mão em suas costas. — Estou feliz de ter visto o quão cruel e mesquinho você consegue ser. *Saia* da minha propriedade. Agora mesmo.

Emil se encolhe.

— *Tia*…

— Não, senhor — diz Hazel. Ela o encara com um olhar cortante e aponta um dedo por cima do ombro dele, de volta para o carro. — Você não vai trazer essa atitude horrível pra *minha* casa. Temos uma garota se recuperando aqui. Este é um lugar de cura, e você está envenenando meu poço.

Os olhos de Emil tremulam ao som da voz de Hazel, mais baixa e firme do que eu jamais ouvi. É Lu quem costuma brigar com os outros, mas hoje Emil passou dos limites. Espalmo a mão nas costas de Hazel, transmitindo minha força para ela, caso precise. Do mesmo jeito que ela faz comigo quando sou eu quem precisa.

Às vezes, é preciso outra voz que se imponha e te lembre de que você está certo em dizer aquilo que assusta, mesmo que esse algo assustador seja verdadeiro.

— Vai embora. — O tom de Hazel não admitia discussão.

— Mas…

— Vai embora, Emil — repito, ficando ao lado da minha tia. — E não volte até a gente te chamar de novo.

A comunidade das Grandes Damas é matriarcal. Emil está em minoria e em desvantagem, e ele sabe disso. Mesmo assim, ainda faz uma cara de quem chupou limão. Engole em seco e assente uma vez, sinalizando que entendeu, depois baixa a cabeça antes de se virar e voltar para o carro. Ele dá ré, fazendo poeira e terra voarem na cara de Valechaz, e faz um cavalo de pau na entrada antes de acelerar para longe.

Esperamos um longo momento antes que Valec se mexa, expirando em um sopro prolongado.

— Não precisava ter dito tudo aquilo por minha causa, Hazel. — Ele se vira devagar para nos encarar da varanda, a pele esticada ao redor dos olhos castanho-escuros. — Eu já estava deixando ele sem saída.

Hazel solta um suspiro entrecortado, e sinto a tensão se dissipando das costas dela.

— Eu sei.

Valec se afasta da porta do carro e se aproxima de nós. Quando chega ao degrau, para e envolve o cotovelo de Hazel com uma das mãos, em silêncio. Ela se inclina para a frente e deixa um beijo em sua testa, demorando um pouco para impregnar bem o carinho.

— Pronto. Já passou. Você está bem.

Valec sorri e se endireita, soltando-a.

— Sei que estou. — Os olhos dele cintilam, mas com menos brilho que o normal. — Mesmo assim, obrigado.

Hazel faz um gesto com a mão e volta para dentro.

— Interromperam meu preparo — diz, sem um pingo de irritação.

Valec e eu a observamos entrar. A porta de vidro bate levemente contra o batente na manhã silenciosa. Envolvo meus ombros com o suéter e estremeço com o frio montanhoso de janeiro. Ao me virar, me deparo com Valec me olhando. Esperando, imagino.

Então pergunto logo, sem rodeios:

— O que o Emil quis dizer com aquilo? Que você… "se entregou"?

Valec inspira fundo, enfia as mãos nos bolsos e procura as palavras enquanto o olhar percorre a varanda, o quintal, o céu.

— Estou por aqui faz tempo, Riah.

— É, eu sei — resmungo.

— Tempo suficiente para ter cometido muitos erros. — Ele dá de ombros. — E para perceber que preciso reparar alguns deles também.

— É isso que você faz no Lounge quando intermedia aqueles acordos entre humanos e demônios? — pergunto, baixinho. — Está tentando se redimir?

— É um começo.

Solto uma risada baixa, confusa e admirada ao mesmo tempo.

— Você está no comando do Lounge há mais de oitenta anos.

Valec sustenta meu olhar por um instante.

— Como eu disse, priminha, é um começo.



Mariah

PARA MINHA SURPRESA, Hazel nos reúne no quarto de Alice.

— Obrigada por vir, Valechaz. Preciso de vocês dois para este experimento.

— Experimento? Achei que você tinha vindo visitar a tia Hazel — digo para Valec.

Ele abaixa o queixo e observa Hazel.

— Foi o que me disseram. Está escondendo o jogo, Hazel?

— Não tem jogo nenhum, é só… um experimento. Tenho uma teoria. E teorias precisam ser testadas — responde Hazel, sentando-se aos pés da cama de Alice, acomodando-se como se estivesse num púlpito, e não sobre um edredom numa casa de campo.

Ela olha para nós, parados no batente da porta, e faz um gesto para que entremos.

Valec avança com cautela, a testa franzida.

— O que eu posso fazer? Não sou curandeiro.

— Não. — Ela toca o próprio nariz de leve. — Mas você percebe coisas que eu não percebo.

— Tipo o quê?

Hazel faz um gesto para Valec se aproximar.

— Pode ficar de joelhos perto da Alice e checar uma coisa pra mim?

Valec se aproxima da cama de Alice e se ajoelha no chão.

— Claro, Hazel, mas…

— Me diga qual é o cheiro da pele dela.

Valec e eu trocamos um olhar confuso. Dou de ombros, e ele volta a olhar para Hazel.

— Tá bom. — Valec ergue delicadamente o braço de Alice, que repousava sobre a barriga, e leva a mão dela até o rosto. Ele olha para Hazel, que o encoraja com um aceno de cabeça. Então aproxima o nariz do dorso da mão de Alice, fecha os olhos, inspira fundo… e sua coluna se enrijece na hora. Ele fica boquiaberto, e seus olhos se arregalam, vermelhos e brilhantes. — Ela… ela não está totalmente aqui, Hazel.

Hazel assente.

— Foi o que imaginei.

— Espera aí — digo. — Como assim, "não está totalmente aqui"?

Valec cheira a mão de Alice novamente e depois assente, colocando-a de volta na cama, ao lado do quadril.

— Ela está viva, mas… não está. Não cheira a decomposição. É mais como… como se ela não estivesse totalmente viva, nem totalmente morta. Não entendo.

— Acho que a srta. Chen está presa — diz Hazel devagar. — Perto da morte, mas não em suas garras. É por isso que minha habilidade com ervas, tinturas e até minha linhagem de raiz como Amplificadora não funcionam.

— Você não pode ajudá-la porque sua linhagem de raiz se concentra na força vital dos vivos, dos que estão vivos *de verdade*. — Valec se levanta com graciosidade, tamborilando no queixo. — Faz sentido. Você também não pode cuidar de mim ou de outros demônios. Tem morte demais na gente.

— Você não está morto — protesto. — Eu *sei* como é a sensação da morte.

Valec sorri, com um misto de gratidão e tranquilidade.

— Carrego mais morte em mim do que a maioria, mas você está certa, não estou morto. Não no meu cerne. Já os goruchels… Eles são uma forma de morto-vivo. Por isso precisam roubar a vida dos humanos que imitam. Demônios completos não pertencem ao plano dos vivos.

— Minha teoria é que Alice está presa entre dois mundos — acrescenta Hazel com um suspiro —, por isso ela pode ter cheiro de goruchel, mesmo sendo humana. Meu diagnóstico é que ela está num limbo.

— Mas não é assim que as pessoas ficam quando estão em coma? — pergunto, hesitante.

— Não — responde Hazel. — Um curandeiro como William identificaria isso como um coma, mas alguém que lida com os mortos, como nós, sabe a diferença. E é aí que você entra, Mariah.

— Eu?

— Sim — responde Hazel. — Uma Médium caminha entre os vivos e os mortos. Ela faz a ponte entre os dois naturalmente. Consegue ver as conexões. *Você* consegue. É um dom raro.

Eu a encaro, boquiaberta, sem emitir som algum. Médiuns são Artesãos de Raiz raros, mas não desconhecidos. *Bree Matthews* é uma Médium excepcional, até mesmo entre os Médiuns. O que eu faço permite conectar vivos e mortos, não pessoas no limbo com *elas mesmas*.

Eu me sinto pequena e exposta sob o olhar de Hazel.

— Não sei, não, tia — sussurro. — A Bree consegue caminhar pelo plano ancestral e conversar com os mortos…

— O poço de energia não está aqui, Riah. — Ao ouvir o nome de Bree, Valec se reseta e se vira de costas. — E Alice não está morta.

— Mariah. — Hazel balança a cabeça. — Alice precisa da nossa ajuda *agora*, querida. Não sei o que está acontecendo com a força vital dela, mas o pouco que senti enfraqueceu desde que a trouxemos. Você consegue ver as conexões entre *a vida das* pessoas e seus encontros com a morte. Precisamos da *sua* ajuda agora, Mariah, não da Bree.

Balanço a cabeça devagar.

— Não sei…

Hazel aperta os lábios.

— A decisão é sua, é claro.

— Não é, não! — interrompe Valec, indignado. Os olhos dele ainda estão carmesim, faiscando na pele marrom-escura. — Todos nós concordamos em acolher Alice para ajudá-la, mas também fizemos isso pela Bree, que pode estar enfrentando o Caçador neste exato momento. Sozinha. Enfrentando a nossa *maior* ameaça, depois da própria Ordem. Talvez ela até imagine que consegue vencê-lo, porque nós… — Ele engole em seco, balançando a cabeça. — Porque *eu* contei a ela sobre ele. E eu e a Lu pedimos que Bree enfrentasse o nosso bicho-papão.

Hazel suspira.

— Bree herdou um grande poder, mas também herdou assombrações… Várias, na verdade. De Arthur, da Ordem, do Caçador. E herdou os temores bem fundamentados dos seus ancestrais maternos sobre todos eles. O caminho dela acabaria cruzando com o do Caçador, de qualquer forma, Valechaz…

— Bree faria isso por qualquer um de nós. Você sabe que faria! — Ele aponta para a garota adormecida. — Ajudar Alice é… é… *equilíbrio*…

— Valechaz! Se controle! — diz Hazel, afiada. — Nenhuma Artesã precisa fazer nada contra a própria vontade.

Valec baixa a cabeça, os olhos oscilando entre o castanho e o vermelho, depois voltando ao castanho.

— Não, ele… ele está certo — digo, baixinho. — Bree faria isso por qualquer um de nós, sem hesitar.

Um sorriso discreto aparece nos lábios de Valec, quase imperceptível.

— Com certeza faria.

Empurro os óculos para cima no nariz e respiro fundo.

— O que você precisa que eu faça?

Hazel me estuda por um momento, então assente e se levanta. Enxuga as mãos no avental e vai em direção à cozinha.

— Que beba uma coisa.

— Tudo bem — falo, para ela e para mim mesma.

Valec inclina a cabeça, me observando.

— Isso é fácil… — comento.

— Não vai ser gostoso! — grita Hazel de volta. — Vai ser bem ruim, na verdade.

— Ah… — Franzo a testa. — Tudo bem…

— Valec, puxa a outra cama pra perto da Alice pra mim, por favor!

Valec se move rápido como um raio.

— Cama? — pergunto para Hazel, preocupada. — Por que precisa de uma *cama*?

— Não é difícil de entender que a cama extra não é para Hazel — afirma Valec enquanto enfia as mãos sob a armação da cama de solteiro e a levanta com facilidade, colocando-a ao lado da de Alice como se não pesasse nada. — É pra você.



A floresta está repleta de árvores ancestrais. Elas se erguem ao meu redor, suas copas tão altas que meus olhos não conseguem alcançar, tão densas que a luz da lua cheia precisa se esforçar para chegar ao chão. O solo à minha frente está banhado em tons cintilantes de azul, cinza e prata, como o brilho oleoso do chá de Hazel reforçado com raízes.

Os efeitos do chá de Hazel me atingiram antes que eu pudesse me acomodar direito na cama, ao lado do corpo adormecido de Alice. Desmaiei após o terceiro gole e senti Valec me segurar, me deitando suavemente no colchão. Graças à velocidade de cambion dele.

Sabores intensos e pungentes. Aromas elementares de terra, fogo e ar. O gosto do chá permanece na minha garganta e impregna minhas narinas, mesmo aqui; canela para aumento de poder, cipreste por seus laços com os mortos, mirra doce para conexão espiritual, patchouli e salsa para fortalecer minhas habilidades de Médium.

Quando olho para baixo, vejo que estou usando um vestido preto pesado, com um espartilho justo — uma peça que definitivamente não saiu do meu armário. Botas pretas amarradas até as canelas envolvem minhas pernas como gaiolas de couro. Mas sigo em frente, compelida a avançar. Eu caminho rapidamente na escuridão desconhecida, em direção à luz e para longe das sombras.

À frente, numa clareira, há uma pequena colina. Em sua base, raízes selvagens e retorcidas se erguem como serpentes negras, entrelaçando-se como se tentassem impedir o crescimento da colina. Olho para a esquerda em busca de um caminho entre o emaranhado e não vejo nada. Então, corro para a direita.

Nada lá também.

Vou ter que escalar a massa de raízes para prosseguir. E prosseguir é a única opção. Não posso voltar. Algo dentro de mim me impede até mesmo de virar a cabeça para olhar para trás. Então, *sigo em frente*. Ando com minha bota de salto em direção aos primeiros galhos grossos que se erguem do chão e ouço o farfalhar de folhas secas sob meus pés.

É como se esse primeiro passo desencadeasse algo na floresta, como se ela estivesse esperando.

"Vento" não é a melhor palavra para definir o que me cerca agora. Isso que agita a saia do meu vestido e pressiona o tecido grosso contra minhas coxas não é vento. Ele também sopra por trás de mim, jogando minhas tranças sobre os olhos. Essa força não é vento; é uma névoa poderosa, úmida e negra, com cheiro de mofo. A escuridão me envolve, colando meu cabelo nas bochechas e no pescoço.

Subo às pressas, agarrando os galhos, mas os saltos das botas ridículas escorregam nos vãos. As raízes mais grossas são bons apoios para as mãos, mas avançar depressa faz com que elas rasguem a pele das minhas palmas. Quanto mais alto escalo, mais a força que gira atrás de mim morde minhas costas e pescoço. O fedor me deixa tonta.

À distância, um uivo corta o ar.

Começa como um chamado agudo, quase semelhante a uma risada. O som gira ao redor da minha cabeça, vindo da direita, cruzando meu rosto e continuando pelo ombro esquerdo antes de desaparecer. Na segunda vez, o som penetra meu corpo como água numa esponja, alojando-se no fundo do meu peito, atrás do coração, acelerando minha respiração.

Depois o som se multiplica. E triplica. Uma matilha está por perto.

Chego ao topo da colina e mal recupero o equilíbrio quando a névoa escura me envolve novamente, girando em círculos cada vez mais rápidos e fechados — e então reconheço o que é.

É a morte de Alice. Uivando às minhas costas. Exigindo minha atenção. Tentando me seduzir para longe da luz.

Valec não sentiu cheiro de decomposição em Alice no mundo real, mas ele está aqui. Denso, sufocante, impaciente.

Então, eu a vejo.

Alice está vestida como da última vez que a vi na Volição. Calça jeans, camisa de manga comprida, os socos-ingleses de ferro presos à mão direita. Mas há figuras sombrias ao redor dela, e sua mão esquerda está erguida, segurando um pequeno dispositivo preto.

As figuras ao redor dela estão imóveis, como estátuas — no meio de um passo, de um salto, de um golpe. Quando reconheço quem são — a Guarda dos Magos — é que compreendo o que estou vendo.

Alice não está apenas paralisada no mundo real. Ela está paralisada aqui também, num *momento* da batalha na Volição.

Desço a colina às pressas, erguendo a saia do vestido, e grito o nome dela:

— Alice!

Ela não se move.

— Alice! — chamo outra vez.

Chego ao pé da colina, ofegante, ainda gritando por sua atenção, mas ela não responde à minha voz.

Este não é meu plano ancestral, nem o dela. Não é um lugar de comunhão com os ancestrais, mas um precipício. Um tipo de purgatório. Metade dentro, metade fora, como Valec disse.

Quando chego ao terreno plano da Volição, vejo Bree-Arthur em posição de combate. O rosto de Bree, com uma expressão sombria e determinada, e a armadura de aether estão em cores vivas, assim como Selwyn Kane, congelado no ar durante um salto. As pessoas que protegemos na Volição estão banhadas em cores, enquanto a Guarda dos Magos é um cinza-escuro, apagado e indistinto. Até mesmo o líder da Guarda, Erebus Varelian, o oponente de Selwyn, não passa de uma sombra escura contra a luz do amanhecer que emoldura esse instante congelado.

Os cães do lado de fora do vale latem e uivam. Parece que estão circulando.

Ou esperando.

— Alice? — sussurro.

As pálpebras dela estremecem, e ela aperta o dispositivo preto. O som dele reanima os Merlins mergulhados em sombra. A arma supersônica que Alice usou naquele dia durou dez segundos, mas aqui dura o dobro.

A dor derruba todos, exceto Erebus, como aconteceu naquela vez. Selwyn cai, encurvado, tampando os ouvidos sangrentos com as mãos. Alice joga a arma e avança, como se atravessasse um líquido invisível e espesso, cada passo silencioso enquanto se aproxima do corpo caído de Selwyn. Atrás dela, a barreira da Volição se abre… e vejo minha própria imagem a atravessando, minha boca aberta, gritando com ela.

Lembro o que disse naqueles segundos frenéticos. *Depressa! Depressa!*

Alice tenta erguer Selwyn. Ele é pesado demais.

Erebus mira os dois.

Vejo a mim mesma assistindo a tudo, tão impotente agora quanto naquele momento.

Bree-Arthur corre para interceptar o ataque de Erebus, lançando-o contra a barreira brilhante da Volição. Bree-Arthur fica ofegante, observando o inimigo cair.

Sei o que acontece a seguir.

Alice estende a mão para a amiga, alívio estampado no rosto — e Bree-Arthur reage sem olhar, lançando Alice contra a van.

O som ecoa aqui, o estalo e o impacto de ossos contra metal.

— ALICE! — grita Bree-Arthur, e o eco continua, continua, continua. Espiralando cada vez mais alto neste vale que Alice criou…

Até que a cena se reinicia.

Alice está novamente no meio do caos, com a mão erguida, os olhos percorrendo o campo. Desta vez, ativa a arma sônica e corre enquanto ela ressoa. Os Merlins caem. Selwyn no chão. Erebus a enxerga, se move antes que Bree-Arthur possa reagir, conjura uma lâmina que corta o abdômen dela.

A cena se reinicia.

Alice está de pé diante da barreira, hesitante. Os olhos se movem como se ela calculasse suas chances. Como se a memória desse momento fosse um tabuleiro de

xadrez, e ela estivesse elaborando uma nova estratégia antes mesmo de mover as peças.

Sinto um aperto no peito.

Não sei se alguma Médium já testemunhou alguém negociando com a própria morte.

— Ah, Alice…

Ao ouvir meu sussurro, os olhos dela se voltam para os meus. Estão vermelhos nos cantos, e o rosto exibe um semblante de frustração. Ela balança a cabeça. Sua voz me alcança entre os dentes cerrados:

— Mais uma vez.

Não sei o que dizer. Não sei como contar que isso já aconteceu. Que o único caminho é seguir em frente.

Ela volta a olhar para a cena.

— Mais uma vez…

E sou lançada de volta ao meu corpo.



Mariah

EU DESPERTO OFEGANTE. Deve ser noite agora. O quarto de hóspedes iluminado por lamparinas substitui as árvores da floresta. Estou debaixo do edredom desgastado que sempre cobre esta cama. Ao meu lado, na outra cama, está Alice Chen, a pele pálida e fina. Ela inspira profundamente, o corpo estremece, e então solta o ar. Um fiapo de aether azul-prateado surge de sua boca, iluminando o quarto escuro.

— Não funcionou — murmuro, a voz quase inaudível.

Mas não há ninguém ali para responder. Em vez disso, ouço vozes abafadas e alteradas do outro lado da porta fechada.

Tento me sentar, levantar, ir até a porta, mas o mundo gira. Não sei se é consequência de ter encontrado Alice no limbo entre a vida e a morte… ou o efeito do chá horrível de Hazel. Pelo gosto na minha boca, parece até que lambi o chão do Lounge da Encruzilhada. E não uma parte limpa… um canto pegajoso e empoeirado que nunca vê a luz do dia.

— Você pirou de vez?!

O grito de tia Lu me faz endireitar a postura, aguçar os ouvidos e retomar o foco. Ela deve ter chegado enquanto eu dormia, mas a única pessoa com quem ela fala assim é Valec…

— Lucille…

Ouço a voz baixa de Valec em resposta.

Ele diz mais algumas frases que não consigo entender, mas com aquele tom arrastado que usa com os novos clientes do Lounge — os humanos ricos que querem ser

encantados por um cambion. Aparentemente, tia Lu conhece bem esse tom e não gosta nem um pouco dele.

— Nem tente me enganar, Valechaz! — diz tia Lu com firmeza. — Comigo não funciona. Não sou uma de suas clientes! Nem uma de suas amiguinhas.

Valec ri.

— Ah, Lu, fala sério.

— Nem pensar.

— Não seria para agora. Ainda tenho que preparar tudo, me dá umas semanas pra confirmar. Depois, é só uma noite, algumas horinhas. Três, no máximo…

— Não!

Tia Lu e Valec são mais parecidos do que admitem. Vivem brigando. Discutem sobre como administrar o Lounge, sobre quais serviços oferecer. Nada que não superem no dia seguinte.

Mas, desta vez, Valec bate o pé.

— Qual é, eu cuido de tudo! Você sabe que sim…

— Você vai ter que achar outro jeito. — Consigo até imaginar tia Lu balançando a cabeça. — Já é inadmissível você estar cogitando ir até lá. E se…

Ir aonde? Tento me sentar, mas a tontura me derruba novamente, como duas mãos pesadas me empurrando de volta para o colchão. Do que eles estão falando?

— Eu vou ficar bem, Lu — diz Valec em voz baixa. — Você sabe disso.

— Agora! — corrige Lu. — Você está bem *agora! Agorinha* mesmo.

A voz de Valec sai dura, vazia.

— Está parecendo o Emil.

— Emil não gosta de você porque não te conhece — retruca Lu. — Já eu, neste momento, não gosto de você porque te conheço até demais.

— Ah, Lu…

— Nem vem com esse "ah, Lu", Valechaz. Minha resposta é não.

— Lucille… — insiste Valec.

Ouço os chinelos da tia Lu se arrastando pelo chão, passando pela porta do quarto de hóspedes e indo em direção ao quarto dela.

Um momento de silêncio.

— Hazel.

Só quando Valec diz o nome dela é que percebo que tia Hazel ainda está na cozinha. Será que, como eu, ela só estava ouvindo? Ou a discussão também dizia respeito a ela?

— Ela está decidida — responde Hazel com um suspiro. — Não vai mudar de ideia.

— Você pode falar com ela?

— Desta vez, não, Valechaz. Isso é entre vocês dois.

Silêncio outra vez. Os passos de Hazel são mais leves que os de Lu, quase inaudíveis. Provavelmente foi abraçar Valec antes de desejar boa noite. O "obrigado, Hazel" murmurado por Valec confirma minha suspeita.

— Dá uma olhada na Mariah antes de ir, por favor — pede Hazel. — Ela ainda estava sob efeito, mas deve acordar logo. Me chama se ela não despertar em uma hora.

— Sim, senhora — murmura Valec.

Alguns segundos depois, ouço a porta do quarto delas se fechar. Meu relógio biológico está meio bagunçado, mas, pelo silêncio lá fora, chutaria que é perto das dez da noite, já na hora de dormir.

Engulo em seco, esperando, mas, percebo que não vou ouvir nada a menos que Valec resolva fazer barulho. Pés de cambion são silenciosos. Ainda não consigo me mover direito, mas não preciso. Basta murmurar.

— Estou acordada.

Um segundo depois, ele está na porta, abrindo sem bater.

— Oi. — Ele entra, fechando a porta com um clique suave. A névoa dourada do aether noturno já se agitou no ambiente, se juntando ao redor de seus tornozelos e joelhos, atraída até Valec sem que ele precise chamar. — Como está se sentindo?

— Um caco — respondo.

Valec se senta na beirada da cama, entre mim e Alice.

Ele pousa a mão quente na minha testa, e eu a afasto.

— Você é tão quente, como sabe se estou com febre?

Ele ri baixo.

— Me preocuparia mais você estar fria. Aquele chá te derrubou de um jeito estranho. Seus lábios ficaram azuis.

Levo a mão até a boca, preocupada.

— Ah.

Tento me sentar pela terceira vez, e Valec me ajuda a me recostar na cabeceira da cama.

— Devagar — diz ele.

Pisco, esperando o cansaço me arrastar de volta à posição horizontal, mas não me sinto cansada. Me sinto inquieta. Confusa. Preocupada.

— O que você viu lá? — pergunta ele.

Tento descrever minha experiência com Alice, mas não consigo. Então, em vez de responder, devolvo com outra pergunta:

— Por que estava brigando com a Lu?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você primeiro.

Tento de novo.

— Alice está lá dentro — sussurro —, ainda viva.

— Fazendo o quê?

Eu me lembro dos cães, da floresta, das árvores. De Bree-Arthur.

— Revivendo o momento em que foi ferida, várias vezes — respondo.

— Por quê?

Olho para ele.

— Acho que… ela está tentando descobrir se poderia ter feito alguma coisa diferente.

Valec suspira.

— Ficar nessa não leva a lugar nenhum. A pessoa pode se perder nesse tipo de pensamento e nunca mais voltar.

Volto a olhar para Alice. Vejo outra espiral de fogo de mago subir de seus lábios até o teto.

— Não sei por quanto tempo ela aguenta, mas… acho que está ficando sem tempo. A morte está pronta pra levá-la. Só não a possuiu ainda.

Valec estreita os olhos.

— Devemos chamar William?

— Não — respondo, endireitando o corpo. — Ela ainda está lutando. O relógio está correndo, mas Alice Chen encontrou um jeito de desacelerar os ponteiros.

Valec abre um sorriso.

— A amiga esperta do poço de energia. Garota inteligente. Observadora. Não duvido nada que tenha achado um jeito de enganar a morte.

Valec tamborila na coxa, pensativo.

— Vai me contar agora? — pergunto.

— Quanto você ouviu?

— O bastante pra saber que você quer que a Lu faça algo que ela não quer fazer e que Hazel acha que ela não vai ceder. E algo sobre você ir a um lugar perigoso.

Valec balança a cabeça, relutante.

— Não é perigoso pra mim. Eu acho.

— Valec. — Dou um tapa no ombro dele. — O que isso quer dizer?

— Eu nunca deixaria nada acontecer com a Lu — diz ele, de um jeito enigmático. — Mas não é o melhor… contexto.

Não gosto do jeito como ele continua tamborilando na coxa.

— O que está acontecendo? Tem a ver com a Bree?

— Tem. — Valec passa a língua por uma das presas. — Tive uma ideia, mas não é boa. Na verdade, é bem ruim. — Ele passa a mão no rosto. — Mas, se funcionar, vamos conseguir algumas respostas… e rápido.

— *Valec* — repito.

— Não. — Ele geme. — É arriscado demais. A Lu está certa em querer arrancar meu couro por ter sugerido isso. — Ele se levanta e se afasta. — *Eu* deveria arrancar meu próprio couro, pra ser sincero…

— Valec! — sussurro alto. — Me conta.

Ele volta. Passa a língua pelo lábio inferior.

— Existe um… lugar. Um ponto de encontro onde demônios se reúnem. Se eu for sozinho, vou parecer uma ameaça. Se for com a Grande Dama, vira algo mais… político. Como um embaixador visitando outro país.

Endireito a postura.

— Que tipo de lugar? Onde fica?

Ele ergue a mão, como quem diz "vai devagar".

— Como eu disse, é só uma pista. Levar a Lu é perigoso, mas, sem ela, *não passo* nem pela porta.

— Porta de quem? — pergunto, impaciente.

Valec me encara por um longo instante, a boca retorcida.

— Já ouviu falar em Sombras da Noite?

Franzo a testa.

— É um filme?

Ele me fuzila com o olhar.

— Não, Riah, não é a porcaria de um filme. São goruchels. Poderosos. Membros da Corte das Sombras.

Os pelos da minha nuca se arrepiam.

— Você falou disso no Lounge. Disse que estavam presos do outro lado.

Ele faz uma careta.

— Eu disse que era um *boato,* e é…

— Eles não estão presos? — Arregalo os olhos. — Você disse…

— Eu disse "supostamente"! — Ele ergue as mãos, em defesa. — Isso me isenta, eu acho…

— Valechaz! — exclamo.

— Você está igualzinha à sua tia — resmunga ele, se virando com uma careta. — Não preciso levar bronca de duas gerações na mesma noite. Que saco…

— A corte dos demônios é real?

— Claro que é! — Ele estende a mão, indignado. — Eu não podia confirmar nada com um Merlin na sala, Mariah! É melhor deixar a Ordem achar que sabe de tudo. Isso deveria ser óbvio.

— Não se todos nós virarmos jantar! — rosno.

Valec ri.

— As Sombras da Noite da Corte das Sombras escaparam há séculos, a maioria delas. Mas sem liderança, se dispersaram. Reza a lenda que, há muito tempo, tinham um rei que as unificava, mas ele morreu nas mãos do primeiro Merlin. Depois disso, alguns viraram renegados. Se rebelaram contra a Corte. Se alguma Sombra quisesse devorar toda a humanidade, já teria dado um jeito. Não é isso que estão fazendo.

— E o que estão fazendo, então?

Ele inclina a cabeça de novo.

— Várias… coisas.

— Coisas ilegais, então. Perigosas — digo, cruzando os braços.

— Prefiro ficar fora do caminho deles, digamos assim. Mas eles sabem de coisas. Coisas que eu *não tenho* como saber. Hoje em dia, cada um tem seu pequeno feudo. Minicortes particulares. Tem um que… — Ele para de repente, fechando os olhos. —

Não dá pra pedir ajuda à distância. É preciso ir até lá. Prestar tributo num dia específico do mês, quando estão abertos a suplicantes.

Valec nunca fica nervoso. Nunca o vi gaguejar ou se agitar. Mas algo no desaparecimento de Bree o deixou instável… e agora com essa história de Corte das Sombras, ele parece apreensivo, desconectado, de um jeito que nunca presenciei.

— E se a Lu for junto… é mais seguro?

Valec abre os olhos.

— Se *eu* quiser sair vivo de lá, então sim, preciso da Grande Dama. Uma figura que nenhuma Sombra ousaria desafiar, cuja presença elimina qualquer ideia de que estou tentando invadir o território. A presença dela garante que eu pareça o mais inofensivo possível.

Tia Lu é teimosa. Se teimosia tivesse níveis, ela seria onze de dez.

Olho para Alice e me lembro de suas tentativas repetidas de mudar o próprio destino, mesmo à beira da morte. Alice, que não nasceu no meio da magia como eu e Bree, mas que está se mantendo presa ao mundo dos vivos por pura força de vontade. Ela também é onze de dez.

Mordo o lábio por um instante, com uma ideia e uma decisão tomando forma na minha mente, se entrelaçando como a névoa dourada de aether que ainda se enrola nas pernas de Valec.

— Que cara é essa? — pergunta Valec. — Não sei se estou gostando disso.

Não respondo. Em vez disso, olho para a porta e imagino o balcão da cozinha do outro lado, onde Hazel trabalha há oito semanas tentando curar uma garota que mal conhece, porque é o certo a fazer. Porque ela também é teimosa pra caramba.

As mulheres à minha volta vivem se atirando contra muros, diversas vezes, até quebrá-los… ou até moldá-los à imagem delas. É um tipo de vida impaciente que eu nunca ousei experimentar.

Bree Matthews não espera estar pronta para agir, e seus ancestrais acreditam nela, têm fé nela. Talvez eu também não devesse esperar.

Talvez não seja uma questão de ter a resposta, mas de se tornar a resposta.

— Não ter um plano, mas *ser* o plano — murmuro.

— É o quê? — pergunta Valec.

— A tia Lu já foi a esse lugar antes? — questiono.

Ele balança a cabeça, surpreso com a mudança de assunto.

— Não, nunca. E você ouviu. Ela não vai. Já foi ousado da minha parte perguntar.

— Então eles não sabem como é a aparência da Grande Dama do Sudeste — digo, mantendo o tom leve e curioso.

Valec pisca.

— O quê? Não, eles não… — Valec segue meu olhar até a porta e a cozinha, e até o talismã de ônix repousando discretamente no balcão, dentro da bolsinha. — *Não.*

— Você disse que precisava de algumas semanas para confirmar uma data, certo?

Valec se vira para mim de novo.

— Não.

Mexo os dedos dos pés e estico os braços acima da cabeça.

— Vou testar primeiro. Ver se consigo suportar, claro, mas acho que vou conseguir, porque eu e a tia Lu temos o mesmo sangue…

— Mariah — interrompe Valec. — Não.

Abro um sorriso, empolgada com a inversão de papéis.

— Valec. Sim.

— Mas…

— Você disse que a Bree faria isso por nós — rebato, e ele fecha a boca no mesmo instante. — Você tinha razão. Bree Matthews entraria num covil de víboras se fosse para salvar os amigos.

— Sem ofensa, priminha — diz Valec entredentes —, mas Bree Matthews *aguenta* um covil de víboras. Você, *não.*

— Aguento, sim — retruco, cruzando os braços de novo. — Se eu for a Grande Dama.



DOIS MESES

Após o aparecimento de Selwyn Kane

Natasia

GRAVAÇÃO DE ÁUDIO — ENTRADA Nº 32

O primeiro Merlin, um cambion equilibrado nascido da união entre um íncubo e um humano, também era demonologista e estudioso. Ao que tudo indica, era dotado de uma curiosidade aguçada e de determinação para aprimorar e expandir suas habilidades naturais.

Ao longo de sua vida, Merlin desenvolveu três habilidades de feiticeiro que não pareciam existir em outros cambions da época: a capacidade de criar construtos, lançar mesmerizações e aprofundar suas afinidades naturais com o aether.

Merlin conseguiu ensinar sua aprendiz humana, a jovem Morgana, meia-irmã de Arthur, a criar construtos, mas as outras duas habilidades, ligadas à herança demoníaca dele, pareciam estar além do alcance dela. Embora se diga que Morgana não conseguia dominar as três habilidades, os filhos de Merlin conseguiam. Assim, ele criou sua própria versão do Feitiço da Eternidade dos Lendários para consagrar essas habilidades nas linhagens de sangue de seus descendentes, dando origem a milhares de Merlins nascidos feiticeiros desde então, incluindo a mim e ao meu filho.

Como cambions desequilibrados, com apenas fragmentos de herança demoníaca, os descendentes de Merlin aparentam ser humanos até os sete anos de idade, desenvolvendo traços demoníacos cada vez mais acentuados com o tempo. Nossa força e velocidade surgem primeiro, junto de sentidos

aguçados. Nossa conexão com o aether, o que alguns chamam de "sentido do aether", se aprofunda a cada ano, assim como, a cada ano, nossa humanidade parece se afastar um pouco mais.

Além de codificar suas três habilidades únicas de feiticeiro em sua versão do Feitiço, Merlin incluiu o que acreditava ser uma medida terapêutica para seus descendentes: a prática dos Juramentos mágicos.

Quando nós, Merlins, cumprimos nossos Juramentos à Ordem, isso retarda nossa inevitável queda rumo à demonia. Os Juramentos nos ligam à humanidade em um nível celular, contrabalanceando nossa natureza cada vez mais sobrenatural. Enquanto servimos, mantemos o controle. Mas a demonia — ou "sucumbir ao sangue", como a Ordem chama — ainda é considerada o destino final de todo Merlin.

Nas minhas pesquisas, descobri que, embora a hierarquia de necessidades de um cambion desequilibrado se incline para instintos demoníacos mais primitivos como a fome por emoções humanas negativas, tais como raiva, medo, remorso, etc., não acredito que essa "queda" seja inevitável.

Ao longo dos séculos, a Ordem aplicou uma camada de valores morais, que eu chamaria de religiosos, às fases progressivas do desenvolvimento "demoníaco" de um cambion desequilibrado. Essa ideologia imposta fez com que os descendentes de Merlin se tornassem cúmplices de seus próprios Juramentos — e de seu próprio aprisionamento. Podemos evoluir de formas que a Ordem rejeita, e, sim, existe a possibilidade *de nos tornarmos um risco às pessoas ao nosso redor sem o apoio adequado. Mas e se encarássemos essa progressão como um desenvolvimento natural, e não como "sucumbir"? E se "sucumbir" for a linguagem daqueles que mais se beneficiam de nossa ignorância sobre nossa verdadeira natureza? Eu diria que até o termo "demoníaco" é neutro. Não acredito que um excesso de desejos, impulsos e vontades seja, por si só, imoral — mas* acredito *que esses impulsos não se encaixam no grande projeto da Ordem.*

Ao estudar cambions equilibrados, seres nascidos diretamente da união entre súcubos/íncubos e humanos, notei que quanto mais esses seres abraçam sua natureza demoníaca, mais eles exibem o "equilíbrio" que os define.

Com o conhecimento generosamente compartilhado por Faye Matthews sobre ervas e plantas, consegui, enfim, desenvolver um experimento para provar minha teoria ao longo de muitos anos de estudo e pesquisa. O resultado desse experimento foi um… tratamento? Não. Essa não é a palavra certa. É a palavra que a Ordem usaria para dizer que temos uma doença. Meu experimento foi… [Um gemido.] *Uma intervenção? Isso. Uma intervenção. Que apliquei em mim mesma, com sucesso, durante minha própria e suposta "queda", e que me permitiu manter minha humanidade e minhas forças demoníacas bem preservadas até a quarta década da minha vida.*

No entanto… quando tento aplicar esses mesmos métodos ao meu filho, Selwyn… eu… [Pigarro.] *Descobri que, quando tento ajudar meu filho…*

— Não funciona porra nenhuma.

Solto o botão do gravador, deixando-o cair, e me viro para Selwyn num piscar de olhos.

Ele está sentado na cama, no quarto dos fundos da minha cabana, encostado na parede, no escuro. Já passou das três da manhã.

— Selwyn, eu… desculpa. Achei que você estivesse descansando.

Ele pisca para mim do outro lado do cômodo, duas esferas vermelhas brilhando nas sombras. Selwyn não responde. Isso, eu esperava. O que me surpreende — o que me deixa em choque — é o fato de ele ter falado.

Franzo a testa.

— Essa é *realmente* a primeira coisa que você me diz em *dois* meses? "Não funciona porra nenhuma"?

A cabana está completamente escura. Ambos conseguimos enxergar no escuro, então sei que ele sabe que posso ver o brilho das presas dele. Um sorriso sarcástico e azedo na noite.

— Voltou ao silêncio? — pergunto.

Ele desliza ainda mais pela cama.

Selwyn vem tomando os tônicos de ervas depois que expliquei o que são e o que deveriam fazer. Parece emocionalmente mais estável com eles, mas sua condição física continua a mesma. Os tônicos deveriam ter revertido algumas de suas fomes e transformações físicas que as acompanham, para que pudéssemos tentar os próximos passos juntos. Para que ele pudesse pensar com a clareza necessária para tomar decisões conscientes sobre como prosseguir.

Mas os tônicos *não* estão funcionando — e sua fome e suas mudanças físicas só se intensificam. Não importa o quanto eu o alimente agora; se seu corpo quer consumir dor humana, ele vai continuar se adaptando para tornar isso mais possível. Em breve, comida humana não será suficiente.

Ele vai ficar mais forte. Mais rápido. Vai conseguir farejar a miséria humana à distância — e manipular uma pessoa para piorar suas emoções. Tenho sorte por, até agora, ele não ter demonstrado interesse em sair de casa.

Protegi o perímetro para que ninguém nos encontre aqui, mas não para impedir sua fuga. Só farei isso se ele me provar que precisa ser contido para sua própria segurança — ou para a segurança dos outros. E mesmo assim… hesito.

Já fui prisioneira. Não quero aprisionar meu próprio filho.

— No começo, pensei que falar fosse doloroso, ou que você tivesse se machucado — digo. — Tive medo de que Erebus tivesse te ferido. Depois percebi que o silêncio era uma *escolha* sua.

Ouço a voz dele na escuridão, seca e entediada.

— Não tenho nada a dizer para você.

Suspiro. Meus olhos percorrem o laboratório improvisado que montei na sala de jantar.

— Os tônicos ainda não estão funcionando, mas isso não significa que os Regentes estejam certos sobre nós.

Sel continua parado, impassível.

— Se me ouviu mais cedo, então sabe que eu não acredito no que os Regentes acreditam. No que Erebus acredita. — Faço uma pausa, franzindo a testa. — E você?

Desta vez, o silêncio do meu filho é uma resposta por si só.

— Você pode achar que é a prova viva do conhecimento deles — continuo —, mas também é prova da minha negligência. Eu deveria ter revelado a você minhas suspeitas muito antes de partir.

— Eu tinha cinco anos quando me disseram que minha mãe morreu — declara Selwyn, a voz saindo como um estalo de fúria elétrica. — Cresci achando que você tinha sido morta numa missão. Pensei que você estivesse *morta*.

Minha garganta se fecha. Eu sabia disso, mas ouvir da boca de Selwyn é outra coisa completamente diferente.

— Me desculpa. Sua dor deve ter sido… imensa.

— E meu pai era tão burro, desesperado, e ele te amava *tanto* que decidiu se casar de novo… com o próprio luto.

Eu sabia disso também, e sinto um aperto no peito.

— Ele é um bom homem e merece ajuda.

— Sabia que, na Academia, eu me *orgulhava* de você ter morrido em batalha? De você ter morrido lutando, como uma guerreira lendária? — Ele solta uma risada amarga. — Mas era mentira, e eu era um soldadinho ingênuo.

— Se eu tivesse te contado mais, ensinado mais…

— Para de desejar um filho imaginário — resmunga ele. — Ele não está aqui. Eu estou.

— Eu sei que…

— Talvez esse filho imaginário, que sabia resistir à própria demonia…

— Sua demonia *não* é uma falha que precisa ser superada…

— Talvez o filho que conseguiria resistir à demonia seja o filho que você não abandonou! — dispara Selwyn. — Porque, na prática, foi a sua *ausência* que eu aprendi a superar, mãe. Você foi embora. Meu demônio, não.

Nós nos encaramos por um longo e doloroso momento.

— Você está certo, Selwyn — sussurro. — Eu falhei com você, de muitas formas. Mas estou aqui agora. Você tem razão quanto aos meus tônicos, não estão funcionando como eu esperava. Mas eu sou uma amostra única. O que aconteceu comigo não é, necessariamente, o que vai acontecer com você.

Ele se levanta e vai até a entrada da sala. Selwyn me encara com os olhos estreitos e, se eu fosse outra pessoa, talvez sentisse medo daquele olhar frio e impenetrável.

— Está se baseando em ciência ou em desejo?

Fui eu quem ensinou esse olhar a ele, então não funciona comigo.

— Eu tenho feito outras pesquisas, sabe? — digo casualmente, apontando com o queixo para minha escrivaninha e os vários papéis e anotações. — Durante o dia, quando saio, tenho usado meus contatos em redes… menos respeitáveis, para descobrir o máximo que consigo sobre a morte de Martin Davis e as circunstâncias da sua separação de Nicholas. Se estiver disposto a conversar, talvez possa me ajudar a entender o que

exatamente aconteceu com o seu Juramento de Mago-Real. Como aconteceu, quando aconteceu. Seria útil saber se há outras variáveis em jogo.

Ele se recosta no batente da porta e faz um gesto vago com a mão, como quem diz "me conte o que você descobriu".

Eu me irrito ao perceber como a personalidade desse menino é parecida com a minha. Será que eu era arrogante desse jeito?

Respondo mesmo assim.

— Bem, descobri que, no meu…

No meu luto. Era isso que eu queria dizer. No meu luto terrível, dilacerante e assombroso pela minha amiga, de quem senti tanta falta nos últimos sete meses.

Penso em Faye. No acidente. No hospital. E, depois, na filha dela. Jovem, em choque, tão perdida.

A última coisa que desejo é que a filha de Faye seja arrastada para a guerra interminável, cruel e impiedosa da Ordem.

Selwyn pigarreia, me tirando de meus pensamentos.

— D-desculpa — gaguejo, franzindo a testa. — Perdi o fio da meada. O que eu estava falando mesmo? Ah… eu… bem, conforme fui investigando, percebi que perdi muita coisa nos últimos sete meses. Senti a morte de Martin, mas presumi que fosse por causas naturais ou porque ele finalmente encontrou uma forma de conquistar o valor que tanto buscava. Eu não fazia ideia de que ele havia sequestrado o próprio filho, de que as Linhagens haviam sido chamadas, de que Nicholas havia puxado a Excalibur…

— Nicholas não tirou a Excalibur da pedra.

Pisco para ele, surpresa.

— Como é?

— Você me ouviu.

Ele suspira, vira-se e apoia a parte superior das costas no batente da porta. Inclina a cabeça para trás, olhos fechados, e convoca o aether verde na palma da mão, moldando a magia com os dedos antes de dissipá-la.

— Selwyn…

— Nicholas nunca esteve na linha de sucessão ao trono — murmura ele, sem me encarar. — Nem o pai dele.

Balanço a cabeça, atordoada.

— Não, isso… não pode ser…

Ele abre um dos olhos, vermelho, brilhante.

— Nós dois, mãe e filho, fomos vinculados a impostores. Ainda que não soubessem, eles eram impostores mesmo assim. E nós dois sofremos por causa das mentiras deles. Tal mãe, tal filho.

Ele se afasta, voltando para o quarto, fugindo da conversa.

— Espera! — digo, dando um passo à frente. Resisto ao impulso de agarrar o ombro do meu filho, de virá-lo, de fazer mais perguntas. — Quem… quem é o Herdeiro de Arthur, então, se não é o Nick?

Ele faz uma pausa. Vira a cabeça por cima do ombro, apenas para que eu veja sua boca se alongar devagar, expondo uma única presa. É um gesto silencioso e calculado. Feito para zombar de mim pelo que não sei. Pelo que perdi.

Mas o sorriso do meu filho me faz engolir qualquer indignação e rouba o ar dos meus pulmões, porque não é um sorriso que eu esperava ver em seu rosto novamente.

É o sorriso de um sonhador faminto, saboreando uma visão que não vai dividir com ninguém.

É o sorriso de um caçador, imaginando sua presa.

O sorriso provocador de um demônio à espreita, que não liga para a morte, mas anseia pela perseguição.

Será que só o *pensamento* desse Herdeiro de Arthur, essa pessoa inocente Chamada para o título mais poderoso do nosso mundo, provoca nele uma resposta tão… faminta?

De repente, me sinto preocupada com esse indivíduo e com o que meu filho pretende fazer quando se reencontrarem. Ele quer servi-lo? Protegê-lo? *Adorá-lo*? Ou devorá-lo por completo?

Sem dizer mais nada, Selwyn se vira e entra no quarto, batendo a porta com força atrás de si.



PARTE DOIS

IMBATÍVEL



14

TRÊS MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Bree

HÁ UM DEMÔNIO voando bem acima da cabeça da empresária.

A mulher é alta, branca, de cabelos escuros. Veste um longo casaco de inverno por cima de um terninho azul e carrega uma bolsa elegante no ombro. Está falando no fone de ouvido, concentrada numa ligação enquanto caminha pelo centro de Asheville. Parece irritada, o que o demônio com certeza adora. Os dentes da criatura brilham em um verde vibrante no crepúsculo. A boca desproporcionalmente larga está aberta em um "O" enquanto suga a raiva latente da mulher e passa suas garras de pontas negras pelo cabelo dela.

Um diabrete, brincando com sua comida.

Estou tão focada em seguir o fluxo de aether verde que escorre das asas prateadas e iridescentes da criatura que tropeço num tijolo solto da trilha do Parque Pack Square e quase caio de cara no chão. Mesmo assim, meu "opa" baixinho basta para fazer a mulher parar e começar a se virar. Por pouco ela não me vê, já que me escondo atrás de um pilar de pedra com uma luminária em cima.

Prendo a respiração e a solto silenciosamente, esperando que a mulher volte a seguir seu caminho pelo parque, que está escurecendo depressa.

Leva alguns segundos, mas então ela continua andando. Dou uma espiada por cima da luminária e vejo o isel ainda voando ao redor dos ombros dela. Ele já pegou o cheiro da mulher e decerto a assombrará por dias, se alimentando de suas emoções negativas como um parasita invisível, ampliando-as o quanto puder para garantir uma refeição fácil.

— Vai deixá-lo escapar, ou…?

Ouço uma voz baixa e presunçosa sobre meu ombro esquerdo. Dou uma cotovelada para trás, mas Elijah é muito rápido. Eu sabia que não ia acertá-lo mesmo.

É a intenção que conta.

— *Não*. Só não sei bem como — faço um gesto vago com a mão, como se isso ajudasse a explicar — caçar um demônio menor *enquanto* ele se alimenta de um ser humano em movimento.

Zoe aparece do meu outro lado, agachada para que eu veja seu rosto.

— Ela está distraída. Como uma típica humana. Quando parar, torra o desgraçado.

— Como assim, "como uma típica humana"? — retruco. — Eu sou humana. *Você* é meio humana.

— Pois é, exatamente — diz Elijah, apontando para o outro lado do parque. — A gente *te* distraiu… e agora ela está atravessando a rua e indo embora.

— Merda.

Saio do esconderijo e atravesso o parque o mais rápido possível, tentando não chamar atenção.

Quando me aproximo da mulher, ela já está do outro lado da rua, passando por um Starbucks. Enquanto a sigo de longe, indecisa sobre o que fazer, ela para em frente à vitrine de uma lojinha esotérica cheia de velas artesanais, esculturas de madeira e uma porção de cristais grandes e coloridos.

Elijah me alcança com facilidade — e me cutuca com o cotovelo.

Certo.

A voz grave de Erebus ecoa nos meus ouvidos. *Sua Arte de Sangue vem de dentro de você. Sua fornalha vive dentro de você. Mas seus alvos são reais, então seu poder também tem que ser. Externalize o que é interno. Force-o para fora com sua vontade, depois molde-o com o foco*.

Cortar, penso. Então a raiz oculta na minha mão assume a forma de uma pequena faca de arremesso com cabo fino, perfeitamente equilibrada na palma.

Puxo a faca do bolso devagar, para não alarmar a mulher — embora ela, ou qualquer outro humano sem magia, não consiga enxergar a arma.

Olho para a lâmina quase translúcida, de um roxo escuro, e sinto uma onda de satisfação por ter criado sua forma apenas imaginando o que *precisava* que meu poder fizesse. Não é a primeira vez que me pergunto se é assim que os Merlins se sentem, com acesso constante ao aether. Com a capacidade de criar qualquer coisa que imaginem.

Minha faquinha não é um construto sólido — se fosse, qualquer pessoa na rua a veria —, mas é sólida o bastante para que um demônio a sinta. Elijah, percebendo que criei a lâmina, abre espaço para eu arremessá-la — e verifica se há humanos por perto. Depois de um momento, ele faz que sim. *Tudo limpo.*

A empresária também se mexe, se virando de costas para mim. Ergo a lâmina, levando a mão até a altura do ombro.

Giro o pulso e deixo a faca voar. Ela acerta o diabrete no peito, enterrando-se até o cabo.

O demônio menor cai imediatamente do ombro da mulher, que se inclina um pouco para a frente quando ele despenca, como se tivesse perdido parte de seu vigor. Ela pisca, confusa. Deve se sentir mais leve, ou no mínimo menos mal-humorada.

Ela teve sorte de um diabrete ter sido o único demônio que a encontrou hoje. O Portal dele deve estar por perto, porque diabretes são fracos demais para voar longe do ponto de entrada no nosso mundo. A maioria das Crias Sombrias que cruzam são invisíveis e incorpóreas, e a maioria são demônios menores com pelo menos uma dessas duas coisas em mente: aether para fortalecer seus corpos ou energia humana para clarear suas mentes. Diabretes são irritantes, mas, como todo demônio pleno, são implacáveis e famintos.

Sempre famintos.

A mulher pisca de novo.

— O que foi que…? — pergunta a ninguém em particular.

Elijah se posiciona para bloquear a visão dela de mim, fingindo que estamos no meio de uma conversa. Ainda assim, arrisco uma espiada rápida por trás dele e vejo o demônio menor se contorcendo no chão. Em breve vai virar pó, invisível para qualquer um que passar. Por enquanto, está morrendo.

Observo a criatura enquanto ela se contorce e muda de forma — e me lembro de outra cena como essa, mas era outra pessoa sobre um demônio imobilizado. Outra pessoa encurralando e interrogando um demônio enquanto eu me escondia atrás de uma árvore. Lembro que os gritos daquele isel me assombraram por *horas* depois, mas não consigo me lembrar do rosto de quem o matou.

Depois de um momento, a mulher retoma a ligação e continua andando pela rua… e Elijah faz que sim com a cabeça.

— Mandou bem.

Um elogio raro, mas eu o aceito.

— Valeu.

— A noite ainda não acabou. — Ele aponta com o queixo de volta para o parque, onde Zoe nos espera encostada num muro baixo. — Vamos.

Fevereiro é frio em Asheville, mas pelo menos não está *congelando*. Não há neve no chão, e o vento está calmo. As ruas estão movimentadas o bastante para termos que desviar de casais e grupos que cruzam o parque em busca de restaurantes e bares aquecidos.

É minha primeira noite caçando com os gêmeos. Venho treinando com Erebus há meses, e ele finalmente ordenou que me levassem para praticar a forja e o uso de armas em público sem chamar atenção. Há humanos por toda parte e, até agora, já matamos cinco demônios menores: dois diabretes, um grande e escamoso demais para ser

chamado de esquilo, um que parecia um rato brilhante e outro com asas de couro, como um morcego.

Fazendo um balanço da noite, Zoe murmura:

— Com o diabrete, já são cinco. Voto em pegarmos mais um e encerrarmos o expediente. Bree vai detectar um demônio menor, matá-lo e fazer isso discretamente. Aí a gente come uma pizza e ainda volta a tempo de ver *Real Housewives.*

Elijah bufa.

— Você mora com o rei dos demônios e passa o tempo vendo *Real Housewives*.

Zoe dá de ombros.

— Ele só volta amanhã. Você não pode ser o puxa-saco do professor quando ele não está em casa, Jah.

Elijah fica boquiaberto.

— Eu *não* sou…

— É, *sim*! — exclama Zoe, se virando com um sorriso malicioso e imitando a voz grave do irmão com perfeição. — "Pode me contar como era a Corte antes de Arthur, senhor? Em quais testes os guardas precisam passar antes da iniciação? Na academia, quando é que os Merlins…"

— Cala a boca! — Elijah tapa a boca da irmã com a mão.

Zoe continua falando, abafada, até puxar a mão dele para baixo.

— "Por favor, senhor, me conte dos bons e velhos tempos, quando os demônios vagavam livremente pela terra…"

— *Zoe!* — rosna Elijah, os olhos brilhando em um vermelho flamejante. Ele olha por cima da minha cabeça, em direção à rua, onde algumas pessoas vindo do centro se aproximam. — Fica quieta.

Zoe se esquiva do irmão e gira no lugar, deixando as tranças longas balançarem.

— Como se eles fossem acreditar em qualquer coisa que a gente diz. Se eu disser a palavra "demônios", esses humanos provavelmente vão achar que é uma metáfora. Tipo, meus traumas do passado, ou sei lá o quê. — Ela revira os olhos com indiferença. — Eles não ligam se a gente mata um demônio. Nem sabem que eles existem.

— Por que *vocês* se dão ao trabalho de matar os demônios que se alimentam de humanos? — pergunto, de repente. Ando com essa dúvida há algum tempo. Os Lendários matam demônios para proteger a humanidade, mas Zoe e, até certo ponto, Elijah, não parecem muito interessados em proteger outras pessoas. — Vocês nem gostam de humanos.

Zoe ergue uma sobrancelha emplumada.

— Porque matar demônios faz os menores lembrarem quem está acima na hierarquia. Ajudar os humanos é só um efeito colateral necessário.

— Quando você diz que está acima deles…

Elijah me lança um olhar de apreensão, e eu hesito, sem saber se devo continuar. Esse parece ser um assunto delicado para os gêmeos… a família deles, de onde vêm. Dá para perceber que não são do Sul, ou pelo menos não foram criados aqui. Eles não têm

sotaque, não falam arrastado. E, pelo que percebi nas idas ao mercado nos últimos três meses, eles *não* têm qualquer apreço por café da manhã sulista. Eles ignoram o mingau de milho, nunca perguntam pelas batatas rústicas e não sentem falta dos biscoitos amanteigados. Esse último, aliás, é uma pena. Quando o assunto é vida pessoal, quem eles são além de pupilos do Rei das Sombras, os gêmeos não me fazem perguntas, e eu também fico na minha. Isso torna muito mais fácil esconder que sou a Herdeira de Arthur, o que, sinceramente, é um alívio. Mas torna conversas como essa complicadas.

— Você quer dizer… como cambions?

Elijah desvia o olhar.

— É, digamos que sim.

Eu me pergunto se já conheci um cambion equilibrado como os gêmeos. Se conheci, não me lembro.

— E os goruchels? — pergunto, abaixando a voz. — Vocês matam eles?

— Poderíamos — responde Elijah, mas não parece muito confiante. Ele é assustadoramente bom em manipular aether, mas nunca o vi usá-lo como Zoe faz. — Se fosse uma ordem, claro.

— E sem depender de uma maldita *marca de sangue* — enfatiza Zoe, fazendo uma careta que releva suas presas brilhando sob a luz de uma cafeteria próxima, quase como as do diabrete. — A gente mataria de verdade. Porque *temos* estômago para isso.

Desta vez, sou eu quem ergue uma sobrancelha.

— Eu já matei um goruchel. Tenho estômago para isso.

— Quando digo "matar", quero dizer de perto, Bree — diz Zoe, com um sorriso presunçoso. — Nada de jogar uma adaga ou atacar de longe…

— Eu enfiei uma lâmina no peito de um demônio maior — digo com firmeza — e fiquei lá o vendo gritar e sangrar até morrer. Isso é perto o suficiente pra você?

Os gêmeos param e me encaram com expressões idênticas de desconfiança. Ao redor, a noite já caiu de vez e as ruas estão mais vazias, então não temos plateia. Deixo que me observem, que tentem decidir se estou mentindo.

Erebus pode ter removido meu conhecimento sobre os vivos, mas não apagou minhas memórias dos mortos. Eu me lembro de matar Rhaz… e me lembro bem.

Depois de um instante, Zoe recua com um discreto:

— Hum.

Elijah demora um pouco mais que a irmã para decidir o que pensar, mas não me dá o gostinho de saber se acreditou ou não.

— Tanto faz — diz, fungando e dando meia-volta na calçada, seguindo para o sul, em direção ao supermercado Whole Foods, na Broadway Street.

Zoe alcança Elijah e joga um braço sobre os ombros dele enquanto conversam. Provavelmente sobre mim. Provavelmente sobre Erebus. Provavelmente sobre o quanto sou irritante. Sobre quanto tempo o Rei dedica a mim. Não que eu me importe.

No entanto, não tenho escolha a não ser segui-los. Os gêmeos e eu estamos, infelizmente, grudados. Pelo menos em público. E nenhum de nós está feliz com isso.

Quando saímos de casa, preciso ser acompanhada por eles. Por um tempo, eles simplesmente me deixavam para trás, só para não terem que me carregar para todo canto. A noite de hoje começou de um jeito promissor, mas dá para ver que eles prefeririam não estar no plantão Bree.

Um casal passa por nós. Uma garota de cabelos escuros e seu namorado alto, ambos com casacos iguais da North Face. Não reconheço nenhum dos dois… Na verdade, nunca reconheço *ninguém*, não mais. Contudo, há algo no jeito como ela se aninha nele, no peso do braço dele ao redor dos ombros dela, que me faz sentir uma pontada de inveja. Não conheço esse casal, mas a conexão entre eles parece algo que *talvez* eu tenha tido um dia. Algo que eu *poderia* ter… ou deveria.

Com quem? Não faço ideia.

Isso acontece às vezes. Vejo um estranho, sinto algo familiar e tenho a sensação de que há *alguém* por trás desse sentimento… e então a sensação some.

Nos últimos três meses, venho descobrindo mais sobre a lacuna de conhecimento que Erebus criou em mim. Embora ele ainda se recuse a responder perguntas diretas sobre o que fez, vem realizando experimentos comigo para tentar entender como funciona.

Confirmamos que Erebus estava certo naquela primeira manhã: há uma diferença entre "memórias" e "conhecimento".

Não me faltam memórias — me falta *informação*.

Eu me lembro da minha história de vida. Essas memórias são nítidas. Mas é como se eu tivesse vivido a vida toda com fantasmas sem rosto nem nome.

Conheço meu passado, mas não as *pessoas* no meu passado.

Eu me lembro das conversas que tive com outras pessoas, mas não sei com quem falava. Me lembro das coisas que *fiz*, mas não sei quem estava comigo quando fiz. Há espaços nebulosos onde os rostos e corpos deveriam estar, lacunas onde os nomes e histórias deveriam existir, e apenas silêncio onde eu deveria ouvir suas vozes. Posso fazer suposições sobre essas pessoas que não conheço mais, mas são apenas suposições. Os fatos foram apagados. As pessoas desapareceram.

Como uma imagem borrada gravada na mente, ou um eco persistente, o único detalhe que conservei sobre as pessoas da minha vida é um resquício emocional das lembranças de nossos últimos encontros. Para cada pessoa que consegui evocar até agora, essa única emoção ressoa tão alta e clara que acabou substituindo a identidade delas. O pai que me faz sentir arrependimento. O garoto Merlin que me faz sentir culpa. O garoto da perseguição que me faz sentir saudade. A melhor amiga que me faz sentir preocupação. As *muitas* pessoas que me fazem sentir impotente, que devem ser meus inimigos. E a lista continua…

De todas as pessoas vivas da minha vida anterior, as únicas que não foram completamente apagadas são os demônios goruchels que enfrentei. Erebus acredita que os guardei na memória porque demônios são um tipo de mortos-vivos, enquanto todos os outros desaparecidos ainda estão vivos. Talvez ele tenha razão. Ainda me lembro da minha mãe. Dos garotos assassinados chamados Russ, Whitty e Fitz. Eu me lembro de

um homem chamado Martin Davis, morto bem na minha frente. De tudo, a *violência* é o que permanece nítido…

Como alguém usando lâminas de aether para decapitar uma pessoa.

O pensamento surge na minha mente sem aviso, e eu tropeço, cambaleando.

Os gêmeos olham para trás, alertados pelo som. Elijah continua andando. Zoe lança um olhar irritado para mim.

— Não consegue nem andar direito.

Ignoro o comentário e tento focar na lembrança. Quem mataria alguém daquele jeito? Tento imaginar o rosto do assassino, mas não consigo. Pode ser alguém cuja ressonância emocional eu já tenha acessado — ou alguém totalmente diferente.

Mas conheço a vítima e sei que eu a *desprezava*. O nome dele era Maxwell Zhao.

Um zumbido grave interrompe meus pensamentos. Elijah enfia a mão no bolso e pega o celular.

— Zoe.

A garota para, me dando tempo de alcançá-los. Elijah mostra a tela do celular para ela, afastando-a para que eu não veja.

— O contato quer nos encontrar hoje à noite. No Rat.

O Rat, abreviação de Ratskelião, é um café e bar no centro. Os gêmeos frequentam esses e outros lugares por causa das *missões* deles, mas nunca me levaram. Até agora, essas missões são a única coisa que Erebus me proibiu expressamente de acompanhar. Sempre que os gêmeos saem de casa e eu pergunto sobre esses compromissos, ele me corta. Muda de assunto. E os gêmeos parecem se divertir com o fato de que existe algo que *eles* podem fazer e saber e eu, não — o que só me deixa ainda mais curiosa.

Zoe lê a mensagem na tela.

— Ele não ia aparecer *amanhã?*

— Pelo visto, vai pra lá hoje à noite — diz Elijah, guardando o celular no bolso. — Temos que ir. Nós dois, ou ele não vai nos levar a sério.

Eles olham para mim, inclinando a cabeça exatamente do mesmo jeito. Com as bocas franzidas pela mesma irritação e frustração. Eu me sinto um pote de sobras na geladeira. Um mistério de origem desconhecida e indesejada. Algo que eles sabem que precisam jogar fora.

— Eu poderia ir com vocês — ofereço, tomando cuidado para não parecer empolgada ou animada demais com a ideia. Em vez disso, acompanho a energia deles, fingindo tédio. — Não vou atrapalhar.

Zoe e Elijah jogam a cabeça para o outro lado, dessa vez com expressões de puro desgosto.

— Não.

— Nem pensar.

— Qual parte? — exclamo.

— Todas. — Zoe revira os olhos. — Você vai ser óbvia demais, e o velhote não quer você no Rat.

— Eu não vou ser óbvia — retruco. — Só vou ficar sentada até vocês terminarem. Ou sento em outro lugar, se for melhor. Ou fico de pé num canto.

— Nenhuma dessas é uma opção viável. — Elijah solta um suspiro pesado e coça a nuca, virando-se para a irmã. — Se o contato vai estar lá, temos que levá-la de volta pra casa. Vamos.

Antes que ele possa se virar, o celular vibra novamente. Elijah olha a tela bloqueada e xinga.

— Merda. Disse que se a gente não chegar em uma hora, ele vai embora… e levar a pista com ele.

— Quem esse cara pensa que é?

— Alguém com informação, e sabe que a gente precisa dela.

Informação? Resisto à vontade de fazer mais perguntas. Já imaginei meia dúzia de motivos possíveis para as idas dos gêmeos ao Rat. Quanto mais tempo passo com o Rei, mais percebo que, depois de mil e quinhentos anos planejando vingança contra a sociedade secreta de Arthur Pendragon, ele tem mais planos em andamento do que eu consigo contar. Planos em cima de planos, intrigas em cima de estratégias. Tantos objetivos quanto identidades, provavelmente… Ou seja, muitos. Mas o que ele confia aos gêmeos em sua ausência, e por que são eles que buscam informações em seu lugar?

— Uma hora é apertado — reclama Elijah. — A gente não consegue levar a Bree pra casa e voltar a tempo.

Zoe continua falando de mim como se eu não estivesse ali.

— Será que ela consegue voltar sozinha?

— O velhote vai arrancar nosso couro se o projetinho precioso dele resolver dar no pé.

— Se ela fugir, a gente corre atrás. Simples assim…

— Eu não vou *fugir* — falo, e cruzo os braços. — Não que eu fosse conseguir ir muito longe sem documento, celular ou dinheiro *de verdade*. Estou aqui porque quero, lembra?

É verdade. Posso não me lembrar das pessoas que deixei para trás, mas lembro por que estou com Erebus e os gêmeos. Estou ficando mais forte a cada dia, ganhando mais controle a cada dia. Estou no caminho certo para conseguir lutar minhas próprias batalhas… finalmente.

Os gêmeos se entreolham. Então, como costumam fazer, compartilham uma conversa rápida que ouço claramente, mas da qual não sou convidada a participar.

— Se ela se machucar, a culpa vai ser nossa — murmura Elijah.

— Ela é insuportável, mas minimamente capaz.

Bufo.

— Eu acabei com você no primeiro dia, Zoe.

Zoe revira os olhos.

— Ela não segue instruções. Só quando o velhote manda.

— Eu estou *ouvindo*!

— É melhor não — diz Elijah, me analisando. — *Ela* não serve pra esse tipo de coisa.

— Mas também não podemos furar como o nosso contato — insiste Zoe. — O velhote vai odiar isso também.

— E *eu* vou odiar. Trabalhei muito pra conseguir essa pista. Precisamos dela. Não dá pra perder.

Parece um debate, mas nada disso indica que eu vá mesmo com eles. Normalmente, essas trocas entre eles terminam com uma piada às minhas custas, o que é bem típico dos gêmeos. Eles adoram me ver desconfortável. Coisa de demônio, eu acho.

Não sei exatamente o que é essa "pista", mas já ouvi Elijah mencioná-la. Ele está sempre ao telefone, saindo. Vive pesquisando na internet enquanto Zoe vê TV, digitando distraidamente com uma das mãos e rolando resultados de busca e fóruns com a outra. Ele anda pela cozinha com o celular, girando uma caneta que enfia na boca quando precisa das duas mãos para digitar. Eles estão caçando alguém ou alguma coisa.

— E aí? — questiono.

Os gêmeos se encaram por mais um segundo, em silêncio, até que Elijah suspira e desvia o olhar.

— Tá bom — diz ele, para ninguém em particular.

— Tá bom — diz Zoe, para mim. Ela dá um passo à frente e cutuca a ponta do dedo no meu nariz com unhas verdes brilhantes, imitando o tom grave e a dicção de Erebus: — *Comporte-se, Briana.*

— Respeita meu espaço, por favor.

Viro o rosto, afastando seu dedo.

Elijah nos dá as costas e começa a voltar pelo caminho de onde viemos.

— Vamos, *mascote.*

O Ratskellião fica escondido no final de alguns degraus de pedra desgastada, com uma porta castigada por invernos de neve. As janelas encardidas estão precisando de limpeza tão desesperadamente que os vidros têm cor de água de louça suja. Como ainda está cedo para uma sexta-feira, as pessoas no bar no momento provavelmente são uma mistura de clientes fiéis, bebendo café com os olhos no laptop, e fregueses começando a noite.

O que me surpreendeu, no entanto, foi ver o nome do estabelecimento rabiscado em aether verde-brilhante, tremeluzindo e flutuando alguns centímetros acima da porta, como um neon vivo.

Quem lançou esse encantamento quis que ele fosse visto por alguém com a Visão. Para os olhos humanos comuns, havia apenas uma pequena placa de latão. Qualquer pessoa passando pela rua pensaria que o lugar estava abandonado ou condenado, a menos que visse alguém entrando ou saindo.

— Esses degraus parecem perigosos — murmuro, encarando-os com cautela. São íngremes, mas estão secos.

Já descobri que o gelo negro é real por aqui, tão alto nas montanhas. Os gêmeos checam a rua em busca de curiosos, depois saltam os três metros de escada de uma vez. Eu desço com um pouco mais de cuidado. Sou forte e conseguiria fazer aquele salto com a mesma facilidade que os dois, mas não me curo da noite para o dia como eles.

Na parte de baixo, a porta se abre com o toque de Elijah. Quando passo sob o letreiro flutuante do Ratskelião atrás de Zoe, sinto o leve arrepio da magia contra minha pele. Quando a porta se fecha atrás de nós, entramos em um corredor longo, cinzento e mal-iluminado. Dou um segundo passo e sinto algo pegajoso sob os pés. E o corredor cheira a fruta estragada. Engasgo involuntariamente e cubro o nariz. Os gêmeos se viram, franzindo a testa.

— Está fedendo — explico.

Elijah se aproxima, estreitando os olhos.

— O dono daqui é um humano que está enfiado até o talo no mundo demoníaco. Ele é leal ao velhote. Nos deixa negociar aqui dentro contanto que a gente se misture com os locais. É o único território neutro que alguns dos meus contatos aceitam. Não desrespeite ninguém que você não conhece, não faça escândalo e mantenha a voz baixa. Na verdade, é melhor não falar com ninguém.

Abaixo a mão. Suspiro. Forço um sorriso, sem mostrar os dentes.

— Tá bom.

— E mantenha sua fornalha bem trancada — diz Zoe, enquanto Elijah segue em direção à segunda porta no final do corredor. — Nosso contato é um goruchel, mas pode haver outros lá dentro.

— Tudo sob controle — insisto.

E é verdade.

— Ótimo — responde Elijah —, porque o velhote vai arrancar nossas orelhas com as próprias mãos se algum desgraçado das sombras der uma abocanhada que seja em você.

— Não fala assim — murmuro.

Ao meu lado, Zoe dá uma risadinha.

— Meu *poder* faz essas coisas, ou é essas coisas, ou… sei lá — continuo. — Meu poder não sou *eu*. Não sei tudo, mas isso eu sei. Eu *me conheço.*

Zoe dá de ombros com facilidade.

— Seu poder, você, é tudo a mesma coisa. A gente pode até se conhecer melhor do que ninguém, mas *nem sempre* sabe o que é capaz de fazer… ou o que pode se tornar.

Paro por um instante. Nunca tinha ouvido Zoe ser tão… filosófica. Estou prestes a perguntar o que ela quer dizer com aquilo, mas Elijah puxa a porta do fim do corredor com um último aviso:

— Aqui dentro, Bree, você não tem poder. Aqui, você é só uma garota humana normal.

Já faz meses que não sou a Herdeira de Arthur — nem para a corte que não posso reivindicar, nem para Erebus, nem para mim mesma. Meses desde que deixei de ser uma Médium; os cemitérios próximos agora não passam de terra, pedra e arbustos, nada além disso. Só tenho sido Bree, e meu único poder tem sido minha Arte de Sangue. Mas, aqui, não sou nada disso.

Fecho os olhos e deixo esse pensamento impregnar meus ossos, veias e pulmões.

Inspiro. *Garota*. Expiro. *Humana*. Inspiro. *Normal*.

Expiro de novo, dessa vez usando apenas o baixo-ventre, esvaziando os pulmões lentamente até não restar ar, mantendo a parte superior do corpo imóvel… então inspiro pelo nariz enquanto imagino trancar toda a minha raiz dentro de uma caixa de ferro.

Quando abro os olhos novamente, sigo os gêmeos para dentro do Rat como uma garota humana normal.



— BEM-VINDOS ao Rat — anuncia uma voz.

Um homem humano — ou pelo menos um homem que parece humano — está sentado em um banquinho ao pé de outro lance de escadas. Ele gira um palito de dente entre os lábios enquanto encara um cubo mágico na palma das mãos, virando o rosto para os lados. Sua pele pálida está avermelhada pelo excesso de sol, e a cor se estende até as têmporas, cobrindo a cabeça raspada.

Atrás e acima dele, o burburinho dos frequentadores da noite é interrompido por vozes que se elevam vez ou outra. Ouço risadas esparsas de um grupo que não consigo ver. Um baixo constante vibra nas caixas de som. O cheiro misturado de cigarros de cravo e couro velho impregna o ar. Mais para dentro do salão, uma bola de sinuca quebra o triângulo em uma mesa de bilhar.

Depois de ficar presa por tanto tempo, me sinto estranhamente desapontada.

— *Isso* é o Rat?

Consigo *sentir* Elijah revirando os olhos a pouco mais de um metro de distância.

— Ignora essa aí, Tyson.

Tyson guarda o cubo mágico com que estava brincando antes de erguer o olhar e me encarar com intensidade.

— Quantos anos você tem?

— Dezessete.

Sei que pareço mais nova que os gêmeos, que têm a mesma idade que eu, mas não *tão* nova assim.

— Você não pode beber aqui.

— Não vou beber.

— E esse seu cabelo? — pergunta Tyson, apontando para minha têmpora, onde a mecha prateada pelo toque de Arthur desce pelas minhas costas em uma das duas tranças longas.

— Que grosseria. E o *seu* cabelo? — retruco.

Tyson pisca, depois ri, passando a mão na cabeça totalmente careca.

— Idade, garota. Já vivi muitas vidas.

— Que coincidência engraçada — respondo, com um sorrisinho irônico. — Eu também.

— Ela é de boa, Tyson — intervém Zoe. — Quase sempre.

Tyson encara os gêmeos.

— Vocês vieram a negócios?

— Sim — responde Elijah, sem tirar os olhos do celular. — Mesa pra três.

Tyson aponta o palito para mim.

— Ela também?

Elijah olha para Tyson, depois para mim.

— Mesa para três *e uma convidada* — corrige ele, entre dentes cerrados e claramente irritado. — Estamos esperando alguém, então queremos sentar logo.

— Podem entrar — diz Tyson —, mas sua convidada aqui, a srta. Dezessete Anos, vai precisar pagar a entrada se estiver aqui a negócios.

— Não tenho dinheiro. — Aceno com o queixo na direção dos gêmeos. — Meus amigos pagam.

— Quem vem fazer negócios no Rat não paga com dinheiro, garota — responde Tyson, revirando os olhos. — Paga com garantia. Se o *negócio* der errado, ficamos com a garantia. Se tudo der certo, você pega de volta. Então me dê algo de valor. Algo que você vai querer recuperar depois.

Eu hesito.

— Eu não…

— Bonita essa pulseira aí.

O homem ergue a sobrancelha, indicando a pulseira dourada com pingentes no meu pulso. Era da minha mãe. Um presente de alguém que eu conheço, amo e me *lembro*. O tom marrom quente do rosto dela, os cabelos escuros e seu sorriso amplo estão muito nítidos na minha mente. Sua risada alta, fácil de ouvir. Essa pulseira é a única coisa que tenho que um dia foi dela.

— Não posso te dar minha pulseira.

Tyson dá de ombros.

— O colar, então?

Resisto ao impulso de tocar a moeda Pendragon pendurada no colar, escondida sob minha camiseta. Eu costumava usar essa moeda, assim como a pulseira da minha mãe, para caminhar pelo sangue, mas já não tenho essa habilidade de Médium, e não há como recuperá-la. Assim como a pulseira, sei que o colar também foi um presente… mesmo que eu não lembre quem me deu.

Bem, minha *mente* não se lembra… mas meu corpo, sim.

Quando toco a moeda, um choque percorre minha pele, como se meus nervos lembrassem a sensação deixada pelos dedos dessa pessoa ao fechar o gancho pesado de

prata em meu pescoço. Meu coração dispara e o sangue lateja em meus ouvidos. Minhas veias brilham, ganham *vida*.

— Também não pode ficar com o colar — respondo, por fim.

Tyson se levanta do banco, os ombros e bíceps mais largos do que eu imaginava.

— Então você vai ter que ir embora…

— Espera. — Espio o interior do lugar atrás dele, colocando na balança meu desejo de entrar com os gêmeos e a ideia de abrir mão de um colar dado por alguém que nem sequer *conheço*. Não é uma decisão difícil. Ainda assim… — Vou receber de volta, né?

Tyson estende a mão.

— Se você se *comportar* direito.

Entrego o colar com uma carranca. Sem dizer nada, ele pega uma caixa de metal embaixo do banquinho, coloca o colar lá dentro e então me entrega uma chave. Depois de jogar a caixa de volta na prateleira escondida, Tyson faz um sinal para o seguirmos até o bar.

O rock tocando ao fundo não está alto, mas o volume aumenta assim que atravessamos a porta. O espaço se abre para um salão meio cheio, com sofás e mesas de centro, cabines reservadas e mesinhas de bistrô, tudo iluminado por uma coleção dispersa de luminárias e arandelas que não combinam entre si.

Só quando me pego procurando por rastros de aether e olhos brilhantes é que percebo que estou comparando essa primeira impressão do Rat com minha experiência em um lugar bem diferente, lá na Geórgia, o Lounge da Encruzilhada. Estive lá com outras pessoas, e o dono daquele lugar era… Névoa cinzenta e vazia. De novo.

Tyson aponta para trás com o polegar antes de sair.

— A mesa de sempre está reservada.

Elijah acena com a cabeça.

— Valeu.

Zoe agarra meu cotovelo com força.

— Ei, isso dói — sussurro, irritada, olhando para a mão dela. — Eu também poderia quebrar uns ossos seus, lembra? É isso que você quer?

— Ninguém vai quebrar os ossos de ninguém — sussurra Elijah com rispidez.

— Fique perto — murmura Zoe, mas nem olha para mim enquanto fala.

Ela e Elijah já estão cruzando o salão, serpenteando entre os clientes enquanto eu os sigo, mas seus olhos estão por toda parte. Zoe observa o lado esquerdo do lugar e Elijah o direito, ambos com o nariz levantado, farejando o ar.

Estão à procura de um cambion — ou de um demônio goruchel. Alguém que *pareça* humano, mas não seja.

Meu nariz é invadido pelo cheiro forte e penetrante de cerveja amarga e grãos de café recém-moídos. Há duas mulheres com roupas de couro preto jogando xadrez numa mesa de canto, um grupo de quatro universitários rindo na mesa de sinuca, adolescentes estudando nos sofás e alguns homens mais velhos sentados no balcão do bar, assistindo ao noticiário local numa pequena TV de tela plana na parede.

Todos aqui parecem humanos, pelo menos para mim.

Não consigo deixar de me perguntar se vou ver alguém que conheço. Ou melhor, se alguém que conheço vai *me* ver. Erebus e eu logo descobrimos que não importa quanto do meu passado ele compartilhe para me ajudar, não consigo preencher as lacunas das pessoas esquecidas. Memórias antigas também não ajudam a completar esses vazios. Mesmo que eu tivesse encontrado várias pessoas que passaram pela minha vida, essas lembranças não me ajudariam a ligar os pontos hoje. Se eu visse alguém que já conheci aqui no Rat, seria como encontrar essa pessoa pela primeira vez de novo, não importa o quanto *ela me conheça*.

Do meu ponto de vista, estaríamos começando do zero.

Do ponto de vista delas… eu as teria esquecido.

Os gêmeos parecem concluir que não há goruchels por perto — ou, pelo menos, que não há nenhuma ameaça. Zoe me leva a um sofá redondo, mergulhado em sombras, no fundo do salão, dois degraus acima do piso principal. Há uma placa de plástico em cima de uma mesa, escrito RESERVADO PARA CLIENTES VIPS.

Elijah sobe os degraus e desliza para o sofá, se posicionando com vista desimpedida para a entrada. Zoe cutuca minhas costas.

— Anda.

Não deixo de notar que ela está me empurrando para o sofá, me deixando presa entre ela e o irmão. Não gosto *disso*. Eu me sento e paro a uns trinta centímetros de Elijah. Zoe se senta ao meu lado.

— Não acredito que você entregou seu trofeuzinho — provoca Zoe.

— Tyson não sabe que é um troféu — respondo.

Elijah me analisa com um olhar sério.

— Algum dia você vai explicar como exatamente conseguiu o colar do Herdeiro de Arthur?

— Eu peguei dele — minto com naturalidade. — Numa briga. É meu por direito.

Zoe abre um sorriso.

— Aposto que ele *odiou* isso. Ouvi dizer que o Herdeiro de Arthur é um garoto branco criado com tudo do bom e do melhor. Aposto que nunca imaginou que uma garota negra como você pudesse aparecer e dar uma surra nele.

Tento manter a respiração calma. Os batimentos sob controle. Os gêmeos sabem que o Rei trabalha entre os Regentes da Ordem como Erebus. Sabem sobre os Lendários e o Feitiço da Eternidade. Mas jamais poderão saber que o Herdeiro de Arthur, cuja vida mantém esse feitiço intacto, dorme no mesmo corredor que eles todas as noites.

Penso no garoto sem nome e sem rosto que os gêmeos consideram seu maior inimigo.

— Aquele garoto Herdeiro de Arthur não foi páreo para mim.

Zoe se recosta no sofá.

— Sabe de uma coisa? Sempre que ouço essa história, fico um pouco menos irritada com o velhote por ter trazido você para o grupo.

— E *eu* fico só um pouco mais curioso — comenta Elijah, seco. — A Ordem não é exatamente conhecida por tratar bem os rebeldes.

— Eles não me trataram bem — declaro, encerrando o assunto.

Elijah me observa por mais um instante, então se vira para a irmã.

— Falando em rebeldes, ando fazendo umas investigações por conta própria. Monitorando a rede deles. Rastreando rumores sobre a Ordem, outras Crias Sombrias, esse tipo de coisa. Acha que o Rei vai curtir?

— Deveria — responde Zoe com um sorriso orgulhoso. — Você se esforça.

Eu me endireito, interessada.

— O que você andou descobrindo?

— Essa informação é confidencial — responde Elijah —, entre mim e o velhote. Entendeu?

— Entendi — respondo, erguendo as mãos.

Assim que Elijah se acomoda de novo no assento, um homem branco de meia-idade e ombros largos se aproxima com três copos de água com gelo. Apesar de o lugar parecer meio decadente, esse homem está longe disso. O relógio e o paletó dele parecem caros.

— Elijah, Zoelle. Faz tempo que não vejo vocês dois por aqui.

— Não tínhamos por que vir — murmura Elijah, passando um copo para a irmã, outro para mim e ficando com o último. — Como vão as coisas, Syd?

Syd apoia a ponta dos dedos na mesa.

— Mais devagar no inverno. Você sabe como é.

— Inverno é assim mesmo — concorda Elijah, estendendo a mão para cumprimentar Syd.

Syd aperta a mão dele, mas demora um segundo a mais do que o normal — algo que não consigo ver é trocado entre os dois. Dinheiro, talvez?

— Agradeço a preferência — diz Syd com um sorriso.

Então ele é o dono, penso. *O humano que permite que os gêmeos façam negócios aqui.*

— Valeu, Syd — diz Zoe, então estala os dentes para ele, produzindo um som agudo com suas presas.

Syd arregala os olhos antes de se virar e sair.

— Zoe… — adverte Elijah.

— Deixa eu me divertir. — Ela dá um gole na bebida com um ar inocente.

— Por que vocês são VIPs aqui? — pergunto, olhando a plaquinha. — O Syd trabalha para o Rei como vocês?

De repente, Elijah mostra os dentes.

— Nós fazemos mais do que "trabalhar para o Rei", mascote.

Zoe põe a mão no braço de Elijah.

— O que meu irmão está querendo dizer é que não precisamos provar nossa lealdade para o velhote.

— Por que não? — pergunto. Os gêmeos trocam um olhar hesitante. — Ah, *qual é*. Pra quem eu vou contar? Literalmente não *conheço* ninguém.

Elijah suspira, balançando a mão.

— Conta logo.

Zoe se aproxima, os olhos brilhando.

— Nosso pai é uma Sombra da Noite.

Dá para perceber que ela espera uma enorme reação da minha parte.

— Isso é… importante?

Os dois resmungam. Elijah pega seu copo e vira a bebida, rindo.

— Ela *não sabe* o bastante para ser perigosa.

Zoe se recupera, balançando a cabeça.

— Tá, você conhece a Corte das Sombras, né?

Assinto.

— Sim, essa parte eu sei.

— Bem, a Corte era formada pelas Sombras da Noite do Rei, os líderes demoníacos originais do exército das Crias Sombrias. Quando a Ordem tomou a coroa do Rei, achou que isso iria matá-los… e quase matou mesmo. As Sombras se dispersaram e a Távola Redonda as perseguiu até o outro lado, onde acabaram ficando presas. Por um tempo, pelo menos — conclui Zoe.

— Então as Sombras não estão mais presas? — pergunto.

Ela revira os olhos.

— É óbvio que não, já que nosso pai é uma Sombra da Noite e nós somos meio-humanos.

Minha confusão deve estar estampada no rosto.

Zoe ri, cobrindo a boca com a mão.

— Você não sabe mesmo como cambions são feitos, né?

— Eu sei como bebês são feitos! — respondo, indignada.

Elijah se inclina para a frente.

— É assim: os demônios podem se reproduzir com outros demônios no plano demoníaco, mas *não* conseguem se reproduzir entre si quando cruzam pra cá.

— Por que não? — pergunto.

Ele bate o dedo na mesa.

— Porque este aqui é o plano dos vivos. Quando um demônio atravessa, não importa se é maior ou menor, ele fica morto demais pra gerar vida aqui, a não ser por uma única exceção: concubi.

— Tipo o pai do Merlin original?

Essa foi uma das primeiras coisas que entendi sobre a natureza dos soldados cambions da Ordem: que o Merlin original era filho de um íncubo com uma mulher humana.

— Exato. — Elijah assente. — Concubi e os descendentes deles são a única classe de demônios que consegue se reproduzir no plano dos vivos, e, mesmo assim, só com humanos. Todo cambion que você conhece tem sangue de concubi na linhagem, inclusive eu e a Zoe.

— Porque o pai de vocês é…? — começo.

— Um íncubo — completa Zoe, franzindo a testa para mim. — E nem vem fazer graça.

Levanto as mãos.

— Não vou fazer graça.

— Enfim — continua Zoe com o canudo na boca, bebendo água entre as palavras —, nosso pai é uma das Sombras originais, por isso o Rei nos acolheu. Nossos pais estão em outras missões oficiais da Corte. É por isso que a gente nem se compara a outros suplicantes como o Syd, nem de longe.

— Vocês sentem saudade deles? — A pergunta escapa antes que eu consiga segurar. — Dos seus pais, digo.

— Hã, claro? — responde Zoe, como se fosse óbvio, depois faz uma pausa, parando para refletir. — Você não sente falta das pessoas que deixou pra trás?

Eu me remexo no assento. As provocações de Erebus se enraizaram em mim ao longo dos últimos três meses. Eu não reconheço as pessoas de quem sinto falta, e se eu voltar, elas vão perceber isso na hora. Mas o que realmente ficou foram as emoções que se instalaram no meu peito — a culpa, a angústia, o arrependimento —, e é isso que me faz duvidar se elas sequer iriam *querer* que eu voltasse. Seja lá como fossem nossos laços, todas já perderam tanto. Será que eu só pioraria as coisas se aparecesse do nada, mostrando que também me perderam?

Que nos perdemos uns dos outros?

Por fim, respondo:

— Como *sentir falta* de algo que parece nunca ter existido de verdade?

Zoe assobia baixo.

— Falou tudo. Tem gente que morreu pra mim também, mesmo ainda viva.

— Eu sabia que dava pra sentir luto por quem morreu — sussurro. — Mas acho que nunca pensei que dava pra sentir o mesmo por quem ainda está vivo.

— Dá, sim — diz Zoe.

Reconheço algo familiar nos olhos escuros dela. Um assombro.

— O que aconteceu… com a sua família?

O rosto de Zoe se fecha.

— Nossos pais são legais, mas digamos que *todos* os demônios são mais fáceis de lidar do que *a maioria* dos humanos. Com demônios, tudo gira em torno de força e presença… ou se você é interessante o bastante pra não precisar de nenhuma das duas. As hierarquias não são fixas, mas você sempre sabe onde está pisando. As regras podem mudar. Com os humanos não é assim.

Balanço a cabeça.

— Como assi…

— Demônios — interrompe Zoe, em voz baixa — não ligam se Elijah e eu somos gêmeos fraternos ou idênticos. Demônios não perguntam sobre isso. — Ela aponta para o pomo de adão na garganta. — Já os humanos são bisbilhoteiros pelas razões erradas e

fazem as perguntas erradas. Humanos negam a humanidade de outros humanos e chamam *isso* de poder.

Meu rosto se contorce enquanto eu a escuto falar. Nunca vi os gêmeos interagindo com ninguém além de Erebus, mas claro que isso não significa que eles não encontrem outras pessoas quando saem para cumprir suas tarefas habituais — fazer compras, abastecer a caminhonete velha que o Rei os deixa dirigir. Eu não estou lá para ver as pessoas tratando Zoe de forma diferente do que tratariam a mim, mas não preciso ver para acreditar nela. Acreditar que, só por ser quem é, tentam forçá-la a caber em caixinhas apertadas de gênero.

Elijah dá um leve empurrão no ombro da irmã, em sinal de apoio. Não a conheço bem o suficiente para demonstrar solidariedade em silêncio, então coloco em palavras:

— Isso é uma merda, Zoe — falo. — Você não merece passar por isso.

— É, é uma merda. — Ela vira o copo, o gelo tilintando contra o vidro. — Perda de tempo e energia de todo mundo, principalmente da minha. Perda de tempo da humanidade neste planeta também, que já é tão curto.

Uma lembrança me vem à mente. Duas pessoas furiosas num posto de gasolina. Eu me lembro de ter me perguntado por que lutaria para salvá-las. Depois, outra lembrança — alguém que me chamou de indigna do outro lado da mesa de jantar na sede dos Lendários. Uma pessoa que mais tarde me atacou quando eu estava vulnerável.

Covardia e preconceito não precisam de rosto. Suas ações já falam bem alto.

— Talvez humanos assim mereçam ser devorados por demônios menores — murmuro.

— Caramba. — Zoe larga o copo, erguendo a sobrancelha. — Bree, será que no fundo… você é do tipo implacável?

Será que sou?, eu me pergunto.

— Eu sei quais partes da humanidade me incomodam.

Zoe me olha com admiração.

— Gosto disso.

Do outro lado da mesa, Elijah concorda com um aceno. Nós três deixamos que a nova aliança — e a raiva antiga — nos atravessem. A raiva vai do calor intenso para o morno, até ficar fria e firme.

— Você disse que os humanos fazem as perguntas erradas — comento. — Que tipo de perguntas os demônios fazem?

— Picantes.

Zoe ri de novo, e fico aliviada ao ouvir o som de sua risada. Não tão leve e alto quanto antes, mas, ainda assim, uma risada.

— Ela quer dizer que são intrometidos de outro jeito — explica Elijah, embora a pele marrom de suas bochechas fique um tom mais escuro.

— Enxeridos como…? — pergunto, quase me arrependendo.

Algo no brilho do olhar de Zoe me diz que estou entrando em um território que ela queria explorar *há tempos*, mas ainda não tinha achado a oportunidade.

Os olhos dela brilham.

— No dia em que você chegou, você e o velhote discutiram por causa de um tal garoto Merlin que se sacrificou por você. Qual é o drama aí? Foi romântico? E tem mais disso vindo por aí?

Fico boquiaberta.

— Foram três perguntas *bem* intrometidas.

— Eu sei contar — retruca Zoe. — Responde.

— Não posso. Ele não me contou mais nada desse garoto. Já perguntei.

— Que chato — reclama Zoe. Ela aponta para os adolescentes por perto. — Mesmo assunto, pergunta diferente. O que você curte?

Agora sou eu quem cora.

— O que eu curto, tipo… romanticamente?

— Claro. — Ela dá de ombros — Caso você ligue para essas coisas.

— Eu ligo para essas coisas — confirmo, vasculhando a mente em busca de pistas.

A princípio, tudo o que sinto é saudade. Um *desejo* profundo pelo garoto que deixei para trás.

Depois, eu me lembro do choque ao tocar a moeda de Pendragon e me pergunto se foi ele quem gravou aquela memória na minha pele.

— Garotos — digo em voz baixa. — Disso eu sei.

— Então — Zoe olha para o salão principal do Rat, agora mais cheio —, você gosta de garotos?

Sigo seu olhar até os adolescentes no sofá, concentrados em suas conversas, e depois para além deles. Há mais gente aqui agora, alguns da minha idade e outros um pouco mais velhos. Parece que acabaram de sair de um baile do ensino médio — há um pequeno grupo usando roupas formais. Observo as cores vibrantes dos vestidos sob a luz dos abajures, analiso os cortes impecáveis dos ternos alugados, as lapelas brilhantes.

— Acho que… — digo, encarando a multidão com outros olhos — eu gosto de… *pessoas*.

Sinto os olhares dos gêmeos cravados na minha pele, como uma queimadura rápida e intensa. Quando me viro, os dois estão me encarando.

— Interessante — murmura Zoe.

— Posso perguntar… E vocês? — Tento desviar o foco de mim. — Do que vocês gostam?

Eles respondem ao mesmo tempo:

Zoe diz:

— Depende.

Enquanto Elijah murmura:

— Garotas. — E desvia o olhar.

Zoe lança um olhar atravessado para o irmão.

— *Majoritariamente* garotas.

— É, é. — O canto da boca de Elijah se ergue. — *Majoritariamente* garotas.

— Ah.

As expressões deles são desafiadoras e curiosas. Minhas bochechas esquentam por razões que não consigo nomear. Uma faísca de incerteza se acende dentro de mim, e acho que os gêmeos notam.

— Você se conhece, né? — dispara Zoe, a voz firme. — Você sabe do que gosta?

— Sei — respondo. — Sei, sim.

Ela me dá um aceno rápido com a cabeça.

— Então é isso.

Com a resposta dela, a faísca começa a se apagar.

Fico em silêncio. Nos últimos três meses, tudo que eu quis *de verdade* foi me tornar mais forte. Intocável, imbatível, inatingível. Mas agora, com os gêmeos me olhando desse jeito, fazendo com que eu me sinta ao mesmo tempo exposta *e* corajosa, lembro que *isso* aqui também é válido.

O mundo está aqui, ao nosso redor e entre nós, e temos o direito de viver nele. Temos o direito de descobrir o que queremos da nossa passagem por este planeta — e de quem. Ou, ao menos, deveríamos ter.

"Depende" e "majoritariamente garotas."

Há tanto *espaço* nessas respostas. Elas oferecem possibilidades, mesmo dentro da certeza. Permitem que outras pessoas os surpreendam. Na verdade, permitem até que os gêmeos *se* surpreendam. Um tipo de liberdade, penso, rumo a uma vida plena. Minha resposta — "*pessoas*" — também me oferece uma vida livre e plena, com toda a certeza e a possibilidades que ela carrega.

Quando olho para os gêmeos, eles sorriem, e eu sorrio de volta. Duas horas atrás, eles me irritavam profundamente, mas agora sinto que somos um time. Unidos por respostas honestas, por verdades reais e por esse pequeno círculo de liberdade que criamos juntos.

Zoe balança os dedos perto da minha testa.

— Você adora complicar as coisas aí dentro. Dá pra ver as engrenagens girando. Você se diverte alguma vez nessa cabeça?

Uma risada escapa antes que eu consiga segurar.

— Aí, tá vendo? — Zoe sorri.

— Essa risada foi sem querer. Não foi pra você — digo, tentando disfarçar o sorriso e me levantando. — Vai, sai. Preciso ir ao banheiro.

Elijah segura meu antebraço.

— Você não pode ir sozinha — repete ele. — Não é seguro.

— Eu vou ficar bem — respondo, e faço sinal de novo para Zoe sair. — Só preciso de um minuto pra… fazer coisas.

— Que coisas? — Zoe já está de pé ao lado do banco enquanto eu desço para o nível do chão.

— Coisas menstruais — afirmo.

— Ah. Justo. — Zoe faz que sim e indica o caminho. — Mas volta logo, Bree Implacável.

Vou me esgueirando pela multidão em direção à placa de metal que diz BANHEIROS, à direita do bar. Há duas portas, e cada uma tem um bonequinho com a perna esquerda e metade do corpo de vestido, e a perna direita e o resto do corpo sem. Embaixo dos bonecos, uma placa: GÊNERO NEUTRO. Escolho a porta da direita e encontro um banheiro pequeno, com três cabines, meio surrado, mas vazio.

Não menti. Eu *realmente* pego um absorvente interno no bolso de trás da calça antes de entrar numa das cabines, mas paro por um momento para me encarar no espelho acima das pias. Algo que venho fazendo cada vez mais ultimamente.

Meu cabelo cresceu. As pontas precisam de um corte. Pela primeira vez, talvez por causa da conversa e da quase amizade que este passeio parece ter iniciado, penso em perguntar a Zoe se ela poderia me ajudar. As tranças dela são brilhantes e saudáveis, e usamos basicamente os mesmos produtos, mas não confio em mim mesma para cortar meus cachos. O cacho rebelde na têmpora direita também cresceu. Suas raízes foram se tornando prateadas com o tempo, em vez de castanho-escuras como o restante dos fios. A marca de Arthur, inevitável e permanente. Tento entrelaçá-lo com mais firmeza na longa trança que cai sobre meu ombro. Escondê-lo.

Meu rosto está mais fino, mesmo comendo mais do que na época em que fugia da Ordem. Minhas maçãs do rosto estão mais marcadas, enquanto meus quadris ganharam volume, ficaram mais firmes. Curvas e músculos se reorganizam no meu corpo, moldados pelas exigências do treinamento com Erebus. Eu me viro de um lado para o outro diante do espelho manchado e decido que gosto dessa versão. Eu pareço… forte. Poderosa. Capaz. Eu me pergunto o que as pessoas que não conheço pensariam se me vissem agora, e sinto uma pontada de arrependimento.

Não preciso da validação delas, ou que reconheçam meu crescimento, para saber quem estou me tornando… mas isso não quer dizer que eu não queira. Que, no fundo, eu não deseje isso. Que não as deseje.

Ouço a porta se abrir com força enquanto lavo as mãos na pia. Por um segundo, tenho certeza de que é Zoe vindo me xingar por estar demorando demais, e chego a abrir a boca para falar com ela, mas outra voz me interrompe.

— Entra, sai *e pronto*! — ordena a voz, baixa o bastante pra não se espalhar, mas carregada de irritação. Uma raiva viva, misturada com desespero.

Meus alarmes internos disparam.

Entro em uma das cabines e pulo em cima da privada em silêncio, apoiando um pé de cada lado da tampa. Apoio as mãos nas paredes de metal para me equilibrar e respiro fundo, permanecendo imóvel como uma estátua.

— Sem gracinha, ou vai se arrepender…

— Já estou indo! — diz uma voz mais jovem, trêmula. — Por favor, eu só…

Então, ouço o som seco de um golpe, punho contra pele, e um corpo desaba no chão. Escorrega até parar quase debaixo da minha cabine.

É uma garota negra, com cachos escuros como os meus e o rosto contorcido de medo.

Um hematoma já começa a surgir em sua bochecha.

Ela me olha do chão, os olhos arregalados, assustados, dourados e cheios de luz… e o cheiro quente e forte de magia da raiz invade meus sentidos.



ESSA GAROTA *SABE*. De alguma forma, no intervalo de um segundo, ela entende que eu consigo Ver sua raiz dourada.

A cor é tão profunda quanto a de um pôr do sol, e escorre dos olhos dela em espirais de fumaça ondulante. Ela não tem pupilas nem íris. Só existe o dourado de seu poder.

E eu sei exatamente o que é esse poder e de onde ele vem.

Ela move a cabeça para a esquerda — como se fosse começar um gesto de negação — e então é arrastada para longe, por debaixo da porta, deslizando pelo piso de azulejos, de volta ao banheiro aberto.

Em um piscar de olhos, estou de pé no chão, abrindo a porta da cabine.

— O que está acontecendo? — grito.

A cena diante de mim é aterrorizante. A garota está deitada de costas no chão, lutando contra um homem branco mais velho e mais forte. Ele segura seus dois pés enquanto ela chuta, mas a menina é pequena demais para causar algum dano. Quando grito, o homem larga os pés de sua vítima e se vira para me encarar, e ela se arrasta para longe, chorando, o medo estampado em seu rosto.

— Se eu fosse você, dava meia-volta — rosna ele. — Saia pela porta. Você não viu nada.

— Acho difícil. — Deixo que meus olhos se encham da raiva e do nojo que esse homem merece. — Quem deveria sair daqui é você.

O homem é alguns centímetros mais alto do que eu, mas muito mais largo. Usa calça jeans e uma jaqueta preta de brim, desabotoada, revelando uma camiseta vinho justa sobre o peito firme e a cintura estreita. Um lutador, ou um atleta, ou alguém que levanta muito peso. Seja lá o que for, ele não é fraco.

Mas eu também não sou.

Abro um pouco a fornalha no meu peito, convidando as chamas a subir e as mantendo fracas o bastante para que o Rei talvez não perceba…

— Para! — grita a garota. No entanto, o grito não é para o homem; é para mim. Ela se ajoelha. — Para! Não faz isso.

Pisco, surpresa, sem entender o que exatamente ela está me pedindo para *não* fazer, até perceber que seus olhos estão fixos no meu peito, cheios de medo, mas não por ela. Por mim.

Assim como posso Ver sua raiz, ela pode Ver a minha.

— O que você…?

— Não — repete a garota, com a voz mais firme. — Ele não está me *machucando* de verdade. Só quer a minha raiz. Está tudo bem, por favor. Eu vou ficar bem…

"Não está me machucando de verdade" não é o suficiente para me acalmar.

— Eu não me importo com o que ele quer! — protesto.

— Tudo estava indo muito bem até você aparecer — diz o homem, com uma calma assustadora.

Seu rosto pálido se contorce num sorriso lento, viscoso. Os pelos da minha nuca se arrepiam. As mãos dele estão vazias, a postura, relaxada, sem tensão no pescoço ou nas pernas. Só porque ele não está se preparando para atacar não significa que não o fará se chegar perto o suficiente.

— Eu e a mocinha aqui só estávamos fazendo uma pausa pra usar o banheiro. — continua o sujeito.

Mentira. Ele nem tenta disfarçar.

Eu estreito os olhos.

— Aposto que ela consegue ir ao banheiro sozinha.

O homem dá um passo em direção à garota. Eu também me aproximo, girando para bloquear o caminho dele com meu ombro.

— Vaza — aconselho.

Ele dá um meio sorriso.

— Por que *você* não *vaza*?

— Porque não vou virar as costas pra uma garota que está *claramente* sendo atacada, sequestrada ou…

Para a minha surpresa, a garota se levanta e balança a cabeça de verdade dessa vez. Um movimento firme, de um lado para o outro, com os cachos se movimentando ao redor do rosto.

— Por favor, para… É melhor se você não fizer isso. — Ela aponta com o queixo para o meu peito, onde minha fornalha de raiz ainda está ligeiramente entreaberta.

Não o bastante para vazar ou ser detectável pelos gêmeos, mas minha arma mais poderosa está pronta para ser invocada.

O homem, por sua vez, parece não entender o que ela está encarando — seus olhos dançam entre o rosto dela e o meu, as sobrancelhas franzidas num leve sinal de confusão.

Ele não sabe do que ela está falando. Não consegue sentir minha raiz.

Ele é humano, então.

Para a minha surpresa, a garota se aproxima dele, com os dentes cerrados e os olhos voltados para o chão.

— Não quero que você se envolva nisso.

— Ótimo conselho — diz o homem, sorrindo novamente.

Ele está com as mãos nas costas, mexendo em algo por baixo da jaqueta, puxando alguma coisa da cintura. Se for uma arma, estou ferrada. A força de Arthur me torna mais rápida do que o normal, mas não mais rápida que uma bala.

Felizmente, ele não saca uma arma. Em vez disso, puxa um canivete. Quase solto uma gargalhada.

Eu poderia conjurar e forjar uma lâmina de raiz duas vezes maior do que essa, se quisesse. Uma arma sólida o bastante que até esse humano conseguiria enxergar. Mas uma arma tão bem construída com certeza atrairia qualquer demônio ou cambion por perto. Será que *é isso* que preocupa a garota?

Antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa, o homem pronuncia uma palavra gutural e distorcida… e o canivete em sua mão irrompe em fogo de mago, estendendo-se até tomar a forma de uma espada longa. A lâmina arde em um verde-amarelado doentio e brilhante — e o fedor é tão forte que quase vomito, recuando, em choque.

Sua boca se retorce em palavras que nenhum humano deveria articular. O som reverbera nos meus ouvidos com uma estranheza enorme, como se não fosse deste plano, e *tudo* dentro de mim grita para que eu fuja.

O homem sorri.

— Não está tão falante agora, né?

A lâmina ainda não está sólida, mas está ganhando forma. Ele percebe meu olhar fixo nela, observando enquanto passa do ar e da chama para um sólido cristalino profundo. Sei como a magia se manifesta, mas não entendo o que estou vendo *agora*.

Uma arma forjada de aether, totalmente corpórea. Não é o verde brilhante do poder dos gêmeos, mas sim aquele verde pálido e nauseante de um demônio completo. Mas esse homem não é um demônio… Ou é?

Ele ri, quebrando minha concentração.

— Está vendo, né?

Franzo a testa, estarrecida. Uma *garota humana normal* não poderia Ver isso. *Não deveria* Ver isso. Meu disfarce foi comprometido.

Abro a boca, fecho de novo.

— Eu…

— Não! — A garota se enfia entre nós, braços abertos, bloqueando parcialmente a visão que o homem tem de mim, colocando o peito na trajetória da lâmina reluzente. — Deixa ela em paz!

De repente, me dou conta: esse homem é um bruxo.

Um humano que barganhou com um demônio por poder temporário, a um custo que ele talvez nem sequer compreenda. Os humanos que sabem da existência dos demônios e

fazem pacto com eles ou são muito ricos, ou muito tolos, ou os dois. E todos, sem exceção, são movidos pela ganância.

Fico imaginando qual dos três ele é.

— Você consegue Ver isso, mocinha. Sabe o que é. — Ele ergue a lâmina, e me pergunto se ele sabe o que está segurando. Se ele se importa. Se tudo o que quer é violência. — Se não quiser ver essa garota ser cortada ao meio, é melhor ficar calada e deixar a gente sair daqui. — A voz dele vacila levemente… e percebo, pelo modo como os músculos das costas dela se enrijecem, que a ponta da lâmina está pressionada com força contra o peito dela.

Tolo, ganancioso… e desesperado.

É essa última parte que faz meu corpo inteiro congelar.

Prefiro enfrentar um demônio num banheiro do que um homem humano com más intenções.

Mas antes que eu possa abrir ainda mais minha fornalha, a garota fala, com resignação:

— Se for pra cima dela, vai atrair olhares pra todos nós. Você quer raiz, não uma garota humana aleatória que por acaso tem a Visão. Vamos.

Esse bruxo pode ser tolo e ganancioso, mas quer uma solução fácil, e essa garota acabou de entregar uma. Ele me encara e lança um olhar para a porta, onde as vozes ficaram mais altas — o bar está enchendo. Depois, o homem olha para ela e para mim de novo.

— Não nos siga.

— Ela não vai seguir — confirma a garota, me encarando por cima do ombro, os olhos bem abertos e sérios.

E, com isso, ela se vira, com a lâmina do bruxo brilhando contra o suéter dela. Ela caminha de costas lentamente até a porta e o homem a acompanha, enquanto seus olhos dourados e cintilantes me mantêm imóvel, transmitindo uma mensagem impossível de ignorar. *Não nos siga. Por favor, fique aí e nos deixe ir… me deixe ir.*

Assim que as costas dela tocam a porta, ela agarra a maçaneta. Quando puxa, o homem se vira de repente, apontando a lâmina diretamente para mim, a magia verde dançando no teto. A mensagem dele também é clara: *Um movimento errado e ela será dilacerada*.

Eles estão longe demais para que eu os alcance a tempo. A lâmina dele, mesmo não estando encantada, atingiria o corpo dela antes que eu pudesse impedir.

Meus pés estão colados ao chão. Meu peito sobe e desce enquanto puxo o ar em arfadas curtas e frenéticas. Tudo dentro de mim luta contra a cena que se desenrola diante dos meus olhos. Não me movo.

Então eu pisco.

E eles se foram.

Corro em direção à porta, o coração disparado. Por puro instinto, a fornalha da raiz se fecha de novo dentro do meu peito antes que eu irrompa pelo corredor.

A multidão está mais densa, a música, mais alta — ou talvez meus sentidos estejam sobrecarregados enquanto olho para os lados, procurando por eles.

Um vento gelado me atinge, e então… ali! Uma saída. Eu me espremo entre um casal que conversa no corredor dos fundos, atrás do bar, ignoro seus gritos de indignação e corro até a porta, batendo nela com o ombro antes que possa fechar e travar.

Mas o bruxo e a Artesã de Raiz já desapareceram. Do lado de fora, flocos de neve começaram a cair. O patamar termina numa grade de ferro preta bem à minha frente, com duas saídas para o estacionamento vazio: uma rampa de carga de um lado e escadas do outro. Um barulho quebra o silêncio à frente… o som de um motor sendo ligado.

Corro até a grade congelada, ponho as duas mãos sobre ela e aperto com força, pronta para pular…

— Que merda você está fazendo, Bree?!

Sinto alguém me puxar com força pela gola, me arrancando da grade e me levantando do chão.

Eu me debato e vejo os olhos vermelhos e brilhantes de Zoe.

— Zoe…

O tecido aperta no meu pescoço, me sufocando. Pneus cantam atrás de mim. Um carro fugindo. *Não, não*…

— A gente confiou em você! — grita Zoe. — Você *disse* que não ia fugir…

— Tinha uma… — Ofego, tentando soltar a gola, os pés arrastando no concreto. — Uma garota. Uma garota em perigo.

— O quê? — Zoe pisca, o vermelho furioso dos olhos se dissolvendo em um castanho cheio de preocupação.

— No banheiro — repito. — Ela precisa de ajuda…

— Pra onde eles foram? — Zoe me solta e avança, esquadrinhando o estacionamento. Em alerta máximo, os olhos brilhando e os dedos se flexionando ao lado do corpo. Ela se vira para mim depressa. — Pra onde, Bree?!

— Não vi — digo, correndo ao lado dela. — Quando saí, o estacionamento já estava vazio, mas ouvi pneus…

Ela ergue o nariz no ar.

— É, também estou sentindo o cheiro deles. Saíram voando daqui. Sinto cheiro de medo. De raiva. E… espera aí… — De repente, ela se aproxima de mim, me puxando até encostar o rosto no meu casaco, enfiando o nariz no tecido antes de praticamente me jogar contra o corrimão. — Aff, que nojo! — exclama. — Você está com cheiro de *bruxo*. O quê…?

— Eu te disse, ela está em perigo! — repito, esfregando o pescoço. — Tinha uma garota no banheiro com um bruxo. Ele a sequestrou por algum motivo. Pelo poder dela, eu acho. Ela me mandou sair, mas a gente tem que ir atrás deles…

— Não… não dá — diz Zoe, parando de repente.

— Como assim? A gente tem que ir atrás deles…

— Como? — Ela aponta com o queixo para o estacionamento, onde os flocos começam a cair com mais vigor. — Quem quer que você tenha visto foi embora de carro já faz tempo. Além disso, está nevando e só vai piorar. Mesmo que a gente conseguisse ir atrás deles e você ativasse o seu poder, iam querer pegar você também! E aí? Bruxos não agem sozinhos. Vai ter pelo menos mais dois com ele, usando sabe-se lá que tipo de magia emprestada.

— Mas…

— E tem merda acontecendo bem aqui, agora! — Ela aponta com o polegar para trás. — Regazel acabou de aparecer, e fica *muito* feio eu ter saído da reunião pra te procurar. Existem protocolos com demônios, Bree, protocolos sérios…

— Zoe! — grito. — A garota…

— Sumiu! — diz Zoe, fazendo um gesto com a mão. — Além disso… — Ela dá de ombros, com a voz leve demais, quase desdenhosa. — Coisas esquisitas acontecem no Rat. Você sabe disso.

— "Coisas esquisitas"? — exclamo, olhando para ela como se não a reconhecesse. — Isso não foi esquisito, foi *errado*…

— Você mesma disse que a garota te mandou sair, não foi? — Zoe se aproxima de mim. — Ela entende melhor a situação do que você…

— Ela era uma Artesã de Raiz! — solto.

O olhar de Zoe queima minha pele.

— O que você sabe sobre os Artesãos de Raiz?

Fico perplexa.

— Não se preocupe com o que eu sei. O que *você* sabe sobre os Artesãos de Raiz?

Zoe sustenta meu olhar, as íris ardentes e vermelhas, e abre a boca para mostrar as presas, um gesto que parou de me assustar há muito tempo.

— O que você sabe, Zoe? — repito, sem me abalar.

Zoe fecha a boca de repente e recua.

— Usuários de magia ancestral têm o acesso mais forte ao aether, à raiz… do que qualquer outro humano. Principalmente os Artesãos de Raiz. E as emoções deles podem ser… mais intensas também. Então, demônios maiores preferem se alimentar deles. — Zoe desvia o olhar. — Vamos voltar para dentro…

O único demônio que conheço que se alimenta do poder de Artesãos de Raiz é o Caçador. O Rei das Sombras. Erebus. Um calafrio percorre meu corpo, mais profundo e frio do que qualquer inverno nas montanhas poderia provocar.

— Demônios maiores, no plural, ou só um?

Zoe me encara, e eu vejo o conflito em seus olhos. Então, de repente, ela parece decidida.

— Vamos voltar pra dentro, Bree.

— Me responde.

— Não.

— Os Artesãos de Raiz estão a salvo? — pergunto. — A garota vai ficar bem se ele se alimentar dela?

Zoe desvia o olhar.

— Fisicamente, sim, mas… espiritualmente? A magia dela? Eu não… eu não sei — murmura, se virando para a porta. — Elijah está esperando a gente. Por favor, vamos…

A magia dela. A magia dos Artesãos de Raiz é o que os liga às suas comunidades, às suas famílias. Ela os conecta uns aos outros, mesmo antes de qualquer ancestral ser invocado. E o ramo inato de poder dos Artesãos de Raiz — sua magia pessoal — é o que seus ancestrais amplificam. Mas, ao contrário do meu corpo que, com a Arte de Sangue, contém uma raiz ancestral ilimitada, um Artesão comum só deve pegar emprestado o poder de seus ancestrais por um curto período.

Não preciso pensar muito para entender o perigo: o Rei é antigo além da medida e poderoso além da compreensão. Se ele se alimentar daquela Artesã de Raiz no meio do feitiço, drenando tudo que puder com aquele apetite imenso, seu ramo pessoal de poder provavelmente vai ceder antes da raiz ancestral. E se esse galho quebrar… ela perde a conexão com quem ela é.

Desconectada da própria família, separada de sua comunidade.

Um tipo de morte.

Agarro o braço de Zoe.

— Onde ele se alimenta delas?

— Eu não sei! Ele não conta a ninguém como se alimenta, nem quando. — Zoe levanta as mãos, soltando uma risada nervosa e aguda. Daquelas que a gente ouve quando alguém não quer aceitar a verdade, quando a pessoa escolhe fechar os olhos para o problema em troca de uma ignorância conveniente e ri para cobrir o mundo com tinta nova. — Ele precisa consumir aether e energia humana como qualquer outro demônio, mas não precisa se alimentar com tanta frequência quanto os outros. Talvez nem seja ele!

— Ele contrata bruxos? — pergunto, e Zoe se encolhe, como sempre faz só de ouvir falar dos usuários de magia de pacto. Lembro que uma das minhas *figuras* misteriosas teve uma reação parecida a um bruxo no Lounge da Encruzilhada. A magia de pacto dos bruxos não é nada popular entre os cambions, e até o próprio Rei despreza abertamente os bruxos. Não consigo imaginar por que ele trabalharia com um, a não ser que… — Ele contrata bruxos porque são humanos, então conseguem se aproximar de outros humanos com mais facilidade, passando despercebidos…

Zoe bufa.

— Você sabe que a gente nem consegue ficar na mesma sala que a magia de pacto. É *amarga*, meio podre, e…

— É *ele*, Zoe? — pergunto.

Zoe surge diante de mim num borrão, a boca a um palmo do meu rosto, retorcida em uma careta.

— Você fugiu com um *demônio*, Bree. Não qualquer demônio, mas *o Rei*. O que você esperava ver quando estava com ele?

No silêncio entre nós, algo profundo e aterrorizante se abre dentro de mim. Um grito mudo rasga minhas entranhas, meu coração, meus pulmões. Não tenho resposta para ela, e Zoe sabe disso.

Seu olhar se suaviza quase imperceptivelmente.

— Sinto muito pela garota que você viu. Sei que você quer ajudar, salvar tanto ela quanto a magia dela. Eu… eu também queria salvá-la. Queria que a gente pudesse salvá-la — confessa Zoe. — Mas a gente precisa voltar lá pra dentro. Não podemos perder essa pista, nem o velhote. Ele vai… ele vai ficar bravo com a gente. Vai *nos* punir. A mim e ao Elijah. Tá bem?

Pisco para ela, a tempestade em meu peito tão forte que fico enjoada.

— Punir vocês?

Zoe assente, evitando meu olhar.

— Tem coisas que você não sabe… sobre mim e o Elijah. Estamos em fase de teste, e se a gente estragar tudo…

— O que ele vai fazer com vocês?

— Por favor, Bree? — pede Zoe baixinho, a voz trêmula. — Vamos? Eu preciso estar lá com o Elijah, e você… você não pode ficar aqui sozinha.

Não respondo. Nem sinto quando ela puxa meu casaco da primeira vez. Ela puxa de novo, e meus olhos a encontram, zonzos com tudo o que acabei de descobrir. Preocupada com a garota estranha. Preocupada com Zoe. Até com Elijah.

— Você tem que tirar isso — murmura ela. — O cheiro… está muito forte.

Deixo que Zoe tire minha jaqueta. Ela a dobra com cuidado, pelo avesso, e a prende sob o braço.

— Vamos. Vou esconder atrás do bar antes de voltarmos para a mesa.

Enquanto a sigo de volta para dentro, tudo em que consigo pensar é que ela está certa: eu escolhi fazer parte do círculo do Rei das Sombras. E Zoe e Elijah também. E seguimos escolhendo.

Mas aquela garota no banheiro não escolheu o próprio destino; ela se resignou a ele. E ainda tentou me salvar — uma estranha — no processo.



PERCEBO IMEDIATAMENTE que o homem sentado na ponta do sofá é um goruchel. Um demônio de sangue puro, usando a pele de um homem que matou. Um imitador cujos olhos queimam minha pele do jeito que só o olhar de uma Cria Sombria consegue.

Já me acostumei com os olhares dos gêmeos, mas faz tempo que não sentia a atenção furiosa de um demônio completo. Isso não apaga minha apreensão — e o medo — pela garota Artesã de Raiz que acabei de ver no banheiro, mas, pelo menos, me ancora de volta ao meu corpo por um momento.

— Quem é essa? — pergunta o homem quando deslizo pelo banco para me sentar ao lado de Elijah.

Zoe se acomoda ao meu lado, e nós três formamos um semicírculo apertado de frente para o nosso convidado.

— Estamos cuidando dela. — Elijah me lança uma expressão indecifrável enquanto toma um gole de algo marrom-escuro e alcoólico. — Para *ele*.

O homem arregala os olhos. Depois, puxa a própria bebida para mais perto, segurando-a com força.

— Quer dizer que vocês dois estão mesmo em contato com… — O homem gesticula com a mão. — Ele?

Elijah não desvia o olhar do meu rosto, o único sinal de que está a par da minha presença.

— Sim, Regazel. — Os olhos de Elijah piscam em vermelho, depois voltam ao castanho quando ele se vira para encarar o homem à sua frente, tamborilando na mesa de um jeito que eu já reconheço o que significa. Ele está irritado. — Mas você não está aqui para impressioná-lo. Está aqui para *nos* impressionar. Agora que estamos todos aqui, o que trouxe como tributo?

— Um troféu valioso. — Regazel tira uma pequena caixa de veludo. — Espero que seja suficiente.

Troféu. Foi assim que Elijah chamou meu colar. Será que essa palavra tem outro significado aqui, além do que eu imaginava? Zoe falou em "protocolos" com demônios. Será que esse é um deles?

Não consigo deixar de pensar na garota Artesã de Raiz e no bruxo que a sequestrou por causa de seu poder. Será que ele a entregaria como tributo a algum demônio empregador? Será que esse empregador é o Rei? A expressão no meu rosto é de confusão e raiva, e Zoe me chuta por baixo da mesa e me lança um olhar fulminante com uma mensagem clara. *Se acalme.*

Elijah puxa a caixa pela mesa e a abre com um estalo. Dentro, há uma única moeda de um dourado intenso.

— O que é isso?

— Uma moeda de um assalto a banco nos anos 1970, impregnada de ganância humana. — Regazel faz um gesto em direção ao objeto. — Dá uma cheirada.

Elijah inclina a cabeça e inspira, lenta e profundamente. Seus olhos brilham em vermelho, e ele passa a língua no lábio inferior.

— O cheiro é fraco, mas bom.

— Fica ainda melhor se você realmente *precisa* dessa humanidade. — Regazel inclina a cabeça, observando os gêmeos. — Mas vocês não precisam, né?

Zoe pega a caixa para si.

— Não, não precisamos.

Algo sombrio passa pelos olhos de Regazel.

— Deve ser conveniente. Nunca passar fome. — Ele retorce os lábios. — Que vida fácil a de vocês, cambions equilibrados. Todos os benefícios da demonia, sem os efeitos colaterais.

Elijah o encara.

— É o que você *pensa*, né?

Zoe fecha a caixa com um estalo e a desliza para debaixo da mesa, enfiando-a no bolso.

— Seu tributo foi aceito, Regazel. Como representantes oficiais do Rei, vamos ouvir o que tem a dizer, mas você ainda precisa provar seu valor e lealdade a ele, senão vamos encerrar essa entrevista que você insistiu em antecipar por algum motivo.

— Pode me chamar de Reggie — retruca o homem, lançando um olhar para mim. — Posso falar livremente na frente dela?

Zoe rosna.

— Não olhe pra ela. Olhe pra nós.

Elijah solta um suspiro longo e profundo, quase entediado, embora estivesse visivelmente ansioso com esse encontro menos de uma hora atrás.

— Diga o que tem a oferecer, ou vamos embora. Até agora, tudo o que você disse foi que enfrentou um Merlin e venceu.

Fico completamente imóvel, sem saber como jogar esse jogo de política, urgência e paciência, como convidar o outro a mostrar sua mão sem revelar a própria. Minha única

vontade é correr atrás da garota sequestrada, mas o olhar ardente de Reggie em meu rosto diz que, embora o demônio ainda esteja jogando, está ficando cansado. Há uma explosão prestes a acontecer.

Reggie junta as mãos.

— Botei o coitado pra correr, sim.

Zoe se recosta no banco.

— Deu sorte, e daí? Talvez, se tivesse matado um, eu me impressionasse.

Reggie dá um gole na bebida.

— Sabe como é *difícil* matar um Merlin?

— Já ouvimos falar — responde Elijah, com tranquilidade. — Conte uma novidade.

— Tenho sua *novidade*. — Reggie se inclina para a frente, com uma expressão astuta. — Já ficaram sabendo que tem alguém por aí eliminando Merlins? Aposto que o Rei vai querer essa informação.

Pela segunda vez na noite, um alarme dispara na minha cabeça. Eu conheço os Merlins. Talvez não me lembre de seus rostos ou nomes, mas conheço sua força, sua velocidade, sua habilidade com o aether. Sentada aqui no bar, consigo ver seus traços e técnicas se desenharem por trás dos meus olhos. Íris douradas, âmbar, laranja-escuro. Presas belas e assustadoras ao mesmo tempo. Clarões de prata-azulada e azul-prateados… bastões longos, foices e tornados de fogo de mago.

E o garoto Merlin que sacrificou a própria humanidade para me salvar?

Onde quer que ele esteja, para onde quer que eu o tenha enviado, não quero que morra.

Minha técnica para selar minha raiz ainda funciona, mas alguma coisa no meu corpo deve ter mudado com a lembrança desse Merlin — meu cheiro, meus batimentos —, porque os olhos de Elijah percorrem minhas bochechas e a ponte do meu nariz. Quando ergo a cabeça, ele já está encarando Reggie de novo.

Zoe se vira para Reggie.

— Como assim, "eliminando Merlins"?

Reggie dá de ombros de um jeito preguiçoso.

— Matando. Um por um. Acabando com os soldados perfeitos da Ordem. De forma bem metódica.

— Não vejo como isso seria problema nosso, e não foi por isso que aceitamos esse encontro — diz Elijah, com o rosto tenso. — Espero que essa não seja a sua informação, ou vamos embora.

Reggie faz um gesto despreocupado.

— Não, considere isso um brinde. Uma cortesia de demônio pra cambion, digamos assim. Talvez vocês estejam protegidos pelo velhote, mas os Merlins também dão trabalho. Eles também querem que a gente morra. Não verificam o quanto de demônio você tem quando atravessam seu peito com uma lança de aether, garoto.

Elijah estreita os olhos ao ouvir a palavra "garoto".

— Obrigado pela dica. Mas o velhote quer retomar a Corte, não entreter um goruchel que vive de "e ses" e amoleceu com comida e bebida humanas.

Elijah ergue uma sobrancelha enquanto Reggie termina sua bebida.

Os olhos vermelho-escuros de Reggie escurecem ainda mais com o insulto… e permanecem assim.

— Cuidado com a língua, filho da encruzilhada.

— Do que você me chamou? — dispara Elijah, as presas reluzindo.

— Você ouviu — retruca Reggie. — Eu já estava neste plano matando humanos por diversão muito antes de você ser uma ideia ruim nas bolas do seu pai…

Zoe se estica por cima da mesa e agarra o pescoço de Reggie. Ela aperta com força suficiente para sufocar um humano, mas Reggie apenas sorri.

— Cuidado com o que fala do nosso pai… e do meu irmão. Não é legal xingar as pessoas, Regazel.

— Você deixou minha irmã irritada — diz Elijah, se apoiando sobre o cotovelo e inclinando a cabeça para Reggie. Ele olha para o barman, Syd, que nos observa enquanto seca um copo. — Zoe vai soltar você. E quando ela fizer isso, diga o que tem a oferecer, ou este encontro termina aqui.

Depois de um instante, Reggie para de sorrir e assente devagar.

Zoe solta o pescoço dele, e o demônio esfrega suavemente as marcas dos dedos dela.

— Ouvi dizer que o… *velhote* — Regazel finalmente fala, enfatizando a expressão — está procurando por algo.

Os gêmeos ficam imóveis ao meu lado. Então, Elijah dá uma batida no copo.

— Está mesmo. Sempre esteve. Está sugerindo que sabe onde isso está?

Reggie se inclina.

— Sei quem tem uma pista.

— *Você sabe quem tem uma pista?* Achei que *você* era a pista. — Zoe franze a testa e se levanta. — Vamos embora, Elijah.

— Não, não, espera — sussurra Reggie, fazendo um gesto para que ela volte a se sentar, olhando para o bar lotado atrás de nós. — É sério. É um membro da Corte das Sombras, uma das preciosas Sombras do Rei que se rebelou.

Elijah e Zoe se encaram em silêncio. Elijah se volta para Reggie.

— Uma Sombra da Noite está com a coroa?

— Não — responde Reggie, irritado. — Uma Sombra tem uma *pista* sobre a coroa. Não estão prestando atenção? Fale com ela e ela vai contar. Talvez.

— Você está desperdiçando nosso tempo. — Zoe se inclina para a frente, mostrando os dentes. — As Sombras rebeldes não vão voltar para a Corte se o Rei *não estiver* com a coroa. Nem sequer aceitam nos encontrar como emissários dele. Agora, são todos pequenos soberanos de seus próprios feudos. Abordar uma delas de mãos vazias é um insulto e uma sentença de morte, até para nós. Esse demônio, seja quem for, nos mandaria de volta ao Rei em sacos de cadáver só pra mandar um recado.

— Então não apareçam de mãos vazias — sugere Reggie. — Levem um tributo.

Zoe revira os olhos.

— Você só fala merda. A coroa está perdida há séculos. Nem o Rei consegue sentir onde ela está.

— Não está perdida — diz Reggie. — Está *escondida*.

— Pelos Morganas, sim, nós sabemos — diz Elijah, com um suspiro. — Os Morganas encantaram a coroa para ser indetectável por qualquer demônio, inclusive o próprio Rei, seu único criador e portador. Acho *bem* difícil acreditar que a Linhagem Morgana, depois de mil e quinhentos anos mantendo tanto a coroa quanto a si mesma ocultas e ilesas, tenha de repente decidido mudar de ideia e exibir a coroa em praça pública.

Uma lembrança surge em minha mente. O mundo dos sonhos de Arthur. A coroa do Rei atrás de uma jaula de aether, como um artefato em um museu. Fragmentos de conversa entre a Morgana original e seu meio-irmão: *essa coroa não é diferente de sua Caledfwlch… está ligada a você. Conectada. É por isso que ninguém mais pode usá-la em batalha* a não ser *você. Uma arma de aether.*

Assim como eu estou conectada à Excalibur, o Rei está ligado à sua coroa. Nossas armas estão vivas. *É por isso que o Rei tirou a Excalibur de mim?*, eu me pergunto. *Por que ele sabe o que significa perder uma arma viva?*

Reggie sorri, triunfante.

— É aí que está… Eles *não exibiram* a coroa. Ela foi *roubada* deles.

O sorriso de Elijah desaparece.

— Como é que é?

— Dizem que os Morganas ficaram confiantes demais, descuidados. Acharam que os *encantamentos* e segredos os protegeriam para sempre, mas os tempos mudaram. — Reggie dá de ombros. — Estavam fazendo acordos com alguns demônios ultimamente… e com bruxos também. Parece que se aliaram a quem não deviam. Um bruxo que não compartilhava o compromisso de manter a coroa trancada. Ele a pegou e fugiu.

Um bruxo roubou a coroa do Rei? Acabei de ver um bruxo sequestrando uma pessoa. Claramente, esses usuários de magia de pacto se mantêm ocupados, mas será que esse ladrão estava trabalhando para os demônios… ou contra eles?

Zoe arqueia as sobrancelhas para o irmão, incentivando-o, mas Elijah ainda não parece convencido.

— Os Morganas não queriam que um dos servos leais do Rei pudesse devolver a coroa se ela fosse descoberta, então eles *também* a encantaram para que não pudesse ser tocada por mãos demoníacas — explica Elijah. — O que significa que, ao contrário de um demônio, um bruxo *poderia* tocar na coroa do Rei sem virar cinzas. Mas o resto dessa história me parece forçado, Reggie.

Reggie rosna.

— Não vim aqui para mentir! Estou dizendo que a coroa foi levada!

— Levada para onde? — questiona Zoe. — Essa Sombra da Noite rebelde sabe pra onde o bruxo ladrão foi? Isso não nos ajuda em nada. Só um Morgana pode desfazer um

feitiço dos Morganas, e eles nunca ajudariam uma Sombra *ou* o Rei. A coroa poderia estar aqui, em cima desta mesa, e mesmo assim o Rei não conseguiria tocá-la.

Reggie abaixa a voz.

— Trabalho para essa Sombra há anos e quero *cair fora*. Ela nunca quis voltar a ser comandada pelo Rei. Nunca contaria a ninguém do lado dele que a coroa tinha ressurgido, mas eu a ouvi falando disso ao telefone! Tentou manter em segredo, usou palavras codificadas, mas eu sei de quem as Sombras estão falando quando chamam alguém de "velhote". Sabia que a coroa era do Rei. — Ele aponta para si mesmo. — E entrei em contato com vocês porque sabia que *vocês* iam querer saber!

As palavras escapam sem querer. Minha curiosidade é grande demais.

— Qual Sombra da Noite está com ela?

Zoe tapa minha boca com a mão.

— Não responda, Reggie!

— Droga, Bree — geme Elijah, fechando os olhos com força.

Reggie sorri.

— Mas alguém do seu grupo pediu o nome, Zoelle.

— Ela *não* faz parte do nosso grupo — sibila Zoe. — Ela não conta.

Os olhos de Reggie brilham com um humor sombrio.

— Ela está na mesa de negociação. Pediu a informação. Agora estou livre para dar, e, se eu fizer isso, vocês são obrigados a atender minha exigência em troca.

Arregalo os olhos.

— Desculpa!

Elijah suspira.

— Tudo bem. O nome vai provar sua lealdade à causa. Diga sua exigência.

— Se o Rei retomar a Corte, quero participar da bênção — diz Reggie.

— Não podemos obrigar o Rei a fazer nada — responde Elijah.

— Então se comprometam a defender meu caso.

Zoe e Elijah trocam olhares. Por fim, Zoe me solta e faz que sim com a cabeça.

— Nós nos comprometemos a defender seu pedido de bênção. Diga o nome da Sombra.

Reggie se recosta.

— Daeza.

Zoe solta um palavrão imediatamente. Elijah enfia o rosto nas mãos.

— Não podia ser nenhuma das outras?

Reggie dá de ombros.

— Nunca disse que seria fácil.

Zoe xinga de novo e lança um olhar fulminante para Reggie.

— Se Daeza descobrir que você está contando os segredos dela, vai te jogar na arena.

— Ela já jogou. — Os olhos dele escurecem. — Por que acha que estou a entregando pra vocês? Ela precisa aprender a não tratar seus subordinados como lixo.

Elijah solta um longo suspiro.

— Se conseguirmos acesso a Daeza, se conseguirmos convencê-la a nos ouvir, *se* a pista da coroa for real e conseguirmos recuperá-la, então vamos garantir que você tenha prioridade quando chegar a hora.

Zoe balança a cabeça e faz um gesto de desdém.

— Muitos *e ses*, Reggie. Nem sei por que você insiste.

Reggie tamborila o dedo no copo.

— Você é jovem demais para entender, garota, mas quando se vive tanto quanto a gente, é preciso apostar em todas as direções… e esperar. Já dei o nome que vocês queriam. Agora é com vocês

Depois disso, Reggie desliza para fora do sofá, os olhos voltando a um castanho opaco, e os gêmeos o observam partir por um instante antes de voltarem seus olhares flamejantes para mim.

— Desculpa — digo, me encolhendo no assento.

Elijah se põe de pé num borrão. E se ele está usando velocidade de cambion em público, mesmo num canto escuro de um bar humano, é porque está muito frustrado comigo.

— Casa. Agora.

Cinco minutos depois, estamos de volta à calçada quase deserta, caminhando para casa sob o brilho cintilante da neve e dos postes de luz.

— Então… — Recoloco o colar com a moeda de Pendragon no peito, sob o casaco que recuperei. — Daeza?

Elijah e Zoe me acompanham, cada um de um lado, mas nenhum deles responde de imediato.

— Parece que o Rei está procurando uma agulha num palheiro há centenas de anos. — Faço uma careta. — Deve ser frustrante.

Silêncio. O único som ecoando é o da neve caindo.

— E mesmo que a encontre não vai poder nem tocar na própria coroa — murmuro. — Isso é loucura. A magia dos Morganas parece bem intensa.

— Os encantamentos dos Morganas são os disfarces mais poderosos da história — murmura Elijah. — Depois que a Ordem os expulsou, eles se esconderam e aperfeiçoaram sua arte. Os próprios Morganas são impossíveis de rastrear quando querem, e o mesmo vale para suas criações, e tudo o que essas criações foram feitas para ocultar.

Puxo o capuz do casaco para cima, fazendo uma careta com o cheiro pungente da magia do bruxo.

— Ele não pode forjar outra coroa na dimensão demoníaca?

— O Rei não pode *voltar* para a dimensão demoníaca! — Elijah se vira bruscamente. — Quando Arthur Pendragon e Merlin tomaram sua coroa, foi com a intenção de matá-lo, e quase conseguiram. Ele recuperou a maior parte do poder, mas não pode voltar ao domínio dele sem a coroa. Precisa dela para atravessar de volta; não existe passagem sem ela.

Paro na calçada.

— O Rei está… preso aqui?

— *Arthur e a Távola Redonda* o prenderam aqui. E, ao fazer isso, negaram ao outro mundo seu rei e negaram ao Rei sua Corte… mas garantiram a vingança dele. — Elijah se vira para mim. — E eu vou ajudá-lo a conseguir.

Não sei bem o que pensar sobre essa revelação a respeito do Rei, mas de uma coisa eu sei: isso explica a sua raiva e sua obsessão em punir e destruir a Távola. A Távola Redonda original não apenas tomou sua coroa, quase o matando, como, após o roubo, seus súditos leais se espalharam e se dividiram, e ele foi impedido de retornar ao próprio reino. Não é de espantar que ele odeie não só Arthur Pendragon, mas todo o seu legado. Toda a sua linhagem. Incluindo o sangue que corre em minhas veias.

Às vezes, quando Erebus me olha, percebo um lampejo de humor sombrio e satisfação em seu rosto. Será que é porque ele vê tanto a mim quanto nosso treinamento juntos como uma espécie de justiça poética dentro da vingança dele? De repente, uma frase da minha ancestral Vera me vem à cabeça: *ferida transformada em arma.*

— Ele… — começo, mas um brilho vermelho-vivo em meu peito me interrompe.

Os gêmeos me agarram e me puxam com tudo para um beco próximo. Mal chegamos às sombras frias e profundas entre dois prédios quando minha marca de sangue desperta completamente e começar a pulsar.

A marca irrompe primeiro em meu esterno, brilhante o suficiente para atravessar três camadas de tecido. Ela se espalha para fora, fogo líquido formando galhos furiosos pelas costelas e subindo pelas clavículas, cobrindo meus ombros e se ramificando em linhas carmesim pelos bíceps e antebraços.

Os gêmeos recuam, os olhos arregalados. Eles me soltam bem a tempo de não serem atingidos pela queimadura da marca.

— Caramba, isso é que é brilho — sussurra Zoe, protegendo os olhos.

Elijah se aproxima aos poucos, atraído pelo brilho vermelho pulsante, um centímetro, depois outro.

— Ele está…

— Me chamando? — murmuro, observando a marca de sangue pulsar no mesmo ritmo do meu coração. — Sim.

Desde que o Rei reconectou sua marca de sangue, quando ela desperta, traz sua assinatura de aether: mirra, madeira de ágar, seivas e incenso. Associo esses aromas à assinatura de Erebus, mas às vezes a magia da marca cheira a… queimado. Especiarias aquecidas por tempo demais para serem agradáveis. Um aroma antigo que já foi rico e

intenso, mas agora está reduzido a cinzas. Associo *esse* cheiro à forma verdadeira dele… não de Erebus, mas do Rei das Sombras.

— Dói? — pergunta Elijah.

— Não, é… — Franzo os lábios, a vergonha me invadindo de repente.

Elijah me encara e, pela primeira vez, o vermelho dos olhos dele não vem de seu poder, mas do meu.

— É o quê?

Levo um instante para encontrar as palavras, até que elas saem da minha boca com uma pontada de irritação.

— É um lembrete, tá? De que, mesmo que ele não seja a *fonte* do meu poder, está ligado ao meu poder para sempre, e eu estou ligada a ele.

Elijah me observa com atenção, como se pudesse ver que há mais que não estou dizendo.

— Ele faz isso com frequência?

O poder começa a se dissipar, enfim, lançando uma luz vermelha mais suave pelo beco.

— Às vezes mais, às vezes menos, nunca dá para prever. O suficiente para que eu não esqueça que não estou *totalmente* no controle — digo, com um sorriso amargo. — É uma demonstração de poder desnecessária, na minha opinião.

— Toda demonstração de poder é necessária — rebate Elijah, sem agressividade. Ele dá um passo para trás à medida que o poder diminui. — Mas essa é particularmente…

— Sinistra? — sugere Zoe.

— Irritante? — arrisco.

— Chamativa — diz Elijah, soltando um suspiro frustrado. — Imagina se ele tivesse feito isso enquanto você estava no Rat?

— Eu nem deveria *estar* no Rat, lembra? — digo. — Era para eu estar segura em casa, protegida pelos feitiços dele.

— Aff, nem me lembra disso — reclama Zoe, virando-se para voltar à calçada. — Vamos.

Quando enfim chegamos à casa histórica em estilo Tudor de Erebus, já está nevando para valer. Flocos grandes e largos se acumulam no cabelo de Zoe e no gorro de tricô escuro de Elijah, e sei que também estão cobrindo minhas duas tranças. Estremeço e aperto mais o moletom ao redor das mãos, mais focada nos dedos gelados do que no caminho à frente, e acabo esbarrando nas costas de Elijah, parado na entrada da casa.

— O que está fazendo? — resmungo. — Vamos entrar logo, estou com frio.

Elijah se vira e me observa de cima a baixo.

— Por que seu casaco está com cheiro de bruxo?

Eu vacilo. Zoe não ajuda.

— Tinha uma garota Artesã de Raiz no banheiro com um bruxo. Tentei impedir que ele a sequestrasse, mas… não consegui. Eles fugiram. Zoe…

— A Bree estava parecendo um filhote perdido — interrompe Zoe rapidamente, revirando os olhos. — Acho que ela nunca tinha encontrado um bruxo antes, mas expliquei como o pacto deles funciona. E como a magia de pacto é fedida.

Elijah suspira.

— Não pensei que o Syd deixaria bruxos entrarem, mas ele disse que o movimento estava fraco. Deve ter deixado entrarem pelos fundos. Ofereceu o Rat como ponto de apoio por um bom preço, com certeza. Poder de Artesão de Raiz é difícil de encontrar.

— Você sabe sobre os Artesãos de Raiz e o Rei? — pergunto.

Elijah inclina a cabeça para mim.

— Quanto maior o demônio, maior a fome. — O vento muda de direção, e Elijah faz uma careta, cobrindo o nariz. — Você vai ter que tirar esse casaco. Deixe do lado de fora ou, melhor ainda, queime. O velhote odeia esse cheiro mais do que a gente, e se sentir em você, vai saber que te levamos pra onde não deveríamos.

— Ele tem razão — concorda Zoe. — Tira isso.

A neve cai forte de verdade agora.

— Aqui fora? — guincho.

Elijah ergue as sobrancelhas.

— É esse o objetivo.

É a primeira vez que sinto essa cumplicidade com os gêmeos, e não quero colocar em risco essa frágil paz por causa de um casaco que encontrei no fundo do armário de Zoe, algo que não me custa nada.

Tiro o casaco e aproveito que tenho a atenção deles para fazer uma pergunta:

— As famílias dos Artesãos de Raiz não vão chamar a polícia pra reportar o desaparecimento deles?

— Não vai fazer diferença — responde Zoe.

— Por quê? — pergunto. — O Rei tem contatos na polícia do mesmo jeito que a Ordem?

— Como você sabe tanto sobre a Ordem?

— Ele me contou — digo, entregando o casaco a Zoe com cuidado. Ela o pega entre dois dedos e desaparece num borrão, entrando no bosque. Para enterrá-lo, imagino. — Mas o que acontece quando reportarem o desaparecimento dos Artesãos?

— A importância de um boletim de ocorrência depende inteiramente de quem está desaparecido — diz Elijah, com desdém.

Meus dentes batem de frio, mas ignoro enquanto o sigo até a porta.

— Você quer dizer…

— Você sabe exatamente o que quero dizer — afirma Elijah por cima do ombro, destrancando a porta. — Se o seu sequestro vai aparecer no noticiário ou não depende de quem acha que seu sumiço é digno de notícia. Artesãos de Raiz são pessoas negras. Meninas Artesãs de Raiz, mais especificamente, são um bom alvo, porque uma garota negra desaparecida não causa a mesma revolta que uma garota branca.

— Você não acha errado ele se aproveitar do preconceito e da apatia dos humanos?

— Eu costumo ficar mais furioso com a humanidade por cultivar e perpetuar esse preconceito e essa apatia — retruca Elijah, com um tom definitivo. — Então, não.

Nesse momento, percebo que não tenho argumentos para rebater.

Ainda assim, ao me deitar naquela noite, penso na garota e na firmeza na voz dela quando disse ao bruxo que eu não a seguiria. A certeza de que eu escolheria a mim mesma e a esqueceria. Eu me pergunto que tipo de pessoa eu seria se simplesmente deixasse isso passar — como Zoe e Elijah parecem capazes de fazer.

Talvez eu não conheça bem as pessoas da minha vida, mas eu me conheço.

E sei que não vou conseguir deixar isso passar.



EREBUS VOLTA LOGO CEDO na manhã seguinte, enquanto nós três estamos na cozinha, curvados sobre nossos respectivos cafés da manhã, morrendo de sono.

Ele se materializa no hall de entrada, fora de vista, mas ouvimos sua chegada. O leve estalo das moléculas de ar sendo deslocadas pelos átomos que de repente preenchem o espaço, o assobio e o crepitar da magia das sombras ao redor do corpo dele. Depois de meses nesta casa, consigo facilmente imaginar como ele emerge da fumaça. Muitas vezes, já está em movimento, com fios de fumaça cinza e preta se arrastando atrás de si ao deixar um lugar e chegar a outro.

Os gêmeos pulam dos banquinhos para recebê-lo. Eu nem me dou ao trabalho. Ouço sua voz distante antes de se aproximar.

— Voltem a comer.

Eles retornam aos assentos sem dizer uma palavra.

Não deixo de notar os olhos de Elijah cintilarem em vermelho ao passarem por mim, faiscando contra minha pele. Ele olha para meu café da manhã, torrada e ovo frito com gema mole, enquanto corto a gema ao meio. Sei que ele e Zoe se ressentem do fato de Erebus não exigir que eu me levante ou me curve diante dele como espera que os gêmeos façam. Elijah questionou isso dias após minha chegada, e nem Erebus nem eu demos explicações. Erebus apenas disse a Elijah que "não era da conta dele". Mas depois da nossa aventura no Rat ontem à noite, me sinto um pouco constrangida.

Lanço um olhar constrangido para Elijah, que suspira e acena com a cabeça. Desculpas aceitas, espero.

Vislumbro o perfil de Erebus enquanto ele passa pelo arco da cozinha e sobe as escadas. Mesmo naquele breve instante, tento captar cada detalhe de seu movimento, de sua postura, avaliar se está descansado ou exausto.

Esses pequenos detalhes são os únicos sinais de fraqueza no demônio mais poderoso do mundo, e, hoje, são detalhes aos quais me agarro.

Aprendi que viajar pelas sombras é uma habilidade que consome muita energia e que só ele domina. Mesmo assim, Erebus raramente parece abatido depois de usá-la. Hoje, porém, há uma leve descoloração sob seus olhos. A pele parece esticada demais sobre as maçãs do rosto proeminentes, e os lábios estão rachados. Debaixo do longo sobretudo, os ombros estão tensos, e me vem à mente a imagem de um predador selvagem com os quadris erguidos. Ele *está* esgotado, então. Com pouca energia.

Faminto.

Aperto a colher com tanta força que ela entorta.

— Ei, dá pra parar de destruir os talheres? — A voz de Zoe interrompe meus pensamentos, e ergo o olhar para ela.

— O quê? — Ela aponta para a colher em minha mão, dobrada em forma de "u". — Ah. Foi mal.

Tento endireitar o olhar, mas parece que a parte do meio afundou de vez. Normalmente controlo melhor minha força, mas devo ter me deixado levar.

— Aham — murmura Zoe, indo até a pia para lavar a tigela de cereal.

Enquanto ela enxágua a louça, volto a refletir sobre meu mentor.

Parece que não há ninguém igual ao Rei das Sombras. É uma categoria à parte entre os demônios maiores, talvez o demônio mais antigo que existe, com habilidades que eu nem imaginava que eram possíveis. E, mesmo assim, não é invulnerável. Não sei quanto ele consome de humanidade ou aether, mas para se manter como está, deve ser uma quantidade imensa.

Quanto maior o demônio, maior a fome, Elijah disse.

Por um breve momento, penso se existe alguma maneira de ceder meu poder a ele, para que pare de caçar os Artesãos de Raiz… mas descarto a ideia logo em seguida. Em todo nosso tempo juntos, ele nunca consumiu meu poder, nem demonstrou interesse em fazê-lo. Diz que não fará isso até que eu esteja em meu auge.

Levo minha louça até a pia, e Zoe abre espaço para mim. Minha mente gira, revisitando tudo o que sei, buscando uma forma de impedir que ele se alimente. E, depois, uma forma de resgatar a garota que vi, que pode ou não ser sua próxima vítima.

O prato se parte ao meio em minhas mãos.

— Ai — murmuro.

— Esse já era. — Zoe pega os cacos da minha mão e joga no lixo.

— Briana! — A voz de Erebus ecoa de outro cômodo.

Quando chego à entrada da cozinha, Erebus já desceu as escadas. Ele está parado na sala de estar, com redemoinhos de raiva subindo dos ombros, um sinal claro do seu humor.

Após o choque inicial diante do barítono cortante de Erebus, meu corpo responde exatamente como fui treinada para reagir diante do meu mentor, portador da minha marca de sangue, meu rei: com a respiração controlada. Forço meu coração a desacelerar. Imagino o sangue em minhas veias fluindo mais devagar. Expiro

profundamente, sufocando a adrenalina e o nervosismo, porque não tenho motivos para temer.

Tive que me adaptar. Embora Erebus nunca tenha se alimentado das minhas emoções negativas, ele consegue percebê-las, assim como um animal faminto sente cheiro de comida fresca. Ele sabe quando estou abalada, e aprendi a enterrar esses sentimentos em sua presença, para que não me entreguem.

Não importa o que Erebus faça ou quantas máscaras use; ele é um demônio ancestral de poder quase ilimitado — e, como todo demônio puro-sangue, não é da sua natureza ser generoso, gentil ou humano. Me fechar emocionalmente foi o que me manteve viva.

— Sim, Erebus? — pergunto ao entrar na sala.

Não importa que eu more na casa dele há meses. Não importa que eu o tenha visto comer, descansar e até dirigir como um humano. Lembro a mim mesma, todos os dias, que uma casa bem decorada e confortável faz parte do disfarce dele. Roupas sob medida fazem parte do disfarce. Até suas gentilezas fazem parte do disfarce.

Ele estende o braço. Um convite que, como sempre, não tenho escolha a não ser aceitar.



Fico surpresa quando ele caminha pelas sombras para nos levar até o local de treinamento, mas logo percebo que aquele não é um dos lugares a que costumamos ir: o bosque nos fundos da casa ou o porão. Hoje, estamos diante de uma clareira onde há um único armazém cinzento no meio de um caminho de cascalho.

— Estamos nos arredores da cidade — responde Erebus, como se tivesse lido meus pensamentos.

Sem precisar pedir que eu o siga, ele começa a seguir em direção ao armazém.

— A família do Erebus original, os Varelian, é dona desta propriedade. Não há ninguém por perto, mas como sua magia pode ser bastante brilhante e potente, será melhor lutar dentro do centro de treinamento.

— Ontem você era o Erebus — comento.

Alguns passos à frente, ele para e se vira, esperando que eu o alcance.

— Sim.

Tiro um elástico do bolso de trás e começo a prender as tranças num coque, afastando o cabelo da nuca. Não é a primeira vez, desde que vim morar na casa de Erebus, que penso em como deve ser o tempo dele com os Regentes. A Ordem o despojou de todos os seus poderes há mil e quinhentos anos. O rebaixou. E os Morganas, que faziam parte da Ordem antes de também serem exilados, garantiram que ele nem sequer pudesse começar a recuperar o poder que um dia teve. Sei por experiência própria que a natureza dos demônios e cambions é intensa — e, às vezes, temperamental e violenta. Como ele consegue se sentar ao lado de Cestra enquanto planeja ativamente sua queda? Como

consegue manter a missão da Ordem sabendo, o tempo todo, que *sua* missão é destruí-la… para sempre? Não consigo compreender sua paciência milenar e a raiva contida que ele carrega. Ou talvez eu simplesmente não queira entender.

Erebus inclina a cabeça, curioso com meu silêncio pensativo.

— Sério? Nenhuma pergunta? Não quer saber detalhes sobre meu tempo com o Conselho ou com os Lendários?

Termino de prender o cabelo.

— Você também não responde a nenhuma pergunta sobre a minha vida de antes.

Ele baixa a cabeça.

— É verdade. E, ainda assim, fico pensando se você não pergunta por que sabe que não responderei ou por que perdeu a curiosidade.

— Qual a diferença?

Ele estreita os olhos levemente, os lábios se retorcendo em um leve sinal de desaprovação e impaciência, como se eu fosse uma aluna que o decepcionou.

— A diferença é *você*, Briana. E o que você quer. Não sente mais curiosidade sobre seu passado?

Penso no rosto da garota sob a porta do banheiro. Seus olhos arregalados de medo, depois estreitos de determinação quando me mandou não segui-la. Ainda consigo sentir o fedor de seu captor e o brilho triunfante nos olhos dele quando a garota o seguiu por livre e espontânea vontade. Ela está presa em algum lugar agora, talvez com uma faca na garganta, esperando Erebus consumir a raiz que corre pelas veias dela?

— Não particularmente — respondo, e sinto a verdade disso em meus ossos.

Suas íris vermelho-escuras parecem perfurar meu rosto.

— Entendo. — Ele faz uma pausa. — Mas está curiosa sobre outra coisa.

Não há razão para mentir.

— Está caçando Artesãos de Raiz?

Se a pergunta o surpreende, ele não demonstra.

— No momento, não.

— Já se alimentou deles?

— Você sabe que sim.

Cerro os dentes.

— Recentemente?

— Não.

— Contrataria um bruxo para caçá-los para você?

Ao ouvir isso, sua boca se contorce.

— Não. Nunca contratei nem jamais vou contratar mercenários de magia de pacto para fazer o que posso fazer com facilidade e que faço desde antes da humanidade *inventar a roda*.

— Pode falar o que pensa de verdade — digo, com ironia.

— Bruxos são uma abominação e uma mancha nas atividades terrenas dos demônios.

Solto ar pelo nariz.

— Não era pra levar ao pé da letra.

— Então espero que minhas respostas tenham sido suficientes — diz Erebus, se afastando.

Não sei se consigo acreditar nele. Nunca sei. Mas o sigo mesmo assim.

O vento gira ao nosso redor, fazendo as folhas secas de carvalhos e bordos rodopiarem entre restos de palha diante do armazém. O prédio parece bem cuidado, com a pintura externa em um tom de carvão escuro. Fresca demais para ter enfrentado o sol seco do inverno.

Fico imaginando se a família Varelian ainda cuida deste lugar, ou se Erebus paga alguém para mantê-lo em bom estado apenas pelas aparências.

Mais uma vez, ele parece ler meus pensamentos.

— Os Varelian já se foram há muito tempo, mas seus fundos ajudam a manter o local. De vez em quando, trago jovens Merlins da academia pra cá, só pra mudar de cenário e fugir do calor de Asheville quando o verão se torna desconfortável demais para eles.

Meu quadril formiga com a lembrança de dedos quentes pressionando minha pele por baixo de um vestido emprestado. Palmas ardentes sob minhas coxas, dedos arranhando minhas costas, lábios quentes.

— Porque os corpos dos Merlins são naturalmente mais quentes — respondo de imediato.

— Hum. — Erebus se vira para mim, o olhar afiado. — E como você sabe disso? Com quais Merlins você teve contato tão próximo a ponto de saber a temperatura deles?

Eu pisco. Aquelas mãos, aqueles dedos… o calor percorrendo minha pele… eram de um Merlin. Um rubor sobe pelas minhas bochechas e pelo meu pescoço.

Erebus revira os olhos e estremece.

— Adolescentes nunca mudam. Sempre se deixam levar pelos hormônios e desejos. Não preciso que me conte o que aconteceu para entender.

Franzo a testa.

— Eu *não* vou falar com você sobre meus hormônios nem sobre nenhum… acontecimento.

— Treinei Merlins adolescentes por tempo suficiente para não *querer* saber de nenhum acontecimento — responde Erebus com um resmungo. — Mas não consigo deixar de me perguntar: o que exatamente você viu nele, Briana? Sério, você consegue coisa melhor. Ele foi um desperdício de talento.

Não preciso conhecer esse garoto para perceber a crueldade nas palavras de Erebus.

— Não fale assim dele. Nem de ninguém.

— Como preferir.

Então, é minha vez de parar.

— Está dizendo que eu *estive* com o garoto Merlin?

— Para meu tormento, sim — murmura Erebus, com desprezo evidente nas íris vermelho-escuras. — Você se envolveu com o mesmo Merlin arrogante e imprudente

que se sacrificou por você. — Ele faz uma pausa, como se estivesse refletindo, então revela um detalhe que ainda não tinha compartilhado: — Ele era um Mago-Real.

Minha garganta se fecha. *Ele era um Mago-Real.*

— Eu não sabia disso…

— E que importância essa informação tem para você?

Solto o ar com força.

— Agora sei que ele era um guardião, além de meu amigo, e além de… — Olho ao redor, para a paisagem de inverno, o coração acelerando. — Ele era importante. Para mais gente além de mim.

— E agora ele se foi — diz Erebus. — Enviado para a mãe, para sofrer.

Sinto como se tivesse levado um soco. A culpa chega em novas ondas, mais profundas, mais amplas. O garoto Merlin era um Mago-Real, o que significa que sua falta é sentida de muitas formas. Não apenas por mim, por seus amigos ou pelo Herdeiro de Arthur a quem ele foi vinculado por engano, mas também por seus próprios deveres. Por si mesmo. Assim como eu também desapareci *de mim mesma*.

E eu fiz parte disso.

Enviado para a mãe, para sofrer.

Mas há outras coisas que eu sei: sei que a Ordem pode estar errada, e que o conhecimento deles é incompleto. Sei que houve um Mago-Real que, contra todas as probabilidades e em segredo, conseguiu manter a própria humanidade. O que significa que há uma grande chance de esse garoto *não estar* perdido para sempre.

Que ele não se foi de verdade — só está ausente.

Ele era um Mago-Real. Erebus me contou demais. Palavras que deveriam amplificar minha culpa acabam se transformando numa centelha de esperança, uma luz no fim do túnel.

Erebus interpreta meu silêncio como tristeza.

— Como você mesma disse, você deixou a Ordem porque eles exigiam demais. Queriam seu sofrimento. As demandas que faziam eram injustas para uma adolescente, uma jovem em luto. — Ele dá um suspiro longo e intenso. — Não quero trazer à tona questões que te machucam.

— Então por que tocou nesse assunto?

— Porque quero você no auge da sua força. — Seu rosto não revela nada.

Observo seu semblante sereno, os olhos escuros, insondáveis.

— Por que eu deveria acreditar em você? Por que acreditar em *qualquer coisa* que você diz?

— Você já me fez essa pergunta muitas vezes — diz ele. — E eu vou responder mais uma vez: nunca menti pra você. Além disso, você precisa confiar nos seus instintos, no seu próprio conhecimento, para determinar se pode ou não confiar em mim. Isso vale para todos os casos. Com qualquer oponente.

— *Você* é meu oponente?

Ele curva levemente os lábios.

— Isso também depende de você. Mas não aconselharia que me considerasse um. Nem você consegue lutar contra uma montanha, o vento ou o mar.

— Palavras ousadas.

— Conquistei o direito de dizê-las. — Erebus olha para o céu por um instante, observando as nuvens passarem. — Você sabe o que é uma missão, Briana?

— Algo que um cavaleiro faz para salvar uma donzela. Matar um monstro. Recuperar um tesouro. Tipo uma aventura, mas com propósito.

Ele faz um som de reprovação.

— Os cavaleiros se apropriaram do termo, é verdade, mas eles não são donos da ideia de uma missão. Qualquer um pode embarcar em uma. Tente de novo.

Solto um resmungo.

— Uma missão… é uma longa jornada em busca de algo.

Ele assente.

— Melhor. Quase toda cultura do planeta tem histórias de missão, embora chamem essas jornadas por nomes diferentes. O objetivo de uma missão costuma ser algo externo. Matar o dragão, salvar a donzela. Mas o verdadeiro resultado não é externo, e sim interno. — Ele me encara. — O começo de uma missão geralmente é a perda. Uma perda grande e necessária, que acende o primeiro passo rumo ao desconhecido.

— As pessoas que sumiram da minha vida são uma perda necessária? — Minha voz sai carregada de raiva, mas Erebus não comenta.

— Você ficou mais forte desde que chegou aqui — observa Erebus. — Elas estavam te atrasando.

Penso no que ele disse e em toda a conversa que nos trouxe até aqui. Mentiras e verdades. Inimigos e mentores. Donzelas, dragões e demônios — e quem tem o direito de enfrentá-los.

Minha boca se move antes do meu cérebro.

— A coroa é *a sua* perda grande e necessária?

Ele fica imóvel. Um lampejo de fúria atravessa seu rosto, seguido pelo brilho trêmulo do luto, rápido demais para ser capturado, rápido demais para ser notado. Para a maioria das pessoas, pelo menos. Reconheço essa sequência de expressões porque já as senti no meu próprio rosto. E as escondi, assim como ele.

— Minha coroa não é da sua conta.

Com um gesto, uma proteção ao redor do armazém ondula em uma espessa onda de magia, depois desaparece.

Em poucos passos, cruzamos o cascalho que antes estava protegido e paramos diante da pesada madeira que bloqueia as portas, impedindo nossa entrada até que um de nós a levante.

Faz alguns dias que não bato em nada, e estou me sentindo… inquieta.

Sinto um leve calafrio antes de entrarmos. Não sei exatamente contra o que ele está me alertando, exceto que tem a ver com Erebus. Algo que exige cautela. Algo mais perigoso que o normal, mais traiçoeiro. Quando percebo o que é, me viro para ele.

— Você está me irritando. De propósito.

— Estou?

Ele me analisa com o olhar. Sem aviso, Erebus agarra meu pulso direito.

— O quê… — protesto, mas, antes que possa continuar, meu peito arde sob o olhar dele.

Minha marca de sangue floresce em vinhas irregulares, quente e brilhante, do peito até os antebraços, descendo pelos pulsos até alcançar sua mão. Madeira de ágar e incenso.

Ele murmura algo e me solta.

— Você parece forte hoje. Estável.

— Eu mesma poderia ter dito isso para você — resmungo, esfregando os ossos do pulso e do polegar, a indignação pela marca de sangue ter sido ativada ontem se fazendo perceber na minha voz, um pouco tarde demais. — Não precisa ficar ativando isso o tempo todo.

— Perdoe a paranoia de um velho. Os Morganas encantaram minha coroa para que ela não me responda quando a chamo. Com sua marca de sangue, pelo menos, consigo monitorar meu investimento — provoca ele. — Cada vez que a convoco, sinto que está ficando mais poderosa.

Faço uma careta.

— Depois de você — diz ele, gesticulando para que eu entre no armazém escuro.

Ele se dirige à lateral esquerda do espaço empoeirado e aciona um interruptor que não consigo ver. No mesmo instante, uma série de arandelas embutidas nas paredes dos três andares do armazém começa a se acender, uma após a outra, até que todo o ambiente esteja banhado em um brilho dourado e acolhedor.

O armazém em si é enorme e moderno. O chão tem o mesmo tipo de superfície preta emborrachada que já vi no Alojamento. Há até três círculos concêntricos, exatamente como nos combates dos Pajens no torneio dos Escudeiros na Divisão do Sul. As paredes são reforçadas, e a superfície foi equipada com uma variedade de apoios para as mãos, longos espigões e ganchos de metal curvados. Há até cordas penduradas, presas a anéis de metal pesado no teto, que imagino serem usadas pelos aprendizes de Merlin para se balançarem de uma ponta da sala à outra.

Fico imaginando se Erebus trouxe o garoto Merlin aqui em algum momento, ou se ele deixou a academia para assumir seu posto de Mago-Real e perdeu o treinamento no complexo de Varelian. Eu me pergunto se ele ainda se lembra do que aprendeu, ou se seu passado já se apagou sob os… desejos. Ele está desaparecido, e eu também. Pessoas desaparecidas, nós mesmos desaparecidos.

Engulo em seco, piscando com força para conter o calor das lágrimas inesperadas. Minha voz sai como se viesse de muito longe.

— Você já trouxe os gêmeos aqui?

Erebus me observa avaliar o ambiente com um olhar indecifrável.

— Não.

— Por quê?

— Porque eles não têm foco.

Penso no comportamento instável de Zoe e na concentração implacável de Elijah em suas missões para o Rei.

— Você poderia treiná-los com mais frequência. Eles me contaram que são filhos de uma das suas Sombras da Noite…

— Crianças nascidas de Sombras são recursos raros — diz Erebus secamente. — Por ora, estou treinando-os para serem emissários. Meus olhos e ouvidos. Para negociar em meu nome. Cambions equilibrados, capazes de transitar entre os mundos demoníaco e humano, são valiosos demais para serem desperdiçados numa briga qualquer.

Agora penso na frustração de Elijah e na natureza impetuosa de sua irmã. No quão poderosos eles poderiam se tornar se tivessem uma chance de verdade.

— Você me treina. Os gêmeos poderiam treinar com a gente…

— Os gêmeos não passaram pelo que você passou — afirma Erebus, estreitando os olhos. — Você caminhou com a morte de maneiras que eles nunca imaginariam, e isso, para mim, torna seu potencial, sua fome, *mais aguçados*. Em tudo. E, é claro, preciso da sua força para aumentar a minha; os gêmeos não podem me oferecer o que você oferecerá em seu auge.

Não sei como responder a isso, então não respondo. Caminho até o centro da sala, e algo no olhar de Erebus faz meu coração disparar.

O clima mudou.

Esta é a linha tênue sobre a qual caminho. Buscar — e obter — informações e perspectiva enquanto convivo com o perigo do Rei.

Esperando o momento certo até que ele me torne forte o bastante para escapar.

Inspira, expira.

— Vamos nessa, *velhote*? — pergunto.

Quando volto a olhar para Erebus, ele se permite um sorriso discreto.

— Vamos nessa.



— FIQUE ALERTA, Briana!

Uma das três raposas de aether forjadas por Erebus emite um uivo agudo de sua posição baixa à minha frente, outra arranha o chão de terra à minha esquerda, e a terceira sibila à minha direita.

Respiro fundo, enchendo o abdômen, e expiro, abrindo minha fornalha, sentindo as chamas se agitarem sob a superfície da pele e se expandirem por meus membros e dedos. Elas pressionam os limites do meu corpo, prontas para serem liberadas.

Meu pé direito desliza para trás uma vez, depois outra, abrindo espaço entre mim e os construtos vivos. Cada raposa tem patas do tamanho do meu rosto. Cada uma tem escamas cobrindo o dorso imenso. E todas são feitas de aether cristalino, mas seu aether não é igual.

Porque o Rei das Sombras comanda não só uma, mas três formas de poder.

O primeiro construto brilha em azul-prateado, como o de um Merlin.

O segundo é verde-amarelado, como o aether de um isel ou goruchel.

O terceiro mal tem forma de raposa — é feito de uma fumaça negra como obsidiana, quase amorfa, única de seu conjurador.

A raposa infernal azul-prateada se tensiona, se preparando para o salto…

Defender.

Um escudo cristalino roxo escuro surge bem a tempo, no exato momento em que a raposa golpeia o ar diante do meu nariz. Suas garras arranham a raiz endurecida, soltando faíscas em seu rastro.

Dou um salto para trás, levando o escudo comigo — e a raposa guincha, frustrada.

As outras duas, uma à esquerda e outra à direita, emitem sons baixos e agitados. Elas se tensionam ao mesmo tempo…

Solto o escudo. Ergo as duas mãos com os dedos bem abertos.

Proteger. Uma cúpula arredondada, do meu tamanho, brilhante e sólida.

As raposas colidem com a barreira, patas e membros batendo contra as paredes.

Seus corpos se contorcem. Escorregam.

— Muito bem, Briana. Sua barreira está resistindo.

As três raposas se recompõem. Ficam imóveis.

— Por enquanto.

É meu único aviso. As raposas saltam…

Com um estalar de dedos, Erebus transforma as criaturas no ar: de raposas para ursos imensos, com olhos miúdos, presas salivantes… e muito mais força em seus ataques.

Eles avançam com as patas pesadas… e amassam minha cúpula.

Invisto mais poder em meu construto, mas as patas dos ursos são pesadas demais, e as paredes cedem.

— Eles vão quebrar! — grito.

— Então impeça — responde Erebus, com calma.

— Não consigo atacar e me defender ao mesmo tempo!

— Então aprenda — insiste ele.

Cerro os dentes e extraio ainda mais poder do peito, enviando-o pelos braços, cotovelos, pulsos e pontas dos dedos. O fluxo da raiz preenche as camadas atrás da primeira barreira, se ajustando às marcas para reforçá-las.

Os ursos circulam ao meu redor, rugindo enquanto procuram pontos fracos na minha esfera.

— Ótimo — comenta Erebus. — Uma segunda camada por baixo da primeira. Consertando-a. — Entrevejo sua silhueta escura enquanto ele observa das sombras. — Por quanto tempo você aguenta?

— O quê? — exclamo.

Ele se afasta de mim e caminha em direção à entrada do armazém.

— Dei um pouco da minha própria vontade aos construtos. Um vestígio de independência para que possam funcionar sem minha supervisão. Eles vão continuar até chegar em você… ou até eu voltar. — Ele toca o relógio. — Merlins de oito ou nove anos aguentam até uma hora. Magos-Reais, sob pressão, conseguem manter um construto protetor simples assim por até seis horas antes de cederem.

Ele olha para mim antes de sair.

— Vamos ver onde você se encaixa, Briana Matthews.

Então ele se vai, deixando as portas pesadas se fecharem com um estrondo atrás de si.

— Erebus! — grito sobre o rugido dos construtos. — Espera!

Minha cúpula está erguida há poucos minutos, mas já estou esgotada. O suor escorre pela nuca, pelas costas, deslizando pelo colar de Pendragon.

Tento ignorar os sons dos animais, os baques surdos das patas pesadas golpeando a estrutura ao meu redor. Fecho os olhos e me concentro na fornalha no centro do peito, extraindo outra onda de chamas como quem recolhe brasas quentes para uma lareira vazia. Envio uma nova onda de fogo pelos membros até as mãos, o suficiente para aplicar

mais uma camada ao construto… mas, na ponta dos dedos, a magia vacila e se apaga em faíscas.

Não por falta de poder, mas por falta de foco.

Por falta de atenção.

Por causa de Erebus, que me abalou de propósito antes mesmo de entrarmos no celeiro.

Durante muito tempo, não tive nenhum controle sobre minha raiz. Agora, consigo controlá-la, mas minha mente e meu coração me fazem perder a concentração.

As criaturas de Erebus parecem sentir meu desespero, meu domínio da raiz ficando cada vez mais fraco, e rosnam com mais ferocidade.

Não sei por quanto tempo continuo tentando me concentrar. É como se estivesse tentando extrair algo de um poço tão profundo que não consigo ver seu fim.

O tempo perde o significado — só consigo seguir o ritmo da proteção.

Puxar a raiz, expirar. Reforçar as camadas.

Puxar a raiz, comprimir. Preencher os cortes.

Puxar a raiz, forçar. Endurecer os sulcos.

No fim, sou apenas uma bola no chão, a cúpula pequena e apertada ao redor dos meus calcanhares e ombros, mal cobrindo minha cabeça.

O rugido se aproxima — os construtos urram enquanto se aproximam da presa.

Meus dentes batem num ritmo frenético, fazendo meu queixo tremer. Eu me encolho mais, sinto um tremor subir pela coluna, ficando cada vez mais intenso, até que começo a convulsionar no chão.

Ainda há um último recurso ao qual posso recorrer, e faço isso pouco antes de meu escudo de raiz colapsar — a armadura de Arthur. Um construto fixo que se alimenta do aether do ambiente, em vez da fornalha dentro de mim, e que agora posso invocar com facilidade. A armadura se encaixa ao meu redor num estalo, com elmo e tudo, exatamente quando os golpes dos ursos rompem a barreira e atingem meu corpo.

Mas até a armadura tem seus limites.

Sinto-a se desfazendo, amassando, desmoronando.

Sinto o hálito quente e faminto dos ursos, ofegantes, rugindo…

Eles vão me despedaçar.

Já fui rasgada antes. Meus músculos molhados expostos ao ar da floresta, revelando partes de mim que jamais deveriam ser reveladas.

O primeiro urso rasga meu antebraço — e eu grito.

A segunda garra dilacera minha mão até o osso — e eu gemo.

O terceiro crava duas garras no alto das minhas coxas — e as arrasta até os joelhos.

Não é assim que eu deveria morrer, sozinha num armazém à mercê de criaturas que nem sequer são reais…

Então, elas param.

E a dor desaparece.

Meu coração troveja, o sangue pulsando forte nos ouvidos — até que escuto um som baixo.

Um aplauso lento e constante.

Inspiro e expiro duas vezes, trêmula, abro um pouco os olhos… e vejo um par de sapatos sociais reluzentes a cerca de trinta centímetros do meu rosto. Quando ergo o olhar, encontro Erebus de pé sobre mim com uma expressão satisfeita, segurando um cronômetro de bronze.

— Chute por quanto tempo seus construtos duraram.

— Eu… — Olho para meu corpo, ainda encolhido, e vejo que não estou deitada numa poça de sangue. Os ursos sumiram. Estou inteira. — O que… o que aconteceu?

— Quanto tempo, Briana?

Tento processar as palavras dele, conciliando-as com o que acabei de vivenciar. Quanto tempo durou aquilo?

— Não sei. Eu não…

Ele me mostra a tela digital do cronômetro de bronze.

— Quatro horas e vinte e sete minutos.

— O quê?

Ao me apoiar nos cotovelos, sinto os ecos das garras dos ursos por todo o meu corpo. A dissonância cognitiva de me sentir ferida sem ver feridas.

— Não tanto quanto um Mago-Real, mas era esperado. Ainda assim, um tempo muito, muito impressionante para uma primeira tentativa.

Mal consigo acompanhar o que ele diz. Pisco uma, duas vezes, encarando meus antebraços e dedos, minhas coxas, onde eu tinha certeza de que haveria cortes profundos. São feridas fantasmas, mas…

— Parecia tão real.

— Uma mesmerização — explica Erebus, com um gesto vago. — Uma ilusão que implantei nos construtos para ser ativada quando suas reservas começassem a falhar. Você acreditou que estava acontecendo, e seu cérebro fez o resto.

— Eles estavam me rasgando…

— Uma ilusão — repete ele, que não estende a mão para me ajudar a levantar, então fico por minha conta. — Você sempre vai achar que é real, não importa quantas vezes façamos isso, porque o cérebro humano evoluiu para acreditar que o que se esconde no escuro é mesmo uma ameaça. É útil que você acredite que está sendo atacada.

— *Útil*? — engasgo.

— Sim. Você está no caminho certo para ser imbatível. — Ele dá um passo para trás e estala os dedos, desta vez trazendo três lobos à vida. — De novo.

Ser imbatível. Um dos meus objetivos desde o primeiro dia de treinamento com ele. Parece certo. Parece bom. Mas… sinto um nó na garganta. Será que consigo fazer isso de novo?

À minha frente, as lobas aguardam o comando de seu criador, os rabos balançando suavemente. Não há raiva nelas. Nem mordida, nem fúria.

E, mesmo assim, só de olhar para as criaturas, minhas mãos começam a tremer.

Erebus passa à próxima etapa da lição, ajustando os detalhes enquanto manipula os construtos.

— Você só usou o poder de Arthur no final. Por quê?

— Não preciso do Arthur — digo, a voz falhando. O chão parece dançar sob meus pés parados. — Não quero ele.

— Compreensível, dado seu histórico. Mas talvez devesse invocar seus outros ancestrais desta vez — diz ele, enquanto alimenta as lobas com poder. — Aqueles que acessaram seu poder poderiam…

— Não posso — respondo em voz baixa.

Ele se endireita e abaixa as mãos.

— Por quê?

Percebo meu erro tarde demais. Abro a boca e a fecho no mesmo instante.

Os olhos dele se estreitam, desconfiados.

— Você não fala dos seus ancestrais maternos. Achei que talvez estivesse enfraquecida depois da possessão por Arthur na Volição, mas agora vejo algo em seus olhos. Um segredo que não me agrada. — Ele avança. — Invoque-os. Agora.

— Não — digo, desviando o olhar.

— Agora, Briana. Você é uma Médium poderosa, mesmo sem treino. — Ele conjura uma pequena faca num piscar de olhos e a lança em minha direção. Pego-a no ar. — Use seu sangue e chame por eles.

— Não posso.

Ele fica imóvel.

— Não pode… ou não quer, Briana?

— Não posso — respondo, finalmente encarando-o. — Eu… queimei meu fluxo ancestral.

O armazém mergulha num silêncio absoluto. Meu coração martela no peito.

Ele não se mexe, fica tão imóvel que eu deveria ficar com medo, mas o torpor também me paralisa.

— Quando?

— Pouco antes de usar meu poder para chamá-lo na Divisão do Norte.

Os olhos dele brilham, vermelhos.

— E o que isso significa…?

— Que não posso falar com Vera, Arthur ou qualquer um, mesmo se quisesse. Não posso caminhar pelo sangue através das memórias deles. Não posso pedir ajuda. E eles não podem me possuir ou exigir coisas que não posso dar.

A lâmina se dissolve na minha mão.

— Então você não pode acessar as memórias de Arthur, nem de *nenhum* dos Herdeiros de Arthur anteriores, certo? — pergunta ele, com a voz baixa e letal. — Você não pode permitir uma possessão?

— Não — digo. — Por que eu faria isso? Você viu o que aconteceu com Arthur. Ele me dominou completamente. Não consegui lutar sozinha. Se eu tentar de novo, talvez ele nunca mais me liberte!

— Silêncio! — rosna Erebus.

Minha boca se fecha no mesmo instante, mas cerro os punhos, os dedos trêmulos.

— Por que *eu* iria querer que você fosse possuída de novo? A resposta é simples. — Ele se aproxima de mim. — Porque os Morganas roubaram minha coroa e se *esconderam* por séculos, mas *algum* dos seus ancestrais Herdeiros pode ser a chave pra encontrá-la… e pra encontrar um Morgana que enfim consiga abri-la.

— Você queria que eu interrogasse outro descendente de Arthur? — Balanço a cabeça, confusa. — Não tem como garantir que eles me dariam informações sobre os Morganas…

— Ajudariam se eu ameaçasse acabar com a linhagem deles — rosna Erebus.

Um pavor gélido se espalha pelo meu corpo.

— Mas apenas uma Médium descendente com *total controle* sobre suas habilidades pode resistir à possessão de um espírito antigo. Você não era forte o suficiente na Volição, e, mesmo que tenha mostrado muito progresso comigo, ainda não consegue controlar os espíritos que chamaria. Precisa de mais treinamento, mais tempo. Mas, por causa dessa sua *birra infantil*, queimou sua capacidade de se comunicar com *qualquer* espírito… Então parece que jamais saberemos que tipo de Médium você poderia se tornar.

— Eu… — Percebo que não consigo dizer que estou arrependida. — Eu não sabia.

Ele me encara por um longo momento.

Então se afasta, estalando os dedos em direção às lobas.

— *De novo.*

— Não.

Ele se vira para mim num borrão.

— O que você disse?

— Eu disse *não* — repito, baixinho. Aponto, com a mão trêmula, para o lugar onde havia me encolhido no chão da sala de treinamento, resistindo ao cerco. — Aquilo foi… horrível. Foi… *tortura.* — Meus olhos ardem nos cantos. — Eu nunca mais quero passar por aquilo. Nunca mais.

Os olhos vermelhos e flamejantes dele se tornam frios.

— Está me desafiando, Briana?

Engulo em seco.

— Se a ilusão é tão real que não consigo me convencer de que estou segura, então *não* estou segura. E não posso confiar que você vá parar o ataque, porque não é isso que você quer.

A mandíbula dele se contrai.

— Vai desistir? Fugir?

— Acho que vou — digo.

— Você é mais forte do que isso — insiste ele.

— Talvez eu não seja! — grito. No silêncio que se segue, um pensamento surge, me causando calafrios. — Vai me forçar a continuar? Vai me ameaçar com a dívida que tenho com você?

Uma pausa.

— Não. Ainda não.

Sei que não devo me sentir aliviada. "Ainda não" significa "um dia". Ele fica tão imóvel que se torna uma sombra. E, quando fala, não é mais a voz de Erebus que ouço, mas a do Rei.

— Sombras nascem tanto da luz *quanto* da escuridão, Briana Matthews.

— Eu não sou uma sombra — digo, balançando a cabeça. — Me leve de volta.

Depois de um longo momento, o Rei afasta as lobas com um gesto e se aproxima, os fios negros já se estendendo em nossa direção.

— Se é o que você quer…



NA MANHÃ SEGUINTE, quando desço as escadas, Erebus está na cozinha, e o tom pálido sumiu de sua pele marrom-clara. As maçãs do rosto altas estão coradas com um leve tom rosado, o branco dos olhos brilhando enquanto ele informa Elijah sobre seus planos para o dia.

Não preciso me perguntar por que sua postura mudou. Porque parece tão descansado e revigorado.

Aether e humanidade: é disso que todos os demônios precisam. E em algum momento durante a noite, depois que me trouxe de volta para sua casa, Erebus consumiu uma coisa ou outra… ou ambas.

A lembrança da garota Artesã de Raiz me paralisa no lugar, pairando no vão entre a sala de estar principal e a cozinha. Eu me pergunto se ele se alimentou dela. Ou se, por algum acaso, ela conseguiu sair viva. Depois me pergunto se estou só me iludindo, da mesma forma que a risada de Zoe alimenta a própria negação sobre o que o Rei das Sombras é capaz de fazer.

Observo Elijah e Erebus conversando, ouço Zoe se movimentar na cozinha enquanto prepara o próprio café da manhã e percebo que não posso simplesmente rir e fingir que está tudo bem. Não posso desejar que a verdade desapareça, porque ainda que eu não me lembre de quem é o meu povo, sei como *me sinto*… e o que sei.

Sei o que o Rei fez comigo ontem, tudo em nome de um *treinamento*. Não importa que eu queira me tornar imbatível, uma força implacável que ninguém possa negar, se esses forem os métodos dele para me transformar. Vou me tornar imbatível por conta própria, se for preciso, do meu jeito.

— Briana. — chama Erebus, a voz grave.

Ergo a cabeça de repente.

— O quê?

— Venha aqui, por favor.

Entro na cozinha. Os gêmeos me observam com atenção enquanto me aproximo. Sentado numa cadeira junto ao balcão, com uma caneca de café na mão, Erebus estreita os olhos e franze o nariz.

— Por que você está… exalando culpa e raiva? É por causa de como nossa sessão terminou?

Conforme ele fala, percebo um leve traço de luminosidade em seu hálito. Magia… que não pertence a ele. Viva demais para ser de um demônio ou de um goruchel. Familiar demais para ser aether.

Senti a mesma magia no banheiro sujo e mal-iluminado do Rat. Quando me dou conta, preciso me controlar para não reagir.

Se antes eu só suspeitava, agora tenho certeza.

Raiz. Ele se alimentou de *raiz* recentemente. E não de qualquer raiz, mas a raiz que pertence à garota sequestrada.

— Briana? Eu te fiz uma pergunta.

Pisco algumas vezes até a sala voltar ao foco, e sinto olhos vermelhos cintilantes percorrendo minha pele — os gêmeos estão concentrados em mim, esperando minha resposta.

Finjo estar entediada e reviro os olhos.

— Sim — minto. — Ainda estou com raiva por causa da nossa sessão.

— Imaginei. — Ele suspira. — É verdade que perdi uma oportunidade de alcançar meus objetivos, mas passei mil e quinhentos anos criando e testando novas estratégias quando as anteriores fracassaram. Seu fracasso não me impedirá de retomar minha Corte e minha coroa.

Eu me sinto imprudente, então falo com a mesma imprudência:

— *Meu* fracasso? *Você* é quem tem tramado e planejado por mil e quinhentos anos, e até hoje não conseguiu nada.

Silêncio. As írises vermelhas de Erebus oscilam para o preto, suas pupilas normalmente pretas ficam vermelhas, e então seus olhos voltam ao normal. O único sinal de que o enfureci.

Enquanto nos encaramos, me pergunto o que poderia dizer para deixá-lo ainda mais furioso. Talvez a ponto de perder completamente a forma humana. Eu me pergunto até onde posso ir, já que ele, tecnicamente, é obrigado a me proteger.

— Cuidado com a língua ao falar com um soberano — rosna Elijah, se levantando de repente.

— Não preciso que me defendam, Elijah — retruca Erebus, sem desviar o olhar de mim.

Elijah fica boquiaberto ao ouvir a resposta comedida do guardião.

— Senhor, ela fala com você como se fosse uma mera Cria…

— Briana não é minha súdita — interrompe Erebus com suavidade, e desta vez seus olhos faíscam para o pupilo. — Não exijo obediência dela como faria com uma súdita. Como exijo de você e de sua irmã.

— E por quê? — rebate Elijah, apontando para si mesmo e para a irmã. — Somos cambions equilibrados. Verdadeiros híbridos. Os mais raros de todos. Ela é o quê, exatamente? Uma bateria ambulante? E daí? Servimos você por *cinco anos* sem reclamar…

— Você está reclamando, Elijah? — Erebus o encara, a raiva contida estampada no rosto do cambion. — Seu pai me serve há quase vinte séculos. Foi apenas por isso que acolhi você e sua irmã quando precisaram de abrigo. Você provou seu valor com o tempo, Elijah, mas não abuse da generosidade que lhe foi concedida sem fazer por merecer. Você é uma criança. Você e sua irmã são meros piscares no olho eterno do tempo.

— E Bree não é? — pergunta Elijah em tom de desafio.

— Briana é uma confluência de eventos que só acontece uma vez a cada milênio. Insubstituível e inestimável. Vocês são o oposto dela em todos os sentidos.

O silêncio recai novamente sobre a sala agora tomada por sombras. Um leve tremor percorre os ombros estreitos de Zoe, enquanto os olhos do irmão queimam com cada resposta que ele claramente reprime.

Não sinto afeto algum pelos gêmeos, mas a expressão de Elijah, essa mistura de vergonha e fúria, atravessa meu peito como uma facada. Uma dor familiar, por outra pessoa que também não merecia a ira de Erebus. E a frustração de Zoe, reprimida enquanto ela, de alguma forma, evita a mesma ira, mas assiste ao irmão recebê-la… também me é familiar.

E o que sinto agora, o desejo repentino de protegê-los… me lembra de… *mim*.

Do meu eu de antes.

— Deixe os gêmeos em paz — ordeno.

Os três olham para mim ao mesmo tempo.

Erebus pisca.

— Isso é uma ordem?

— Sim, é. — Ergo o queixo. — E sugiro que a cumpra.

— Não se meta nisso, Bree! — implora Zoe.

Erebus me observa, os olhos curiosos.

— Deixe que ela fale. Me explique por que eu deveria seguir suas ordens, Briana.

Olho para Elijah.

— Porque Elijah é leal. Ele e Zoe conseguiram uma pista sobre sua coroa e deveriam ser recompensados pelo trabalho em vez de ouvir ofensas. Seja um líder, não um tirano.

Zoe ergue as sobrancelhas de repente. Erebus alterna o olhar entre seus pupilos.

— Que pista? Falem.

Elijah abre e fecha a boca por um instante antes de se recuperar.

— Eu não… — Ele pisca para mim. — A pista não está confirmada. Um contato, Regazel, ele… ele disse que um membro da sua Corte sabe onde a coroa está.

Erebus fica imóvel.

— Uma das minhas Sombras está com a coroa?

Elijah se enrijece.

— Não, senhor. Mas uma delas sabe onde está.

— Qual?

Elijah hesita.

— Daeza.

A expressão do Rei se torna mais sombria conforme ele fala, mas, desta vez, a fúria é contida.

— Outro beco sem saída, então.

— Não temos certeza — sussurra Zoe. — Íamos pedir pra visitar Daeza…

— Não será necessário.

Elijah começa a protestar, mas Erebus balança a cabeça.

— De todas as minhas Sombras, Daeza é a *menos* propensa a deixar escapar qualquer informação sobre o paradeiro da coroa, se é que ela sabe de algo; se a coroa fosse devolvida a mim, isso acabaria com o império de — o rosto dele se contorce de irritação — prazeres terrenos dela. Se Daeza souber onde está a coroa, jamais arriscará que *eu* descubra. Ela mataria vocês dois só por perguntar.

— Se Zoe e eu levarmos um tributo adequado — começa Elijah —, podemos ir. Investigar por conta própria.

— Não. — O tom de Erebus é definitivo.

— Não faremos promessas a ela, nenhum acordo… — acrescenta Elijah.

— *Não*. — Erebus se ergue em toda a sua altura. — Se Daeza, por algum milagre, não matá-los assim que pisarem nos domínios dela, enviar meus emissários a uma Sombra da Corte com base em *boatos* me fará parecer desesperado diante dos meus próprios súditos, quando muitos já me desprezam pela ausência da coroa e já não são fiéis a mim há séculos.

Elijah franze a testa.

— Mas…

— Já *chega*, Elijah — avisa Erebus. — Briana, você vai treinar sozinha hoje. Fique dentro das proteções.

— Aonde você vai? — pergunto.

— Há assuntos urgentes que preciso tratar com a Ordem e o Conselho. Problemas se formando e que não posso permitir que aumentem.

— Que tipo de problemas?

Ele me olha de relance.

— O tipo que vê demais.

Após dizer isso, ele nos lança um olhar severo antes de desaparecer numa nuvem de fumaça escura e ondulante.

Elijah emite um rosnado grave vindo do fundo da garganta e dispara até a porta dos fundos, um vulto verde e brilhante. Ele já está do outro lado, na floresta, antes que Zoe ou eu possamos dizer qualquer coisa.

Ela desaba no banco junto ao balcão e joga a cabeça para trás, gemendo.

— Aaaaargh, isso não foi nada bom.

Suspiro.

— Achei que ele iria *querer* saber sobre o encontro com Regazel…

— Não assim. — Ela levanta a cabeça. — Elijah queria confirmar os detalhes antes de levar a informação ao velhote. Como ele disse, ainda é tudo boato. Todos aqueles *ses* que mencionei, lembra?

Faço uma careta.

— Então eu piorei as coisas?

— Com certeza. — Ela se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e seus olhos se suavizam. — Mas agradeço por tentar nos ajudar. Elijah também, mesmo que seja orgulhoso demais para admitir.

— Não estou esperando por um agradecimento.

— Nem deveria — retruca Zoe. — Ele quer conquistar um lugar na Corte do velhote, ficar em pé de igualdade com nosso pai.

— E isso é possível?

Ela dá de ombros.

— Talvez. Estar aqui é tipo um teste, para ver se um cambion equilibrado nascido de uma Sombra pode se tornar tão forte quanto uma. A alternativa é… — ela estremece — viver no mundo humano por conta própria. A gente não quer isso. Nossa família por parte de mãe não entende nada do mundo demoníaco. Eles não entendem a gente.

— Sinto muito por isso. — E sinto mesmo.

Os olhos dela encontram os meus.

— Não dá pra sentir falta do que nunca tivemos, né?

Sorrio.

— É verdade. Eu ia dizer que o azar é *todo deles.* Você e Elijah não são… horríveis.

— Valeu. — Ela solta uma risada depois se cala, olhando para o quintal. — É uma droga termos sido proibidos até de *tentar* visitar Daeza, porque eu estava pensando ontem à noite que seria incrível se pudéssemos salvar a garota que você viu, ou outra como ela. Talvez até salvar *muitas* garotas como ela.

— Você *quer* salvá-la! — exclamo, sentindo um quentinho no coração. — *Eu sabia*.

Não sei se já é tarde demais para salvar a Artesã de Raiz do banheiro, mas preciso tentar. E com a ajuda de Zoe…

Ela revira os olhos.

— Não enche. É claro que quero salvá-la. Elijah e eu precisamos ficar bem na fita com o velhote, mas eu tenho um *coração*. — Ela olha pela janela novamente. — Em outra situação, outro dia, aquela garota podia ter sido você… podia ter sido *eu*. E quem iria procurar a gente? Quem enfrentaria um humano, ou pior, um demônio, para nos salvar?

— É. — Inspiro fundo e solto o ar devagar. — Quem?

Não é a primeira vez que me pergunto se aquelas pessoas de quem não me lembro, as que Erebus diz que me trataram mal, estão se perguntando onde estou. Se estou bem. Se

estão me procurando.

Eu tinha chamado as possíveis perdas da garota e seu afastamento da comunidade de "um tipo de morte".

Será que isso significa que eu também morri, de certa forma?

Repasso as palavras de Zoe, refletindo sobre o que significa desaparecer e depois ser procurada, ser cortada e depois reconectada, mas minha mente se agarra a uma frase:

Talvez até salvar muitas garotas como ela.

— Espera. — Ergo a mão. — O que visitar Daeza ou encontrar a coroa tem a ver com salvar outras Artesãs de Raiz?

Zoe ergue uma sobrancelha.

— Você sabe *por que* ele quer a coroa?

— Sei que é uma arma de aether, como a Excalibur do Arthur. A coroa o fortalecia nas batalhas. Dava forças a ele. Ajudava a liderar sua Corte, seus exércitos. E sei que Erebus precisa dela para voltar para o outro lado.

Ela abre aquele sorriso lento e cheio de malícia.

— Amo quando sei uma coisa que você não sabe.

Reviro os olhos.

— Não é uma competição.

— Claro que é, mas enfim — diz ela —, a Excalibur é tipo… uma espada chique. A coroa é melhor. — Os olhos de Zoe brilham, animados. — *Muito* melhor.

Meu coração acelera.

— Continua.

Encontramos Elijah na clareira em frente ao celeiro. Ele está sentado a poucos metros da proteção, encarando a superfície cintilante com amargura.

— O que é um tributo? — pergunto, parando ao lado dele.

Atrás de mim, Zoe observa com curiosidade.

Elijah ergue os olhos para mim, depois os desvia.

— O que você quer?

— O que é um tributo? — repito.

Ele se apoia nas mãos sobre o cascalho, alongando o pescoço sob o sol.

— É uma oferenda feita de um líder pra outro, ou de um súdito pra um soberano. Representa respeito, serve como manifestação física de humildade e é um passo obrigatório antes de qualquer pedido. As Sombras da Noite que controlam territórios aceitam novos súditos, novos pedidos, todo mês.

— Qual o melhor tributo para uma Sombra?

Elijah revira os olhos na minha direção sem mover a cabeça.

— As Sombras da Noite são quase tão velhas quanto o Rei. Velhas o bastante pra serem senhoras de si mesmas. São orgulhosas, teimosas, impiedosas e *famintas*. O único tributo que significa algo pra elas é aquele que mostra que você vale a pena. Algo tão antigo quanto elas, ou quase. Artefatos antigos feitos por mãos humanas, com dor humana impregnada. Uma lâmina das Cruzadas com manchas de sangue no cabo entalhado. Um cálice de vinho usado por um magistrado romano que decidia se um gladiador viveria ou morreria. Quanto mais antigo e impregnado de dor for o artefato, mais as Sombras podem consumir dele para se manterem entre as refeições.

Assinto.

— Certo. E onde se encontra algo assim?

— O Rei tem uma coleção. — Elijah se move com fluidez, se levantando e limpando a poeira das mãos. Ele aponta com a cabeça para o celeiro vermelho. — Ali.

Zoe fica boquiaberta.

— Como é que é? Como você sabe disso?

— Acho que pode ser outra coisa além de artefatos — diz ele, sombrio. — Seja o que for, ele está escondendo algo da gente.

Dou um passo para trás e olho para o celeiro além da barreira.

— A gente só precisa entrar na coleção dele e pegar uma dessas oferendas pra Daeza nos contar quem está com a coroa do Rei?

Elijah bufa.

— Claro, se você conseguir um tributo suculento o bastante pra Daeza, talvez a gente consiga entrar direto na toca dela sem ser decapitado. Mas o Rei tem razão… Ela tem bons motivos para manter a coroa longe dele. Então sua ideia é *ótima*, tirando o fato de que é impossível. Essa proteção é impenetrável.

Inclino a cabeça na direção da barreira, observando seu brilho.

— Isso é o que você acha.

— Isso é o que o Rei das Sombras acha — corrige Zoe.

A indignação queima sob minha pele.

— Eu consigo derrubá-la.

— Até parece. — Elijah ri com desdém. — Nem eu nem a Zoe conseguimos. E mesmo que você por algum milagre conseguisse, o que eu duvido muito, ainda teria que resistir ao bombardeio emocional. É uma proteção afetiva. Não é só uma barreira, é uma forma de tortura psicológica.

Fecho os olhos, abrindo a fornalha no peito enquanto inspiro de forma lenta e constante. Ela sobe pela minha garganta, o vapor preenchendo minha boca. O treino de ontem não apagou suas chamas. Elas escapam dos meus lábios, mas só porque eu as chamei. Estão prontas.

Quando falo, minha voz é um sussurro grave.

— Eu sei.

— Você não está me ouvindo — insiste Elijah. — A camada afetiva é *densa*. Foi lançada pelo próprio rei dos demônios. Ele tem se alimentado do medo humano há

séculos. Sabe *direitinho* como usar isso para destruir alguém.

— Mas será que ele sabe como me destruir? — digo, e então inspiro profundamente e enterro a mão na barreira do Rei das Sombras.

O impacto é imediato.

Como antes, a proteção injeta sensações no meu corpo, amplas o bastante para parecerem um impacto físico, intensas o suficiente para exigirem toda a minha atenção e específicas a ponto de se tornarem palavras, pensamentos.

FujafujafujavávásaiasaiaSAIAou…

Pressiono a palma contra a proteção, usando todo o meu peso naquele único ponto de contato, me impregnando na barreira do Rei. Um ataque no formato exato da minha mão. Curvo os dedos contra a superfície densa. A barreira resiste, ondulando como borracha espessa sob minha mão.

SaiasaiasaiaAGORAfujaou…

É como se soubesse que estou aqui, ousando atravessá-la, então revida.

Engulo suas palavras não ditas, reúno-as dentro de mim. É como engolir vidro, mil estilhaços brilhantes se cravando nos meus pulmões.

Ergo as duas mãos contra ela, o maxilar tenso.

— Vamos lá… — murmuro entre dentes cerrados. — *Vamos!*

A proteção do Rei reage ao contato, faiscando de volta.

FujafujafujaVÁAGORAou… FUJAPARECORR…

Ela projeta imagens na minha mente — uma figura, depois três, depois cinco, depois dez.

Pessoas que eu *deveria* conhecer, mas não conheço.

A barreira as esquarteja, seus corpos cinzentos e nebulosos caindo aos pedaços. Cortadas ao meio, depois em quartos.

— Isso *até* daria certo — digo com um sorriso irônico —, se eu soubesse quem são essas pessoas.

Mas a proteção me deu uma ideia.

Palavras são poderosas, mas imagens são mais fortes. Palavras são eficazes, mas acabam.

Meu poder não acaba. Meu poder é eterno.

Paro de usar palavras e penso em imagens. O que eu quero me tornar?

Inspiro… e a raiz irrompe do meu peito, descendo pelos braços como uma armadura escamosa, cobrindo minha pele com placas brilhantes de um roxo-escuro. As pontas dos

dedos se alongam em garras púrpura-sangue, rasgando a barreira.

Dou risada. É como se eu estivesse me espreguiçando depois de passar muito tempo encolhida.

Como se estivesse florescendo após um inverno forçado.

Como se enfim pudesse respirar depois de ser obrigada a prender a respiração.

A barreira agora está totalmente iluminada, uma cúpula visível de aether que se arqueia e estala no ar. Ela faz meus cachos soltos esvoaçarem, algumas mechas chicoteando meu rosto.

Ao longe, ouço os gêmeos gritando para eu parar.

Mas eu não quero. Não *preciso*.

E não vou.

Talvez Erebus não goste da ideia de eu quebrar sua barreira, mas não pode reclamar do fato de eu encontrar uma forma de me tornar imbatível sozinha.

No calor e na fumaça que saem do meu nariz e da minha boca, sou uma locomotiva a vapor, rugindo.

Um dragão abrindo as asas.

Então, com um último tremor, a barreira se despedaça.

Incontáveis fragmentos explodem em direção ao céu, chovendo sobre meu cabelo e minha pele em pontinhos cintilantes de prata e verde.

O que resta da barreira do Rei flutua até meu peito e braços. Viro os dedos revestidos de raiz, garras e armadura, e observo o pó do construto se acomodar nas minhas palmas.

Quando me viro, ofegante, para encarar os gêmeos, eles estão olhando para todos os lados… para a armadura escamosa que cobre meus ombros, para o pó cintilante no meu cabelo e no meu rosto, para o ar brilhante ao meu redor.

Elijah abre e fecha a boca, arregala os olhos, incrédulo.

— Como…?

— Ela tentou me destruir — digo em voz baixa, minha voz parecendo vir de muito longe. — Mas eu a destruí primeiro.

— A proteção te mostrou algo, não mostrou? — pergunta Elijah, me encarando com curiosidade. — O que você viu?

Respiro fundo, fechando a fornalha de raiz por enquanto.

— Me mostrou as pessoas que eu conhecia, e depois matou todas elas.

Zoe recua.

— Isso é *doentio*.

— É mesmo. — As escamas roxas se desfazem das minhas mãos e braços, mas, em vez de caírem, as partículas brilhantes desaparecem sob minha pele. — Mas não funcionou.

— Por quê? — pergunta Zoe.

— Porque — murmuro — quando você perde todo mundo… o medo deixa de mandar em você.

Zoe me encara de um jeito estranho, com um brilho de apreensão nos olhos.

— O quê? — pergunto.

Ela desvia o olhar.

— Você, hã… você está parecendo o velhote.

Eu também percebo. Estou mesmo parecendo o Rei, embora ainda me sinta eu mesma.

Vou transformar você em alguém que ninguém poderá destruir.

Elijah balança a cabeça.

— Você está mentindo. Deve ter sentido *alguma coisa*. Medo, pavor, *qualquer coisa.*

Ele diminui a distância entre nós com um único passo longo e, antes que eu possa reagir, segura meus cotovelos e inspira fundo a pele do meu pescoço.

— E aí? — desafio.

Ele se afasta com a testa franzida, enquanto minha pele arrepia onde ele me tocou. Nunca vi Elijah cheirar deliberadamente as emoções humanas negativas que os demônios completos desejam, muito menos em *mim*.

Zoe observa o irmão.

— O que você sentiu?

Elijah olha para Zoe e de volta para mim. Depois de uma pausa, ele responde:

— Poder.

Não sei como responder a isso.

Faço um gesto com a cabeça na direção das portas fechadas do celeiro desprotegido.

— Vamos. Vamos procurar alguma coisa velha e cheia de dor para Daeza.



TRÊS MESES

Após o aparecimento de Selwyn Kane

Natasia

GRAVAÇÃO DE ÁUDIO — ENTRADA Nº 101

A última fuga do meu filho foi há dois dias. A anterior, cinco dias atrás.

Os intervalos entre esses desaparecimentos estão diminuindo, não aumentando. E o tempo que levo para encontrá-lo nas montanhas está aumentando, não diminuindo.

Detesto admitir que precisei recorrer ao confinamento.

Meu único consolo é que, quando o encontro, ele volta sem resistência. Quando peço que retorne aos feitiços de proteção que lancei ao redor de seu quarto, ele entra sem lutar.

Mas não posso ignorar os seguintes fatos:

Primeiro: Selwyn continua aqui por escolha própria. Mas quando quiser sair de casa, ele vai encontrar um jeito.

Segundo: os rastros de sangue que me guiam até ele às vezes são pretos, às vezes vermelhos… mas nunca são dele.

Terceiro: quando meu filho era criança, eu era mais poderosa do que ele em todos os sentidos. Agora, já não tenho tanta certeza disso.



TRÊS MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

William

DESDE QUE SAÍMOS DA FORTALEZA, o mesmo assunto tem sido discutido constantemente. Por isso, enquanto Larkin e eu atravessamos o estacionamento que cerca a pousada à beira da estrada onde paramos para passar a noite, não me surpreendo quando o assunto em questão surge de novo.

Nick acabou de desaparecer na mata atrás da pousada. Ele nos contou que este é um dos lugares que o pai dele e Isaac usavam como esconderijo quando estavam foragidos. E dá para entender o porquê: o atendente da recepção não foi… rigoroso em suas práticas de segurança e identificação durante o check-in.

Viemos até aqui porque Nick está refazendo seus passos, tentando entender melhor os territórios preferidos dos Morganas. Assim como os Lendários que se encontravam com os Morganas pelas costas dos Regentes, ele nunca soube como contatá-los.

Pelo visto, Ava e seu grupo é que encontram você… não o contrário.

Depois de quase três meses nessa missão sem que os Morganas tenham nos procurado, começo a me perguntar se o plano de Nick vai funcionar. Se ter Larkin conosco, mesmo que ele muitas vezes fique para trás e deixe Nick investigar sozinho, é o obstáculo que ele já havia previsto em sua *curia*.

— Os Morganas tinham fama de mesmerizar os Suseranos antes de se separarem — comenta Larkin, caminhando pelo estacionamento praticamente vazio. Ele já contou que há seis outros hóspedes por aqui, no total. — E se os boatos forem verdadeiros e eles conseguirem mesmerizar Lendários também? A mente de Davis pode estar sendo manipulada agora mesmo, e a gente nem saberia. Não dá para confiar neles.

— Também não dá para confiar nos Regentes, Larkin — digo, dando a mesma resposta de sempre. — Se esse fosse o critério para não confiar em alguém, então não deveríamos ter confiado no Sel também. Ele mesmerizou a Bree. Várias vezes.

Larkin retorce os lábios.

— Ele não deveria ter feito isso.

— Essa história dos Morganas é justamente a narrativa em que a gente não pode confiar. Porque não dá pra confiar em quem a contou. — Balanço a cabeça. — Eu acredito que Nick tem um plano.

— Acredita que ele vai te contar que plano é esse? — pergunta Larkin. — Já se passaram meses. Pode ser que ele só esteja ganhando tempo. Tudo isso pode ser um jeito de fugir das consequências e salvar a própria pele. Mas se ele não cumprir o que prometeu e matar a Ava, vai colocar todas as nossas vidas em risco.

— E mesmo assim você se juntou à missão, assim como eu — retruco. — E não desistiu quando a Cestra deixou suas ameaças bem claras.

— Eu me juntei à missão porque *você* entrou — responde Larkin em voz baixa. — E não desisti pelo mesmo motivo.

Caminhamos em silêncio por mais alguns minutos. Há uma galeria com restaurantes logo à frente.

É aqui que a discussão costuma parar. Eu deixo de lado a preocupação de Larkin por mim e me forço a lembrar que ele é um guarda designado para proteger o rei, além de futuro Mago-Real de Bree. Que eu não sou a prioridade dele entre os Lendários e que minha segurança não está acima da segurança dos outros Herdeiros.

Mas já são meses tendo essa mesma discussão, e meses deixando esses pensamentos de lado. A estrada tem sido longa. Os dias, mais longos ainda. E quando Nick segue sozinho, refazendo os passos das semanas que passou nas montanhas, ele não pode nos levar junto, com medo de que sejamos vistos e atacados pelos próprios Morganas que ele procura. Isso significa que Larkin e eu temos passado mais tempo juntos do que eu imaginava.

— Os batedores Merlins de ontem não voltaram — comenta Larkin, me tirando do meu devaneio. — Acho que vamos passar mais alguns dias sem vê-los.

Nick e eu não ficamos surpresos quando, duas semanas depois de deixarmos a Fortaleza, Larkin nos avisou que detectara dois Merlins nos seguindo desde um restaurante na Carolina do Sul. Ele manda mensagens semanais aos Regentes com nossa localização e progresso, mas era esperado que eles enviassem seus próprios olhos e ouvidos. Até agora, os Merlins não tentaram contato nem se mostraram — pelo menos, não para mim ou para Nick.

— E eles ainda não perceberam que você os viu? — pergunto.

Ele responde com uma expressão indignada, sem dizer uma palavra.

Levanto as mãos.

— Desculpa. Eu não deveria ter perguntado.

— Eu estava prestes a me tornar o Mago-Real da Bree, lembra?

Dou uma risadinha.

— Lembro, sim.

Ele balança a cabeça, fingindo irritação enquanto observa o estacionamento.

— Respondendo à pergunta, não, eles não perceberam. Metade por arrogância, metade por inexperiência. As habilidades de vigilância deles são boas, mas não têm treinamento da Guarda dos Magos e ainda estão se adaptando aos sentidos aguçados. O Conselho provavelmente não pode se dar ao luxo de enviar soldados mais fortes só pra ver a gente andar em círculos. Mas, se os Regentes ficarem nervosos ou se alguma coisa mudar, é bom esperar uma demonstração de força maior do que uns dois batedores mirrados. Talvez eles queiram ver um Morgana morto o quanto antes… e desafiar Davis se perderem o rastro.

— Entendi — digo. — Imagino que, se ele *for* bem-sucedido, vão querer provas também.

Ele me encara.

— E você vai conseguir lidar com isso?

Dou de ombros.

— Talvez nem aconteça. Talvez seja tudo fachada.

— E se não for? Você está mesmo preparado para ver seu amigo matar alguém? Não em legítima defesa, mas por escolha?

Respondo com sinceridade:

— Não sei.

Observo Larkin analisar a floresta com seu olhar afiado, os dedos se movendo, cheios de anéis, prontos para invocar aether, e me pergunto se ele também já está cansado dessa mesma ladainha, ou se está esperando que eu a leve adiante.

— Por quê exatamente? — pergunto de repente.

— Por que o quê?

Larkin volta os olhos dourados para os meus, depois para as árvores acima, para a longa entrada até o estacionamento, para as janelas iluminadas dos quartos ocupados. Desde que saímos da Fortaleza, o cabelo dele cresceu. As laterais raspadas agora estão escondidas pelos fios castanho-avermelhados que caem além das orelhas e emolduram as têmporas. Tentei não reparar, mas, depois de três meses, estou cansado demais para continuar tentando.

— Por que *eu* sou o motivo de você ter se oferecido? — pergunto. — Você não aprova minha oposição aos Regentes, nem os métodos de Nick. Tem seus próprios deveres e responsabilidades. Há grupos procurando por Bree; você poderia ter se juntado a eles, em vez de embarcar nessa jornada que, depois de três meses, pode acabar não

levando a lugar nenhum ou, como você mesmo disse, pode ser uma manobra de Nick para ganhar tempo.

Os passos silenciosos de Larkin continuam no mesmo ritmo, mas vejo o rubor subindo por baixo da gola solta de sua camisa preta. Vejo seu pomo de adão se mover quando ele engole em seco.

— Você não deveria estar sozinho. Erebus já te capturou uma vez — diz ele. — Tenho medo de que faça de novo.

— Ah — murmuro, assentindo. — É uma preocupação *válida*.

Até eu percebo o descontentamento em minha voz, mas não sei como lidar com isso.

Larkin, no entanto, parece ter algumas ideias.

Ele para de repente e se vira para mim, as sobrancelhas escuras franzidas.

— "Uma preocupação válida"? — Ele passa a mão pelo rosto. — Não acredito que você disse isso. Como se eu estivesse te lembrando de pegar a correspondência antes de sair de casa ou… perguntando se ainda tem leite na geladeira. Pelo amor de Deus.

Não sei o que dizer.

— Eu não estou…

— Sua captura, ou a possibilidade de ser capturado *de novo* por um dos Merlins mais poderosos do planeta, não é uma "preocupação válida", William — protesta ele, com uma risada seca. — É uma injustiça e um… um… *perigo*!

Assinto em silêncio.

— Sim, você tem razão. Se o Herdeiro de Gawain…

— Você não é *só* o Herdeiro de Gawain! — interrompe Larkin. Ele solta um suspiro frustrado, as bochechas inflando. — Pelo amor de Deus, você é uma pessoa. Uma pessoa boa que abriu mão de qualquer chance de ter uma vida normal para proteger os outros!

— Não sacrifiquei mais do que qualquer outro Herdeiro — rebato. — Não acho que tenha sacrificado mais do que você…

— Porque você faz isso em *silêncio* — insiste Larkin, com a expressão marcada pela dor ao diminuir a distância entre nós. — De forma discreta. Às *escondidas*. Você se coloca de lado quando alguém se machuca, o que faz sentido, já que você é um curandeiro. Mas você nunca se coloca em primeiro lugar! Nunca fala sobre suas perdas. Três dos seus amigos foram sequestrados nos últimos seis meses, e você nem sequer toca no assunto. Lendários foram *assassinados* na batalha do *ogof*. Você *perdeu* seu Escudeiro. Eu *sei* que você terminou com seu namorado Primavida para protegê-lo, pela Ordem. E mesmo assim *você nunca conversa sobre nada disso com ninguém*.

Eu pisco, surpreso com a explosão dele.

— Como você sabe do Dylan? — É tudo o que consigo dizer.

— Não importa! — Larkin ergue a mão. — O que importa é que *você*, William, nunca *se trata* como paciente. Diz isso aos outros o tempo todo, mas você também merece proteção. Também merece que alguém cuide de você. Não percebe?

Olho para ele, uma onda quente e fria se misturando dentro de mim, sentimentos demais para processar de uma vez.

— Não, você não percebe — conclui Larkin, balançando a cabeça. — Não percebe nem um pouco. *Medice, cura te ipsum*, caramba!

Demoro um segundo para traduzir.

— "Médico, cura-te a ti mesmo"?

— Isso — responde ele, irritado. — Melhor ouvir em duas línguas. Vai que assim entra na sua cabeça!

— Larkin, eu…

Ele balança a cabeça de novo.

— *Lark.*

— O quê?

— Já estamos viajando juntos há bastante tempo para você me chamar como eu prefiro. — Ele passa a mão pelos cabelos, jogando os fios espessos para trás até expor as orelhas e a têmpora. — É Lark.

Fecho a boca, depois assinto.

— Claro. Lark. Você me chama de William, afinal.

— Você disse que eu podia — diz Lark, num tom mais calmo.

— Disse mesmo.

Estávamos no avião Suserano, depois que Larkin… *Lark* trouxe Sel até nós, inconsciente, mas vivo, para que pudéssemos fugir do cativeiro imposto pelos Regentes.

— Acho que… ter um dever é complicado — começo, devagar. — Na Ordem, é fácil nos identificarmos com o dever, porque já nascemos com nossos papéis e títulos. Meu senso de dever está ligado ao meu papel de proteger os outros. Eu não… não me vejo como alguém que deva ser protegido.

Lark me lança um olhar penetrante.

— Eu percebi.

Retribuo com um sorriso. Então decido fazer a pergunta que não sai da minha cabeça há tempos:

— Você veio proteger a missão de Nick como seu campeão… ou veio me proteger?

Lark suspira, dando de ombros.

— Não sei se devo responder isso de forma tão direta. Sei que não é muito educado responder uma pergunta com outra, mas às vezes me pergunto se você está aqui pra proteger o Herdeiro Davis como o Herdeiro de Gawain… ou se está aqui como William, pra proteger os segredos de Nick.

Dessa vez, sou eu quem precisa desviar o olhar.

— Sou curandeiro — murmuro. — Respeito a confidencialidade entre curandeiro e paciente. Sei melhor do que ninguém que, às vezes, uma pessoa precisa guardar certas coisas pra si. Segredos, como você diz. Acredito que Nick tem motivos pra ser…

— Evasivo? — sugere Lark. — De forma constante e constrangedora sempre que perguntamos sobre o plano dele com os Morganas?

— Existem muitos motivos para alguém manter segredos — digo, com um sorriso amargo. — Tenho certeza de que Nick sabe a hora certa de falar.

— E se *eu* não tiver certeza disso? — Lark suspira. — E se ele fizer alguma coisa lá na frente e eu não possa ficar parado assistindo acontecer?

— Sob ordens de quem você estaria agindo? — pergunto, de repente percebendo algo nos olhos de Larkin que se parece *mais* com dever do que com cuidado. — Não minhas, como curandeiro do Nick…

— Então Nick também é seu paciente? — retruca Lark. — *Ele* sabe disso?

— Sim. E não.

Lark respira fundo, como se tentasse se acalmar.

— Todo mundo é seu paciente?

Essa discussão de novo.

— Não — respondo. — Mas Nick é. Desde que…

— Desde quando, exatamente? — Lark se aproxima.

Eu o detenho com uma das mãos.

— Não cabe a mim contar essa história.

— William. — Lark me segura pelo pulso, a palma quente envolvendo-o por completo. — Preciso entender por que *você* está disposto a se colocar em risco por causa dele. — Um sorriso triste e breve escapa de seus lábios. — Preciso entender por que *eu* ainda estou permitindo que você se coloque em risco.

Não consigo respirar.

— Não sei se posso te ajudar com… esse segundo porquê.

Os olhos dele passeiam pelos meus, brilhando como ouro no fundo de um poço de desejos. Um calor familiar começa a se acender e se espalhar pelo meu peito. Quando Lark fala de novo, sua voz é como mel quente — e então me lembro de que todos os cambions são atraentes. Está em sua genética. No DNA.

— Tudo bem, Herdeiro. Não vamos falar desse segundo porquê.

Tenho a impressão de que Larkin Douglas é o cambion mais atraente que já conheci, mas talvez seja só por causa da nossa proximidade.

Ele segura meu pulso com mais força, depois me solta.

— Mas você vai me contar o primeiro?

Por que me coloco em risco por Nick? Penso na pergunta de Lark antes de responder. Penso de verdade. E, não pela primeira vez, eu me *lembro*.

— Tem a ver com… — começo — a noite em que Bree puxou a Excalibur da pedra.

Lark me guia até um banco de ferro forjado entre ervas daninhas no espaço verde atrás do hotel. Quando chegamos, ele se senta de um jeito leve e natural, mesmo no ar congelante que me faz puxar o cachecol verde-Gawain até as orelhas.

— Estou ouvindo — afirma ele. — E não vou contar nada que você me disser pra ninguém. Eu juro.

É uma promessa silenciosa. Uma promessa que eu costumo fazer aos meus pacientes e amigos, não o contrário.

— Essa fala é minha — comento, me ajeitando no banco gelado.

— Deixa disso — fala Lark, num tom afetuoso. — Você está enrolando.

— Um pouco — admito, engolindo em seco. Então começo: — Na noite em que Bree se tornou a Herdeira da Coroa, depois que a batalha foi vencida, ela desmaiou na caverna. Estava exausta em todos os sentidos. Sel a carregou pelos túneis, do *ogof* até o Alojamento, e depois que tratei dos ferimentos e a liberei da enfermaria, a acomodamos no quarto de Nick para que pudesse se recuperar em paz. Nick ficou com ela, sozinho, enquanto eu desci para conversar com Alice. Eu estava tão preocupado com a Bree que foi só quando voltei ao quarto dele para ver como ela estava que percebi que o Nick também não estava bem, e talvez nunca tivesse estado…



— Ela tem tanto a aprender agora — disse Nick, com os olhos distantes e a mente longe, fazendo círculos lentos e suaves nas costas da mão de Bree.

— Eu sei.

Uma pausa. O olhar dele se voltou para mim.

— Nem tudo vai ser bom, William.

— Não — respondi. — Nem tudo vai ser bom.

— Eu contei a ela… — Nick baixou a voz. — Contei que odiava Arthur. Contei o que aconteceu com minha mãe. Como Arthur destruiu minha família. Ela recebeu tudo isso de mim, por mim… e agora Arthur vai encontrar uma forma de tirar algo dela também.

— Vamos ajudá-la, Nick — sussurrei. — Você sabe que vamos. Você pode ajudá-la.

— Eu não posso protegê-la de Arthur — disse Nick, a voz firme. — Não podemos protegê-la de tudo o que vai mudar ao redor dela assim que acordar.

BANG! Uma porta bateu lá embaixo — e nós dois nos assustamos. Duas vozes chegaram até nós do saguão aberto no corredor: Sel, de volta depois de reforçar as proteções, falando com Greer.

— Seria ótimo se Selwyn aprendesse a não bater todas as portas que fecha — comentei.

Eu me virei de volta para Nick, com um meio sorriso… e o encontrei de pé entre Bree e a porta, envolto por uma armadura de aether que cobria seu peito e os antebraços, os olhos em chamas e os dentes à mostra. Duas espadas longas tinham se materializado em suas mãos.

Nick parecia… letal. A expressão dele me lembrou que havia sido treinado para entrar em guerra só quando a situação fosse extrema. Ao contrário de nós, Nick não foi criado para lutar no Camlann, mas para encerrá-la.

— Nick, era só o Sel. — Ele não respondeu, então dei um passo, devagar, até entrar no campo de visão dele. — Estamos seguros. A Bree está segura.

Depois de um longo momento, ele piscou, estremecendo ao voltar ao presente. O olhar dele se acalmou.

— Eu… certo. Desculpa — disse ele, desfazendo a armadura. As espadas viraram pó cristalino e desapareceram. Nick se voltou para Bree, ainda adormecida e em silêncio. — Eu só pensei que… você sabe.

— Seu sistema nervoso ainda está em alerta. É compreensível depois de tudo, mas não é mais necessário. O perigo passou.

Ainda assim, a tensão não saiu de seus ombros. Ele puxou a cortina da janela perto da cabeceira, espiando lá fora como se quisesse garantir que os arredores estavam mesmo seguros.

Tentei mudar de assunto:

— Para alguém que nunca esperava ser Chamado por Lancelot, você forjou a armadura e a espada dele de forma bem impressionante agora há pouco.

Ele deu de ombros.

— A armadura e a arma de Arthur e Lancelot não são tão diferentes.

— É verdade — concordei. — Mas você treinou para herdar as habilidades de Arthur. Para forjar a armadura e a espada dele. Não as de Lancelot.

Nick abriu um sorriso rápido e afiado.

— Eu sei disso melhor do que ninguém, meu amigo.

— Nick, nenhum Herdeiro Lendário até hoje teve que dominar as habilidades do espírito de um cavaleiro inesperado. Sem aviso, você herdou dons que nunca estudou ou sequer cogitou. Mas você também foi o verdadeiro Herdeiro de Lancelot a vida inteira. Depois de passar esse tempo todo se preparando pra ser o Herdeiro de Arthur, é claro que teria consequências inesperadas...

— Nisso você está certo, Will — disse Nick, a mandíbula tensa. — Passei a vida inteira me preparando. Talvez não pra ser o Herdeiro de Lancelot, mas pra ser um Herdeiro. Todo o resto que você disse também vale pra Bree. Ela nunca estudou as habilidades de Arthur. Também não sabe o que esperar.

— Mas seu pai...

— Meu pai nunca me deixou esquecer o que eu teria que me tornar um dia, "sem aviso". De como eu precisava ser bom. De quanto controle eu teria que ter. De que eu não podia falhar... não com Camlann ligado ao meu Chamado. Por que você acha que ele me obrigava a treinar com o Sel quase todos os dias? Que fazia a gente lutar até ficarmos cobertos de hematomas e sangue?

Isso me pegou de surpresa.

— Mas o Juramento de Mago-Real...

Nick bufou.

— O Sel pode me bater se for em nome do "treinamento", William, você sabe disso. Pode fazer mais do que isso se tiver sido doutrinado a acreditar que me bater é para o meu bem ou se for elogiado por "preparar" o Herdeiro dele para a batalha. Meu pai sabia como atingir o coração e os punhos do Sel. Dizia pra ele que, às vezes, proteger significava usar violência. Era a única linguagem que o Sel conhecia naquela época. Até eu renunciar ao título e nós dois aprendermos algo diferente.

Nunca tinha ouvido Nick falar desse jeito. Nunca tinha ouvido ninguém descrever o próprio treinamento nesses termos, muito menos o do garoto que um dia seria rei. Fiquei sem palavras.

Mas Nick não tinha terminado.

Parecia que uma grande represa invisível tinha se rompido naquela noite. Que, depois da traição aberta do pai, da batalha e da morte dos nossos companheiros Lendários, algo dentro de Nick havia se desfeito, ou ele finalmente tinha deixado a guarda baixar.

Ele viu a expressão no meu rosto e riu… um som oco, cheio de dor.

— Você parece horrorizado.

— Eu estou *horrorizado — respondi.*

Ele voltou a encarar a janela, a voz serena enquanto observava os arredores.

— Espera só até ouvir sobre os ossos quebrados.

Meu estômago revirou.

— Ossos?

Ele fez um gesto com a mão.

— Não foi o Sel, relaxa. Alguns golpes eram arriscados demais pra ele, então meu pai deixava essas lições para os Suseranos. Não o Gill, mas… outros. Suseranos amargurados por terem perdido suas heranças. Quando saíam da nossa casa, me deixavam com ossos quebrados, olhos roxos, costelas trincadas. — Ele voltou a observar o quarto, dessa vez com um olhar selvagem por conta das lembranças. — Hemorragias internas, uma ou duas concussões. Ou cinco. Perdi a conta, sendo bem sincero.

Eu pus aquelas declarações em cheque. Por ignorância, talvez, mas ainda assim questionei o relato de Nick.

— Nick — disse com cuidado —, eu tratei você dezenas de vezes ao longo dos anos e nunca vi sinais desses ferimentos, nunca vi cicatrizes. Concussões são lesões sérias, traumáticas, e, quando repetidas, deixam efeitos devastadores. Eu teria percebido fraturas antigas…

Nick apenas fez um gesto com a mão, desdenhando do assunto.

— Seu primo Reese sempre cuidava de tudo antes da sessão de treino seguinte. Fazia parecer que os ferimentos nunca tinham acontecido.

Foram apenas duas frases. Mas meu coração parou mesmo assim.

Meu primo Reese foi meu mentor. O Herdeiro de Gawain duas Chamadas antes da minha. Ele me ensinou tudo que sei sobre cuidar de pacientes, sobre invocar swyns para curar. Reese me ensinou a imobilizar um osso quando eu tinha nove anos, bem antes de ser elegível para herdar os dons de Gawain.

Sinto vergonha de admitir que eu não acreditei.

Eu não acreditei nele.

— Nick… não. — Balancei a cabeça. — Não pode ser verdade. Reese era um curandeiro.

Nick riu alto e com a voz firme.

— Acha que eu não sei disso? Reese Sitterson passou um ano indo à minha casa toda semana antes da minha mãe tentar acabar com o "treinamento" do meu pai. Antes de ela me tirar de lá, e os Regentes levarem ela. *Seu primo era um cara exemplar, que se orgulhava de fazer tudo o que o antigo Herdeiro de Arthur mandava. O bom e velho Reese estava sempre à nossa porta para me curar assim que meu pai o chamava, mas nunca disse uma palavra pra impedir que os ferimentos acontecessem.*

— Mas Herdeiros de Gawain são…

— Pessoas, William — retrucou Nick. — Pessoas.

— Mas Reese…

Nick ficou imóvel. Não estava mais rindo.

— Você não acredita em mim?

Eu o encarei. Em poucos minutos, ele havia posto em dúvida tudo o que me ensinaram desde criança. Como Reese podia ter me mostrado a forma correta de enfaixar um ferimento enquanto usava sua herança para curar lesões que nunca deveriam ter acontecido? Mas Reese também me ensinou a ler o rosto do paciente. A ouvir sua voz em busca de sinais de dor.

O rosto e a voz de Nick estavam tomados de angústia. Sua expressão era transparente, sincera. Como ele mesmo disse, as curas de Reese não deixariam vestígios, nem mesmo para mim. Nick sabia que, se ninguém visse os ferimentos, algumas pessoas jamais *acreditariam nele.*

— Eu acredito em você — falei. E repeti, para que ele entendesse: — Eu acredito em você, Nick. Acredito em tudo.

Nick engoliu em seco, depois desviou o olhar.

— Obrigado.

Foi aí que a raiva por Reese tomou conta de mim. Tentei desesperadamente pensar em cada lembrança que tinha de ter curado Nick. Se deixara passar algo nas avaliações, se havia sintomas de lesões na cabeça que nunca percebi. Perda de memória, afasia, dores crônicas…

— Um médico me examinou depois — murmurou Nick, como se lesse minha mente. — Fizeram exames. Raios X. Testes. Não encontraram nada, então está tudo curado.

Está tudo curado. *Eu não precisava ver os exames para saber que isso não era verdade.*

— Não importa qual seria o seu título, Nick — afirmei. — Você era uma criança, e não tem desculpa para o que ele fez com você. Para o que eles fizeram.

Nick ajeitou a postura.

— Eu sei.

Mas aquilo não parecia o bastante, então continuei falando. Não deveria ter feito isso. Ele havia se exposto, e eu deveria ter prestado atenção. Em vez disso, falei:

— Nick, você não pode…

— Não posso o quê? — interrompeu Nick, a sobrancelha arqueada de um jeito que lembrava demais seu Mago-Real. — Não posso o quê, *William?*

Eu devia ter parado ali.

— Não pode agir como se tudo o que aconteceu afetasse só a Bree. Está na cara que…

— Acha que eu não sei o quanto isso me afeta? — retrucou Nick. — O quanto afeta a todos?

Eu deveria ter percebido como ele estava abalado, deveria ter parado de falar.

— Não estou falando de todo mundo. Estou falando de você…

— Eu não sou *o foco esta noite! — Ele fez um gesto na direção de Bree, visivelmente abalado. — É* ela*! Tem que ser! É uma maldição, William. Ela pode morrer…*

— Sim, mas…

— A Bree é a inocente aqui. Ela não nasceu mergulhada nessa… nessa merda de violência e sangue dos Herdeiros. Isso pode envenená-la… Arthur pode envenená-la… e eu não vou aceitar isso. — Nick balançou a cabeça, os olhos brilhando, desafiadores. — Eu não vou permitir. Ela merece mais do que nós. Merece algo melhor!

— Está tudo bem?

A porta atrás de nós se abriu, e nós nos viramos ao mesmo tempo para ver Selwyn entrar. Ele ainda tinha ferimentos nos braços e no peito causados pelo goruchel e pelos demônios. Lesões que eu não podia curar, por ele ser um Merlin.

Os olhos atentos de Selwyn não deixaram passar nada — minha posição diante de Nick, a tensão no corpo dele, Bree dormindo debaixo dos lençóis. Selwyn fechou a porta suavemente atrás de si.

— Ouvi vozes alteradas. — Conhecendo Sel, ele tinha ouvido mais do que isso. Devia ter ouvido a conversa toda. Ele olhou para Bree, depois para mim, e ficou me encarando. — Acho que foi você quem me disse que pacientes precisam de paz e silêncio pra se recuperarem, William.

Baixei a cabeça. A vergonha me envolveu como um manto.

— Sim, fui eu.

— Nicholas — disse Sel, em tom neutro —, você está bem?

Nick cerrou os dentes.

— Estou...

Sel passou por mim, firme e rápido, até alcançar seu protegido, e tocou o cotovelo de Nick, que continuou me encarando, enquanto Sel se virava para a janela.

Quando Sel se inclinou, levando a boca até o ouvido de Nick, vi os ombros dele subirem até as orelhas, depois baixarem, relaxando com o toque. Vi o tremor no corpo dele, a dor ainda presente, atravessando tudo.

Não ouvi o que o Mago-Real sussurrou ao Herdeiro, mas notei como aquelas palavras mexeram com Nick, fazendo suas pálpebras estremecerem. Até que ele assentiu e, por fim, relaxou a mandíbula.

Então, Nick inspirou de forma profunda e irregular, depois murmurou:

— Eu sei. — E quando Selwyn falou de novo, Nick balançou a cabeça. — Desculpa...

— Não *peça desculpas.*

Sel o apertou com mais força até que Nick o encarasse. Algo profundo e silencioso passou entre eles. Um entendimento. Uma graça.

Apenas Selwyn tinha visto o que Martin Davis fez com o próprio filho. Apenas Selwyn testemunhara Nick se recuperando das feridas que cicatrizaram devagar... e das que foram curadas às pressas pelos swyns do meu primo. E, ainda criança, apenas Selwyn teve o Juramento tão distorcido a ponto de ser usado para atacar o próprio Herdeiro que deveria proteger.

Eles se tornaram armas, usadas um contra o outro e contra si mesmos.

E eu nunca soube.

Nick segurou a mão de Sel, que ainda estava em seu cotovelo, e apertou os dedos dele. Depois de um instante, Sel assentiu e deixou que Nick se afastasse para se sentar novamente no parapeito, o olhar sério.

— Obrigado pela ajuda, William — disse Sel ao se virar para mim, o tom firme e formal. — Mas eu assumo daqui.

— A Bree precisa...

— Eu cuido dos dois — disse Sel, os olhos dourados se endurecendo —, e você já fez o suficiente. Por favor, vá embora.

Abri a boca, depois fechei. Apertei os lábios, tentando conter uma indignação que eu não tinha o direito de sentir.

Inclinei o queixo na direção dele, um segundo pedido de desculpas, e olhei por cima do ombro de Sel, onde Bree dormia.

— Me avise se o estado da Bree mudar.

Sel deu um passo à frente, bloqueando minha visão dos dois pacientes.

— Se precisar de você, eu o chamo.

Não havia rancor na voz dele. Nem acusação. E sou grato por isso até hoje.

Tentei dizer algo, talvez agradecê-lo por cuidar de Nick e de Bree, mas Sel já tinha se virado. O olhar do Mago-Real se alternava entre Bree, seu novo rei, e Nick, o antigo. Sua suserana e seu vínculo.

Então, percebi que não havia mais nada que eu pudesse oferecer ali. Eu já tinha feito o suficiente.

Selwyn estava cuidando dos dois.



Quando termino de contar a história, o rosto de Lark está carregado de preocupação.

— William — diz ele, hesitante. — Você não sabia. Mesmo que *soubesse*, o pai do Nick teria negado. É por isso que mandava seu primo curar os ferimentos antes que outras pessoas vissem…

Meus punhos estão cerrados contra as coxas.

— Mas outras pessoas sabiam! Adultos sabiam, ou pelo menos suspeitavam. E fizeram vista grossa porque um homem poderoso mandou.

— William…

— *Reese* sabia — sussurro, com a voz tensa de raiva. — E eu confiava nele. Ele me ensinou tudo o que sei sobre ser o Herdeiro de Gawain, mas nunca me contou sobre Martin Davis. Nunca me disse que os visitava pra curar feridas feitas por membros da própria Ordem no nosso rei criança. Na noite em que as verdadeiras linhagens da Bree e do Nick foram reveladas, achei que estava ajudando Nick a seguir em frente, quando na verdade só o empurrei de volta pra alguns dos piores momentos da vida dele. Eu devia ter acreditado nele. Devia ter pensado nos *swyns*, em como aceleram a cura.

Lark engole em seco.

— Eu li os relatórios. Essa conversa com Davis aconteceu na mesma noite em que seu Escudeiro morreu, Will. Eu sei da dor. O que aconteceu com Whitlock…

— Whitty — corrijo, mesmo com a dor se espalhando pelo peito. — O nome dele era *Whitty*.

— Whitty — repete Lark, assentindo. — O que eu quero dizer é…

— Contei essa história porque você precisa saber que o Nick entende a Ordem e o que ela é capaz de fazer melhor do que a maioria dos Herdeiros — digo, por fim. —

Nick foi forçado a encarar a tirania da Ordem contra seus próprios membros, contra suas crianças, contra os Merlins, contra a Bree. Nick leva mais a sério *essa parte* da nossa guerra, a parte silenciosa, que ninguém menciona nas cúrias, nem nos funerais, nem nos jantares, do que a guerra contra as Crias Sombrias. Você perguntou por que estou aqui, não foi? Estou aqui porque acredito no Nick. E não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

Diante disso, Lark não diz nada.

Voltamos a esperar por Nick em silêncio — e temo que, daqui para a frente, será assim. Temo que essa lembrança que nem é minha, que eu talvez nem devesse ter compartilhado, crie um abismo entre Lark e Nick, quando o que eu queria era que houvesse compreensão. De repente, me preocupo que tenha contado a história de Nick pelos motivos errados. Que eu não tenha feito isso por Nick, e sim por mim mesmo.

Quando Lark volta a falar, sua voz é baixa, pensativa.

— Merlins têm seus próprios fardos, mas já fui guarda por tempo suficiente pra saber que o sofrimento assume muitas formas. E Davis não é o único Herdeiro que precisa e merece a cura pelo que a Ordem fez com ele. Pelo que ele suportou em nome dela.

Minha voz falha quando respondo:

— É mesmo?

— É — responde ele, tranquilo, e abaixa o joelho esquerdo até encostar no meu direito, tão quente, firme e certo quanto sua voz na escuridão. — Você também, Will. Você também.



TRÊS MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Mariah

— CERTO, RIAH — diz Valechaz, recuando com as mãos erguidas. — Quando você estiver pronta…

Engulo em seco e olho para a bolsa de couro na minha mão, onde o Coração está guardado. Para uma pedra com pedaços de metal, ela parece bem mais pesada do que deveria. Mas talvez seja só o peso da culpa. Como se a própria pedra soubesse que eu não deveria usá-la.

Como se o próprio Coração soubesse que essa ideia era um erro.

— Sempre dá pra devolver — comenta Valec.

Eu o encaro com um olhar de reprovação e franzo a testa.

— Tarde demais pra isso. Já roubamos.

Ergo os olhos para o mezanino que circunda o Lounge da Encruzilhada, agora vazio. Valec esvaziou o lugar inteiro, não só de clientes e possíveis parceiros, mas expulsou toda a equipe também. Tem placas impressas do lado de fora com os dizeres FECHADO PARA INSPEÇÃO SANITÁRIA, escritas à mão por ele — fofo e absolutamente necessário.

O que acontece quando coloco o colar da tia Lu não é algo que deva ser visto por ninguém.

— Tá bom — fala Valec, e repete, como se quisesse garantir que eu ouvi. — Tá bom.

As luzes do palco estão acesas acima de mim, o calor fazendo brotar um pouco de suor no meu lábio superior. Faço um gesto com a mão, querendo que Valec se afaste, enquanto tento ignorar o medo. Concentre-se no objetivo. Elabore um plano.

Eu me lembro de Alice lutando contra a própria morte e respiro fundo.

— Mais pra trás. Só por precaução.

Valec põe as mãos na cintura.

— Mariah Rochelle. Não tem nada que você possa fazer que vá me machucar. Você nem colocou a porcaria do colar ainda.

— Mas a gente não *sabe* o que ele vai fazer! Você já viu alguma Médium usando o Coração de uma Grande Dama? — resmungo.

Ele coça o queixo, os olhos semicerrados.

— Bom, não. Mas é um amplificador. Qual é a pior coisa que pode acontecer? — Ele mexe os dedos no ar. — Uuuuh, assombração. Você está vendo fantasmas. Agora, está vendo *mais* fantasmas.

Reviro os olhos, mas abro um sorriso. Sei que ele está tentando me acalmar. Tentando *nos* acalmar.

A verdade é que o amplificador de uma Grande Dama não vem com um manual pronto. Ele é encantado e reencantado, deixado para absorver a terra em antigos terrenos de plantações como a Volição durante a noite, sob a lua cheia no céu. É um atalho que a Dama usa quando não pode fazer uma oferenda pela raiz, e passa de uma Dama para outra. Normalmente permanece nas famílias que o mantiveram por mais tempo, mas, como todas as outras coisas, pode passar para um descendente escolhido pelos ancestrais.

Se eu o colocar, tia Lu continuará sendo a Grande Dama do nosso território, mas, por sermos parentes, o colar deve funcionar comigo também.

"Deve" é a palavra-chave.

— Você vai colocar ou…? — Valec me provoca com a pergunta.

Faço uma careta e viro a bolsinha, deixando o colar cair na palma da mão. Mais uma vez, sou atingida por uma sensação avassaladora, pesada, antiga. Sinto o cheiro da cozinha de Hazel, dos jardins — está tudo impregnado ali. E Valec sente também, porque enruga o nariz ao encarar a obsidiana sob as luzes amareladas do palco.

Jogo a bolsinha para ele, que a pega no ar com facilidade e a enfia no bolso de trás.

Na minha mão, sinto a pedra fria, negra e imóvel. Desembaraço o cordão de couro macio e o abro, respirando fundo antes de passá-lo por cima das tranças e prendê-lo de novo. Depois que puxo as tranças e sinto a pedra pousar sobre minha blusa… espero.

— É isso? — pergunta Valec.

Franzo a testa.

— Você que tem que me dizer. Era pra acontecer alguma coisa agora?

Valec inclina a cabeça.

— Tecnicamente, o colar só é passado para uma nova Dama com uma cerimônia completa. Talvez a gente dê sorte e ele fique adormecido o tempo todo em que estivermos lá.

— Talvez.

É possível. Mas não sabemos. Decidimos que a Cria Sombria que vamos encontrar na solicitação mensal não conhece o poder real do Coração de uma Dama. Valec acha que só a presença de uma Dama no covil deles já basta pra nos ouvirem. Isso e algum presente que ele está providenciando.

Eu me permito abrir um sorrisinho hesitante.

— Escuta — digo, juntando as mãos —, não estou com raiva… —

No segundo em que minhas palmas se tocam, o mundo vira ouro puro. Ouço Valec gritar, e então eu caio de joelhos no palco. Depois, escuridão.



— Mariah!

Sinto alguém bater de leve na minha bochecha, a mão quente.

— Mariah, anda, priminha…

Mais um tapinha.

Afasto a mão com outro tapa.

— Paraaaa…

— Graças a tudo que é santo e profano — diz Valec, aliviado. Ouço-o suspirar e abro um olho, vendo-o se apoiar nos calcanhares. — Ufa. Você me assustou.

Estou deitada de costas no palco do Lounge da Encruzilhada. Pensar em tudo que acontece aqui numa noite normal me faz estremecer, e me sento no mesmo instante.

Péssima ideia. O mundo gira.

— Ei, ei! — Valec se apressa para segurar meu ombro. — Não levanta assim de uma vez!

— Estou bem.

Afasto a mão dele de novo, mas, desta vez, olho com atenção e vejo uma sombra cinzenta, quase preta… debaixo da pele marrom-escura dele. Ou *parece* uma sombra, mas também parece luz. Algo que brilha, só que… é escuro. Agarro a mão de Valec e ele dá um pulo, surpreso.

— O que é que você…

— Fica quieto. — Viro a mão dele na minha, vejo a luz embaixo dos dedos, viro de volta, e ela continua lá. Passo os dedos pelas veias do braço negro dele até o antebraço e cotovelo expostos. — Meu Deus.

— O quê? — pergunta Valec, olhando para mim. — O que você está vendo?

— Eu não… não tenho certeza — digo. Mas é mentira.

E, pelo meu tom de voz, Valec percebe.

— Desembucha de uma vez, Riah. Não vou ficar assustado.

Solto a mão dele e olho para seu rosto. Vejo a luz ali também.

— Eu…

Ele ergue uma sobrancelha.

— O quê? Eu aguento.

— Bom — começo, com a voz falhando —, não sei se *eu* aguento.

— Mariah.

Sem desviar os olhos dos dele, solto o ar devagar.

— Sabe aquela piada que você fez de que eu vejo gente morta?

— Aham… — Valec se apoia nos calcanhares, se afastando um pouco de mim. — Eu não estou morto.

— Não, mas você é meio que um… *morto-vivo* — digo, com todo o cuidado. — Né?

Valec pisca.

— Puta merda.



QUATRO MESES

Após o aparecimento de Selwyn Kane

Natasia

GRAVAÇÃO DE ÁUDIO — ENTRADA Nº 126

Nada está acontecendo como eu esperava, mas pelo menos Selwyn não quer mais fugir. Ou, pelo menos, parou de tentar. O jeito como ele ronda por trás da densa barreira que conjurei e a lucidez que vejo em seu olhar vez ou outra me faz pensar se ele não está só esperando. Esperando pelo dia em que eu não vá atrás dele. Esperando até ter informações suficientes. Esperando até minha barreira falhar e ele não precisar fazer esforço nenhum para escapar.

Nem sequer sei ao certo como ele consegue atravessar as barreiras, para começo de conversa.

É a lucidez que mais me inquieta. A essa altura, ele deveria estar se entregando aos impulsos de forma tão intensa que seria impossível manter a sanidade. Eu me lembro da fome por humanidade da qual minha mente não precisava, e do desejo por aether que meu corpo não exigia. Eu era uma cambion guiada pelo apetite da demonia, não por necessidade.

Mas eu não me importava.

Os tônicos artesanais da Faye foram a única coisa capaz de me guiar de volta, para longe daquela fome. Mas não estão funcionando com meu filho. E se não funcionam, não posso pedir — nem esperar — que ele consiga encarar a si mesmo e escolher sair daquilo que chamam de sucumbir.

Estou perdida. Talvez eu precise recorrer a outras redes. Redes às quais não gostaria de me expor...

O som de mais uma barreira se quebrando interrompe meus pensamentos. Eu me levanto num pulo, deixando o diário de anotações de lado, e volto apressada para o quarto de hóspedes, onde encontro Selwyn de pé atrás da minha barreira ainda quase intacta.

Os olhos vermelhos de Selwyn se destacam contra o azul elétrico da grade da barreira, duas íris incandescentes sobre um sorriso com presas expostas. Há um buraco do tamanho de um punho na barreira.

Olho para baixo. Ele está segurando a mão direita com a esquerda, as garras negras envolvendo os nós dos dedos ainda fumegantes.

A barreira já começou a se regenerar.

— Você se machucou?

Selwyn inclina a cabeça para o lado, me observando com curiosidade.

— Você se machucou? — repito, me aproximando.

Ele ergue a mão direita, a palma voltada para si, na altura dos olhos. O que deveriam ser queimaduras de terceiro grau já haviam se tornado de segundo grau. As bordas negras desaparecem diante dos meus olhos, substituídas por feridas vermelhas e arroxeadas com centros rosados e brilhantes. Enquanto observo, até essas começam a se fechar. Solto o ar, aliviada.

— Que bom — digo.

Ele abaixa a mão e me lança um olhar sarcástico, como se zombasse da minha preocupação.

— Sim, eu sei que você se cura rápido, talvez até mais rápido agora do que antes, mas sou sua mãe, e tenho o direito de me preocupar quando você se machuca.

Ele ergue a sobrancelha escura, lançando um olhar para a grade brilhante da barreira, que atravessa o teto e — aos nossos olhos, ainda que não aos de um humano — se estende sobre nós, envolvendo o quarto em um cubo brilhante. Quando volto a encarar o rosto do meu filho, a mensagem está clara, mesmo que ele não diga nada: *Que tipo de mãe tranca o próprio filho numa jaula?*

Estremeço e faço que sim com a cabeça.

— Sei que parece ruim. E sei como você se sente. Mas não posso arriscar que você seja atacado por um Merlin ou um goruchel no estado em que está. — Cruzo os braços. — Vai me dizer de quem é o sangue que ando encontrando na floresta? E por que os rastros sempre levam até você quando está selvagem e descontrolado?

Ele dá um sorrisinho, como se "selvagem" e "descontrolado" fossem elogios.

— *Selwyn.* — Procuro usar um tom firme, maternal.

Ele franze a testa e dá uma risada curta, sem emitir som algum, deixando claro o *tamanho* do meu fracasso. Então balança a cabeça, se divertindo às minhas custas, os olhos brilhando.

Boa tentativa, mãe.

Descubro que, para mim, tanto faz que ele esteja rindo às minhas custas. Ver meu filho *rindo* do que quer que seja aquece meu coração.

— Você fazia isso comigo, lembra?

Ele ergue o queixo. *Fazia o quê?*

— Rir.

Selwyn começa a andar de um lado para o outro dentro da cela, arranhando as grades, me ignorando.

— Estou te mantendo aqui porque você acabou de voltar pra minha vida — digo. — Não vou deixar que tirem sua vida só por não estar… do seu jeito encantador de sempre.

Ele suspira e vai até a cama em um segundo. Do outro lado da barreira, há uma pequena geladeira para comida e mantimentos, uma porta que leva ao banheiro e ao chuveiro, uma televisão, alguns livros. Foi o melhor que consegui sem saber exatamente do que meu filho gosta. A culpa faz meu estômago se revirar.

Eu não sei do que meu filho gosta.

Coloco o suéter ao redor do corpo e suspiro.

— Achei que conseguiria te ajudar em uma ou duas semanas. Fiz tudo que podia, revisei todos os diários antigos que tenho aqui. Tentei tudo que funcionou comigo, Selwyn, e… — Meus olhos ardem. Pressiono as palmas contra eles e resmungo. — E não sei mais o que fazer.

Ele se recosta na cama, apoiando os braços atrás da cabeça, relaxado, depois ergue uma das mãos como se dissesse *Paciência*.

— Você não é o único teimoso nessa casa — rebato —, então não desista de mim. Eu não vou desistir de você.

Ele faz um gesto *bem* grosseiro.

— Justo… nada mais justo — murmuro. — Eu não estava lá quando você mais precisou de mim. Acredite, eu teria ido se achasse que conseguiria te ver e sair viva.

Ele se endireita, apoiando os cotovelos nos joelhos, toda a atenção voltada para mim. Depois, ergue a mão de novo. *Então você nem tentou?*

— Eu tentei depois que fugi. Muitas e muitas vezes — murmuro. — Martin… — Desvio o olhar, encarando o chão e sentindo uma raiva antiga subir como fogo na garganta só de mencionar Martin Davis. Levo a mão ao peito, me lembrando da dor lancinante que senti no dia em que Martin morreu, grata pelo vínculo não ter se reacendido com força e clareza para mim, como deve ter acontecido com Isaac Sorenson. Um simples Mago-Real não pode ser vinculado a duas pessoas, mas um Herdeiro pode ser vinculado a dois Magos-Reais. — Da última vez que tentei ver você, cheguei perto da casa em Chapel Hill, e por acaso era o dia em que Isaac estava visitando.

A expressão de Selwyn não muda, mas os cantos dos olhos se tensionam. Ele conhecia Isaac. Sabia do que o Mestre Merlin era capaz, afinal, fora professor de Selwyn.

— Isaac sentiu meu cheiro. Me achou num piscar de olhos. Quase fez picadinho de mim enquanto Martin assistia — sussurro. — Meu ombro esquerdo estava pendurado por um… Bom… "fio" seria uma palavra generosa.

A boca de Selwyn se fecha numa linha reta. Os olhos escurecem, o punho se fecha.

— Eles guardaram segredo, não contaram para ninguém que eu tinha escapado. Erebus deve ter feito o mesmo. Talvez os três soubessem que eu nunca faria nada que colocasse você em perigo e por isso me deixaram ir. — Faço uma pausa. — No fim das contas, eles estavam certos. Mas eu… exagerei na cautela.

Ele revira os olhos.

— Sel, você era *tão* pequeno. Tinha só onze anos — explico. — Eles me disseram que, se eu tentasse ver você de novo, seria *a sua vez* de perder um braço… Dessa vez, na minha frente.

Os lábios de Selwyn se retraem num rosnado, as presas negras reluzindo. Um rosnado involuntário escapa de mim como resposta. Levo a mão à boca, envergonhada. Tal mãe, tal filho, pelo visto. Tusso e balanço a cabeça.

— Sim. Concordo. Os dois eram… verdadeiros monstros. — Olho fixamente para ele. — Mais monstruosos do que você ou eu jamais seremos. Sinto muito, muito mesmo, por terem feito você pensar o contrário.

O olhar dele desliza para longe de mim, passa pelo chão, pela parede, pelo teto. Ele se recosta de novo com um suspiro profundo. Um ombro meio erguido. *A vida é assim.*

— Por favor, tenha paciência comigo — peço, me aproximando da barreira. — Me deixe continuar tentando, Sel.

Ele volta a olhar para mim, me observando em silêncio por um longo instante. Após um instante, ele dá de ombros. *Tá bom. Pode continuar tentando.*

Suspiro aliviada.

Então, ainda me encarando, ele toca o pulso duas vezes.

Mas o tempo está correndo.



QUATRO MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Bree

O CLUBE DE DAEZA é um prédio grande, de frente para o rio French Broad, perto do centro de Asheville. Há um segurança parado sob um foco de luz em forma de cone, bem na entrada, embaixo de uma placa brilhante onde se lê *ECLIPSE*.

— Ele é humano — observa Elijah. O garoto olha para o grupo de pessoas que passa pela calçada, rindo e conversando em voz alta. — Mas não podemos baixar a guarda.

Levo os dedos da mão esquerda até a coxa, onde carrego um punhal de cabo preto preso num coldre de couro. Ficaria bem mais segura tendo o meu punhal de raiz em mãos, mas este, da coleção da Zoe, até que serve.

Quando chegamos às portas do clube, o segurança ergue o olhar.

— Tributo?

Assinto.

— Temos um.

O segurança semicerra os olhos.

— Humanidade ou *aether*?

— Humanidade — responde Elijah. — Mas não vamos te mostrar. Só Daeza pode ver.

O segurança revira os olhos e abre a porta.

— Problema de vocês se não der certo.

Somos recebidos por uma parede de som — gritos, rosnados, rock tocando. Assim que entramos atrás de Elijah, Zoe sibila:

— Foi fácil demais!

— Zoe… — digo, encarando a cena diante de nós. — A porta da frente é o menor dos nossos problemas.

Diante de nós, há uma sala enorme e bem iluminada, com vários níveis. No centro, há uma gaiola de arame farpado prateado com três andares.



Dentro da gaiola, dois uchels totalmente corpóreos lutam até a morte.

Elijah tem um pouco de dificuldade em encontrar alguém que realmente pareça trabalhar no Eclipse. Acabamos no fundo do salão, atrás de um grupo de bruxos desgrenhados segurando maços de dinheiro. Quando chega a nossa vez no guichê enjaulado, outro bruxo, que parece ser o responsável pelas apostas, nos atende com uma expressão de tédio.

— As apostas da luta atual estão encerradas. A próxima é às onze e meia. — Ele aponta para um quadro branco pendurado na parede, sobre a janela. — Os combatentes estão listados ali. Faça sua aposta.

Era para Elijah assumir a dianteira aqui, já que conhece melhor esse lado do submundo demoníaco, mas ele arregala os olhos diante da cena e hesita por tempo demais.

Dou um passo à frente.

— Não viemos apostar. Viemos ver Daeza.

O agenciador de apostas me olha de cima a baixo e, em seguida, observa os gêmeos.

— Trouxeram um tributo?

— Sim — respondo, direta.

O agenciador nem se dá ao trabalho de perguntar o que é. Ele se vira para trás e grita para alguém que não conseguimos ver. Outro bruxo aparece por uma porta lateral e faz um gesto para que o sigamos.

Um dos combatentes da jaula cai no chão com tanta força que o piso treme… e treme novamente quando a multidão vaia.

O bruxo nos guia por um corredor estreito, iluminado por lâmpadas que piscam, e então abre uma porta que revela um cômodo bem menor, porém mais refinado, com piso de azulejos dourados, um banco de teca e colunas de cerejeira escura. O espaço é tão pequeno que não cabe mais ninguém ali além de nós quatro.

— Esperem aqui. Ela está terminando com o primeiro suplicante da noite.

O bruxo se aproxima da única porta do outro lado da sala e bate três vezes, seguido de uma pausa e mais duas batidas. Sem esperar autorização, ele entreabre a porta,

revelando de relance um espaço maior, com uma decoração parecida com a do cômodo em que estamos, e desliza para dentro. A porta se fecha com um som abafado, e nossos ouvidos estalam.

O ambiente esquenta depressa, principalmente com o calor que emana da pele de Elijah, reverberando pelo isolamento acústico das paredes e do teto. Isolamento acústico na antessala e na porta? Está na cara que Daeza não quer que nenhum curioso escute o que acontece aqui dentro.

Elijah anda de um lado para o outro, tenso.

— Eu travei — murmura ele. — Simplesmente… congelei.

— Não estamos acostumados a fingir ser o que não somos — diz Zoe, em voz baixa. — Não mais.

Elijah tensiona os lábios numa linha fina.

— Ou seja, somos péssimos mentirosos.

— Eu sempre fui — sussurra Zoe. — Você também.

— Mas a Bree, não. — Elijah olha para mim. — As mentiras saem da sua boca com tanta facilidade que chega a ser assustador.

Cruzo os braços.

— A verdade também tem valor. Só não precisamos dela aqui.

— Falou como um demônio — resmunga Elijah. — Pelo menos parece que chegamos cedo. Talvez ela esteja de bom humor.

A porta se abre de novo, e o bruxo espreita.

— Está terminando. Quem vai falar?

Elijah ergue a mão.

— Eu.

— Apresente seu caso, entregue o tributo e Daeza considerará seu pedido.

Elijah ajeita a jaqueta e faz que sim com a cabeça. O bruxo desaparece.

Um instante depois, a porta se abre de novo e a suplicante anterior de Daeza sai.

A mulher parece distraída ao sair, com o olhar desfocado. Isso me dá tempo para observá-la antes que perceba minha presença. Ela é alta e esguia, com longos cabelos negros e pele clara. Mesmo sem ver seus olhos, suspeito que seja uma Merlin.

Respiro fundo, e o som, alto no ambiente fechado, faz com que ela vire a cabeça na minha direção. Seus olhos são de um dourado intenso, emoldurados por cílios escuros.

Ela pisca para mim, a boca entreaberta, os olhos se arregalando a cada segundo. Seu olhar percorre meu rosto, deixando para trás brasas quentes. Passa pelos meus olhos e testa, contorna o maxilar, desliza sobre minha boca, minhas maçãs do rosto, meu cabelo. Ela está paralisada, prendendo a respiração.

— Eu te conheço? — solto, sem pensar.

Ela franze as sobrancelhas. A boca se abre e fecha algumas vezes antes que consiga responder.

— Não — diz, com uma voz baixa e curiosa. Ela pronuncia o "não" quase como uma pergunta, mas com um tom de afirmação, ainda que cautelosa. — Não, acho que não.

— Hã… — Zoe alterna o olhar entre nós. — Tem certeza? Porque você está olhando pra ela como se conhecesse.

O olhar da Merlin vai até Zoe, analisando-a, e volta para mim.

— Não conheço. — Ela dá um passo na minha direção, os olhos fixos nos meus como se procurasse algo. Vejo quando encontra seja lá o que for em mim. — Ah.

Dou um passo para trás.

— "Ah", o quê?

Ela inclina a cabeça e murmura.

— Nunca vi nada assim. No que você *se meteu*?

— Como é que é?

Zoe franze a testa.

— Quem é você…

A mulher se vira abruptamente para Zoe.

— Você pode protegê-la?

Zoe parece perceber que algo mais está acontecendo ali, algo que pode ser importante. Ela muda o peso de um pé para o outro.

— Sim?

— *Vai* protegê-la? — insiste a mulher, agora encarando Elijah, que a observa, curioso e atordoado.

Zoe olha para mim e, em seguida, para a mulher.

— Sim.

A boca de Elijah se abre.

— Você conhece a Bree?

Sem responder, o olhar da mulher se perde mais uma vez. Distraído, como estava quando ela entrou na sala de espera.

— Não posso ficar. — Ela me encara. — Isso é impossível.

— O quê? — pergunto.

— Cuidar de vocês dois ao mesmo tempo — diz ela. — Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Hã… — Abraço meu próprio corpo. — Tá?

Ela parece prestes a estender a mão para mim, mas se detém antes de se mover.

— Você se parece com ela.

Zoe perde a paciência.

— Bree, do que essa branquela está falando?

— Tenho que ir — diz a mulher, olhando para mim uma última vez, como se quisesse memorizar meu rosto.

Ela passa ao meu lado, mantendo distância suficiente para evitar qualquer contato físico. Abre a porta por onde entramos e a fecha rapidamente atrás de si.

— O que foi isso? — pergunta Zoe.

Balanço a cabeça, atordoada. Merlins não trabalham com demônios.

— Não sei.

E realmente não sei.

Nesse momento, o bruxo abre a porta e faz sinal para entrarmos.

— Daeza vai receber vocês agora.



Não sei quantas pessoas Daeza já matou desde que chegou a este plano, mas uma delas deve ter sido uma jovem de pele marrom-clara e cabelo rosa, com no máximo vinte anos, porque é essa a aparência dela agora. Ela veste uma calça larga e esvoaçante, um casaco espartilhado marrom-escuro, e o cabelo está preso de lado numa trança grossa.

Se não fosse pelo trono de teca em que está sentada, com uma perna cruzada sobre a outra, eu nunca imaginaria que ela tem mais de mil anos.

A menos que eu olhasse em seus olhos.

Assim como os do Rei das Sombras, os olhos de Daeza são de um vermelho-escuro. E quando se voltam para mim ao entrarmos, sinto como se queimassem minha pele, como uma estaca em brasa tentando atingir meu interior.

— Tributo? — pergunta Daeza num tom baixo.

Elijah assente.

— Sim. Isso mesmo.

Ele dá um passo à frente e apresenta uma grande caixa de madeira.

Daeza não se move do trono, apenas aponta para o chão. Elijah deposita a caixa ali e recua. Depois de nos trazer até aqui, o bruxo voltou para a parte principal do clube, deixando-nos a sós com Daeza e um assistente humano ao lado dela.

Com um estalar de dedos, Daeza faz um sinal, e o assistente se ajoelha para abrir a caixa. Assim que a abre, examina o conteúdo e se volta para sua líder.

— É um relicário, minha Sombra. — Ele olha para nós três. — Origem e data?

— França — responde Elijah. — Século XI.

Daeza ergue as sobrancelhas.

— Impressionante. Traga aqui.

O assistente ergue cuidadosamente a caixa de bronze e a entrega a Daeza, que a pega com indiferença, de um jeito quase preguiçoso. Ela se inclina para a frente e inspira profundamente o aroma da caixa.

— Tem uma relíquia dentro — murmura. — Real, não religiosa, pelo cheiro. Pelo menos uma dúzia de gemas de sangue colonial incrustadas, que provavelmente tinham algum significado para os humanos que as fizeram. E — ela respira fundo novamente — foram perdas dolorosas para aqueles de quem as pedras foram tiradas. — Quando abre os olhos, eles brilham em vermelho-vivo. — A humanidade em seu pior estado. Delicioso.

— É do seu agrado? — pergunta o assistente.

— Sim. Jogue fora o metal, mas pesquise o item e repatrie as pedras — ordena ela, acenando. — Já tomei o que precisava. Não quero esse tipo de energia na minha casa.

O assistente concorda e se retira às pressas, nos deixando a sós.

— Muito bem — murmura Daeza. — Vocês provaram que merecem viver tempo suficiente pra me fazer uma pergunta.

— Hã, obrigada? — digo.

Elijah me lança um olhar de reprovação, mas Daeza ri.

— Quem são vocês? — pergunta ela.

Aqui as coisas começam a ficar… complicadas.

— Meu nome é Bree.

Daeza revira os olhos.

— Não quero saber seu nome, criança. Quem você representa?

Mais uma armadilha. Elijah pigarreia.

— Meu empregador me mandou atrás de certas informações. Um dos meus informantes disse que talvez você saiba onde está algo de que precisamos.

— Vago demais — comenta Daeza, se recostando e soltando um *hmm*. Ela tamborila no braço do trono e nos observa, um por um. — Evasivo.

Zoe dá um passo à frente.

— Só queremos uma informação. Ouvimos dizer que você tem essa informação.

Daeza a ignora.

— Dizem ser suplicantes, mas nunca vi vocês por aqui. Trazem um tributo antigo, do tipo que poucos goruchels conseguiriam obter, e nem são humanos. — Ela aponta para os dois cambions ao meu lado. — Mesmo que *ela* seja.

— Nunca dissemos que éramos humanos — responde Elijah.

— Cambions equilibrados. Raros hoje em dia. — Os olhos de Daeza escurecem. — Quem é seu pai Cria Sombria?

— Não sabemos — afirma Zoe.

Daeza abre um sorrisinho malicioso.

— Sabem, sim. Me digam. E não mintam de novo. — Ela olha para Elijah. — Você é péssimo nisso.

Zoe revira os olhos.

— Só estamos nervosos. Somos…

— Somos filhos de Ozyrus — interrompe Elijah, a voz alta.

Daeza desaparece do trono num borrão e aparece diante de nós de repente, erguendo Elijah do chão com a mão em seu pescoço.

— Nesse caso, tenho que matar vocês.

— Elijah!

Zoe corre até Daeza, que a chuta no peito, fazendo-a voar pelo salão e se chocar contra a parede com um gemido alto.

— Solta ele! — grito, recuando e abrindo as palmas, me preparando para contra-atacar.

Daeza olha para mim.

— Por quê?

— Trouxemos um tributo. Você deveria nos ouvir! — grito.

Ela dá de ombros.

— As regras podem mudar.

— Essas deveriam continuar valendo. É melhor pra *sua* saúde — disparo.

Ela abre um sorriso largo, exibindo as presas negras.

— Ah, você é atrevida, humaninha! — Ela larga Elijah e recua, nos observando. — Vou deixar vocês viverem mais um pouco, só pra ver o que mais vão dizer.

Elijah rola no chão e se levanta, a voz rouca.

— Seria inteligente da sua parte não tocar em nenhum de nós.

Daeza joga a cabeça para trás e ri.

— Vocês são mesmo filhos de Ozyrus! Arrogantes, assim como ele. Por falar nisso, têm visto seu pai ultimamente?

— Não — rosna Zoe, mancando até nós e massageando o quadril.

— Hmm. — Daeza se vira para voltar ao trono. — Eu também não. Ozyrus e eu tivemos uma desavença.

— É o que dizem. Se você nos matar, tenho a sensação de que ele não vai gostar nem um pouco — responde Elijah.

— Não, suponho que não. — Daeza se acomoda de novo no trono, agora com os cotovelos apoiados nos joelhos. — E por quê, exatamente, os filhos de Ozyrus me trariam um tributo?

— Ouvimos dizer que você sabe onde está a coroa do Rei. — Elijah avança com firmeza. — Trouxemos um tributo pra mostrar o quanto queremos encontrá-la e pra que você nos diga onde ela está.

As sobrancelhas de Daeza se arqueiam.

— Ozyrus se voltou contra o velhote? — Ela gargalha. — Porra, já estava na hora.

Não respondemos. Ela acha que o pai dos gêmeos os mandou atrás da coroa?

— Sabe, fico feliz por Ozyrus — comenta Daeza. — Ser uma Sombra da Noite de um rei sem coroa não é ser uma Sombra da Noite. Sem ela, o Rei está tão fadado a se alimentar de humanos e a mendigar aether quanto todos nós.

Mordo a língua para não soltar nada. Foi isso que Zoe me contou naquela manhã, na casa de Erebus. O verdadeiro motivo de eu ter invadido o celeiro protegido do Rei: se ele conseguir a coroa, não vai mais precisar se alimentar. Vai parar de caçar Artesãos de Raiz. Isso não vai impedir que ele busque vingança contra Arthur, mas… isso precisa acabar. E se entregarmos a coroa a tempo, talvez possamos salvar a garota que encontramos no banheiro.

— Se você não quer fazer parte da Corte dele — começo —, por que não volta para o outro lado? Lá, você não precisaria se alimentar.

Daeza ri de novo.

— Eu odeio essa fome constante, mas adoro o caos daqui. *Gosto* dos humanos. Eles são criaturas horríveis e confusas, e cada impulso ou motivação negativa deles tem um

sabor delicioso. — Ela faz um gesto amplo para o prédio ao redor. — Além disso, aqui eu sou livre. *Construí* minha liberdade.

— Então, imagino que você não vai nos dizer onde está a coroa — disparo, frustrada.

— Não. — Ela dá um sorrisinho. — Vou matar vocês daqui a alguns minutos, antes que cheguem os próximos suplicantes.

— Antes disso — comento, em tom de alerta —, você deve saber que não viemos por Ozyrus.

Zoe agarra meu braço.

— Bree… péssima ideia…

— Bree! — alerta Elijah.

Eu me desvencilho de Zoe e dou um passo à frente.

— Você deve saber pra quem trabalhamos.

Daeza pondera por alguns instantes.

— Pra quem?

— Para o Rei — respondo.

O rosto de Daeza congela.

— O velhote vai precisar de mais do que a coroa pra reconquistar a Corte. E ele sabe disso. Os Merlins e a Távola estão fortes demais, a Ordem se espalhou, está profundamente conectada à rede humana. O Herdeiro de Arthur está por aí.

— Ele tem mais munição do que você imagina. Uma arma que o outro lado não possui.

— E que arma seria essa, humaninha?

Inspiro e expiro, deixando a raiz púrpura escorrer da boca e das palmas das mãos. Ela se espalha pelo chão, não como chamas, mas como fumaça. Fumaça densa e rastejante, que avança em direção aos pés dela… como uma sombra.

— Eu.

Os olhos de Daeza se arregalam quando minha raiz toma o chão da câmara e sobe pelos degraus, se estendendo até seus tornozelos. Ela dá um passo para trás.

— O que é isso?

Com um movimento do punho, a fumaça púrpura se transforma em chama e, em seguida, se solidifica em faixas. Elas se enrolam em volta do peito e dos braços de Daeza, levantando-a no ar, da mesma forma que ela fez com Elijah.

Daeza grita, se debatendo contra as amarras e xingando, mas não consegue se libertar.

— Me solta! Agora!

— Diga onde está a coroa, Daeza — insisto, apertando a raiz. — E deixaremos você em paz.

Ela solta um rosnado baixo antes de responder, ofegante:

— Está com outra Sombra. — Ela arfa. — Mikaelaz.

— Mikaelaz? — repete Elijah devagar atrás de mim. — Tipo, Mikael, o negociador?

Daeza assente com dificuldade, rosnando entre respirações curtas.

— Sim. Mas ele… ele odeia o velhote… ainda mais do que… eu.

Congelo ao ouvir a revelação. Já conheci um negociador. Não esse. Outro.

E é neste exato momento que o Rei das Sombras *puxa* a marca de sangue.

A luz vermelha brilha sob minha camisa, mas, dessa vez, a dor me derruba no chão. Solto um grunhido ao cair. Zoe me segura, impedindo por pouco que eu bata a cabeça.

— O pior momento possível — murmura Zoe.

A marca do Rei preenche meu nariz com seu cheiro de brasa queimada. Especiarias, carvão e raiva.

Falo entre dentes cerrados:

— Parece que o velhote finalmente descobriu que quebramos a barreira. — Viro o rosto, fugindo da luz. — Até que demorou.

Daeza se ergue no trono, sacudindo as amarras até que elas se soltem em faíscas, se dissipando pelos degraus.

— Isso é uma marca de sangue — declara, me encarando enquanto me contorço no chão. Ela olha para Elijah. — De quem?

— Dele — responde Elijah, engolindo em seco. — Do Rei.

Daeza alterna o olhar entre mim e Elijah.

— Então ela de fato é a arma dele — diz, quase para si mesma, e morde o lábio inferior. — O poder dela pertence ao Rei?

— Na prática, sim — responde Elijah.

Os olhos de Daeza se acendem com um brilho selvagem.

— Com ela, os filhos de Ozyrus e a coroa… — Ela se afasta, inquieta, assentindo para si mesma, empolgada, enquanto eu solto um gemido. A marca começa a enfraquecer, mas ainda brilha intensamente sob minha roupa. Ela se aproxima novamente, com um sorriso malicioso. — Vou ajudar vocês a chegar até Mikael. Ajudar o velhote a recuperar a coroa.

— Por quê? — pergunto, me forçando a levantar.

Daeza sorri, os olhos vermelhos brilhando.

— Porque se ele tem *você* ao lado dele, talvez a gente consiga derrotar a Távola. Temos que acabar com as linhagens dos Lendários e eliminar de vez o novo Herdeiro de Arthur.

— Sim — respondo com firmeza, apesar do coração disparado. — Este é o plano: matar o Herdeiro de Arthur. De uma vez por todas.

O Rei aciona minha marca de sangue mais três vezes antes de conseguirmos voltar para casa. A sensação de queimação persiste na pele, mesmo quando finalmente se apaga e volta a ficar invisível.

Assim que atravessamos as barreiras e entramos na casa, o calor da raiva dele queima meu rosto.

Ele anda de um lado para o outro, metade Erebus, metade Rei das Sombras, completamente tomado pela fúria.

— Onde vocês três estavam? — rosna ele, lançando um olhar severo para todos nós no saguão. — E por que minha barreira foi destruída?

Não me preocupo em amenizar a situação.

— Sabemos quem está com a sua coroa.

Ele arregala os olhos, depois encara Zoe e Elijah, que estão ao meu lado, tentando conter a empolgação e mantendo a cabeça baixa, como a etiqueta exige.

— Elijah? Zoelle?

— É verdade — diz Elijah, ofegante. — Desobedecemos às ordens, mas…

— Vocês foram até Daeza? — As narinas de Erebus se dilatam de raiva. — Eu fui bem claro quando disse…

— A ideia foi minha — interrompo. — Fui eu quem quebrou a barreira. Peguei uma oferenda da sua coleção e disse aos gêmeos que queria ir até Daeza para confirmar os boatos que ouvimos. Agora sabemos onde a coroa está.

Erebus parece dividido entre a vontade de nos punir por tudo que acabei de admitir e o desejo antigo e eterno de recuperar sua preciosa coroa. Sinto certo prazer com seu dilema e nem me esforço para esconder meu sorriso.

— Não se empolgue demais com isso, Briana — dispara Erebus. — A coroa ainda está desaparecida.

Silêncio. Só precisamos esperar. Então…

— E então? — questiona ele. — Onde está?

— Com Mikaelaz, senhor — responde Elijah.

— Outra das minhas Sombras rebeldes. — Ele se vira com um gemido. — E entre Mikaelaz e Daeza, ele é o pior. Mikael negocia com humanos por… todo tipo de riqueza. Cada Sombra da Noite tem suas próprias preferências e terrenos de caça favoritos, moldando um ambiente ideal para atrair suas presas. Daeza se cerca de caos e de sorte, atraindo um tipo específico de clientela para seu negócio. Mikael, por outro lado, prospera onde há tanto devoção quanto ganância humanas. Finge ser um deles, mas se mantém inalcançável pra alimentar o fascínio e a ambição. Exibe sua riqueza e seu acesso a artefatos raros, mas apenas o suficiente para alimentar o elitismo de seus seguidores e a fome por exclusividade. Ele sabe exatamente como atrair certos humanos, e, com eles, determinadas emoções. — O desprezo é visível no rosto do Rei. — Pra ele, tudo é um jogo. Sempre foi.

— A propriedade de Mikael não fica longe daqui — diz Elijah, animado, os olhos brilhando. — Ele está dando uma festa. Daeza mencionou que vai leiloar a coroa pra um grupo de apostadores ricos…

— Ah, disso eu não duvido — diz Erebus, enquanto a última centelha de fúria contra nós se esvai. — Mikael é profundamente apaixonado por pompa e cerimônia. Um dos Bailes de Gala dos Colecionadores será a desculpa perfeita pra enfeitar seus seguidores humanos e brincar com eles como se fossem bonecos. Esconder minha coroa na coleção

privada de algum comprador humano ganancioso durante um leilão seria uma forma eficaz de mantê-la longe de mim *e* permitir que Mikael continue com… seu empreendimento. — Ele faz uma pausa e balança a cabeça. — Mas não podemos confiar na origem dessa informação. Sombras desleais como Daeza ou o próprio Mikael jamais me ajudariam a recuperar a coroa ou a desencantá-la…

— Daeza foi convencida a apoiar sua causa — digo com calma. — Ela está disposta a nos ajudar a entrar no leilão do Mikael.

Erebus se vira para mim, semicerrando os olhos.

— Convencida? Como? Seja objetiva.

Cruzo os braços.

— Dei a ela uma amostra do que *eu* sou capaz. Do que você pode fazer com minha ajuda.

— Você revelou seu poder diante de uma *Sombra*, num covil cheio de demônios? — sibila Erebus.

— O aposento dela estava protegido por feitiços. Nada sairia dali — retruco. — Fiz o que precisava. Ela viu a marca de sangue, reconheceu que era sua e nem tentou se alimentar de mim. Agora acredita que você tem chance de vencer a guerra, com ou sem a coroa. Pra mim, isso foi um belo trabalho em equipe.

Erebus respira fundo, franze a testa e se vira de costas.

— Não gostei nada disso.

Reviro os olhos.

— Você quer sua coroa ou não?

Ao meu lado, os gêmeos prendem a respiração.

Erebus volta a nos encarar.

— Não posso enfrentar Mikael diretamente. Ele mudará a coroa de lugar assim que sentir minha presença.

— Nós vamos, senhor — diz Elijah. — Daeza pode conseguir convites pra dois. Zoelle e eu assumimos a missão…

— Não — interrompe Erebus. — É perigoso demais.

— Eu sei como funcionam as regras de um leilão! — protesta Elijah.

— Regras podem *mudar*! — retruca Erebus.

Silêncio. O olhar implacável de Erebus recai sobre todos nós. Então…

— Briana e Zoelle vão juntas. Você fica, Elijah.

— O quê? — exclama Zoe. — Por quê?

— Três motivos — começa Erebus. — Primeiro, Briana está razoavelmente protegida pela minha marca de sangue dentro da casa de uma Sombra… Eles pensarão duas vezes antes de tentar absorver seu poder, como Daeza fez. Segundo, Zoelle, se as regras mudarem, suas habilidades de conjuração e forja são mais fortes que as de Elijah…

— Elijah tem que ir — protesto. — Foi graças a ele que chegamos até Reggie, pra começo de conversa…

— E o terceiro motivo — continua Erebus — é que eu gostaria de uma garantia.

— Garantia? — exclama Zoe. — Garantia de quê?

Os olhos de Erebus se voltam lentamente para Elijah.

— Quer arriscar um palpite, Elijah?

As mãos de Elijah estão cerradas com força ao lado do corpo.

— Se a Bree não voltar em segurança…

— Vou garantir que o tempo de Elijah aqui chegue ao fim — conclui Erebus com frieza. — De um jeito ou de outro.

Um instante de silêncio horrível se espalha entre os gêmeos ao ouvirem essas palavras. Sinto um aperto no peito, como se uma das faixas que usei contra Daeza estivesse agora em volta de mim, me sufocando.

— Não! — sibila Zoe. — Você não pode…

— Posso.

— Nosso pai…

— Sabia dos riscos ao deixá-los sob minha guarda.

Enquanto a ouço gritar e disparar contra seu mentor, guardião e rei, tudo o que sinto é uma determinação crescendo dentro de mim. Enquanto o Rei rebate cada uma de suas sugestões com calma, e Elijah dá meia-volta, subindo as escadas e pisando forte, essa determinação só fica mais forte. Quando a porta dele se fecha com um estrondo, sacudindo a casa inteira, permaneço imóvel.

Tudo o que posso fazer é observar Erebus, o Rei das Sombras, e pensar em sua ruína. Não em minha fuga ou em meu poder, mas no fim dele e no término do sofrimento que ele espalha com tanta facilidade e rapidez.

Como se a dor alheia não significasse nada.

Primeiro, decido que encontrarei a coroa. Depois, salvarei a garota sequestrada e qualquer outro Artesão de Raiz que ele esteja caçando.

E, então, matarei o Rei das Sombras.



QUATRO MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Mariah

— SE ALGO DER ERRADO — diz Valec —, suas tias vão me matar.

— Vão mesmo.

— Você não tem coração. O que quero dizer é: por favor, não morra.

Ele estaciona no terreno em frente ao clube Eclipse, os dedos apertados no volante.

— Se tudo der errado, eu finjo ser uma humana desesperada tentando fechar um pacto com um bruxo. Deus sabe quantos desses já vi rondando o Lounge da Encruzilhada ao longo dos anos.

Dou um sorriso na esperança de tranquilizá-lo, o que é meio difícil quando seu companheiro consegue ouvir seu coração martelando no peito.

Ele toca a própria orelha.

— Sei que está nervosa. E eu esperava que estivesse. Isso não é uma missãozinha qualquer. É coisa séria.

— É.

Consigo sentir o Coração pulsando perto das minhas costelas. Não fazia ideia do que vestir para ir a um clube de demônios, mas todos os cambions que conheci estavam sempre vestidos com pompa e elegância, como diria tia Hazel. Então fiz o mesmo. Escolhi um vestido com um decote baixo o suficiente para deixar o Coração da Grande

Dama bem visível, logo abaixo da clavícula. A pedra está quente esta noite, como se soubesse que vamos usá-la.

— Tia Lu nunca comentou que essa coisa parece um pedaço de carvão em brasa pendurado no pescoço — falo. — Não chega a queimar, mas parece que vai.

Valec solta um suspiro longo e pesado.

— Não tente nada com isso. Não deixe que percebam…

— Valec! — sibilo. — Já conversamos sobre isso. Eu consigo. Não sou a Bree, mas…

— Ei — interrompe ele, dando um leve tapinha no meu joelho. — Nem todo mundo precisa ser a Bree. Às vezes, nem sei se a *própria Bree* precisa ser a Bree. — Ele balança a cabeça. — Esta não é uma missão estilo Bree Matthews. Você não pode chegar lá, explodir tudo e pedir desculpas depois.

Sorrio.

— Isso *com certeza* é uma missão estilo Bree Matthews.

— A gente ainda não sabe o que essa coisa faz com um Médium, tá bom? — Ele aponta para o Coração pendurado em meu pescoço. — Deixa que eu falo. Existem regras aqui, mas regras podem mudar. Não aceite nada, nem ofertas, nem acordos, nem favores.

— Entendido.

Seguro a maçaneta da porta e respiro fundo.

— Isso é uma péssima ideia — diz Valec, balançando a cabeça e desligando o motor. — Mas vamos lá.



Daeza cheira uma pequena caixa de madeira nas mãos.

— Raiva. Potente.

Valec assente, as mãos nos bolsos da calça.

— Político.

— Ah — diz ela. — Por isso é tão doce.

— É — concorda ele, arrastando a fala. — Eles ficam furiosos quando não conseguem o que querem.

— Eu tinha um de plantão. — Ela entrega a caixa para o assistente. — Só que ele morreu.

Pisco algumas vezes, tentando manter a compostura. Mas Valec e Daeza inclinam a cabeça ao perceberem como meu coração acelera de repente.

— Ataque cardíaco — conclui ela, ajustando a longa saia sobre as coxas antes de cruzar as pernas. — Não foi minha culpa. Ou foi? Vai saber, quando um humano está tão cheio de rancor assim, não é?

Preciso me esforçar para prestar atenção ao que Daeza diz, porque, quando olho para ela, tudo o que vejo são as partes mortas. A energia não viva que se agita dentro dela é

tão intensa que faz sua pele parecer quase translúcida — pelo menos para mim.

— O tributo tem valor pra você? — pergunta Valec.

— Ah, sim, eu aceito — responde Daeza —, mas confesso que quase não precisei dele quando soube que era *você* quem vinha me procurar.

Valec inclina o queixo, cheio de charme.

— Eu me sinto lisonjeado.

— Não — diz Daeza —, só estou sendo sincera. O que traria o grande Valechaz até minha porta? Não o vejo há mais de setenta anos, filhote.

O sorriso de Valec endurece.

— Só uma Sombra da Noite pode *me* chamar de filhote e sair impune.

— Eu posso sair impune de muitas coisas, como você bem sabe.

— Sim, senhora.

Daeza balança a cabeça.

— Não tente esse charme comigo, cambion. Conheço seus joguinhos. Eu ajudei a *inventar* alguns deles.

— Não os meus, temo dizer — ronrona Valec em resposta. — Os meus são todos de produção caseira.

Daeza leva um dedo ao queixo.

— Me diga uma coisa, Sombrinha, você já descobriu quem é seu progenitor?

Eu me seguro para não arfar de surpresa. Valec é filho de uma Sombra da Noite?

Ao meu lado, sua postura fica rígida.

— Nunca procurei saber.

— Em duzentos anos? — Daeza solta um assobio baixo. — Isso é que é autocontrole. Por quê?

— Que tipo de pai abandona uma mulher e um bebê na escravidão? — retruca Valec, os olhos faiscando. — Não é alguém que eu queira conhecer.

— Justo. — Ela se levanta e começa a andar de um lado para o outro diante do trono, as mãos pousadas sobre o ventre, os dedos unidos à frente do corpo. — Devo dizer que os pedidos desta noite foram… interessantes.

Eu me remexo, alternando o peso de um pé para o outro. Em meu peito, o Coração queima. Daeza tem poder, e ele ferve sob sua pele, mas há também uma sombra profunda, sinistra. Diferentemente das linhas que vejo em Valechaz, o que enxergo em Daeza se *agita*. Uma sombra inquieta.

— Seu assistente disse que somos os últimos suplicantes da noite — comenta Valec, lançando um olhar na minha direção.

Daeza gesticula de forma vaga.

— Recebemos mais visitas do que o normal. Gente demais, pedidos decepcionantes demais. Você é a terceira Sombrinha a me visitar hoje, acredite se quiser.

Olho para o chão, para o ponto que Daeza observa agora, e me arrependo no mesmo instante. Há sangue espalhado pelo chão. Vermelho-vivo, fresco. Vermelho-escuro, seco. E uma quantidade generosa de verde-escuro quase preto… sangue de demônio. Os olhos

de Valec acompanham os meus, embora eu tenha certeza de que ele sentiu o cheiro do sangue antes de mim.

— É mesmo? Três numa noite só? Difícil não notar a quantidade de sangue no chão.

— Ossos do ofício. Agora… — Daeza para de andar, a saia esvoaçando ao redor dos tornozelos e dos saltos. — O que *você* precisa de mim, Valechaz, filho de ninguém?

— Filho de Pearl — corrige Valec com firmeza. — Uma boa mulher, com um bom nome. Um nome que merece ser conhecido.

Daeza inclina a cabeça.

— Filho de Pearl. Peço desculpas.

— Daeza, Sombra da Noite da Corte, venho até você…

Ela ergue a mão.

— Espera.

Valec fecha a boca, o maxilar travado.

— Sim?

— Grande Dama do território Sudeste. — Ela aponta para mim. — Por que *você* não me apresenta o pedido de Valechaz?

— Ora, Daeza, fui eu quem pediu a audiência. Trouxe a Dama aqui pra garantir que você soubesse que vim em paz. Você sabe que Damas não se envolvem nos assuntos dos demônios, nem se metem nas nossas disputas…

— Eu sei muito bem o que uma Grande Dama faz — retruca Daeza. — E não farei nada que a desafie. Conheço as regras.

Regras podem mudar.

Retorço as mãos atrás das costas. No meu peito, o Coração pulsa, mais forte que meu próprio coração. Vejo a sombra dentro de Daeza se agitar sob a pele, uma escuridão estranha e brilhante, e meus dedos se contraem.

— É justamente porque sei o que uma Grande Dama representa que peço que seja você a apresentar o caso. Sei que suas palavras não serão distorcidas pela língua trapaceira dele. E, além disso, vou me divertir. Um bom jeito de encerrar uma noite movimentada.

Valec mostra os dentes.

— Não…

Num piscar de olhos, Daeza surge bem na frente de Valechaz, os narizes quase se tocando. Ele não se move nem respira.

— Deixe a jovem falar — diz Daeza, baixinho. Ela sorri. — Ou então…

Valec retribui o sorriso, com um ar despretensioso.

— Como desejar, Sombra.

Daeza olha para mim. Engulo em seco. Minha garganta está mais seca do que biscoito de água e sal.

— Estamos procurando o demônio conhecido como Caçador. Aquele que os demônios chamam de Grande Devorador.

Daeza inclina a cabeça.

— Muito interessante.

— Então vai nos indicar o caminho?

— É impossível encontrá-lo — responde Daeza. — Está sempre com uma nova forma, um novo rosto. Hoje em dia, trabalha com emissários.

— Onde podemos encontrar esses emissários?

O sorriso dela se alarga.

— Ah, *nisso* eu posso ajudar. Por acaso sei de um evento que acontecerá daqui a uma semana, onde dois emissários dele estarão presentes.

— Sério? — Valec olha para mim, surpreso, e volta a encará-la. — Qual é a pegadinha?

— Bom, pra começar — diz Daeza —, você não pode ir.

Valec respira fundo.

— Deixe-me adivinhar: o evento é organizado por outro negociador?

— Bingo — responde Daeza, assentindo. — Outra Sombra, na verdade. Mikaelaz vai achar que você quer roubar os clientes dele, e vai acabar em guerra de território. Muitos mortos. E duvido que você saia ganhando.

Valec range os dentes.

— Então acho que chegamos a um beco sem saída. Agradecemos por sua…

Ela levanta o dedo.

— Não tão rápido. Só porque *você* não pode ir, não quer dizer que sua pequena imitadora de Grande Dama não possa ir.

Fico boquiaberta. Valec congela.

— Daeza…

Ela revira os olhos.

— Acha que eu nasci ontem, Valechaz? Essa garota não é a Grande Dama do seu território, assim como eu não sou uma jovem texana de vinte anos.

Eu arqueio as sobrancelhas, olhando para o corpo dela.

— Você…

— Estou usando a pele de uma jovem de vinte anos do Texas, querida — ronrona Daeza. — Do mesmo jeito que você está usando o Coração da Grande Dama para reforçar o *seu* disfarce.

Valec se coloca na minha frente com o braço estendido, mas Daeza o dispensa com um gesto.

— Fique calmo, cambion. Me deixe terminar. *Você* não pode ir ao leilão, mas ela pode. E, já que ela está tão disposta a se infiltrar onde *claramente* não deveria estar, vou até oferecer uma identidade falsa pra que sua *falsa Dama* consiga entrar sem problemas. Por acaso, tenho um convite sobrando. Acha que consegue fingir que trabalha pra uma galeria de arte?

Já consigo ver a revolta se formando no maxilar travado de Valec.

— Agradecemos a oferta, mas não podemos…

— Eu aceito! — disparo. — Eu topo.

— Você *não* acabou de dizer isso, Mariah… — Valec leva as mãos ao rosto.

— Delicioso! — Daeza bate palmas. — Vou providenciar a papelada.

— Você parece muito disposta a ajudar, Sombra — resmunga Valec, cansado, erguendo o olhar. — Disposta *até demais*.

Daeza volta ao trono com passos largos.

— Sou um demônio muito velho, Valechaz. Me entedio fácil. Mas isso vai ser divertido.

— Divertido pra quem? — murmura Valec.

— Pra mim, é claro. — Já sentada, Daeza cruza as pernas e lança um último olhar penetrante para Valec. — É bom ter você de volta, Valechaz.

Os dedos de Valec tremem ao lado do corpo.

— Eu não estou de volta, Daeza.

Ela sorri, travessa.

— Vamos ver.



QUATRO MESES

Após o aparecimento de Selwyn Kane

Natasia

QUANDO VOLTO para a cabana, depois de sair do clube de Daeza, vou direto para o quarto de Selwyn.

— Bom, foi um fracasso colossal.

Ele está sentado de pernas cruzadas na cama, atrás da barreira, com os olhos fechados, aparentemente meditando. Algo que ensinei a ele há muito tempo, quando ainda era pequeno. Essa prática o ajuda a concentrar as energias, conter a agitação e encontrar calma *entre* as batalhas, não apenas durante elas.

A barreira atual é uma parede em camadas, composta por barras de dois centímetros de largura em puro aether cristalino, forjadas com tanta densidade que queimam a pele ao toque. Antes de ir para o clube, sugeri — de forma muito sarcástica — que meu filho usasse uma arma de aether para romper a barreira, caso sentisse vontade de fugir hoje, em vez de usar os punhos. Fico aliviada ao ver que ele decidiu ficar.

— Selwyn? — chamo.

Um olho vermelho se abre, e sua resposta silenciosa e irritada é clara, como se ele tivesse falado em voz alta: *Eu ouvi*. O olho se fecha novamente.

Eu me sento do outro lado da barreira.

— Voltou a não falar comigo? — pergunto.

Sel havia me feito perguntas sobre a barreira enquanto eu a conjurava pela manhã, e sua curiosidade me deu uma leve esperança de que talvez estivéssemos começando a nos reconectar.

Ele permanece em silêncio, exatamente como esperado. Os dois olhos continuam fechados.

Parece que nossa cura, como muitos outros processos, não será linear. É hora de tentar uma nova abordagem.

— Você dá um belo trabalho, Selwyn Emrys — digo, entre o exasperado e o divertido, em um tom bem sarcástico. — Imagino que seus amigos adorem esse seu jeitinho.

O canto da boca do meu filho se curva de um jeito que deixa claro que os amigos *não gostam nem um pouco* desse seu traço de personalidade.

— A menos que já tenham se acostumado — continuo, pensativa — e revidem na mesma moeda.

Os dois olhos se abrem, com um olhar estreito e cortante, emanando indignação.

— Então *tem* alguém na sua vida que não tolera esse seu jeito *encantador*? — digo, sorrindo de canto. — Excelente. Essa pessoa deve te irritar profundamente. Já gosto dela.

Ele revira os olhos.

— Seria Nicholas Davis, talvez?

Ele franze a testa e solta um resmungo.

— Não, acho que não — digo. — Você e Nicholas brigam, se provocam, testam os limites um do outro e do Juramento de Mago-Real, assim como eu fazia com Martin. Mas os laços que temos com nossos Herdeiros são como dois lados da mesma moeda. Podemos não gostar deles, mas, antes de eu sucumbir, Martin era parte de mim. Rancores como esse têm raízes profundas, mas raramente criam galhos novos. Sua irritação parece recente, viva, o que sugere que está ligada a outra pessoa. — Faço uma pausa. — Seria esse novo Herdeiro de Arthur, talvez?

Minha audição é aguçada, então consigo ouvir o coração dele acelerar. Também consigo ver suas pupilas se dilatarem. O corpo dele responde, mesmo que ele não diga nada. Como se fosse impossível evitar.

Forço o tom mais casual possível.

— Será que só de *pensar* nesse novo Herdeiro de Arthur você já sente tanta frustração? Tanto incômodo? Ele te provoca sentimentos que você gostaria de não sentir? Sentimentos que não consegue controlar?

O rosto de Selwyn se fecha completamente. Sem expressão. Sem emoção. Do mesmo jeito que um goruchel apaga todo traço de humanidade do rosto de propósito, para paralisar a presa. É a maneira de meu filho me pedir para parar de falar sobre esse novo e inesperado Herdeiro de Arthur. E, ao mesmo tempo, é um sinal de que estou muito perto de descobrir o que ele está escondendo.

Suavizo a abordagem.

— Você não me contou mais nada sobre esse novo portador de Caledfwlch. Não consigo nem imaginar os sentimentos conflitantes que deve ter por um Herdeiro da Coroa com quem não está vinculado… e que não pode proteger como foi treinado para fazer.

Os dedos dele tremem sobre os joelhos, e os anéis de prata cintilam, inquietos. *Bingo*.

Hora de ser mais *direta*.

— Talvez eu seja a única pessoa no mundo que entenda o que você está passando, Selwyn. Sei o que é ser traído por aquilo que nos ensinaram, até mesmo pelo Juramento de Mago-Real e por tudo o que ele representa. Sei o que é estar preso a um Juramento que não pode mais cumprir. Por favor — digo, inclinando a cabeça para tentar olhar em seus olhos —, me conta o que está acontecendo em sua vida e na do novo Herdeiro. Eu quero… eu *gostaria* de ajudar.

O rosto dele permanece impassível, mas as pálpebras tremem, quase de forma imperceptível. Ele vira o rosto, e qualquer traço de suavidade desaparece com o movimento.

Fico sentada ali por um instante, aguardando um reconhecimento que sei que não me é devido. Mas ele não vem. *A cura não será linear, então*. Suspiro.

— Tenho uma novidade: hoje visitei um… demônio desagradável. Ela não pôde me ajudar.

Eu me ajeito na cadeira, cruzando uma perna sobre o joelho. O ar-condicionado se liga no teto e o vento sopra meu cabelo para a frente…

Então, em um piscar de olhos, Sel aparece na barreira, um rosnado baixo subindo pela garganta.

— *Cadê ela?*

Eu nem vi quando ele se moveu.

— Sel, o que…

Ao inspirar com força, percebo que ele sentiu o cheiro de algo. Eu também sinto o aroma, mas só consigo identificar o perfume do clube da Daeza, na minha pele, nas minhas roupas, no meu cabelo. Então olho para cima e percebo que foi o ar-condicionado que, ao se ligar, levou o cheiro até ele. Ele está captando alguma fragrância, ou um traço de aether, que nem eu consigo detectar.

— *Estou sentindo o cheiro dela em você*. — A voz dele agora é um rosnado grave, gutural, que nunca ouvi antes vindo de Sel.

Ele está falando de Daeza? É o único aether que percebo.

— O demônio que encontrei não é um demônio comum…

Ele me ignora, encostando o rosto nas barras brilhantes e permitindo que queimem a própria pele.

— *Eu consigo* senti-la *em você*.

A voz dele assume um tom mais baixo que, junto com o cheiro da pele queimando, me deixa sem reação por um instante. No segundo seguinte, já estou de pé, o coração acelerado.

— Se afaste da barreira, Sel…

— *Cadê. Ela?*

— Você está falando do demônio? — pergunto. — Sel, não é seguro…

Selwyn fecha os olhos e inspira de novo. Assisto, horrorizada, enquanto meu filho pressiona ainda mais o rosto contra a barreira, seguindo o cheiro que eu trouxe comigo. Ele permite que as barras densamente colocadas queimem seu rosto *ainda mais fundo*, convidando minha magia a atravessar o músculo e atingir o osso. É como um animal selvagem disposto a sacrificar a própria carne para se libertar.

Minhas mãos já estão se movendo, puxando a barreira num gesto desesperado.

— Pare! — grito.

Nunca vi meu filho assim, nem uma única vez nesses quatro meses sob o mesmo teto. É esse o Selwyn que venho rastreando na floresta? O que deixa trilhas de sangue por onde passa?

— *O que é isso?* — murmura ele contra as barras, como se estivesse embriagado, como se não sentisse dor alguma. — *Se cheiro pode ser som, se som pode ser sensação, se sensação pode virar* instinto… *então é* isso *que estou sentindo. E eu quero mais… mais…* — De olhos ainda fechados, ele arrasta a mão com garras pelo restante da barreira, cortando-a como uma faca quente na manteiga, enquanto sussurra: — *Quero correr atrás disso até o fim. Me perder. Me enterrar… e nunca mais largar.*

— Vou desfazer a barreira! — digo, a voz falhando de pânico. Gemo e puxo o ar com as duas mãos, até conseguir dissipar tudo de uma vez. Grito com ele, e Sel abre os olhos, o rosto marcado de vermelho-vivo e reluzente, em carne viva. — Você ficou maluco?

Sel atravessa os fragmentos cintilantes da barreira, sem ouvir.

— *Cadê ela, mãe?*

— Quem?

Os olhos dele grudam nos meus. A carne exposta sob eles já começa a se recompor.

— *Cadê a Bree?*

Pisco, em choque com as palavras dele.

— Como… como você conhece a Bree?

Selwyn solta uma risada sombria. Enquanto fala, chamas verdes se erguem pelos ombros, levantando seus cabelos.

— *Ela é minha Herdeira de Arthur.*

— Sua…? — Dou um passo para trás, balançando a cabeça. — Não, isso é… Não pode ser a Bree.

— *Ah, mas ela é.* — Sel avança em minha direção. — *Briana é* minha. *Minha Herdeira. Minha soberana. Meu rei* — diz Selwyn, com um sorriso nos lábios — *Assim como a mãe dela foi a sua.*

Faye.

Minhas memórias turvam minha visão. O sorriso radiante de Faye. Sua risada alta. Sua dignidade e integridade. O poder que eu nunca tinha visto antes, que nunca pensei ser possível…

— Não. — Balanço a cabeça de novo. — Faye era…

— *Uma Herdeira de Arthur* — interrompe Selwyn. — *A verdadeira Herdeira com quem você deveria ter sido ligada. Assim como Briana deveria ter sido ligada a mim.*

— Faye… — Tudo o que consigo fazer é murmurar o nome da minha amiga.

E lembrar.

Eu me lembro do jeito como Faye se aproximava da Torre do Sino sem perceber, enquanto caminhava distraída pelo campus. Ela sempre se acomodava ali para estudar sob sua imponente sombra. Atraída, sem saber, para o exato local onde a Excalibur repousa nas águas.

Eu me lembro de como ela se jogava no meio do caos para proteger os inocentes, arriscando seus próprios segredos.

A chama viva, vermelho-sangue, de seu poder. Incontrolável e bela.

O modo como ela liderava, tanto pelo exemplo quanto pelas palavras.

Eu me lembro de tudo.

E eu sinto, em meus ossos, em meu coração, que o que meu filho diz é verdade.

— *Faye Matthews não sabia, é claro* — diz Selwyn, antecipando minha pergunta. — *Ela morreu sem saber. Foi o destino da filha dela, Bree, descobrir a verdade. O destino de Bree empunhar a lâmina. O destino de Bree enfrentar o ciclo… e colocar os Regentes de joelhos.*

— A Bree é uma *criança* — insisto. — Ela não foi criada pra essa guerra.

— *Não. Não foi* — responde ele, reflexivo, como se saboreasse algo. — *Mas você ainda não viveu de* verdade *até vê-la* lutar.

— Como assim? — pergunto, alarmada.

— *Ela tem a Arte de Sangue* — afirma Selwyn. — *Como a mãe dela também tinha.*

A raiz vermelha de Faye brilha atrás dos meus olhos.

— Não, Bree não herdou isso — gaguejo. — Faye se certificou…

Mas então me lembro da memória oculta que ela me pediu para implantar na mente da filha. Um seguro. Um "vai que".

Penso em Bree, tão parecida com a mãe. Bree, que deveria estar em casa com o pai, não em um clube de uma Sombra da Noite, acompanhada por cambions equilibrados. Bree não deveria se lembrar de mim, já que na última vez em que a encontrei mesmerizei tanto ela quanto o pai, mas a hesitação dela, a incerteza ao ser provocada pela cambion, ainda me incomodam.

Agora sei que, seja lá o que tenha acontecido com Bree, foi obra de uma força que ultrapassa minha compreensão.

Uma força que provavelmente já sabe que Bree Matthews, assim como a mãe, carrega uma fornalha interminável, transformadora e devastadora da Arte de Sangue.

Ciente do que já aconteceu e do que ainda está por vir, olho para meu filho e o vejo com outros olhos: o brilho demoníaco nas íris, as presas alongadas e as orelhas pontudas sob os cabelos. As veias negras marcam os antebraços pálidos e as garras escuras nas pontas dos dedos. A fome que nunca parece se saciar, apenas crescer.

— Foi o poder da Bree, não foi? — sussurro. — Você o consumiu, e isso te empurrou para a demonia. Devorar o poder da Bree foi o que te deixou assim.

Sel sorri.

— *Ding-ding-ding. Temos uma vencedora.*

O horror faz meu coração disparar. Não por mim, e, pela primeira vez em meses, não por meu filho… mas por Bree. Bree é uma Herdeira de Arthur involuntária, sem treinamento, sem um Mago-Real… e meu filho quer estar com ela. Ou se alimentar dela. Ou os dois. E ela não faz ideia de que o caminho que ele segue parece imune às minhas tentativas de intervenção.

— *Diga onde ela está* — demanda Selwyn, os dedos se contraindo ao lado do corpo.

Sinto uma dor imensa ao vê-lo assim, sabendo que não posso ajudá-lo a buscar o que deseja. É ainda mais doloroso saber que o que ele deseja é Bree. E que não posso deixar que ele a tenha.

— Não. — Balanço a cabeça devagar. — Você não está em condições de ir até ela.

Sel inclina a cabeça, inspira fundo mais uma vez e dá mais um passo.

— *O cheiro dela não está… certo. O que foi que você fez?*

Levanto as duas mãos, recuando.

— Eu não fiz nada com ela. Só a vi por acaso, um acaso mesmo…

Ele rosna novamente.

— *Tem algo* errado *com ela.*

— Eu sei. Mas você não pode consertar isso. Nem eu.

Ele pisca, a lucidez passando brevemente pelos seus olhos antes de desaparecer, o cabelo longo caindo sobre o rosto. Ele avança mais uma vez.

— *Onde…*

— Eu não sei como encontrá-la. E, se soubesse, não diria. Selwyn… você não está agindo de forma normal.

— *E como você saberia disso?* — rebate ele, com desprezo. — *Não é como se você me conhecesse pra saber como eu sou, não é mesmo?*

As palavras cortam como facas, mas respiro fundo e deixo que passem. Eu as ignoro por enquanto.

— *Estou agindo normalmente, mãe* — rosna ele, mostrando os dentes. — *Talvez eu finalmente esteja sendo eu mesmo.*

— Não…

— *Eu deixei que você me mantivesse aqui, mas agora isso acabou.* — Ele abre a palma da mão direita, onde o aether começa a se formar em uma esfera minúscula. — *Preciso capturar um rei.*

Meu corpo se tensiona, os pelos da nuca se arrepiando.

Meu filho está invocando aether contra mim, dentro da minha própria casa.

— Por favor, não me force a fazer isso. Me deixe ajudar você…

— *Diga onde a Bree estava. Depois, diga onde ela está agora. Você deve saber. Afinal, você vigiou tão bem ela e a mãe…* — O sorriso dele se torna cruel. — Faye.

Minha visão se enche de vermelho e preto, o quarto se embaçando com o luto ainda tão agudo. É a provocação na voz de Selwyn que me traz de volta. Pensar em Faye Matthews, a garota brilhante e linda que deveria ter sido minha Herdeira de Arthur e rei, é o que, enfim, faz minha mão se abrir.

Ouço minha própria voz, baixa e firme:

— Tenha muito cuidado com o que vai dizer agora.

— *O que* eu *vou dizer agora? Sobre sua Herdeira de Arthur?* — O aether dele se estende, formando um longo bastão azul-prateado. — *Aquela que morreu enquanto você cuidava dela?*

A vergonha quase me paralisa, mas não deixo.

— Não fale de Faye Matthews. — Invoco e forjo meu próprio bastão de aether, idêntico ao dele, e faço uma promessa silenciosa: jamais forjarei uma arma contra ele que ele não tenha forjado primeiro. Jamais invocarei aether suficiente para feri-lo, apenas para me igualar a ele. — Estamos falando da *Bree*. Ela precisa de ajuda, Selwyn. De uma ajuda que nem você nem eu podemos oferecer. Você a *deseja*, e isso significa que não pode curá-la.

Um lampejo de hesitação aparece em seu rosto, mas logo desaparece.

— *Não me importo*.

— Não é de você que Bree precisa agora — afirmo. — Ela precisa de um *refúgio*. Você só iria piorar as coisas.

— *Eu não me importo!* — rosna ele.

— Você se importa, só esqueceu. O que sente está *enterrado* — digo, erguendo meu bastão ao mesmo tempo que Sel ergue o dele. — Você precisa se importar de novo, ou não posso deixar você passar.

— Eu não preciso fazer nada! — grita Sel, avançando. — *Só preciso* dela.

Quando nos enfrentamos, os bastões faiscando um contra o outro, mal percebo o impacto.

Só consigo pensar que nasci para ser o Mago-Real de Faye. A protetora dela. A guardiã.

No fim, falhei em salvá-la, mas não vou falhar com a filha dela.

Eu era um Mago-Real naquela época e serei um Mago-Real agora.

Vou proteger a Herdeira de Arthur contra qualquer ameaça… mesmo que essa ameaça seja meu próprio filho.



QUATRO MESES

Após o desaparecimento de Briana Matthews

William

OS MORGANAS nos encontraram antes que tivéssemos a chance de encontrá-los.

Lark e eu estamos encostados na lateral do nosso carro, no estacionamento de mais um hotel, sob o sol escaldante, esperando que Nick volte da patrulha. Desta vez, voltamos para a Carolina do Norte, bem na divisa com o Tennessee. Ao meu lado, Lark lê uma mensagem no celular e, em seguida, solta um palavrão.

— Encontraram o corpo de outro Merlin três dias atrás — resmunga ele. — Dizem que foi emboscado durante uma patrulha… Morte mágica confirmada.

Com a expressão tensa, ele enfia o celular de volta no bolso.

Não é a primeira vez que me pergunto se ele estaria mais seguro na Fortaleza. Quem quer que esteja caçando Merlins pode muito bem isolá-lo enquanto estiver em campo comigo e com Nick, ou durante as patrulhas noturnas. E, como ele é um Merlin, não posso curá-lo.

Esse pensamento tem se repetido na minha mente com cada vez mais frequência. Sempre tive essa preocupação com Selwyn, mas ele rejeitava qualquer tipo de cuidado como se não fosse necessário, e, ao contrário dos humanos, os Merlins se curam

rapidamente. Mas, ainda assim… só de imaginar Lark ferido, sinto um terror se espalhar pelo meu peito.

Se essa preocupação faz com que eu me aproxime dele a cada semana que passa, considero isso mais do que justo. Se ele percebe a proximidade, o fato de eu andar mais colado nele do que em Nick — e eu *sei* que ele percebe —, não comenta nada.

Na verdade, parece até incentivar. Mesmo agora.

Como se buscasse conforto, ou quisesse oferecer, ele se encosta mais em mim, até nossos quadris se tocarem.

Somos interrompidos pela silhueta alta de Nick atravessando o estacionamento. Ele se aproxima com a testa franzida, imerso em pensamentos, e nós dois nos endireitamos para recebê-lo.

De repente, Lark fica imóvel ao meu lado. Do outro lado do estacionamento, Nick também congela. Então eu a vejo.

Uma garota está encostada em outro SUV, estacionado a uns seis metros de distância, perto da fileira de árvores.

Ava, a Morgana, e eu nunca nos encontramos, então não a reconheço de imediato — mas Nick, sim. E Lark também. Mas até eu percebo o sorriso confiante da garota enquanto nos observa, e noto que é astuto demais, sábio demais, para pertencer a uma Primavida.

Ela é sul-asiática, tem a pele marrom-clara e o cabelo castanho, cheio e curto. É alguns centímetros mais baixa do que eu, e tem o porte de uma atleta: ombros largos, braços musculosos e uma beleza impressionante. As maçãs do rosto são altas, e os cílios longos emolduram seus olhos escuros. Ela parece uma mistura de modelo e fuzileira, vestindo um coturno preto, calças cargo justas e uma jaqueta estilo bomber com gola de pele. É alguém que poderia te derrotar sem estragar o visual.

— Estão me procurando — diz a garota. — Por quê?

Lark se transforma em um borrão diante de mim num piscar de olhos. Nick se vira, e uma manopla e o cabo de uma lâmina aparecem em sua mão.

O rosto de Nick, assim como o de todos nós, está abatido da viagem pela estrada. A barba loira malfeita cobre suas bochechas e o maxilar, e o cabelo está desgrenhado sob um gorro de lã. Dias na estrada fazem isso com uma pessoa.

— Pode baixar a guarda — ordena Nick a Lark. — É ela.

— Davis? — pergunta Lark, com a palma voltada para cima. — Ela é…

— Bom te ver de novo — cumprimenta Nick. Ele semicerra os olhos ao encarar a Morgana, e me surpreendo com o tempo que levo para perceber o que *ele* viu. — Você está ferida.

Ela mantém um dos braços de lado, numa posição estranha. Os dedos estão bem arroxeados.

Ava dá uma fungada.

— Encontrei um grupo de Crias Sombrias recém-chegadas. Peguei as desgraçadas desprevenidas, mas eram grandes o bastante pra causar estrago.

Percebo como ela segura o ombro, tensa. Está tentando parecer durona, mas nitidamente está com dor.

— Quer que eu cuide disso pra você? — pergunto, sem pensar duas vezes.

Ela sorri de forma condescendente.

— Deixa eu adivinhar. Herdeiro de Gawain?

Inclino o queixo, confirmando.

— Ainda não nos conhecemos, mas, sim. Meu nome é William.

— E quem é o cachorrinho Merlin?

Lark abre um sorriso cheio de dentes.

— Que delicadeza a sua. — Ele já observa as sombras do estacionamento, espiando ao redor do carro dela, em direção ao prédio principal. — Trouxe algum amigo mal-educado?

Ava sorri.

— Eu jamais te contaria. Sabemos como nos esconder de tipos como você.

— Há quanto tempo sabe que estou procurando por você? — pergunta Nick, avançando um passo.

Assim que Nick se move, Lark balança a cabeça.

— Atiradores nas árvores — avisa.

Nick para imediatamente.

Ava dá de ombros.

— Estamos seguindo vocês há algumas semanas. Queríamos ver se os Regentes mandaram vocês pra nos caçar.

— Não mandaram — responde Nick. — Pedi uma missão formal pra encontrar você por conta própria. — Ele aponta para mim e para Lark com a cabeça. — Will e Lark estão me acompanhando, só isso.

— E você espera que eu acredite que os Regentes deixariam dois Herdeiros saírem pra uma *caminhada* de três meses?

— Então faz mais do que algumas semanas que você está nos observando — retruca Nick, erguendo uma sobrancelha.

O sorriso dela desaparece, dando lugar a uma expressão séria.

— Me pegou no pulo. Está se achando o espertinho?

— Sou um bom ouvinte — responde Nick.

Ava cruza uma perna sobre a outra.

— Você voltou para aquele lugar onde te encontramos no ano passado, no vale Sapphire. Não achou que a gente estava lá só pra se divertir, achou?

— Presumi que estivessem seguindo a mim, meu pai e Isaac — responde Nick.

— É, como eu disse, não estávamos lá só pra nos divertirmos. — Ela sorri. — Acho fofo você pensar que pode nos procurar quando quiser, Herdeiro. Talvez isso seja novidade pra você, mas a gente não dá a mínima para o seu título e sua patente. Não vamos aparecer correndo só porque você está à nossa procura.

Nick abre os braços.

— E, ainda assim, aqui está você.

Ava semicerra os olhos, mas não responde. Em vez disso, diz:

— Fico surpresa que a Herdeira de Arthur não esteja com você. Vocês pareciam bem próximos.

— Ela está desaparecida — responde Nick, com o rosto impassível. — Mas aposto que você já sabia disso.

— Ouvi os boatos — responde Ava. — Imaginei que fosse isso ou que a Ordem a tinha trancado de novo.

— Dessa vez só eu fui trancado.

— Espero que ela esteja bem, onde quer que esteja, e que continue escondida, pelo bem dela. Seria uma pena matá-la por engano.

Lark bufa.

— Nick, vamos perguntar logo sobre os Merlins. Se essa conversa continuar, posso acabar forjando uma arma *por engano*.

— Está se achando demais pra um cambion Juramentado. Aliás, como anda a situação? Proteger esses dois Herdeiros deve dar trabalho, né? — Ava ergue os dedos na frente da boca, imitando presas. — Ou vai mostrar os *dentinhos* em breve?

Ela ri, e Lark a fulmina com o olhar.

— Davis… — alerta o Melim. — Já deu pra mim.

— Ignore os dois — diz Nick, num tom firme. — Essa missão é minha, não deles. — Ele dá mais um passo para a frente, agora com as duas mãos erguidas. Ava permite que ele se aproxime e não se afasta da porta do carro. — Vamos conversar.

Ava o encara.

— *Conversar?* A gente contratou um goruchel pra assassinar você. Sabia disso, né?

— Sem sucesso. — Os dentes de Nick brilham num sorriso charmoso. — Sou difícil de matar.

— Pelo visto, sim — murmura Ava. — E você sabe que, se sua namoradinha estivesse aqui agora, a gente estaria tentando matar ela de novo também, né?

Nick abaixa as mãos e sorri.

— Bom, pra começo de conversa, ela não é minha namorada. E, em segundo lugar, a Bree é ainda mais difícil de matar do que eu, então acho que vocês teriam uma bela briga pela frente.

— Ha! — exclama Ava, se endireitando, e, para minha frustração, parecendo genuinamente encantada com a provocação de Nick. — Mal posso esperar pela próxima tentativa de assassinato. Dessa vez, que seja bem-sucedida.

Nick inclina a cabeça, fazendo uma mesura.

— Mal posso esperar pra impedir você.

— Tá bom, vou morder a isca. — Ela coloca as mãos na cintura e nos analisa. — O que vocês querem?

— Como eu disse, quero conversar — responde Nick. — Só eu e você. Me leve como prisioneiro, se quiser… A gente faz do seu jeito, como preferir. Posso ir até um

dos seus esconderijos, tenho certeza de que você tem vários. Chame seus colegas Morganas. — Para meu espanto, ele estende as mãos. — Pode até me algemar.

Lark arregala os olhos, como se fossem saltar do rosto.

— Davis! Isso não estava nos planos.

Ava ergue uma sobrancelha, alternando o olhar entre os dois.

— Gosto da ideia de algemar você, mas vou recusar a proposta. Por que está sendo tão… complacente e se sacrificando desse jeito, Davis? Você nasceu pra ser rei, não um coitado.

Os olhos de Nick brilham.

— Eu poderia me fazer de difícil, mas achei que seria mais eficiente assim. Coitado ou rei, a escolha é sua.

— Ah, você é *engraçado*. — Ela abre um sorrisinho. — Mas eu não confio em você. Não confiava antes e não confio agora.

— Ouço isso com frequência.

— E sobre o que você quer conversar?

— Isso é assunto meu, mas pode ser seu também. — Nick olha para Lark e depois volta a encará-la. — Mas não é assunto deles. — Ele observa as árvores. — E também não é assunto dos seus soldados.

Ava cruza os braços.

— Estou intrigada. Mas ainda não confio em você.

— O sentimento é recíproco — ele sorri —, e não fico ofendido com isso.

Ela faz um gesto rápido com o pulso, e as árvores acima de nós estremecem, antes de se aquietarem. Os Morganas recuam.

— Vamos nos falando. — E, com isso, Ava começa a se desintegrar na escuridão. — Provavelmente.

— Diga o seu preço — diz Nick, indo atrás dela. — Se quiser dinheiro…

— Não, riquinho, eu não quero o seu *dinheiro* — responde Ava, com uma expressão de nojo.

Então, como se a ideia tivesse surgido em sua mente, ela começa a sorrir devagar. Estuda Nick de um jeito que me deixa desconfortável, mesmo não sendo eu o alvo de seu olhar. Ela observa seu cabelo loiro, mais comprido do que o normal, a barba rala nas bochechas e no maxilar, os ombros largos e a altura. Nick se remexe sob o olhar dela, tão incerto quanto eu sobre o que está se passando por trás daquele olhar penetrante.

— Mas *você é* riquinho, não é? — murmura Ava.

— Do que você está falando? — Lark se intromete. — O que é que…

— Minha família tem dinheiro, sim — diz Nick, inclinando a cabeça. — Quanto você quer?

— Quanto você tem?

A sobrancelha de Nick se ergue.

— Muito. Acrescente ainda mais. E mais ainda. E multiplique por cinco.

Ela abre um sorriso largo e genuíno.

— *Gostei* da resposta.

Nick a observa, curioso.

— Você nunca me pareceu o tipo de pessoa que liga pra dinheiro.

— E não ligo — responde Ava. — Mas conheço quem ligue. Gente com coisas que eu quero.

— E, mesmo assim — murmura Nick —, você não está me olhando como se eu fosse um banco.

— Não, não estou — retruca Ava, com o sorriso se alargando. — Mas estou te olhando de um jeito bem diferente do que alguns minutos atrás.

— Ah, para com isso — provoca Nick, arrastando a voz cheia de sarcasmo. — Assim eu fico sem graça.

— Você *é* riquinho mesmo — repete Ava —, mas o mais importante é que você tem cara.

— Tenho cara de quê, exatamente?

Ava descruza os braços.

— Você diz que quer conversar comigo, mas isso é só um código pra dizer que vai me *pedir* alguma coisa. Algo que você não quer dizer na frente dos seus coleguinhas da Ordem — ela gesticula na nossa direção —, o que significa que está atrás de uma informação importante, secreta e, aposto, valiosa. Uma informação que você parece ter certeza absoluta de que eu posso oferecer.

Nick assente.

— Tenho cem por cento de certeza de que você pode.

— Minhas informações não são gratuitas.

— Já falamos sobre isso.

— Eu vou te dar o que você quer, Nick Davis.

— Mas?

— Mas você vai ter que fazer uma coisa pra *mim* antes. Uma coisa em que você é bom: parecer e agir como um cara muito, *muito* rico. — Mas Ava já está se afastando de novo, sumindo nas sombras sob as árvores. — Eu te encontro quando chegar a hora. Até mais.

— Espera! — Nick se lança na direção dela.

Antes que eu perceba, estou correndo também, forjando uma adaga. Lark já está à minha frente, mas os dois param imediatamente quando os punhos de Ava explodem em magia azul-prateada.

O rosto dela está distorcido pela raiva sob a luz do próprio aether.

— *Eu sabia…*

— Não, espera! — Nick ergue as mãos, abertas e vazias. — Estou desarmado!

— Nenhum Lendário Desperto, nenhum maldito Herdeiro *de Lancelot* está "desarmado", Davis, *nunca*! — sibila Ava. — Você acha que sou idiota?

— Espera — repete Nick. — Só… só espera. — Ele olha para nós e, depois, para ela. — Por favor.

Ela para ao ouvi-lo implorar. Todos nós paramos.

Nick passa a língua pelo lábio inferior.

— Me dê cinco minutos pra falar com os meus companheiros. Depois… eu agradeceria se me levasse com você pra fazer esse favor agora, e não depois.

Ava parece intrigada. Ela assente uma vez, mas não desfaz o aether.

Nick recua devagar, mantendo as mãos visíveis, e se afasta, sem se virar totalmente de costas para ela. Com um breve aceno de cabeça, se volta para nós e nos chama com um gesto.

Nós nos aproximamos com cautela, sem perder Ava de vista.

— Nick — sussurro, tenso —, o que você está fazendo? Você vai…? — Engulo em seco, sem saber ao certo se Ava está ouvindo, e tento me fazer entender com o olhar. *Você vai mesmo com ela pra matá-la?* Em voz alta, digo: — Fazer um favor para os Morganas não estava nos planos.

— Nada disso fazia parte do plano, William — responde Nick. — Nenhum de vocês dois deveria estar aqui.

— Nick, você não pode fazer isso sozinho.

— Esse é o problema: eu *tenho* que fazer isso sozinho. Não posso te dizer o porquê, e não me peça pra explicar… porque eu vou ter que mentir. — Nick sorri, balançando a cabeça. — De novo.

Lark ainda observa Ava, mas seus olhos encontram os meus com um olhar que diz *eu avisei*.

Quando eu finalmente me dou conta do que está acontecendo, sinto um embrulho no estômago, uma dor tão aguda que me deixa sem fôlego.

— Você não confia em mim? — pergunto.

Nick me encara, e vejo o afeto em seu olhar.

— Outras pessoas precisam de você, Will. Pessoas da Ordem que estão apenas fazendo o que aprenderam, ainda seguindo a missão. Uma missão na qual você ainda acredita. Não é certo deixar que o Herdeiro de Gawain abandone o posto… Isso já deveria bastar para provar o quanto os Regentes estão corrompidos.

— Nick…

— Você precisa ir, William. — Nick coloca a mão no meu ombro. — Você e o Lark.

O choque quase me faz perder o equilíbrio.

— Não, a missão…

— Diga a eles que eu ataquei vocês — responde Nick. — Que escolhi abandonar a missão.

— Qual *é* a sua missão, Nick? — questiono. — A verdadeira?

Nick aperta meu ombro mais uma vez e solta.

— Algo maior que o Graal. — Ele olha para Lark. — Você pode levá-lo pra casa em segurança?

— Não, eu não vou a lugar… — começo.

Para a minha surpresa, Lark põe a mão no meu braço.

— Pode deixar.

Meu coração dispara, e o pânico começa a tomar conta de mim. Percebo que estou em desvantagem, que Lark vai me levar assim que Nick for embora e que não vou conseguir impedi-lo. Olho para o céu… já é quase meio-dia. Preciso ganhar tempo.

— Nick, você é meu amigo.

— E você também é meu amigo — responde Nick. Ele olha para cima, a expressão tranquila, quase bem-humorada. — Larkin, está mais perto do meio-dia do que eu gostaria. Se não tirá-lo daqui agora, ele vai nos espancar. Com amor, é claro, e vamos ter que repetir essa briga de novo depois.

Lark olha para Nick, e então para mim e Ava, que está escutando tudo atentamente. Depois, volta a me encarar.

— Isso é uma ordem, Herdeiro Davis?

O sorriso de Nick é tenso. Triste.

— Sim. Leve o William, por favor.

Lark me levanta, me joga no ombro e atravessa o estacionamento antes que eu possa convocar o aether para detê-lo. Eu grito, soco as costas dele e agarro sua camisa, até que ele me larga sem cerimônia… a uns sessenta metros de distância de Nick e Ava.

— Lark!

Lark balança a cabeça, ainda me segurando.

— Will, a gente tem que deixar ele ir…

— Não, não tem!

Eu me debato, mas ele é forte demais. Nick e Ava parecem travar uma conversa tensa e apressada. Ela ainda parece relutante, mas ele balança a cabeça, refutando o que quer que a Morgana esteja dizendo.

Convoco o aether para a palma livre, e Lark aperta meu cotovelo.

— Will… — diz ele, os olhos fixos na minha manopla e na adaga recém-formada. — Will… não faz isso.

— Me solta — rosno.

— William. — Lark olha para cima. — Por favor.

Sinto os olhos queimarem. O mundo começa a ficar verde.

— Larkin, eu estou *avisando*…

Lark se aproxima, sussurrando:

— Querido… lindo.

Minha respiração falha, trêmula no peito. Ele nunca me chamou assim antes.

Lark encosta a testa levemente na minha, desliza a mão até meu pulso e fala em voz baixa:

— Você não quer me machucar, e eu também não quero te machucar. A gente tem que ir…

— Não, a gente não…

— Deus, como você é teimoso — ele ri baixinho —, mas eu também sou.

E justo quando começo a me perguntar se ele está certo, se devo deixar Nick ir, deixar meu amigo e paciente partir… o mundo explode ao nosso redor.



William

O CARRO AO NOSSO lado explode numa rajada de calor e luz azul-prateada, nos arremessando para trás. Lark e eu caímos ao mesmo tempo, mas ele se recupera primeiro, me erguendo enquanto um raio de aether passa zunindo por nós dois.

Nós nos viramos e vemos dois Guardas invadindo o estacionamento pelo lado oposto da floresta, lutando contra dois Morganas. Nosso carro ainda está inteiro… por enquanto.

— Merda! — pragueja Lark.

Nosso olhar se volta para Nick e Ava, que parecem tão surpresos quanto nós com a aparição da Guarda dos Magos.

— Vai! — grita Lark, acenando para Nick. — A Cestra deve ter mandado eles! Corre, agora!

Os olhos de Ava perpassam por toda a cena, dos dois Morganas ao lado dela para os Guardas em trajes táticos, de mim e Lark do outro lado do estacionamento para Nick, que agora grita para que fujamos.

Mas quando Ava dispara floresta adentro, Nick hesita.

Eu imagino o que ele deve estar pensando agora. Há não muito tempo, ele fugiu de Bree e Sel. Percebo em seu maxilar tenso, no brilho da armadura surgindo em volta de seu corpo. Conheço esse Nick… e *esse* Nick arriscaria a própria missão, seja lá qual for, para salvar os amigos. Para nos salvar. E sei, naquele exato momento, que não posso deixar que ele faça isso.

Preciso confiar nele.

— Nick! — grito, por cima da confusão entre Guardas e Morganas. — Vai!

Nick congela no meio de um passo, o choque estampado no rosto.

— Vai! — repito, acenando. — A gente dá cobertura!

Nick abre a boca para argumentar bem no momento em que o sol está acima de nossas cabeças.

Olhamos para cima e, mesmo sem dizer uma palavra, nos entendemos. Quando nossos olhos se encontram de novo, Nick assente, inclina o queixo em agradecimento e desaparece entre as árvores num lampejo de aether.

Levanto o rosto para o céu e deixo a energia fresca e familiar de Gawain me tocar. Como sempre acontece, onde quer que minha herança me alcance, o que sobra é apenas calma e clareza.

O mundo fica verde-pálido diante dos meus olhos.

Lark observa, esperando.

— Pronto?

Abro os dedos e depois fecho o punho com força, sentindo o vigor familiar voltando. Quando abro as mãos novamente, as adagas gêmeas de Gawain surgem em minhas palmas.

Assinto para Lark e dou um passo à frente.

— Vamos.

O poder de Gawain me transforma em curandeiro, mas há momentos em que curar não é o bastante. Para mim, esses momentos são o meio-dia e a meia-noite.

Nosso primeiro objetivo é neutralizar os Guardas. Não porque queremos que os Morganas vençam, mas porque queremos que Nick tenha uma chance.

Assim que os Morganas percebem que estamos atacando os nossos, recuam da luta e desaparecem na mata em silêncio — sem dúvida para evitar o risco de a maré se voltar contra eles.

Sozinhos com os dois Guardas, derrubamos o primeiro com facilidade e descobrimos que conhecemos o segundo.

— Thompson — rosna Lark, com as mãos ainda envoltas em aether. — Eu deveria saber que Cestra mandaria você.

Thompson, o Guarda que Nick derrotou em sua curia, nos encara do chão, onde está caído. Ao lado dele está o outro Guarda, bem jovem, desacordado e estirado no cascalho.

— Vai deixar os Morganas fugirem assim, Douglas?

— A missão do Nick é caçar Ava — respondo. — Não Morganas aleatórias. Pode me explicar por que atacou os companheiros dela justo quando ele estava avançando na missão? Estava tentando sabotar tudo?

Thompson me observa com cautela. O poder verde de Gawain é suficiente para deixar até um Guarda experiente apreensivo. Neste momento, sou infinitamente mais forte do que ele, e Thompson sabe disso. Mesmo que conseguisse quebrar as algemas forjadas por Lark em seus pulsos, ainda teria que passar por mim para escapar.

— Responda à pergunta do Herdeiro, Thompson — diz Lark, ríspido. — Estamos em campo, e, em campo, os Lendários têm mais autoridade do que a gente.

— A Guarda dos Magos não é Juramentada pra proteger os Lendários — rebate Thompson.

— Não quer dizer que você não tenha que responder às perguntas dele — retruca Lark com um sorriso.

Thompson balança a cabeça.

— Só presto contas aos Regentes. Estou aqui a serviço dos Regentes, não dos Lendários.

— Então os Regentes mandaram você pra sabotar o Nick? — pergunto.

— Davis se acha tão esperto — responde Thompson com desdém. — Mas os Regentes estão sempre dois passos à frente. Ninguém acredita que ele vai realmente cumprir a missão, por isso me enviaram.

— Mas você não atacou quando encontramos Ava pela primeira vez — provoca Lark, observando a destruição ao redor do estacionamento. — Esperou até os subordinados dela se afastarem do grupo. — Ele faz um gesto com o queixo na direção da mata, de onde eles tinham vindo. — Por quê?

Thompson dá um sorriso torto.

— Nenhum motivo.

Lark se agacha na frente dele.

— Acho que tem um motivo, sim. E acho que eu e o Will vamos…

— Não, não vamos — murmuro, girando a adaga para pegá-la com a lâmina voltada pra baixo.

Avanço antes que Thompson consiga se levantar e acerto a têmpora dele com um golpe curto e preciso.

Ele cai de cara no asfalto.

Lark fica boquiaberto.

— O que você acabou de fazer?

— Não ensinam o golpe da têmpora na academia? — murmuro.

Lark me encara.

— Claro que ensinam!

— Foi um golpe preciso — digo, me ajoelhando ao lado do quadril de Thompson —, com força suficiente pra fazê-lo apagar, mas sem causar sérios danos.

Lark olha para o colega caído.

— Eu estava interrogando o cretino.

Balanço a cabeça.

— Não, não estava. Ele estava de palhaçada. Provavelmente ganhando tempo até chegarem reforços ou até o poder de Gawain se dissipar. Ele não ia dizer mais do que já disse.

— Então você só… o apagou porque se cansou de ouvir a voz do cara?

— Não. Mas isso foi um bônus. — Empurro Thompson de lado e começo a puxar seu casaco preto. — Me ajuda a tirar a jaqueta dele.

Lark se ajoelha, mas obedece.

— Não tenho a mínima ideia do que você está fazendo agora, e menos ainda do porquê.

— E, ainda assim, está seguindo minhas instruções — digo, com ironia.

— Estou questionando todas as escolhas que já fiz até agora, isso, sim — murmura ele. — Aqui, vira ele, pega essa manga, depois a outra.

Rapidamente tiramos a jaqueta do Merlin. Lark se senta sobre os calcanhares enquanto reviro os bolsos.

— Achei — digo, tateando o bolso interno esquerdo, no lado do peito.

Depois de alguns segundos, puxo um estojo com zíper, do tamanho da minha mão.

— O que é isso? — pergunta Lark.

— Vamos ver.

Abro o zíper e estendo as duas abas no chão, entre nós. Reconheço o conteúdo no mesmo instante: duas seringas tampadas, bem encaixadas em compartimentos moldados.

— Seringas?

Assinto.

— Não apenas seringas, mas seringas feitas pra transporte.

Lark se aproxima para examinar.

— Estão vazias.

— Não são pra injetar nada *em* ninguém, são pra extrair amostras. — Olho ao redor do estacionamento. — Onde quer que os Guardas tenham estacionado, deve haver frascos rotulados e um refrigerador no carro pra transporte seguro e prolongado.

Lark pega uma das seringas com cuidado, evitando a ponta com tampa.

— Tem rótulo.

Pego a outra… e sinto um calafrio.

— "Morgana A1, Enfeitiçada."

— A minha diz "Morgana A2, Sem feitiço".

— Amostra um, amostra dois. Devem ter sido rotuladas pra evitar contaminação cruzada — murmuro.

Nós nos encaramos.

— Thompson não estava nos seguindo pra encontrar Ava. Estava nos seguindo pra encontrar um Morgana… qualquer Morgana, talvez. Ou dois.

— Mas o que significa estar "Enfeitiçada" ou "Sem feitiço"?

Franzo a testa, pensando.

— Não faço ideia. Parece uma condição, tipo as possessões da Bree. Ou talvez… talvez como caminhar pelo sangue?

Lark devolve a seringa para o estojo.

— Mas a Bree não controla as possessões. Não dá pra esperar pegá-la num estado ou outro de propósito.

— Não — digo, processando. — Se os Regentes mandaram Thompson e o outro Guarda a campo pra coletar essas amostras específicas, eles deviam achar que encontrariam um Morgana ou dois nesses estados mágicos. Não por acaso, mas de um

jeito planejado. E esses rótulos indicam confiança e conhecimento das habilidades dos Morganas.

Coloco a seringa de volta no lugar e pego o estojo, fechando o zíper antes de enfiá-lo no bolso.

— Precisamos voltar pra estrada.

Já estou indo na direção do carro. Ao meu lado, Lark puxa as chaves do bolso.

— Vai confrontar os Regentes? — pergunta ele. — A gente nem sabe onde eles estão agora, Will. Eles não param num lugar só e é bem raro que viajem juntos. Podem estar na Fortaleza, no Instituto, em Pembray, ou em algum canto do Norte ou do Oeste. Podem ter voltado pra Cardiff, vai saber.

— Joga a chave — ordeno, já me acomodando no lado do motorista. Lark joga as chaves por cima do teto do SUV, na minha direção. — Eu sei pra onde a gente precisa ir.

Ligo o motor e saio da vaga assim que entramos no carro, a mente a mil.

— Pra onde? — pergunta Lark.

Hesito por um instante, com as duas mãos no volante, e faço que sim com a cabeça. As circunstâncias mudaram e, ao que parece, eu também, porque já estou me preparando para voltar a um lugar onde jurei nunca mais pisar.

— Para o Instituto. Precisamos voltar ao Instituto.



QUATRO MESES E UMA SEMANA

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Bree

– ELIJAH ACHA que vamos conseguir — declaro, falando por nós duas.

— Não é verdade. — Zoe desliza o dedo pela tela do celular no banco de trás do SUV preto, conduzido por um motorista humano. — Elijah acha que ninguém consegue fazer *nada* direito sem ele.

Nosso motorista está tão ocupado balançando a cabeça ao ritmo da música que não presta atenção em nós, mas mesmo assim mantenho a voz baixa.

— Não sei por que ele está tão preocupado — resmungo. — A gente vai ficar bem.

Zoe me olha com cautela.

— A gente vai ficar de *algum jeito*, Bree. Mas não sei se vai ser "bem".

Chegamos à mansão de estilo Belle Époque de Mikael, a Propriedade Penumbra, no começo da noite. Quando nosso carro entra na fila de veículos para acessar a casa, já vi o suficiente dos outros convidados na entrada da mansão para ficar grata por Zoe ter me ajudado a me arrumar no banheiro da casa de Erebus.

O visual glamoroso que ela preparou vai nos ajudar a nos misturar com os convidados mais jovens, vestindo roupas formais, descendo de limusines e carros elétricos pretos de luxo. O restante dos presentes parece ter entre trinta e quarenta anos, e muitos são bem

mais velhos. São pessoas ricas de verdade, que de fato possuem empresas e corporações, diferente de nós.

— "Pessoas estão vindo de todo o país" — diz Zoe, citando as mensagens de Elijah. — "Causem uma boa impressão. Entrem e saiam rápido. Não sejam pegas. É sério, Z." — Ela revira os olhos. — Ele é *tão* insuportável.

— Tá com o convite?

— Você é quase tão chata quanto ele. Já me perguntou isso três vezes — murmura Zoe.

Ela remexe na bolsa e me entrega um envelope de papel preto espesso, selado com uma flor-de-lis decorativa gravada em cera verde brilhante. Abro o envelope e puxo o cartão de convite, também espesso, só para dar mais uma olhada nos nomes que usaremos essa noite.

Hoje, sou Vivienne Keaton, e Zoe é Tamar Keaton. Em teoria, somos herdeiras que moram em algum lugar de Nova York, e a equipe de Daeza se certificou de nos incluir na lista de convidados de Mikael. Devolvo o convite para Zoe, que o guarda com cuidado na pequena bolsa de viagem, junto com suas roupas, um par de sapatos e seus remédios.

Nós duas protestamos quando Erebus insistiu que levássemos mais do que uma bolsa de festa bonitinha para o evento, mas ele foi irredutível. Quando Zoe perguntou o motivo, ele apenas murmurou:

— As regras podem mudar.

Estou levando uma saia, uma calça, um vestidinho preto casual e um par de saltos baixos. Ao revirar tudo novamente, nervosa, quase não reconheço minha mão. Pintei minhas unhas com um esmalte vinho de Zoe para combinar com meu vestido.

Pego o espelhinho de mão que coloquei na bolsa e checo meu visual. Zoe fez o olho esfumado mais dramático que já vi fora de revistas ou das redes sociais. Minha boca está pintada de um vermelho intenso, e minhas bochechas por um blush que nem me lembro de ver Zoe aplicando. Minhas sobrancelhas estão penteadas e arqueadas.

— Parece que estou pronta pra um tapete vermelho — murmuro, ainda em choque.

Ela ri.

— Essa é a intenção. — Em seguida, ela se inclina e sussurra no meu ouvido: — Escuta, garota, normalmente você parece uma caloura universitária em um dia bom. Mas, hoje, precisa parecer *experiente*. Meio má, tão rica que chega a ser ridículo, como se ninguém, *ninguém*, pudesse mexer com você.

Sorrio lentamente.

— Ah, essa é boa.

— Exato. — Ela dá um tapinha no meu ombro e se recosta. — Agora, repita isso umas vinte vezes nos próximos cinco minutos até conseguir transparecer essa imagem, por favor. Você mente bem. Não pare agora.

— Aqui está bom?

O motorista diminui a velocidade, estacionando atrás de três outros carros com convidados.

— Sim, está ótimo — confirma Zoe.

Ela tira de dentro da bolsa uma máscara de baile fina e me entrega, depois pega a dela também.

Os leilões de gala do Mikael não são exatamente… legais. Políticos, celebridades e figuras públicas costumam frequentá-los e teriam a reputação arruinada se fossem vistos participando de algo tão duvidoso. Por isso, é obrigatório que todos os convidados usem máscaras de baile ao entrarem no prédio.

As nossas são de renda preta, filigranadas, delicadas, mas justas. Cobrem o nariz, as sobrancelhas e o topo das maçãs do rosto, deixando os olhos, bochechas e bocas à mostra. A renda da minha máscara se eleva em uma crista pontuda em forma de chama bem no centro da testa, enquanto a de Zoe se abre pelas laterais, se enrolando nas têmporas. Ao terminar de prender a máscara, ela resmunga, irritada porque a tira escondida desarruma as duas mechas de cabelo que enrolou com tanto cuidado.

Quando olho novamente no espelho de mão, uma lembrança me vem à mente: eu checando minha aparência num banheiro sujo de bar. A garota com raiz avermelhada, da cor do pôr do sol. Um lembrete de que estamos aqui para interpretar um papel, para devolver a coroa ao Rei. Não porque ele merece, nem porque foi roubada dele, mas porque, com a coroa de volta, ele vai parar de caçar. E talvez, quem sabe, a gente consiga salvar a garota desaparecida que tentou me socorrer.

Zoe sai primeiro, alisando o vestido e ajeitando a bolsa. O vestido dourado se ajusta perfeitamente a ela — longo, justo, abrindo na altura dos quadris esguios e das pernas torneadas, com uma fenda lateral revelando um bom pedaço da coxa. Ela parece uma modelo.

Quando paro na calçada, passo as mãos pelo veludo vinho e pelos detalhes de renda e pedraria do meu vestido. O decote em V é bastante profundo, e as alças deixam minhas costas parcialmente à mostra, sob o penteado preso com cachos soltos. Assim como o de Zoe, meu vestido tem uma fenda alta de um lado, revelando toda a extensão da minha perna direita. A peça me faz sentir poderosa… mas a adaga presa à minha coxa esquerda, escondida sob o tecido pesado, também.

Zoe estende a mão, e eu a aceito, grata pelo apoio enquanto caminho nos meus saltos novos. Juntas, avançamos pela calçada, nos juntando às risadas e à multidão de pessoas ricas a caminho de uma festa na mansão de um demônio.

Ninguém pode mexer comigo.

A mansão de Mikael é deslumbrante e imponente. O edifício de pedra se estende lateralmente, possui quatro andares e termina em torres pontiagudas. Enquanto esperamos na fila para entrar, consigo vislumbrar partes do interior através das grandes janelas sobre as portas duplas de entrada. Um lustre de três andares pende do teto do colossal saguão de dois andares, projetando um brilho cintilante sobre as paredes escuras com molduras douradas no teto e painéis de madeira nas laterais.

A propriedade parece saída de uma fantasia gótica europeia. É extraordinária, ostensiva, simbolizando não apenas riqueza, mas poder. Poder sobre as pessoas, sobre a

imaginação, sobre a própria ideia do que "progresso" deveria ser.

Nada nessa construção passa a ideia de um lar acolhedor. Tudo, em vez disso, é uma declaração. Um desafio. Um convite ousado para quem quiser confrontar os ideais do proprietário ou, para alguns, um chamado para se juntar ao seu círculo íntimo.

Não é de espantar que Mikael e seus empreendimentos irritem Erebus. O Rei das Sombras é a personificação do poder, ele não sente a necessidade de se exibir, enquanto Mikael, uma de suas Sombras, brinca com as ambições humanas, vivendo de forma extravagante e acumulando riquezas que ninguém conseguiria alcançar.

À medida que a fila avança lentamente, observo os outros convidados do leilão e percebo que não sinto os olhares de nenhum cambion ou demônio sobre mim.

No fim das contas, os goruchels se alinham ao poder, explicou Elijah, dando de ombros durante nossa preparação na sala de estar de Erebus na noite anterior. *Mas Mikael é diferente, mesmo para uma Sombra. Ele não é conhecido por manter outros demônios por perto. Na verdade, nem goruchels ficam no mesmo local que ele. Mikael não confia neles o bastante, tem receio de que se voltem contra ele quando estiverem insatisfeitos, como Regazel fez com Daeza.*

As únicas criaturas mágicas na equipe de Mikael são bruxos: humanos que ofereceram sua servidão ao negociador em troca de habilidades demoníacas mais duradouras e substanciais. Poderes dos quais não precisariam abrir mão tão cedo.

— Nossa vez — murmura Zoe entre dentes, sorrindo.

Hoje à noite, ela está com o rosto mais humano possível. Mesmo que um bruxo não consiga detectar um cambion equilibrado comportado, é melhor não correr riscos. Apenas olhos castanhos, sem supervelocidade, agilidade ou força acima do normal. Apenas uma jovem humana comum com sua irmã humana comum, brincando de gente rica por uma noite num leilão.

Dou um passo à frente para encarar os dois brutamontes na porta, ambos de smoking, largos e altos demais para serem apenas humanos. São, com certeza, bruxos. Seus rostos estão à mostra. Nenhuma máscara à vista. Imagino que os funcionários de Mikael estejam protegidos pela Sombra, caso suas identidades sejam reveladas, mas os convidados do baile não têm essa garantia.

— Convite? — pergunta o bruxo de pele clara e sardas à direita, estendendo a mão enquanto seus olhos varrem o rosto de Zoe e descem pelo vestido até a perna exposta.

Eca, penso.

— Aqui — diz Zoe, tirando o envelope da bolsa e entregando-o para os dois.

O homem examina o papel espesso com olhos que brilham em verde.

A voz de Elijah ecoa na minha cabeça: *O convite de Mikael é selado com cera infundida com aether, gravada com um símbolo específico do evento. Como uma senha temporária, o brilho do aether desaparece e o símbolo expira, para que o convite não possa ser reutilizado no evento do ano seguinte. Mikael pode até preferir conviver com humanos, mas só um demônio maior seria capaz de aplicar esse tipo de selo, e, mesmo assim, teria que conhecer o desenho deste ano. Ou ele confia em alguns dos outros demônios, como Daeza, para mandar convidados humanos até ele… ou os espiões de Daeza são tão bons quanto ela diz. O que importa é que as identidades que ela te passou são bem*

menos relevantes que o selo. O selo é o verdadeiro ingresso, e alguém com a Visão vai ter que verificá-lo antes de deixar vocês entrarem.

Os seguranças não têm ideia da aparência dos convidados e, mesmo que tivessem, todos estão de máscara. Eles nem se dão ao trabalho de conferir os nomes numa lista. O nome não importa — o que vale é o selo. E os convidados humanos de Mikael nunca vão desconfiar de nada.

O homem o avalia e, após alguns segundos, aprova o selo e devolve o convite para Zoe, os olhos já se voltando para o próximo convidado enquanto fala:

— Mantenham o convite com vocês o tempo todo. E não se separem.

— Sem problema — responde Zoe, totalmente à vontade no papel de socialite rica. Ela se coloca na ponta dos pés, espiando por trás do segurança. — Isso é um Mugler? — pergunta, tentando enxergar além do bíceps do homem.

— Um o quê? — retruca ele.

Ela dá um sorrisinho travesso.

— Estilista, querido.

Ele resmunga e nos dá passagem com um gesto.

— Bem-vindas ao Leilão dos Colecionadores.

Zoe entrelaça o braço no meu quando cruzamos o limiar, estremecendo contra mim num gesto que parece entusiasmo, mas é, na verdade, uma reação à ondulação de um feitiço de barreira que percorre nossas costas.

— Puta merda — murmura, quase sem mover os lábios. — Isso foi horrível.

— Aham.

Mantemos os olhos à frente, observando as paredes do saguão colossal. Mikael aprecia as finas artes; as paredes vinho estão cobertas de quadros em molduras douradas. Elijah apostou que haveria uma barreira. Minha voz é um sussurro leve, quase sem ar, apenas Zoe escuta.

— Seja lá o que essa barreira esteja detectando, não nos parou.

Paro ao lado de uma pintura. O braço dela, pressionado contra o meu, está todo arrepiado.

— Você está bem? — pergunto.

— Sim, claro. — Ela faz que sim. — Eu não fico nervosa.

— Aham. Claro.

Disfarço um sorriso e levanto o olhar.

A pintura acima de nós retrata uma mulher pálida sendo seduzida até um quarto por uma criatura de olhos vermelhos e chifres.

Ao me virar, vejo meu reflexo num espelho sobre uma mesa de mármore rajada de cinza e mal reconheço a pessoa que me encara de volta. Ela parece mais velha, letal, forte, e com um ar de que talvez seja um monstro também. Sorrio para ela, depois me viro de volta para Zoe e quase pergunto se devemos seguir para o salão com os outros convidados.

Uma onda de calor vindo da entrada nos atinge onde estamos, enquanto os humanos ao redor continuam conversando e rindo.

— Ei! Pare!

Vejo um homem ser agarrado com força por um dos seguranças por ter ativado a barreira.

Zoe e eu observamos enquanto o brilho iridescente da barreira pulsa e dança na entrada como um lago sob a chuva.

O homem que grita atrai a atenção de vários convidados, mas antes que alguém consiga fazer algo além de sussurrar, com os olhos arregalados, uma mulher de pele muito clara e cabelos dourados, da mesma cor do vestido de Zoe, atravessa o chão de azulejos com passos rápidos, dispersando a multidão na porta com um único olhar.

— Entrem, por favor — ordena a mulher.

O guarda que nos recebeu conduz o homem, ainda se debatendo, para dentro do saguão. A mulher faz sinal para que a sigam, passando pelos convidados e entrando num corredor estreito ao lado, até que a voz do homem fique fora do alcance dos ouvidos.

Dos ouvidos humanos, pelo menos.

Olho para Zoe, que estreita os olhos, prestando atenção. Depois de um instante, ela começa a murmurar só para mim:

— O cara está dizendo que conhece Mikael. Que são velhos amigos. — Ela inclina a cabeça novamente quando as vozes aumentam. — A mulher está dizendo que ele pode resolver isso com o próprio Mikael? — Ela dá de ombros.

— Deve ser a tal da Bianca — murmuro.

— Sim.

Bianca é humana e braço direito de Mikael, além de chefe da equipe de segurança de bruxos. Como também é uma bruxa, Bianca recebeu influência e autoridade de Mikael em troca do papel que desempenha em seu império. Ninguém parece saber ao certo quais poderes ela possui. Nem mesmo Elijah soube dizer.

— Vamos — digo. — Quando Bianca voltar, vai notar quem ainda estiver por aqui.

Zoe assente, então subimos a grande escadaria até o salão de festas no segundo andar. O evento de hoje é tanto um baile quanto um leilão, com lances sendo oferecidos ao longo da noite, entre conversas, jantar e drinques. Dezenas de mesas redondas cobertas com toalhas brancas ocupam a maior parte do salão. Estão dispostas em semicírculo ao redor de uma faixa de piso de madeira polida, que forma uma espécie de palco, com um púlpito elevado bem no centro. Mesas maiores, com toalhas pretas e velas dentro de cúpulas de vidro, iluminam os cantos vazios da sala, que permanecem sombreados sob o lustre suspenso no alto.

Os participantes do leilão se sentam nas mesas brancas próximas ao palco, enquanto os demais convidados ficam mais ao fundo, assistindo como forma de entretenimento. O ambiente está barulhento, com uma mistura constante de jazz saindo das caixas de som e da movimentação de pessoas conversando, rindo, circulando.

Pegamos uns petiscos oferecidos por funcionários vestidos de preto e verde-esmeralda e procuramos um par de assentos vazios perto da saída.

— Ali — murmura Zoe, apontando para uma mesa redonda num canto, perfeita para a nossa missão. Há quatro lugares vagos, e três casais mais velhos e bem-vestidos estão tão distraídos que mal percebem nossa presença. — Guarda meu lugar enquanto eu me posiciono.

Assinto em silêncio e nos separamos. Ela se dirige à parede do fundo, e eu sigo em direção ao meu objetivo.

A sala está tão barulhenta, e os casais, tão imersos em suas conversas — e aparentemente na segunda rodada de bebidas — que nem sequer levantam os olhos quando me aproximo. Perfeito. Coloco minha bolsa pequena em uma cadeira vazia, guardando o lugar de Zoe, e me sento discretamente na outra.

A mulher ao meu lado conversa com um cavalheiro de smoking. As máscaras deles combinam — cetim preto cobrindo a parte superior do rosto, com aberturas largas para os olhos. Fico imaginando quais seriam os "empregos normais" deles, se é que têm algum, ou se comprar e vender artefatos raros é só um passatempo caríssimo.

Quando o cavalheiro se levanta para ir ao bar, a mulher finalmente parece notar minha presença. Seus brincos longos, com rubis em forma de lágrima, captam a luz quando ela se vira e sorri calorosamente por trás da máscara.

— Você é uma nova Colecionadora? — pergunta ela em voz baixa.

— Sou — retribuo o sorriso. Relaxada, sem parecer ansiosa demais. — É meu primeiro Baile de Gala.

— Bem-vinda. — Ela se inclina, pressionando dedos finos sobre a toalha preta entre nós. — Já ouviu falar do *grand finale*?

— H-hã? — gaguejo.

— O *grand finale* — repete ela, erguendo a mão no ar para enfatizar suas palavras. — Dizem que Mikael tem algo único de verdade. Uma peça sem igual neste mundo — ela se inclina para mais perto — e no outro também.

É exatamente como Elijah disse: *Dizem por aí que os seguidores de Mikael acreditam no sobrenatural, mas não conhecem os detalhes reais. Pensam que ele é só um humano que, por acaso, tem acesso a objetos mágicos. Isso os deixa famintos por saber mais, por ter mais. E ainda aumenta os lances nos leilões.*

Ainda assim, ao observar a mulher e seu acompanhante, não consigo deixar de lembrar o que Erebus me disse no museu: *Homens gananciosos colecionam o que não conseguem compreender.*

Arregalo os olhos sob a máscara.

— Eu não sabia disso, não… — Baixo a voz, suave como a dela. — Você deve fazer parte do círculo interno.

Ela cora sob a máscara.

— Bom, não posso dizer *como* fiquei sabendo, mas digamos que a gente costuma chegar à terceira rodada em leilões como esse. — Ela acena com o convite de papel. —

Mikael conhece a gente pelo nome.

— Ah. — Assinto, mas não compreendo muito bem o que isso significa. *Grand finale*? A coroa do Rei das Sombras se encaixa na descrição que ela deu, mas e se não for esse o item? — Como é minha primeira vez, não estou planejando dar lances. Só vou observar.

A mulher assente, séria.

— Faz bem. É melhor ter a experiência antes de se jogar no fundo do poço. — Ela dá um tapinha na minha mão e volta ao drinque.

Não consigo deixar de imaginar o que ela diria se eu revelasse que o *verdadeiro* motivo para eu não participar dos lances é porque vim aqui com o objetivo roubar um artefato.

As luzes acima piscam duas vezes, sinal de que o leilão vai começar em breve. Encontro Zoe exatamente onde deveria estar, conversando com um garçom perto da saída que parece ser a mais próxima do elevador no andar do salão. Trocamos olhares antes que ela desvie o seu e assinta discretamente, sem fazer contato visual de novo. Esse gesto me diz o que preciso saber: que o elevador está mesmo por perto e deve estar pronto para mim na hora certa. Nesse instante, Bianca, a chefe dos bruxos, entra no salão pelo saguão, acompanhada de outro guarda. Ela sussurra algo no ouvido dele enquanto atravessam a sala. O homem detido pela barreira não está mais à vista.

Procuro Zoe novamente e, mais uma vez, ela assente; também viu os dois. Bianca e o outro bruxo estão se dirigindo ao mesmo elevador, aquele que leva ao subsolo, onde, segundo Elijah, os itens do leilão estão guardados em segurança. Se eles ficarem por lá, nossa missão acaba antes mesmo de começar.

Um garçom para na nossa mesa, oferecendo champanhe em taças de cristal. O corpo dele e a bandeja obstruem momentaneamente minha visão de Zoe e de Bianca, e reprimo um gemido por trás de um sorriso educado.

Recuso a taça que ele me oferece, e, quando ele se vira para a mulher ao meu lado, meu campo de visão se restabelece. Respiro aliviada ao perceber que Bianca e o outro bruxo sumiram, mas não tenho certeza de que o caminho até o elevador está realmente livre. Zoe e o garçom tagarela, por outro lado, ainda estão perto da parede do fundo. Ela ri de uma piada que o garçom faz e cruza os braços. Após uma rápida olhada pelo salão, toca duas vezes com os dedos no cotovelo. *Tudo certo.*

Dez minutos depois, o primeiro objeto é levado ao palco, vindo de trás da cortina. É um sextante brilhante e restaurado do começo dos anos 1800, das Guerras Napoleônicas, supostamente usado pelo próprio Napoleão.

Os lances começam em meio milhão de dólares e sobem rapidamente, e isso é meu sinal para agir. Faço menção de pedir licença na mesa, mas não é necessário. Os outros casais estão ocupados demais acompanhando os lances que surgem por toda a sala.

Antes de sair discretamente do salão, dou uma última olhada por cima do ombro e vejo que Zoe ainda está bancando o papel de garota rica. Ela me encara, observa a sala e me encara de novo. *Vai.* Contorno a esquina e sigo rapidamente até o elevador.

Tudo está em movimento.



NA PRÓXIMA VEZ que encontrar Elijah, vou precisar agradecê-lo por me obrigar a decorar esta ala da propriedade de Mikael. Para a nossa sorte, como se trata de um edifício histórico, foi fácil encontrar a planta interna na internet.

O negócio é o seguinte, disse Elijah, *a casa é tão grande que a área interna é medida em acres em vez de metros quadrados. São quatro andares, com mais de cinquenta quartos de hóspedes, vinte e cinco banheiros, um anfiteatro com cem lugares e o salão de festas de dois andares onde acontecerá o Leilão dos Colecionadores. Atrás da casa, há jardins e um labirinto de sebes, além das montanhas e de um lago. Se tudo der errado, a melhor saída é a porta da frente, mas os bruxos de Mikael certamente estarão esperando por você ali. Então, o meu conselho é que não deixe as coisas irem ladeira abaixo.*

Não pretendo deixar nada ir ladeira abaixo, nem acima, nem em direção alguma. A única coisa que vai descer sou eu.

O som do elevador ainda ressoa nos meus ouvidos quando as portas do porão se abrem. Estou pressionada contra a parede do painel de controle, e, através do meu espelho de mão, consigo vislumbrar o que me espera além das portas abertas: um longo corredor de concreto, coberto por um pesado tapete vermelho e dourado. Poças de luz quente se projetam nas paredes a partir de arandelas de ferro acesas. O teto é alto, perdido nas sombras, e — ali! — vejo câmeras de segurança.

Assim como fiz com as câmeras do elevador, abaixo a mão discretamente, fora do campo de visão, e libero uma espiral de fumaça roxa pelo corredor. Usando o espelho como guia, puxo a raiz dispersa com as pontas dos dedos e dou um leve impulso. Meu poder se move de forma preguiçosa, mas firme, subindo pelas paredes até envolver as lentes das câmeras, exatamente como vi Erebus fazer no Museu Britânico, vários meses atrás.

Sinto orgulho de mim mesma por usar as técnicas do Rei para roubar sua coroa — não para ajudá-lo, mas para derrotá-lo.

Ainda assim, são as palavras de Erebus que ecoam em minha mente agora:

Felizmente, para todos os demônios, o sentido de aether não é uma habilidade que bruxos conseguem adquirir por pacto mágico; ele é instintivo demais para ser compartilhado ou transferido. E quanto a Mikael? Após viver entre humanos por centenas de anos, sua natureza demoníaca original foi alterada. Sua habilidade de detectar os piores impulsos da humanidade ficou muito mais forte, mas ele teve que pagar um preço alto por isso. O aether já não sustenta mais sua forma física. Agora ele precisa se fortalecer quase inteiramente com energia humana. E, como o aether já não o alimenta, seu sentido de aether enfraqueceu. Use seu poder com moderação e de forma discreta, Briana, enquanto estiver fora da vista, e nem os bruxos de Mikael nem o próprio Mikael conseguirão rastrear sua assinatura mágica até você.

Fecho o espelho com um estalo e o escondo dentro do sutiã. Agora que as câmeras estão devidamente encobertas, sei que meu tempo é curto. Dez minutos, no máximo, se alguém estiver monitorando os aparelhos. Com a ceia prestes a começar e um salão repleto de convidados humanos sem poderes lá em cima, além de todos os convites de aether sendo rigorosamente verificados na entrada, espero que não haja motivo para checarem as câmeras mais do que uma vez a cada meia hora.

Só tenho que torcer para estar no início de uma dessas janelas de meia hora, e não no fim.

Sigo caminhando pelo tapete grosso para abafar o som dos meus saltos, entro no corredor e passo rapidamente pelas portas de ambos os lados, até que a passagem termina num T escuro. Paro diante da bifurcação e espreito silenciosamente para a direita.

Entro no curto corredor e vejo um único guarda no celular, parado em frente ao depósito onde estão os demais itens do leilão… e a coroa. Recuo, de volta à sombra da parede. O guarda é, com certeza, outro bruxo; Mikael colocaria alguém ali capaz de proteger artefatos sobrenaturais com meios sobrenaturais, não um humano com força e habilidades comuns.

Considere esta parte da missão um teste, disse Erebus. *Concentre-se no objetivo. Elabore um plano. Dê conta de um oponente mágico desconhecido com rapidez. Seja intocável, imbatível…*

Inatingível.

Derrubá-lo não será difícil. Arrastá-lo para uma das salas vazias por onde passei — e trancar a porta — também é fácil. Consigo remover o ponto eletrônico, o celular e qualquer outro dispositivo que ele possa usar para contatar o restante da equipe de segurança em segundos. Mas tudo isso exige foco e precisão.

Respiro fundo, tentando manter a calma, enquanto deslizo pela parede e me abaixo silenciosamente sobre o tapete. O bruxo não vai esperar ser atacado por baixo da linha de visão. Um disparo de raiz nos joelhos deve bastar.

Não sei qual tipo de habilidade demoníaca ele adquiriu, pode ser algo físico, como força ou tamanho, ou controle sobre o aether. *São muitas possibilidades.* Não posso perder tempo tentando adivinhar cenários que não posso prever.

Respiro fundo.

Um… dois…

Eu me abaixo ainda mais, em posição de ataque, me equilibrando e amaldiçoando meus saltos.

Três.

Eu me lanço pela abertura no chão, deslizando com o vestido, a palma esticada, a raiz se estendendo…

O guarda ergue a cabeça, abrindo a boca para gritar… mas ele se engasga de dor ao ser atingido nos dois joelhos.

Ele desaba, mas, antes que atinja o chão, abro os dedos. A raiz se expande, envolvendo-o em uma esfera iridescente, exatamente como as que já criei para me proteger.

O homem cai contra a lateral da esfera com um baque surdo. Tenta agarrar as laterais, mas escorrega ao tentar subir pela estrutura curva… e grita. Ah, como ele *grita*.

Mas ninguém pode ouvi-lo.

Os punhos dele se agitam. O bruxo golpeia a barreira, mas ela não se rompe. Não pode se romper.

Eu me ergo do chão e vou até ele, com um sorriso de satisfação. Conforme me aproximo, abro as mãos mais uma vez, e os baques ficam cada vez mais abafados, à medida que torno a barreira mais grossa. Ele não consegue me ver, mas consigo distinguir o brilho dos olhos dele. Suas íris estão verdes de fúria, e imagino como eu pareceria aos olhos dele, se ele *pudesse* me ver.

Uma jovem de pele negra, num longo vestido de gala, se aproxima dele com as palmas das mãos abertas. Uma garota com magia roxa intensa fluindo dos dedos, alimentando a estrutura que o envolve. Uma garota que ergue a esfera no ar, levantando-a do chão. Uma garota treinada pela própria Sombra mais profunda, exibindo um sorriso elétrico com os dentes à mostra.

— Esse construto, pra conter e proteger, foi a primeira coisa que aprendi a forjar de verdade — murmuro. O bruxo fica imóvel, me observando com atenção, tentando me ouvir. — Não pode ser quebrado. Não por um humano brincando com poderes das Crias Sombrias. Não por *você*.

O bruxo rosna e grita, depois começa a tossir quando fica sem ar. Seu rosto muda de vermelho para um roxo-escuro.

Ah, merda.

Ando meio correndo, meio arrastando a estrutura com o bruxo dentro, e volto pelo corredor em direção a uma sala vazia antes que ele sufoque. Dentro da esfera, o brilho verde enfraquece e depois se apaga — os olhos dele se viram para trás. Solto um palavrão e desfaço a barreira.

Eu o seguro antes que caia, resmungando com o peso. Sou forte, mas ele é *pesado*. E está suado. E tem uns cem quilos de músculo alimentado por pacto mágico.

Cambaleio com o bruxo até a sala e o empurro para cima de um sofá empoeirado, coberto por tecido. Quando o solto, um ar quente escapa de seus pulmões. Encosto o

ouvido em sua boca e peito. Está respirando. O coração está batendo. Está vivo, mas apagado.

— Ufa — sussurro, o alívio se misturando ao gosto amargo do triunfo.

Isso vai ter que ser suficiente. Pego o ponto eletrônico e o celular do bolso do paletó dele, atravesso o corredor e os enfio em outro depósito coberto de poeira antes de fechar a porta. Depois, volto apressada para a entrada que ele estava guardando.

A porta se abre com um golpe rápido no teclado. Entro o mais silenciosamente que consigo, balançando a mão dolorida.

O ambiente empoeirado está cheio de prateleiras repletas de caixas de papelão seladas. Será que a coroa estava ali, dentro de uma caixa, esperando para ser levada ao palco? Não deveria estar pronta para ser exibida esta noite? É supostamente o item mais valioso, raro e antigo da coleção, mas esses objetos parecem coisas que alguém esqueceria no sótão. *Tem algo errado.*

Onde eu colocaria algo que não posso tocar? Algo que, embora valioso, não pode ser usado para ganho mágico por ninguém, nem demônio, nem humano?

Várias caixas grandes de madeira, seladas, estão dispostas sobre duas longas bancadas metálicas à altura da cintura, no centro do cômodo. Eu poderia abrir essas caixas ou continuar procurando. O tempo está passando.

Então, eu vejo.

Outra porta nos fundos da sala, pintada exatamente da mesma cor da parede ao redor. Fendas finas e quase invisíveis desenham o contorno, deixando-a meio oculta nas sombras.

Corro por entre as prateleiras até alcançar a maçaneta da porta no fundo, puxando-a para baixo e empurrando ao mesmo tempo até que se abra — então, me deparo com outro cômodo, quase idêntico ao anterior, mas muito maior e mais limpo. Ali, joias reluzentes e artefatos dourados estão dispostos individualmente dentro de vitrines de vidro com rodinhas, alinhadas na parede oposta, já etiquetadas para exibição. As outras duas paredes possuem estantes com caixas de veludo preto de vários tamanhos. No centro do piso, entre as estantes, há uma única bancada forrada de veludo, com um par de luvas de curador sobre ela. Ainda não vejo a coroa, mas as vitrines estão dispostas em duas camadas e as prateleiras são altas.

Vou ter que procurar, e rápido.

Dou um passo em direção à primeira vitrine à esquerda, e o cômodo, já pouco iluminado, mergulha em escuridão total.

Lá em cima, escuto gritos esparsos de surpresa, como se as luzes do andar superior também tivessem se apagado. *Por que a energia caiu?*

As luzes de emergência se acendem no teto, tingindo a sala de um vermelho pálido e lançando um brilho sinistro sobre tudo. Como sangue diluído.

Meu coração troveja nos ouvidos. *O que eu faço?*

Passos rápidos no corredor interrompem meu raciocínio.

Parece ser um humano… ou outro bruxo.

Recuo até a parede ao lado da porta aberta, me esgueirando para o canto do cômodo que estava vazio e fora de vista, onde as sombras são mais densas.

Alguém entra na sala de armazenamento externa. Para por um momento. Depois, volta a se mover.

A luz se aproxima enquanto os passos diminuem. Vejo no chão um feixe branco-azulado vindo de uma lanterna portátil, segurada por um punho enluvado de couro que entra na sala antes do invasor.

Prendo a respiração quando a pessoa atravessa a porta, e a faixa estreita de luz reflete no metal e no vidro espalhados pela sala, me dando um vislumbre do intruso.

A pessoa é alta. Muito mais alta do que eu. Ombros largos sob um paletó preto. Usa uma máscara preta que cobre os olhos e o nariz, presa por uma faixa larga que envolve a cabeça. Não consigo distinguir a cor de seu cabelo com essa luz. A pessoa prende a lanterna entre os dentes e começa a vasculhar as prateleiras, se abaixando e se retorcendo para olhar os objetos.

Está procurando algo específico, assim como eu estava prestes a fazer.

Se também está aqui para roubar, pode estar aproveitando a distração — ou é *o responsável* pelo blecaute.

De qualquer forma, é um ladrão, assim como eu. *Bem*, penso, com um sorriso torto. *Não* exatamente *como eu. Quem quer que seja, não é o protegido do Rei das Sombras.*

Uma luta sob a luz vermelha e sangrenta pode ser minha melhor opção.

O ladrão faz barulho enquanto move algumas caixas pesadas. Aproveito para tirar os saltos e encostar os pés no chão frio, então respiro fundo e tento me concentrar.

Quando o invasor se abaixa para olhar uma prateleira inferior, percebo que é a minha chance.

Avanço num salto, passo por cima da bancada forrada de veludo e me lanço sobre as costas largas do intruso. Um grunhido baixo e masculino é a única resposta.

Ele reage mais rápido do que eu esperava, agarrando meu antebraço com as duas mãos e girando o corpo, se posicionando paralelamente à estante. Vai me arremessar — sinto pelo modo como se apoia —, então enrolo as pernas ao redor da cintura dele antes que consiga alavancar o próprio corpo.

Ele resmunga e gira novamente, tentando me esmagar contra a bancada atrás de nós.

Minhas costas são pressionadas com força contra a quina, e eu deixo. Caio, arqueando a coluna enquanto aperto as costelas dele com as pernas.

Ele perde o fôlego e a lanterna cai, batendo com força na bancada de metal coberta de veludo. Um feixe de luz branca ilumina a parede.

Ele crava o cotovelo na minha canela, osso contra osso, causando uma dor lancinante…

Minhas pernas se soltam do torso dele, e o sujeito cai de costas sobre a bancada. Aproveito para me recuperar, recolho a canela machucada contra o peito e desfiro um chute forte, mirando o que *julgo* ser a parte de trás do ombro dele…

Empurro o homem contra as prateleiras, fazendo tilintar algo que soa como vasos valiosíssimos, utensílios e tigelas antigas de pedra.

Ele abre as mãos, se agarrando às prateleiras.

Nós dois congelamos.

Certos de que os objetos frágeis vão se espatifar no chão.

Quando as prateleiras parecem resistir, deslizo da bancada com as mãos erguidas. O ladrão vira a cabeça para me observar, com os braços erguidos e abertos, prontos para aparar qualquer coisa que caia da estante ainda tremendo. Está claro que nenhum de nós quer ser pego, e um vaso de mil anos quebrado no chão seria mais do que suficiente para isso.

Mas assim que a prateleira se estabiliza e a ameaça imediata passa, sei que ele vai atacar de novo.

Ou eu vou.

Ele ou eu? A incerteza minúscula dispara um arrepio inesperado pelo meu corpo.

Um segundo se passa.

Então… ele se torna um borrão na escuridão. Avança e golpeia enquanto se move. Eu me abaixo sob o braço dele, me encolho entre os pés da mesa, como faço quando treino com os gêmeos. Quanto menor o alvo, mais difícil de acertar. Quando seu oponente é rápido, você precisa ser mais veloz ainda, e esse cara é rápido pra caramba.

Ele recua e ataca de novo — ágil como uma víbora, o ar assobiando em volta de seu punho.

Mas eu já estou rolando, desviando, forçando-o para o centro da sala — golpeio por baixo do braço dele, mirando no queixo, e deixo o restante do meu corpo explodir no soco.

Ele grunhe e bate com as costas na mesa. A lanterna cai no chão, se apaga, e somos mergulhados numa escuridão vermelha e profana.

Estamos ofegantes — e não conseguimos enxergar nada.

Mas as vozes e passos acima nos alcançam. As pessoas estão gritando. O evento ainda está caótico, mas não temos muito tempo. *Eu* não tenho muito tempo. Preciso pegar meus sapatos, sair daqui e voltar para Zoe.

Meu oponente aproveita o segundo que eu perco escolhendo meu próximo movimento para avançar, apostando que vai me atingir. Ele erra. Raspa no meu ombro, para, gira de volta e me acerta forte no maxilar, abaixo da orelha.

A dor explode quente e furiosa. Eu resmungo, cambaleio para a frente, sinto gosto de sangue e vejo estrelas.

Esse cara.

É.

Que se foda esse cara.

Cerro os dentes. Vou ter que contar com o caos para me cobrir. Me abaixo e ataco com força. Miro na virilha e acerto a coxa. Ele desce o cotovelo no meu, quase

quebrando-o. Eu me impulsiono para cima, mirando com a testa, e acerto o queixo dele com força, o suficiente para ouvir seus dentes baterem.

Ele me agarra e me aperta enquanto lutamos no escuro. Dou uma joelhada no tronco dele, mas o infeliz resiste. *Esse cara é o quê, uma árvore?* Em vez disso, ele me esmaga, e sinto uma costela ceder.

Que se foda.

Chamo minha raiz interior e deixo que ela se espalhe pelos meus braços, pela minha coluna e pelo meu peito, onde ele está me segurando, até me transformar em uma coluna de chamas branco-púrpura.

Meu oponente se engasga, desviando o rosto da luz intensa da minha raiz, o maxilar tenso sob a máscara. É distração suficiente para eu levantar os braços e me desvencilhar. Ele me solta, tropeçando para trás com um pé.

Minha raiz púrpura brilha tanto que projeta sombras ao nosso redor, mas também revela a posição *dele*.

Hora de acabar com isso.

Lanço um soco em chamas direto no rosto do homem, um gancho devastador, alimentado pela raiz, aperfeiçoado com Elijah…

E ele segura o golpe — *Deus, como ele é rápido* —, soltando um grunhido. Antes que eu consiga puxar o punho de volta, ele respira fundo, devagar…

E as chamas da minha mão direita se apagam.

Dou um salto para trás, o choque acelerando minha respiração já entrecortada.

O quê… o quê…?

Rosno e reacendo meu poder. Os segundos seguintes se desenrolam em câmera lenta.

Forjo uma lâmina curta. Avanço com ela, mirando no abdômen dele, mas ele se esquiva. Passa a mão sobre a lâmina enquanto ela cruza seu corpo — e ela se desfaz em fragmentos púrpura brilhantes, até o cabo se tornar um borrão de fumaça. De mãos vazias, caio no chão com meu próprio impulso. O tempo acelera.

Minha mente parece tão fraturada quanto minha lâmina. Tão despedaçada quanto meu construto. Ofego no chão, de olhos arregalados. Acima de mim, meu oponente circula, punhos erguidos e relaxados, sua silhueta desenhada pela luz de emergência vermelha.

Que inferno. Que merda está…?

A fúria me consome. A vingança me faz levantar.

Se ele acha que pode enfraquecer meu poder, desfazê-lo, desmontá-lo… então vamos ver se consegue me acompanhar.

Outra adaga na mão direita. Golpeio. Ele a desintegra com a mão esquerda.

A adaga em minha mão esquerda já está em movimento, mas ele a dissolve com a direita.

E então um mangual curto. Ele ergue as duas palmas, gira em sentidos opostos e conduz a arma até o chão, onde ela se transforma em cinzas cintilantes.

Uma espada, uma investida, mas ele desvia, rápido demais.

Uma palma aberta me acerta bem no centro do peito, me lançando para trás, minha lâmina voando da mão.

Caio de costas no chão e vejo minha arma púrpura escura aos pés dele. Não percebo magia alguma, mas sinto um cheiro novo no ar: cedro, ozônio, terra molhada.

O ladrão chuta minha espada no ar e a segura, então passa a mão aberta sobre a lâmina, da guarda até a ponta. Onde a mão passa, meu construto se desfaz, até se tornar um montinho brilhante de nada.

Eu me lanço com um rugido, saltando com tudo no ar — surpreendendo os dois —, e ele cai de costas, comigo montada na cintura dele.

Puxo o braço para trás para dar um soco, mas ele se arqueia e gira o corpo. Então, *eu fico* de costas no chão, e ele ajoelhado sobre mim, respirando com dificuldade. Eu sibilo, me debatendo de raiva contra ele… e as luzes zumbem, voltando de repente, nos cegando com a intensidade fluorescente.

— Me solta! — grito, ainda tentando enxergar.

— Para! — exclama o ladrão, a voz grave ecoando dentro de mim como um sino.

Congelo, encarando seu rosto. Seus olhos azuis brilham por trás da máscara preta, e o cabelo longo e bagunçado cai sobre as orelhas. Nós dois piscamos, paralisados, o peito subindo e descendo, enquanto a boca do sujeito se abre e se fecha, como se estivesse ofegante.

Ele parece mais jovem do que eu imaginava.

O ladrão pisca, analisando meu rosto por trás da máscara, a boca entreaberta de choque.

— Bree?

Meu nome. *Ele sabe o meu nome*.

Meu coração bate tão alto que não consigo ouvir mais nada. Bate tão forte que me pergunto se estou ouvindo o coração dele também.

Quando consigo falar, minha voz sai fraca e entrecortada:

— Quem é você?



PARTE TRÊS

INATINGÍVEL



SESSENTA E CINCO HORAS

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Nick

JÁ PASSAVA das duas da manhã quando a porta do arquivo da Divisão do Norte se abriu com um clique, e eu soube imediatamente que a pessoa que estava ali não entrara por engano. Ninguém iria até os arquivos vasculhar os diários dos Herdeiros da Divisão do Norte na véspera da chegada dos Regentes a menos que tivesse um bom motivo.

Ninguém além de mim… e do meu convidado.

— Oi, primo.

A luz fraca do lampião projetava sombras sobre o rosto da figura parada na porta, enquanto os tapumes no corredor aberto atrás dele contornavam seu corpo.

— Donovan. — Endireito as costas atrás da mesa. — Suponho que sejamos primos, sim.

A última vez que vi Donovan Reynolds, ele era o Herdeiro de Lancelot, e eu, o Herdeiro de Arthur. Agora, não somos mais nenhuma das duas coisas.

— Hmm — murmura Donovan em concordância, erguendo um pequeno pedaço de papel amarelo entre o indicador e o dedo do meio. — Recebi seu bilhete.

Deixei as luzes fracas de propósito, para que ninguém que passasse pelo corredor notasse minhas sessões de pesquisa noturnas. Para minha sorte, esse setor da Fortaleza tem estado bem quieto nas últimas duas noites. Houve agitação demais nas áreas

residenciais e de refeições, com os membros das Divisões da Ordem tentando se adaptar à convivência forçada em tempos de crise.

— Feche a porta — peço —, por favor.

Donovan faz o que pedi e entra na sala silenciosa com as duas mãos enfiadas nos bolsos.

— Não queremos que descubram que você anda escapando da sua gaiola, né?

— Eles precisam achar que ainda estou na torre — admito. — Saio à noite e volto antes do amanhecer, pra não levantar suspeitas.

— E *como* você tem saído? — pergunta Donovan, curioso. — Quando encontrei o bilhete na primeira noite após sua prisão, achei que fosse uma armadilha. "Me encontre nos arquivos depois das duas da manhã"? Podia ser um convite pra algo mais.

Ergo uma sobrancelha.

— Longe de mim impedir você de ir atrás do seu contatinho anônimo.

— Eu conferi. A porta da torre continua trancada por fora. Você pulou de lá? Ou escalou?

— Não tenho medo de altura — respondo.

— O problema não é a altura em si, são as três camadas de barreiras no caminho de volta. Cada uma delas está entrelaçada com doses bastante devastadoras de terror, dúvida e desespero.

Donovan dá uma risada. Um sorriso discreto surgiu em seu rosto ao dizer "devastadoras". Aquele traço cruel dos Reynolds que conheço desde a infância. Um traço que espero não ter herdado.

— Eu consigo lidar com as barreiras.

— Risa poderia ter sido Mago-Real. Ela é poderosa o bastante pra isso, você sabe. As barreiras dela deixariam um Guarda dos Magos experiente *de joelhos*, e o maldito Nick Davis responde apenas que "consegue lidar" com elas? — Ele me observa, inclinando a cabeça. — Como?

Encaro-o com firmeza.

— Não importa como passei pelas barreiras. O que importa é que ninguém acreditaria em você se dissesse que eu consegui.

Donovan entende a ameaça, mas escolhe ignorá-la.

— Eu imaginei que você acabaria vindo aqui, cedo ou tarde.

Sua voz é carregada daquele sotaque aristocrático arrastado que cresci ouvindo, primeiro com meu pai e as famílias dos Lendários, depois em colégios particulares, jantares elegantes e clubes de campo. Ele anda ao redor da longa mesa de estudos de forma calma e calculada, como se não houvesse lugar melhor para estar no meio da madrugada. Está usando uma calça social leve e elegante, com uma camisa branca desabotoada na gola e para fora da calça.

— Imaginou, é? — pergunto, ouvindo meu próprio sotaque sulista, suave nas vogais. — Se sabia que eu viria, teria sido gentil da sua parte usar essa informação pra me encontrar em uma das últimas duas noites. — Mantenho o tom leve, divertido, seco.

Estou jogando o jogo. Não há por que começar uma briga, e definitivamente não estou disposto a isso. Estendo o braço e faço um gesto em direção à mesa diante de mim, coberta por diários pesados de couro espesso, todos manuscritos, normalmente guardados numa gaiola trancada nos fundos da sala. — Há dezenas disso aqui.

Donovan enxerga além da minha tentativa de paz e cordialidade.

— Um bilhete enfiado por baixo da porta é a sua forma de pedir *ajuda*, Davis? — Ele se aproxima até estarmos diante da mesma longa mesa de estudos. Observa as pilhas de livros enquanto identifica as capas e os autores. — Trezentos anos de diários dos antigos Herdeiros de Lancelot não estão te dizendo o que você quer saber?

Cresci ao lado de garotos como Donovan. Fui *criado* por um homem como Donovan, que cresceu com outros garotos e homens como ele. Eles não fazem perguntas de verdade — *nós* não fazemos. Não aquelas que poderiam nos desviar do caminho traçado ou expor nossas vulnerabilidades.

Mas aqui estou eu, depois de passar um bilhete por baixo da porta do quarto de Donovan como se estivéssemos no ensino fundamental, pedindo ajuda sem hesitar. E aqui está ele, me obrigando a repetir, como se uma vez não bastasse e eu precisasse implorar — ou me humilhar — para que isso tivesse algum peso. Para que doesse.

Não tenho tempo para esses jogos. Desisti deles há anos.

— Os diários falam de treinamento. Falam da vida na Fortaleza. Falam de batalhas, de glória e de maneiras de afiar uma lâmina de aether até que ela possa cortar seda com um único golpe. São diários de *homens mortos*, Donovan. Eu não posso fazer perguntas a eles, e mesmo que pudéssemos falar com nossos mortos… — Fecho os lábios, pensando na garota que pode conversar com seus ancestrais, a garota que pode fazer perguntas e receber respostas. — Os Reynolds da Linhagem de Lancelot jamais conseguiriam compreender a situação em que nos encontramos hoje. As opiniões desses "pais fundadores" não me servem de nada.

Donovan apoia as duas mãos no encosto de uma cadeira e se inclina sobre a mesa.

— E que situação seria essa, Davis? Aquela em que você não é um Davis? — Ele me encara com uma expressão dura, até que um sorriso surge sob a luz. — Aquela em que uma única decisão errada criou o acidente que é Briana Matth…

Antes que eu perceba que me movi, estou enforcando Donovan.

— *Não* diga o nome dela de novo. — Ouço um trovão distante, abafado, na minha própria voz. — E já que tenho sua atenção, deixa eu te explicar como você chegou até aqui. O que aconteceu com Vera, ancestral da Bree, não foi uma "decisão errada". Foi estupro. Samuel Davis deveria ter sido punido por essa violação. E eu, pessoalmente, ficaria feliz em punir *qualquer um* que tente defendê-lo. — Faço uma pausa. — É por isso que sua coluna parece especialmente esmagável agora…

— Tá bom. *Tá bom*! — diz Donovan, com dificuldade, e engole em seco contra meu punho. — Você… vai me soltar? Achei que tivesse me chamado aqui… porque queria… conversar?

Eu o solto, e suas mãos batem contra a mesa quando ele se apoia, tossindo uma, duas vezes, e puxa a gola da camisa.

— Eu quero conversar.

— Você acabou de me *enforcar*! — resmunga ele, esfregando a garganta enquanto procuro, lá no fundo, por algum traço de arrependimento pelo que fiz.

Não encontro.

— Enforquei, sim. E expliquei por quê. Mas ainda preciso da sua ajuda.

Ele me lança um olhar feroz.

— Seria bom deixar você aqui no escuro.

— Eu cresci esperando pelos poderes de *Arthur*, não pelos de Lancelot. Estou lidando com isso sozinho — digo, respirando fundo. — Sem preparação. Sem orientação. Eu esperava que você *quisesse* ajudar. Do mesmo jeito que seria chamado para orientar o próximo candidato da Linhagem de Lancelot assim que sua elegibilidade terminasse, como seu irmão mais novo ou outro primo…

— Tirando o fato de que *eu* nunca planejei perder minha elegibilidade, Davis! E nunca fui designado para ser *seu* mentor.

O olhar de Donovan é cortante como um punhal, frio e cruel sob a luz do abajur.

Tento outra abordagem.

— Nenhum de nós está exercendo o papel para o qual foi criado. Nenhum de nós está preparado pra isso. Não somos tão diferentes assim…

— Nós *somos* diferentes, Davis! — Donovan agarra um dos tomos mais pesados, o diário de Alexander Reynolds, 1732, e o arremessa contra a parede com tanta força que o volume se parte ao meio na lombada. — Você pode não ser mais o Herdeiro de Arthur, mas você *ainda é um Herdeiro.* Segundo em comando, segundo na hierarquia. Tão essencial para a Távola quanto alguém pode ser sem ser o rei em pessoa. Ou rainha. *Tanto faz.*

Fico observando Donovan se recompor em silêncio. Ele encara o diário partido no chão, o peito subindo e descendo de raiva, e passa as mãos pelo cabelo. Ele se afasta de mim, depois volta.

— Você faz ideia de quantas pessoas teriam que morrer pra que eu seja Chamado?

Sinceramente, nunca pensei nisso. Mas não me surpreende que Donovan tenha pensado. Tento imaginar o tamanho e a estrutura da minha nova árvore genealógica. Donovan é meu primo distante, descendente do segundo filho do Reynolds original. O Feitiço da Eternidade cria uma matemática distorcida, gananciosa. Prefiro não seguir por esse caminho.

— Não faço ideia — respondo. — Não costumo contar quantas pessoas precisam morrer pra eu ganhar algo que quero.

— Dezenas, Davis. *Dezenas*. Tudo porque seu ancestral era o primogênito, e o meu, o segundo. Por causa da linha de sucessão, eu *nunca* serei elegível. *Nunca* serei Chamado. — Ele aponta para mim, rosnando. — Você e aquela *criada pelos Primavida*…

— Seria uma pena ter que enforcar você de novo, Donovan — aviso, com calma.

Os olhos de Donovan faíscam, depois escurecem quando ele percebe minha expressão ameaçadora.

— Você e a Herdeira Desperta da Coroa tiraram minha vida de mim.

— Pelo amor de Deus… — resmungo.

— Tiraram, sim!

Ergo os braços, exasperado.

— Não, *não* tiramos. Se alguém tirou algo de você, foi o Feitiço da Eternidade! Foi a Ordem! Bree e eu não *tiramos* nada de você. A gente nem sabia a verdade. Eu estava lá quando ela puxou a Excalibur da pedra. Nenhum de nós entrou no *ogof* esperando que aquilo acontecesse! — Solto um suspiro brusco. — Nossas vidas também mudaram naquela noite e, caso você não tenha reparado, não foi pra melhor. O Camlann está aqui. Estão tentando matar a gente, e, se não conseguirem, o Abatimento vai fazer isso. Você acabou de recuperar a sua vida, enquanto os Regentes querem *acabar* com a minha. Eu ganhei um pouco de tempo, Donovan. É tudo que tenho. *Uma porra de um tempo emprestado.* Vou morrer em breve, de um jeito ou de outro.

Donovan fica em silêncio ao ouvir isso, a mandíbula tensa enquanto digere minhas palavras. Ele pode até se *sentir* roubado, mas sua vida está segura. Fico me perguntando se ele percebe que pode simplesmente virar as costas para tudo isso, enquanto Bree e eu não temos essa escolha.

— Tá bom — resmunga ele. — Do que você precisa?

O nó que vive no meu peito desde o momento em que vi Bree desabar após a batalha no *ogof* se desfaz um pouco.

— Informação. Estou começando do zero.

Ele acena com a cabeça em direção aos livros.

— O que você já leu?

— Tudo — respondo. — Algumas coisas, duas vezes. — Balanço a cabeça. — Não tem nada aqui sobre as heranças. Só a mesma porcaria que todos nós aprendemos sobre as habilidades das Linhagens: "O Herdeiro de Lancelot terá velocidade e visão aumentadas além das capacidades humanas."

Agora sou eu quem passa os dedos pelo cabelo. Faço uma careta. Está crescendo. As laterais já encostam nas bochechas em vez de nas têmporas. Quando esfrego o queixo e a boca, a barba rala arranha minha pele.

— É claro que a *experiência* das heranças não está nos registros — diz Donovan. — As Linhagens não deixam suas anotações pessoais jogadas por aí, ao alcance de qualquer Pajem curioso.

— Achei que cada Linhagem guardasse seus registros na divisão onde está instalada. Temos materiais da Linhagem de Arthur nos arquivos da Divisão do Sul…

— Pense, Davis. — Donovan arqueia uma sobrancelha. — Vocês têm o relato de *cada* Herdeiro lá? Cada item pessoal, cada artefato? Cada gravação e detalhe?

— Eu… — Penso na coleção do meu pai. — Meu pai era obcecado pela Linhagem de Arthur. Ele colecionava alguns artefatos na biblioteca particular, em casa.

Algo que não chega a ser luto, mas se assemelha a isso, aperta meu peito quando me lembro do meu pai sentado no escritório com um livro. Não sinto falta dele… mas sim da paz que aqueles momentos me traziam. Quando eu não era o foco dele, nem seu projeto, nem sua arma. Quando eu não podia decepcioná-lo, porque toda a atenção dele estava voltada para o potencial do nosso sangue.

— Essa é uma forma de manter segredos. Outra é passar informações oralmente, de pai para filho — explica Donovan, abaixando o queixo, o rosto ficando vermelho de amargura por um instante. — Ou de pai para filha, agora que somos liderados por uma.

— Tradição oral? — pergunto. — Quer dizer que seu pai te *contou* sobre as heranças?

Donovan me observa com um ar cruel de diversão.

— Ah, vejamos… — Ele bate o dedo no queixo. O jogo recomeça. — Heranças? O que você quer dizer com isso? A velocidade?

— Me faz um favor e para de ser babaca.

— Espera… — Donovan emite um som curioso. — As visões já começaram?

Ergo os olhos e o vejo reclinado no encosto da cadeira, com um olhar que mistura malícia e fascínio.

— Sim.

— Ah, merda — diz Donovan, as sobrancelhas se arqueando, chocado. — Aposto que você está passando um perrengue dos grandes, hein, Davis? "Visão aumentada" sem manual de instruções. — Ele bate na própria coxa, rindo. — Há quanto tempo?

— Há algum tempo — respondo, seco. — Estão ficando… mais nítidas.

A curiosidade brilha em seu rosto.

— Quer me contar o que tem visto? Afinal, somos primos.

— Prefiro não contar — digo, encarando-o. — Não é pra isso que estamos aqui. Estou pedindo…

— Tão perto da curia e já sob os efeitos de uma herança para a qual não foi preparado, acho que você pode fazer melhor do que "pedir", *primo* — rosna ele, o veneno escorrendo de sua voz.

Respiro fundo e com calma.

— Está bem, Donovan. Estou *implorando*. Por favor, me diga o que sabe sobre as visões da Linhagem de Lancelot.

Donovan cruza os braços, satisfeito.

— A "visão aumentada" não pode ser prevista nem interrompida. A primeira coisa que você precisa entender é que "visão" é uma palavra complicada. É algo que você possui e algo que você recebe. Algo que usa e cria. O que *você* vê? E o que pode fazer com o que vê? Nenhum diário tem essas respostas. A melhor coisa que você pode fazer é aprender com a experiência. Mas como cada Herdeiro tem visões *diferentes*…

— Espera, espera. — Levanto a mão. — As visões mudam de um Herdeiro para outro?

Ele ergue as sobrancelhas, como se fosse óbvio.

— Sim? Isso se o Herdeiro herdar as visões de Lancelot, claro. Alguns nem chegam a ter.

Eu me inclino para trás, atônito.

— Isso é… Nunca ouvi falar de uma habilidade que só *alguns* Herdeiros de uma Linhagem herdam. Por quê? E por que eu?

— Bem, numa linha do tempo mais típica para o Camlann, não uma acelerada pelo seu pai sedento por guerra, você teria notado algo… *peculiar* nas suas visões. — A voz de Donovan assume um tom sério pela primeira vez na noite, enquanto ele narra a história da nossa linhagem como seu pai certa vez contou a ele. — Somos ensinados que os Herdeiros de sangue da Távola Redonda são Despertados um por um, na ordem dos cavaleiros e de acordo com as habilidades mágicas mais adequadas para manter os demônios afastados. Os Herdeiros e suas heranças são Chamados por necessidade, começando com o Herdeiro do cavaleiro de menor patente e subindo na hierarquia. Crianças elegíveis aprendem que, no momento em que um Herdeiro é Chamado, suas habilidades se manifestam imediatamente. No entanto, o que a Linhagem de Lancelot sabe, e que mantemos em segredo há séculos, é que a nossa Linhagem… bem, *a sua* Linhagem… é a única cuja herança chega de forma escalonada, e não toda de uma vez. A velocidade é a primeira a se manifestar, sempre. As visões, se aparecerem, só surgem depois, e apenas após um gatilho muito específico, por um *motivo muito específico*. — Ele sorri.

— Um gatilho? — Semicerro os olhos, tentando lembrar. — Tudo aconteceu tão rápido. Eu fui Despertado, depois a Bree, logo em seguida…

— Vou te dar uma dica. — Ele se inclina, sussurrando: — As visões só começam depois que o Herdeiro de Arthur é Chamado.

Um arrepio percorre meu corpo.

— Por que o poder de Lancelot estaria ligado ao Herdeiro de Arthur?

— Porque os Herdeiros de Arthur e Lancelot não são Herdeiros comuns. Raramente a situação é tão crítica a ponto de os Herdeiros de Lancelot e Arthur serem Chamados, e ainda mais raro é que um seja Chamado sem o outro. De muitas maneiras, Arthur e Lancelot formavam uma corte de dois. — Os olhos dele se arregalam numa falsa surpresa. — Aliás, Davis, ouvi boatos de que você e a Herdeira da Coroa formaram sua própria *corte de dois*.

O rosto de Bree surge em minha mente, e sua imagem ressoa dentro de mim como um sino. Reverberante. Profunda. Intensa. Quando a onda familiar dela ameaça me arrastar, os olhos famintos de Donovan me examinam, sedentos por uma reação que me recuso a dar.

— Ainda bem que boatos não são fatos.

O rosto de Donovan se contorce num sorriso cruel.

— Sabe o que *é* fato, Davis? Segundo a lei da Ordem, as Linhagens não podem se misturar, é ilegal. Se você e o nosso *rei* forem pegos treinando sem roupas, os Regentes vão prender os dois por traição.

— Se você falar da Bree "sem roupa" de novo, vou quebrar um osso que você usa todos os dias. — Ignoro a tosse engasgada dele e repito a pergunta: — Por que os poderes estão ligados?

Ele franze a testa e desvia o olhar.

— Segundo meu pai, Arthur e Lancelot procuraram Merlin em segredo pra pedir que ele conectasse suas habilidades dentro do Feitiço da Eternidade, e Merlin concordou. Os três sabiam que cada Herdeiro de Arthur no ciclo dos Lendários seria um tipo diferente de rei. Um líder diferente, com habilidades e necessidades diferentes, nascido em épocas diferentes, enfrentando versões diferentes do Camlann. Então Merlin inseriu na aplicação do Feitiço de Lancelot a *semente* de um poder. Uma semente que só pode florescer plenamente na presença do Herdeiro de Arthur. Mas os Herdeiros de Lancelot que herdam as visões ganham acesso a uma habilidade mágica única e sem precedentes que ninguém mais conhece de verdade. Eles podem usar esse poder como e quando quiserem — diz Donovan, dando de ombros —, mesmo que ele só se manifeste em resposta ao rei.

— Porque cada rei precisa de uma percepção diferente pra vencer a guerra — digo, assentindo.

— Um palpite otimista — retruca Donovan, revirando os olhos. — Mas não foi isso que me ensinaram. Meu avô dizia que o elo entre o Herdeiro de Lancelot e o de Arthur é um tipo de profecia. Uma promessa mais antiga e profunda do que um Juramento. Meu pai diz que as visões são "uma arma sagrada em mãos mortais". Você é novo nisso, Davis, mas a Linhagem de Lancelot sempre acreditou que as visões são moldadas de acordo com a natureza do nosso rei Desperto por motivos táticos, não emocionais.

Já sei que não vou gostar do que Donovan está prestes a dizer.

— E qual seria esse motivo?

— Lancelot foi o cavaleiro mais poderoso da Távola, atrás apenas de Arthur Pendragon — responde Donovan, com um tom que não esconde sua malícia. — Talvez Merlin soubesse que poderia chegar o dia em que a liderança do Herdeiro de Arthur se desviaria do caminho. E que um poder deveria surgir, não para *apoiar* o rei… mas para se opor a ele.



QUATRO MESES E UMA SEMANA

Após o desaparecimento de Briana Matthews

Bree

— BREE?

Meu nome é arrancado da boca do ladrão, uma pergunta e uma afirmação ao mesmo tempo. Um som que é meu, mas também é dele.

— Bree.

Desta vez, ao pronunciá-lo, meu nome se torna algo sagrado.

— Eu…

O que foi que perguntei mesmo? O peso da situação me faz esquecer.

Ah. *Quem é você?*

Atrás da máscara, os olhos do ladrão loiro dançam com os meus.

— Você não sabe quem eu sou? — pergunta ele.

Como é possível estar *tremendo* quando tudo em mim, cada parte do meu corpo comprimida sob o dele, minhas bochechas, minha garganta, minhas mãos, parecem em brasa? Engulo em seco, o som alto entre nós, antes de sussurrar:

— Não.

Por um segundo, a expressão do ladrão se entristece.

Eu não o conheço, mas ele me conhece. Ele *me* conhece.

Ele poderia ser *qualquer um*. Amigo ou inimigo. Mas… ele não *parece* um inimigo, mesmo com os hematomas da nossa luta começando a se espalhar pela minha pele. Seu rosto está tão perto que eu poderia soprar fogo contra ele e reduzi-lo a cinzas… mas não faço isso.

Em vez disso, meu coração se abre, silencioso, dentro do peito, como se o *reconhecesse*, mesmo que minha mente não consiga montar o quebra-cabeça. É ele o garoto por quem eu ansiava? E, se for, por que senti que não podia tê-lo? Por que fugi?

Meu plano, minha missão, emergem no fundo da mente.

— Tenho que ir…

— Não, espera — protesta ele, os olhos brilhando. — Não acredito que é você. Faz tanto tempo… Você está bem? Está segura? Onde você est…

No fim do corredor, o elevador apita.

— Tem alguém vindo — sussurro.

Ele também ouve.

— *Merda*.

O ladrão muda de atitude num piscar de olhos. Ele se afasta de mim num salto, me puxando pelos cotovelos ao mesmo tempo. Só percebo que estamos nos movendo quando já chegamos à porta. Sinto a mão dele quente nas minhas costas, me guiando. Permito que ele me toque, mesmo sem ter a menor ideia de quem seja esse garoto. *Por que* eu…

— Aqueles sapatos são seus? — pergunta ele, espiando a primeira sala de armazenamento.

Franzo a testa, sem entender do que ele está falando, até ver meus saltos enfiados num canto. Ele os viu logo antes de começar a procurar pela saída.

Pelo jeito, a mente dele também funciona rápido.

A minha nem tanto, nesse momento.

— S-são… — gaguejo. — É…

Ele se abaixa, pega meus sapatos e enrola as alças nos dedos enluvados, depois me puxa pela porta de metal espessa, atravessando a sala coberta de poeira e seguindo apressadamente pelo longo corredor em direção ao elevador. Ele começa a correr, e eu o sigo, sem dizer uma palavra.

— Ainda bem que o sentido de aether de Mikael é fraco. Se não, ele já teria sentido o seu poder. Mesmo assim, é melhor torcer pra que ele desapareça logo.

Como ele sabe que o sentido de aether de Mikael é fraco? Fecho minha fornalha interna com ainda mais força.

— É.

Ele olha para as câmeras de segurança, ainda envoltas na minha raiz roxa.

— As câmeras. Foi você?

— Foi.

— Consegue desfazer? Rápido?

Aceno com a mão livre em direção ao teto, e a raiz se dissipa em um pó cintilante.

Ele assobia baixinho, observando a poeira cair e me puxando, um lampejo de admiração surgindo em seu rosto.

— Isso é novidade.

Eu me contraio.

— Como você sabe?

Ele nos leva até o elevador e aperta o botão para o primeiro andar. Franzo a testa.

— O salão de festas é no segundo andar…

— Melhor a gente ser pego em outro lugar.

Ele solta minha mão e passa os dedos pelo cabelo, bagunçando-o.

— Eu não quero ser pega! — sibilo. — E o que você está…

— É melhor se a gente for pego, acredite em mim.

Ele tira as luvas com os dentes e as enfia no bolso interno do paletó.

— Pego fazendo o quê?

— Me desculpa.

O ladrão joga meus sapatos para trás. Eles caem de qualquer jeito, como se tivessem sido chutados. Ele se vira para mim, uma das mãos firme na minha cintura, me pressionando contra a parede do elevador com um baque seco.

— O quê…

— Desculpa.

Com a outra mão, ele segura meu rosto com delicadeza, inclinando meu queixo para cima e para trás, e minha pele responde instantaneamente. Esquenta, treme, se incendeia. Meu corpo me cala antes que eu consiga perguntar por que ele se desculpou.

— Não temos tempo.

É o único aviso antes de ele pressionar a boca contra a minha. E, então, não há mais nada que eu precise saber, lembrar, conquistar ou temer. Há apenas isso.



Os lábios do ladrão são quentes e macios, um sussurro contra os meus. Outro pedido de desculpa. Então ele inclina a cabeça, encaixa a boca na minha, e eu não quero ouvir as desculpas dele.

Quero me perder nos lábios dele. Explorar essa química que, agora, sem motivo aparente, *sei* que existe entre nós dois. Quero me aninhar nas memórias que ele guarda de mim. Redesenhar minha história com o toque quente das mãos dele na minha pele.

E continuo caindo.

Estou beijando um estranho num elevador estranho, e não faço ideia do porquê, ao mesmo tempo que sei *exatamente* o porquê. Porque ele tem gosto de conforto e segurança. Como roupa recém-saída da secadora. Um sofá macio na frente da lareira.

Uma emoção *familiar* que me dá a sensação de estar caindo sem parar.

Quando o estranho puxa meu queixo, é uma pergunta.

Deixo que ele puxe meu lábio inferior, como resposta. E, em troca, a boca dele pega *fogo*…

— Com licença!

Ouço uma voz de mulher a poucos centímetros do meu rosto. A voz é aguda, cortante, mas o sangue rugindo nos meus ouvidos quase não me deixa ouvi-la.

O ladrão se recupera antes de mim, tossindo. Enquanto isso, preciso piscar algumas vezes para me lembrar do elevador, do mundo, do meu corpo e até de como pensar.

— Ah! Oi… — A voz dele é rouca, áspera, e sua boca está vermelha, manchada pelo meu batom. Seu sorriso se abre devagar. A cara dele é a de um garoto que acabou de ficar com uma garota no elevador. Até o cabelo está bagunçado acima do tecido da máscara… como ele havia planejado. — De boa se a gente voltar para o leilão agora ou…?

— Não. Não está "de boa" voltar para o leilão.

Reconheço a voz cortante antes mesmo de vê-la: é Bianca, a segunda em comando e chefe da segurança de Mikael.

Ela nos encara com um olhar desconfiado. Atrás dela, me evitando, estão dois bruxos: um homem baixo e atarracado e outro mais alto, de cabelo raspado. Ao fundo, luzes de emergência piscam sobre nós, enquanto vozes ecoam no saguão e Colecionadores se espremem contra a porta numa espécie de fuga coletiva da propriedade.

— A gente se empolgou um pouco… — diz ele, esfregando o polegar no canto do lábio inferior, um gesto óbvio demais para ser acidental, apagando meu Ruby Red Extra.

Ele começa a se afastar… mas para.

O sorriso estonteante dele se vira para mim, e sinto um leve toque na coxa. Olho para baixo, para a fenda do vestido e a perna exposta… e me pergunto quando foi que enrosquei a perna na cintura dele.

Fico vermelha e coloco o pé descalço no chão.

— Desculpa.

Nem sei para quem estou pedindo desculpas. Para o ladrão? Para o elevador? Meu Deus, Bree, para qualquer um que tenha ouvido?

— A gente já vai indo, se você não se importar — murmura o ladrão, ajeitando o paletó.

— Não vão, não — protesta Bianca, estendendo a mão com a palma virada para cima. — Convite?

Sinto meu estômago embrulhar, e todo vestígio de calor se dissipa instantaneamente quando percebo que não estou com o meu.

Deixei o meu no salão… com a Zoe.

Mas o ladrão não hesita.

— Claro, sem problemas — diz, e tira um envelope preto do bolso.

Bianca arranca o envelope da mão dele e puxa o convite para inspecioná-lo.

— Lawson? — pergunta.

O bruxo mais baixo se aproxima para verificar o selo. Seus olhos brilham num verde intenso, e ele faz que sim. Sua magia de pacto, amarga e acre no meu nariz, deve ter lhe

concedido a Visão.

Bianca aperta os lábios, formando uma linha rígida, e lê o que está escrito no cartão. Seus olhos se arregalam ao identificar os nomes.

— Você é Benedict Pierce? — Ela ergue os olhos. — O herdeiro da rede de hotéis Pierce Resorts?

O ladrão — Benedict — sorri.

— Culpado.

Bianca volta a olhar para o convite e, depois, para mim.

— E você é Iris Bauer, a…

— Sim, essa é a Iris — diz ele, e então, para meu absoluto choque, acrescenta: — Minha noiva.



MINHA NOIVA.

Se eu já não estivesse descalça, com os pés firmes no chão do elevador, aquelas duas palavras ridículas, incorretas e *absurdas* teriam me derrubado.

Mesmo assim, *ainda* sinto o mundo girar. Preciso me concentrar para relembrar dos treinos de equilíbrio e força com os gêmeos para não cair. O sangue lateja nos meus ouvidos. Minha visão se estreita para um raio de poucos metros à frente, enquanto o resto do mundo se torna um borrão acinzentado, sem som. Bianca está dizendo alguma coisa, mas não consigo ouvir. Ela acena educadamente com a cabeça, mas não entendo por que ela é *tão educada.*

Como é possível que *alguém* olhe para mim e para esse… esse *ladrão* sorridente e encantador, que sabe demais, e acredite que vamos *nos casar*?

Como *ele* se atreve? *Minha* noiva?

Eu me viro na direção do ladrão, e minha visão se afunila ainda mais, até que vejo apenas a expressão tranquila de Benedict, que responde calmamente às perguntas de Bianca sobre… sei lá o quê. Pisco para ele, na esperança de que o ladrão caia na risada a qualquer momento, como se tudo isso fosse apenas uma piada. Mas não. Benedict parece bem à vontade ao pegar o convite dele — *nosso* — de volta quando Bianca estende a mão para entregar o envelope.

Ainda estou tentando conciliar o fato de que esse *Benedict* simpático e relaxado é a mesma pessoa que *soquei* menos de quinze minutos atrás. O mesmo oponente que desfez meus construtos e rebateu minha magia com tanta fluidez que a luta quase pareceu… fácil. *Íntima,* até. Como uma dança.

Como esse garoto rico e amável pode ser o mesmo estranho que me pediu *desculpa* antes de me beijar até me fazer perder o juízo… e o mesmo estranho cujo beijo eu retribuí? Esse ladrão que sabe que meu nome é Bree, mas acabou de me chamar de *Iris*?

Por um instante, me pergunto se foi ele que perdeu o juízo… ou se fui eu. Então, vejo um brilho quase imperceptível nos olhos azuis dele, e minha visão entra em foco de novo. Estreito os olhos, sigo aquele brilho até conseguir agarrá-lo. Segurá-lo firme. *Espremer* a verdade dali.

De repente, no meio da minha confusão, entendo.

Ele está *enganando* Bianca. E me arrastou para dentro do esquema dele, comprometendo ainda mais minha identidade falsa — e tornando bem menos provável que acreditem em mim. Ele pode acabar prejudicando minha cobertura e a de Zoe só para garantir a dele. Não está apenas enganando Bianca, como também espera que eu colabore com ele.

Que. Se. Foda. Esse. Cara.

— O que você disse? — As palavras escapam antes que eu possa impedi-las.

Bianca e Benedict se viram para mim. A mulher arqueia as sobrancelhas, surpresa com meu rompante, mas o rosto de Benedict permanece impassível sob a máscara.

— Tudo bem, querida? — Quando volta a falar, sua voz está baixa e suave, como se tivesse embrulhado aquele timbre grave num cobertor grosso e macio. Exatamente como alguém falaria com um animal selvagem na floresta, tentando acalmá-lo antes de ser atacado. — Só estava perguntando à nossa anfitriã por que esses alarmes dispararam.

Mas ninguém vai me acalmar.

— São *muitos alarmes* disparando, Benedict — respondo entre dentes cerrados. — Fica difícil entender exatamente o que está acontecendo, né?

— Com certeza — diz ele. — Está tudo *super*confuso.

Os olhos de Benedict permanecem fixos nos meus, e, de repente, sinto que estou de volta ao porão, lutando sob as luzes vermelhas da segurança. Máscaras colocadas. Sem luvas. Meu ataque, o bloqueio dele.

— Tão inesperado e *tão* frustrante — retruco, altiva, observando com satisfação suas pálpebras estremecerem. — Com certeza não era isso que eu esperava pra esta noite.

— Peço desculpas pela confusão — diz Bianca, constrangida, mas nenhum de nós olha para ela. — Realizamos esses eventos todo ano há mais de uma década, mas nunca tivemos que lidar com incidentes antes, então, infelizmente, estamos um pouco despreparados. Houve uma falha de segurança… do lado de fora da casa, não aqui dentro. Mas já acabou. Alguém tentou passar por um — ela faz uma breve pausa antes de completar — obstáculo.

Quando Benedict e eu nos viramos para Bianca ao mesmo tempo, algo me diz que ele ouviu tão claramente quanto eu o que ela *não* disse: *alguém tentou romper uma barreira.*

Benedict responde primeiro, sua máscara de garoto rico voltando ao lugar com perfeição.

— Alguém tentou invadir o lugar? — Ele arregala os olhos, forçando uma expressão de surpresa. — Caramba, sério mesmo?

Bianca o encara.

— Seríssimo, infelizmente. Precisamos que todos os convidados voltem ao salão de festas para um comunicado. — Seus olhos descem até meus sapatos no chão. Ela lança um olhar atento para eles e para meus pés descalços. — Se não se importam…

— Claro, claro. Pode nos dar um segundo? — Benedict gesticula na direção dos meus saltos, ainda no carpete onde ele os jogou. — Preciso devolver os sapatos da minha dama primeiro.

Bianca deve ter achado que somos apenas jovens inofensivos, porque desvia a atenção para a multidão cada vez mais barulhenta na porta enquanto fala conosco.

— Subam pela escada dos fundos até o salão de festas. O elevador permanecerá fechado esta noite.

— Claro, sem problema — responde Benedict, se abaixando para pegar meus sapatos.

Bianca faz um gesto para o bruxo alto de cabelo raspado ao passar.

— Santiago, você vem comigo.

O guarda bruxo que Bianca deixou para trás, Lawson, está parado a poucos passos do elevador e educadamente se vira de costas quando Benedict se ajoelha aos meus pés.

Benedict pigarreia para chamar minha atenção, segurando um dos saltos no ar.

Reviro os olhos e, sem pensar, apoio a mão em seu ombro para me equilibrar. Ambos nos assustamos com o contato. O músculo firme sob minha mão se contrai, e eu congelo. Então ele volta a se mover, encaixando o salto no meu pé enquanto me apoio em seu ombro para me equilibrar como se nada tivesse acontecido. Depois de calçar o primeiro salto, Benedict ergue a cabeça e me encara — seus olhos azuis, que antes pareciam levemente turvos e *talvez* bêbados, agora estão nítidos e atentos — antes de se virar para o outro sapato.

Já sei que o nome dele não é Benedict. Mas esse papel de riquinho, meio perdido, meio descolado, definitivamente *não* combina com a personalidade do garoto que quase quebrou minha mandíbula no porão. Então, quem *é* ele?

Esfrego a mão no queixo ainda sensível e torço para que esteja apenas avermelhado, e não tão roxo que eu precise ir ao banheiro passar base para esconder. Quase sinto pena ao notar uma leve contração no rosto de Benedict quando ele muda de apoio — sua coxa já deve estar com um hematoma, efeito do meu soco.

Então eu me lembro de que, quando me beijou, ele segurou o lado do meu rosto que não estava machucado.

Isso deu muito errado.

Zoe e eu precisamos desistir dessa missão. A noite inteira foi um desastre.

Lanço outro olhar para o bruxo, tentando avaliar se eu conseguiria passar por ele e dar o fora daqui com Zoe. Quanto mais rápido sairmos, melhor.

Quando Benedict calça o segundo sapato, repousa meu pé no chão e se levanta com um único movimento suave. Aquele sorriso charmoso e tranquilo se espalha devagar pelo rosto dele novamente. Um sorriso tão preguiçoso que dá vontade de acompanhar e ver se chega aos olhos. Já conheço esse sorriso — e sei que é falso.

— Pronto. — Ele estende o braço como um verdadeiro cavalheiro. — Vamos?

— Claro, Benedict — respondo, com a voz tensa, segurando o braço dele enquanto saímos do elevador.

Quando a mão dele desliza e repousa delicadamente na base das minhas costas, eu me assusto com o contato, assim como ele se assustou quando apoiei a mão em seu ombro no elevador. Benedict interrompe o gesto imediatamente, e continuamos caminhando, mas o bruxo nos observa desconfiado quando passamos por ele.

Quando relaxo os ombros, Benedict move a mão de novo, desta vez subindo pelas minhas costas, e não descendo. Isso não ajuda. A sensação da palma quente se espalhando pela minha pele nua entre as alças do vestido me faz conter um suspiro. A mão dele é *enorme*. Esse toque me desestabiliza de um jeito novo, e agora estou tonta, confusa e, de repente, atordoada *demais*.

— Tudo bem, querida? — murmura ele.

Certo. Nós estamos… noivos. E Lawson, o bruxo, ainda está observando.

— Tudo ótimo — murmuro, tentando me acostumar ao toque dele o melhor que posso.

Benedict pressiona os lábios em mais um sorriso falso enquanto nos conduz pelo corredor em direção a um dos lances da escada em espiral que leva ao salão de festas. À medida que nos aproximamos da escada vazia, as vozes atrás de nós vão se distanciando. Assim que saímos do campo de visão do bruxo, Benedict retira a mão das minhas costas. Subo as escadas com um pouco de dificuldade por conta dos saltos emprestados, então ele diminui o passo para acompanhar meu ritmo. A luz amarela e quente que emana das arandelas ao longo da escadaria finalmente me permite observar melhor meu novo acompanhante dos pés à cabeça.

No porão, percebi que ele era alto, mas aqui, sob a luz? Pelo menos um metro e noventa, talvez um metro e noventa e dois, se eu tivesse que chutar. O paletó preto se ajusta perfeitamente aos seus ombros largos e à postura ereta. Com certeza foi feito sob medida. Mesmo assim, o contorno dos bíceps tensiona o tecido das mangas de um jeito que seria difícil não olhar. Não que *eu esteja olhando*. Mas alguém poderia olhar. Ou, sendo sincera, *todo mundo*.

Meu Deus.

O tronco e as pernas dele são longos, e a mão aberta que agora balança solta ao lado do corpo é tão larga quanto eu imaginava, com dedos compridos e unhas bem-cuidadas. Eu me lembro da sensação dos calos ásperos e quentes da palma dele na minha bochecha — e na minha coxa. Acima da máscara, o cabelo é cheio e loiro, e, abaixo dela, o maxilar é tão anguloso e firme que poderia ser uma arma por si só. Desta vez, *estou de fato olhando*, e quando ele se vira para mim, no meio da escada, tento disfarçar às pressas.

— Espera. — Ele para, indicando que eu deveria fazer o mesmo.

Estamos no meio da escada, ao lado de uma janela, e, por um instante, nos vemos a sós, fora do alcance de qualquer olhar.

— O quê?

Benedict checa mais uma vez acima e abaixo na escada, se certificando de que ninguém está se aproximando.

— Não vejo você há meses — diz ele, por fim, em voz baixa. — Nenhum de nós viu.

Nenhum de nós. Sinto a presença de rostos desconhecidos, nomes apagados, memórias incompletas comprimindo meu crânio, enchendo os espaços da minha mente com tudo o que Erebus arrancou.

— Quem é "nós"?

— Os Lendários, seus amigos… — Ele hesita. — Mas também seus inimigos.

— E você é qual deles? — sussurro. — Afinal, você me atacou.

— Tenho *quase certeza* de que não briguei sozinho, e, aliás, foi a coisa mais divertida que me aconteceu em meses. — O garoto sorri. — Quer repetir?

— Você… — gaguejo. — Você…

— Eu… o quê? — provoca ele, os olhos brilhando. — Pode falar.

— Você… *desforjou* a minha magia! — Nem sei se essa é a palavra certa.

Ele pisca.

— Essa palavra existe?

— De que outro jeito você chamaria quando alguém *desmantela* seus construtos até virarem *pó* com um aceno de mão? — sibilo.

Algo se intensifica no azul dos olhos dele, e por um breve instante juro que as pupilas também se tingem de azul, mas a mudança desaparece tão rapidamente quanto veio. Benedict ignora a pergunta, e seu rosto volta a ficar sério quando ele se aproxima, me encurralando contra a janela.

— Eu sabia que você estava viva, todos nós *sabíamos*, mas não fazíamos ideia de onde você estava. E então, de repente, você aparece aqui? Como? Por quê? E a sua memória… — Ele para de falar quando duas vozes se aproximam da base da escada. Prendemos a respiração. Esperamos. Então, os passos se afastam. — Não temos tempo pra isso. Não aqui.

— Tempo pra quê? — Cruzo os braços. — Pra você interrogar alguém que acabou de conhecer?

— Você *sabe* que a gente não acabou de se conhecer.

Fico irritada, porque ele tem razão.

— Talvez eu saiba. Talvez não. — Ergo o queixo. — Você não sabe *o que* eu sei.

— Verdade. Então por que não me conta? — pergunta. — Quanto você perdeu?

Arqueio as sobrancelhas, atordoada com a simplicidade da pergunta e a dor que ela provoca. Esse garoto, os olhos dele, suas perguntas… Ele é uma lâmina cravada no meu peito, rápida e certeira. Tão certeira que não estou preparada para a resposta que me escapa, arrancada do fundo da garganta:

— Todo mundo.

Ele sustenta meu olhar com uma expressão que eu desconfio ser de tristeza, que logo se transforma em resignação.

— Mas você ainda é você, certo? Sua personalidade é a mesma? Suas habilidades?

— Tipo o quê? — provoco.

— Ainda consegue resistir à mesmerização? — Não respondo, mas meu rosto deve me trair, porque ele assente. — Consegue. Ótimo. O que quer dizer que, seja lá o que tenha tirado essa parte de você, *não foi* uma mesmerização.

Engulo em seco, mas não respondo. Só o fato de ele saber que eu consigo resistir à mesmerização já coloca esse garoto mascarado num grupo muito restrito de pessoas na minha vida. É bem provável que ele seja um Lendário. Erebus já me disse que se eu encontrasse os Lendários, meus amigos e minha família de novo, eles ficariam tão magoados por eu não me lembrar deles que me rejeitariam. Que me puniriam por ter partido, e que os nossos laços seriam rompidos para sempre. Para mim, o que perdi foi conhecimento. Para eles, foram memórias. Mas Benedict não parece estar com raiva. Na verdade, ele parece querer saber mais, *entender mais.* Vejo os mecanismos girando por trás dos olhos dele e percebo que quero descobrir o que ele dirá a seguir.

— O que mais você acha que sabe? — pergunto.

Ele me observa.

— Bem, você não parece *surpresa* com o que está te afetando. Não está chocada por não me reconhecer, o que significa que não só algo aconteceu com sua mente, como você já sabe disso… e já faz algum tempo que sabe. — Ele franze a testa. — É só um palpite, mas acho que você não sabe *exatamente* o que causou esse apagamento na sua memória, sabe?

Dou de ombros.

— Eu sei… o suficiente.

— É mágica — diz, baixinho. — Né?

Abraço meu próprio corpo.

Ele se inclina um pouco mais. Outra pergunta:

— Alguém fez isso com você?

Cerro os punhos. A resposta escapa antes que eu consiga detê-la:

— Sim.

Os olhos dele se acendem, uma raiva veloz, intensa.

— E você não pode reverter.

Não é uma pergunta.

— Como sabe que eu não…

— Porque a garota que *eu* conheço lutaria *com todas as forças* pra desfazer o que foi feito com ela sem consentimento — diz ele, a voz baixa e grave. — E se você não está lutando é porque o que aconteceu *tirou* de você tanto a vontade de lutar quanto a lembrança das pessoas da sua vida, ou…

Eu o encaro, o coração disparado diante da certeza no olhar dele, da confiança no que ele sabe… e da sensação perturbadora de vê-lo compreender essa parte de mim tão rapidamente.

— Ou então o quê?

Ele inclina a cabeça, e a raiva some de seu rosto.

— Ou então você decidiu que o que quer que essa pessoa tenha feito te faria ganhar mais do que perder.

Agora que fui pega, descubro que não gosto da ideia. Viro o rosto.

— Pode parar de falar agora. Você não sabe tudo sobre mim, *Benedict*.

Uma pausa. Ele volta a falar, num tom divertido.

— Tenho *certeza* de que você já deduziu que meu nome *não* é Benedict Pierce.

— Qualquer um perceberia. — Faço um gesto com a mão, olhando diretamente para ele. — Você nem tem cara de Benedict.

A boca dele se contrai, as sobrancelhas sobem.

— Obrigado?

— De nada — respondo, contida.

Ele me encara, e eu retribuo o olhar. De repente, aquela sensação quente e confusa retorna. E a pior parte é que sinto que ele *percebe*. Balanço a cabeça, tentando mudar de assunto.

— Hoje mais cedo, você estava procurando… *o quê?*

Por um instante, percebo a pele dele se enrugar levemente ao redor dos olhos, mas ele logo se vira para subir a escada e faz um gesto para que eu o acompanhe.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa, Bree.

Ouvi-lo dizer meu nome de novo quase me faz tropeçar. Perco o equilíbrio e, num movimento rápido, ele me segura por trás, me firmando.

Ele desceu dois degraus sem que eu percebesse.

— Você é rápido.

— Eu sei. — Seus olhos se suavizam. — E… me desculpa.

— Pelo quê?

— Por ter sido sarcástico e fazer você tropeçar, por tocar você assim e por… antes. Por ter acertado você daquele jeito…

— Acho que acertei você bem feio na perna — digo.

— Acertou mesmo. Você é… bem mais forte do que eu. — As bochechas dele ficam vermelhas. — Mas me desculpa também pelo elevador. Por ter te beijado.

Pisco, surpresa.

— Aquilo foi…

— Uma distração. E, por acaso, funcionou com a Bianca. — Ele balança a cabeça uma vez, endireitando a postura. Enquanto recupero o equilíbrio, ele afasta a mão das minhas costas e a enfia no bolso, subindo os degraus sem olhar para trás. — Foi uma jogada de última hora pra evitar uma situação que nenhum de nós previu. Não vai se repetir.

— Ah. — Engulo a súbita onda de revolta que sobe pelo meu peito. Eu não o conheço. Ele não deveria me beijar. Eu não deveria *querer* que ele me beijasse. — Tudo bem. Vou embora assim que nos liberarem, de qualquer forma.

— Você vai embora? Mas… — Ele me lança um olhar sério. Abre a boca para dizer alguma coisa, mas a fecha logo em seguida. — É melhor assim. Não é seguro aqui, por

vários motivos. Você deveria ir embora assim que puder.

A indignação me faz cerrar os punhos novamente. Olho feio para ele.

— Você não manda em mim.

Ele pisca, olhando para mim de cima.

— Você já me disse isso antes.

— Já? — Eu me recupero, erguendo o queixo. — Bom, pelo visto, você não ouviu da primeira vez.

— Não mesmo. — O olhar dele fica mais suave, quase… admirado. — Você não lembra quem eu sou, mas ainda é teimosa como sempre foi. Destemida.

Sinto o calor subir pelo corpo.

— Obrigada?

Ele sorri.

— De nada.

Defesa. Retaliação. Como uma troca precisa, golpe e resposta.

Nós nos encaramos no meio da escada dos fundos de Mikael e, por um instante, fico presa no olhar dele, nas sobrancelhas e nos seus lábios grossos e curvados. Zoe e eu precisamos da coroa para impedir Erebus de caçar os Artesãos de Raiz, mas… será que esse garoto é um motivo para ficar? Ou mais um motivo para ir embora o quanto antes? E se fazer mais perguntas acabar preenchendo as lacunas da minha mente de algum modo? Quero entender como eu e o *não*-Benedict nos conhecemos e por que ele me faz sentir assim, mas não consigo me livrar da sensação de que saber mais é *arriscar* mais. E se Erebus descobrir que encontrei alguém do meu passado e cumprir as ameaças contra pessoas de quem passei a gostar, como Zoe e Elijah? Ou decidir machucar aqueles que eu *conhecia e amava*, como meu pai, ou a garota em coma… ou esse garoto bonito que me chama de "destemida" com uma voz baixa que me faz estremecer?

Vim até aqui decidida a ser inatingível, mas esse garoto — esse garoto alto, caloroso, que parece *saber de tudo* — já está colocando esse objetivo à prova.

Digo a mim mesma que posso fazer uma pergunta, pelo menos. Só uma.

— *Como* você me conhece?

— É uma longa história e, enquanto estivermos aqui, é perigoso demais falar sobre isso.

Seu maxilar se contrai quando ele se vira de novo para subir os degraus. Subo um com ele. Depois outro. Um terceiro. Estamos quase no topo da escada, bem à vista de todos no corredor do lado de fora do salão. As vozes lá em cima estão ficando mais altas, mais agitadas.

— Você está segura? — pergunta o garoto. — No lugar onde está?

— Não posso ser ferida… fisicamente, pelo menos — murmuro. Então, após um momento de hesitação e considerando os construtos animais de Erebus e as lutas com os gêmeos, acrescento: — Não muito.

Ele se vira para mim.

— Você sabe que isso não me tranquiliza nem um pouco, né?

— É o menos pior — digo, desafiadora. — Estou onde escolhi estar.

— Onde você *escolheu estar*...? — Ele se volta de novo na minha direção a um degrau do topo. Parece que vai insistir no assunto, mas desiste. Então pergunta, com uma voz mais baixa que um sussurro: — Você está com o demônio que te levou da Divisão do Norte?

Não respondo.

— Eu nem sei seu nome de verdade.

Ele me responde com um sorriso estranho, triste.

— Nick.

— Nick — repito. — É diminutivo de Nicholas?

Quando digo seu nome inteiro, parece que uma corrente elétrica passa por ele. Um arrepio silencioso, antes que ele feche os olhos e alcance o topo da escada para seguir em frente.

— É.

Pelo visto não sou a única que tem uma reação involuntária ao ouvir o próprio nome saindo da boca de outra pessoa.

Talvez eu não conheça Nick, mas os sentimentos que ele desperta, as sensações na minha pele — tudo isso parece familiar. Parece real. Mordo o lábio inferior. *Como é possível sentir falta de algo que parece nunca ter existido de verdade?* Estou começando a entender, porque a ideia de ir embora e deixar Nick esta noite faz algo queimar dentro do meu peito.

Eu quero mais — como quis quando ele me beijou — e não sei dizer se devo. Se é uma boa ideia perseguir esses sentimentos antigos quando nem sei como ele os criou em mim, em primeiro lugar.

Quando finalmente chego ao topo da escada, encontro Nick olhando para o chão xadrez diante das portas do salão. Uma multidão está reunida do lado de fora, com vestidos e smokings, alguns reunidos em grupos frenéticos. Dois bruxos da segurança estão no alto da escadaria curva que leva ao saguão, barrando quem tenta se aproximar. Eu me pergunto por quanto tempo conseguirão conter esse aglomerado de gente sem que ocorra uma rebelião.

Paro ao lado de Nick.

— O que você está procurando?

— Não "o quê", mas "quem" — responde.

A pele ao redor dos olhos dele parece mais enrugada do que um instante atrás.

De repente, sinto um vazio no peito. Não consigo deixar de olhar para as mãos dele. Dessa vez, a esquerda está bem visível — e, com ela, a aliança larga de prata no dedo anelar.

Minha noiva.

— Ah — murmuro. — Esse "quem" seria a Iris?

Ele me lança um olhar rápido.

— Acontece que...

Antes que ele possa completar a frase, duas figuras se separam da massa de convidados e caminham em nossa direção.

Reconheço Zoe de imediato. Ela faz um grande esforço para não usar a velocidade cambion para chegar até mim, e a lentidão forçada permite que ela lance um olhar duro para Nick antes de me encarar com uma sobrancelha erguida. Dou de ombros, impotente, sem saber como começar a explicar o que aconteceu durante a última hora sem usar palavras.

Que inferno, acho que não conseguiria explicar essa última hora para ela nem se *usasse* palavras.

A segunda pessoa ao lado de Zoe é uma garota muito bonita, de pele marrom-clara e expressão furiosa, com cabelo curto e escuro, usando um longo vestido preto.

Elas se aproximam de nós ao mesmo tempo.

Para minha surpresa, Nick estende o braço na minha frente, me empurrando para trás dele, fora do alcance da garota nova.

— Não é o que você está pensando…

— Ei — protesto, empurrando o braço dele —, não preciso que você me proteja…

— Eu sei, mas…

— O que é isso? — sibila a garota, quase sem som. — Você armou uma emboscada pra mim?

Nick já está balançando a cabeça, a voz baixa, tentando não ser ouvido, embora estejamos longe da multidão barulhenta.

— Não, Ava. A gente se encontrou por acaso, eu juro…

— Isso é uma *traição*, porra.

A garota, Ava, se estica na ponta dos pés, tentando me olhar por cima do ombro de Nick. Quando ergue a mão, vejo o anel de noivado com diamante na mão esquerda, e uma dor totalmente irracional rasga meu peito. Ela é a *verdadeira* noiva dele? Ou mais uma noiva de mentira, como eu?

— Você espera mesmo que eu acredite que esbarrou do nada na…

— Se acalma aí, ô zé-ninguém. — Zoe surge ao meu lado, entrelaçando o braço ao meu. Ela leva meio segundo para perceber minhas mãos vazias… sem coroa, sem convite… então sacode nosso convite na frente de Ava e de Nick. — Não sei quem é você, mas essa é minha irmã, *Vivienne*…

— Na verdade — interrompo, baixinho —, agora eu sou meio que… a Iris?

Ava arregala os olhos.

— *O quê?*

Zoe se afasta um pouco, surpresa, com os olhos vermelhos piscando.

— Que história é essa de que agora você é a *Iris?*

— Cuidado! — aviso.

Os olhos de Zoe voltam ao castanho. Assim como eu, ela precisa manter a pose de garota humana normal esta noite. Minha fornalha está bem fechada, e Zoe deve esconder

ao máximo os traços cambion para que Mikael não desconfie que somos mais do que convidadas humanas. Mas não é só Mikael que me preocupa.

Não conheço essa tal de Ava, mas ela obviamente sabe quem eu sou — ou quem eu *era* — e não está nem um pouco feliz com a minha presença. Não posso correr o risco de ela revelar isso para Zoe bem no meio do evento de Mikael, com bruxos em cada canto, e ela também não pode descobrir que Zoe é uma cambion.

— *Tamar*, a gente precisa ir embora…

— Bree? — Uma voz baixa nos interrompe.

A garota negra atrás de Ava e Zoe tem a minha altura, parece um pouco mais velha, com tranças longas e óculos dourados arredondados sobre a máscara. O vestido é de veludo vermelho e dourado, e pendurado no peito dela está um pingente preto sólido num cordão de couro que chama a minha atenção. Assim como Nick, ela me conhece, mas eu não a conheço. Enquanto vasculho em minhas memórias alguma pista, qualquer resquício de emoção que eu possa associar a essa garota, dou um passo em direção a ela sem perceber.

— Meu Deus. — Ela arregala os olhos castanhos. — Não acredito que você está *aqui*. — Ela começa a se aproximar e se preparar para um abraço. Quando não retribuo, ela deixa os braços caírem e toca a máscara com um gesto tímido. — Ah, desculpa. A máscara. — Ela olha por cima do ombro antes de sussurrar. — Sou eu, *Mariah*.

— Eu não…

Ao ouvir meu tom de voz, ela se enrijece, então olha para Zoe, para Nick, para Ava, e volta a olhar para mim.

— Hã… o que está acontecendo?

— Boa pergunta — resmungo, frustrada por não conseguir isolar nenhuma emoção ligada a essa Mariah, por mais que eu queira.

Assim como com Nick, não consigo conectá-la a nenhuma outra memória.

— *Ótima* pergunta — retruca Ava.

— Uma pergunta *complicada*. — Nick aperta a ponte do nariz. — E não temos tempo para responder.

Como se quisessem provar que ele estava certo, as luzes do saguão e da entrada do salão de festas piscam. Todos olhamos para cima, com diferentes graus de irritação, e depois desviamos o olhar. Ao nosso redor, o corredor já se esvaziou quase por completo — só restamos nós ali, ainda parados.

— A gente precisa entrar no salão e resolver isso depois — digo.

— Odeio admitir, mas ela tem razão. — Ava faz um sinal para Nick. — Vamos, *Benedict*, precisamos nos sentar…

— Ele não pode — digo, balançando a cabeça. — O "Benedict" aqui já disse a Bianca que *nós dois* somos Benedict e Iris. Ela nos viu. — Mudo o peso de um pé para o outro, sentindo o rosto esquentar quando me lembro da boca de Nick na minha e do calor das mãos dele. — Tipo, *viu de verdade*. A gente precisa manter essas identidades pelo resto da noite. Só por precaução.

— É verdade — concorda Nick. — Agora ela é a Iris. Tem que ser.

— De jeito nenhum — diz Ava, com uma careta. — Se os olhos dela tiverem *um pingo que seja* de brilho prateado…

Meus olhos? Prateados? Engulo em seco. Só há um motivo para que eles fiquem dessa cor.

Arthur. Ava e Nick sabem que sou a Herdeira de Arthur e que sou Médium. Ao olhar para Mariah, percebo que ela me observa atentamente… e me dou conta de que ela também sabe disso. Sabe como é minha possessão e, pela expressão cautelosa, tem motivos para temê-la.

Eu não a culpo.

— Eu sei — murmura Nick. — Mas se quisermos sair daqui vivos, *todos nós* temos que manter essas identidades até o fim do jantar. Então, me dá o anel. — Ele estende os dedos, pedindo a peça.

Ava range os dentes até finalmente tirar o anel e entregá-lo a Nick.

— Ótimo. Maravilha. — Ela se vira para Mariah. — Seu nome é Mariah mesmo?

— Hã, na verdade, hoje à noite meu nome é Juliet — responde Mariah, puxando um cartão. — Curadora de uma galeria de arte no SoHo.

— Bianca viu você na entrada? — pergunta Ava. — Associou seu nome ao seu rosto? À roupa?

Mariah balança a cabeça.

— Ela não estava lá. Os guardas só verificaram a camada de aether do convite. E eu estava de máscara, como todo mundo.

— E você? — Ava se vira para Zoe.

Zoe exibe o cartão com um sorriso debochado.

— Sou só uma ricaça chamada Tamar acompanhada da irmã.

— Tá, se "Iris" é a Iris, então quem *eu* tenho que ser? — questiona Ava, com a voz rouca.

Ninguém responde. Ninguém *tem* uma resposta. Ela não pode mais assumir meu lugar, agora que Bianca me conhece como Iris.

De repente, vejo Zoe olhar para a porta e passar como um borrão entre Mariah e Ava, e então aparecer ao lado de Mariah, com o braço jogado sobre o ombro da garota, que pisca, surpresa.

— O quê… — começa Ava, mas se cala quando Bianca surge no fim do corredor, nos chamando.

— Desculpem, pessoal, mas precisamos que voltem aos seus lugares!

— Sem problema! — responde Nick com um aceno. — Só um instante!

Pelo canto do olho, vejo Ava arregalar os olhos ao ler o cartão na mão. O rosto dela fica vermelho enquanto se vira para fuzilar Zoe — que sorri ao lado de Mariah.

— Preciso de uma irmã falsa — diz Zoe, inclinando a cabeça na direção de Mariah. — Não somos as únicas mulheres negras aqui, mas também não tem tantas a ponto de

passarmos despercebidas. Se alguém perguntar, algo me diz que esse povo vai achar mais fácil acreditar que *ela* é minha irmã em vez de você.

A boca de Ava se fecha no mesmo instante.

É então que percebo o que Zoe fez: ela deu o cartão de Mariah para Ava, fazendo com que Mariah seja agora quem eu deveria ser, enquanto Ava assumiu o lugar de curadora de arte.

Pelo menos, agora todos nós somos *alguém* que deveria estar aqui.

Nick, por sua vez, estampa de novo aquele sorriso falso.

— Vamos, Iris? — Ele faz um gesto na direção das portas abertas do salão.

Troco um último olhar com Zoe, que está com os olhos grudados em nós. Ela encara Nick, depois a mim, e sua mensagem é clara: *Cuidado com ele*.

Mas, ao deixar Nick me conduzir até a nossa mesa, temo que o aviso tenha vindo tarde demais. Porque, nos braços de Nick, não sinto que preciso ter *cuidado.*

Eu me sinto… imprudente.



QUANDO CHEGAMOS à nossa nova mesa, localizada bem na frente do salão, a primeira coisa que noto é que estamos sozinhos. Não há ninguém sentado conosco ou nas mesas próximas.

Nick deve ter percebido a minha expressão de surpresa.

— Já estive em eventos assim antes. Essas mesas são pra grandes investidores, milionários. Se você paga um pouco mais pra pessoa certa, pode desfrutar do luxo de não precisar se misturar com o "povão".

— Então, você e sua noiva são milionários?

— Somos — responde ele, num tom vago.

Não consigo dizer se Nick está falando dele e de Ava ou dele e de mim, e, de repente, uma faísca de frustração arde no fundo da minha garganta.

— Quantos anos você tem, afinal?

— A mesma idade que você. — Ele puxa minha cadeira. — Feliz aniversário, aliás, mesmo que bem atrasado.

Então ele tem dezessete, penso. *E sabe que dia é o meu aniversário?*

Eu me sento, mesmo com o coração acelerado diante da perspectiva de passar mais tempo a sós com ele. *Só preciso sobreviver ao jantar*, digo a mim mesma. Preciso ser *inatingível*. Depois, Zoe e eu podemos encarar a decepção — ou a fúria — de Erebus e elaborar um novo plano para conseguir a coroa.

Olho ao redor da sala e quase tenho um mini-infarto ao perceber que a mulher que estava sentada ao meu lado pode estranhar meu desaparecimento — e a aparição repentina de Zoe e Mariah. Mas, quando avisto a primeira mesa do outro lado do salão, percebo que a mulher não poderia ligar menos para a presença de Zoe ou Mariah. Ela está na beirada do assento, analisando o ambiente, observando o aumento da segurança nas extremidades e as luzes piscando no teto. Em cada entrada e saída, há o dobro de guardas.

E, mesmo com toda essa segurança reforçada, ainda não sinto nenhum olhar demoníaco na minha direção, apenas a sensação de Zoe observando meu ombro e bochecha esquerdos expostos. Quando volto a olhar para ela, seus olhos estão fixos no novo fluxo de guardas e seu nariz se contrai visivelmente.

Devem ser todos bruxos.

Ava, por sua vez, está sentada ainda mais longe da mesa onde estou com Nick do que Zoe e Mariah. *Ela* me encara com olhos escuros e frios por trás da máscara, de braços cruzados.

— Aquilo foi você? — pergunta Nick, interrompendo meus pensamentos.

Quando me viro, me pergunto há quanto tempo ele está me observando com aquela expressão contida e incrédula. Como se estivesse escondendo algo, mas ainda assim chocado por eu estar aqui.

Por eu ser real.

Achei que já tinha me acostumado com o rosto dele, mas agora me pergunto se isso é realmente possível. Não é apenas pelo fato de ele ser bonito, e sim porque, mesmo com a máscara, o olhar dele me desequilibra, me deixa exposta.

— Aquilo o quê?

Ele desvia os olhos azuis para as luzes piscantes, para a segurança no salão.

— As luzes se apagando logo antes do nosso *encontro* lá embaixo. Foi você e sua amiga?

Pisco, percebendo a que ele está se referindo.

— Hã, não. Não fomos nós.

— Hm… — murmura Nick, os olhos vasculhando o salão atrás de mim, pensativo. — Então outra pessoa acionou o sistema de segurança e nós acabamos sofrendo as consequências.

— Outra pessoa?

— Um terceiro… convidado da reunião. — De repente, ele força um sorriso largo e adota uma postura relaxada enquanto chama um garçom de smoking que passa pela nossa mesa. — Ei, o que a gente está esperando?

O garçom se enrijece diante da casualidade de Nick, uma atitude que ele parece usar como mais uma máscara, assim como fez antes com Bianca.

— O dono da Penumbra… e seu *ilustre* anfitrião… vai se dirigir aos convidados em breve. Fomos instruídos a reforçar a segurança após um incidente. Não devem demorar…

— Que chatice — protesta Nick, afundando ainda mais na cadeira. — Aposto que vai ser algum advogado chato. Nem deve ser o dono de verdade.

O homem se incomoda.

— Posso garantir que há apenas um mestre nesta propriedade.

— Ah — responde Nick, animado. — Então esse tal de Mikael vai *mesmo* aparecer? Ouvi dizer que ele nem mora aqui, só abre o lugar pra festas.

O garçom faz que sim com a cabeça.

— Embora o sr. Di Centa não more aqui em tempo integral, ele faz questão de ser um bom anfitrião durante esses eventos especiais. Para os convidados bem-vindos, pelo menos.

Nick se inclina um pouco.

— É verdade que alguém tentou invadir o prédio? No meio da festa?

O garçom se remexe.

— Não a mansão em si.

A sobrancelha de Nick se ergue por cima da máscara.

— Sério?

Mas o garçom parece ter se cansado do teatrinho de Nick e fecha a cara.

— Deseja uma bebida enquanto espera, senhor?

Nick coça o queixo, pensativo.

— Um Lagavulin 25 anos pra mim. Sem gelo. E um… Coquetel 75 pra minha dama?

— Claro — diz o garçom, se virando para o bar.

Depois de um instante, Nick se endireita e me olha.

— O quê? — pergunta.

Franzo o nariz.

— Essa é a sua cara de "playboy"?

Nick dá uma risadinha.

— Você já me perguntou *algo parecido* antes também.

— Quer dizer que eu já vi você mentir antes?

Ele franze a boca.

— Fiquei bom em… fingir. Quando era mais novo. — Ele gesticula em direção a Zoe. — Você também não manda nada mal nisso.

— Eu… — começo a dizer, mas balanço a cabeça. — Não somos só eu e você. Acha mesmo que esses compradores do mercado clandestino e milionários deram os nomes verdadeiros enquanto usam máscaras que cobrem metade do rosto?

— Não estou falando do disfarce deles. Estou falando do seu.

— Não sei do que você está falando.

— Claro que não — responde ele, arrastando as palavras, e volta a olhar para o salão.

Faço uma careta, sentindo uma vontade repentina de brigar com ele de novo, de um jeito ou de outro.

— Você se acha tão esperto.

Ele vira o queixo na minha direção, ainda analisando as pessoas.

— Alguém esperto me disse uma vez que eu era esperto. Vou tomar isso como elogio.

— Tenho a sensação de que esse "alguém" fui eu.

— Acertou. — Um silêncio breve se instala antes que Nick volte a me encarar. Ele hesita. — Não era assim… que eu pensei que ia encontrar você.

Meu peito dói, e não sei por quê. O que meu corpo sabe sobre esse garoto que minha mente não lembra?

— E como você imaginava que seria?

Ele me lança um olhar demorado.

— Acho que já não importa mais.

Sinto um frio na barriga. O garçom retorna com nossas bebidas antes que eu possa responder. Assim que as coloca sobre a mesa, Nick tira a carteira do bolso do paletó e entrega uma nota ao garçom.

— Valeu, cara.

O momento entre nós se desfaz. A outra máscara de Nick, a invisível, já está de volta ao lugar. Estremeço e encaro a nota de cem dólares que o garçom guarda no bolso.

— Muito obrigado, senhor — diz ele, se afastando.

Assim que o garçom se afasta, Nick suspira baixo.

— *Isso*, mais do que qualquer outra coisa, pode gerar suspeitas.

— Por quê? — pergunto. — Porque você deu uma gorjeta boa?

— Porque eu dei gorjeta, ponto — responde Nick. — Gente rica não acha que os outros *mereçam* ser pagos pelo trabalho. São os piores na hora de dar gorjeta.

Fico em silêncio, me perguntando quantas pessoas ricas ele já conheceu e por que fala delas como se não fizesse parte do grupo, se já foi a tantos eventos como esse antes.

— Mas você deu a gorjeta mesmo assim?

Nick toma um gole do líquido dourado no copo antes de responder, fazendo uma leve careta com a ardência antes de pousá-lo na mesa de novo.

— Não sei se aquele garçom faz ideia de quem é o chefe dele. Muita gente inocente acaba envolvida em magia que pode acabar matando.

Dou uma risadinha.

— Então você não é tão bom assim em fingir, afinal.

Ele retribui com um sorriso discreto.

— Não quando estou com você.

Meu cérebro falha por um instante e, em seguida, meus pensamentos aceleram. Com uma única frase, Nick rompe a tensão entre nós. Eu me lanço por essa brecha, faminta pela honestidade dele.

— E o que mais acontece quando você está comigo?

Nick ergue a sobrancelha.

— Acho que já cobrimos o básico hoje à noite.

— Brigar?

— Prefiro chamar de provocação.

Semicerro os olhos.

— Combate?

— Essa parte foi novidade, mas não vou reclamar. E você?

— Não. Foi como você disse. Eu… me diverti. — Eu me surpreendo com minha resposta, mas isso não parece surpreender Nick.

— Percebi. — Ele encara minha expressão irritada com um olhar bem-humorado.

Pauso, pensando na próxima pergunta. No silêncio, Nick gira o copo devagar entre os dedos. Primeiro para trás, depois para a frente. Ele espera enquanto crio coragem. Enquanto tento ser honesta. Por fim, pergunto:

— E o que aconteceu entre a gente no elevador…?

O copo para.

— Já fizemos aquilo antes, sim. Não num elevador.

Fico corada ao me lembrar dos seus lábios quentes e mãos firmes. Um caminho de cascalho sob meus pés nas primeiras horas da manhã. As sombras elétricas de um quarto escuro em outro baile, em outro tempo. Aquilo foi com ele? Éramos nós?

— A gente já fez isso… muitas vezes?

A boca dele se contrai.

— Você vai ter que ser mais específica.

Ah, como esse garoto me irrita. Baixo a voz.

— Os beijos. Os… toques.

Nick me observa por um momento antes de responder, os olhos indecifráveis.

— Já nos beijamos o suficiente pra eu saber como você gosta de ser beijada. Já nos tocamos o bastante pra eu saber como você quer ser tocada. É por isso que sei que a gente não deveria continuar falando sobre beijos… e toques.

Minha respiração falha.

— Por quê?

— Porque antes de termos essa conversa você me disse que voltaria pra onde esteve nos últimos quatro meses, e eu já decidi que não vou tentar te impedir.

A firmeza na voz dele me cala. Ele mantém o olhar fixo no meu e eu não recuo, até que o volume no salão aumenta repentinamente, nos lembrando de onde estamos e de quem deveríamos ser. Não somos Nick e Bree, reunidos de forma inesperada, antigos possíveis-amantes, mas Benedict e Iris, jovens Colecionadores que acabaram de ficar noivos. Desviamos o olhar bem a tempo de ver Mikael, a Sombra, subir ao palco.

Mikael está vestido de preto e verde, a mesma combinação de cores dos convites. Isso já diz muito: ele gosta de controle e quer causar uma impressão específica. Quer mostrar que tem bom gosto, mesmo que só pelas aparências.

Erebus disse que Mikael gosta de estar entre humanos. Ele valoriza a humanidade não apenas pelo sustento emocional que ela oferece, mas por outros motivos. Basta um olhar para essa Sombra ancestral e até eu consigo perceber que ele adotou completamente aquela aparência humana, bem do século passado, bem *norte-americana* de riqueza e poder. Muito mais do que Erebus ou Daeza jamais demonstraram.

Mikael veste um paletó preto sob medida com uma echarpe de seda verde-manjericão pendendo da lapela, e calças de smoking com listras verde-esmeralda escuras. Seu cabelo escuro está penteado para trás, com gel. Tem a minha altura, mas os ombros mais largos. É bonito e imponente, com traços fortes, pele marrom-clara e dentes brancos e retos.

Mikael aparece sem máscara, e a mensagem é clara: ele *quer* ser visto. Quer ser reconhecido, que seus seguidores entendam que é tão poderoso que não precisa se

esconder. Claro que esses humanos não sabem que, assim como Erebus e Daeza, até o rosto que ele exibe é apenas mais uma máscara.

— Um grande Gatsby demoníaco — murmuro.

Nick concorda.

— Um magnata ladrão e enigmático, embriagado pela própria mitologia? — diz ele.

Dou uma olhada ao redor, observando os convidados humanos que, apesar da inquietação de minutos atrás, agora parecem totalmente encantados com a aparição do anfitrião.

— Algo assim. — falo.

Mikael nem sequer se dá ao trabalho de usar o microfone para se dirigir aos convidados.

— Boa noite a todos. — A voz dele percorre o salão como uma onda baixa. Um sotaque arrastado e dominante, com um sorriso traiçoeiro de gato de Cheshire que deixa a multidão sem palavras. — E bem-vindos ao Baile de Gala Anual dos Colecionadores da Penumbra.

A sala aplaude. Mas nem isso é alto o suficiente para abafar o som da porta se fechando, selando todos nós ali dentro com um clique alto e sinistro.

— Se ainda não nos conhecemos pessoalmente, sou Mikaelaz Di Centa. Mas, por favor, me chamem de Mikael. Confesso que não costumo aparecer tão cedo nesses eventos. Mas devo admitir que alarmes de segurança, luzes de emergência e interrupções inesperadas não são exatamente um entretenimento de qualidade quando se está conduzindo negócios que não são *estritamente* legais.

Um riso nervoso percorre a sala, e a tensão se torna palpável. Algumas pessoas ajeitam as máscaras nas cadeiras.

— No entanto, quis vir pessoalmente para assegurar a todos que continuo comprometido com os princípios desses encontros e com a confiança de vocês. Lembro que é obrigatória a utilização de máscaras que cubram a parte superior do rosto. Incentivamos o uso dos primeiros nomes, mas perguntar sobrenomes ou locais de trabalho é estritamente proibido entre os Colecionadores. O que acontece na Penumbra *fica* na Penumbra.

O sorriso de Mikael se amplia, e as risadas no salão se tornam mais leves. No entanto, sinto a parte de trás da minha cabeça formigar, como se tivesse sido atingida por uma faísca.

— O quê…? — sussurro.

Nick arqueia as sobrancelhas numa pergunta silenciosa, mas não tenho resposta. Não sei *o que* acabou de acontecer, apenas percebo que algo *aconteceu*.

— Agradeço a todos por colaborarem com minha equipe de segurança, que não só protegeu o local como garantiu a segurança de vocês. Esta noite, houve uma tentativa de invasão a uma edificação protegida do terreno. Nada tão inesperado, considerando o valor dos itens reunidos para o nosso evento… Mas o que é ainda mais perturbador é que preciso informar que houve um *segundo* incidente. Um muito mais violento… e

repugnante. — Mikael faz uma pausa, e um leve sinal de desprezo se desenha em seus lábios antes que ele possa conter a expressão. — Alguém atacou um dos meus guardas dentro do prédio, deixando-o gravemente ferido e necessitando de atendimento médico. Após uma varredura completa da propriedade, minha chefe de segurança, Bianca, concluiu que tanto o ladrão *quanto* o agressor ainda estão aqui… entre nós.

O salão mergulha em sussurros de novo, mas algumas vozes se exaltam, alarmadas. Resisto ao impulso de me virar para Zoe, mas sinto seu olhar sobre mim. Ao meu lado, Nick faz um som baixo enquanto bebe o uísque, claramente direcionado a mim. Ele observa a bebida com um interesse exagerado.

Faço uma careta. Esperava ter derrubado o bruxo por tempo suficiente para que Zoe e eu conseguíssemos sair dali. Talvez tivesse funcionado, se o restante do plano não tivesse falhado.

Mas quem é esse outro ladrão, esse *terceiro* elemento que tentou roubar algo de outro lugar? Olho imediatamente para Ava, mas ela está concentrada em Mikael. Será que ela é a terceira ladra? Se sim, por quê? Achei que ela estivesse com Nick.

— Entendo perfeitamente se alguns de vocês estiverem desconfortáveis demais para prosseguir com nosso jantar e leilão. Muitos têm suas próprias preocupações de segurança. Se desejarem abrir mão da chance de dar lances nos itens desta noite, sintam-se à vontade para partir agora e tentar conseguir um convite para o Baile de Gala do ano que vem.

Mikael faz uma pausa para que suas palavras sejam absorvidas. A hesitação em aceitar a oferta dele se reflete nos rostos ao redor. Se forem embora agora, talvez não recebam outro convite.

Quando Elijah nos explicou os Bailes de Gala dos Colecionadores, também deixou claro que só teríamos uma chance de conseguir a coroa. Se a coroa ou qualquer outro item desta noite forem arrematados com sucesso, talvez nunca mais circule, nem mesmo de forma discreta, em um evento como este. Estamos diante de uma oportunidade única. E se quero impedir o Rei das Sombras de se tornar o Caçador de Artesãos de Raiz, não posso me dar ao luxo de perder essa chance. Desta vez, *encaro* Zoe, e ela faz que sim com a cabeça — estamos em sintonia. Vamos ficar, mesmo que precisemos improvisar um novo plano antes da sobremesa.

— Transferimos todos os itens do leilão para um local mais seguro e decidimos remarcar o leilão para daqui a três dias, no domingo à noite — continua Mikael. — Os Colecionadores que ainda tiverem interesse nos itens precisarão passar por um nível adicional e adequado de triagem de segurança… e permanecer no local, aqui na Penumbra, durante todo o fim de semana.

Nick bate o copo com força na mesa, mas o barulho se perde no alvoroço entusiasmado dos convidados em traje formal ao nosso redor.

Por toda parte, os Colecionadores de Mikael aplaudem ou trocam sorrisos ansiosos com a perspectiva de permanecer na Penumbra por mais três dias. Enquanto fico chocada com a notícia, os Colecionadores estão em êxtase.

Mikael se sobrepõe à onda de murmúrios excitados:

— Vejo que muitos de vocês já são Colecionadores há tempo suficiente para se lembrar da última vez que a Penumbra recebeu hóspedes durante a noite, em comunhão. Como no passado, permitiremos, é claro, que itens necessários sejam enviados para vocês: medicamentos, artigos de higiene, etc. E, para mantermos a atmosfera tradicional da propriedade, *forneceremos* aos convidados trajes aprovados para cumprir o código de vestimenta exigido. Todas as despesas e refeições estarão incluídas.

Os aplausos que se seguem são estrondosos, como se ele tivesse acabado de conceder a todos na sala o maior desejo de suas vidas.

Ouço o barulho do meu coração batendo forte, mas, do outro lado do salão, meus olhos encontram os de Zoe. Ela já está me observando, respirando devagar, resignada.

Regras podem mudar.

Ela ergue levemente a bolsa, me lembrando que minha mala de viagem ainda está sob a mesa. Erebus suspeitava que Mikael mudaria o jogo no meio da partida e fez questão de que estivéssemos preparadas. Um alívio me invade ao perceber que teremos outra chance de conseguir a coroa — e logo.

Só precisamos aguentar o fim de semana e, pelo jeito, deixar Mikael nos vestir como bonecos vivos para se adequar à estética dele. Só posso torcer para que a garota Artesã de Raiz do Rat ainda esteja ligada à sua raiz. Que o Rei não a esgote nesses três dias, que ele esteja se alimentando de outras fontes de poder.

Ao nosso redor, convidados puxam suas malas debaixo das mesas, e uma sensação desconfortável faz meu estômago se revirar.

Esses "Colecionadores" não são apenas um grupo exclusivo de apreciadores de artefatos raros, nem apenas seguidores entusiasmados de Mikael. Eles vão além disso. A voz de Erebus ressoa em minha mente: *Mikael prospera onde há tanto devoção quanto ganância humanas.*

Mas se o leilão só vai acontecer no domingo, por que esses humanos estão tão sedentos?

Enquanto Mikael continua a falar, agora sobre os passeios pela propriedade e as comodidades disponíveis nos próximos dias, a expectativa no salão aumenta. Como se os Colecionadores estivessem esperando ouvir sobre um evento específico. Uma atividade específica.

— Isso é estranho… — começo, mas paro ao sentir a mesa vibrar sob minhas mãos.

Levo apenas um instante para perceber que é Nick, cujos joelhos e coxas tremem, e cujo olhar está pensativo, vidrado. Ele tem sido tão controlado e contido desde que nos

reencontramos que essa demonstração aberta de nervosismo me preocupa. Ele não parece alguém que já se *sentiu* assim alguma vez.

— O que foi? — sussurro.

— Três dias — murmura ele, com os olhos perdidos no vazio. — Eu não posso ficar aqui por três dias.

Sou dominada pelo pânico. Estamos juntos nessa agora. Se Nick — ou melhor, Benedict — for embora, isso significa que "Iris" também terá que ir? Isso não pode acontecer. Zoe e eu precisamos ficar para encontrar a coroa, deter Erebus e salvar a garota sequestrada, além de resgatar o maior número de garotas possível.

— Por quê? — questiono.

Os pensamentos se agitam nos olhos dele, como se eu não tivesse falado.

— É muito tempo.

Eu estava errada. Não vejo nervosismo em Nick, mas desespero… e um leve toque de terror. O que *mais* Nick sabe que eu não sei?

— Tempo demais pra quê?

Toco no braço dele sem pensar, mas ele recua como se eu tivesse queimado sua pele.

Por trás da máscara, os olhos de Nick relampejam, me prendendo em seu caminho. Seu rosto é uma nuvem de tempestade, prestes a desabar.

— Você não deveria estar aqui. Uma hora ou duas, eu aguentaria. Mas três dias? — Nick desvia o olhar, levando a tempestade com ele. — Não tenho a menor chance de conseguir ficar perto de você por tanto tempo.



AS PALAVRAS DE NICK me atravessam como uma lâmina, cortando meus pulmões até eu ficar sem ar. Em seguida, a indignação irrompe do meu peito, queimando o choque até que ele desapareça.

— Posso perguntar por que é tão insuportável assim ficar perto de mim?

O maxilar de Nick se move de um lado para o outro, e vejo algo verdadeiro brilhar por trás de seus olhos antes que ele feche a cara novamente. Ele inspira fundo, devagar, e se recosta na cadeira. Mikael já saiu do palco, mas a sala ainda pulsa de energia. Agora que a estadia de fim de semana na Penumbra foi anunciada, o jantar começou a ser servido.

— Pode me perguntar o que quiser — diz ele. — Mas isso não significa que vou responder.

— Então é assim que vai ser? — retruco, indignada. — Você vai virar um babaca?

Ele responde sem olhar para mim:

— É bem provável.

Fico boquiaberta.

— Você *sempre* foi assim?

Ele solta o ar com força.

— Depende de quem pergunta.

— Bem, a gente sempre pode trocar de volta, sabia? — digo, apontando com o queixo para onde Ava está sentada. — Você pode voltar pra sua noiva de verdade. Aposto que preferiria passar três dias com ela.

— A Bianca nos viu juntos. O garçom também. E agora o próprio Mikael. Não dá mais pra trocar de volta. Por mais que eu quisesse muito fazer isso. — Ele tensiona o maxilar. — Por mais que a gente devesse.

— Uau — sussurro, áspera. — Eu achei que quisesse saber mais sobre nós… sobre quem *a gente* era antes, mas, agora, acho que é melhor não saber nada a seu respeito!

— Você está mentindo. — É uma constatação tranquila, acompanhada de um sorriso contido. — Mas não te culpo.

A vontade de jogar minha bebida na cara dele é tão instantânea que, quando percebo, minha mão direita já está no copo. Mas Nick se move mais rápido, e, num piscar de olhos, prende meu pulso com uma força surpreendente.

— Calma aí, noivinha — murmura Nick, inclinando a cabeça para me olhar nos olhos. — Não seria ideal comprometer *a nossa* farsa com uma briga pública, não acha? Ainda mais com três dias pela frente pra terminarmos o que começamos no porão.

Cerro os dentes, mas não solto o copo. A mão dele é grande demais contra a minha. Veias e músculos delicados envolvem meu pulso. Eu poderia me soltar, mas isso chamaria atenção. Escorrego a mão esquerda, ainda livre, para debaixo da mesa.

— O que foi que a gente *começou* no porão?

— Algo que você sabe que a gente não pode continuar, então pra que perguntar?

— Digamos que sou curiosa — disparo, tentando puxar o braço, em vão.

O aperto dele é firme.

— Digamos que você é *cruel,* na verdade. — Os olhos dele descem até a mesa, divertidos e atentos. — Você está *mesmo* tentando pegar a adaga presa na sua coxa aqui, no meio de todo mundo?

Já estou segurando o cabo. Há quanto tempo ele sabe que a adaga está ali? Quando foi que notou? No porão escuro? Quando estávamos prensados no elevador, corpo contra corpo, perna contra perna?

— Não.

— Está, *sim*. — O rosto dele se ilumina, surpreso. — Olha só pra você. Incrível. Você é um enigma lindo, poderoso e violento que me esfaquearia na frente de todo mundo só pra provar seu ponto. — Ele usa a força no meu pulso para se aproximar mais, como se quisesse me ver melhor. — Era assim mesmo? — murmura. — Você sempre foi assim?

— Você sabe que sim — sussurro, impiedosa. — Então, para que perguntar?

Ele abre um sorriso rápido, íntimo. Seus olhos percorrem meu ombro com uma expressão neutra, e o primeiro prato é servido.

— Não posso deixar você me esfaquear no meio do jantar, mas, se for fazer isso, teria que ser depressa e em um lugar discreto. Nada que chame atenção pra nós dois. — Ele inclina a cabeça, pensativo. — Evite a artéria femoral, sangra demais. Parte externa da coxa, talvez? A toalha cobre.

— Agora eu nem *quero* mais te esfaquear — rosno.

A boca dele se curva, maliciosa.

— Estraguei sua diversão?

— Você estragou minha diversão no porão quando apareceu do nada.

— Você se deu conta de que, do meu ponto de vista, foi *você* quem apareceu do nada?

Por que isso mexe tanto comigo? Solto um grunhido. Os garçons serpenteiam pelo salão, depositando pratos de salada, cestos de pão e manteigueiras diante dos convidados

famintos. A mesa mais próxima à nossa acabou de receber os pãezinhos. Nick e eu temos apenas mais alguns minutos de privacidade antes que um garçom se aproxime.

— O que você estava fazendo lá embaixo, afinal? — pergunto.

— Adivinha.

Lanço um olhar fulminante para ele, nossas mãos ainda travadas, meus dedos agarrados ao cabo da adaga sob a mesa.

— Procurando algo que ainda não estava pronto pra exibição pública.

— Correto.

Dou um palpite ousado. Específico, mas não específico *demais.*

— Veio atrás de algum item mágico?

— Sim — responde ele. — Quero um item mágico. Que nem você.

Não nego. Com muito esforço, solto os dedos do copo. Nick inclina o queixo na direção do meu colo.

— Agora a adaga.

Faço uma careta, largando a arma escondida e trazendo a mão de volta ao colo. Ele murmura, satisfeito:

— Garota esperta.

Só então ele me solta.

Minhas bochechas queimam.

— Por que você quer isso?

Ele ri, baixo.

— Tenho meus motivos.

Parece arriscado continuar falando. Como se eu pudesse acabar dizendo mais do que deveria. Ou, pior, pegar outra coisa para jogar… e acabar, sem querer, convidando-o a encostar em mim de novo, quando meu pulso ainda parece *vibrar* com o toque dele. Então, não digo nada.

Ele ri *disso* também.

Esse garoto é *insuportável.*

A voz de Mikael percorre o salão, nos cobrindo como um cobertor sobre o som de talheres tilintando.

— Se não se importam, agora que o jantar está sendo servido, gostaria de tratar de alguns assuntos práticos.

Ele levanta a mão, chamando alguém para a frente do salão.

Bianca e Lawson se aproximam do palco e, entre eles, guiado como um prisioneiro, está o convidado Colecionador que foi pego pela barreira mágica na entrada da mansão. Sinto um frio na barriga. Elijah não sabia o que a barreira havia sido projetada para detectar, mas parece que vamos descobrir agora.

O homem tropeça ao ser conduzido entre as mesas. Ele olha freneticamente por todo o salão, mas não consegue escapar das mãos pesadas em seus ombros, e ninguém tenta ajudá-lo.

— Pode ser que não sigamos as leis do mundo lá fora — explica Mikael para os convidados na sala —, mas temos nossos próprios valores de discrição e verdade. É com grande tristeza que informo que, além das duas violações que mencionei esta noite, descobrimos uma terceira. Uma violação de discrição.

Suspiros e cochichos ecoam entre os Colecionadores sentados. Nick e eu trocamos um olhar nervoso. O que vamos testemunhar?

O Colecionador avança, mas Lawson o puxa de volta.

— Mikael — implora o homem —, eu nem sei por que estão me interrogando! Você sabe que eu nunca faria nada pra prejudicar a comunidade…

Mikael o silencia com um olhar.

— Assim que alguém cruza meu limiar, sinto a traição no coração da pessoa. Você sabe disso, Eric.

— Eu nunca trairia você! — exclama Eric.

Mikael franze a testa.

— Mas você veio aqui hoje com a intenção de nos expor, não foi?

O rosto de Eric perde toda a cor.

— Eu… Foi só… só um pensamento, Mikael, eu não ia fazer isso de verdade…

— Mas nossos pensamentos e desejos *são tudo*, meu amigo — retruca Mikael. — E os seus violaram nosso código. Violações têm consequências. Consequências que você aceitou ano após ano, não foi?

Os ombros de Eric caem.

— Foi.

— Então você as aceita?

Eric baixa a cabeça.

— Sim, claro. Aceito as consequências.

— Em nome da discrição e da verdade? — insiste Mikael.

Eric cerra os punhos e fecha os olhos com força.

— Em nome da discrição… e da verdade.

Não há aviso… apenas Mikael, inclinando o queixo.

Sem dizer uma palavra, Lawson desliza a mão até a nuca de Eric… e aperta. O corpo de Eric se contorce. Seus olhos se reviram… e então ele se vai.

Lawson se curva rapidamente para segurá-lo antes que caia, embalando o Colecionador contra o peito como se ele apenas tivesse adormecido.

Então, sob a mesa, Nick apoia a mão no meu joelho, pressionando-o com firmeza, segundos antes de um sentimento ácido de horror se espalhar por mim. Meu corpo entende que acabei de testemunhar um assassinato antes mesmo que minha mente assimile. Quando os sons voltam aos meus ouvidos, percebo que o jantar continua. Os talheres não pararam de tilintar nos pratos. Os garçons não deixaram de circular. Uma taça de vinho é servida como se nada tivesse acontecido. Quando Lawson e Bianca deixam o salão com Eric nos braços, meus pulmões estão ardendo. A mão de Nick é a

única coisa que me impede de uivar, gritar ou sair correndo daquele salão. De me tornar uma violação.

— Se notarem qualquer outra violação indesejável neste fim de semana, meus amigos — avisa Mikael —, por favor, alertem nossa equipe a qualquer hora do dia. Sua lealdade será generosamente recompensada, pois um insulto a um de nós é um insulto a todos nós.

O aplauso contido que se segue me abala até os ossos.

As palavras de Mikael são as de um anfitrião cortês, um cavalheiro, mas o que ouço é um aviso: qualquer Colecionador que der um passo fora da linha neste fim de semana pode, deve e será denunciado por outro Colecionador a Bianca e sua equipe, e terá o mesmo destino de Eric.

Dez minutos atrás, Nick e eu estávamos apreensivos com quem poderia nos ver como Benedict e Iris. Agora, nossa preocupação é quem pode nos considerar uma ameaça. Mikael poderia instalar outra barreira para vigiar a mansão, mas para quê? Os Colecionadores farão esse trabalho por ele.

Do outro lado da sala, Zoe está apoiando o braço de maneira um tanto desajeitada nos ombros de Mariah, oferecendo um consolo incômodo a uma garota que mal conhece, enquanto ambas encaram a mesa com os olhos arregalados e vazios. Ao meu lado, Nick aperta levemente meu joelho em silêncio. *Consegue aguentar?*

Odeio o fato de já ter encontrado a morte tantas vezes que sei como sobreviver à sua chegada. Respondo com um aceno rígido, pois preciso. Se quisermos sair daqui vivos em três dias, todos nós *teremos* que aguentar.

— Aproveitem o jantar.

Enquanto Mikael se afasta, o jazz que tocava anteriormente volta a embalar a noite, acompanhando o restante do serviço. Seja qual for essa música, sei que nunca vou esquecê-la.

Nossos pratos principais chegam, mas nenhum de nós consegue comer. Felizmente, não demora muito para uma rota de fuga surgir.

— Olha ali — diz Nick, apontando com o queixo para um grupo de Colecionadores perto das portas do salão.

Parece que as pessoas estão formando uma fila para falar com os atendentes da propriedade, o pequeno exército de Mikael.

Eu e Zoe nos encaramos. Depois, ela e Mariah murmuram entre si. Ava, por outro lado, parece ter desaparecido.

Quando nosso garçom retorna com uma caixa preta com tranca, Nick arqueia a sobrancelha.

O garçom aponta para outros membros da equipe que circulam com caixas semelhantes.

— Como parte do processo de segurança, recolheremos os dispositivos e os armazenaremos em segurança — explica, indicando o teclado eletrônico no topo. — O senhor definirá a senha.

Nick faz uma careta, mas enfia a mão no bolso do paletó.

— Tá bem.

Quando o garçom se volta para mim, levanto as mãos vazias.

— Não trouxe o celular — falo. Ele semicerra os olhos. — Optei por algo mais analógico, pra combinar com o clima retrô.

Ele parece prestes a me questionar, mas desiste. Assim que Nick tranca o celular na caixa, o garçom se afasta.

Nick suspira.

— *Que desconfortável*.

— Já passei por isso antes — explico. — Entreguei um colar pra entrar num bar.

A expressão dele vacila, e a fachada de Benedict se desfaz por um instante. Seus olhos descem até minha clavícula e esterno nus.

— Um colar?

— É — respondo.

— Que tipo de colar?

A pergunta sai num tom áspero, o bastante para me fazer erguer o olhar e verificar se a expressão dele é tão rude quanto sua voz. E sim, é.

— Um presente.

De repente, meu sangue pulsa alto nos ouvidos e minha respiração fica presa na garganta. Um presente. Um presente. *Um presente.* Vejo a incerteza cruzar o rosto dele antes que a máscara retorne.

— Precisamos encontrar as outras. Combinar como vamos lidar com isso tudo.

— Certo.

E ele está *mesmo* certo.

Zoe e Mariah estão vindo em nossa direção, andando quase em sincronia, cada uma com uma mala na mão, quando param no meio do caminho.

Não preciso adivinhar o que provocou aquelas reações. Não quando posso *sentir*. O demônio às minhas costas é muito, muito antigo. Seis meses atrás, essa atenção teria me derrubado. A sensação de ardor, como um arranhão abrasador na pele. Agora, depois de viver e treinar com Erebus em sua forma de Rei das Sombras, a atenção de Mikael parece mais irritante do que perigosa, como algo que eu poderia esmagar com a mão.

Murmuro, sem som, uma mensagem para Zoe e Mariah: *Vão. Encontro vocês depois.*

Zoe puxa Mariah pelo cotovelo, guiando-a em direção à saída. Seja lá quem Mariah for, ela aprende rápido. Deixa que Zoe a conduza sem tentar olhar por cima do ombro para o demônio atrás de mim. Quando Zoe passa pela nossa antiga mesa, ela larga minha mala sobre uma cadeira e segue em frente, sem parar, deixando-a lá para eu pegar depois.

Quando me levanto, Nick faz o mesmo. Não nos viramos. Nossos olhos se encontram e, mesmo que estejamos de costas para o anfitrião, sei que Nick sabe quem está nos observando. De alguma forma, Nick *sabe*.

Damos um único passo.

— Vocês devem ser Benedict e Iris.

Nós nos viramos ao mesmo tempo.

Nick fala primeiro.

— Isso mesmo.

Ele intercepta o aperto de mão de Mikael, se posicionando de forma que o anfitrião não consiga me ver por completo. Fico aliviada por não ser o foco do olhar dele e grata por Nick parecer entender que sinto fisicamente a atenção de um demônio. Ou talvez ele apenas saiba que, como Herdeira de Arthur — e pessoa que nocauteou um dos guardas de Mikael —, sou exatamente o tipo de convidada com quem o dono da festa não deve passar muito tempo.

— Meus parabéns pelo noivado de vocês — diz ele.

Quando o olhar de Mikael se fixa em mim, minha pele explode em faíscas ardidas. De perto, percebo que os olhos dele são de um castanho-claro quente, como mel, e não daquele vermelho goruchel profundo. Lentes de contato, talvez? Quando ele sorri, me pergunto se os caninos foram limados para parecerem humanos. E, então, aquela eletricidade aguda de antes dispara pela minha nuca. Sorrio, mas isso exige esforço.

— Obrigada.

Nick passa a mão pelo cabelo, parecendo, para todos ao redor, um jovem magnata distraído. Ele olha por cima do ombro.

— Então vai hospedar a gente por um fim de semana inteiro? Que gentil da sua parte.

— É o mínimo que posso fazer depois de submetê-los a uma noite tão desagradável.

A sensação lateja novamente na base da minha cabeça, subindo e descendo pela coluna. A magia dele, seja qual for, está entrelaçada às palavras. Dou um passo para fora da sombra de Nick.

— Achei até emocionante, se você quer saber.

Mikael sorri abertamente para mim.

— Que beldade você é — diz ele, e olha para Nick de novo. — Fico muito feliz que tenham escolhido ficar. As comunhões acontecerão nos próximos dias, mas posso garantir que vocês não vão sentir dor.

— Comunhões? — pergunta Nick. — Tipo… religiosas? Não sei se nos sentimos confortáveis com isso…

— Não, não, nada religioso. — Mikael ri, abanando a mão. — São "comunhões" com "c" minúsculo. Conversas íntimas que promovem confiança e companheirismo. Nossa forma de garantir que todos os presentes são participantes confiáveis, por meio de uma conversa guiada.

O sorriso de Nick não vacila.

— Parece mais um interrogatório.

— Vocês são novos na comunidade, então entendo a confusão. Como nem o ladrão nem o agressor foram capturados, e a propriedade esteve protegida por guardas e barreiras desde o começo da noite, só podemos supor que os dois suspeitos ainda estão no evento. Talvez até trabalhando juntos. — Os olhos dele ficam um pouco mais escuros. — Se eu permitir que insultos contra mim *e* contra esta propriedade passem sem

investigação ou punição, imagine os danos que isso causará à reputação desses eventos exclusivos e à credibilidade dos meus negócios no mundo todo.

— A simples ideia de fragilidade pode se espalhar como um veneno — diz Nick.

— Exatamente.

Então era disso que Erebus estava falando quando disse que Mikael se deixou levar pela humanidade e seus vícios. Independentemente do que Erebus tenha feito, ele nunca pareceu faminto por esse tipo de poder mundano. Por *esse* tipo de devoção e adoração. Mikael é um demônio que quer ser rei e está caminhando em direção a isso, truque mental por truque mental, um negócio clandestino por vez. Um rei em ascensão que cria o próprio reino apenas para governar. *Assim como Arthur, a Ordem e os Regentes*, sussurra uma parte silenciosa de mim.

Nick se vira para mim.

— Faz sentido, não é, meu amor?

— Faz muito sentido — digo, acenando.

— Fico feliz que tenham entendido — diz Mikael, gesticulando em direção à fila próxima à porta. — Bianca e sua equipe vão garantir que tenham uma estadia maravilhosa.

— Você não vai ficar aqui para nos receber? — pergunto, num tom inocente.

Mikael parece claramente satisfeito por eu ter perguntado por ele.

— Estarei com vocês nas comunhões e, claro, no domingo à noite, para o nosso leilão remarcado. Por favor, aproveitem minha propriedade.

— Ótimo — diz Nick.

Ele está com o modo "playboy" ativado, e sou grata pelo escudo que isso representa. Pelo olhar vidrado que provoca nos olhos de Mikael e pela empolgação com que ele se afasta de nós para conversar com outros convidados que ainda estão por ali esperando para conhecê-lo.

Antes de nos aproximarmos de Bianca, Nick me puxa para uma das janelas altas com vista para o gramado da frente. Ele se inclina e fala em meu ouvido em um tom baixo:

— Olha.

Sigo o olhar dele através do vidro. Lá, contornando a borda da propriedade, está uma nova barreira mágica, verde e cintilante.

— Não.

— Sim — murmura ele. — Uma barreira afetiva, e parece bem agressiva. Mikael deve ter lançado isso enquanto decidíamos qual identidade usar.

— Eu posso quebrar.

Ele me olha.

— Você consegue quebrar barreiras?

— Consigo — respondo.

— Ele vai perceber. Ou os bruxos dele — comenta Nick. — Vão nos derrubar antes que a gente consiga fugir. Estamos no meio do nada, e todos os táxis e carros de aplicativo já foram embora.

— Então o que a gente faz? — pergunto.

— Não *podemos* fazer nada. Estamos presos aqui. Precisamos fingir ser Benedict e Iris como se nossas vidas dependessem disso, porque dependem mesmo.

Quando nos juntamos à fila de Bianca, nossas máscaras já estão de volta ao lugar, apesar do meu coração martelar no peito, pulsando com o eco do aviso de Nick. Verifico minha fornalha de raiz várias vezes, mesmo sabendo que está selada.

Finalmente, chega nossa vez.

— Olá, Benedict e Iris — Bianca nos cumprimenta, puxando um tablet com um mapa da casa.

Enquanto Nick puxa conversa com Bianca, olho por cima do ombro e percebo que Mikael desapareceu novamente. Os garçons já estão retirando as toalhas sujas das mesas redondas, desmontando o salão para a noite.

— Vocês vão ficar no terceiro andar — diz Bianca, deslizando o dedo por uma lista que parece ter sido feita às pressas no tablet. Uma lista que provavelmente associa os nomes dos convidados aos inúmeros quartos espalhados pelos quatro andares da Penumbra. — Na Suíte Chambord.

— Como é que é? — pergunto, mais ríspida do que pretendia.

A voz de Nick soa tensa quando ele responde:

— Ela disse que vamos ficar na Suíte Chambord, amor.

Lanço um olhar furioso para ele, mas Nick não desvia os olhos do tablet de Bianca. Sem dúvida, está pensando em todos os motivos pelos quais não quer ser forçado a ficar tão perto de mim — e muito menos dormir no mesmo quarto — pelos próximos três dias. Consigo imaginar o impacto que isso deve ter na missão que ele e Ava estão cumprindo, seja lá qual for.

Nick está tão frustrado — ou enojado — com a ideia de ficar preso a mim que nem consegue me encarar.

Sinto meu rosto esquentar, enquanto a frustração e a raiva se acumulam no meu peito.

— Entendi. — Eu me viro de volta para Bianca e abro um sorriso que, espero, transmita gratidão. — Parece encantador.



UM BRUXO NOS ACOMPANHA até o quarto, nos guiando por um lance de escadas até o centro de um longo corredor iluminado por lustres de cristal antigos. Nick caminha à minha frente com as mãos nos bolsos, enquanto eu o sigo com minha pequena mala.

Não sei ao certo como vou encontrar Zoe, mas sei que preciso falar com ela *logo*. Por outro lado, Erebus já havia nos avisado para arrumar as malas, caso as regras mudassem. E as regras *com certeza* mudaram.

Ao chegarmos a uma porta com uma placa que diz SUÍTE CHAMBORD, Nick pergunta ao bruxo sobre as roupas que Mikael prometeu fornecer. Bianca tinha pedido nossos tamanhos, mas isso não significa que teremos algo para esta noite.

— As roupas devem chegar pela manhã. O essencial já está no quarto. — É tudo o que o bruxo diz antes de entregar uma chave de bronze antiga a Nick.

Quando ele se afasta pelo corredor, Nick me entrega a chave.

— Por que está me dando isso? — pergunto.

— Porque só tem uma chave, e não quero que você se sinta presa a mim.

— Ah — murmuro. — Mas por que eu…

Nick se vira para mim.

— Tenho que fazer o papel do noivo insuportável e mandão na frente dos nossos anfitriões. Sei mais sobre nossa história do que você. Não devo também controlar quando e como você entra ou sai do único refúgio que tem pelos próximos três dias.

Levo um momento para absorver esse comentário, e fecho a mão ao redor da chave.

— Obrigada. Mas podemos dividir. Se você precisar, eu te dou. E o contrário também.

— Combinado — responde ele.

Nick procura por um interruptor na parede assim que abro a porta. Quando finalmente encontra, quatro abajures de chão se acendem ao mesmo tempo — e não consigo conter um suspiro.

Eu achava que o salão de festas, o saguão e os corredores eram excessivamente ornamentados, mas o quarto faz todos eles parecerem modestos.

A suíte que nos designaram é grande o suficiente para incluir uma ampla área de estar perto da entrada, com uma chaise longue com estofado em verde-musgo, duas cadeiras de encosto alto e uma mesa de centro com incrustações de mármore sobre um grande tapete diante de uma lareira de ferro preta. O papel de parede adamascado transforma o enorme cômodo, com seu pé-direito alto e piso de tábuas largas de madeira, em um casulo vermelho e marrom da Era Dourada. Os móveis e estofados são todos cobertos por tecidos macios como seda, chita e veludo.

Como o bruxo havia mencionado, há uma pequena pilha de pijamas dobrados sobre uma cômoda baixa sob um espelho com uma moldura pesada e dourada. Essas roupas provavelmente não vão servir, mas vou ficar feliz em tirar meu vestido e os saltos.

— Ótimo — diz Nick, balançando a cabeça. — Que ótimo.

— O quê? — pergunto, seguindo a direção do olhar dele.

Mais ao fundo do quarto, sobre uma plataforma elevada, há uma enorme cama king-size com dossel e cortinas.

— Ah.

Ele analisa rapidamente a chaise.

— Acho que vai ter que servir.

— O que vai ter que servir?

Ele aponta com o queixo para a chaise.

— Vou dormir ali. Tá tranquilo.

— Isso só pode ser uma piada. Essa cadeira mal tem um metro e oitenta de comprimento, e você é… — Olho para a chaise e aponto de cima a baixo para ele. — Um pinheiro ambulante. Tipo uma sequoia. Gigante sem necessidade.

Ele se vira com uma careta.

— Não sou tão alto assim.

— Você já *se olhou* no espelho?! — exclamo. — Você é um gigante.

— Um gigante.

— Enorme.

— Enorme? — Ele cruza os braços. — Comparado com o quê?

— Comparado com… tudo — resmungo. — Inclusive àquela chaise.

Nick revira os olhos e avança mais para dentro da suíte, prestando atenção nas janelas.

— Temos mais com o que nos preocupar do que com minha altura. Primeiro, precisamos garantir que esse quarto esteja seguro… Não diga nem faça nada que não possa ser explicado pela ciência até eu liberar.

— Liberar o quê?

Ele me lança um olhar penetrante.

— Escutas. Câmeras. Qualquer dispositivo de gravação que possa dar munição a Mikael contra seus Colecionadores. Esta casa pode ter mais de cem anos e ter sido propositalmente projetada para parecer como era no início dos anos 1900, quando foi

construída, mas Mikael seria tolo se não usasse tecnologia de segurança moderna… principalmente considerando que seus guardas são humanos ou bruxos. Conheço o tipo dele. Querem informações. Segredos. Algo que possa ser usado contra qualquer um e qualquer coisa. — Ele tira o paletó do smoking e o joga no assento da janela, depois começa a arregaçar as mangas da camisa social, desabotoando uma antes de enrolá-la sobre o antebraço musculoso. — Me dá vinte ou trinta minutos.

Observo Nick arregaçar a segunda manga por motivos que prefiro não analisar muito a fundo, então me viro para deixá-lo inspecionar o restante do quarto. O paletó largado me lembra que ainda estamos com roupas formais e desconfortáveis. Tiro a máscara, puxando-a por cima dos cachos. A essa altura, tenho motivos suficientes para acreditar que Nick já sabe como sou. Mostrar meu rosto neste quarto é o menor dos meus problemas.

Dou uma segunda olhada ao nosso redor, já que parece que vamos ficar aqui por um tempo. O teto com detalhes rebaixados acima de nós é pintado com uma paisagem marítima tempestuosa, iluminada pelo brilho intenso de um pôr do sol em tons de rosa e azul, e molduras douradas espessas criam uma borda onde as paredes encontram a pintura. À nossa direita, há uma porta com painéis que leva, imagino, a um pequeno banheiro.

Caminho pelo quarto enquanto Nick vasculha o espaço em busca do que quer que esteja esperando encontrar. Eu me pego tocando em tudo, apenas para sentir as texturas sob os dedos. Cada item parece uma peça antiga. No entanto, sinto pouquíssimo cheiro de antiguidade, quase nada daquele aroma empoeirado de tempo e uso que sentimos em casas históricas. Há interruptores por toda parte, abajures que talvez tenham funcionado a gás no passado, mas agora são elétricos, e canos modernos de água na pia e no chuveiro. Mikael, ao que parece, aprecia o estilo desse período, mas prefere os luxos modernos do século XXI.

Nick trabalha no quarto por um bom tempo em silêncio. Fico parada junto às janelas dos fundos, que se estendem quase de uma ponta a outra da suíte, emolduradas por cortinas azul-marinho de uns seis metros de altura que combinam com a pintura do mar tempestuoso acima de nós. Um assento percorre todo o comprimento da janela, coberto por um estofado bordado.

A vista dá para o labirinto nos fundos da propriedade, embora as sebes sejam tão altas que, mesmo daqui, não consigo enxergar o caminho por completo.

Enquanto observo pela janela, uma pontada de preocupação por Zoe — e por Mariah — sobe do meu estômago até a garganta. Zoe sabe se virar, mas vai ficar desnorteada se não conseguir avisar Elijah do que aconteceu, para que o irmão possa informar Erebus. Sem o celular dela, não temos como falar com Elijah ou Erebus. Não há como avisar que ainda estamos na missão, mesmo que essa missão tenha sofrido várias reviravoltas inesperadas.

Por outro lado, talvez seja melhor que Zoe *não* consiga falar com eles. Não sei o que Erebus faria se descobrisse que a primeira missão que me deu como sua protegida

terminou com a minha fuga — ou luta — direto para os braços de um Lendário.

Não sei como Mariah me conhece, mas me pergunto se ela é uma das Artesãs de Raiz de quem eu era amiga. Não consigo ligar nomes a rostos, mas sei que houve várias mulheres na minha vida em quem confiei e que confiaram em mim. Mariah talvez seja uma das Artesãs que testemunharam a destruição que causei na Volição… mas o olhar dela quando me viu no corredor, fora do salão de festas, não era de julgamento ou raiva. Era de esperança… e triunfo. Como se estivesse me procurando. Como se tivesse me *encontrado*.

Uma garota desaparecida, uma garota resgatada. Eu sou a primeira, mas não a segunda. Assim como as meninas Artesãs de Raiz que o Rei sequestra. Eu me lembro do cheiro de raiz que ficava nele quando voltava para casa e, mais uma vez, o imagino se alimentando de uma daquelas garotas até que o poder dela se quebre ao meio. De que adianta me tornar intocável, imbatível, inatingível, se não posso usar meu poder para salvar outras pessoas? Depois de ver Mikael e seus seguidores usarem suas riquezas de forma tão fútil e egoísta, a ideia de usar o que conquistei apenas para fins pessoais me parece… desconfortável. Como um sapato que não serve. Como roupas de boneca que nunca caberiam em mim, dadas por um demônio.

Encosto a testa no vidro frio da janela perdida em pensamentos. Se Zoe e eu conseguirmos roubar a coroa do Rei como planejamos, nossa missão secreta de impedi-lo de machucar as Artesãs de Raiz estará um passo mais próxima de ser concluída. Quanto à minha missão pessoal, bem, matar meu mentor será mais difícil se a coroa eliminar sua fraqueza. Mas, de qualquer forma, nunca seria fácil.

Agora que sei que estamos sendo vigiados de perto, tentar roubar a coroa novamente sem arriscar nossas vidas parece *impossível*. Mikael mandou levar os itens do leilão para um local seguro após as tentativas desta noite, ou seja, os mapas e as instruções de Elijah agora são inúteis.

Nick tem razão. Temos mais com o que nos preocupar no momento. Os perigos reais da Penumbra e os Colecionadores e sua violência gratuita podem nos matar antes do leilão de domingo. Precisamos passar pelo fim de semana. Só três dias.

Não tenho a menor chance de conseguir ficar perto de você por tanto tempo.

— Achei uma câmera. — A voz de Nick me interrompe.

Quando olho para trás, vejo-o parado no meio do quarto, segurando uma caixinha preta e redonda. Ao me aproximar para examiná-la, um leve brilho azul-prateado de aether surge da mão dele, cobrindo sua palma como uma luva mágica. Nick aperta a câmera com o punho que brilha suavemente, esmagando-a até transformá-la em pó plástico. Ele sacode as mãos enquanto fala, concentrado, a testa franzida.

— Se Mikael tem uma dessas em cada quarto, não devem estar sendo monitoradas todas ao mesmo tempo. E, com essa galera, duvido que sejamos os únicos hóspedes fazendo varredura. Ele provavelmente já sabe que vai perder alguns dos sinais…

— Você é um Herdeiro — digo, surpresa.

Nick me encara, e um brilho de reconhecimento se acende em seu olhar enquanto percorre meus traços, expostos por completo pela primeira vez. Ele pode não ser um cambion ou um demônio, mas quase consigo sentir quando ele observa minha boca, minha testa, minhas maçãs do rosto.

— Você também.

— De quem? — pergunto.

Em vez de responder, Nick cerra o punho, e o brilho do aether se espalha pelo pulso, construindo manoplas ao longo dos antebraços e subindo até os ombros. Camadas se formam lentamente, criando um peitoral e ombreiras. Ele forja duas espadas reluzentes no ar, com as lâminas cintilando no meio da suíte. Quando encaro seu olhar através das faíscas e da fumaça giratória de magia, sou tomada por uma mistura de emoções que passam pelo rosto dele: determinação, foco… e arrependimento.

— Lancelot — sussurro. — Você é o Herdeiro de Lancelot.

Ele solta os punhos, e as armas e armaduras se desfazem. Pedaços brilhantes de metal reluzente caem no tapete espesso azul-marinho e dourado aos seus pés. Ele puxa a máscara e passa a mão pelos cabelos com um suspiro.

— Sou.

Não estava preparada para o momento em que finalmente vejo o rosto de Nick por completo. Acabo me aproximando dele sem perceber, meio cambaleante, levantando redemoinhos de aether azul-prateado ao redor dos tornozelos, até ficarmos a apenas trinta centímetros de distância. Ele me deixa estudá-lo, absorvendo cada traço, percebendo o quanto ele me parece familiar mesmo que eu não me lembre dele.

Sei que o Herdeiro de Lancelot da Divisão do Sul foi criado acreditando ser o Herdeiro de Arthur — e que, quando tirei a Excalibur da pedra, não apenas realinhei meu destino, mas o dele também.

Subo a mão devagar, aproximando-a de seu maxilar, sua bochecha, mas ele segura meu pulso antes que eu consiga tocá-lo.

— Para.

Eu pisco, corando.

— Desculpa. Eu…

— É que… — Ele aperta meu pulso com tanta força que quase dói… mas seus dedos estão trêmulos. Nós percebemos isso ao mesmo tempo. Ele me solta com um suspiro ofegante, abaixa as mãos e dá um passo para trás, sem terminar a frase. — Só… não.

Ele retorce os lábios, engolindo em seco, e isso faz apertar meu coração. Acabei de encontrá-lo, alguém do meu passado. Mas por que parece que o perdi de novo? Nick está bem na minha frente, inteiro, real e vivo, mas por que ele parece mais uma névoa cinzenta do que nunca? Mal reconheço minha própria voz quando respondo:

— Tudo bem.

A tensão em seus ombros se dissolve, revelando mais sobre o que sente ao me beijar do que qualquer palavra poderia expressar. *Não vai se repetir*. Ele não só não vai não vai

me beijar de novo, como também não vai me tocar. Ele *não quer*, e eu preciso respeitá-lo. *Você não deveria estar aqui. Uma hora ou duas, eu aguentaria. Mas três dias?*

Dou um passo para trás — um teste —, e a rigidez em seu pescoço desaparece instantaneamente. Sua respiração se torna mais leve.

E, mesmo assim, sinto vontade de chorar. Desvio o olhar para esconder a decepção. Não deveria me sentir rejeitada por alguém que acabei de conhecer. É ridículo. Egoísta. E devastador, sem motivo.

A voz de Nick me puxa de volta.

— Você não se lembra mesmo de mim, né?

— Não.

Examino o rosto dele mais uma vez, prestando atenção em cada traço, com mais cuidado. Quando começo a balançar a cabeça, um *estalo* suave na mente faz minhas pálpebras estremecerem de dor.

— Bree?

A dor aguda desaparece, substituída por uma única emoção: saudade.

— Era você — sussurro.

— O quê…?

— Foi *você* quem correu atrás de mim — digo com dificuldade. — *Você* tentou me impedir de ir embora.

Nick fica imóvel.

— Sim.

Balanço a cabeça.

— Eu sabia que um garoto tinha vindo atrás de mim, mas não sabia o nome dele, nem me lembrava do rosto. Não sabia que era… você.

Não fazia ideia de que era você quem meu coração procurava.

Nick umedece os lábios.

— Por que você ligou aquele garoto a mim agora e não antes? Nós nos tocamos antes. Nós…

— Fizemos mais do que nos tocar — murmuro, corando.

— Eu sei disso. — Ele estreita os olhos enquanto me examina. — Mas por que agora?

— Não sei como isso funciona. Talvez porque eu vi seu rosto?

Ele olha para a máscara, apertando-a nas mãos.

— Você sabe mais alguma coisa sobre mim?

Como eu poderia dizer que senti falta dele mesmo sem conhecê-lo? Não posso. Como eu explicaria o som límpido e retumbante da minha própria saudade? Não explico.

— Não.

Nick parece prestes a me fazer outra pergunta.

— O quê?

— Com tanta coisa faltando — começa ele, com cautela —, você não deve saber quem é Sel nem onde ele está, certo?

Meus dedos estremecem ao lado do corpo quando chego a uma conclusão que, na verdade, me parece mais do que lógica.

— Ele é o Mago-Real? O seu, de… antes?

Antes de qualquer um de vocês saber que eu era a Herdeira de Arthur, e não você.

— É. — Nick faz que sim com a cabeça. — Selwyn.

Sinto um aperto no peito.

— Eu sabia que tinha um garoto Merlin que…

— Um garoto Merlin que o quê?

— Que se sacrificou por mim. — Solto o ar, agitada. — Quando penso nele, sinto culpa. Muita, *muita* culpa.

A expressão de Nick se suaviza.

— Acho que ele não gostaria que você se sentisse assim.

— Não é assim que a culpa funciona — retruco.

— Tem razão.

— Me disseram que ele… que ele se foi?

Nick balança a cabeça devagar.

— Não. Ele não se foi.

— Como você sabe? — pergunto. — Pelo vínculo de Mago-Real?

— Não. — Ele toca o próprio peito. — Eu o sinto. Aqui. Você não sente?

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando imaginar esse Merlin, esse Mago-Real, mesmo sem saber como ele é ou o som de sua voz. Eu me lembro da esperança que surgiu dentro de mim do lado de fora do galpão de treinamento de Erebus e como atribuí aquilo a ele com tanta facilidade. A Selwyn. Quando abro os olhos, Nick está me observando. Esperando. Sabendo minha resposta antes mesmo de eu dizê-la.

— Sinto.

Vejo as perguntas nos olhos dele. Estão se acumulando a cada vez que me encara.

— Então é aí que vamos mantê-lo até encontrá-lo.

Antes que eu possa perguntar sobre esse garoto que ambos conhecemos, minha marca de sangue pulsa uma vez, iluminando o quarto com um brilho furioso, vermelho e intenso. Nick para ao meu lado no mesmo instante, com os olhos arregalados.

— Sua marca de sangue?

Desvio o rosto do brilho e do cheiro picante e chamuscado. O Rei está com raiva. Eu me pergunto se ele de alguma forma descobriu sobre as mudanças nas regras na casa de Mikael. Ele vai ter que se adaptar, assim como eu e Zoe.

— Você sabe sobre a minha marca de sangue?

— Sei. — Os olhos de Nick seguem o formato ramificado dela sobre minha clavícula, descendo pelo esterno e pelos dois braços. — Sei que um demônio antigo marcou sua ancestral e o que isso faz… mas nunca tinha visto brilhar assim. Dói?

— *Essa* é uma novidade divertida — respondo, com frieza. — É uma convocação. E não, não dói.

— Uma convocação? — Ele volta a me encarar. — Assim como fazemos com o aether?

Faço que sim com a cabeça.

— Só que é… — Paro, me interrompendo antes de dizer demais.

Mas Nick é rápido.

— É ele, não é? O demônio que levou você.

Não é culpa minha que o Rei das Sombras tenha marcado minha ancestral. Não é culpa minha que ele escolha chamar meu poder assim, mas, naquele instante, sinto vergonha da marca de um jeito que nunca havia sentido.

— É.

A marca começa a desaparecer, o brilho vermelho se apagando aos poucos diante dos olhos atentos de Nick. Ele permanece em silêncio enquanto ela some, deixando apenas a pele lisa e negra intacta. Ele ergue os olhos para mim.

— Ele pode te localizar por meio da marca?

Balanço a cabeça, hesitante.

— É a forma que ele usa pra monitorar meu poder. Avaliar o quanto eu cresci com o treinamento dele. E… me lembrar de que meu poder pertence a ele, para ser consumido como ele quiser.

Fico esperando que Nick me julgue por ter escolhido me aliar ao demônio que marcou minha linhagem, que pergunte por que fui embora. Mas, em vez disso, ele apenas suspira.

— O problema de tornarem pessoas como nós mais fortes é que, com liberdade suficiente, a gente sempre dá um jeito de usar essa força contra os mesmos idiotas que tentam controlá-la. — Seus olhos se fixam em mim. — Não é?

Meu coração floresce sob o olhar dele.

— É.

Toc. Toc.

Ambos nos viramos ao ouvir o som grave de batidas na madeira.

Toc. Toc.

Nós nos entreolhamos. Nick leva o dedo indicador aos lábios e aponta para a parede no canto, perto da cama com dossel. Reviro os olhos. É óbvio que vou ficar quieta — estou convivendo com demônios há quatro meses. Tento expressar meu tédio e irritação, e parece funcionar, pois ele me lança um olhar sarcástico antes de se mover até a cama. Assinto e o sigo, estendendo as palmas para os lados, preparada para invocar a raiz, se necessário.

Nick alcança a parede antes de mim, se inclinando para mais perto, exatamente quando uma voz sussurra com urgência do outro lado:

— Iris e Benedict?

Meu rosto se ilumina em um sorriso largo.

— Zoe.



UMA LINHA VERTICAL LONGA, até então invisível, se abre na parede perto da mesa de cabeceira. Um segundo depois, um painel retangular range e se abre — e Zoe aparece, sem máscara, coberta de poeira, vestindo um pijama muito parecido com as roupas deixadas em cima da nossa cômoda.

— Aff! — resmunga ela. — Que nojo! Tem teia de aranha *por toda parte*.

Nick e eu damos um passo para trás quando Zoe entra no quarto, trazendo consigo uma nuvem de poeira, varrendo o chão e subindo direto para nossos rostos. Nick tosse, agitando a mão para dispersar a nuvem.

— Eu não sabia que nosso quarto tinha uma passagem secreta.

— Nem eu — murmuro. — Zoe, você está b…

Zoe sacode a poeira e me abraça.

— Eu é que deveria estar te perguntando isso. Senti seu aether e segui você por esses corredores de serviço abandonados.

Retribuo o abraço, surpresa e feliz com a demonstração de afeto, ainda mais na presença de um estranho.

— Seu… aether? — pergunta Nick.

Eu me viro para encarar seu olhar curioso. Ele sabe que não é assim que chamo o poder vermelho que irrompe do meu peito. Eu me volto de novo para Zoe.

— Pra começar, como você encontrou essa passagem?

— O mapa do Elijah — diz Zoe, dando de ombros enquanto me solta. — Estava num dos slides. Você perdeu essa parte da apresentação?

— É bem provável.

Ela muda de assunto.

— O Mikael pegou você mais cedo?

— Pegou?

— É — explica ela, mexendo os dedos no ar. — Usou aquele feitiço esquisito dele em você?

— Usou! — exclamo, aliviada por outra pessoa ter notado. — Senti isso duas vezes no salão, mas não consegui entender o que era.

— Mesma coisa aqui — diz ela. — Me senti fraca.

— Porque é uma ilusão — explica Nick. — Fina o suficiente pra se espalhar por uma sala cheia de humanos e alterar sua percepção, mas não tão forte a ponto de mudar uma memória ou passar despercebida por usuários de magia.

— Como você sabe disso? — pergunta Zoe, desconfiada.

— Foi assim que ele fez todo mundo assistir enquanto matava aquele homem? — sussurro. — Ele mesmerizou todo mundo?

Ficamos em silêncio. Nick não responde, mas, após um momento, Zoe decide falar:

— Demônios não podem mesmerizar — comenta ela, rapidamente. — Só Merlins conseguem fazer isso.

Nick olha para Zoe.

— E como exatamente você sabe o que Merlins conseguem fazer?

Zoe cruza os braços.

— Eu sei das coisas.

— Claro — responde Nick com calma —, mas não foi o que eu perguntei.

Zoe me encara.

— Acho que a gente precisa ter uma conversinha, né? — Ela aponta com o queixo para um dos castiçais de latão sobre a lareira. — Pega um daqueles e uns fósforos.

Dez minutos e muita poeira depois, nós três saímos do corredor esquecido e emergimos em um espaço ainda mais empoeirado, mas muito mais bonito, mesmo em desuso.

— Uma biblioteca? — pergunto e inspiro fundo, erguendo os olhos para as imensas estantes repletas de livros antigos.

Um relógio de pêndulo antigo ocupa o canto do cômodo, marcando as horas — já é quase meia-noite.

— Uma biblioteca secreta e *abandonada* — diz uma nova voz. — E a Zoe já verificou as câmeras e tudo mais, então é seguro conversar aqui.

No centro do cômodo, apoiada uma mesa quadrada, está Mariah, segurando um castiçal de latão antigo. Ela também trocou de roupa; agora veste um pijama cinza e folgado, e as tranças estão presas em um rabo de cavalo. Quando me aproximo, ela se inclina em direção a um feixe pálido de luar que entra pela janela à nossa direita, iluminando fracamente a sala empoeirada. É a primeira vez que vejo seu rosto sem a máscara cobrindo os olhos e o nariz. Analiso os traços dela, mas não consigo reconhecê-la.

— Meu Deus, como é bom ver você, Bree!

Ela salta da mesa para me receber. A alegria e o alívio em sua voz despertam em mim uma vontade desesperadora de conhecê-la, ou ao menos de reconhecê-la. Procuro em mim alguma emoção ressonante que tenha ficado, algo sobre essa garota, mas, ao contrário do que aconteceu com Nick, o rosto dela não evoca nenhum sentimento claro. Pelo menos, não ainda. Quando Mariah me envolve em um abraço caloroso e forte, me preparo, mas percebo que seu gesto não carrega julgamento. Em vez disso, me faz sentir… amparada. Amada. Muito, muito querida. Retribuo o abraço, e ela murmura contra meu ombro:

— Estávamos te procurando por toda parte, Bree-Bree. Você não faz ideia. Achamos que… Achamos o pior.

— Bree-Bree?

Rio, surpresa. Um apelido. Não só eu não sabia o nome de Mariah, como também não conhecia um dos meus.

— É assim que eu te chamo. — Mariah acaricia meus cachos com carinho. — Zoe me contou o que aconteceu com sua memória. As pessoas que desapareceram. Disse que foi um demônio, né?

Consigo imaginar a história que Zoe deve ter contado: um demônio misterioso que levou minhas lembranças embora como castigo ou vingança.

— Foi — murmuro.

— Foi o Caçador? — Mariah franze as sobrancelhas. — Foi ele quem levou você?

Aquela sensação de amor se dissipa e é substituída por algo mais cortante: culpa.

— Não é bem assim.

Ela franze a testa.

— Mas é isso que ele faz. Ele leva pessoas. A gente, principalmente. — Ela me lança outro olhar. — Mas ele não costuma devolvê-las. O que aconteceu?

Engulo em seco.

— Eu…

Não sei? Não posso dizer mais? Por onde começo?

Ela semicerra os olhos.

— Bree…

— Essa biblioteca é incrível — diz Nick, parando ao meu lado e olhando para um canto sombreado além de Mariah. — Tem até escada — continua ele, apontando para uma escada empoeirada sobre um trilho de cobre. — Bem antiga. Como vocês encontraram isso?

Não consigo evitar a sensação de que Nick acabou de me resgatar de uma conversa para a qual ele sabia que eu não estava pronta.

— De novo, *eu* prestei atenção na apresentação. — Zoe desliza para perto de mim e se senta na mesa que Mariah desocupou, se virando para a outra garota. — A mente da Bree começa a vagar sempre que alguém fala com ela por mais de vinte minutos.

Mariah olha para nós, curiosa.

— Acho que também não conseguiria aguentar uma apresentação de PowerPoint sobre esse lugar.

— Ela é legal — diz Zoe, apontando com o polegar para Mariah. — Sabia que ela é uma Artesã de Raiz? Me identificou na hora.

Mariah e eu trocamos um olhar. Zoe não sabe que sou uma Artesã de Raiz. Não sabe que sou uma Artesã de Sangue. Não sabe que sou uma Lendária… e não sabe de quem era o título que eu carregava.

— Ah, é? — pergunto.

Zoe faz que sim com a cabeça.

— Mariah percebeu o que eu era bem rápido porque conhece cambions equilibrados.

— Eu conheço *um* cambion equilibrado — corrige Mariah, demonstrando nervosismo pela primeira vez desde que a conheci… ou desde que a reencontrei. — Um só. E, sendo sincera, você não demonstra muito — acrescenta ela, puxando distraidamente o colar por baixo da camisa. — Eu só… levo jeito pra isso.

Embora tenha trocado as roupas formais, ela ainda está usando aquela joia. Fico me perguntando se tem algum significado especial para ela, como minha pulseira de berloques ou o colar de Pendragon. Quando ela percebe que estou encarando, porém, solta o colar e desvia o olhar. Acho que todos têm seus segredos.

— Esse cambion equilibrado que você conhece, por acaso, é Valechaz, o negociador? — pergunta Nick.

Mariah se sobressalta.

— Como você conhece o Valec?

Nick levanta as mãos.

— Eu só *ouvi falar* dele. Nunca o encontrei.

— Quem é Valec? — sussurra Zoe, se inclinando na minha direção. — *Você* conhece o Valec?

— Não.

— Conhece — diz Nick, com um suspiro. — Conhece, sim.

Franzo a testa para ele.

— *Conheço?*

Nick passa a mão pelo rosto.

— Segundo William e Lark, sim.

— Você conhece o *William*? — pergunta Mariah, arregalando os olhos para Nick.

— Meu DEUS! Quem *são* essas pessoas? — Zoe salta da mesa e me puxa para o outro lado da sala, nos afastando dos outros. — Foi divertido enquanto durou, mas as coisas estão ficando malucas, Bree. A gente precisa sair daqui. Agora.

Hesito.

— Como?

O olhar dela se volta para as janelas cobertas ao lado de uma mesa vazia.

— Estamos no terceiro andar. Eu consigo saltar daqui. Você também. — Ela faz uma pausa. — Eu acho.

— Tem uma barreira ao redor da Penumbra. Mesmo que conseguíssemos sair, Bianca já nos identificou. Ela vai garantir que Mikael saiba que fugimos. Ele vai nos rastrear. Estamos *envolvidas* nisso agora, Zoe. Não dá pra sair até tudo isso acabar.

Zoe suspira, frustrada.

— Você acha que dá pra pegar a coroa antes do leilão no domingo?

— Você ouviu o que ele disse. A coroa já foi levada pra outro lugar. Um lugar mais seguro. Só vai ficar exposta e pronta para ser transportada com o vencedor durante o leilão. Se a gente não pegar a coroa agora, quais são as chances de encontrá-la de novo?

Ela morde o lábio.

— Isso significa passar três dias na casa de uma Sombra. Se alguma coisa acontecer com você…

Elijah vai perder seu lugar ao lado do Rei. *De um jeito ou de outro*. Meu coração dispara, dividido entre o perigo que ameaça alguém que conheço e outro que não conheço. Eu deveria ser capaz de ajudar todos eles. Manter todos a salvo.

— Nada vai acontecer com a Bree — intervém Nick, a voz ecoando do outro lado da sala.

Zoe levanta a cabeça.

— Você parece bem confiante, branquelo.

A boca de Nick se curva num sorriso.

— Estou mesmo.

Os olhos de Zoe brilham em vermelho no escuro — um gesto calculado, feito para intimidar.

Nick apenas sorri.

— Belo show de luzes. Infelizmente, não é o bastante para me assustar, mas talvez funcione com outra pessoa.

Zoe dá a volta em mim, a boca aberta em um rosnado.

— Ah, não estou tentando assustar você, escoteiro. Ainda não.

Nick sorri de novo.

— Então me avisa quando começar, porque talvez eu nem perceba.

Zoe rosna baixo, e eu seguro o braço dela.

— Para. A gente veio aqui pra conversar, não pra brigar.

— Como vocês se conhecem, afinal? — Zoe se vira para mim. — Ele é um dos seus desaparecidos?

Olho para Nick, que me observa atentamente.

— É. Ele é um dos meus.

Nick inclina o queixo.

— Prazer, Zoe. Sou o Nick.

Zoe o fulmina com o olhar, que logo volta ao castanho.

— E qual é a sua com aquela garota irritante, Nick? É sua noiva de verdade?

— Não — responde ele. — A Ava e eu temos… um acordo.

Ele não olha para mim ao dizer isso, e sinto meu estômago embrulhar. Então há *algo* entre eles. Seria esse *algo* o motivo de ele ter me impedido de tocá-lo antes? Meus lábios ainda formigam quando lembro o que Nick disse sobre nossos beijos: *uma distração… não vai se repetir.* Mas também: *já nos beijamos o suficiente pra eu saber como você gosta de ser beijada.*

— "Um acordo"? — repete Zoe, fazendo aspas no ar com os dedos. — Isso está parecendo um pacto ou uma promessa… e é esquisito pra caramba.

— Igual ao cara com quem você e a Bree moram — retruca Nick, com desdém.

— Você contou pra ele com quem a gente mora? — pergunta Zoe.

— Ele é bom em adivinhar. E precisamos colocar *algumas* cartas na mesa se quisermos sair vivas dessa.

Zoe ergue as mãos.

— Tudo bem. Vou seguir suas ordens.

Fico confusa. Zoe, logo ela, abrindo mão do comando?

— Tem certeza?

Ela dá de ombros.

— Eu confio em você.

Olho para os três ali comigo e vejo a confiança nos olhos deles. Não acho que mereço, mas lutar contra isso não vai ajudar.

— Certo. Faltam três dias até o leilão. Estamos cercados por dezenas de bruxos com habilidades demoníacas desconhecidas, misturados com *alguns* dos humanos mais ricos e imorais do planeta, dentro de uma casa que pertence a uma Sombra com poder de manipulação em massa. Se quisermos sair vivos dessa, vamos ter que trabalhar juntos. E ser sinceros uns com os outros. — Olho para Mariah e Nick. — Sei por que Zoe e eu viemos aqui hoje à noite, mas não sei por que vocês dois estão aqui… e devo presumir que ninguém viu a Ava desde o anúncio.

Todos balançam a cabeça.

— Por que ela estava tão irritada comigo? — pergunto.

Nick pigarreia.

— Ava não está irritada com você. Ela quer te matar.

Arqueio as sobrancelhas.

— Ah.

— Por que a Ava ia querer matar a Bree? — pergunta Zoe.

— Ava é líder dos Morganas — responde Nick em voz baixa. — Uma seita de usuários de magia rebeldes.

— E daí? — Zoe franze a testa. — O que isso tem a ver com ela?

Nick e Mariah se viram para mim e me encaram com um olhar sério. Porque mesmo que eu tenha acabado de dizer que precisamos ser sinceros uns com os outros, a honestidade tem limites quando se trata da *minha* identidade, e os dois já perceberam que Zoe não sabe quem eu sou. Eles sabem a verdade, mas também entendem que não cabe a eles revelá-la.

Zoe nos observa.

— Hã, alguém vai responder minha pergunta? Achei que a gente ia ser sincero a partir de agora.

Meu coração dispara, e Zoe inclina a cabeça, atenta.

— O que foi?

Solto o ar devagar e encaro Nick mais uma vez. É impossível decifrar sua expressão. Ele tem uma opinião sobre o que eu deveria fazer, mas está me deixando decidir, confiando no meu instinto.

Eu me viro para Zoe, sentindo a testa se franzir enquanto busco as palavras.

— Eu me lembro do que aconteceu comigo, mas as pessoas nessas memórias se foram, certo?

Ela assente devagar.

— Sim, eu sei.

— Mas, apesar de tudo isso ter se perdido, eu me conheço — digo, a voz se firmando no silêncio. — Eu sei quem sou.

Zoe balança a cabeça.

— Sim, eu também sei disso. Qual é a...? — Ela semicerra os olhos, séria. — Do que você está falando? Eu sei quem você é...

— Não, não sabe — respondo, começando a andar de um lado para o outro. — O velhote... tem um motivo pra ter me marcado com sangue, Zoe.

— Pelo seu poder — retruca Zoe. — Ele contou isso pra a gente no primeiro dia.

— Não é só pelo meu poder — explico. — É pela forma como meus poderes surgiram. Por causa... por causa de um dos meus ancestrais.

— Quem é seu ancestral?

Fecho os olhos e balanço a cabeça.

— Eu...

— Tá tudo bem, Bree — murmura Nick.

Quando olho para ele, vejo minha própria dor refletida. Vejo o fardo de Arthur dividido entre nós. As feridas de um rei. A rejeição desse legado... e do rei em si.

Mas não posso mais esconder esse segredo. Não quero mais ser a garota perdida, não quando finalmente estou ao lado de pessoas que sentiram minha falta.

— Bree — pergunta Zoe —, quem é você?

Encaro seus olhos atentos e cautelosos.

— A herdeira de um poder que eu nunca quis. — Respiro fundo. Solto o ar. — Eu sou a Herdeira de Arthur.

Uma expressão de dor cruza o rosto de Zoe por um breve momento, antes de a raiva tomar conta.

Ela se transforma num borrão e salta em minha direção, e fico tão chocada que não consigo me mover.

Um clarão de luz azul-prateada me empurra para o chão. O estalo e o arranhado de unhas deslizando por um construto. Um grito estridente…

— Essas lâminas aqui são afiadas como navalhas e estão a menos de um centímetro da sua jugular — diz Nick acima de mim, a voz calma e letal. — Só preciso empurrar um pouquinho.

Quando olho para cima, encontro os olhos vermelhos de Zoe me encarando, brilhando de raiva entre as espadas de aether de Nick. Ele está ajoelhado entre nós, os braços erguidos, segurando as lâminas cruzadas com firmeza sob a garganta dela.

— Você está mentindo! — grita Zoe, ofegante de fúria.

— Não estou. Quer dizer… *eu menti*. Eu tive que mentir — gaguejo. — Você e Elijah teriam me matado naquele primeiro dia se soubessem!

— Você não sabe disso!

— Zoe! — grito. — Você está tentando me matar *agora*!

— Não estou tentando te matar porque você é a Herdeira de Arthur! — exclama Zoe. — Estou tentando te matar porque você é uma *mentirosa*!

Fico boquiaberta. Nick pigarreia.

— Só pra constar, não me importa o motivo que leva você a querer matar a Bree. De qualquer forma, não posso deixar você fazer isso.

Zoe mostra os dentes e desaparece num borrão, se afastando das lâminas e parando no meio da sala.

— Não acredito em você — dispara ela. — Você inventou isso tudo.

Nick se levanta, mantendo as espadas estendidas.

— Então por que você a atacou?

— Prova! — grita Zoe.

— Como posso provar? — Eu me levanto também, mais confusa do que furiosa agora.

— Chame o Arthur!

— *Não*, Bree — diz Nick, com a voz firme. — Não faz isso…

— Chame logo! — grita Zoe mais uma vez. — Deixe ele te possuir ou sei lá! O velhote contou pra mim e para o Elijah que o Herdeiro de Arthur pode ser possuído.

— Eu não posso! — exclamo.

— Por quê? — pergunta Mariah, ainda encostada na janela.

— Só… não agora. — Balanço a cabeça, sobrecarregada demais para falar sobre fluxos ancestrais e linhagens de sangue. — Mas posso fazer outra coisa. Posso provar.

Faço um gesto para que Nick se afaste. Ele hesita, mas acaba recuando para o lado sem desfazer as lâminas.

Estendo a palma da mão. Abro os dedos. Faz meses desde a última vez que invoquei aether assim. Meses ignorando a energia ao meu redor, invisível e sempre presente, meu sentido de aether se aguçando a cada treino com Erebus. Já consigo acessar minha própria

raiz com facilidade, fechá-la sem pensar, moldar construtos do tamanho deste cômodo. Mas mexer com o poder de Arthur parece… arriscado. Como se, ao concordar em buscar essa herança, eu estivesse convidando de volta toda a dor e todo o conflito que me fizeram abandonar os Lendários. Mas, mesmo depois de tanto tempo, o poder de invocar aether continua ali, logo abaixo da minha pele — e uma esfera de chamas prateadas e azuladas ganha vida na palma da minha mão.

Basta um pensamento para que a esfera se transforme no cabo de uma espada. Um pomo arredondado. Um diamante no centro. Um cabo envolto. Uma lâmina longa, larga e prateada, com um sulco de sangue correndo bem no meio. Em um único suspiro, uma réplica exata da Excalibur feita de aether ganha vida em minha mão. Meu ombro cede com o peso familiar enquanto meus dedos se fecham com firmeza em torno do punho reluzente.

Quando olho para Zoe, seus olhos já não estão vermelhos, mas castanhos — e fixos na lâmina que seguro.

— Você mentiu pra gente.

— Nada do que eu disse foi mentira — respondo. — Tudo que te falei era verdade.

O riso dela é curto e amargo.

— Agora você *de fato* está falando que nem o velhote.

Eu estremeço.

Ela se aproxima, falando baixo, para que somente eu ouça.

— Você está mesmo aqui por causa da coroa? — pergunta ela. — Ou por causa das garotas?

— É a mesma coisa — sussurro de volta.

— Não, não é — sibila Zoe. — Se o velhote conseguir a coroa, ele vai destruir o seu clubinho de Lendários, e vai conseguir fazer isso graças à sua ajuda. Isso é aceitável pra você?

Engulo em seco, com um nó na garganta.

— Tem que ser. De qualquer forma, eles não vão me deixar liderar.

Ela balança a cabeça e, ao passar por mim em direção à entrada secreta na parede, ergue o dedo do meio.

— Tô fora.

— Zoe, por favor, a gente pode conversar?

— Não quero conversar com você.

Agarro o braço dela.

— Você vai denunciar a gente?

Ela bufa.

— Não. — Zoe olha para a lâmina brilhando na minha mão. — E não vou te machucar. Se você se machucar, o Elijah se machuca. Lembra?

— Sim, lembro.

Quando a solto, ela desaparece pelo corredor, envolta em poeira.

Eu me viro para Mariah e Nick. Em algum momento, ele deixou as espadas se desfazerem e agora está de mãos vazias.

— Eu não sei… o que… — Dou de ombros, impotente.

— Bem, *eu* vim aqui pra procurar você — diz Mariah na quietude da noite.

— O quê?

Ela se aproxima, de braços cruzados.

— Você disse que todos devem ser sinceros e contar o que estão fazendo aqui, né? Se vamos trabalhar juntos e tal. Bem… eu e o Valec montamos um plano pra encontrar você, e o contato dele nos mandou até aqui.

— Você está aqui por minha causa?

— Por que isso te surpreende? — Ela observa meu rosto com atenção. — No começo, achamos que o Sel estaria com você também, mas… — Ela balança a cabeça. — Não levou a lugar nenhum.

— Entendi — sussurro.

Eu me pergunto se devo contar a ela que Sel está com a mãe, mas não sei como explicar isso. Cada verdade aqui parece uma bomba, cada segredo, um arrependimento.

Mariah franze os lábios.

— Tem coisas que você não sabe, mas também tem coisas sobre as quais você ainda não está pronta pra falar. Já percebi isso. Então, em vez de te pressionar, vou ver como a Zoe está. Ninguém deve ficar sozinho num lugar como esse. Não quando a morte espreita em cada canto e se senta em cada mesa.

Agradeço por ela ir atrás de Zoe e a observo desaparecer no corredor, segurando sua pequena vela cônica.

Nick espera até que os passos de Mariah se percam no silêncio antes de se aproximar de mim.

— Você solidificou o aether direto do estado gasoso, quase pulando a fase de chama. Só vi Merlins conjurarem e forjarem tão rápido assim.

Olho para a lâmina esquecida em minha mão e me preparo para soltá-la, mas, antes, ele toca a lateral com a ponta dos dedos, depois levanta a espada na altura dos olhos para examiná-la.

— Você forjou suas espadas bem rápido também — digo.

O canto da boca dele se curva.

— Vantagens de ser Lancelot. — Seus olhos descem pela lâmina até o punho.

— Aquela fumaça que vi você deixar no porão não é de um feitiço Lendário. Nem de um Merlin, aliás. — Ele me encara de novo. — Foi o velhote quem ensinou isso a você?

Assinto.

— Hum — murmura ele, ainda observando minha arma. — Consegue desfazer com a mesma rapidez?

Solto a espada, e ela se transforma em pó antes de tocar o chão.

Ele solta um assobio baixo.

— Impressionante. Forja rápida, liberação rápida. Isso é útil numa guerra.

— Estamos presos numa mansão pelos próximos três dias. Não estamos em guerra.

— Tem certeza?

Ele caminha de costas, com as mãos nos bolsos, até girar o corpo e seguir pelo caminho de volta ao nosso quarto.



DESPERTO NA MANHÃ seguinte com o barulho da água do chuveiro.

Nick deve ter se levantado antes de mim, me deixando dormir enquanto se arrumava. Quando olho para a chaise, vejo que ele tentou torná-la confortável, com cobertores e pequenas almofadas bordadas. Franzo a testa. Ele *com certeza* não deve ter dormido bem. Se eu tivesse o visto fazendo tudo isso, eu teria… fico corada ao olhar para o espaço vazio na minha cama enorme.

Meu estômago se revira, e sinto uma mistura de curiosidade e apreensão. Quanto tempo é necessário para conhecer alguém a ponto de convidá-lo a dividir uma cama gigante? Eu me lembro do momento no jantar em que ele se afastou bruscamente de um toque casual. Um contato acidental seria ainda pior. Dormir na mesma cama é arriscado demais, penso. Para ele e para mim.

Mal me lembro de ter subido o degrau até a plataforma e me enfiado na cama. O colchão sob mim é macio e espesso, parece mais uma almofada gigante do que a cama firme à qual estou acostumada na casa de Erebus. Tento me sentar duas vezes e, mesmo assim, tenho que lutar contra a montanha de almofadas bordadas encostadas na cabeceira apenas para ver o quarto sob a luz do dia.

Não que haja muita luz no cômodo; as cortinas longas e pesadas estão fechadas, bloqueando a maior parte da luz da manhã. Estranho. Elas estavam abertas ontem à noite, e era possível ver o labirinto nos jardins dos fundos pela janela. Nick deve tê-las fechado quando foi ao banheiro esta manhã.

Para eu dormir melhor.

Não preciso conhecer todas as pessoas da minha vida passada para saber, no fundo, que esse é o tipo de gesto carinhoso e atencioso que aprendi a valorizar mais do que nunca desde que minha mãe morreu.

Eu me permito imaginar, por um momento, como seria sentir isso o tempo todo. Uma manhã preguiçosa na cama, meu cabelo ainda preso na touca de cetim. O som

abafado do chuveiro ao fundo. Muitas almofadas. O luxo da segurança antes de o dia começar. Uma batida à porta me arranca desse devaneio… e me lembra de que isso tudo não passa de uma fantasia.

Saio da cama com o coração martelando no peito, os olhos fixos na coleção de armas que Nick empilhou ao lado da porta — um castiçal grande e pesado, uma tenaz de ferro forjado, uma pá de cinzas, um abridor de cartas e um busto de mármore sólido, do tamanho do meu braço.

Garoto esperto.

Não há olho mágico, então, ao chegar à porta, chamo:

— Sim?

A voz do outro lado soa distraída.

— Serviço de roupas.

Certo. Mikael está nos fornecendo fantasias para que possamos brincar de faz de conta em sua mansão grandiosa, quando, na verdade, somos prisioneiros em uma casa de bonecas macabra. Pego minha máscara de baile e a coloco antes de destrancar a porta. Curvo a mão direita atrás das costas, a palma virada para cima, segurando uma pequena esfera de raiz.

Como Nick disse, estamos em guerra. Não posso me dar ao luxo de ficar acomodada.

Quando abro a porta, um jovem de cachos bagunçados, vestindo um terno mal ajustado, me recebe sem nem desviar os olhos do celular.

— Entrega do sr. Di Centa — murmura. Se ele trabalha na propriedade, não parece se importar muito com a etiqueta que seu chefe tanto valoriza. Atrás dele, vejo um carrinho com uma dúzia de sacolas pretas com roupas, todas etiquetadas com bilhetes amarelos presos no topo, contendo nomes e números de quarto rabiscados. Ele empurra o carrinho, girando-o em direção à porta. — Roupas para o fim de semana dos recém-casados, ou sei lá o quê.

— Não somos casados — começo a dizer, e logo me corrijo: — Quer dizer, ainda não…

— Na hora certa. — Ouço a voz rouca de sono de Nick atrás de mim.

Quando ele se aproxima, traz consigo o cheiro caro dos produtos de banho da linha PENUMBRA. Parece ter se vestido às pressas. A máscara de baile está posicionada sobre o nariz, mas o cabelo ainda está úmido, pingando na gola da mesma camisa social branca que usou com o smoking na noite anterior. Ela está para fora da calça e os dois primeiros botões estão abertos, revelando a pele do pescoço e o pomo de adão.

Ao dar um passo à frente, descalço, seu ombro quase toca o meu — e eu me afasto num salto para evitar o contato. Ele me lança um olhar rápido com um aviso: *Relaxa*.

Para o entregador, Nick diz:

— Valeu, a gente estava esperando por essas roupas.

Abro a porta um pouco mais para que ele possa se juntar a mim na entrada, depois me afasto enquanto ele lida com o funcionário.

— Valeu mesmo — acrescenta Nick, puxando nossa sacola do carrinho.

O jovem murmura algo ininteligível enquanto empurra o carrinho até a porta ao lado. Nick pendura a sacola no braço, fecha e tranca a porta, então tira a máscara e me observa, sério.

— O quê? — falo.

Ele olha para a minha mão.

— Vai apagar isso aí?

Ah. Então me dou conta de que a esfera de raiz ainda brilha em minha mão e fecho os dedos, fazendo força até ela desaparecer.

— Eu não sabia quem era. Mikael disse que não estaria por aqui durante o dia, então ninguém consegue sentir minha raiz além da Zoe.

— Faz sentido, mas…

— Mas o quê?

— Deixa eu pensar numa forma de dizer isso. — Ele passa por mim e vai até a cama.

— Dizer *o quê*?

Jogo minha máscara de volta na mesa perto da porta e o sigo, atravessando a nuvem de aromas irritantemente deliciosos que ainda pairam sobre sua pele.

Ele pendura a sacola de roupas em uma das traves de madeira da cama e a abre antes de responder, revirando rapidamente o conjunto de peças nos cabides.

— Algo que pode soar indelicado.

Cruzo os braços.

— Já odiei.

Ele dá um sorrisinho contido e tira cabides com roupas ainda embaladas e inspeciona cada peça antes de pendurá-las na trave improvisada.

— Claro que odiou.

— O que mandaram?

— Roupas neutras e algumas mais formais. Ternos, vestidos, calças, suéteres. Tudo parece ser do tamanho que informamos pra Bianca ontem. Todas as peças ainda estão com as etiquetas. E algo me diz que eles mandaram roupas diferentes para cada hóspede pra ninguém ter que passar pelo constrangimento de estar vestido igual. — Ele se afasta um pouco. — Como o Mikael consegue trabalhar tão rápido? Um guarda-roupa de fim de semana pra cem pessoas?

— Já reparou que ele tá sempre com roupas elegantes e as presas lixadas pra se encaixar entre os humanos? Ele é tipo um Gatsby demoníaco, lembra? Tudo é encenação — murmuro, levantando o plástico de algumas peças pra examinar os tecidos. — Aquela Sombra deve ter garras fincadas em lojas de roupas por todo o país.

— A ganância adora pompa — murmura Nick, esfregando o pescoço e fazendo uma careta.

— Deixa eu adivinhar: você acordou todo torto porque tentou dormir naquela poltrona chique?

Ele faz uma careta.

— Não foi… o mais confortável.

Mordo o lábio.

— Se houver alguma briga, você vai se sair melhor se estiver descansado. Essa cama é enorme. Você pode…

— Tô de boa — interrompe Nick. Ele anda pela plataforma elevada e, para minha surpresa, se senta na beirada da cama, dando um tapinha no espaço vazio ao seu lado. — Vem aqui.

Ergo uma sobrancelha.

— Pra quê?

Ele revira os olhos.

— Vem logo.

Caminho devagar pela plataforma em volta da cama até alcançá-lo, mas fico parada na frente dele em vez de me sentar.

— Teimosa — murmura Nick.

— É agora que você vai dizer algo indelicado?

— É. — Ele suspira. — Precisamos nos acostumar a nos tocar.

Franzo a testa.

— Como é que é?

— Você ouviu — diz Nick. — Você quase teve um treco por causa de um entregador.

— Ele podia ser um bruxo.

Vejo um traço de ironia na expressão dele.

— Como se você não conseguisse lidar com um bruxo.

Fico sem reação por um momento, depois balanço a cabeça, tentando ignorá-lo.

— Aonde você quer chegar?

— Você não se assustou por causa dele — responde Nick. — Você se assustou porque achou que eu fosse te tocar, e isso não pode acontecer nesse fim de semana. Em teoria, estamos noivos. Temos que *agir* como se estivéssemos noivos, se quisermos passar despercebidos pela Bianca, pelo Mikael e pelos Colecionadores. Somos novos aqui. No quesito "quebra de discrição e verdade", se ainda não somos suspeitos, logo seremos. — Ele aponta com o queixo para a porta. — Aquele garoto *parecia* distraído, mas estava nos observando. Fazendo anotações no celular. Você percebeu?

Fico vermelha.

— Não.

— Ava disse que essa é uma comunidade conhecida de compradores. Por trás das máscaras de baile elegantes, os Colecionadores são políticos corruptos, CEOs gananciosos e diplomatas egoístas, só pra citar alguns. Tem assassinos aqui, Bree. Estou sentindo. Gente cruel, com muito a perder, que não vai hesitar em fazer o que for preciso pra proteger seus interesses e passatempos favoritos. E isso inclui não só colecionar coisas que não pertencem a eles, mas…

— Matar seus semelhantes por puro entretenimento — murmuro, me lembrando da calma com que Eric caminhou para a morte e de como sua "comunidade" testemunhou

tudo com a mesma tranquilidade.

Uma parte de mim ainda quer acreditar que a mesmerização coletiva de Mikael está por trás do comportamento dos Colecionadores antes do jantar, mas essa esperança está se esvaindo.

— Você tem razão. Mas…

— Você não me conhece — diz ele.

— Não é só isso — retruco. — Você não *quer* que eu te toque, lembra?

O maxilar de Nick se contrai.

— Lembro.

Cruzo os braços.

— Então, o que a gente faz?

Ele estende a mão.

— A gente começa devagar.

Estendo a palma com hesitação, mas, para minha surpresa, Nick não a segura. Em vez disso, ele toca em meus braços, por cima do tecido do pijama. Mesmo assim, tenho um leve sobressalto. Não consigo evitar.

— Calma…

— D-desculpa — gaguejo.

— Tá tudo bem. — Quando faço que sim, Nick me puxa até que eu fique de pé entre os joelhos dele. Quando levanta os olhos para mim, o cabelo cai sobre seu rosto. Resisto ao impulso de afastá-lo e suspiro aliviada quando ele faz isso antes que eu tente. — Tudo certo?

Faço que sim.

— Aham.

Ele segura meu cotovelo através do tecido… e eu não me sobressalto dessa vez.

— E isso?

— Tudo bem.

Nick se levanta lentamente, me dando tempo para me afastar. Enquanto se ergue, seu tronco roça no meu antes de se endireitar. Quando ele para, respiro fundo… e olho para cima.

O cabelo úmido dele já está secando, com as pontas se levantando e se curvando. Se eu não estivesse tão perto, não teria notado a respiração acelerada, o peito subindo e descendo depressa. O pulso rápido sob o maxilar. A penugem loira na base do pescoço. O cheiro de pinho e cipreste do xampu, como uma floresta numa manhã de primavera. Uma brasa discreta se acende no meu ventre, curiosa e silenciosa.

— Assim? — pergunta ele, com a voz baixa.

Minhas pálpebras tremem.

— O quê?

Ele aperta meus braços.

— Tudo bem assim?

— Ah — sussurro. — Sim.

— Você pode me tocar também — diz ele.

Hesito.

— Fingindo?

O pomo de adão dele se move quando ele engole em seco.

— É. Fingindo.

Engulo em seco também, o som alto demais entre nós, e levo as mãos lentamente até o peito dele. Ao pressionar minha palma contra seu músculo quente e apoiar os dedos em sua clavícula, ele solta um suspiro audível. Minha boca se curva num sorrisinho.

— E aí, tudo bem?

— Ótimo — responde Nick com a voz rouca, pigarreando. — É por isso que estamos praticando.

— Certo.

— Certo.

Ele solta um suspiro lento, e a tensão em seu corpo se dissolve sob meus dedos. Assim, tão perto, consigo ver pontinhos cinza em seus olhos e o súbito lampejo azul-prateado que cruza suas pupilas enquanto me encara. Sinto o cheiro vívido de cedro, ozônio e terra molhada, um perfume que não pertence a Penumbra, mas a *ele*.

É o traço que senti ontem à noite no depósito. Magia, rápida como uma lâmina.

— Nick? — sussurro, hesitante.

Ele franze as sobrancelhas ao aproximar o rosto do meu, e seus olhos se tornam atentos e penetrantes, como se pudessem ver até os cantos mais escondidos da minha mente. Quando ele fala, sua voz é um sussurro, mais fôlego do que som.

— O que ele fez com você?

Fico rígida nos braços de Nick, o feitiço entre nós se desfazendo.

— Não sei.

Quando me afasto, ele me solta. Eu recuo, descendo da plataforma, mas ele não me segue. De repente, eu me lembro da mulher de cabelos pretos que estava com Daeza e do jeito como ela me olhou, como se eu fosse algo indecifrável, um problema frustrante a ser resolvido.

No entanto, quando olho de volta para Nick, ele me encara como se eu fosse exatamente quem eu deveria ser. Como se eu fosse completa. Nick me observa como se, independentemente do que me tenha sido tirado, eu fosse mais do que suficiente. Como se eu fosse tanto que ele poderia se perder se não tomar cuidado.

Eu não quero que ele tome cuidado.

Dou um passo discreto à frente.

— O que nós *éramos*?

Ele solta um suspiro, como se já esperasse por essa pergunta.

— Acho melhor não responder.

— Por quê?

— Porque eu entendo o que significa escolher uma vida diferente. Quando deixei a Ordem, muita gente fez com que eu me sentisse culpado. Envergonhado.

Solto uma risada entrecortada.

— Isso não é novidade. Pode me culpar, me deixar com vergonha, se precisar.

— Não. Nada disso me ajudou a descobrir o que eu queria fazer depois que fui embora.

— E o que *ajudou*?

Os lábios dele se curvam num sorriso melancólico.

— Não "o quê". "Quem".

— Quem…

— *Você*, Bree — diz ele. — Foi você.

Dou mais um passo.

— Me diz como eu fiz isso. Me diz o que você sentiu.

Ele se senta no colchão novamente e se vira para a janela, ficando em silêncio por tempo suficiente para me fazer pensar que não vai responder. Então fala:

— No dia em que nos conhecemos, eu vi você andando no pátio. Antes de te chamar, fiquei te observando por alguns minutos. Você já tinha uma missão… e estava tão focada. Sua beleza era indescritível. Isso era óbvio. Mas era mais do que isso. Eu queria… experimentar você de perto. Conhecer sua mente, observar sua coragem, ouvir sua língua afiada. Quando finalmente conversamos, parecia uma dança, mesmo que estivéssemos parados. Um jogo de forças. Um vai e vem. A primeira vez que nos beijamos, na verdade, *todas as vezes* que nos beijamos, havia uma dor, uma queimação, um… — Ele balança a cabeça, sem saber como terminar. — Não sei. Beijar você é como um lembrete de que…

— De que você ainda está vivo. — As palavras escapam antes que eu perceba.

Os olhos dele se fixam nos meus, o reconhecimento inundando seu olhar.

— Sim. É como escalar um penhasco à beira-mar, com os dois pés firmes, e olhar lá de cima. Não pra pular, só pra… pra…

— Só pra ver. — Meu coração martela no peito. — Só pra…

Não consigo terminar, mas Nick continua por mim:

— Só pra sentir. Pra saber como é ficar bem onde o mundo começa e termina. *Bem* no infinito. — O peito dele sobe com cada respiração, os olhos azuis ganhando um brilho cru, vulnerável. — Beijar você é como tocar o céu, como tocar o horizonte. Meu Deus, Bree, é até como tocar o…

— O abismo — sussurro. — Não só estar na beirada, mas se jogar. Tudo de uma vez.

— É — diz ele, baixinho. — Tudo de uma vez.

Sustentamos o olhar um do outro por um longo e demorado minuto, até que ele se levanta e pigarreia. Nosso feitiço é quebrado de novo.

— Enfim. Era assim.

— Era? — solto.

— Sim — responde ele. — Era. — A cada passo que Nick dá em minha direção, uma nova camada se acrescenta a ele, uma nova máscara, um novo papel. Quando paramos frente a frente de novo, o coração aberto que eu tinha visto desaparece,

restando apenas o foco. Apenas as sobrancelhas tensas e a voz severa. — Agora, eu só vou beijar ou tocar você pra manter a mentira. E só do jeito que ensaiamos. Entendido?

Eu ouço o que Nick não diz. Ele não vai me tocar quando estivermos sozinhos, apenas quando for necessário encenar algo — e, mesmo assim, com as roupas escolhidas por Mikael servindo de barreira entre nós. Estaremos juntos apenas por causa da corrupção, das regras e do sangue derramado no chão. Sem céu, sem horizonte, sem queda. Nosso infinito acabou, não só aqui na Penumbra, mas fora dela também. Quando Zoe e eu partirmos, todas as portas que venho tentando tolamente entreabrir com Nick vão se fechar.

Respondo com um aceno silencioso.

Nick baixa o queixo, tentando encontrar meu olhar.

— Eu preciso de palavras. Preciso ouvir você dizer. Você consegue fazer isso por mim? Consegue se concentrar no aqui e agora? Em sobreviver?

Não no que fomos, ou em quem fomos, nem no que poderíamos ser.

— Consigo — digo. — Claro.

Uma hora depois, estamos prontos para descer até o refeitório. Nick para na porta para ajeitar a gola da camisa. Ele escolheu um suéter de tricô azul-escuro e calça social cinza-escuro. Eu optei por um vestido de lã de mangas compridas e sapatos sem salto — nada de salto alto pelo resto do fim de semana.

— Fique à vontade para dizer o que quiser — aconselha Nick, enquanto termina de ajeitar a gola da camisa. — A versão mais realista e verdadeira de uma ideia surge com muito mais naturalidade do que uma invenção. Quanto mais próxima da verdade for sua mentira, mais fácil será se lembrar dela.

— É assim que você faz? — pergunto, mexendo nos meus cachos.

Ele arregaça uma das mangas, com um sorriso sombrio nos lábios.

— Foi o que aprendi a fazer. — Ele lança um olhar na minha direção enquanto dobra a outra manga. — E você também sabe. Eu vi. Você fez isso ontem à noite com a Zoe.

— Eu contei quem sou pra ela.

— Mas não tudo, né? Você não mencionou que é uma Artesã de Sangue nem que é uma Artesã de Raiz como a Mariah.

— Um segredo de cada vez. — resmungo.

— Continua sendo a garota misteriosa — comenta Nick, suavizando o olhar.

— Como assim?

— É assim que o Sel chama você. — Ele inclina a cabeça. — Com bastante frequência, na verdade.

Fico repetindo as palavras na minha mente. *Garota misteriosa. Garota misteriosa.*

— Queria saber como é a voz dele, pra poder lembrar como ele diz isso.

— Quando nos encontrarmos com ele de novo eu peço pra ele te mostrar. O Sel tem um — Nick dá um sorrisinho travesso — jeito bem distinto de falar. Com todo mundo, mas especialmente com você.

Arrisco uma pergunta mais pessoal.

— Como ele é?

Nick pensa um pouco antes de responder.

— Instável. Temperamental de um jeito que você nem imagina. Forte. Talentoso. Teimoso. Dedicado. — Ele suspira, quase um resmungo. — Apaixonado. Mal-educado. Assustador quando quer, o que acontece quase sempre.

Estou intrigada, mas também confusa.

— Você gosta dele?

Nick ergue as sobrancelhas.

— Gostar? Bem… ah… — Ele solta uma risada curta. — A gente nem sempre se gosta, não. — Ele faz uma pausa. — Depois que você foi embora, a Ordem não tinha nenhuma pista, nada. Aproveitei uma brecha, um protocolo formal que obrigaria os Regentes a me deixar sair sem supervisão da Ordem pra seguir uma missão à minha escolha. Usei essa missão pra procurar Ava e os Morganas, na esperança de que soubessem o que tinha acontecido com você *e* com o Sel. Mas Ava não sabia onde vocês estavam. Ela tinha menos pistas do que a gente. Meses procurando e não deu em nada. — Ele suspira. — Mas só porque alguém não está com a gente não quer dizer que se foi.

Engulo em seco, os olhos começando a arder. Será que eu deveria contar para ele que Selwyn pode estar com a mãe? Já se passaram quatro meses, e eu nem sequer sei onde ela está ou se o filho ainda está com ela. Talvez essa informação seja apenas mais um beco sem saída. O que me *conforta* um pouco é saber que, mesmo separados, eu e Nick compartilhamos a mesma esperança de que Selwyn irá retornar.

Quando levanto os olhos, Nick já está me observando — e sei que ele não está falando apenas de Selwyn nesses últimos meses. Está falando de mim. Aqui e agora.

— É.

Nick estende a mão para a maçaneta da porta, mas antes que ele possa abri-la, um pedaço de papel aparece por baixo, aos nossos pés.

— Zoe? — pergunta ele.

— Ela teria vindo pelo corredor secreto — digo, me agachando para pegar o papel. — E ela não é muito de escrever bilhetes.

Leio em voz alta a mensagem rabiscada.

— *Jardins. Vinte minutos.*

Nick pega o bilhete da minha mão, com o maxilar tenso.

— Ava. — Ele guarda o papel no bolso, e a expressão se fecha como uma nuvem cobrindo o sol. — É melhor eu ir falar com ela. Talvez saiba de algo útil.

Os olhos dele mudam, parecem mais pedra do que oceano.

— Claro, vai lá. Eu consigo chegar ao café sozinha.

— Tem certeza? Não quero te deixar sozinha…

— Vou estar com Zoe e Mariah. — Endireito a postura e ajusto minha expressão para que nada transpareça, nem para Nick, nem para mais ninguém. — Estou bem.

Nick percebe a mudança no meu comportamento e parece prestes a fazer um comentário, mas se cala e apenas estende a mão em direção à porta novamente.

— Tudo bem. — Quando saímos para o corredor, ele vira à esquerda e eu, à direita. Antes de nos separarmos, ele aperta levemente meu cotovelo coberto. — Te encontro depois.

Enquanto o observo se afastar, não consigo evitar o impulso de segui-lo. Quero entender o que exatamente está acontecendo entre Nick e Ava, a Morgana. — Como a busca por mim e por Sel acabou se transformando em uma aliança entre o Herdeiro de Lancelot e a inimiga declarada da Ordem da Távola Redonda. Uma garota que quer me ver morta.



O CAFÉ DA MANHÃ É SERVIDO em uma sala de jantar menor, onde o ambiente é mais descontraído. As pessoas entram e saem em pequenos grupos, sendo atendidas e servidas rapidamente pelos garçons, que também limpam as mesas para o próximo grupo de convidados.

No momento em que entro, avisto Mariah e Zoe sentadas junto a uma janela no fundo do salão. Assim como eu, ambas voltaram a usar as máscaras de baile. Mariah faz um gesto para que me junte a elas, e sigo em sua direção. Zoe ergue os olhos, com um semblante fechado, e logo volta a encarar seu prato de ovos e torradas.

Eu me sento do outro lado da mesa e apoio os cotovelos na superfície de madeira.

— Dormiram bem?

— Tão bem quanto se pode dormir num lugar assim — responde Mariah.

Ela está vestindo um suéter de mangas compridas e uma calça xadrez justa. Os cabelos trançados estão presos no alto da cabeça. Zoe usa calças largas e uma blusa verde, o cabelo solto caindo pelas costas. Enquanto Mariah me pergunta sobre minha noite com Nick, Zoe apenas ergue os olhos, sem dizer nada. Conto que ele saiu para se encontrar com Ava e deve voltar mais tarde, talvez com alguma pista sobre o que precisamos fazer para sobreviver aos próximos três dias.

Após uma pausa, volto a refletir sobre o que Nick me disse mais cedo, sobre eu não ter sido completamente sincera com Zoe.

Uma garçonete se aproxima para anotar meu pedido. O crachá exibe o nome "Suzannah". Como não sabemos se Suzannah também é uma espiã de Mikael, esperamos até que ela se afaste antes de eu me inclinar e olhar nos olhos de Zoe.

— Eu te devo um pedido de desculpas.

Ela me encara, atenta.

— Deve mesmo. Mas me conta mais.

Paro por um momento e organizo meus pensamentos, tentando me lembrar do conselho de Nick. Posso contar a verdade, mas de forma mais vaga. Quero evitar que a equipe de garçons ou os convidados das mesas próximas identifiquem algo sobre os Lendários, a Ordem ou os Artesãos de Raiz.

— Mesmo antes de o velhote me levar pra casa, eu já tinha decidido deixar muita coisa pra trás. Muitas pessoas. Porque eu precisava me fortalecer, me tornar algo que não conseguiria enquanto estivesse com… a organização da qual, como você agora sabe, eu fazia parte.

Faço uma careta. Ao olhar para Mariah, ela me oferece um sorriso encorajador, e me sinto grata por sua gentileza.

Zoe franze a testa.

— A organização que eu fui criada pra *odiar*, você quer dizer?

— Essa mesma, sim — respondo. — Mas é aí que está: eu não fui criada nela. Não nasci dentro dela como os outros membros. Como o Nick. Descobrir que fazia parte daquilo foi um choque e… eu nunca tive tempo de assimilar esse choque. Estava de luto pela minha mãe e queria respostas, e procurar por essas respostas me levou a um caminho que eu jamais imaginei existir. Antes disso tudo, eu era normal, ou ao menos achava que era. E o que eu disse é verdade: eles não me querem lá. Pelo menos, não quem está no comando.

Zoe bufa.

— Imagino o porquê.

— É por isso que fui embora. E quanto ao velhote… — Dou de ombros. — Ele sabia quem eu era antes mesmo de eu saber. Sabia que minha ancestral era… como a Mariah. — Mariah faz que sim com a cabeça, e Zoe arregala os olhos. — E ele sabia que minha ancestral fez o que pôde para proteger seus descendentes, o que significava que eu nasceria diferente, até mesmo das famílias da Mariah e da minha.

Zoe se recosta na cadeira.

— Você está me dizendo o que eu acho que está dizendo? Sobre essa fornalha aí dentro?

Franzo os olhos.

— Eu *acho* que estou dizendo o que você acha que estou dizendo.

— Puta merda.

— Uhum — acrescenta Mariah, tomando um gole de café. — E o que *eu* acho que vocês estão dizendo é que você de fato foi embora com o Caçador por vontade própria, do jeitinho que eu contei para o Valec. Então ele *me* deve um pedido de desculpas.

— Temos muitas desculpas a pedir — digo, abrindo as mãos sobre a mesa. — Me desculpa por ter mentido, Zoe. Eu tive um… *ano* difícil.

— *Ano?*

— *Fala mais baixo* — sussurro, olhando ao redor. — E, na verdade, nem fez um ano ainda.

— Um *ano* não é suficiente pra começar a entender *essa merda* toda. Nem cinco seriam. — As sobrancelhas de Zoe se franzem. — Tá. Eu perdoo você.

O ar escapa dos meus pulmões.

— Perdoa mesmo?

— Só estou dizendo que… Você vai precisar de toda a folga que conseguir, então tô te dando isso. — Arregalo os olhos, e ela faz um gesto com a mão. — Além do mais, eu sou tranquila perto do Elijah. Você sabe como ele é, sempre querendo desenterrar segredos e saber de tudo. Quando ele descobrir o que você e o velhote andaram escondendo, vai querer esfolar você viva. Metaforicamente, é claro.

Torço o nariz, mas deixo que o alívio transpareça no meu rosto.

— Encantador.

— É. Bem. — Zoe dá de ombros. — Sempre foi assim. Jah quer muito agradar o velhote. Sou eu quem mantém os pés dele no chão, sabe? Sem mim, ele não consegue pensar em nada além do que deseja se tornar.

— Isso… me parece familiar — digo.

— Vamos focar em sair daqui sem nenhum arranhão. — Ela se inclina, a voz mais baixa. — Falando nisso… eu vi um roxo ontem à noite?

Minha mão voa até o maxilar, ainda sensível depois da briga de ontem. Por sorte, hoje cedo já estava só um pouco avermelhado. Precisei passar um pano embebido em água quase congelante umas seis vezes para conseguir fazer uma compressa que aliviasse o inchaço. Já Nick disse que está com um hematoma roxo no formato exato do meu punho na parte interna da coxa. A força de Arthur num corpo do tamanho do meu é um soco no estômago. Faço uma careta para o meu café.

— Eu e Benedict tivemos uma… reunião agitada.

Ela sorri.

— E você deu uma surra nele?

— Ele vai dizer que foi empate. — Abro um sorriso. — Mas claro que sim.

— Bela reunião — comenta ela, rindo.

— Ele perguntou se eu queria outra rodada.

— Perguntou, é? — diz Mariah, se inclinando para a frente.

Faço um gesto com a mão, dispensando a insinuação dela.

— Não é nada disso.

— Ah, é sim, *com certeza* — retruca Zoe, apoiando os cotovelos na mesa. — Vocês dois estão caidinhos um pelo outro.

Suzannah retorna com minha omelete e a tigela de mingau de milho com queijo.

— Obrigada — digo, educadamente.

A garçonete assente.

— Mais alguma coisa?

— Por enquanto, não, obrigada — responde a cambion.

Quando Suzannah se afasta, me inclino para Zoe.

— Não estamos, não!

— Olha, não posso falar por você, mas aquele menino está *caidinho* — provoca Zoe. — Tipo, caidinho *de verdade*.

— Nada a ver — rebato, puxando a máscara no rosto. — Ele nem encosta em mim.

Mariah solta um *hmm* bem longo na caneca, e eu lanço um olhar sério para ela.

— Essas suas reações não estão ajudando em nada.

— Só estou afirmando, ué — responde Mariah, ajeitando os óculos sob a máscara. — E, convenhamos, sua vida amorosa ainda é *um verdadeiro caos*. Primeiro o Menino de Ouro, depois, o Mago Rabugento. Agora, você voltou para o Menino de Ouro, mas, em vez de um reencontro normal, vocês saem no tapa *sem querer* no porão? *Amiga*. — Ela balança a cabeça, pousando a caneca na mesa. — Que caos.

— Sabe de uma coisa? Esquece o resto — declara Zoe. — Agora estou brava porque você viveu todo esse drama e não me contou nada.

— Eu nem *sabia* que tinha esse drama! — sussurro do outro lado da mesa. — Podemos focar no assunto mais urgente? Tipo o fato de estarmos — dou uma olhada ao redor e abaixo o tom — presas nesta casa? Essas "comunhões de segurança" de que o Mikael falou? E deixar *minha* situação pra lá, talvez?

— A situação dela é *toda* confusa — murmura Zoe para Mariah, balançando a cabeça. — Vou precisar de um fluxograma, no mínimo.

Apoio a cabeça nas mãos.

— Zoe. Por favor.

— Tá bom, tá bom — diz Zoe, rindo.

Quando ergo os olhos, ela pisca para mim, e o nó na minha garganta se desfaz mais um pouco quando percebo que ela estava tentando me animar e mostrar que realmente me perdoou, mais do que só com palavras.

— O Nic… digo, o Benedict, vai voltar logo? — pergunta Mariah, ajustando as alças da máscara enquanto observa algumas mesas mais próximas da porta, onde convidados mais velhos estão sentados.

— Não sei — respondo, distraída pelas conversas dos grupos ao nosso redor. — Você consegue ouvir o que eles estão dizendo? — pergunto para Zoe.

Assim como eu, ela também observa a mesa mais próxima, um grupo de homens e mulheres brancos com máscaras coloridas, trajando ternos e vestidos longos. O que havia de mais formal entre as roupas de Mikael. Elijah disse que pessoas novas, principalmente os "novos ricos", aparecem todos os anos, à medida que os Bailes de Gala ficam cada vez maiores. Fico me perguntando se são Colecionadores novos ou antigos.

Zoe semicerra os olhos.

— Estão falando de fundos de investimento. Coisas de finanças que eu não entendo direito.

Enquanto conversamos, Nick atravessa a sala, com as sobrancelhas franzidas e perdido em pensamentos, as mãos enfiadas nos bolsos. Ele chama atenção mesmo de longe, mesmo com a máscara azul-escura escondendo metade do rosto. O maxilar definido. O

cabelo cheio, levemente bagunçado. Um verdadeiro Menino de Ouro. Ele ergue o olhar, nos encontra no canto e vem na nossa direção.

— Meu jovem! — chama um dos homens mais velhos da mesa ao lado, acenando para ele.

Percebo uma leve confusão na expressão de Nick antes que ele pare no meio da sala e olhe na minha direção. Dou de ombros, e ele encara o homem, depois me observa novamente, hesitando. Inclino o queixo, um incentivo silencioso para que ele siga o jogo, para que aja como Benedict agiria. Nick assente e se vira, um sorriso se espalhando pelo rosto enquanto muda de rumo e vai até a mesa deles.

— O que ele está fazendo? — pergunta Zoe.

— Fingindo — murmuro.

Na outra mesa, Nick se apoia com os cotovelos no encosto de uma cadeira vazia enquanto cumprimenta o homem mais velho. Consigo captar apenas partes da conversa, mas Zoe ouve tudo.

— Esse cara que chamou o Nick nem o conhece. Acabou de dizer que viu Benedict numa das mesas de apostas altas durante o discurso do Mikael e depois de novo na fila da Bianca. Ele contou que perguntou se alguém sabia quem era o Benedict, e aí percebeu que ele era novo na comunidade — murmura Zoe, muito concentrada. — O homem disse que é o décimo primeiro ano dele participando dos eventos de Mikael e que pode mostrar as coisas para o Benedict, apresentar uns veteranos. Ele também está apresentando o pessoal da mesa.

Ela faz uma pausa, ouvindo enquanto Nick começa a falar.

— Seu garoto é educado pra caramba, isso eu tenho que admitir. Está agradecendo a todos pela gentileza. Ninguém falou uma palavra sequer sobre a *noiva* do Benedict que está sentada aqui, na mesma sala, sendo que ela foi a única pessoa que dividiu aquela mesa com ele ontem à noite. Isso não tem nada a ver com ser novo nos bailes, caso contrário, a gente também teria sido chamada pra conversar. — Ela cruza os braços. — Isso é ridículo.

Nick se levanta, rindo de uma piada que Zoe nem se dá ao trabalho de traduzir, e se despede, voltando para a nossa mesa. Ele se senta ao meu lado e, de propósito, passa o braço por trás da minha cadeira, os dedos deslizando pelo meu ombro.

— Oi, amor — diz ele em voz alta.

Como não me sobressalto nem demonstro desconforto, ele sorri.

Ensaiar e fingir. Retribuo o sorriso e faço questão de falar alto:

— Oi. Que saudade.

— Também senti sua falta. — Nick olha por cima da minha cabeça, na direção da outra mesa, e acena, depois se inclina como se fosse me dar um beijo na bochecha, embora nossos rostos nem se toquem. — Pelo menos dois daqueles velhotes estão ficando vermelhos que nem tomate.

Abro um sorriso.

— Perfeito. — Depois de um momento, murmuro: — E aí, como foi?

— Ah, são pessoas horríveis — responde ele, baixinho, e alcança a cestinha de muffins no meio da mesa. — Cobras de terno.

— Então por que você foi até lá? — sussurra Zoe.

Nick se recosta na cadeira, mastiga o muffin e engole antes de responder:

— Informação.

Mariah pisca.

— Informação?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Agora eu sei quem são os informantes. Os Colecionadores fiéis que já participaram dos eventos noturnos e acham que sabem como tudo vai acontecer. Agora eu sei a agenda deles para o fim de semana, onde vão estar e quando. Dá pra fazer uma visitinha depois do café e descobrir mais sobre o Mikael e — Nick balança o muffin, sorrindo — a sociedadezinha secreta de faz de conta que ele está tentando montar aqui.

Zoe olha para Nick e então para mim, e logo volta a atenção para ele novamente.

— Mas eles são uns babacas. Nem mencionaram sua noiva. Se realmente viram você ontem à noite como disseram, então viram você com a Br… com a Iris, os dois juntos, mas não perguntaram por ela? A Bree passou pela mesa deles quando entrou na sala também e não foi convidada pra bater papo. Eles tiraram conclusões sobre ela.

— É, eles são nojentos mesmo. — Nick sorri. — Mas podemos usar isso a nosso favor.

— Como, exatamente? — pergunta Zoe.

— Fácil. Você já sabe disso, então o que estou contando não é novidade nenhuma, mas caras como esses vivem de estruturas de poder. — Ele faz um gesto amplo, indicando a propriedade ao redor enquanto cutuca o muffin. — E as estruturas de poder que eles mais usam, tipo o racismo, a misoginia e o patriarcado, prosperam em lugares como esse, ainda mais quando tem dinheiro envolvido. Vou usar as expectativas que eles têm sobre mim contra eles. Não preciso saber o nome de cada um pra explorar seus preconceitos. Posso bancar a cobra de terno por uns dias, descobrir mais sobre essas tais comunhões, entender o que todo mundo aqui já sabe, pra conseguir as informações de que precisamos para sairmos vivos disso tudo.

Zoe se recosta na cadeira.

— Isso… faz sentido.

— É uma estratégia — afirma Nick. — Deveríamos juntar nossos recursos.

— É isso aí — concorda Zoe. — Tô dentro.

Ao lado dela, Mariah assente.

— Acho uma boa — diz ela.

Nick se vira para mim.

— E você, o que acha?

— Como a Mariah disse, acho uma boa ideia.

— Mas só é um bom plano se você disser que é um bom plano — responde ele, fixando os olhos em mim. — Não vou deixar você sozinha de novo.

Dou risada.

— Você ficou fora por, sei lá, meia hora.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Ele sustenta meu olhar por mais tempo do que o necessário. Zoe pigarreia.

Eu me remexo na cadeira, sentindo que deixei algo passar.

— É uma boa ideia usar a ignorância dos Colecionadores contra eles pra conseguir o que a gente precisa. Além disso, você fez questão de se exibir quando voltou pra cá. Se cair nas graças deles, talvez comecem a procurar "infrações" em outro lugar e deixem a gente em paz. Você deve, sim, usar o poder que tem, como disse.

— Deixa comigo — diz Nick, acenando. — Começo depois do café.

— Falando em informação — digo —, o que a Ava queria?

Os olhos dele escurecem.

— Ela disse que Mikael não vai entrevistar todos os cem convidados, só aqueles que considerar suspeitos, tanto pelos negócios quanto pelos interesses pessoais e… qualquer um que não estivesse no salão quando os alarmes dispararam.



A PRIMEIRA RODADA de comunhões ocorre após o jantar, em um auditório no térreo, do outro lado da propriedade. Ao contrário do amplo salão de festas, que possui dois andares, esta sala é estruturada como um teatro em estilo proscênio, com fileiras de assentos inclinados e um palco de madeira à frente. Eu, Mariah e Zoe nos sentamos mais perto do topo da arquibancada, para podermos observar os Colecionadores nas fileiras abaixo — e ter uma visão melhor do que acontece no palco.

Antes de sair para buscar sua "informação privilegiada" com as cobras de terno, Nick compartilhou um detalhe que Ava descobriu em suas investigações: apenas cinco comunhões ocorrerão por dia, todas conduzidas pelo próprio Mikael. A minha e a de Nick estão marcadas para o último dia.

Minha perna não para de balançar. Nick ainda não voltou, e o primeiro convidado já está sendo conduzido ao palco, sob as intensas luzes douradas.

De repente, Mikael aparece pela lateral do palco, atrás de uma cortina. Os murmúrios baixos da plateia cessam assim que as luzes do auditório se apagam, deixando à vista apenas a Sombra e o homem mascarado sentado no centro do palco. Há um pedestal com um microfone ao lado do convidado, mas Mikael se volta para a plateia e projeta a voz com força, sem precisar do microfone.

— Bem-vindos, companheiros Colecionadores — diz ele. — Hoje, reafirmaremos nossa crença na discrição e na verdade com uma oferta de tributo.

Sinto meu corpo se enrijecer na cadeira, e vejo que Zoe também se encolhe. Até onde sabemos, tributos são presentes físicos. No entanto, o homem mascarado no palco está visivelmente tremendo na cadeira e parece estar de mãos vazias.

Mikael se senta diante dele, abrindo o paletó preto ao se acomodar.

— Farei cinco perguntas a cada um dos nossos convidados. Nada que viole nosso código de anonimato, claro, já que nossas verdadeiras identidades são sagradas. Mas essas perguntas nos ajudarão a entender se nosso membro da comunidade é digno de

confiança. Se alguém resistir ao impulso natural de dizer a verdade, eu saberei… e haverá punição. — Mikael se volta para a plateia. — Estamos de acordo?

— Discrição e verdade — entoa o público.

— Verdade — Mikael se dirige ao homem trêmulo — e discrição.

O homem na cadeira assente rapidamente.

— D-discrição. E v-v-verdade.

O estalo elétrico da mesmerização de Mikael percorre minha nuca antes mesmo de ele abrir a boca. Ao meu lado, Mariah e Zoe estreitam os olhos. Já havíamos discutido com Mariah sobre a ilusão de Mikael, e nem mesmo ela tinha ouvido falar de algo assim. Desta vez, estou decidida a descobrir o que a Sombra da Noite está fazendo os Colecionadores verem ou o que ele está se esforçando tanto para esconder. Eu me preparo para morder a parte interna da bochecha e quebrar a mesmerização, mas então a comunhão começa.

— Você atacou e feriu meu guarda? — Quando Mikael fala, uma névoa verde brilhante de aether escapa de sua boca.

Ninguém mais na plateia consegue ver o aether, muito menos acompanhar o modo como ele flutua e serpenteia pelo palco, porque o poder de Mikael só é visível para quem possui a Visão. Apenas eu, Zoe e Mariah notamos que o aether de Mikael está indo *na direção* do convidado na cadeira, mirando nele, mesmo que o homem não consiga enxergá-lo. Esse feitiço, seja lá o que for, não é a mesmerização de Mikael, mas algo diferente. Algo… invasivo. Porque assim que o aether de Mikael atinge o alvo, ele se enrola ao redor da cabeça do homem como uma carícia, se infiltrando por seus olhos, boca, ouvidos e pele.

Quando o homem responde, seu corpo estremece com o esforço.

— Não.

— Você tentou arrombar o anexo nos terrenos da Penumbra? — pergunta Mikael, e, mais uma vez, o aether verde flutua em direção ao homem, cobrindo seu corpo até que ele comece a tremer, se retorcendo na cadeira.

Visivelmente confuso, o homem se endireita novamente para responder.

— Não.

Eles estão a cerca de dois metros de distância, mas Mikael se inclina para a frente na cadeira.

— Restam três perguntas. Essas três servirão como tributo. Uma prova de lealdade.

O homem assente, frenético.

— Sim, claro.

— Quando foi a última vez que você cometeu um crime?

O homem se encolhe no assento.

— Dois meses atrás.

Mikael ergue o nariz e respira fundo, e a fumaça verde brilhante lançada sobre o homem retorna a ele, agora tingida de um verde opaco e sombrio.

É então que percebo que o tributo não é um objeto… mas uma confissão. Uma forma de expor emoções humanas enterradas e dolorosas — um banquete para um demônio. Direto da fonte. As palavras de desprezo de Erebus pelo que sua Sombra se tornou me vêm à mente: *a natureza demoníaca de Mikael foi alterada. Sua habilidade de detectar os piores impulsos da humanidade ficou muito mais forte, mas ele teve que pagar um preço alto por isso. O aether já não sustenta mais sua forma física, agora ele precisa se fortalecer quase inteiramente com energia humana*.

Mikael estremece ao se alimentar, antes de fazer a próxima pergunta.

— E o que foi que você fez?

— Eu… roubei uma coisa.

O queixo de Mikael se ergue.

— E o que era? Quero detalhes. Me conte como e por quê.

O homem se contorce.

— Eu alterei o testamento do meu pai antes da morte dele.

A plateia murmura, curiosa e satisfeita com a revelação.

— Continue… — orienta Mikael, com os olhos semicerrados e a voz profunda.

— Tenho três irmãos. A propriedade do meu pai… — o homem geme, como se a verdade estivesse sendo arrancada dele à força — deveria ser dividida igualmente entre nós quatro. Eu alterei o testamento. Falsifiquei a assinatura do meu pai. Fiquei com tudo, absolutamente tudo, e não dei nada aos meus irmãos.

Mikael inclina a cabeça para trás, a boca entreaberta, respirando levemente enquanto consome a confissão mais profunda do homem. Mikael sorri ao olhar de volta para seu convidado, sentado do outro lado.

— Obrigado.

O aether da Sombra da Noite se dissipa, liberando o homem de seu controle. Ele tomba para a frente na cadeira, os joelhos batendo com força no piso de madeira, quebrando o silêncio reverente da sala.

Mikael cruza uma perna sobre a outra e faz um gesto para alguém fora do palco.

— Próximo participante, por favor?

As quatro comunhões seguintes seguem um padrão semelhante, com Mikael se alimentando de cada segredo profundo e sórdido revelado. Ouvimos sobre duas tentativas de assassinato, uma traição familiar e lucros ilícitos. Na última, uma participante quase resiste à influência de Mikael e recebe um aviso severo.

— Resistir *é* confessar, minha amiga — diz Mikael, em pé próximo à mulher, que luta para manter o controle.

Finalmente, ela revela sua verdade:

— Eu destruí minha própria empresa… pelo dinheiro do seguro — diz ela, arquejando. — Trezentos empregos pelo ralo. Fiz parecer um acidente. Alguns funcionários nunca se recuperaram. Perderam o plano de saúde. Ficaram doentes. Morreram, sem nada, com dor.

A torrente de verde profundo de sua confissão envolve Mikael, a ponto de ele parecer incapaz de falar.

— Culpa. Arrependimento. Vergonha — murmura ele, com a cabeça tombando de lado. — E mais profundo ainda, sua verdade mais guardada: prazer. Você *gostou* de ver a dor deles. Gostou de saber que foi você quem causou.

Ele estremece… e é nesse momento que sua ilusão enfraquece o bastante para que eu veja através dela. Para que eu o veja — *Mikaelaz,* a Sombra da Noite — por trás da fachada, mesmo que por uma fração de segundo.

Icor esmeralda escorre de grandes asas… uma sombra se derrete sobre o palco aos seus pés… olhos vermelhos em órbitas alongadas… presas tão compridas quanto meu braço…

Então, a ilusão retorna, e sinto um choque elétrico percorrer meu crânio. Mikael, o cavalheiro, ajeita o paletó na cadeira, um sorriso satisfeito no rosto enquanto encara a executiva atônita.

— Obrigado pelo tributo.

Quando Zoe, Mariah e eu saímos do teatro, Mariah puxa minha manga.

— Olha ali o Benedict — sussurra ela, com a voz trêmula.

Não sou a única abalada com o que acabamos de testemunhar. Zoe, por sua vez, parece inquieta, mas não surpresa.

Erguemos os olhos e vemos Nick saindo sozinho por uma das portas laterais. Enquanto a maior parte do público se dispersa ao nosso redor — alguns seguindo para tomar alguns drinques em um dos salões, outros voltando para os quartos —, Nick se move entre eles para chegar até nós.

— Onde você estava? — sussurro quando ele se aproxima.

— Cheguei atrasado, estava conversando com os figurões — diz ele. — Sentei perto do palco pra ver exatamente o que Mikael está fazendo pra arrancar essas confissões.

— E o que você viu? — pergunta Mariah.

Os lábios de Nick se comprimem numa expressão de desgosto.

— Mais do que eu gostaria.

Não somos os únicos que permanecem parados no grande hall do lado de fora do auditório. O barulho à nossa volta aumenta à medida que os Colecionadores falam animadamente sobre tudo o que acabaram de presenciar. A fome nos olhos deles é evidente, mesmo por trás das máscaras de cetim e renda. Talvez eles não consigam se alimentar das emoções que Mikael está extraindo ou enxergar a magia, mas as confissões são o suficiente para eles se deliciarem. Saborearem. Julgarem. E desejarem por mais. Nick parece tão atordoado por isso quanto eu.

— Precisamos conversar. Em algum lugar privado.

Depois de tudo que acabamos de ver, a biblioteca secreta — mesmo com seus tomos empoeirados e teias de aranha flutuantes — parece um refúgio seguro. Assim que entramos, porém, o céu escuro do lado de fora se rompe e a chuva começa a bater com força nas janelas esquecidas.

— Tudo isso é… — diz Mariah, com os olhos arregalados.

— Muito, muito perturbador — digo. — E isso confirma que Mikael não está mesmerizando os Colecionadores para que apoiem execuções públicas. Eles fazem isso por conta própria.

— O que é igualmente perturbador — comenta ela —, mas de um jeito diferente.

Nós nos espalhamos pela sala, sentados na beirada das mesas empoeiradas, enquanto Nick caminha de um lado para o outro.

— A ilusão de Mikael só esconde sua forma verdadeira. A camada é espessa o bastante pra enganar olhos não mágicos, mas fina o suficiente pra que possamos Ver através dela quando ele perde o controle. É como se o corpo humano que ele roubou não estivesse funcionando direito. Mas a magia que ele está usando pra se alimentar das emoções deles… — Ele balança a cabeça. — Nunca vi nada parecido.

— Isso acontece porque Mikael é uma Sombra da Noite — diz Zoe, puxando um joelho para cima da mesa. — Um dos cavaleiros-demônios originais da Corte das Sombras. Eles não são como os goruchels. Estão num nível acima, têm seus próprios talentos. O único demônio mais poderoso que uma Sombra é o Rei.

Nick para de andar.

— O que você disse?

Zoe hesita ao dizer:

— Eu… Ah, o Rei. Aquele que dizem estar morto.

— Não. — Nick a encara. — Você disse "o único demônio mais poderoso que uma Sombra *é* o Rei". Não disse "era", disse "é".

— Eu disse? — Zoe desvia o olhar.

— Disse, sim — insiste Nick. — Está dizendo que o Rei das Sombras está *vivo*?

— Eu… — Zoe olha para todos os lados, exceto para Nick. — Não, isso é só um boato.

Percebo que Mariah não parece nem um pouco surpresa ao ouvir aquele nome, nem sobre as Sombras da Noite ou a Corte. Suspiro.

— Zoe, é melhor a gente contar logo.

Zoe se reclina na cadeira.

— Eu não vou contar nada pra ninguém!

Nick nos observa e, por fim, fixa os olhos em mim.

— O Rei foi *destruído* há mil e quinhentos anos. A gente viu o Arthur anunciar isso em Camelot, durante a caminhada pelo sangue.

— Ele está vivo — admito em voz baixa. — Está mais fraco sem a coroa dele, mas vivo.

— A coroa dele? Espera, *é isso* que você… que nós… — A boca de Nick se fecha abruptamente. — E você quer a coroa dele por quê? — Seus olhos se estreitam. — Pra devolver a ele?

Engulo em seco.

— Não é tão simples. Se ele conseguir a coroa, não vai mais precisar se alimentar. Não vai mais ser o Caçador. Pode deixar as Artesãs de Raiz em paz…

— Espera — interrompe Mariah, levantando a mão. — Você disse que pode impedi-lo de capturar Artesãs de Raiz?

Assinto.

— Sim. Se ele não tiver que se alimentar, não vai caçar mais nenhuma delas… nem a nós.

— Outras garotas estão desaparecidas agora — afirma Mariah. — Você chegou a ver alguma?

— Só uma.

Troco um olhar com Zoe, que responde por nós duas:

— Não sabíamos das outras.

— Garotas desaparecidas? — pergunta Nick, alarmado.

— Sim — digo. E penso na garota do banheiro, aquela que estava apavorada, mas que, ainda assim, foi corajosa. — Vi uma garota com um sequestrador, um bruxo. A gente acha que o velhote está por trás disso. Ele está por trás de muita coisa. Mais do que sabemos.

— Calma aí — diz Nick, balançando a cabeça, confuso. — O velhote é o Rei das Sombras? Foi com *esse* demônio que você fugiu?

As lágrimas queimam nos meus olhos, mas me recuso a deixá-las cair.

— Não é o que você está pensando…

— Então é o quê, exatamente? — insiste Nick. — Por favor, me explique, porque tudo o que já ouvi sobre o Rei das Sombras é que ele é um tirano sanguinário. Algo *além* de um demônio, algo maior. Quase um deus! A Ordem mal fala a respeito dele porque é tão antigo que já virou lenda…

— Porque a Ordem e os Lendários são um bando de arrogantes elitistas e egocêntricos.

Eu, Nick e Zoe nos viramos ao mesmo tempo, o poder explodindo das nossas mãos. Chamas prateadas, verdes e arroxeadas se projetam pelas paredes da biblioteca escura e revelam o momento em que Ava sai da passagem encoberta pelas sombras. Ela avança com calma, usando uma saia longa e um suéter de gola alta, parecendo mais uma herdeira entediada nas férias do que qualquer outra coisa. — Não iam me convidar pro clubinho de vocês?

— As inscrições estão encerradas — retruco. — Foi mal.

Os olhos de Ava brilham ao me fuzilarem.

— Você deve entender disso, né, Pequena Herdeira que não deveria ser Herdeira?

Dou um sorriso.

— Herdeira que *escolheu* não ser Herdeira, valeu.

Ela revira os olhos.

— Mentindo pra si mesma. — Ela para no meio da sala, as mãos na cintura. — E então, vão continuar invocando esse poder todo enquanto Mikael pode ainda estar por aqui?

Na mesma hora, apagamos o brilho das mãos. Ava ri.

— Tão fáceis de enganar. Ele foi embora há vinte minutos. E a sensibilidade dele ao aether está tão embotada que ele mal consegue detectar, a não ser que esteja bem debaixo do nariz dele.

— Você é a pessoa mais insuportável que eu já conheci. — resmunga Zoe.

— Obrigada. — Ava observa a sala onde nos refugiamos e franze a testa. Lá fora, um relâmpago risca o céu em tons de prata e cinza. — Vocês nunca vão encontrar a coroa se ficarem se escondendo aqui dentro.

— E onde a coroa está, Ava? — pergunta Nick, com frieza. — Porque estou começando a achar que ela nunca esteve no porão, né?

Ava arregala os olhos de maneira teatral e dá de ombros.

— Ops. Será que apontei o caminho errado?

— Peraí — diz Zoe. — Disseram pra gente que ela estava no porão também. Você está dizendo que era mentira?

— Não sei quem falou isso pra vocês — diz Nick, sem tirar os olhos de Ava —, mas essa dica ou era antiga, ou foi plantada pra fazer vocês serem pegos. Igual foi comigo.

Ava acena para ele, rindo.

— Ah, Nickinho, não queria que você fosse *pego*. Queria que fosse *assassinado*. Isso, sim, seria uma jogada de mestre. — Ela começa a contar nos dedos. — Primeiro, criaria uma distração grande o bastante pra que deixassem a coroa no anexo sem vigilância. Segundo, me livraria de você, porque, convenhamos, você sabe demais. E terceiro, com sorte, aumentaria ainda mais a tensão em torno do Camlann, começando uma miniguerra entre uma Sombra da Noite e a Távola Redonda.

— Você queria que um Herdeiro morresse tentando roubar algo de uma Sombra. Óbvio. E por acaso esqueceu de me dizer de quem era a coroa que eu deveria roubar? — Nick cerra os dentes. — William e Lark estavam certos em não confiar em você.

— Ah, não me diga que você *confiou*? — provoca Ava, arrastando a voz. — Eu tentei te matar uma vez, lembra?

— Como poderia me esquecer? — responde Nick. — E não, eu não confiei em você.

— Exato — diz Ava. — Você só *precisava* de mim.

O olhar de Nick fica sério.

— Ava… não.

Ela desvia o olhar para mim.

— Fique tranquilo, Pequeno Lancelot. Ao contrário dos idiotas no palco hoje, eu sei guardar segredos.

— Do que ela está falando, Nick? — pergunto.

Ava sorri.

— Ele estava desesperado pra encontrar você e o Mago-Real, sabe? Tão desesperado que me fez até *querer* saber onde vocês estavam, só pra poder enrolar o coitado mais um pouco.

— Ava — rosna Nick em aviso.

— Nicholas é perfeito pra uma missão dessas, não acha, Bree? — Ela aponta para ele. — Não existe companheiro melhor pra um lugar cheio de gente que se acha rei ou que faz de tudo pra se tornar um.

— E qual deles é você? — pergunta Mariah, cruzando os braços. — Você veio até aqui porque quer a coroa também, né?

— Eu não quero a coroa — retruca Ava. — Eu quero a coroa *de volta*. Os Morganas a guardavam há mais de quinze séculos, até que, três meses atrás, o criado bruxo de alguém a *roubou* de uma fortaleza Morgana. É meu dever trazê-la de volta. Ela está mais segura com a gente do que largada por aí. Somos os guardiões da coroa desde que Arthur a arrancou da cabeça do Rei caído. Usamos a magia da nossa mestra Morgana pra mantê-la longe das mãos dos demônios, e vou fazer o que for preciso pra que ela esteja protegida de novo.

— Você fala como se Morgana ainda estivesse viva — comento.

Ava me encara.

— E eles não estão todos vivos, Pequena Herdeira?

— Mas o que vocês ganham com isso? — pergunta Zoe. — Vocês, Morganas, encantaram a coroa pra que nenhum demônio pudesse senti-la ou tocá-la. E mesmo se ela *não* tivesse sido encantada por vocês, não é como se o poder fosse útil pra vocês. O Rei forjou a coroa pra ele. Vocês não podem usá-la, e ela destruiria qualquer um que tentasse. Mikael pode muito bem leiloá-la no fim de semana e ela acabar empoeirada na galeria de algum milionário entediado!

— Por que manter qualquer coisa poderosa por perto? — retruca Ava. — Pelo mesmo motivo que qualquer um quer qualquer coisa… poder. Poder sobre os inimigos. Sobre os aliados. Sobre nós mesmos, se for preciso.

Franzo a testa.

— Isso não faz sentido…

— Então deixa eu simplificar — diz Ava. — Saiam do meu caminho.

Ela se vira e segue de volta pelo corredor, iluminando o caminho com um punhado de aether azul, até desaparecer ao longe. Do lado de fora, o barulho da chuva batendo contra as janelas encobre o som dos passos dela.

Nick fica parado, olhando na direção por onde ela sumiu, com os punhos cerrados.

— Ela está escondendo alguma coisa.

— Tem a ver com seja lá qual for o acordo que vocês fizeram? — pergunto, surpresa com o calor e a irritação na minha voz.

Ele cerra os dentes.

— Talvez. Não sei. É provável.

— *Nenhuma* dessas respostas foi útil — comenta Zoe.

— Pois é.

— E o que você concordou em fazer? — pergunto.

— Eu disse que ajudaria a encontrar a coroa. Não sabia que o Rei tinha sobrevivido — sussurra Nick. — Se soubesse que ele poderia recuperá-la e usá-la de novo um dia…

— Você não teria ajudado Ava? — pergunto.

Ele me encara em silêncio, mas ouço a resposta não dita: *não sei*.

Faço a próxima pergunta, mesmo que ela me cause desconforto:

— Você contou que foi atrás de Ava pra obter informações sobre mim e sobre o Sel, mas disse que ela não sabia de nada. E mesmo assim continua *com* ela…

— Eu não estou *com* ela! — grita Nick.

— Mas está trabalhando com ela! — insisto. — Vocês têm um *acordo*. Um *pacto*. Você aceitou ajudá-la a roubar a coroa. Por quê? O que ela te ofereceu em troca?

Nick tensiona o maxilar.

— Eu não consigo… explicar.

— Não consegue? — retruco. — Ou não quer?

— As duas coisas. — Ele sustenta meu olhar. — Mesmo antes de hoje, eu já não sabia se um dia conseguiria, mas agora você me diz que *foi embora* pra trabalhar com o *Rei das Sombras*? Por *vontade própria*? Bree, eu… — Ele passa as mãos pelos cabelos e começa a andar de um lado para o outro. — Eu não sei o que dizer a você agora. Não sei o que eu *posso* dizer. Por favor… não me pergunte.

Minha boca se abre e se fecha, a confusão me dominando.

— Eu… — Mas então penso em tudo que escondi das pessoas, tudo que essa vida me forçou a guardar. As escolhas que fiz, as pessoas que perdi… e o que significa *deixar* alguém se perder, se essa for a escolha dela. — Certo. Não vou perguntar.

— Obrigado. Eu sei que isso… não é fácil. — Ele solta um suspiro baixo e entrecortado. — Eu… eu vou estar no quarto.

Ele se afasta, mas não vou atrás. Em vez disso, me jogo na escrivaninha, fechando os olhos para esquecer o dia. Para esquecer Ava. Esquecer segredos e verdades.

O braço de Zoe é o primeiro a me envolver. Sinto seus cachos macios caírem sobre meu ombro, seu suspiro pesado roçar minha bochecha. Do outro lado, Mariah me abraça pela cintura, soltando um suspiro leve e prolongado. Elas não dizem nada. Porque não precisam.



A CHUVA CONTINUA a cair pesada e incessantemente quando enfim me deito. Nick já está dormindo, dessa vez no chão, em meio a uma pilha de almofadas e lençóis extras. Pelo visto, ele desistiu de tentar dormir na poltrona. O som constante da tempestade quase me faz pegar no sono, até que ouço um arranhar baixo e ritmado vindo da parede atrás de mim.

Espero um instante e acalmo minha respiração. Eu me pergunto se Nick também está acordado e se ouviu o barulho.

Volto a ouvir o som, e de repente o quarto é tomado por uma explosão de luz: duas palmas com fogo de mago, as de Nick e as minhas. O brilho azul e roxo reflete no espelho da parede e muda de forma conforme saímos dos cobertores. Nick já está na cabeceira antes mesmo de eu encostar os pés no chão.

O som desaparece. Silêncio total.

Ao meu lado, o rosto de Nick brilha sob a luz azulada. Ele leva um dedo aos lábios, pedindo silêncio. Ao contrário da última vez, não reviro os olhos. Se fosse Zoe, teria escancarado a porta ou gritado nossos nomes.

O que significa que, seja lá quem está no corredor secreto atrás da parede, *não* é Zoe.

Penso em sussurrar isso para Nick, mas ele se afasta de repente, e a luz revela os músculos definidos de seu tronco sob a camiseta branca justa.

Quando ele se inclina em direção ao barulho, percebo que a proporção entre seus ombros largos e sua cintura estreita deveria ser ilegal. Matemática proibida. Musculatura criminosa. De repente, não sei se devo amaldiçoar ou agradecer nosso intruso noturno. A única coisa que consigo fazer enquanto deslizo cuidadosamente para fora da cama é abaixar a mão com o fogo, para que meu olhar nada discreto não fique tão ridiculamente visível.

Depois de alguns segundos em silêncio, Nick se vira para mim com a testa franzida. Dou de ombros. Talvez seja apenas um rato na parede.

— Rato? — murmuro para ele.

Ele considera a ideia, mas não parece convencido. Está prestes a girar o pulso para apagar o fogo de mago quando o painel da parede em que estava encostado explode para fora, jogando-o com força no tapete.

Recuo para o centro do quarto, onde tenho mais espaço para reagir.

Os invasores, vestidos de preto e com os rostos cobertos por balaclavas escuras, irrompem pela abertura num salto. Não preciso ver seus rostos para saber que são bruxos. O fedor acre da magia de pacto toma conta do ar, aether e icor fundidos à carne humana.

O pijama que estou vestindo — camisa de botões e calça larga — é confortável, mas não é tão maleável. Se os cordões se soltarem, as calças vão me atrapalhar. Melhor resolver isso rápido.

Eles estão em três… não, quatro. Um número alto para dois alvos. Ou seria, se esses dois não fossem Herdeiros.

Nick já está de pé antes que eu consiga bloquear o primeiro soco. Pelo canto do olho, vejo quando ele gira o corpo com precisão e acerta um dos homens com um chute giratório que o lança contra o pesado pé da cama.

Depois disso, só consigo focar na minha própria luta. Eu me esquivo de um golpe após o outro, naquele quarto escuro, iluminado apenas pela luz fraca da lua que entra pela janela. Um dos bruxos murmura algo em uma língua áspera e gutural, e uma longa cauda retorcida de diabrete se projeta atrás dele.

— Como você fez esse pacto? Diabretes não são bons de conversa — provoco, tentando ganhar tempo enquanto avalio minhas opções.

Há um pesado bule de estanho e uma bandeja de prata ao alcance do meu joelho, na mesa de vidro. Além disso, tenho a mesa em si. E também tenho meus punhos.

Mas o bruxo não se deixa levar pela provocação. Em vez disso, responde estalando a cauda mágica para a frente com força. Eu me jogo no chão… e a cauda atinge o bule, que tomba com um baque metálico. Então, a vejo passar zunindo por cima de mim e se enrolar novamente atrás dele.

Um casco brilhante desce com violência no chão, e eu rolo para longe. Outro golpe é desferido ao meu lado, rasgando o tecido da minha touca de cetim e arrancando-o. Eu me levanto rapidamente, e meus cachos caem sobre o rosto.

Nada bom.

Acendo os punhos enquanto jogo os cachos para cima e para trás. Ordeno que minha raiz se transforme em duas longas adagas. As pontas das armas acabam de se formar quando o segundo bruxo, com punhos que mais parecem cascos de cavalo demoníacos, gira em minha direção. Desvio do primeiro golpe e uso a lâmina para abrir um corte na barriga dele antes de recuar. A cauda se esgueira pelo meu flanco, a ponta se arrastando pelo meu braço. Ela deixa um rastro de fogo por onde passa, e já consigo ouvir a voz de Erebus me mandando *ir mais rápido.*

Odeio que, mesmo depois de tudo o que ele me tirou, ainda ocupe tanto espaço na minha mente… mas, neste momento, me sinto grata por isso.

Duas coisas ao mesmo tempo, Briana.

Eu me abaixo, girando e chutando com uma das pernas enquanto arrasto minha lâmina direita pelo ar. O chute acerta o bruxo dos cascos, derrubando-o. A lâmina rasga sua carne, e um chiado baixo, repleto de dor, indica que o golpe foi certeiro.

Giro para fora e me levanto, dando de cara com o primeiro a me atacar. Ele está ferido, irritado… e descuidado.

Ótimo.

Ele recua para desferir um soco. Eu me curvo por baixo do braço dele e acerto um golpe bem em seu queixo, que se ergue e vai para trás. Ele solta um grunhido de dor.

Deve ter mordido a língua. *Muito* bom.

Antes que eu possa comemorar, braços fortes agarram meus antebraços por trás, apertando-os com força contra meu peito. Sou puxada do chão, e minha coluna se arqueia de dor.

— Te peguei.

O segundo homem, o dos cascos, voltou para mais uma rodada. Ele é mais forte e mais esperto que o primeiro, o da cauda.

O primeiro se joga nos meus pés, me agarrando antes que eu consiga chutá-lo. Ele junta meus tornozelos com força usando as mãos.

Não importa o quanto eu seja forte. Não consigo me mover assim, com o corpo curvado para trás, os braços presos contra as costelas e os pés no ar. Luto e me contorço, usando a força de Arthur para tentar me soltar dos dois, mas eles me apertam ainda mais, pressionando os ossinhos dos meus pulsos e tornozelos até a dor se tornar aguda.

— Me. Soltem. — Torço o corpo de novo, me debatendo como um peixe fora d'água.

— Anda logo! — grita o bruxo da cauda, e então eles começam a me arrastar, tentando passar por Nick e pelos outros dois homens em direção à abertura na parede.

Pelo canto do olho, vejo Nick derrubar um dos bruxos que o atacam com um soco forte na têmpora.

Relaxo ao perceber o quão perto estamos da porta. Finjo ter desistido. Paro de resistir, deixando que pensem que conseguiram.

Assim que o bruxo da cauda muda de posição para erguer meus pés e me jogar no corredor vazio, giro o quadril e acerto um chute no rosto dele. Meu calcanhar atinge o nariz dele com um estalo satisfatório, e o diabrete cai para trás, bem na abertura da parede. Meus pés caem onde ele os larga.

Eu me apoio, depois dou um impulso no chão, me arremessando para trás com mais força e velocidade do que o bruxo atrás de mim esperava. Ele tropeça e cai, batendo as costas no chão — e eu aterrisso com a cabeça e as costas no peitoral largo dele. Ficamos atordoados por um segundo, então, antes de me afastar, me ajoelho perto do cotovelo dele e dou um soco em seu rosto antes que ele possa reagir.

O bruxo apaga.

O homem no corredor ergue o olhar para mim no mesmo instante em que olho para ele… e sai correndo, sumindo na escuridão.

Eu me levanto, pronta para me juntar à luta de Nick, mas logo percebo que não será necessário.

Os invasores que estão o atacando são mais habilidosos e maiores que os meus. Seus movimentos são mais precisos e fluidos — mas os de Nick também são. Ele os circula, descalço, com as duas mãos erguidas e soltas. Se os dois bruxos percebem o brilho de diversão nos olhos de Nick ou o leve sorriso em seus lábios, não entendem como um aviso claro.

O primeiro bruxo avança com socos rápidos, mas Nick rebate cada golpe como se o adversário estivesse se movendo em câmera lenta. Ele gira o oponente, conduzindo-o como se guiasse um parceiro mais velho em passos ensaiados, posicionando-o onde quer e levando-o à própria ruína.

Quando o bruxo se dá conta de que está encurralado, já é tarde demais. Ele deixa a frustração guiar seu ataque, o que é um erro.

O cruzado descontrolado do bruxo é aparado pelo antebraço de Nick, que desvia do soco.

Um segundo golpe se aproxima. Nick rebate novamente e responde com um soco veloz direto no queixo do homem.

A cabeça do bruxo se projeta para trás. Ele cambaleia, cai… e os olhos de Nick vão até o segundo oponente.

O outro bruxo é mais jovem. Mais preparado. Ele avança contra Nick com uma lâmina reforçada por magia de pacto.

O primeiro golpe é desviado para o lado.

O segundo golpe é bloqueado pelo dorso da mão de Nick, que empurra a lâmina para baixo.

A terceira tentativa termina quando Nick agarra o braço armado do bruxo, puxando-o para perto e torcendo seu cotovelo até que o homem grite de dor e largue a arma.

Nick força o bruxo a ficar de pé apenas para socá-lo e jogá-lo pesado pé da cama de madeira.

O primeiro bruxo se recupera. Quando o parceiro cai, o bruxo mais velho salta contra as costas de Nick. Grito para avisá-lo, mas nem precisaria fazer isso.

Nick se transforma em um borrão em movimento enquanto o homem ainda está no ar. Ele salta para encontrá-lo e o derruba com um golpe rápido no rosto.

O sorriso selvagem e discreto que repuxa os cantos da boca de Nick desaparece rapidamente. Enquanto observo, uma sombra de decepção cruza seu rosto.

Isso foi fácil demais para ele.

Então percebo: isso foi uma luta, não uma dança. Nada parecido com o que aconteceu com a gente no porão. Para Nick Davis, toda briga *poderia* ser uma dança, mas só quando ele tem o parceiro certo. Alguém igual a ele.

Nick observa os agressores caídos no chão. Nem sequer parece cansado.

— Tem magia neles.

— Sim, eles são bruxos…

— Não, não é magia de pacto. — Ele se ajoelha para examinar os corpos mais de perto. — É outra coisa. Algo fraco. Está… desaparecendo agora. — Ele cerra os olhos. — Quase como se fosse temporário. Programado pra sumir.

— Um construto? — Eu me aproximo, mas não vejo nem sinto nada além do cheiro acre de magia de pacto.

— Não — murmura ele. — Já se foi. Não consigo mais ver.

— Toda magia de bruxo é temporária — comento. — Quando o pacto termina, a magia desaparece.

Nick não parece convencido. Ele se levanta, balançando a cabeça.

— É melhor tirá-los daqui antes que alguém apareça e faça perguntas demais.

O problema é que não temos para onde levar os bruxos inconscientes além da passagem secreta por onde entraram. Nick e eu carregamos os três corpos desacordados até o corredor escuro e os arrastamos pela poeira, com o fogo de mago aceso na ponta dos dedos.

Há um caminho principal que desce, sobe novamente e termina em uma escada estreita com um patamar. Depois de empilharmos os bruxos mascarados no topo do patamar, olho para baixo e vejo apenas mais redemoinhos de poeira.

— O que a gente faz?

— Deixamos todos juntos aqui. Voltamos para o nosso quarto e agimos como se nada tivesse acontecido.

— Mas…

— *Agora*, Bree — diz Nick, já se virando. — Antes que acordem e a gente tenha que apagar todos eles de novo.

O tom de voz dele me faz franzir a testa, mas eu o sigo de volta até nosso quarto. Assim que passo pela porta, ele fecha a passagem, que desaparece na parede com um clique suave.

Nick se afasta da parede.

— Eles não vão voltar.

— Como você sabe?

— *Você* voltaria para levar uma segunda surra depois de apanhar de dois adolescentes usando pijamas emprestados?

— Bem… — Dou de ombros. — Não. Mas…

— Quem quer que tenha mandado esses invasores aqui queria sequestrar você. Quando descobrirem que a gente não facilitou as coisas, vão ter que bolar um plano mais inteligente. Mas o que me preocupa mesmo é que alguém tenha mandado esses bruxos só pra nos desestabilizar, pra fazer a gente cometer um erro e revelar nossas verdadeiras identidades. Se alguém tivesse prestado atenção na primeira noite, já teria notado os calos nas nossas mãos, suas costas e braços definidos, e o jeito como a gente se move. — Ele

vai até uma das cadeiras perto da lareira e faz um gesto para que eu o acompanhe. — Me ajuda com isso?

Levanto um lado da cadeira enquanto ele pega o outro, e juntos a carregamos até a porta da passagem, encaixando-a firmemente contra o painel.

— Enfrentar a comunhão já é problema suficiente. Não podemos chamar mais atenção.

Suspiro. Ele tem razão. O melhor a fazer é fingir que nada aconteceu.

— E se mandarem mais bruxos da próxima vez? Uma cadeira não vai segurá-los.

Ele bate as mãos para tirar a poeira depois de posicionar a cadeira.

— A gente fez um dos bruxos deles sair correndo e largou os outros três que nem uma pilha de membros retorcidos e com concussões fresquinhas. — O cabelo de Nick cai em seus olhos, e ele me encara com uma expressão irônica. — Acho que entenderam o recado.

— Justo — murmuro.

Ele estende a mão na direção do meu braço, mas então para. Sigo seu olhar até o arranhão deixado pela cauda pontuda do bruxo.

— Precisamos limpar isso rápido, ou vai infeccionar.

Resmungo, pensando nas sessões com Erebus no galpão.

— Eu fui lenta demais.

Nick olha nos meus olhos.

— Você foi bem rápida. Lutou com inteligência e conseguiu causar o mínimo de estrago possível no ambiente. Acho que aquela chaleira ali sofreu mais do que você.

— Você não se machucou, né? — pergunto, e fico vermelha ao ver o contorno do V nos quadris dele aparecendo por cima da calça de moletom.

Matemática proibida, Bree. Matemática *proibida*.

Ele balança a cabeça, fazendo o cabelo esvoaçar.

— Não. — Nick passa a mão pelos fios, sorrindo de leve ao lembrar-se de algo. — Cresci lutando contra *Selwyn Kane* com frequência… e isso foi antes de os meus poderes despertarem. Eu teria vencido aqueles caras quando tinha doze anos. E em um dia ruim.

— Você deve ter se machucado, né? — pergunto. — Digo, naquela época. Os Merlins são muito mais fortes que os humanos…

Paro de falar ao perceber que o sorriso dele desapareceu e sua expressão está mais tensa e fechada.

— Os ferimentos que Sel causou não foram… — Ele tenta sorrir novamente, mas não consegue. — Não foram os mais graves, acredite se quiser.

Antes que eu possa perguntar o que Nick quis dizer com isso, ele se abaixa para pegar minha touca de cetim, sacudindo-a o máximo que consegue. Quando termina, me entrega.

— Eu fico de vigia. Você descansa. — diz Nick.

A touca está um pouco rasgada e suja, mas nada que um pouco de sabão e água não resolva… e é melhor do que ficar sem.

— Achei que você tivesse dito que eles não iam voltar.

Nick abre um sorrisinho ao se afastar e se acomodar no assento da janela.

— Não vão, mas Sel me esquartejaria se soubesse que eu voltei a dormir depois que tentaram sequestrar você.

— Ele era tão protetor assim?

Nick me observa como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

— Ele é um Mago-Real… e você é o rei dele.



O dia seguinte chega lentamente, de forma desconexa.

Um feixe de luz atravessa o quarto, refletindo em mim pelo espelho da cômoda. O som abafado de vozes subindo do jardim sob nossa janela. O rangido baixo de uma porta se abrindo no fim do corredor. Um cacho escapando da touca e se enrolando na minha testa.

O calor de uma palma larga repousando na minha cintura.

Prendo a respiração. Mesmo sem olhar, reconheço o peso da mão de Nick. Mesmo com a camada fina do meu pijama, o toque dele é familiar. Fico imóvel, memorizando a sensação de tê-lo dormindo ao meu lado e tudo o que isso desperta em mim. Respiro entre essas sensações, uma de cada vez, lenta e firmemente, como os batimentos do coração dele contra minhas costas. Sinto curiosidade. Diversão. Encantamento. Eu me sinto protegida. Segura.

O ar quente se espalha pela minha nuca, fazendo cócegas na pele até eu me contorcer. Nick aperta meu quadril — e então congela.

— Merda. — Nick me solta com um suspiro, rolando para trás e se sentando. — Desculpa! — diz ele, com a voz rouca de sono.

Eu me viro de costas, pronta para dizer que não tem problema, até ver o cabelo dele todo bagunçado, espetado em todas as direções, a expressão de choque e culpa no rosto e as duas mãos pairando no ar, como se ele tivesse acabado de ser pego roubando alguma coisa. Tento não rir… e fracasso na hora.

Ele me observa com os olhos arregalados, e eu rio baixinho.

— Tá rindo do quê?

— De você, você está ridículo — respondo. — E não sei por que você está se desculpando.

— Isso… — Ele aponta para a minha cintura, coberta pelo pijama, depois para si mesmo. Em seguida, para mim de novo e, então, para a cama. — Isso não deveria ter acontecido! — Ele leva as mãos ao rosto com um gemido frustrado. — O Sel vai *me matar*. Eu deveria estar de vigia.

— Você não ia conseguir dormir direito no chão, e ontem à noite a gente enfrentou bruxos sequestradores — digo, me virando de costas. — Você tinha que descansar.

Ele balança a cabeça, ainda cobrindo o rosto.

— Você é a Herdeira da Coroa de Arthur — murmura ele. — Na verdade, Sel nem ia se dar ao trabalho de me matar. Ia fazer pior: me pendurar de cabeça pra baixo pelos dedos dos pés e me dar um sermão até eu morrer.

Abro um sorriso.

— Ele parece divertido.

Nick geme de novo.

— Eu deveria ter sido mais cuidadoso.

— A gente teria acordado se outro invasor aparecesse — digo, dando risada. — Tenho certeza de que Selwyn, o Mago-Real, ficaria superimpressionado com seu *avançadíssimo* sistema de alarme com cadeira estofada.

— Ha-ha. — Ele baixa as mãos e observa meu quadril e a calça do pijama que estava segurando minutos antes. — E… quando digo que precisamos ter cuidado, não estou falando só dos bruxos.

Ah.

Cruzo os braços. Ele está falando de termos acordado abraçados. De estar me tocando.

— Você estava dormindo. Nós dois estávamos. Está tudo bem.

— É arriscado.

— Arriscado por quê? — indago, confusa. — Não consigo entender…

O resto da frase se perde num suspiro brusco, porque Erebus escolhe esse exato instante para ativar minha marca de sangue.

Dessa vez, sou eu quem geme, enquanto os galhos vermelhos brilhantes e vibrantes se espalham pela minha pele sob a camisa, pulsando através do tecido fino. O cheiro familiar do poder de Erebus invade meu nariz e minha boca. Rico, antigo e *sufocante*. Faço uma careta para a luz.

Para minha surpresa, Nick se aproxima, a testa franzida enquanto observa a marca ficar mais brilhante, depois mais fraca, e brilhante de novo.

— É a sua magia, mas também é… a dele. Entrelaçadas.

— Pois é, não dá pra esquecer — resmungo.

Ele se inclina, tomando cuidado para não encostar em mim, os olhos acompanhando os galhos mais finos que descem pelos meus ombros, dominam os cotovelos e se enrolam nos antebraços.

— Essa marca… não é como uma tatuagem. É mais profunda. Está enraizada. Como se acompanhasse o caminho das suas veias.

— Você consegue ver isso tudo?

Os olhos dele se voltam para os meus, e vejo um azul profundo brilhar em suas íris.

— Consigo.

— Como?

Ele semicerra os olhos, pensando.

— A Linhagem de Lancelot tem… uma visão aguçada.

— Aguçada como?

Ele range os dentes enquanto volta a atenção para a minha marca de sangue.

— Nunca é igual. A visão se manifesta de forma diferente em cada herdeiro. Não sei o que o Herdeiro de Lancelot que veio antes de mim via, mas eu vejo o funcionamento interno da magia. Como ela é montada. Como foi construída. O aether é um elemento, mas, como qualquer elemento, tem partes menores. Moléculas, na falta de uma palavra melhor. — Ele aponta para a marca. — Consigo ver como um construto foi feito e, às vezes, consigo ver como… desfazê-lo.

Eu me sento de frente para ele.

— Foi assim que você…

— Que eu desfiz seus construtos? — Ele abre um sorrisinho. — Foi. Se bem que, com outros construtos que tentei, foi bem mais trabalhoso. Precisei estudar bem a estrutura antes de tentar desmontá-los. Mas com a sua magia? Ela é rica. Complexa. Coisas tão complexas geralmente são difíceis de desfazer, mas com você foi… instintivo. Como respirar.

Franzo a testa.

— Não sei se gosto da ideia de você conseguir desfazer o que eu crio com tanta facilidade.

— Eu também não sei se gosto. — Os olhos dele se fixam na minha marca de sangue, agora mais exposta debaixo da gola da minha camisa. — E com certeza não me agrada que ele possa fazer isso com você. Não só aqui, onde seria perigoso se alguém visse, mas em qualquer lugar. Você também é um rei. Só porque o Rei das Sombras marcou sua família com sangue, não significa que ele pode te aterrorizar quando quiser.

Fico boquiaberta. Nick consegue simplificar tudo aquilo que parece complexo na minha vida. Todas as conclusões que eu tenho dificuldade de alcançar, ele só… diz em voz alta. Ele fala essas verdades meio para si mesmo, meio para mim, como se essa percepção sobre minha marca de sangue fosse óbvia e simples, e não algo confuso que estou sempre tentando entender.

De repente, não consigo mais esconder isso dele.

— É o Erebus — solto.

Ele pisca.

— O que tem o Erebus?

— O rei — respondo rapidamente. — Erebus Varelian é o Rei das Sombras, disfarçado.



NICK FICA completamente imóvel.

— Há quanto tempo?

— Há muito tempo — digo. — Décadas.

— Por quê?

— Pra… pra destruir a Ordem — sussurro, hesitante —, de dentro pra fora. Pra se vingar de Arthur e destruir seu legado. Pra me encontrar quando chegasse a hora e então consumir meu poder quando eu morresse.

Nick se senta sobre os calcanhares, os olhos se movendo de um lado para o outro, frenéticos.

— O Rei das Sombras controla a Guarda. Controla os Merlins. Foi Erebus que designou Sel para ser meu Mago-Real, pelo amor de Deus. Ele esteve na minha *casa*. Sentou à mesa com a minha família. Estava lá quando levaram minha mãe. A Guarda dos Magos dele *matou* meu pai e quase *me* matou, cumprindo as ordens dele. Ele teria matado…

Ele para de falar e volta a focar em mim. Seu olhar fica frio, afiado como uma lâmina.

— William me contou o que Erebus e os Regentes fizeram com você no Instituto. Como te torturaram, te drogaram. Queriam usar você em experimentos pra entender como sua Arte de Sangue funciona. Erebus *permitiu* que os Regentes trancassem você quando ele tinha poder pra impedir. Por quê? Só pra esconder quem ele era? Ou porque queria ver até onde você aguentava?

Eu me lembro do Instituto. Me lembro das mesmerizações, do medo que senti, da falta de esperança. E, de toda aquela experiência, o único rosto que consigo ver na minha mente é o de Erebus.

— Acho que — começo, mexendo na colcha, dizendo em voz alta algo que nunca havia dito antes — ele queria as duas coisas. Esconder a identidade dele, depois fingir minha morte e me levar com ele. Me esconder até conseguir usar meu poder.

— E deixar você sofrer enquanto isso? — retruca Nick, indignado. — Deixar os Regentes massacrarem a arma mais preciosa dele?

— Sim. E Erebus também deixou *você* sofrer — respondo. — Ele te viu crescer, sabendo o tempo todo que você não era o Herdeiro de Arthur. A Ordem trata seus Herdeiros com crueldade. Transforma crianças em soldados.

— Ah, eu sei bem disso. — As pálpebras de Nick estremecem. Ele se perde nas próprias lembranças. — Tem coisas que eu queria poder esquecer. Mas talvez eu ainda tenha a chance de dizer a Erebus exatamente o preço que tivemos que pagar pelas manipulações dele.

— Ele disse que alguém seria uma pedra no sapato dele — falo, me lembrando da conversa que tive com Erebus no museu. — Talvez seja você.

— Ah, *tomara* que sim. — Uma expressão tensa, quase ansiosa, domina o rosto de Nick. — Não tem nada que eu queira mais do que ser uma pedra no sapato de Erebus Varelian, o Rei das Sombras de Annwfyn.

— Annwfyn?

Nick assente.

— Dizem que é de lá que o Rei veio. Não do plano demoníaco, mas de outro lugar. De um outro mundo.

Mordo o lábio, pensativa.

— Ele nunca mencionou Annwfyn. Só o plano demoníaco.

— Lendas sempre têm um fundo de verdade, mas mitos ganham significado porque as pessoas *escolhem* tratá-los como verdade. Um ser tão antigo pode ser uma coisa ou outra… ou algo no meio disso — diz Nick, a voz saindo quase um murmúrio.

Enquanto ele termina de falar, observamos minha marca de sangue escurecer e enfraquecer. Assim que desaparece da minha pele, o olhar de Nick se torna distante e introspectivo.

— Meu pai me contou muitas histórias sobre Arthur e seus grandes inimigos. No começo, eu acreditava em todas. Depois, percebi o quanto ele mentia e entendi como essas mentiras o beneficiavam. Vai levar um tempo até eu aceitar que algumas dessas histórias eram verdadeiras.

— Você quer falar sobre ele? — pergunto, com cautela. — Sobre seu pai?

Ele se concentra em mim.

— Não. Mas obrigado por perguntar.

— Estou falando sério.

— Eu sei que está.

Um segundo depois, Nick inspira fundo, balançando a cabeça como se quisesse esquecer o assunto.

— Melhor a gente se vestir. Tem outra comunhão hoje.

— Tem certeza? — pergunto, hesitante. — Está tudo bem se você quiser um minuto pra…

Ele sorri.

— Estou bem. E, de qualquer forma, é bom eu descer. Quero passar um tempo com os engravatados e ver quais outros detalhes consigo arrancar deles com minha cara de playboy.



Meia hora depois, estamos prontos para descer para o café da manhã. Hoje, Nick está usando um suéter de lã cinza-chumbo e calça social. Eu escolhi uma saia plissada verde-esmeralda e meia-calça, um suéter cor de pêssego, e finalizei com um lenço de seda xadrez verde e creme ao redor do pescoço e dos ombros, com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto.

Não deixo de notar o olhar de aprovação de Nick para o meu visual. Sendo sincera, eu estava esperando por isso. Ele pigarreia ao me encontrar na porta.

— Pronta?

— Pronta.

No entanto, antes que eu consiga girar a maçaneta, ele cambaleia para a frente, ofegante, se apoiando na porta.

— Nick!

Meu coração dispara. Observo o quarto, procurando sinais de um ataque de bruxo, tentando sentir o cheiro de magia de pacto… ou, pior, de Mikael.

Ele fecha os olhos com força e pressiona as mãos contra a madeira da porta.

— Estou bem!

— Mas… — Levo a mão ao ombro dele.

— Não! — exclama Nick, como se sentisse minha aproximação.

Afasto a mão, mas o pânico já está vivo, preso na minha garganta.

— O que está acontecendo?

— É o Sel. — Ele faz uma careta, encostando o queixo no peito. — *Sel* está acontecendo.

As informações sobre o Juramento de Mago-Real invadem minha mente.

— Ele está… com raiva?

— Está homicida — corrige Nick, a respiração entrecortada. — Bastante *homicida*.

Ele encosta a testa na porta, rangendo os dentes para conter um gemido profundo e dolorido.

Então eu me lembro de quando Nick me perguntou se eu sentia dor quando Erebus me chamava pela marca de sangue. Ignorei a preocupação porque nunca doeu, mas agora entendo por que ele fez essa pergunta.

— Você pode fazer alguma coisa pra impedir?

Nick balança a cabeça, ainda contra a porta.

— Não é assim que funciona.

— Ele consegue sentir seu medo mortal…

— Não se eu não sentir medo.

— Mas…

— Onde quer que Sel esteja, ele já tem… coisas demais com que se preocupar — rosna Nick entre dentes. — Eu me recuso a ser mais uma. Nunca mais.

Preciso usar toda a força de vontade que tenho para não tocá-lo. Para não abraçá-lo.

— Como você consegue controlar o medo?

Ele cerra os punhos contra a porta.

— Com muita… prática.

— Isso é…

— *Merda,* ele está puto da vida. — O rosto dele se contorce entre um meio sorriso e uma careta. — Furioso.

Faço uma careta.

— Isso… acontece com frequência?

Nick me encara com um olho só.

— Todo dia.

— *Todo dia?!*

— Eu costumo me sair melhor em… — ele geme, encostando ainda mais a testa na porta — …esconder.

Então, da mesma forma repentina com que a raiva de Sel surgiu, ela começa a se dissipar.

Vejo o esforço de Nick, músculo por músculo, respiração por respiração. E tudo que posso fazer é estar presente, observar, esperar. Um minuto se passa, e depois outro, até que, finalmente, ele solta um longo suspiro trêmulo e se vira, deslizando até o chão. Ele cai, exausto, com os braços sobre os joelhos e o queixo encostado no peito. Quando finalmente abre os dedos cerrados, as articulações estalam alto, ecoando nos meus ouvidos.

Mais alguns instantes se passam, e a única evidência de que algo fora do normal aconteceu é a umidade que enrola os fios de cabelo nas têmporas e na nuca de Nick. Sua respiração já voltou ao normal antes mesmo que eu consiga pensar em algo para falar. Então, tudo o que consigo dizer é:

— Isso foi assustador.

Nick ri, o som abafado sob os braços.

— Já tive piores.

— Piores como?

Ele recosta a cabeça na porta.

— Às vezes, dura mais tempo. Algumas horas, uma noite inteira. William devia achar que eu estava tendo pesadelos — comenta ele com um sorriso fraco. — Pesadelos seriam bem mais agradáveis, com certeza.

Balanço a cabeça.

— Há quanto tempo você esconde isso?

Nick inclina a cabeça de um lado para o outro, estalando o pescoço.

— Desde a Divisão do Norte.

Inspiro fundo.

— Faz quatro meses! E você passou por isso *todos os dias*?

— No começo não era tão ruim assim — admite Nick. Ele respira fundo e passa a língua no lábio inferior seco. — Durava menos tempo. Eram mais leves. Depois… ficou mais intenso. Deve ser por causa da demonia. Todas as emoções de um Merlin ficam mais extremas, até as boas. Tudo fica mais intenso. Não é culpa dele que eu também sinta.

Observo Nick e noto as olheiras sob seus olhos. Sempre estiveram ali? Ou será que estar aqui, na casa de Mikael, fez as defesas dele desmoronarem?

— É por isso que… — Ele olha para mim. — Que você tem suas máscaras? — concluo.

Nick solta um suspiro.

— Não. Não é por causa do Sel que uso isso. Na verdade, ele consegue *enxergar através* das minhas máscaras. Sempre conseguiu.

Abraço meus joelhos, pensando na história dos dois e na escolha de Nick de suportar a fúria de Sel. De ser o receptáculo dela, sem reclamar, sem culpá-lo… e ainda assim acreditar que Sel vai voltar da demonia.

Que Sel não se foi, só está ausente.

Apoio o queixo nos joelhos. Nick sente meu olhar e se vira para mim.

— Desculpa por você ter visto isso.

— Eu não me importo. — Aperto os joelhos contra o peito. — Tem alguma coisa nesse lugar que deixa tudo mais difícil de… esconder.

— É.

Depois de um longo silêncio, dou de ombros.

— Acho que todos nós temos nossos demônios.

Ele franze a testa… e solta uma gargalhada calorosa.

— Essa foi *muito* boa.

— Gostou? — Sorrio. — Acabei de inventar.

— Por favor, conta essa para o Sel quando a gente encontrá-lo. — Nick sorri. — Ele vai odiar.



Quando entramos na sala de jantar, Zoe e Mariah nos chamam para sentar com elas em uma mesa num canto do salão quase vazio.

Uma garçonete se aproxima para anotar nossos pedidos, e esperamos a mulher se afastar para que eu possa contar o que aconteceu.

— Tivemos visitas ontem à noite — sussurro.

— Do tipo que rima com a palavra "luxo" — diz Nick, pegando um muffin.

Zoe arregala os olhos.

— Vocês estão bem?

— A gente deu conta deles — respondo.

Uma expressão de preocupação surge no rosto dela.

— Você se machucou?

— Só um arranhãozinho — respondo, para tranquilizá-la. — Ele não vai machucar o Elijah por causa de um arranhão.

Ela me encara, séria.

— Não dá pra confiar no velhote quando o assunto é você, foi mal.

— Vocês viram o rosto deles? — pergunta Mariah.

— Não — respondo. — Estavam de máscaras de esqui.

— Então podem ser qualquer bruxo aqui? — pergunta Zoe. — Tipo os queridinhos da Bianca, Lawson e Santiago?

— Seja lá quem fossem, estavam sob algum tipo de encantamento — responde Nick. — Além da magia de pacto. A gente se livrou deles, mas isso não significa que estamos seguros. Agora temos que tomar mais cuidado ainda. — Ele olha para o relógio do refeitório. — Preciso ir. Hora de me infiltrar entre as cobras antes da comunhão.

Eu me recosto na cadeira e observo o mesmo grupo de convidados ricos e mascarados perto da porta, segurando cafés para viagem em copos de papel.

— Odeio admitir, mas você sair correndo e deixar sua noiva com as mulheres é, na verdade, uma ótima fachada nessa situação.

Nick aperta meu ombro.

— Concordo. Mas vai valer a pena se eu conseguir voltar com alguma informação útil sobre as nossas comunhões de amanhã. Encontro vocês depois.

Ele se afasta com as mãos nos bolsos, a máscara firmemente no lugar.

Balanço a cabeça, sentindo uma nova preocupação surgir.

— Não sei se vou conseguir fingir bem o suficiente perto do Mikael. E se ele perceber que tem alguma coisa diferente em mim?

Em vez de responder imediatamente, Mariah me surpreende chamando a garçonete de volta para pedir que embrulhem nossos pratos para viagem. Então, diz:

— Espero que Nick descubra algo que possamos usar, mas é melhor conversarmos sobre um plano B pra te proteger do Mikael amanhã. Em particular.



Carregamos nossas refeições com cuidado pelo corredor secreto que liga o quarto de Zoe e Mariah ao santuário da biblioteca abandonada. Quando terminamos de comer, Mariah bate uma palminha.

— Não tem jeito mais sutil de perguntar isso, acho, mas qual é o problema com sua raiz?

Eu franzo a testa.

— Não tem nenhum problema com a minha raiz…

— Tem, sim — retruca Mariah. — Primeiro, está da cor errada, mas isso é por causa da sua Arte de Sangue. Estou falando de você ser uma Médium. Tem algo errado. — Ela puxa o colar debaixo da gola da blusa e ergue a pedra preta diante de nós. — Este é o Coração de uma Grande Dama. Ele amplifica o ramo natural da raiz de quem o usa. No meu caso, intensifica minhas habilidades de Médium. E eu consigo ver que sua conexão com os mortos está fraca.

Congelo, como se ela tivesse me acusado de algo. Como se eu tivesse sido pega.

Mariah dá um passo à frente, envolvendo minhas mãos com as dela.

— O que aconteceu? Você sabe que vou ajudar se puder.

Por alguma razão, dói receber o apoio dela. Talvez porque seja tão… simples?

Eu acreditei em Erebus quando ele me disse que as pessoas que eu amava me rejeitariam ao perceberem que eu não as reconhecia mais. Não deveria ter acreditado.

Sinto uma vontade repentina de compartilhar *tudo* o que sei, apenas para não me sentir tão sozinha quanto ele queria que eu me sentisse.

— Eu… tentei salvar o mundo — sussurro. — Tentei ser tudo para todos, fazer tudo o que meus ancestrais pediram, mesmo sem entender. Mesmo quando não fazia sentido. Queria ser como minha mãe, ou como eu achava que ela era, ou como ela queria que eu…

Mariah aperta minha mão.

— Ninguém pode salvar o mundo sozinho, Bree. Nem você.

— Eu sei. Mas quero que você saiba o que eu tentei fazer… e o que eu fiz quando falhei.

E, então, conto tudo para ela e Zoe. Falo sobre ter acreditado que podia lidar com Arthur — e como ele se aproveitou disso. Como me lembro de ter machucado pessoas. Como Erebus me contou que Sel se sacrificou por mim… e agora Sel está com raiva, machucando Nick. Explico que sei que tenho um pai, mas não sei como ele é. Que as únicas pessoas que ainda vivem dentro de mim são os mortos… mesmo que eu não consiga mais falar com eles.

Quando termino, Zoe está sentada de pernas cruzadas em cima de uma mesa à nossa frente, boquiaberta.

Mariah já soltou minhas mãos há algum tempo e foi ficando cada vez mais silenciosa e séria. A apreensão começa a crescer no fundo do meu estômago, segundos antes de ela fazer a pergunta que eu sei que está por vir.

— Bree — pergunta —, o que você fez com seu plano ancestral?

Olho para ela e para Zoe, pensando na bolha de segurança que nós três construímos. Em como ela é limitada, e no que está do outro lado das portas, esperando por nós quando sairmos.

— Eu queimei tudo. Devastei com minha raiz. Cortei a ligação com Arthur, com Vera, com… todo mundo. Até com a minha mãe.

Mariah puxa o ar com força.

— Como você pôde? — Ela dá um passo para trás, se afastando de mim. — Bree, como você *pôde fazer isso*?

E, de repente, eu sinto. Aquele sentimento ressonante, o eco profundo no estômago, a única emoção que minha mente associou a Mariah: vergonha.

Uma vergonha profunda, sufocante, que faz o mundo parar. Uma vergonha que dilacera, que faz eu me sentir incrivelmente pequena e presa para sempre: no espaço, no tempo, na própria vida. Que me faz questionar se realmente mereço a preocupação dos outros. Uma vergonha tão avassaladora que paralisa meu coração, minha voz, minha boca. Preciso tentar várias vezes até conseguir falar de novo, até que os pensamentos se tornem palavras, e as palavras, som.

— Depois do avivamento na Volição, eu me senti tão… tão sozinha. Minha mãe tinha partido, minhas ancestrais não podiam me ajudar, e eu… — Meus olhos ardem, quentes com lágrimas que não caem. — Eu sei que não é culpa delas por não conseguirem me ajudar a controlar minha raiz. Algumas nunca usaram, outras não sabiam como, ou tinham medo demais de se expor e perder o pouco que ainda tinham. Quando Vera apareceu, achei que ela seria a pessoa certa, sabe? Achei que poderia me ajudar. Mas ela não pôde.

— Ela tomou uma decisão desesperada em um momento extremamente difícil, Bree — diz Mariah, com a voz embargada. — Se ela não tivesse feito as escolhas que fez, você nem *existiria*. Você deve *respeito* a ela.

— Eu não a culpo pelas escolhas dela.

— Então como você pôde… — Ela balança a cabeça. — Você era a escolhida delas!

— Eu nunca pedi pra ser escolhida! Estar aberta pra todo mundo também significava estar vulnerável a Arthur! — digo, puxando o cacho prateado na minha têmpora.

— Você era a Médium mais poderosa que já conheci! — protesta Mariah. — Você era a culminação de tudo. A resposta. O plano.

Sinto o coração apertar dentro do peito.

— Mas eu sou só uma pessoa, Mariah. Não posso ser a resposta de todo mundo. Não posso ser o plano de todo mundo.

Ela balança a cabeça de novo, como se minha história não fosse suficiente. E talvez não seja, mas é o que eu tenho, e sei que é verdade.

Elas me deixam respirar, me recompor, mas mesmo assim as palavras custam a sair.

— Vera não fazia ideia de que o Caçador, o Rei das Sombras, tinha se infiltrado no pacto dela e marcado sua Linhagem. Quando contei a ela o que seus descendentes tinham enfrentado por carregar esse poder e essa marca… parecia que ela não se *importava*. Como se não ligasse que *todas* nós tivéssemos perdido nossas mães por causa de um dom que nunca pedimos. Como se não se importasse que viver fugindo fosse nossa única opção. Não conseguimos nem sequer *nos salvar* porque nunca tivemos tempo de *viver* o suficiente pra tentar impedir nossa própria morte. Se um dia eu tiver uma filha, ela vai morrer jovem, assim como eu vou morrer jovem, assim como minha mãe morreu

jovem… — Minha respiração sai rasgando meus pulmões. — Nossa Arte de Sangue, nossa arma, nos mata. Rouba nosso tempo. Rouba nossa vida.

Mariah e Zoe ficam sentadas, me observando respirar e chorar. O sol se esconde atrás de uma nuvem, escurecendo a luz do fim da manhã na biblioteca, transformando os cantos do salão em sombras densas. Mariah quebra o silêncio.

— Eu não sabia. Não fazia ideia de que as mortes… eram um ciclo.

— Eu *queria* ser o que elas pediram. A ponta da lança, a ponta da flecha. A ferida transformada em arma — digo, a voz engasgando na garganta. — Ainda *quero* ser a escolhida delas, mas eu… não sei como.

— Talvez… — começa Mariah, devagar, com cuidado, os dedos enrolando o cordão de couro do Coração. — Não é que Vera *não se importasse*. Talvez ela também… não soubesse como.

A vergonha me consome de novo.

— Eu não devia ter gritado com ela.

— Por que *não*? — dispara Zoe, nos surpreendendo. — Você foi torturada e caçada como um animal.

— Não, eu… eu podia ter respirado fundo antes…

— Eu não entendo — diz Zoe, balançando a cabeça. — Vocês duas estão tentando ser descendentes perfeitas, *mesmo* tendo vivido essa vida só uma vez. E uma vida que mal começou. Isso, sim, são padrões impossíveis de alcançar.

Mariah hesita.

— Como Artesãs de Raiz, somos ensinadas a…

— Não, não são — interrompe Zoe, de repente. — Ou, pelo menos, as que eu conheço não são. Temos Artesãs de Raiz na nossa família também, eu e Elijah. Elas são ensinadas a se conectar com os mortos, não a adorá-los. A conexão deve ser verdadeira, e não aquela porcaria que Mikael faz com os Colecionadores.

Mariah fica em silêncio no mesmo instante.

Zoe aponta para mim.

— Conserta esse negócio do plano ancestral e pede desculpas pra Vera por ter gritado, se quiser, mas, pelo amor de Deus, você vai se punir pra sempre? — Ela olha para nós duas. — Quem se beneficia com isso, hein? Quem?

Mariah pisca, tão surpresa quanto eu com a maturidade de Zoe.

Zoe abraça os joelhos, ainda sentada na mesa.

— Olha, Bree. Você perdeu todo mundo, né? Mas, mesmo assim, no meio disso tudo, você *me fez* perceber que a coroa poderia ser mais do que só um prêmio do Rei. Naquela noite no Rat, você me lembrou de que a coroa poderia ser uma forma de impedir que ele machucasse outras Artesãs de Raiz. Um jeito de evitar que mais pessoas *perdessem* quem amam. Estamos presas nessa mansão dos horrores, onde qualquer erro pode acabar em assassinato, sim, mas estamos aqui porque você se importou com uma garota que nunca tinha visto antes! Com meninas Artesãs de Raiz que outras pessoas poderiam ignorar. Que nem seriam mencionadas nas notícias. Pode até não ser a missão

que a Vera tinha pra você e essa baboseira toda, mas, pra mim, isso conta. — Ela dá de ombros. — Vera pode ter tido uma visão pra sua vida, mas você não merece a chance de mostrar a ela como sua vida *é de fato*? E pedir ajuda com *isso*?

Os olhos de Mariah se arregalam.

— Isso… faz todo o sentido.

— Só estou dizendo que não tinha como Vera imaginar o que a Bree teria que enfrentar — diz Zoe, dando de ombros. — Não espero e nem preciso que todos os meus ancestrais entendam a minha vida, mas acho que mereço vivê-la. Mereço descobrir por mim mesma.

Mariah observa Zoe por um momento e, em seguida, se vira de volta para mim, assentindo devagar.

— Zoe tem razão. Não tinha como Vera imaginar, e nem eu. Eu não passei pelo que você passou, Bree. Ninguém passou. Você esteve *sozinha* na maior parte disso tudo.

Meus olhos ardem quando ela dá mais um passo na minha direção e pega minhas mãos novamente.

— Acho que não quero estar sozinha — admito. — Não mais.

— O que *você* quer ser?

São cinco palavrinhas. Uma pergunta simples, mas parece impossível de responder.

Ouvimos os passos de Nick no corredor antes de vê-lo. Ele entra distraído, mas para assim que sente a energia no ambiente. Seus olhos passam rapidamente por cada uma de nós, até pararem em mim… e nas lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

Ele vai até mim no mesmo instante.

— O que aconteceu?

Enxugo o rosto.

— N-nad…

— Não diga "nada".

— Hum…

— Bree acabou de contar pra gente que queimou o plano ancestral dela — responde Zoe, pulando da mesa.

Mariah franze a testa para ela.

— Não cabe a você contar essa história.

Zoe dá de ombros. Nick observa meu rosto.

— O que isso quer dizer, exatamente?

— Que eu destruí meus poderes de Médium — suspiro, enchendo as bochechas de ar antes de soltar. — Não posso mais falar com meus ancestrais. Não sinto mais os mortos. Não posso mais caminhar pelo sangue. Nem ser possuída.

As sobrancelhas de Nick se erguem.

— Você não pode mais ser possuída?

— Não. Nem pelo Arthur. Nem por ninguém.

Ele me encara com um olhar confuso por um instante, e uma expressão estranha passa por seu rosto, mas logo desaparece.

— Você… quer reverter isso?

Olho para ele, depois para Mariah, e finalmente para Zoe. Penso no silêncio dentro do meu coração e da minha mente, não só das pessoas que perdi, mas das que já partiram. Minha mãe. A capacidade de falar com ela — algo que a maioria das pessoas jamais poderá fazer, por mais que queira. Engulo em seco, sentindo o nó na garganta.

— Quero.

O rosto de Nick é uma mistura de emoções. Carinho. Tristeza. Orgulho.

— Então você vai.

— É claro que vai — conclui Zoe, se virando para Nick. — Você descobriu alguma coisa sobre a comunhão de hoje?

Os olhos de Nick se aguçam de novo, voltando ao foco.

— Descobri. E a gente precisa ir agora mesmo.

— Por que a pressa? — pergunto.

— Eles acham que encontraram o terceiro ladrão.



DESTA VEZ, nos sentamos todos juntos no auditório. Escolhemos quatro assentos na metade do caminho até o palco, enquanto os Colecionadores continuam a entrar.

Nick se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Ava está aqui. À esquerda, lá na frente.

Eu me viro e vejo Ava sentada sozinha na primeira fileira, com uma perna elegantemente cruzada sobre a outra, usando um vestido de grife.

— Bem na linha de fogo.

— Ela está aprontando alguma coisa — afirma Nick.

Não duvido dele. Ava não olha na nossa direção e parece não notar que chegamos. Seus olhos escuros estão fixos nas cadeiras vazias sobre o palco.

Quando Mikael entra, o público se cala, como sempre, mas hoje há algo elétrico e silencioso no ar. A notícia de que a comunhão de hoje incluiria uma confissão relacionada a algum dos escândalos do fim de semana deve ter se espalhado, e todos na plateia se inclinam para a frente, ansiosos para descobrir quais segredos Mikael irá extrair de suas cinco vítimas.

— Bem-vindos, Colecionadores — diz Mikael do palco, a voz trovejante. — Mais uma vez, reafirmaremos nossa discrição e verdade com ofertas de tributos.

A primeira convidada entra no palco. Uma mulher alta, com cabelos pretos longos, unhas vermelhas e um manto pesado sobre um vestido de veludo e saltos. Mikael faz um gesto para que ela se sente, mas a mulher ergue o queixo.

— Prefiro ficar de pé, obrigada.

Mikael sorri.

— Como quiser.

Ele se acomoda na cadeira à frente dela, sem se incomodar com a altura da mulher ou com o fato de que ela o olhará de cima.

Não sei se essa mulher se sente mais poderosa em pé — eu me sentiria —, mas sei que, para a magia de Mikael, tanto faz se sua vítima está sentada ou de pé. Ele vai se alimentar das verdades dela de qualquer forma.

— Farei cinco perguntas a cada um de nossos convidados — repete Mikael —, para nos ajudar a entender se podemos confiar neste membro da comunidade. Se alguém resistir ao impulso natural de dizer a verdade, eu saberei… e haverá punição. — Mikael se volta para o público. — Estamos de acordo?

— Discrição e verdade — entoa a plateia.

— Verdade — diz Mikael, depois se volta para a mulher — e discrição.

Mais uma vez, a ilusão de Mikael lateja na parte de trás da minha cabeça. Agora sei por que ele reforça o feitiço antes de se alimentar. É uma forma de se precaver caso se exceda e perca o controle de sua fantasia humana.

— Você atacou e feriu meu guarda? — pergunta Mikael.

A fumaça verde brilhante de seu dom sobe até o rosto da mulher, circulando sua boca e nariz.

Assim como os interrogados de ontem, ela estremece com o efeito.

— Não.

— Você tentou arrombar o anexo nos terrenos da Penumbra?

Ela abaixa o queixo, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Não.

— Ela não está resistindo — murmuro.

— É uma estratégia — responde Nick.

Mikael se inclina para a frente.

— Restam três perguntas que servem como tributo. Uma prova de lealdade.

A mulher assente.

— Estou pronta.

— Quando foi a última vez que você cometeu um crime? — murmura Mikael.

A mulher inclina a cabeça.

— Cinco dias atrás.

Mikael levanta o nariz e inspira fundo… e então franze a testa.

— E qual foi?

— Fraude.

— Ela não está envergonhada — sussurra Nick. — Não está se sentindo atormentada nem culpada. Não está alimentando Mikael.

— Sorte a dela — murmuro.

Nick balança a cabeça, estreitando os olhos e observando o palco.

— Não. Ele está frustrado.

O maxilar de Mikael se contrai. Em vez de seguir a mesma linha de raciocínio das cinco comunhões anteriores, ele muda a abordagem na última pergunta.

— Quem foi a última pessoa a trair você?

A mulher se encolhe. Mikael sorri. Desta vez, a fumaça ao redor do rosto dela contorna os olhos e os ouvidos, entrando pela boca a cada inspiração, cavando fundo até alcançar a verdade.

— Minha irmã. Ela… ela seduziu meu marido. Inventou mentiras sobre mim para os meus filhos. Roubou a aliança de casamento da minha avó da minha mesa de cabeceira.

— As traições mais próximas são as que produzem as feridas mais ricas. — Mikael inclina a cabeça para trás, sorrindo. — Sua dor. Sua raiva. Sua tristeza. Obrigado.

A mulher pisca, como se despertasse de um sonho, e sai cambaleando do palco.

As três comunhões seguintes mantêm um padrão semelhante ao de ontem. Uma executiva ignora relatórios de segurança de produtos. Outro aumenta o preço de medicamentos que salvam vidas. Um juiz aceita suborno para garantir condenações. Todos deixam o palco exaustos e confusos, como se nunca tivessem esperado que seus segredos fossem realmente revelados.

Então a última comunhão começa e, mesmo a distância, vejo os olhos de Mikael brilharem de fome.

Este é o terceiro ladrão.

O homem entra no palco todo rígido, como se seus próprios cotovelos e joelhos estivessem lutando contra ele, e então… desaba na cadeira como se mãos invisíveis o empurrassem para baixo.

Zoe me cutuca.

— Tem alguma coisa errada.

Assinto. O homem se move com dificuldade, mas não há magia ao redor dele. Nenhuma fumaça verde. Nada que justifique seu comportamento estranho.

Mas os olhos atentos de Mikael captam cada movimento, cada contração dos dedos do homem sobre a calça social de marca, cada pulsar dos músculos de seu maxilar.

— Você atacou e feriu meu guarda? — pergunta Mikael, liberando seu poder ao redor dos olhos e da garganta do homem.

Quando o homem responde, a voz sai forçada.

— Não.

Mikael emite um som grave no fundo da garganta.

— Você tentou arrombar o anexo nos terrenos da Penumbra?

Antes de dar a resposta, o homem cerra os dentes com força, rangendo os molares. A plateia murmura ao nosso redor, envolta na escuridão.

— Resistir é confessar — relembra Mikael.

A boca do homem se abre de repente.

— Sim.

Vários suspiros interrompem o silêncio da plateia, vindo de trás, de baixo e ao nosso lado. Sussurros começam a se espalhar, ameaçando romper o tom calmo que Mikael vinha mantendo nas comunhões. Ele se levanta lentamente, retirando a magia do rosto do homem.

— Por que cometeu esse crime?

O homem hesita de novo — até que finalmente parece se libertar de algo que o prendia.

— Ela me forçou!

Mais suspiros ecoam na audiência. Olho imediatamente para Ava, que permanece imóvel, sentada com serenidade, as mãos no colo e os olhos fixos à frente.

— Quem é "ela"?

Os olhos do homem se reviram nas órbitas.

— Ele foi mesmerizado — sussurra Nick no meu ouvido. — Consigo *ver* um feitiço entrelaçado ao corpo dele. E não é do Mikael. — A atenção de Nick se fixa em Ava, que continua imóvel. — É a mesma magia que estava nos bruxos que nos atacaram.

Fico tensa no assento.

— Ava os enviou.

— Ela cronometrou a mesmerização pra desaparecer antes de poder ser ligada a ela ou a qualquer outra pessoa.

Eu me inclino para mais perto.

— Se ela sabe mesmerizar, por que não fez isso com você?

— Teria feito, se pudesse, então talvez não possa.

A magia de Mikael se concentra no homem, rodopiando ao redor de seu rosto.

— Quem é "ela"? — pergunta de novo. — Responda!

Lágrimas escorrem pelo rosto do homem. Não sei se ele está resistindo a Mikael ou a Ava. No fim, ele balança a cabeça com tanta força que saliva voa de sua boca.

— Ninguém. Esquece. Foi mentira!

— Você mentiu pra mim? — exclama Mikael.

— Menti — arqueja o homem. — Menti!

A paciência de Mikael chega ao limite. Sua ilusão vacila, e seus olhos vermelhos queimam.

Rápido como uma serpente, ele estica o braço… e uma adaga se crava no peito do homem.



As luzes do palco se apagam antes que a primeira gota de sangue caia. As luzes do auditório se acendem… e, lá na frente, Ava já está se apressando até o final da fileira, enquanto a maioria da plateia permanece colada aos assentos.

— A gente precisa… — começo.

Mas Nick já está se movendo.

— Vamos.

Então começamos a empurrar as pessoas pelo caminho até a saída, sem nos preocuparmos em pedir desculpas enquanto esbarramos nos joelhos dos outros convidados sentados em nossa fileira. O público ao redor está pegando os casacos e

comentando o ocorrido entre si, como se aquilo tivesse sido um espetáculo e eles houvessem aproveitado cada segundo. Mas alguns nos observam como se fôssemos nós os estranhos.

— Mais devagar — sussurro para Nick, e ele reduz o ritmo.

Sinto uma pontada de preocupação por Mariah. Por Zoe. Por qualquer pessoa que nunca tenha visto a morte de perto ou causado uma. Mas Nick e eu precisamos encontrar Ava antes que ela desapareça.

Quando Nick chega à lateral do corredor, é visível o quanto está se esforçando para andar devagar. Para não descer as escadas pulando os degraus até a saída do primeiro andar. Para não correr o mais rápido que sei que ele consegue até as portas duplas. Ele se vira para mim com um sorriso tenso, estendendo a mão para me ajudar a descer as escadas como um bom parceiro faria — e eu sei que isso está custando caro a ele. Ter que fingir que não somos quem somos, fingir que não queremos enfrentar Ava pelo que ela fez. Seguro a mão dele, que aperta a minha com força; não me incomodo com a dor. Aperto de volta.

Descemos as escadas de mãos dadas, um agarrado ao outro, com o coração acelerado. Quando finalmente alcançamos as portas de saída, o corredor está vazio — todos os outros convidados continuam no auditório —, e seguimos rapidamente atrás de uma sombra virando a esquina.

Nick é um borrão cinza no corredor, correndo atrás de Ava. Não grito para que ele diminua o ritmo, pois também estou correndo, com minha saia esvoaçando atrás de mim.

Ao virar a primeira esquina, já não o vejo mais. Tudo que posso fazer é seguir o som dos passos. Corro até o final de um longo corredor, tentando me lembrar do mapa da Penumbra que Elijah nos mostrou.

Viro outra esquina, quase escorregando e batendo na parede, e depois mais uma. Então, perco o rastro de Nick e o som dos passos. Mesmo assim, continuo correndo, tentando ouvir qualquer ruído e respirando fundo, na esperança de captar alguma assinatura de aether. Passo por várias salas no térreo, dois salões e uma loja de presentes antes de finalmente parar.

Sigo ofegante no corredor, meu peito subindo e descendo rapidamente. Não me atrevo a chamar Nick em voz alta, mas não sei para onde ele foi, nem onde Ava está.

Perdi os dois.

Dois seguranças me veem antes que eu consiga recuperar o fôlego.

— Senhora? — chama um deles.

Sinto o cheiro da magia de pacto emanando lentamente de sua pele — um bruxo se preparando. Sorrio com doçura e passo as mãos na saia.

— Ah, oi — digo, usando todas as técnicas de respiração que Erebus me ensinou para controlar a falta de ar e acalmar o coração.

As melhores mentiras são aquelas que se aproximam da verdade.

Ajusto o lenço no pescoço e aceno com a mão.

— Nossa, está quente aqui dentro!

Os seguranças franzem a testa enquanto se aproximam.

— Podemos ajudá-la com alguma coisa? — pergunta o que falou comigo, olhando para o relógio. — A comunhão acabou agora há pouco, mas você está bem longe do auditório…

— Ah, eu sei! — respondo. — Estava procurando a cozinha e acabei me perdendo nesse lugar enorme.

— A cozinha?

Assinto, se virando levemente para o outro lado e apoiando a mão na testa.

— Saí de lá um pouco mais cedo porque estava muito quente onde eu estava sentada. É a minha primeira vez na Penumbra, sabe? — digo, deixando meu sotaque mais forte nas vogais, e sorrio. — Pensei em pegar um copo d'água ou um chá gelado… alguma coisa pra me refrescar antes do jantar.

Os bruxos trocam olhares hesitantes, mas, após um momento, o cheiro da magia do pacto começa a desaparecer.

— Podemos acompanhá-la até a sala de jantar, se quiser — sugere o segundo bruxo. — Lá a senhora encontrará qualquer bebida que desejar.

— Ah, fariam isso mesmo? Estou tão perdida.

— Sem problemas. Estamos indo pra lá agora mesmo.

Sorrio.

— Perfeito.

O jantar é um pesadelo. Quando finalmente volto para a nossa mesa no refeitório, apenas Zoe e Mariah me recebem. Nick não está em lugar algum.

É mais uma daquelas noites formais, com garçons apressados circulando por um salão movimentado. Embora pudéssemos conversar sem sussurrar, ninguém parece disposto a falar. Não faço ideia do que pedi, só sei que o prato que chega à mesa não parece nada apetitoso.

Nem tentamos manter as aparências com conversa fiada. Na maior parte do tempo, Zoe e eu trocamos olhares preocupados, especialmente quando Mariah não está olhando. Ela só cutuca a comida, sem dizer quase nada.

Não a culpo.

Uma execução já seria demais, e agora já vimos duas.

— O Benedict conseguiu…? — pergunta Zoe finalmente, quando já está claro que ninguém vai comer de verdade.

— Não sei — respondo, empurrando um legume pelo prato. — Perdi eles. Não consegui acompanhar.

— Eu não sabia que ela podia fazer aquilo com alguém.

— Acho que era um boato, não foi confirmado.

— Bom, agora está confirmado — resmunga Mariah.

— É — concordo.

Quando o jantar chega ao fim, Zoe se vira para mim enquanto Mariah segue pelo corredor na direção oposta ao quarto que divido com Nick.

— A gente vai subir — diz Zoe. — Eu cuido dela. Vai atrás dele.

Ela acena com a cabeça, aperta meu ombro e depois corre atrás de Mariah.

A energia na Penumbra está agitada esta noite, com Colecionadores animados com o que viram no palco, querendo conversar e socializar. Passo por duas salas com painéis de madeira, onde bartenders servem coquetéis a convidados falantes. Ando pelos corredores quase sem ser notada, entrando e saindo dos salões, na esperança de ver Nick ou Ava. Poderia voltar para o quarto, mas algo me diz que ele não está lá. Se a tivesse encontrado… estaria a enfrentando. Se a tivesse perdido, teria voltado para o jantar para manter as aparências. Para garantir que eu estivesse bem.

Passo mais meia hora circulando pelo andar de baixo antes de entrar num corredor mais escuro que leva à piscina coberta. Ao dobrar a esquina, sou atingida por uma lufada de ar quente e úmido, e o cheiro de cloro arde em meu nariz. Um som constante de pingos me recebe enquanto observo o corredor. Dou mais alguns passos… e então congelo ao ouvir duas vozes graves e passos pesados se aproximando.

Eu me viro depressa, tentando retornar pelo caminho de onde vim… mas, antes que eu consiga gritar, alguém cobre minha boca com a mão e me arrasta para o lado.



MEU CAPTOR ME EMPURRA para um espaço apertado. Escuro como breu. O cheiro forte de produtos de limpeza invade meu nariz, se infiltrando entre os dedos que o cobrem.

Consigo arrancar a mão dele do meu rosto e me viro, erguendo o punho…

— Sou *eu* — sussurra uma voz baixa e familiar na escuridão.

O choque se transforma em raiva.

— Onde você estava?

Nick cobre minha boca com a mão de novo, bem na hora em que as vozes do corredor se tornam mais audíveis, reverberando nas paredes e no teto alto. O som de passos se aproximando — sapatos caros sobre pisos de mármore — me impede de falar de forma ainda mais eficaz do que a mão de Nick. Empurro sua mão para longe e passo por ele em direção à porta, encostando o ouvido antes que as vozes se aproximem demais. Nick se inclina sobre mim para fazer o mesmo.

— Alguns dos convidados conheciam o cavalheiro que falhou na comunhão — comenta Bianca. — Eles estão desconfortáveis com a confissão dele.

— Não são os únicos — responde outra voz. Lawson, o bruxo. — Mikael precisava mesmo acabar com ele na frente de todo mundo?

— Se não tivesse feito isso, teriam contestado a força dele — retruca Bianca. — Manter a confiança da comunidade exige um equilíbrio delicado. É por isso que novos jogadores não são admitidos no meio do processo. Não aceitaríamos isso nem em um ano comum, e este já ultrapassou todos os limites.

— É, eu sei. Mas esse jogador tem grana. Muita grana. — Ouço o som de tecido esvoaçando. — Ele disse que tem mais pra oferecer, se puder entrar no leilão amanhã.

— Mikael vai precisar avaliá-lo pessoalmente.

— O cara disse que faz o que for preciso. Está do lado de fora dos portões agora, esperando.

Uma pausa. Eles pararam de andar.

— Chefe? — insiste Lawson.

— Vou falar com Mikael — responde Bianca. — Prepare o visitante. Traga-o pelo portão do jardim, *não* pela porta da frente. Se Mikael concordar em deixá-lo ficar, ele vai ter que usar máscara. Mantenha-o separado dos outros convidados pra evitar que alguém perceba que tem um novo convidado chegando depois. Nada de refeições na sala de jantar, nada de passeios, nem de aparecer na comunhão de amanhã. Ele pode ir ao leilão, e *só* ao leilão.

— Entendido.

Eles passam pela porta do armário, o som de passos sumindo pelo corredor.

— Um novo… — começo.

— Xiu — sussurra Nick. — Ainda não.

Esperamos até que os passos se tornem abafados. Quando finalmente somem, percebo que Nick está contando os segundos em voz baixa. Trinta. Quarenta. Cinquenta. Aos sessenta, ele solta um longo suspiro.

— Pronto.

— Um novo convidado? — pergunto. — Alguém quer entrar no leilão?

— Alguém que nem foi chamado — murmura Nick. — Será que é Erebus? Vindo buscar você, o "investimento" dele?

— Não. Ele confere minha marca de sangue uma vez por dia, então já sabe que estou viva. Sabe que sou forte o bastante para lutar. Essa missão foi um teste, tanto pra mim quanto pra Zoe. Se ele fosse aparecer pra estragar a festa do Mikael, teria feito isso na primeira noite, quando não voltamos pra casa. Foi ele quem mandou a gente trazer a mala com roupas, por precaução. Ele é paciente demais pra se precipitar assim.

— Mas ele quer a coroa.

— Não só a coroa. Ele não vai atacar Mikael para recuperá-la, porque também quer a Corte de volta. Quer que Mikael e as outras Sombras da Noite se juntem a ele de novo. E mesmo que viesse até aqui, não poderia tocar na coroa. Os Morganas se certificaram disso ao enfeitiçá-la.

— Então esse novo jogador é só alguém que, *por coincidência*, está buscando artefatos raros exatamente num fim de semana em que pelo menos três outras pessoas estão aqui para roubá-los? Não acredito nisso.

— Eu também não, mas não podemos confrontar nem Mikael nem Bianca pra descobrir. Vamos ter que esperar até amanhã e ver o que acontece.

— Esperar não é o meu forte.

— Nem o meu.

— Eu sei.

Respiro fundo, impaciente. Faço uma pausa.

— Onde você estava?

— Perseguindo a Ava. — Nick suspira acima de mim, um sopro de ar quente sobre o topo dos meus cachos. — Achei que tinha a encurralado nos jardins. Não imaginei que

ela arriscaria usar aether com Mikael ainda na propriedade, mas o poder dela, o poder dos Morganas, é tão sutil que é quase impossível de detectar. Ela me lançou longe… me atordoou. Me apagou.

Prendo a respiração.

— Ela te machucou?

— Meu orgulho, talvez — sussurra Nick. — Estou mais irritado comigo mesmo. Quando acordei, ela já tinha sumido. Fui até nosso quarto, e você não estava lá. Depois fui ao quarto da Zoe e da Mariah, e elas disseram que você tinha saído pra me procurar. Então fui perguntando até alguém dizer que viu você por aqui. — Ele emite um rosnado de frustração. — Eu não deveria ter deixado você sozinha. Deveria ter ficado com você.

— Nós dois estávamos perseguindo Ava. Você é mais rápido.

— Algo poderia ter acontecido com você.

— Não vamos contar ao Sel…

— Não é por causa do *Sel* — sussurra Nick, com a voz áspera. — É por *minha* causa. E não vou mais deixar você pra trás.

Ficamos em silêncio. Percebo quando a respiração dele começa a desacelerar, e então ouço quando ele engole em seco.

— Você vive dizendo que me deixou — murmuro. — Eu não me *lembro* de você ter me deixado…

— Mas *eu* lembro…

— Só me lembro de *eu* ter te deixado.

Mais uma pausa. Um suspiro.

— Você teve seus motivos. — falo.

— E você, não?

— Você é um rei. — Sinto quando ele encosta a testa na parte de trás da minha cabeça. As mãos dele descem até a minha cintura, os dedos leves. — Reis só tomam decisões difíceis.

— Eu sei que um homem chamado Martin Davis morreu — sussurro. — Lembro que outra pessoa quase morreu logo depois. E que essa pessoa se defendeu de um inimigo. Se era você…

— Todos nós já testemunhamos coisas horríveis. — Ele suspira. — Às vezes, somos nós que as cometemos.

— Às vezes, tentamos fazer coisas grandiosas também.

— Não como você. Você está procurando a coroa pra impedir que Erebus vá atrás das garotas.

Balanço a cabeça, apoiada nele.

— Mas Zoe tem razão. Se eu devolver a coroa para Erebus, ele vai destruir a Ordem. É um plano sem futuro…

Nick aperta meus quadris.

— É um plano que vai *salvar* pessoas. Esses planos sempre valem a pena. E a Ordem não pode continuar como está. Ela vai cair. O ciclo tem que acabar.

— Só vai acabar se eu morrer.

— Você não vai morrer — sussurra ele. — A Ordem não merece sua vida… e *nunca* vai merecer sua morte.

Engulo em seco, sentindo os olhos arderem nos cantos.

— Porque eu sou o rei?

— Não. Porque você é a Bree. — A respiração quente de Nick toca meu pescoço, íntima. — Brilhante, bela, brava Bree.

Estremeço com a proximidade dele — e com a lembrança do beijo. Então percebo, tarde demais, que no momento em que ele me puxou para este armário, ele me tocou. Não por cima das roupas, mas pele com pele.

Hesito, depois arrisco. Eu me recosto no peito dele e me aninho mais em seus braços.

No início, o aperto dele na minha cintura afrouxa, e temo que ele vá me soltar… ou pior, me afastar. Abrir a porta e deixar o mundo cruel, seduzente e aterrorizante da Penumbra invadir nosso casulo de tempo roubado. Mas então Nick me aperta com mais firmeza, as mãos mais seguras desta vez, até que eu sinta o coração dele bater de forma constante contra as minhas costas.

Mesmo assim, espero que ele recue. Espero que me lembre de que não deveria me tocar, nem mesmo por cima das roupas. Mas Nick não se afasta. Em vez disso, desliza uma das mãos lentamente ao longo da curva do meu quadril.

Ele para, como se estivesse decidindo algo.

Então, Nick escorrega o dedo por baixo da barra do meu suéter e o passa sobre a faixa estreita de pele exposta na minha cintura. Prendo a respiração. Ele não tenta me acariciar mais — não precisa. Aqui, na escuridão, esse único ponto de contato, o dedo dele repousando contra minha pele nua, consome toda a minha atenção.

Não sei o que mudou. Por que ele está me tocando assim. Que decisão ele tomou. Mas descubro que não me importo. Tudo que sei é que estar com Nick é como estar…

— Num penhasco à beira-mar. Tocando o céu. — A voz dele é uma dor suave. — Tocando o horizonte.

Inclino a cabeça contra o ombro dele.

— E a queda?

Em resposta, sinto um puxão delicado no lenço ao redor do meu pescoço.

Os dedos de Nick, puxando com delicadeza o tecido de seda, que escorrega. Cai aos nossos pés, deixando meu pescoço e clavícula expostos. Ele afasta meus cachos, puxando-os para trás e para o lado.

Lábios quentes pressionam o espaço em que meu pescoço e ombro se unem. Um toque suave. Breve.

E, então, desaparecem.

— O caminho deve estar livre — sussurra Nick. — É melhor a gente voltar.

Minhas pálpebras estremecem.

— Você vai ter que… me guiar. Eu me perdi feio mais cedo.

Ele solta uma risadinha.

— Deixa comigo.



Nick me deixa tomar banho primeiro. A água quente relaxa os músculos dos meus ombros, mas, sempre que fecho os olhos, penso no homem se debatendo na cadeira. Ava, sentada com calma, observando sua feitiçaria em ação. Mikael — e a adaga que eu nem tinha visto.

Já de pijama deitada na cama, repassei a cena inúmeras vezes na minha cabeça. E cheguei a conclusões sombrias.

Assim que Nick sai do banheiro, vestindo camiseta e calça e esfregando a toalha no cabelo, eu falo:

— A gente devia ter fugido na primeira noite.

Nick joga a toalha no banco da janela.

— Hã?

— Devíamos ter fugido — repito, me levantando da cama de repente e andando de um lado para o outro. — Você vai conseguir passar pela comunhão sem mentir, mas quem sabe o que terá que revelar até lá? Talvez eu consiga passar *com uma mentira*, mas Mikael não vai aceitar que *ninguém* seja culpado pelo segundo crime… Bianca deixou isso bem claro mais cedo. A gente devia ter dado no pé.

— Fugir teria sido uma confissão de culpa. Ele teria nos matado.

— Talvez a gente conseguisse…

— E deixar Zoe e Mariah pra trás?

Paro de andar. Ele tem razão. Levo as mãos ao rosto.

— A gente nem vai conseguir chegar ao leilão. A comunhão acontece logo antes.

— Ei, ei — diz Nick, se aproximando de mim e segurando meus braços pelas mangas. — Vamos dar um jeito. Vai ficar tudo bem.

— Como você sabe?

— Porque somos nós dois.

A única coisa que consigo fazer é piscar, boquiaberta.

— Por que você fala como se isso… como se isso fosse uma resposta?

— Porque *é* uma resposta.

Afasto as mãos dele com um tapinha.

— Não muda de assunto.

— Eu tinha esquecido como você fica irritadinha quando digo coisas fofas.

Faço uma careta.

— Você não tem permissão pra dizer coisas fofas.

— Por quê?

— Porque… — Jogo as mãos para o alto. — Tem partes da nossa história que estão faltando, porque você não quer me tocar, mas então *me toca*, porque um de nós pode

morrer amanhã, porque ainda tem uma guerra acontecendo, e…

— Ei — diz Nick, segurando meus braços de novo, rindo. — Tudo o que você disse agora é verdade… menos uma coisa.

— Qual?

Ele suspira, o sorriso desaparecendo.

— Eu quero, sim, te tocar.

— Então por que fica dizendo que não quer? Por que me tocou hoje?

— Eu nunca disse que não queria — murmura Nick. — Mas a gente tem que parar.

— Por quê?

— Não é uma boa ideia.

— Supera. — Eu me viro para me afastar, mas ele avança, me segurando pelo ombro.

— Espera — diz ele. — Por favor.

Deixo que ele me vire de volta.

— Não brinca com a minha cabeça.

— Eu não quero, juro…

— Então o que você *quer*?

— Eu… — Nick dá um passo para mais perto. Ele observa meu rosto, a angústia estampada em seus traços. Seu olhar percorre minhas sobrancelhas, meus olhos, meus lábios. Quando finalmente responde, sua voz é um sussurro desesperado. — Estou me afogando em você, Bree. Eu não deveria querer isso. Deveria resistir. Mas não consigo.

Fecho os olhos por um instante e depois os abro novamente. Inspiro com dificuldade. Expiro decidida.

— Então se afogue.

Ele geme… e nos chocamos um contra o outro, nossas bocas colidindo. Uma onda de calor, lábios, dentes. Ele segura meu queixo, me puxando para mais perto. Um fio de vida. Um ponto de ancoragem. Pele contra pele, um toque sagrado.

Quando nos separamos, sou a primeira a emergir.

— Você disse que não ia me beijar de novo — disparo, ofegante. Ele fica tão imóvel que, por um segundo, me pergunto se só pensei as palavras, em vez de tê-las dito em voz alta. — Você disse…

— Eu sei o que eu disse.

Então, a boca de Nick volta à minha… e colidimos novamente.

Ele agarra minhas coxas, me levantando e me levando para trás, me deitando até que eu esteja pressionada contra o colchão, debaixo dele. Calor, peso, e nada que pareça próximo o suficiente.

O beijo no elevador foi puro desejo contido, mas as palavras que ele disse depois ainda ecoam: *Uma distração. Uma estratégia.*

Agora, quando Nick segura meu queixo, inclinando-o para aprofundar o beijo, para que nossas bocas se encontrem por completo, aquelas palavras se tornam vazias. Quando os lábios de Nick persuadem os meus a se abrirem, o elevador se transforma em uma armadilha, uma das mentiras silenciosas dele.

Solto um gemido quando ele percorre meu rosto e meu pescoço com a boca — e ele responde com um som grave, cheio de desejo. Nick puxa minha camisa para baixo, deixando um dos ombros à mostra, seus dentes roçando na minha clavícula… mas no instante em que minha perna se prende ao redor de sua cintura, ele congela e se afasta.

— Espera, espera. — Nick recua, ficando de joelhos, a mão quente contra minha perna, mantendo-a firme contra a parte inferior do seu tronco. — Eu não… eu não disse tudo aquilo só pra — ele passa a mão pelo rosto — só pra levar você pra cama.

Devoro a voz ofegante dele, o rubor em suas bochechas. Coleciono tudo como se fossem meus.

— Parabéns? — digo, sorrindo.

Ele solta o ar, frustrado, e me encara.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Entendi. — Puxo a barra da camisa dele, trazendo-o para baixo até que ele caia com uma mão de cada lado da minha cabeça.

Ele me deixa beijá-lo de novo até fechar os punhos sobre a colcha, abrir um deles e segurar meu ombro com delicadeza, quase sem conseguir respirar.

— Bree…

— Sim, Nick? — Passo os dedos pelos cabelos dele, acariciando seu couro cabeludo.

Ele geme com o toque, fechando os olhos de prazer.

— Isso é tão… — Ele tira a mão do meu ombro e segura a minha, parando-a no meio do gesto, ainda entre os fios dele.

— Uma noite — sussurro, com a respiração entrecortada.

— O quê? — Ele abre os olhos de repente.

— Uma noite, antes de amanhã — digo, baixinho. — É a única certeza que temos.

O olhar dele se suaviza. Ele leva minha palma até os lábios e a beija com a boca quente.

— Eu sei.

A expectativa percorre meu corpo, e meus batimentos aceleram de desejo.

— E… — murmura ele — me desculpa.

Congelo, percebendo o que ele disse sem realmente dizer. Retiro minha mão dos lábios dele, o rosto ardendo de vergonha. Queria poder encolher, ficar minúscula e invisível, escorregar para longe dele sem que percebêssemos.

Nick arregala os olhos.

— Não, não é isso…

— Não, tudo bem. Eu, hum… eu posso…

Estendo a mão para puxar a coberta, mesmo vestida. Como se me esconder sob mais uma camada pudesse me proteger.

— Ei. — Ele chega um pouco para trás e aperta meu joelho. — Olha pra mim?

Um pedido.

Olho para todos os cantos do quarto, *menos* para ele.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não dá…

— Bree, olha pra mim.

Quando encaro seus olhos, sou atingida em cheio — um calor velado, um toque de ternura divertida e um traço de culpa. Ele pressiona meu ombro nu com o polegar, um selo quente contra minha pele.

— Você entende por que eu não posso ficar com você desse jeito, né? Entende pelo menos um pouco?

— Porque você não — sussurro — *quer*…

— Não, B, não é isso. — O suspiro dele é quase uma súplica, e o cabelo esvoaçante cai sobre a testa. — Eu não posso ficar com você porque você ainda não está inteira, e eu sei que você quer estar. Não se trata de pessoas ou memórias faltando. Você ainda é *você,* e, se precisar, vai criar novas memórias. Estou falando sobre o que *fizeram* com você. O que o Erebus tirou. Sua missão, sua *verdadeira* missão, ainda não terminou.

Mordo o lábio, me sentindo frágil como vidro antigo, pronta para trincar. E o pior é que ele está certo. Eu sei que está.

— Eu sei — admito.

Mas sinto que há algo mais que ele não está me contando.

Outro pensamento me ocorre.

— Se for porque é a minha primeira vez…

— Não é isso. — Nick me dá um beijo longo na testa. — Mas obrigado por me contar. Eu queria saber.

Fico ruborizada sob seu olhar.

— Mas *tem* outra coisa, né?

Ele olha ao redor, para o quarto, a mansão, tudo isso.

— Não é *assim* que eu quero você. Não quero máscaras nem teatrinho. Não quero que a gente seja o Benedict e a Iris porque podemos morrer se formos o Nick e a Bree. Porque estamos em perigo se não… fingirmos.

Pressiono os lábios, tentando absorver o que ele diz. Parte de mim quer resistir, mas, no fundo, eu entendo. Mesmo assim…

— E *como* você iria me querer? — pergunto. — Se a gente não estivesse fingindo?

Os olhos de Nick brilham, e suas pupilas se dilatam, como se minha pergunta atravessasse todo o seu corpo. Ele se inclina até que nossas bocas quase se toquem, até que nossas respirações se misturem e meu rosto esquente.

— Se não estivéssemos fingindo, eu iria querer *tudo* de você, Bree Matthews. — A voz dele vibra de uma forma tão grave que percorre meu corpo inteiro, da ponta das orelhas, passando pela cintura e alcançando os dedos dos pés. Quando ele se move contra mim, solto um suspiro ofegante. — Eu quero você por completo. — O beijo seguinte é uma promessa que me faz estremecer. — Eu quero você *inteira*.

Nada naquilo parece mentira. É tão real que preciso tentar várias vezes até conseguir falar. O primeiro som que escapa da minha boca definitivamente não é uma palavra. Depois de mais um momento de luta e uma respiração entrecortada, finalmente consigo dizer algo.

— Ah.

Ele sorri contra a minha bochecha. Ri baixinho sob o meu maxilar. Traça beijos suaves ao redor do meu queixo, até o canto da minha boca.

— A gente pode…? — sussurro contra os lábios dele, que roçam nos meus. Deslizo minha mão pela lateral de seu corpo até que ele estremeça também. — Podemos fingir que somos… Nick e Bree?

Ele se afasta um pouco.

— B…

— Só enquanto dormimos?

Ele ergue meu queixo com um dedo e me observa. A conexão entre nós brilha como a chama de uma vela, depois se fortalece.

— Tudo bem. Podemos fingir que somos Nick e Bree.

Quando ele puxa as cobertas sobre nós e me envolve com os braços, nenhum dos dois se afasta.



ACORDAMOS ENTRELAÇADOS. A mão de Nick repousa sobre minha barriga, por baixo da blusa, os dedos abertos contra minha pele. Seu ombro cobre o meu, como um escudo pesado contra a luz do amanhecer. Uma das pernas, vestida com o pijama, está jogada sobre minha coxa, pressionando meu quadril contra o colchão macio. Talvez meus pulmões estejam sendo comprimidos pelo peso da caixa torácica dele, mas não me importo.

Afinal, quem precisa respirar?

No entanto, começo a sentir cãibra na panturrilha. Estou tentando decidir por quanto tempo consigo ignorá-la quando Nick murmura contra meu pescoço:

— Se não sairmos da cama, talvez Mikael nos deixe em paz.

Sorrio contra o bíceps dele.

— Acho que não vamos durar muito tempo sem comida.

— Preciso confessar uma coisa — murmura Nick, me puxando para ainda mais perto até sussurrar um segredo no meu ouvido. — Eu tenho escondido muffins no quarto todos os dias depois do café da manhã.

Solto uma gargalhada.

— Eles nem são tão bons assim!

— Mas são muffins de *bolo de limão*. Só a quantidade de manteiga já seria suficiente para nos manter vivos por *uma semana*.

Tenho uma crise de riso, e ele me aperta com mais força. Sinto o sorriso dele contra meu pescoço, entre os meus cabelos. É bom rir… até começar a doer, porque sei que isso não tem como durar.

Porque hoje é o nosso último dia. E porque, independentemente do que aconteça na comunhão — ou no leilão, se chegarmos até lá — vamos embora da Penumbra esta noite.

Nick engole em seco no silêncio que se instala entre nós. Beija meu ombro e dá voz aos meus medos numa proposta sussurrada:

— A gente poderia fugir, como você disse.

— E ir pra onde?

Nenhum de nós tem uma resposta, e ele sabe disso.

— Se eu não voltar para a casa do Erebus, ele vai me encontrar. Se eu for embora com você ou com Mariah, o Rei das Sombras vai atrás de vocês. — Mordo o lábio, com um pressentimento terrível. E, então, meu peito dói com a confissão que estou prestes a fazer. — Eu não te contei qual foi o acordo que fiz com ele.

Nick me aperta com mais força.

— Me conta.

— Pedi pra que Erebus me treinasse, me tornasse mais forte de um jeito que ninguém mais conseguiria… mas também pedi que ele levasse o Sel até a mãe dele, pra ver se ela conseguiria conter a demonia. Eu não sei onde eles estão, ou se ela realmente pode ajudá-lo, ou se só piorei tudo…

— William me falou sobre a Natasia. Se o que ele disse a respeito dela for verdade, então ninguém no mundo seria melhor pra ajudar o Sel do que a mãe dele. — Nick me abraça com mais força, e a voz dele é suave e compassiva. — Obrigado por mandá-lo pra ela. Você fez a coisa certa.

— Não se ele estiver tão bravo assim…

— Sel está sempre bravo. A mãe dele não vai conseguir mudar isso. — Nick dá um suspiro longo. — Mas fico feliz que ele esteja seguro. Aliviado por ele estar com alguém que se importa. Sel não funciona bem sozinho. Ele não deveria ficar sozinho.

Fico em silêncio, esperando que ele me pergunte por que não contei tudo antes. Mas isso não acontece. Em vez disso, Nick toca levemente minha barriga.

— Ei, o que está passando aí na sua cabeça?

Engulo em seco.

— Tem mais. Sobre o acordo.

— Estou ouvindo.

— Pedi a Erebus que me concedesse dois desejos, e ele concordou com ambos, mas exigiu apenas uma coisa em troca: que eu fosse com ele. Ainda tenho essa dívida. Ele pode cobrá-la a qualquer momento e já ameaçou machucar todas as pessoas que amo, se eu me recusar.

Nick não diz nada, mas ouço sua respiração e sinto seu coração acelerar contra minhas costas.

Meu pescoço esquenta de vergonha.

— Fala alguma coisa.

— Estou pensando em tantas coisas que não sei por onde começar.

— Que coisas?

— Coisas perigosas. Coisas violentas. — A voz dele se torna mais grave. — Como matar um deus.

— *Não*. — Eu me viro para encarar a escuridão nos olhos dele e seguro seu rosto entre as mãos. — Ele vai destruir você.

— Se ele morrer antes, eu não me importo.

— Nick, não. Mikael *brinca* com as vítimas… Erebus vai muito além disso. Ele espera e observa. Ele prende as pessoas quando acham que estão seguras, atrai quem pede ajuda, descobre fraquezas que nem você sabia que tinha. Ele é a *verdadeira* cobra, a víbora…

— Se isso significar que você vai estar livre — começa Nick, com a voz tensa —, que vai poder descansar…

— Eu não *quero* descansar — retruco. — Eu quero pará-lo. Quero minha mente de volta. Não quero que mais ninguém morra.

Ele me observa, a sombra nos olhos se dissipando até que sua expressão se suaviza sob meus dedos. Ele desliza a mão sobre a minha, a puxa com delicadeza e beija minha palma.

— Eu sei.



A comunhão de hoje acontecerá depois do café da manhã, para dar aos convidados da Penumbra um tempo livre antes do leilão à noite.

— É bom ver que todos nós parecemos estar pensando em planos de fuga — comenta Zoe, de braços cruzados, usando um blazer vintage, calça de alfaiataria e botas baixas, enquanto observa a multidão ao nosso redor com suas máscaras e roupas formais. Garçons passam entre os grupos, equilibrando bandejas pretas nas mãos e oferecendo bebidas a quem quer que olhe na direção deles. — Seria chato ser a única que não está sorrindo e bebendo Bellinis.

— Eu não sei como eles conseguem beber agora — diz Mariah, ao meu lado, com os braços cruzados e mudando o peso de uma perna para a outra. — Só quero que isso acabe logo.

— Benedict e Iris.

A voz de Bianca chama nossa atenção. Todos nós nos viramos a tempo de vê-la se aproximando com seu tenente bruxo, Lawson.

— Somos nós — diz Nick.

Bianca acena com a mão para trás.

— Vocês já viram as comunhões. Sabem como funciona?

Nick faz que sim.

— Sabemos.

Ela faz um gesto para que seu tenente avance.

— Lawson e eu vamos escoltá-los até os assentos.

— Então vieram garantir que a gente não fuja — digo.

O sorriso de Bianca aumenta.

— Por que fugiriam?

As luzes piscam uma, duas vezes acima de nós, chamando o público para entrar no auditório e encontrar seus lugares para o espetáculo de hoje. Meu estômago se revira. Meu café da manhã escolheu justo este momento para lutar contra o nervosismo.

Dou um último aceno para Zoe e Mariah e começo a andar, mas Nick chega primeiro até Bianca.

— Preciso ir ao banheiro.

Bianca franze a testa.

— Se você tentar qualquer coisa…

Nick sorri, tranquilo.

— Que nada. Eu e Iris estamos juntos nessa. Pode me escoltar, se quiser.

Bianca franze os lábios e faz sinal para Lawson.

— Leve Iris. Eu fico de olho em Benedict.

Antes que eu consiga protestar, Nick se aproxima e encosta os lábios na minha bochecha.

— Vejo você lá dentro. Não vou demorar.

Observo enquanto Bianca o conduz ao banheiro no fim do corredor, à esquerda das portas do teatro.

Quando me viro de volta, Lawson pigarreia.

Seguro o incômodo ao sentir o cheiro acre de magia que emana da pele dele.

— Estou pronta.

— Por aqui.

Lawson nos leva até a primeira fila, apontando para a cadeira reservada para Nick. Desta vez, Zoe se senta na ponta, e Mariah fica entre nós. À medida que o auditório vai se enchendo ao nosso redor, começo a ficar preocupada.

— Cadê ele? — pergunta Mariah.

Mordo o lábio.

— Ele vai chegar. A pergunta certa é: como vou saber quando devo subir ao palco?

— Bianca ou Lawson vão sinalizar, aposto — responde Zoe.

Mas então as luzes da plateia se apagam e os refletores do palco se acendem, revelando duas cadeiras vazias, e Nick ainda não voltou.

Mikael entra em cena com um smoking vermelho-sangue, os olhos brilhantes e o sorriso largo.

Como se não tivesse matado um homem naquele mesmo palco, na frente de todos, menos de vinte e quatro horas atrás.

— Bem-vindos, Colecionadores — anuncia Mikael à plateia. — Nesta manhã, reafirmaremos nossa discrição e verdade com ofertas de tributos. E, assim espero, encontraremos nosso culpado final. Como já desmascaramos o ladrão, hoje vamos atrás de quem feriu meu leal guarda.

A plateia reage com gritos e pés batendo no chão, mais ativa — e faminta — hoje do que ontem, depois do banho de sangue.

— Mas tenho novidades! Como um suspeito foi eliminado, hoje teremos *quatro* perguntas de tributo, em vez de três.

O público vibra com aplausos, sedento por mais verdades horríveis, assim como seu líder demoníaco. Mesmo que não possam se alimentar das confissões angustiantes, ainda as desejam com fervor.

Mikael faz um gesto em direção à extremidade do palco, e a primeira convidada entra: uma mulher baixa, de pele marrom e cabelos loiros, usando uma máscara azul-escura que combina com seu tailleur.

Procuro Nick mais uma vez, mas não o vejo nas sombras nem perto da entrada. A preocupação se mistura ao meu nervosismo e se instala no meu estômago. E se ele tiver visto Ava? E se estiverem brigando de novo? Mas sei que Bianca está com ele, e Nick prometeu que não me deixaria.

Foi o que ele disse… mas onde Nick está agora?

Estou tão distraída com a ausência dele que não presto atenção à confissão da mulher. Sinto o suor escorrendo sob meu cardigã e meu vestido fino. A ilusão de Mikael formiga na parte de trás da minha cabeça, mais intensa hoje. Parece que ele já antecipa a perda do controle sobre sua forma humana.

Quando o terceiro convidado sobe ao palco, meu coração dispara. Lembro a mim mesma que, ao me sentar diante de Mikael, ele não saberá quem sou nem o que posso fazer — Erebus garantiu isso, e, em meio a todo esse horror, não posso deixar de sentir uma pontada de gratidão. Minha fornalha está selada com tanta força que poderia muito bem estar soldada. Mikael não vai descobrir que sou a Herdeira de Arthur.

Já planejei mentir sobre o ataque ao guarda, mas, com a sensibilidade de Mikael para segredos humanos, minhas mentiras podem não ser suficientes. E mesmo que eu passe *nesse* teste, ainda restam as perguntas de tributo. Mikael quer a minha dor, e eu tenho dor de sobra para oferecer, mas compartilhar qualquer uma dessas verdades me mataria. Cada angústia, cada desgosto e arrependimento que carrego está entrelaçado com magia. Com a Ordem, com Arthur, e com o antigo rei rebelde das Sombras da Noite. Nada do que eu diga se encaixa na vida de uma garota humana rica e inofensiva, e resistir já é, por si só, uma confissão.

Ainda assim, é Nick quem mais me preocupa. Minha marca de sangue pode me proteger, se chegar a esse ponto, mas não vai protegê-lo. Se Mikael não conseguir punir Iris, ele ainda vai precisar de um exemplo — e Benedict é o alvo mais próximo.

A terceira confissão, seja lá qual tenha sido, parece ter energizado Mikael. Ele se levanta, sorrindo, envolto por uma densa névoa de aether verde-escuro, enquanto a pessoa cambaleia para fora do palco.

Nick ainda não voltou, então sou a próxima. Mariah aperta minha mão, me transmitindo coragem. *Eu consigo.*

Mas, quando faço menção de me levantar, Mikael se volta para as cortinas pesadas à direita do palco.

— Pode vir.

E Nick entra no palco.



Zoe se inclina na minha direção.

— O que está acontecendo?

— Eu não sei. Acho que… Bianca levou Nick pelos bastidores?

Nick atravessa o palco lentamente com sua camisa social vinho e calça preta.

— Bem-vindo, amigo — cumprimenta Mikael.

Nick apenas inclina a cabeça em um aceno discreto e se senta com elegância na cadeira, mantendo uma postura relaxada.

Tento fazer nossos olhares se cruzarem, mas ele não me olha… e é assim que percebo que algo está errado.

As máscaras de Nick estão no lugar… todas elas. O herdeiro despreocupado. O ladrão sorrateiro. O mentiroso convicto. O garoto destemido. E quando o sorriso de Mikael se alarga cada vez mais, sei que o demônio consegue ver através de cada uma delas.

Mikael se senta de frente para Nick, mas se vira para a plateia antes de falar:

— Hoje recebi uma proposta intrigante e incomum. Como todos vocês sabem, normalmente apresentamos cinco convidados à comunhão, e cada um responde a cinco perguntas. Mas Benedict aqui fez um pedido diferente.

O público reage com vaias altas, batendo os pés em protesto. Mikael levanta as duas mãos para acalmá-los.

— Permitam que eu termine de falar, amigos. Me deixem falar! A proposta de Benedict é algo de que, acredito eu, vocês vão gostar! Ele sugeriu que, em vez de usarmos os dois últimos lugares do fim de semana para ele e a noiva, para que cada um respondesse a cinco perguntas, ele assumirá o fardo pelos dois… e responderá a dez!

A plateia explode em aplausos.

O peso na minha barriga é como uma pedra. No palco, o rosto de Nick é indecifrável. Sua expressão se mantém neutra e aberta, como se tivesse recuado para dentro de si e deixado suas máscaras cuidarem do resto.

— O que ele está fazendo? — sibila Zoe, olhando para Mariah. — Dez?

Balanço a cabeça, sem conseguir encontrar palavras para responder. Por que ele faria isso? Eu teria encontrado uma forma de escapar das armadilhas nas cinco perguntas de Mikael, de um jeito ou de outro. Mas dez? Se Nick hesitar em qualquer momento, Mikael vai matá-lo ali mesmo, na frente de todo mundo.

Faço menção de me levantar… e Mariah estende o braço imediatamente, me puxando de volta.

Ela balança a cabeça.

— Deixa o Nick fazer isso.

— Mas…

Ela me segura.

— Olha pra eles. O público e Mikael já estão do lado dele. Se você tentar impedir agora, eles vão se voltar contra você.

Mariah está certa. Mikael leva o dobro do tempo para acalmar a multidão. No final, sinto a onda elétrica e cortante do talento dele subir pela minha coluna, um sinal do esforço que está fazendo para manter a ilusão.

O rosto de Nick permanece sereno enquanto aguarda o início da comunhão.

Mikael se vira para ele, se recostando com uma perna cruzada sobre a outra.

— Farei dez perguntas para saber se você é confiável. Se você resistir ao impulso natural de dizer a verdade, eu saberei… e haverá punição. — Mikael sorri. — Estamos de acordo?

— Discrição e verdade — responde Nick, com calma.

— Verdade — diz Mikael — e discrição.

O poder de Mikael surge… mais forte do que nunca.

Fios finos e quase translúcidos de aether verde envolvem o peito de Nick, subindo pela garganta dele como água.

Ele engole em seco, mas seus olhos continuam fixos em Mikael. Esperando.

— Você atacou e feriu meu guarda? — pergunta Mikael.

A fumaça brilhante do talento dele escorre pelos ombros de Nick.

— Não.

Mikael estreita os olhos. Nick não resiste nem hesita. Mikael lança um olhar para mim na plateia, longo o suficiente para queimar minha pele. Depois, volta a encarar Nick.

Mikael sabe que posso ser a culpada — ou que alguém aqui é —, mas agora só lhe resta pressionar Nick, se não por respostas sobre o crime cometido em sua casa, então por alimento. Por dor, culpa, vergonha e tormento.

— Você *sabe* quem atacou e feriu meu guarda? — pergunta Mikael.

A voz de Nick é clara.

— Não.

Congelo na cadeira. Nick sabe que fui eu. Mas talvez, depois de um fim de semana na Penumbra, eu já não seja a mesma garota que entrou aqui.

As melhores mentiras são aquelas que se aproximam da verdade.

A pergunta de Mikael exigia uma resposta simples — sim ou não —, e foi o que Nick respondeu. Para os propósitos de Mikael, ele falou a verdade, e não hesitou nem resistiu.

Mikael retorce os lábios, a frustração evidente em seu rosto.

— Parece que o mistério de quem feriu meu guarda pode ficar sem resposta.

— É uma pena decepcionar você — responde Nick.

— Eu não gosto de mistérios, mas é porque prefiro a verdade — retruca Mikael, os olhos cintilando.

Restam oito perguntas que servem como tributo. Uma prova de lealdade.

— Estou pronto.

— É o que veremos — murmura Mikael com um leve som de aprovação.

Seus olhos me encontram novamente na plateia antes de se voltarem para Nick.

— Por que você se ofereceu para assumir a comunhão da sua noiva?

Nick se remexe na cadeira, o primeiro sinal de desconforto desde que se sentou. Mikael ataca de imediato, e sua magia se adensa, se tornando mais opaca ao redor do peito e dos ombros de Nick, penetrando sua pele, boca e olhos.

— Resistir não vai servir de nada — relembra Mikael. — Vou perguntar mais uma vez: por que você se ofereceu para assumir a comunhão da sua noiva?

— Porque… — Nick inspira fundo, buscando firmeza — eu não a mereço.

Mikael arregala os olhos e a plateia murmura. Em algum lugar, várias vozes soltam um *oooown* em resposta à declaração de Nick.

— Ora — diz Mikael —, eu não esperava esse romantismo todo, Benedict. Mas o romance não é só corações e flores, como bem sabemos. Por que você não a merece?

Os músculos do maxilar de Nick se contraem por um instante, mas sua resposta vem rápida, como se já estivesse na ponta da língua.

— Porque, quando ela mais precisou de mim, eu fugi.

A fumaça ao redor dele recua em direção a Mikael, fluindo até a boca aberta e sorridente do demônio. Nick lhe entregou uma emoção para saborear. Duas na verdade. Culpa e vergonha.

A versão mais realista e verdadeira de uma ideia surge com muito mais naturalidade do que uma invenção… foi o que aprendi a fazer.

É então que compreendo.

Nick não está oferecendo mentiras fáceis. Ele sabe que Mikael não toleraria isso. Sabe que o demônio tem fome de verdades difíceis, dos segredos que doem. E, com essas duas respostas, Nick o direcionou de propósito para o caminho mais doloroso. Ele escolheu a forma da própria dor e a ferida que está disposto a mostrar.

Sou eu. O que ele sente por *mim*.

E o público está adorando.

Fecho os olhos ao ouvir o som das risadas e murmúrios curiosos. Preciso de todas as minhas forças para não me virar e gritar com todos para que desviem o rosto, que tapem os ouvidos famintos e os olhares ávidos.

Mas, quando encaro Nick de novo, os olhos dele já estão em mim, dizendo: *Não me importo com eles. Quero que você saiba. Quero que você veja.*

Mikael se inclina para a frente, trazendo a atenção de Nick de volta para si.

— Por que você fugiu dela? Detalhes, por favor, Benedict. Precisamos de mais do que essas respostas curtas.

Nick respira com dificuldade contra o círculo de aether ao redor do peito quando ele se aperta.

— Eu não fugi só dela, mas também do nosso… do nosso amigo. Fugi porque vi algo que eles não viram.

— O que você viu?

— A morte.

Nick se inclina para a frente enquanto Mikael extrai sua angústia, inalando e saboreando como um vinho fino.

Mikael faz um gesto com a mão.

— Mais. Todos nós estamos vendo sua adorável Iris sentada logo ali, na primeira fila. Sabemos que ela não morreu. Você precisa explicar essa resposta… e por que ela lhe causa tanta dor.

Nick recupera o fôlego em arfadas rápidas e curtas. Suor escorre por sua testa enquanto a magia de Mikael sobe até seu crânio, seus ouvidos.

— Tinha outro homem lá. Um homem que desejava me matar, mas desejava ainda mais a Iris. Ele queria machucá-la… — Nick se contorce, pressionando as mãos nas coxas para tentar se endireitar, enquanto Mikael se alimenta. — Eu não entendi o que estava vendo, nem como estava vendo, mas soube do que aquele homem era capaz… e ele era a morte encarnada.

Ouço o que Nick não diz, o que não pode expressar. Ele presenciou a magia de Erebus naquele dia na cabana e percebeu que era mais do que uma magia de Merlin. Nick testemunhou a magia do Rei das Sombras — e viu além do disfarce de Erebus —, mas não sabia a profundidade ou a origem daquele poder.

Nem eu sabia quem Erebus realmente era naquela época. Ninguém sabia.

— Nosso amigo teria defendido Iris com a própria vida… e teria perdido. Ele teria se sacrificado para protegê-la e, se não fosse por ela, seria por mim — murmura Nick. Ele balança a cabeça uma vez, e as palavras seguintes saem num jorro só: — Eu fugi porque percebi que, se fosse com Iris e nosso amigo, a morte os seguiria. Nosso amigo morreria. Iris sofreria. E seria culpa minha. Minha escolha.

Mikael curva os dedos no ar, e eu já sei o que ele está puxando. Culpa e vergonha, sim, mas também luto. Luto por Sel, que não morreu naquele dia… mas que, no fim, acabou se sacrificando.

Quando o demônio vira a cabeça na minha direção, seus olhos brilham, vermelhos, por um breve momento.

É o meu luto por Sel chamando a Sombra da Noite, antes que eu consiga selá-lo.

Os dedos de Zoe me alcançam por cima do encosto do banco de Mariah, apertando meu ombro até a dor me trazer de volta ao presente. Engulo meu desespero e agradeço a ela silenciosamente com o olhar.

Mikael estreita os olhos para nós duas antes de voltar a olhar para Nick.

— Então, Benedict… fico imaginando se há algo nessa história que você não está revelando. Algo que está escondendo. Me conte mais sobre esse "amigo" seu e da Iris. Você acha que existe algo *além* de amizade entre eles?

Nick ergue a cabeça de repente, os olhos brilhando de raiva. Mikael capta isso também, entrelaçando a emoção entre os dedos abertos.

— Responda.

— Eu não *acho*. — Nick contorce o queixo para o lado. Ele tenta se conter antes que a resposta irrompa por entre os dentes cerrados. — Eu sei.

A plateia ofega atrás de mim. Mariah aperta minha coxa. Meu coração martela nos meus ouvidos.

Durante meses, tudo que eu soube sobre Selwyn Kane foi o que os outros me contaram. Imaginei que Sel e eu tivéssemos vivido algo além de amizade… mas não tinha certeza. Presumi que ninguém soubesse, que o que quer que tenha acontecido fosse um segredo nosso.

Mas ao ver o rosto de Nick, com a linha dura de seu maxilar e a certeza inabalável em seu olhar, percebo que minha relação com Sel *não* era um segredo. Talvez nosso envolvimento fosse um assunto mais comentado do que eu imaginava.

— Conte mais, Benedict — insiste Mikael. — Como você sabe disso?

— Eu sei porque conheço os dois — responde Nick, com a voz rouca. — E sei por que haveria… intimidade… entre eles.

— Entendo — diz Mikael, se inclinando para a frente. — E como você se sente em relação a isso?

Nick solta uma risada fraca.

— Sinto muitas coisas.

Mikael franze a testa.

— Diga uma… não, duas… e explique o porquê.

Nick hesita, procurando uma resposta que satisfaça o demônio. Uma resposta que ele possa dar sem resistir ou mentir… sem arriscar uma adaga no peito. Ele se volta para mim e sustenta meu olhar.

— Alívio. Nossas vidas são difíceis. Curtas. Eles merecem ser felizes, de qualquer forma.

— E?

A garganta de Nick se movimenta. Vejo uma tempestade de emoções passar por seu rosto tão rapidamente que não consigo identificar todas. Sem olhar para Mikael, ele finalmente responde:

— Dor. Porque não sei o que vou sentir, ou como vou me sentir, se… se um encontrar a felicidade no outro.

Enquanto a plateia solta um *oooh*, sinto meu coração se partir.

Mikael emite um som de pena enquanto absorve a dor de Nick, inalando-a em fluxos constantes.

— Trágico, Benedict. Uma história muito trágica. — Ele se recosta com uma expressão pensativa. — Próxima pergunta.

Nick se volta para ele, o olhar sério.

— Pode perguntar.

— Ah, eu vou. — Mikael sorri. — Antes desta comunhão, ouso dizer que todos aqui acreditavam que você e Iris eram um casal feliz, profundamente apaixonados, prontos

para começar a vida juntos. Agora você revela que ela teve um caso com seu amigo de confiança. Você deve ter ficado com raiva dela, não?

A resposta de Nick vem de imediato, mesmo sem fôlego.

— Nunca.

Mikael arqueia as sobrancelhas. A resposta foi sincera, mas não conseguiu evocar uma das emoções que os demônios mais valorizam. A raiva de Nick não surgiu.

O sorriso de Mikael desaparece.

— Última pergunta…

— Você já fez dez — retruca Nick, balançando a cabeça como se tentasse organizar os pensamentos. — Terminamos aqui.

Ele estava contando? Enquanto eu mal consigo respirar, assistindo a tudo, ele estava contando o tempo todo?

Se Mikael está tão surpreso quanto eu, não demonstra.

— Considere esta um bônus.

— Mudança de regras? — pergunta Nick, ofegante.

Mikael sorri.

— As regras *podem* mudar.

— Conveniente — resmunga Nick, cerrando os punhos, mas não encara Mikael. Sabe que não pode. — Faça sua pergunta.

Mikael observa o rosto dele.

— Você diz que não está com raiva de Iris. Por quê?

Nick faz uma pausa antes de responder. Depois, ergue o queixo e projeta a voz para todo o salão:

— Porque ela é digna. — Os olhos de Nick buscam os meus uma última vez. — E, embora eu tenha perdido a fé no mundo… nunca perdi a fé nela.

Conforme suas palavras reverberam na audiência, o silêncio se instala na sala.

Quando Mikael desfaz o encantamento, Nick se levanta tão bruscamente que a cadeira cai no palco com um estrondo. O demônio se volta para a plateia.

— Que espetáculo. Que espetáculo, meus amigos. Em nome da verdade…

— E da discrição — responde o público.

— Por favor, uma salva de palmas para nosso amigo Benedict!

A plateia explode em aplausos, mas eu só consigo prestar atenção em Nick.

Ele me lança um último olhar, a garganta se movendo — e sai cambaleando do palco antes que alguém possa impedi-lo.



MARIAH E ZOE ABREM caminho para que eu possa correr atrás de Nick. Elas gritam com os outros convidados, sem se preocupar com as aparências, para que eu consiga chegar à saída. Quando passo pelas portas, ele já se foi, mas não interessa se ele está fugindo. Não mais.

Eu me esgueiro pelos convidados que começaram a sair do auditório e corro pela propriedade, atravessando longos corredores, quase tropeçando no meu vestido enquanto avanço. A luz da manhã se estende sobre os degraus acarpetados onde estivemos na primeira noite na Penumbra, desafiando um ao outro em sussurros contidos, duelando com palavras e sorrisos. Contorno o patamar onde ele me encontrou quando eu estava perdida e me lembrou de quem eu sempre fui. Onde ele foi Benedict e eu fui Iris — mas sempre fomos Nick e Bree.

Atravesso o corredor às pressas, sem fôlego, quando viro bruscamente à direita… e bato de frente com alguém vindo na direção oposta.

— Com licença — diz uma voz grave.

Alguém põe as mãos nos meus ombros, me segurando antes que eu tropece.

— Desculpa — murmuro, dando um passo para trás, esperando que as mãos se afastem.

No entanto, elas não se movem, e eu me solto e percebo que o estranho em quem esbarrei está me encarando, a boca ligeiramente entreaberta. Mesmo por trás da máscara de cetim, consigo ver seus olhos arregalados. E ele ainda não me soltou.

— Como…? — murmura ele, os olhos percorrendo meu rosto. Pisco para ele, confusa. É um homem branco, de meia-idade, cabelo loiro-escuro e barba, olhos claros e penetrantes. A aparência é bem cuidada. — Como você está aqui?

Com os alarmes disparando na minha mente, me afasto até ele finalmente me soltar, embora suas mãos ainda fiquem pairando por um momento, como se ele quisesse me tocar de novo.

Dou mais um passo para trás.

— Quem é você?

O homem observa meu cardigã azul pastel, o vestido dourado que arrasta no chão, as botinhas. Meus cachos estão presos em um coque na nuca, e estou usando pouca maquiagem.

— Você… — sussurra ele — não sabe quem eu sou?

Meu corpo está gritando agora, um instinto primitivo dentro de mim berrando para que eu fuja desse homem, me dizendo que eu *sei* quem ele é, ou sabia, e que o que sei sobre ele é motivo suficiente para sair correndo… ou deveria ser. Ele me reconhece, mesmo com a máscara, e parece achar que eu deveria reconhecê-lo também… mas não reconheço.

Não é a máscara que me impede de reconhecê-lo. É a minha mente.

Cruzo os braços em volta do corpo e dou mais um passo para trás.

— Tenho que ir.

Ele avança um passo, os olhos brilhando com uma fascinação sombria.

— Você não sabe quem eu sou.

Desta vez, não é uma pergunta. É uma afirmação, um fato que ele considera ao mesmo tempo maravilhoso, divertido… e poderoso.

— É claro que sei — digo, engolindo em seco.

— Então qual é o meu nome? — questiona ele, de imediato.

Abro a boca, mas a fecho de novo. Engulo em seco. Minhas pálpebras estremecem quando a névoa volta. Eu não conheço esse homem, mas meu corpo grita que ele é *perigoso*.

Como não respondo, o rosto do homem se contorce num sorriso satisfeito.

— O que mais você não sabe, hein? — Ele inclina a cabeça. — Do que mais você se esqueceu?

Meu coração martela nos ouvidos, e então eu fujo. Ouço a risada dele ecoando no corredor atrás de mim, reverberando nas paredes e invadindo minha mente.

Não lembro como cheguei ao terceiro andar e à Suíte Chambord. Ao alcançar a porta, percebo que está destrancada. Giro a maçaneta e a fecho com força atrás de mim, encostando a testa na madeira — parte de mim espera que aquele homem estranho esteja logo atrás.

Meu coração acelerado finalmente diminui o ritmo. Quando percebo que ele não me seguiu, solto um longo e lento suspiro. Leva alguns minutos até que eu perceba que o chuveiro está ligado no banheiro da suíte, e que é por isso que Nick ainda não me cumprimentou.

Eu me viro e me recosto na porta. A luz do sol risca o tapete aos meus pés, lançando um brilho quente sobre os lençóis ainda desarrumados da cama onde acordamos juntos poucas horas antes.

A porta do banheiro está fechada, e o som da água é abafado.

Ele correu direto para cá e entrou no banho… para se esconder? Para adiar o momento de me enfrentar?

Parece tão tolo, depois de tudo o que acabou de me mostrar. Tudo o que revelou sobre nós, sobre ele mesmo e sobre Sel… diante de uma sala cheia de estranhos. Depois de tudo isso, como ele pode se esconder de mim de novo?

Ou será que foi por isso que ele se escondeu desde o início?

Preciso falar com Nick sobre o homem que encontrei no corredor. Desconfio de que ele é o "novo jogador" que Bianca mencionou. Mas isso pode esperar.

Nick e eu, não.

Vou até a porta do banheiro e paro, reunindo coragem.

— Nick?

Silêncio.

Fecho os olhos.

— Nick, por favor, abre a porta.

Silêncio.

— Precisamos conversar — digo.

— Acho que já falei o suficiente.

A voz de Nick sai abafada atrás da porta, mas ele não parece estar tomando banho. Não há interrupção no som da água caindo no chão de azulejo. Nenhum ruído de movimento. Imagino-o parado sob o jato de água, as mãos apoiadas nos azulejos, deixando a corrente levar embora a sensação persistente da magia de Mikael. É o que eu faria.

— Podemos conversar? — pergunto.

Silêncio. Ouço apenas a água correndo. Então, ele diz:

— Você tinha razão.

— Sobre o quê?

— É mais difícil se esconder neste lugar.

— Mikael se alimenta disso — lembro a ele. — Das confissões. Dos segredos. Não é… Você não deveria ter passado por aquilo na frente de todo mundo. Todos aqueles ladrões, assassinos e trapaceiros. Você não tem do que se envergonhar.

Ouço-o suspirar.

— Eu *sou* um assassino, caso tenha esquecido.

— Você estava se defendendo.

Uma longa pausa.

— Eu poderia ter mirado no braço ou na perna de Zhao, sabia? Mas não fiz isso.

Eu me lembro de como ele foi rápido em parar Zoe com as espadas no pescoço dela… e como ele parou bem a tempo.

— Zhao ia me matar e, se ele não conseguisse, Erebus teria feito isso. Eu o conheço, lembra? O *verdadeiro* Erebeus. O Rei é implacável, e você fez certo em fugir. Ele teria matado Sel sem pensar duas vezes. Teria matado você também, se estivesse no caminho.

Fico em silêncio, esperando ouvir alguma resposta. Depois de um tempo, escuto o chiado do registro do chuveiro se fechando. Dou um passo para trás e aguardo enquanto ele se enxuga. Ouço o tilintar do cinto e o barulho abafado do tecido enquanto ele se veste.

Quando a porta se abre, o vapor escapa do banheiro em uma nuvem espessa.

Só quando a névoa se dissipa é que vejo que ele está parado bem à minha frente, sem camisa. Esperando.

Tenho apenas um segundo para notar a largura dos ombros dele e o contorno dos bíceps, antes que meus olhos se fixem em seu peito musculoso.

E, então, eu vejo.

Ali, bem no osso do esterno, há um pequeno fragmento negro de metal que não passa de cinco centímetros. Ao redor dele, uma camada de magia azul entrelaçada.

É aether, brilhante e límpido, mas não vem de uma arma. Não surge da palma de Nick, nem reflete na sua armadura, mas, sim, envolve algo cravado profundamente no centro do seu peito.

— Nick — sussurro. — O que é isso?

Levanto a cabeça e vejo Nick me encarando com tristeza nos olhos.

— Não era pra você saber disso. Pelo menos, esse era o meu plano.

— Essa magia… Eu não consigo sentir nem farejar…

— Eu sei. Ela foi feita pra ser indetectável, assim como o fragmento que ela protege.

— Nick — repito, os olhos marejando. — De quem é essa magia?

— Da Ava — sussurra Nick. — É a magia dela. O construto dela. O encantamento dela.

O fragmento de metal é tão escuro que parece engolir a luz.

— E o que é isso?

— Acho que você já sabe.

Um soluço escapa pela minha garganta.

— Me diz que não é…

— Um pedaço da coroa do Rei das Sombras? — responde Nick. — É, sim.

— Eu vou matá-la com as minhas próprias mãos — rosno, sendo dominada pela raiva. — Por que ela faria isso com você…?

— Porque — responde Nick, em voz baixa — eu pedi.

O sangue pulsa nos meus ouvidos. O chão parece se inclinar sob meus pés.

— O quê?

— É por isso que aceitei vir pra cá com ela. Em troca disso — ele aponta para o próprio peito —, eu a ajudaria a conseguir a coroa. Esse foi o nosso acordo.

— Nick, isso é… — Balanço a cabeça, atordoada. — *Por quê?*

— Achei que conseguiria esconder. — Ele inspira devagar. — Pelo menos, até tudo acabar.

— Até *o que* acabar?

Ele aponta para o banco junto à janela.

— Podemos nos sentar?

Eu o sigo, entorpecida, até o assento, mas continuo olhando para o fragmento da coroa do Rei cravado no peito dele, como se eu pudesse arrancá-lo com minhas mãos. É tão pequeno. A magia é uma espécie de jaula, e a jaula é um tipo de barreira…

— Se tentar tirar à força, vai me matar.

A voz calma de Nick me arranca do transe. Fecho os dedos contra as coxas, e ele sorri de leve.

— Eu conheço esse olhar. Uma clássica expressão de Bree Matthews em modo de combate. É a cara que você faz quando percebe que uma grande injustiça foi cometida.

— Eu não faço cara nenhuma — resmungo. — Agora fala.

— Não é só você que não consegue tirar com segurança. Ninguém pode, exceto um Morgana. É… — Ele aponta para o peito de novo, onde a luz azul-prateada brilha contra a pele. — É assim que esse tipo de magia funciona. Eles infundem seus feitiços com uma trava mágica que nem eu consigo desfazer, ou, pelo menos, tenho muito medo de tentar, quando está no meu próprio corpo. Essa magia precisa ser desfeita por alguém da linhagem *deles*.

— Assim como a coroa em si.

Meus dedos ainda coçam para arrancar aquilo dele, mas o que ele disse sobre a magia dos Morganas me ajuda a focar, mesmo quando tudo o que quero fazer é gritar.

— Sim. O fragmento está preso por um encantamento semelhante, mas eu não deixaria alguém inexperiente tentar tirá-lo, porque ele está ligado ao meu coração. — Nick faz uma pausa, olhando para mim. — Pessoas são complicadas. Magia ligada a pessoas é mais complicada ainda. Difícil de desfazer.

Faço uma careta.

— Nick…

— Eu sei como isso soa. E o que parece. — Ele suspira. — Achei que, quando fosse te contar isso, se é que algum dia fosse contar, seria pra você e para o Sel ao mesmo tempo. Assim, vocês teriam tempo pra se preparar. — Ele recosta a cabeça contra o vidro da janela. — Se bem que, se Sel estivesse aqui, provavelmente já teria tentado arrancar o fragmento à força, então talvez seja até bom que eu só precise lidar com um de vocês sendo teimoso, impulsivo, ambicioso demais…

— Nick. Termine de explicar por que fez isso, ou eu vou deixar esses impulsos vencerem.

Ele suspira de novo e desvia o olhar.

— Eu te contei sobre as minhas visões. Sobre o que posso ver e fazer. Eu as tenho porque o Lancelot original também tinha, mas as dele eram mais… tradicionais. Ele via o futuro próximo. Nada muito distante, mas distante o suficiente. No ano passado, quando

você me fez caminhar pelo sangue nas memórias dele, às vezes ele… ficava. Me mostrava coisas.

— Arthur também fazia isso — sussurro, relembrando minhas visitas ao rei no plano ancestral. As coisas que ele dizia. — Eu não sabia o que estava acontecendo entre você e Lancelot. Eu não…

— Eu sei — diz Nick com gentileza. — Eu não falei que isso estava acontecendo. Em que momento eu poderia ter falado? Como? Eu mesmo não entendia o que estava vendo e ouvindo. Não sabia nada sobre Lancelot. Quando ele veio até mim, compartilhou suas memórias. Mostrou que a Morgana original estudava a coroa do Rei das Sombras, contra a vontade do próprio irmão e de Merlin. Foi Morgana quem descobriu que a coroa permitia ao Rei caminhar pelo mundo dos vivos sem precisar se alimentar. Mais do que isso, ela percebeu que, quando o Rei a usava, podia compartilhar essa habilidade com os membros da Corte. Então, encantou a coroa pra garantir que, se o Rei algum dia retornasse ao poder, não conseguiria encontrá-la e nenhum outro demônio poderia tocá-la.

— Uma salvaguarda — comento. — Pra garantir que a Corte não pudesse se erguer novamente.

Nick assente, sério.

— Depois, Lancelot me mostrou as visões dele e o que viu sobre as ambições de Morgana. Ele revelou que, com o tempo, ela desejaria mais do que apenas segurança. Ela queria lutar.

— Morgana queria ser como o mentor dela — murmuro, me lembrando da garota de cabelos escuros, tão ansiosa por agradar.

A aprendiz do Merlin original, da época das minhas próprias visitas às memórias de Arthur. Uma menina morta havia séculos, que conheci num sonho que nem era meu, mas cuja lembrança permaneceu comigo.

— Sim — responde Nick. — Ela também queria ser como o irmão, Arthur, e encontrar um jeito de viver pra sempre por meio de seus descendentes, além de lutar ao lado dele. Morgana era… criativa. Gostava de experimentar. Sabia que seus descendentes não teriam o benefício do Feitiço da Eternidade, nem seriam metade nascidos da Sombra como todos os Merlins. Ela precisava de outra solução. E os experimentos com a coroa do Rei lhe deram o que ela precisava e a ajudaram a elaborar uma teoria: ela acreditava que poderia alterar uma das propriedades inerentes da coroa, a habilidade de compartilhar os poderes do portador e criar sua própria versão do Feitiço da Eternidade. Segundo Morgana, era possível transmitir as habilidades mágicas que tinha adquirido para os seus descendentes, desde que eles carregassem um fragmento dentro de seus corpos. Morgana escondeu essa teoria de Merlin e do irmão, sabia que era arriscado e que eles jamais a aprovariam. Só no leito de morte conseguiu convencer a própria filha a tentar. A filha de Morgana cravou um fragmento da coroa no próprio peito e tocou a mãe no momento da morte dela, esperando herdar suas habilidades… mas, em vez disso, o *espírito* de Morgana foi transferido. Não foi uma possessão completa, mas um

compartilhamento. Morgana continuou viva dentro da filha, permitindo que ela usasse os poderes dela.

Meu estômago se revira e se contorce ao pensar em Arthur, adormecido sob minha pele.

— Eu já dividi meu corpo com um espírito. Não é simples, nem fácil. É horrível. Parece que você não é mais dono de si.

A expressão de Nick fica séria.

— A filha de Morgana deu continuidade ao experimento. Ela descobriu que, se tocasse outra feiticeira humana que também carregasse um fragmento da coroa, mesmo sem laços sanguíneos entre elas, o espírito e os poderes mágicos da mãe seriam transferidos para a nova portadora, enquanto uma espécie de "cópia" das habilidades permaneceria com ela. O fragmento funcionava como receptor e condutor, imitando a forma como o Feitiço da Eternidade dos Merlins usa o sangue. No entanto, ao contrário do Feitiço, o espírito de Morgana era *forçado* a saltar de corpo em corpo, por meio do fragmento e do contato. A filha de Morgana chamou esse processo de "Enfeitiçamento". Lancelot me contou que o Enfeitiçamento permaneceu em segredo por séculos, sem que a Ordem o descobrisse, e o espírito da Morgana original passava de um portador para o outro, todos se autodenominando Morgana.

Estremeço ao imaginar todas aquelas possessões. Todos aqueles fragmentos.

— É por isso que os Morganas se separaram da Ordem?

Ele dá de ombros.

— Não tenho certeza. As visões de Lancelot não iam tão longe. Mas sei que a Morgana original, na verdade, só queria ajudar, e que era bem provável que a Ordem já estivesse buscando um motivo pra eliminar uma seita composta majoritariamente por feiticeiras.

O nó na minha garganta se aperta.

— Você procurou Ava para se tornar um deles?

— Não. — Ele suspira e se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Ava ficou surpresa quando contei o que Lancelot e sua caminhada pelo sangue me revelaram. Eu fui o primeiro Lendário em seiscentos anos a conhecer a história de Morgana, a verdadeira origem do poder deles, e a não condenar a mulher por suas escolhas. Mas não me juntei a elas. Quando percebi que Ava não sabia onde você ou Sel estavam, perguntei se a técnica deles poderia me ajudar a fazer… outra coisa.

Franzo a testa… e, então, finalmente entendo.

— Nick…

— Eu nunca me senti tão impotente na vida quanto no dia em que vi Arthur possuir você. Nem mesmo quando minha mãe foi levada. Nem quando meu pai — ele cerra os dentes — mandou Suserano atrás de Suserano pra me treinar e me destruir.

— Por favor, não me diga que você fez isso… por causa do Arthur — sussurro, horrorizada.

Ele se vira no banco e segura minhas mãos.

— Quando Arthur te possuiu no *ogof*, eu senti que estava *morrendo* por dentro ao vê-lo arruinar mais uma vida. — Nick abaixa a cabeça, forçando meu olhar a encontrar o dele, suplicando para que eu entenda. — E ele fez isso de novo, na Volição e na Fortaleza. Sel e eu chegamos bem na hora em que os Morganas iam *matar* você por *ser ele*. Nós não conseguimos trazer você de volta. Tentamos de tudo. Sel e eu… — Ele para e desvia o olhar. — A gente nem sabia se a caminhada pelo sangue funcionaria.

Tento imaginar o que eles viram. Arthur usando meu corpo para lutar em uma batalha da qual eu nunca aceitei participar. Ele empunhando minha carne, meus ossos, falando com a minha voz… enquanto os dois sabiam o quanto eu odiava aquilo.

O quanto era uma violação.

Os olhos de Nick queimam.

— Arthur tirou você de si mesma, Bree. Não só de mim, do seu pai, dos seus amigos, mas *de você.* Eu o vi no seu mundo dos sonhos. Reconheci a expressão no rosto dele… o olhar de um homem poderoso desesperado pra continuar sendo poderoso. Arthur pode estar perdido pra você agora, mas ele não foi embora. Ele só quer voltar ao mundo dos vivos… e não se importou, *nem vai* se importar, se você sofrer com isso. Se ele possuir você de novo, nunca vai te deixar ir.

— Não…

— *Se Arthur possuir você de novo* — declara Nick, com a voz firme —, eu vou *tirá-lo* de você. De vez.

Afasto minhas mãos das dele.

— É por isso que você não queria me tocar — sussurro, horrorizada, me levantando do banco. — *Arthur.*

— Não…

— Foi por causa dele. Ele era o verdadeiro motivo. O único motivo. — Eu me afasto, ficando de costas, a vergonha me empurrando para o outro lado do quarto. — Você não sabia que eu tinha queimado minha linhagem ancestral. Achava que ele poderia me possuir a qualquer momento…

Nick me segura pelo cotovelo, me puxando de volta para encará-lo.

— Não era só por isso que eu não queria tocar você, Bree. Você sabe disso! — Ele me puxa contra o peito, firme. — E, caso você não saiba, vou te lembrar enquanto eu ainda respirar: quando se trata de você, eu *nunca* vou deixar de ter cuidado. Nunca vou deixar de pensar em tudo que você merece. E nunca vou deixar Arthur Pendragon nos impedir de sermos o que somos juntos.

Meus olhos se turvam novamente, desta vez por conta de uma dor tão profunda que não consigo nem falar.

— Eu escolhi o fragmento pra que Arthur não pudesse decidir por conta própria. Mesmo que… — Enquanto Nick me encara, vejo sua expressão de angústia. — Mesmo que isso significasse nunca mais poder tocar você. Ou não ter a chance de explicar antes que acontecesse.

— Então me explica agora — sussurro. — O que vai acontecer se eu conseguir restaurar minha linhagem ancestral, mas não conseguir impedir Arthur de me possuir? O que vai acontecer se ele tomar o controle e você carregar o espírito dele?

— Se isso acontecer, e eu for morto por uma Cria Sombria enquanto carrego o espírito dele — diz Nick, num suspiro baixo —, o ciclo dos Lendários pode ser interrompido… sem que você precise morrer.

— Mas você vai morrer, então? — Desta vez, ao me afastar, ele me solta. — Não!

— Cestra pode mandar alguém me matar a qualquer momento. Essa missão foi só um jeito de ganhar tempo. Eu posso morrer em batalha, de qualquer forma. Essa é a vida de um Herdeiro. Até o Sel teve que se preparar pra isso…

— Isso tudo é um jogo de sorte! — grito. — E antes disso? Se você me tocar e *não* morrer? Você não faz ideia do que pode acontecer ao carregar dois espíritos dentro de si ao mesmo tempo. A Ordem proíbe os Herdeiros de cruzarem as Linhagens não só porque são uns idiotas, mas talvez porque haja um bom motivo! Você não é um Médium. Não entende como funciona o feitiço do Merlin. Carregar Arthur e Lancelot pode *matar* você. O Abatimento pode… pode ser acelerado!

— São riscos que estou disposto a correr — responde Nick, diminuindo a distância entre nós com um único passo. — A Ordem foi construída sobre um sistema de abusos que nem eu consigo compreender, um peso que *você* carrega sem ter escolhido. *Arthur* é um fardo que você nunca quis carregar. Ser a Herdeira dele implica esconder essa verdade aonde quer que você vá. Se a Ordem quisesse nos punir por estarmos juntos, nós dois sabemos que você seria mais punida do que eu. E Samuel Davis? O que ele fez com Vera…? — Ele para de falar, cerrando o maxilar. — Ele não é meu ancestral, mas minha família se beneficiou dos pecados dele. — Nick respira fundo e, quando solta o ar, declara: — Eu nasci pra prosperar dentro dessa máquina, Bree. Ela foi construída pensando em mim. É minha responsabilidade desmontá-la.

— Mas não é sua responsabilidade morrer — sussurro, entre lágrimas. — Se você fizer isso, pode morrer.

Nick me puxa para seus braços.

— E se você continuar com Arthur, também não pode?

Tento argumentar, mas não encontro uma resposta.

— Eu acabei de recuperar você…

Ele pressiona um beijo na minha têmpora.

— Eu poderia dizer o mesmo.

— Se o Sel…

— Se o Sel sentir que eu caí agora, ele consegue se recuperar. Quanto mais a humanidade dele se apaga, mais fácil vai ser sobreviver… à minha ausência.

Fecho os punhos contra o peito de Nick e o encaro, fazendo a pergunta que preciso fazer.

— Você quer tirar Arthur de mim porque *quer* morrer?

— Eu não quero morrer, prometo. — Ele segura meu rosto entre as mãos. — Mas também não quero que *você* morra. Deixa eu tirar Arthur de você, pra que ele nunca seja o motivo disso acontecer.

— Mas…

— Eu não estou com medo, B. — Ele se afasta um pouco e abre um sorriso triste. — Não mais. Já estou amaldiçoado, afinal. Arthur e a Ordem tiraram minha mãe, minha família, meus amigos… — Ele expira em um único sopro. — Meu Mago-Real. A única coisa boa que Arthur Pendragon já fez por mim foi trazer você pra minha vida.

Eu soluço.

— Deixa eu fazer isso. — Ele enxuga uma lágrima minha com o polegar. — Deixa eu pôr um fim nisso tudo.

Balanço a cabeça.

— Não.

— Sim. — Ele encosta a testa na minha.

— Não… — gemo. — Nós somos… somos você e eu, como você disse.

Ele me aperta contra o peito com força.

— Menos nisso.



NICK E EU PASSAMOS o restante do dia grudados um no outro. Não há mais nada a dizer. Ele adormece, mas eu não consigo descansar. Tudo parece urgente, mas não consigo entender como consertar as coisas ou o que fazer.

Encontramos Mariah e Zoe no quarto delas para discutir nosso plano para as horas finais na Penumbra. Durante a conversa, troco meu cardigã por uma jaqueta de couro do armário de Mariah. Mantenho o vestido dourado, mas entro no banheiro delas para esconder minha adaga e o coldre na coxa.

Quando finalmente descemos para o salão de festas onde acontecerá o leilão, a diferença na organização do espaço é nítida. As mesas redondas de jantar foram substituídas por longas fileiras de bancos de madeira. Há mais bruxos presentes do que eu jamais vi antes, muitos próximos a uma plataforma com uma longa fila de caixas cobertas por veludo preto sobre pedestais.

Vejo pelo menos trinta bruxos espalhados pelo salão, todos de terno e com fones de ouvido. Fico me perguntando se algum deles é um dos mascarados que Nick e eu enfrentamos em nossos quartos e, se forem, se eles se lembram de ter nos atacado após a mesmerização de Ava.

Um dos bruxos que conhecemos na primeira noite, Santiago, aparece para conferir nossos convites. Depois de uma rápida verificação, ele indica alguns assentos vagos no fundo do salão.

Santiago entrega a cada dupla um cartão branco numerado, preso a uma haste de madeira.

— Se ganharem o item, vocês deverão se aproximar do palco para coordenar o pagamento imediato por transferência bancária.

Mariah, Zoe e eu ficamos perto umas das outras. Escondemos nossas mochilas de viagem debaixo do banco da frente antes de nos acomodarmos. Assim que Nick e eu nos

sentamos, avisto Ava entrando no salão. Ela inclina a cabeça na nossa direção antes de se sentar numa fileira mais à frente.

Sinto vontade de pular os bancos, agarrá-la e forçá-la a retirar a magia do peito de Nick. Ameaçá-la com minha adaga até que ela o faça, até que conserte o que quebrou. Mas esse não é o plano.

Vamos deixar Ava dar o lance pela coroa, já que essa é a maneira mais provável de ela tentar conseguir o artefato neste momento. Se ela perder por qualquer motivo, Nick acredita que a Morgana irá seguir e atacar o vencedor assim que a pessoa deixar os terrenos da propriedade para recuperar o item. Morganas, ele disse, são muito persistentes. A coroa esteve em posse deles por muito tempo.

Não tenho dúvida de que Ava tem outros Morganas de prontidão fora da barreira mágica da propriedade, prontos para ajudá-la no ataque — ou na fuga.

Zoe e eu precisamos agir rápido se quisermos deter Ava, e ainda mais rápido se ela estiver perseguindo alguém. Estamos com as mochilas justamente por esse motivo. Uma saída *rápida* será a única opção possível esta noite.

Enquanto observo a multidão, uma porta no canto se abre, revelando o homem que vi no corredor. Eu o descrevi para Nick mais cedo, no nosso quarto, mas como não sabíamos o nome dele nem como ele me conhecia, Nick não conseguiu identificá-lo.

Agora, porém, Nick deve tê-lo reconhecido, porque, de repente, ele se inclina na minha direção e fala:

— Merda.

— O quê? — sussurro.

— O homem que você viu no corredor, aquele de quem não se lembrava… ele acabou de entrar?

— Sim.

Nick cerra o punho.

— Gabriel.

— Quem é…

— Um Regente.

Arregalo os olhos e me encolho. O homem, felizmente, parece envolvido em uma conversa com um bruxo e não está olhando na nossa direção. Antes que eu entre em pânico de verdade, Zoe e Mariah se inclinam para a frente, apoiando os braços no encosto dos bancos dianteiros e ajudando a nos esconder. Então, o homem se senta, voltado para a frente do salão.

— Isso não é nada bom — declara Nick.

— Por que ele está aqui?

Nick me encara.

— Não sei. Ele viu a gente?

— Acho que não. — Espio por entre os cabelos de Zoe.

— Mas ele reconheceu você hoje de manhã?

— Reconheceu.

— Ele vai me reconhecer também — murmura Nick, balançando a cabeça. — Ele conhece bem demais os nossos rostos.

— O que fazemos?

Zoe, que estava ouvindo tudo, murmura em voz baixa o suficiente para que só a gente escute:

— Esperamos. Evitamos contato. Com sorte, ele vai sair na direção oposta à coroa.

Mariah fala em seguida:

— Não podemos agir enquanto os itens do leilão não forem arrematados… Tem muitos inimigos numa sala só, bruxos demais, perigos demais. Precisamos esperar o leilão acabar. Assim que os vencedores forem confirmados, *aí, sim,* agimos. Esse é o plano.

— Certo — concorda Nick.

Eu cerro os dentes, e Zoe me lança um olhar penetrante.

— Bree. Esse é o plano.

Levanto os olhos e vejo os três me encarando.

— O quê?

— Você não *segue* planos — murmura Zoe.

Lanço um olhar para cada um deles, um por um.

— Eu sei seguir planos.

Nick encosta a testa de leve na minha, com a voz tensa, mas carinhosa.

— Você tem seus pontos fortes, B. Seguir planos não é um deles. Estamos em menor número e em desvantagem aqui…

A indignação parece algo vivo e pulsante no meu peito.

— Certo.

Os três suspiram aliviados e ficam visivelmente mais relaxados, o que, sendo sincera, me parece ofensivo.

Um sino toca uma vez, duas, três. O leilão está prestes a começar.



As luzes da sala diminuem, enquanto os holofotes sobre o palco se acendem com um zumbido. Mikael surge, vestindo um smoking completo com cartola e fraque, enquanto o leiloeiro se acomoda numa cadeira atrás dele. A sala explode em aplausos contidos e respeitosos, que só servem para aumentar ainda mais o frio de ansiedade na minha barriga.

— Bem-vindos, Colecionadores — diz Mikael, tirando o chapéu em um gesto teatral. — Esta noite encerramos as festividades do fim de semana com um leilão de quinze itens raros para sua apreciação, sua admiração e, é claro — ele faz uma pausa — suas *carteiras*.

Risadinhas abafadas percorrem a sala. Ao meu lado, os dedos da mão esquerda de Nick começam a tamborilar, inquietos, no joelho.

— Sem mais delongas, o primeiro item da noite.

Um bruxo puxa o tecido de veludo preto do pedestal mais à esquerda, revelando um pedaço de papiro antigo dentro de um cubo de vidro. Mikael começa a descrever a origem do documento e como ele sobreviveu a uma câmara inundada na Roma Antiga. Quando os lances começam, partem da casa dos seis dígitos.

— A coroa vai ser um dos últimos itens — nos lembra Nick. — Mikael sabe que ela tem propriedades mágicas, mesmo que os humanos aqui não saibam disso. Ele vai gerar expectativa e fazer um espetáculo pra conseguir o maior lance possível.

Esperar é uma tortura. Meus olhos começam a ficar vidrados conforme cada item é revelado. Ao contrário das oferendas de Daeza, os objetos aqui não precisam estar saturados de humanidade. Eles só precisam comprovar sua origem rara. E, diferentemente de Daeza, Mikael não parece se importar com a forma como esses itens e artefatos foram adquiridos — ou a quem pertenciam anteriormente.

Os dedos de Nick tamborilam tão rapidamente no meu joelho que, quando chegamos ao décimo terceiro item — um cetro descoberto em uma escavação recente —, preciso cobrir a mão dele com a minha para que *eu* não fique ansiosa também.

Então, um bruxo empurra a décima quarta caixa até o centro do palco, e a energia no ambiente muda. Os Colecionadores mais ávidos se inclinam para a frente, em silêncio e atentos, aguardando o momento de fazer seus lances. Os olhos de Mikael brilham enquanto ele faz uma pausa antes de remover o tecido de veludo, sempre querendo se exibir.

Ele arranca o pano e revela a coroa do Rei das Sombras.

A coroa que eu vi tinha espinhos altos circundando o metal negro retorcido, como punhais apontando para o céu. A coroa diante de nós agora tem espinhos de obsidiana irregulares, quebrados e distorcidos em comprimentos variados. Continua sendo um pesadelo, mas um pesadelo torturado por séculos de feitiçaria arcana e experimental.

Mikael nos dá tempo suficiente para observar.

— Eis aqui a antiga coroa de Arawn, uma peça verdadeiramente atemporal e inestimável, supostamente originária de Annwfyn, o outro mundo galês.

Arawn?

Mikael circunda a coroa, explicando sua aparência para os Colecionadores.

— A coroa era cercada por espinhos altos e negros que, infelizmente, se desgastaram com o tempo.

Não consigo deixar de olhar para Ava, tentando adivinhar o que ela está pensando. Segundo Nick, um fragmento da coroa está embutido no peito dela, assim como outro está no peito dele.

Quando ergo os olhos, vejo que Nick está com os lábios franzidos e os dedos levemente apoiados sobre o esterno. Abro a boca para perguntar o motivo, mas ele

balança a cabeça uma única vez, mantendo os olhos fixos à frente. É uma rejeição. A pergunta terá que esperar.

— É claro que esta peça está cercada de rumores. Dizem que, se um demônio tocar nela, se transformará em pó. — Mikael sorri com um pesar fingido. — Portanto, para manter esses rumores vivos, um intermediário humano não é apenas recomendado, mas obrigatório.

O som de risadas baixas percorre a sala novamente, e Mikael sorri, satisfeito com sua própria piada às custas da ignorância humana.

— Como eu disse, inestimável. — Mikael se dirige à plateia. — Claro que, esta noite, buscamos o impossível: estabelecer um preço para um artefato como este. Que comecem os lances!

Ele bate palmas e se afasta enquanto o leiloeiro se levanta.

— O lance inicial é de um milhão — entoa o leiloeiro, com um tom elegante.

Os cinco minutos seguintes passam como um borrão. Ava levanta seu cartão de lances pelo menos sete vezes, mas está competindo com cerca de três pessoas — incluindo alguns dos engravatados com quem Nick vinha se reunindo. Os lances diminuem à medida que os participantes desistem, até restarem apenas Ava e um outro homem, alternando entre si.

No final, o homem desiste antes de Ava. O leiloeiro fecha o lance.

— Para a jovem de vermelho, por nove milhões e oitocentos mil.

Zoe assovia baixinho, impressionada. Concordo com ela.

O sorriso presunçoso de Ava é visível mesmo por trás da máscara. Meus músculos se tensionam, prontos para a ação, embora eu saiba que precisamos esperar. Ela caminha até a frente do salão e começa a conversar com o bruxo encarregado de recuperar os cofres e celulares dos vencedores para coordenar o pagamento.

— E agora, nosso item final. — Mikael retorna ao palco. — Ou devo dizer, itens?

A sala reage rindo novamente.

Mikael se aproxima do último pedestal.

— Estes itens são únicos porque seu poder não reside apenas no que são, aqui nesta sala, mas no que representam… Ou melhor, quem representam.

A caixa coberta de veludo sobre o pedestal é maior do que todas as anteriores, medindo pelo menos um metro e meio de cada lado. Mas que "itens" são esses que representam um "quem"?

Não. Não pode ser.

Todas as razões pelas quais Mikael jamais poderia estar leiloando meninas Artesãs de Raiz invadem minha mente, descem pelas veias e se transformam em desespero. Tornam-se estalos. Como lâmpadas quebradas explodindo sob minha pele.

Essas razões são tão válidas, tão fortes, tão lógicas e humanas que quase consigo me convencer a acreditar nelas.

Isso até Mikael revelar a última caixa — exibindo quatro frascos decorativos de cristal, com cerca de um metro de altura, preenchidos com uma fumaça dourada e

brilhante.

Raiz, engarrafada e capturada, em plena exibição diante de nossos olhos.

A raiz em cada um dos quatro frascos se agita e gira dentro do vidro, um poder vivo em tonalidades ligeiramente diferentes.

Amarelo escuro, cor de manteiga, rico e suave.

Dourado radiante e cintilante.

Amarelo-canário, com faíscas cromadas.

E um tom que vi há um mês, no banheiro sujo de um bar — raiz dourada, da cor de um pôr do sol.



ESTOU DE PÉ no mesmo instante… e Zoe e Nick me puxam de volta para o banco.

Meus ouvidos zumbem com um chiado agudo, e o sangue pulsa na minha cabeça. Meu cérebro está cada vez mais confuso, mas consigo perceber Mikael nos encarando no fundo da sala enquanto fala com o público — e que estou chamando atenção demais para mim mesma.

— Bree! — sibila Zoe, olhando de mim para os outros bruxos da segurança no fim da nossa fileira, que agora nos observam com curiosidade.

O restante da sala — e os bancos à nossa frente — nem sequer notaram que eu me levantei. Murmuram entre si, boquiabertos, enquanto Mikael continua falando, e me dou conta de que ele nunca parou de fato.

— Este é o poder vívido das chamadas Artesãs de Raiz mágicas. — Os Colecionadores se inclinam nos bancos, tentando obter uma visão melhor. — Vale lembrar que há tratamentos especiais aplicados a estes vasos de cristal que tornam esse tipo de fonte de poder visível ao olho humano. Além disso, é claro, essa raiz precisa ser extraída de uma Artesã humana viva, o que é o caso aqui. Uma magia como esta também deve ser extraída de uma Artesã poderosa durante um feitiço, enquanto ela está em contato *ativo* com seus guias ancestrais. Um fenômeno verdadeiramente fascinante de se observar.

Ao meu lado, Mariah abaixa a mão. Ela segura o cordão do Coração da Dama em seu pescoço e olha para mim.

Quatro meninas Artesãs de Raiz ainda estão vivas — e Mikael, ou alguém agindo por meio dele, as manteve em cativeiro por tempo suficiente para capturar seu poder e exibi-lo.

— Esta noite, vocês não estão apenas dando lances pelos frascos — continua Mikael —, mas também estão fazendo ofertas para acessar as fontes vivas que sustentam esse poder, permitindo que renovem as exibições mágicas conforme forem se esgotando.

Pode parecer um pouco deselegante apresentar essas quatro jovens nesse contexto, mas fiquem tranquilos: elas estão seguras e foram tratadas com respeito e cuidado pelo vendedor. Forneceremos imediatamente as coordenadas para a retirada ao arrematante vencedor. Pedimos apenas que não causem danos ou ferimentos duradouros às jovens, ou, pelo menos, que não o façam de maneira que possa se associar tais ações à nossa comunidade. Lembrem-se: apenas uma Artesã de Raiz *viva* pode fornecer uma fonte de poder contínua. E, acima de tudo, mantenham discrição e verdade.

Respeito e cuidado? Discrição e verdade? Pela segunda vez esta noite, sinto vontade de me lançar sobre os bancos. Desta vez, para confrontar Mikael diretamente e arrancar toda aquela cortesia sulista mentirosa da boca do infeliz.

Só percebo que estou tremendo de raiva quando Mariah aperta meu joelho.

— Temos que seguir o plano.

— O plano? — sibilo. — Que se dane a coroa. Temos que…

— Não dá — insiste Mariah. — Não sabemos onde elas estão, Bree. *A gente não sabe onde elas estão*.

Congelo ao ouvir isso. Ela tem razão. Poderíamos pegar os frascos e libertar o poder, mas isso não nos ajudaria a encontrar as garotas. Eles estão vendendo acesso a elas também, para que um Colecionador possa "renovar as exibições mágicas" quando quiser.

Mariah parece tão abalada quanto eu. Ela lança um olhar para os bruxos no fim do corredor, mantendo a voz baixa ao falar:

— O plano continua o mesmo de antes. Temos que esperar pelo vencedor, mas…

Seguir o vencedor. Encontrar as garotas.

Solto um suspiro trêmulo. Mariah assente, e é nesse momento que sei que ela está certa. Olho para Zoe, que me encara com os olhos arregalados. Ela assente uma vez. Está comigo. Então, sinto o polegar de Nick pressionar meu braço, lento e firme. Ergo os olhos e vejo um misto de emoções em seu rosto: angústia, preocupação, raiva… mas, também, determinação.

Nenhum de nós se importa mais com a coroa. Todos estão prontos para encontrar as meninas, assim como eu.

A cada vez que um cartão de lances é levantado, porém eu gravo aquele rosto na memória. A cada aumento de valor, cerro os dentes com tanta força que poderia quebrá-los. Não sei quanto tempo o leilão dura. Só sei que parece uma eternidade, e que os *números* não são suficientes.

Mikael pode disfarçar como quiser, mas eles estão dando lances por pessoas. Seres humanos. Vidas inteiras, como a minha. Sonhos inteiros. Meninas com mente e coração.

Suas famílias devem estar sentindo tanta saudade delas.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

À minha esquerda, Zoe treme. Um tremor sutil que começa nos pés, passa pelo tronco e vai até os lábios. À minha direita, Mariah segura minha outra mão — e seu corpo também vibra. De raiva, de dor, ou de ambos. Ela tomou o lugar de Nick, e eu nem percebi quando ele se afastou.

Olho para o lado e vejo que Nick está encarando um grupo de bruxos, a coluna reta como uma tábua, as palmas abertas, pronto para a luta. Ele está nos protegendo da única forma que pode, enquanto esperamos.

Quando tudo termina, levantamos a cabeça ao mesmo tempo para ver quem venceu.

O único homem com o cartão ainda erguido.

Gabriel.

Nick se vira para mim, e sei que estamos pensando a mesma coisa: Gabriel quer as garotas Artesãs de Raiz. Isso significa que os Regentes também as querem?

Engulo em seco e olho para Zoe, que balança a cabeça com uma expressão confusa. Se as garotas estão sendo sequestradas pelos contatos de Mikael, por pessoas que contrataram bruxos, e depois sendo vendidas — neste caso, para os Regentes, ou, pelo menos, Gabriel —, isso quer dizer que Erebus não é o comprador. O que significa que ele provavelmente não está se alimentando dessas garotas. Os Regentes não sabem que Erebus é o Rei das Sombras que precisa se alimentar de poder para sobreviver.

— Parabéns — diz Mikael a Gabriel, que agora está de pé, abotoando o paletó. — O vendedor entrará em contato assim que sua transferência for confirmada. Podemos providenciar uma escolta amanhã para que você recupere sua aquisição com segurança.

— Não será necessário — responde Gabriel. — Meu transporte estará esperando do lado de fora em poucos minutos.

Ele inclina a cabeça em reconhecimento e se dirige ao bruxo responsável pelos celulares dos vencedores, pronto para inserir suas credenciais.

Atrás dele, porém, um alvoroço começa a se formar. Alguns dos outros convidados que estiveram presentes durante todo o fim de semana murmuram entre si, com vozes baixas… mas irritadas.

— Por que um novato foi autorizado a entrar no leilão no último minuto? — pergunta a mulher alta que participou do segundo dia de comunhões, se levantando. — Todos nós fomos avaliados. Alguns esperaram *anos* para estar aqui. Como essa pessoa conseguiu pular os procedimentos?

Mikael levanta as mãos, pedindo calma.

— Eu entendo a confusão. Neste caso, permiti uma única exceção…

— Mas ele nem precisou passar pela comunhão! — grita o homem do primeiro dia, também se levantando.

Nick se aproxima de nós, agora que os bruxos que estavam nos observando voltaram sua atenção para os Colecionadores revoltados.

Mikael franze a testa.

— A verdade e a discrição são sempre…

— Não podemos aceitar um novo jogador! — interrompe a mulher alta. — Você quebrou nossa confiança, Mikael!

O rosto humano de Mikael se desfaz por um instante, os lábios se contorcendo. Seu poder crepita na base do meu crânio, e então seu rosto volta ao normal.

— Você vai se desculpar. E vai embora.

Três dúzias de Colecionadores se erguem de seus assentos, avançando das fileiras em direção a Mikael… e à linha de artefatos inestimáveis ainda em exibição.

Ao sinal de Bianca, os bruxos começam a se transformar. Seus poderes emprestados florescem de uma vez, expandindo seus corpos, braços e pernas, até mesmo fazendo surgir caudas. Lawson deixa suas presas longas crescerem. Santiago ganha chifres como os de um alce. Até Bianca muda, com escamas verdes ondulando da bochecha até o pescoço. O cheiro de magia de pacto enche o ar — e os humanos gritam, tropeçando uns nos outros para fugir.

Nossa fileira se levanta, todos de uma vez.

— *Isso* é péssimo — diz Zoe, já pegando nossas mochilas.

— É, não me diga — respondo, arrancando a jaqueta de couro para liberar os braços.

Mariah se posiciona ao meu lado.

— Acho que a gente tem que ir embora.

— Acho que a gente tem que seguir aquele cretino! — digo, apontando para a porta nos fundos, por onde Gabriel está sendo levado às pressas.

— Cadê a Ava? — pergunta Mariah.

Quando olhamos para o lugar em que ela estava, o assento está vazio. Nick xinga.

— Ela foi atrás da coroa. Vamos.

Nós quatro pulamos por cima dos bancos em vez de passar pelo corredor central, mas a luta entre bruxos e humanos em pânico já tomou conta do espaço. Um banco voa em nossa direção, despencando à nossa frente e quebrando outro em pedaços.

Nós recuamos, e Mariah se arrasta até meu lado.

— Eu não sou tão resistente quanto vocês três…

Ela está certa. Não podemos atravessar uma briga de bruxos com ela no meio — não sem o risco real de que se machuque.

— Mariah…

— Mas — diz ela, com os olhos brilhando — ainda posso ajudar.

— Como?

Ela observa por cima do meu ombro e analisa a sala.

— Preciso estar em um ponto mais alto. — Ela aponta para a varanda. — Alguém pode me levar até lá?

Zoe já está se agachando.

— Sobe.

Mariah sobe nas costas de Zoe e envolve os braços e as pernas ao redor da garota mais alta.

— Volto já — diz Zoe, e então se transforma em um borrão, correndo na direção oposta à confusão.

— Abaixa! — grita Nick, me distraindo do caminho que Zoe e Mariah percorriam, bem a tempo de me derrubar no chão, criando um escudo de aether sobre nossas cabeças enquanto um pedaço da varanda despenca.

Nick estremece com o impacto. Sinto o peso da estrutura atravessar o corpo dele e, através dele, o meu. Ele empurra o pedaço para o lado com força, jogando-o longe, mas permanece imóvel por um instante.

— Você está bem? — pergunta Nick.

Serragens flutuam sobre nossas cabeças como uma poeira estranha através do escudo cintilante de aether.

— Estou.

— Então vamos. — Ele já está de pé, me puxando enquanto se move. — Gabriel está fugindo.

Nick segura minha mão e avança comigo pelo corredor.

Gritos e rosnados ecoam pelo espaço, subindo até a varanda. Ouço algo — ou alguém — sendo rasgado, carne sendo dilacerada de um jeito que faz meu estômago se revirar. A casa de bonecas de Mikael está desmoronando.

Sinto a onda de poder antes mesmo de vê-la. Uma rajada quente e dourada nos atinge, a mim e a Nick, passando por nós sem causar dano.

Ambos olhamos para cima no momento em que atinge os bruxos — e seus corpos congelam imediatamente.

— Puta merda — murmura Nick.

Até Mikael está congelado, com os olhos arregalados e os dentes à mostra. Apenas seus olhos se movem, fixos na varanda atrás de nós.

Seguindo o olhar dele, avistamos Mariah de pé na varanda, com os braços estendidos e os olhos tomados por raiz, as pontas dos dedos brilhando em luz dourada. Suas sobrancelhas estão franzidas de esforço enquanto ela mantém todos os bruxos sob controle… ao mesmo tempo. As partes demoníacas que eles manifestaram parecem estar sendo puxadas em direção ao chão, enquanto seus corpos humanos lutam para se libertar.

Ela geme e curva os dedos para baixo, fazendo com que os corpos dos bruxos caiam no chão ao mesmo tempo. Em seguida, pressiona as palmas para baixo, e uma sinfonia de gemidos e rosnados revela que ela os mantém imóveis onde quer que tenham caído.

— Vão! — grita Mariah lá de cima. — Não vou aguentar por muito tempo…!

Nick e eu não hesitamos. Pulamos sobre bancos e corpos, correndo em direção à porta por onde Gabriel foi levado.

— Parem!

A voz de Mikael nos alcança no último segundo, rouca e furiosa. Diferentemente dos outros, ele se esforça para se levantar do chão, centímetro por centímetro, lutando contra o poder de Mariah. Seus olhos me fuzilam e sua boca se abre em um rosnado profundo.

Nick me puxa. Disparamos por um corredor, mas percebo que ele está se segurando… então eu o empurro à frente.

— Vai! Você é mais rápido!

Ele me lança um último olhar antes de se transformar em um borrão à frente. Corro o mais rápido que posso para acompanhá-lo, saindo por uma porta que leva ao pátio… e

vejo o rastro de aether azul que ele deixou para trás, tênue, mas visível o suficiente para me guiar.

Garoto esperto.

Seguindo a trilha antes que ela desapareça, atravesso outro prédio e saio por uma porta que leva ao imenso gramado dos fundos. Na borda do gramado está a barreira, e logo além dela vejo Gabriel entrando em um helicóptero que já está com as hélices girando.

Nick avança em direção à borda da Penumbra — uma bala prateada e azulada se dirigindo diretamente contra Gabriel — quando é lançado para trás por uma sombra verde-escura.

Ele voa pelo gramado, atinge o chão com um baque surdo e desliza por mais seis metros.

— Nick!

Meu grito se perde no barulho das hélices. Corro em direção ao corpo dele, estendido e imóvel no chão, a armadura de aether apagada e coberta de pó.

Ele não está se mexendo.

Nick não *está se mexendo*.

Caio ao lado dele, tocando seu ombro com cuidado. Seus olhos estão fechados, o cabelo grudado na testa, úmido e cheio de pedaços de grama molhada. Verifico sua respiração… ele está vivo. Vivo, mas machucado. Talvez com ossos quebrados…

— Até a próxima, Herdeira da Coroa! — grita uma voz.

Eu me viro e vejo Gabriel acenando da porta do helicóptero, um sorriso largo no rosto. Eu me levanto, pronta para correr atrás dele… e sou lançada ao chão no mesmo instante. O cheiro de aether verde-escuro que me atinge é antigo, muito antigo. Denso e pesado.

A última coisa que vejo é um par de botas pesadas caminhando devagar pela grama úmida. A última coisa que ouço é uma risada baixa e divertida.

Depois, escuridão.



— BREE... acorda, por favor.

Suspiro ao despertar… e fecho os olhos no mesmo instante, tentando evitar a visão turva e giratória acima de mim.

Três suspiros aliviados ecoam em meus ouvidos.

— Graças a Deus.

— Ela está bem?

Uma palma quente toca meu queixo. Reconheço a voz mais grave, seguida de um beijo suave de Nick na minha testa.

— Eu estou bem aqui, Bree.

Nick está aqui. Eu estou bem. Não totalmente segura, mas bem.

Então, alguém me carrega, e minha cabeça tomba para o lado. As vozes se apagam.

Quando abro os olhos novamente, vejo o rosto de Mariah inclinado sobre o meu, com as sobrancelhas delicadas franzidas atrás dos óculos dourados de armação larga.

— Ei, Bree-Bree — sussurra ela. — Acordou de verdade agora?

— Talvez — respondo, com a voz rouca, e faço uma careta ao ouvir um som metálico estridente. — O que é isso…?

— Estão tentando tirar a gente daqui.

Pisco mais uma vez, sentindo meus olhos secos, e sigo o olhar dela até a origem do barulho.

Estamos em um cômodo pequeno e escuro, com chão de terra batida cercado por blocos de concreto com manchas de mofo. Na parede oposta, uma fileira de barras de ferro se estende do chão ao teto, e Zoe e Nick tentam derrubá-la.

— Estamos… — começo.

— No subsolo. — Mariah suspira. — Presos. Lawson atacou você e Nick, e os bruxos me pegaram, junto com Zoe, logo depois que meu carro ficou sem gasolina.

Empurro o chão de terra com as mãos, e as pernas de Mariah se movem sob mim enquanto ela se posiciona para me ajudar a me sentar. Nossas malas de viagem estão ao meu lado, a minha e a de Zoe, com as alças ainda apertadas de quando as fechamos antes do leilão. Não me importo com nossas roupas sujas, mas fico aliviada por Zoe ainda ter acesso aos remédios dela.

— Quanto tempo fiquei desacordada?

— Meia hora — responde Mariah, mantendo a mão firme nas minhas costas enquanto me curvo para a frente. — Devagar… — diz ela. — Você levou uma bela pancada.

Levo a ponta dos dedos até a têmpora, onde um galo sensível se formou na linha do meu cabelo.

— Estávamos do lado de fora, longe dos bruxos e dos Colecionadores, perseguindo Gabriel — comento. — Por que Lawson nos atacaria?

— Porque as regras podem mudar — responde uma voz baixa, vinda de além das grades.

Nick e Zoe recuam ao mesmo tempo, correndo para o centro da sala e se posicionando na minha frente e na de Mariah. Além deles, no corredor do lado de fora da cela, uma figura envolta em aether verde-escuro aparece.

— Lawson — rosna Zoe. — Seu bruxo podre. Bianca mandou você aqui pra se exibir?

— Tão rápida em seus julgamentos, Zoelle — retruca Lawson.

Zoe e eu congelamos. Ela me ajuda a ficar de pé antes de nos aproximarmos para ver melhor a figura.

— Do que você me chamou? — pergunta ela.

— Pelo seu nome, Sombrinha. — A voz nas sombras muda do barítono grave de Lawson… para uma mais familiar. O aether verde-escuro se transforma em uma nuvem negra e crepitante, e de dentro dela surge Erebus Varelian. — *Zoelle*.

Zoe rosna, avançando num borrão em direção às grades e agarrando-as com os punhos cerrados.

— Foi você! — grita ela. — Você era aquele bruxo o tempo todo?

Entendo a fúria dela, mas não reajo da mesma forma. Em vez disso, fecho os olhos, revivendo cada momento dos últimos três dias na minha mente como um pesadelo. A barreira que nos prendeu na Penumbra. A preocupação com o que Erebus poderia fazer conosco. As identidades trocadas e depois reivindicadas. A biblioteca. As comunhões. As confissões. Tudo sob o olhar do Rei das Sombras.

— Você achou mesmo que eu perderia você e a Briana de vista pra sempre?

— Vai para o inferno, velhote! — grita Zoe. — A gente pensou que ia morrer lá dentro. Viemos aqui por sua ca…

— Não, Zoelle — retruca Erebus. Quando abro os olhos, ele está observando cada um de nós, até que seu olhar se fixa em mim. — Vocês vieram aqui para tentar libertar garotas Artesãs de Raiz que acreditavam que eu estava devorando.

— Você nos espionou? — pergunto, surpresa com o tom calmo e controlado da minha própria voz. — Ficou ouvindo nossas conversas? Assistindo enquanto nos esforçávamos, fazíamos planos e… enquanto estávamos preocupados em ser pegos?

— Não. — Ele balança a cabeça. — Acredite se quiser, nem tudo gira em torno de um grupo de adolescentes raivosos e problemáticos. Nem mesmo quando um deles é você, Briana.

— Então o que você fez? — pergunta Nick, cruzando os braços. — Enquanto a gente passava *raiva* pra que você se divertisse?

— Eu era necessário como Erebus na maior parte do tempo, Nicholas. — Um traço do sorriso de Lawson aparece no rosto dele, sorriso que cresce enquanto o Rei das Sombras encara Nick. — E não achei sua raiva divertida, Herdeiro de Lancelot. Achei requintada.

Nick cora.

— Fico feliz em agradar.

— Mesmo agora, sua raiva oculta é palpável e rica — comenta Erebus. — Não vou precisar me alimentar por semanas.

— Por quê? — questiono. — *Por quê?*

— Missões dentro de missões. Segredos dentro de segredos — diz Erebus, com um suspiro.

— Chega de enigmas — rebato. — Me diga o motivo. Agora.

— Sendo exigente até aqui, Briana? — provoca ele. — Eu tomaria cuidado com isso.

— Responda — retruca Nick, gesticulando ao redor da cela. — Você nos prendeu. Assistiu enquanto estávamos presos nesta propriedade. Não venha dizer que fez tudo isso sem planejar seu grande momento de revelação. Você é uma criatura do caos, afinal de contas, Arawn.

Os olhos de Erebus se estreitam.

— Cuidado com os nomes, Herdeiro. Você não sabe do que está falando.

— Bom, agora sei que seu nome te irrita — comenta Nick, arqueando uma sobrancelha.

Erebus o encara por mais um momento, os dedos tremendo ao lado do corpo.

— Merlins têm sido assassinados com cada vez mais frequência nos últimos meses. E, para a frustração de todos, inclusive minha, o Conselho não tinha pistas. Não havíamos considerado que os Morganas eram suspeitos até o jovem Nicholas aqui sugerir na *curia*. Depois que ele, o Herdeiro de Gawain e o Guarda Douglas partiram, os Regentes, Aldrich, Gabriel e Cestra, começaram a se reunir em locais não divulgados, em horários estranhos, se recusando a compartilhar seus paradeiros com seus Senescais. — Ele torce

o lábio. — Criaturas tolas e efêmeras, correndo em seus jatinhos particulares pra preservar seu triunvirato de poder humano.

— Isso deve ter te irritado muito — alfineta Nick —, já que você precisava manter as aparências como um mago submisso.

Erebus fulmina Nick com o olhar, ignorando a provocação.

— Suspeitei que os três Regentes pudessem ter elaborado um plano para perseguir os Morganas sozinhos, sem depender de um Merlin ou de uma criança para realizar o trabalho. — Ele sorri, encarando Nick. — Mas eu não tinha provas, e os Morganas são notoriamente difíceis de encontrar. Não achei que teriam sucesso. Foi então que o "Lawson" começou a investigar por meios paralelos.

O olhar dele se volta para mim.

— Mas então, um dia, Briana me questionou sobre a possibilidade de contratar mercenários bruxos e sequestrar Artesãs de Raiz, uma pergunta estranha. No dia seguinte, soube que meu pupilo Elijah tinha ouvido um rumor, vindo de um goruchel desesperado, de que minha coroa havia sido roubada por um bruxo dos próprios Morganas, que a esconderam de mim por quinze séculos. Bruxos roubando Artesãs de Raiz, bruxos roubando a coroa, Morganas claramente buscando seu troféu roubado… Era coincidência demais. — Ele começa a andar de um lado para o outro, murmurando, pensativo. — Bastou uma ordem minha proibindo os gêmeos e Briana de procurarem por Daeza pra que eles se sentissem motivados a fazer exatamente o contrário. Eu sabia que, com a impulsividade de Briana, eles poderiam interrogar e persuadir minha Sombra a revelar o que sabia com muito mais facilidade do que eu. Depois que Daeza conectou a coroa a Mikael e a um de seus repugnantes Leilões de Colecionadores, foi simples usar "Lawson" para monitorar e acelerar os acontecimentos.

— Então, se eu entendi direito — zomba Nick —, você não está tendo muita sorte em reunir sua Corte das Sombras.

Erebus cerra os dentes.

— Você, de alguma forma, é ainda mais irritante do que seu Mago-Real.

— Como está o Sel, aliás? — pergunta Nick.

— Não sei dizer — responde Erebus. — Considerei a possibilidade de que *ele* possa estar por trás das mortes dos Merlins, mas, de novo… não tenho provas.

Nick contrai o maxilar.

— Não tem nenhuma respostinha pronta pra isso, Herdeiro? — observa Erebus, sorrindo. — Onde foi parar aquela fé reluzente e moralista de Lancelot?

Cruzo os braços.

— Sel não é um assassino.

— Você não faz ideia de quem é Selwyn Kane e, mesmo assim, defende a integridade dele? — Erebus estala a língua. — Eu ensinei você a não confiar em demônios.

— Você pode se transformar num bruxo, que é exatamente o tipo de usuário de magia que você diz "desprezar", só pra constar — resmunga Zoe. — Por que não foi atrás da coroa você mesmo?

— Porque, embora eu possa imitar muitas coisas, não posso enganar um encantamento de Morgana — suspira Erebus. — E só recuperar a coroa não é o suficiente pra que eu possa reivindicá-la.

Zoe faz que sim com a cabeça, visivelmente irritada.

— Você precisava de um Morgana pra remover o selo que colocaram nela.

— Exatamente — confirma Erebus.

Zoe faz uma careta.

— Então você esperou até Mikael fazer um daqueles leilões luxuosos dele…

— Sim, e? — provoca Erebus, como se estivesse nos dando uma aula novamente.

— E usou o leilão pra atrair um Morgana que pudesse desfazer a proteção à prova de demônio — concluo.

— Correto — afirma ele. — Se você posicionar a isca estrategicamente e tiver paciência, os ratos virão até você por debaixo do assoalho e por trás das paredes, mesmo que isso signifique rastejar em direção à própria destruição.

Zoe geme e começa a andar de um lado para o outro.

— Foi por isso que mandou que eu e Bree viéssemos até aqui, não foi? Para que pudéssemos recuperar a coroa, caso nenhum Morgana aparecesse.

— Quando se vive tanto tempo quanto eu, você cria planos dentro de planos. Enviar duas das minhas próprias agentes, que poderiam tocar a coroa quando eu não posso e que querem vê-la de volta às minhas mãos, foi uma medida de segurança. Para o caso de um Morgana nunca dar as caras… ou fugir antes que eu pudesse forçá-lo a desfazer o feitiço.

— Se você ainda está aqui, isso significa que perdeu Ava de vista — observo. — Deixa eu adivinhar: você estava tão ocupado fingindo ser o "Lawson" que ela conseguiu fugir antes que pudesse capturá-la?

— Infelizmente — concorda Erebus. — Ela fugiu antes que eu pudesse prendê-la e deixou a coroa dentro do seu estojo. Convenci o pobre Santiago a guardá-la por mim.

— Então você recuperou sua coroa, mas perdeu sua Morgana? — conclui Nick. — Que pena.

— Não é o ideal — responde Erebus. — Mas também não é uma perda total. Como eu disse, são planos dentro de planos. Com o tempo, percebi que o verdadeiro prêmio em qualquer guerra é a *informação*. Informação… sobre você, por exemplo, Herdeiro de Lancelot. Suas habilidades e talentos. O que você é capaz de fazer sob pressão. O que consegue ver e realizar, já que os Herdeiros de sua Linhagem sempre trazem surpresas. — Ele abre as mãos. — Também consegui informações sobre os Regentes e o que sussurram em lugares onde não posso ouvir. Não esperava que Gabriel visitasse a Penumbra, e muito menos imaginava descobrir que os Regentes não estão apenas atrás dos Morganas, como pensei a princípio, mas também das Artesãs de Raiz. Essa é uma mudança inesperada na estratégia deles. A Ordem sempre foi obcecada demais consigo mesma e tola o suficiente pra compreender o que os demônios sempre souberam por instinto.

— E que conhecimento é esse? — pergunto.

Os olhos dele brilham.

— Que o *verdadeiro* poder ancestral está nas mãos de quem molda a raiz, não nas mãos dos Herdeiros alimentados com colheres de prata, bajulados pelos Regentes com elogios e honra falsa. Os goruchels sabem que Artesãos de Raiz vivos valem muito mais do que mortos, mas *capturar* um Artesão de Raiz em vez de matá-lo imediatamente é algo quase sem precedentes na história da Ordem.

— Nós não somos presas a serem caçadas — retruco. — Somos pessoas.

— É uma questão de perspectiva — provoca Erebus, e então olha para mim e para Zoe, com uma expressão calorosa. — Foi um bônus poder testar a lealdade das minhas protegidas mais poderosas ao longo do caminho. Parabéns pra vocês duas. Não poderia estar mais orgulhoso.

Viro o rosto, enojada, enquanto Zoe avança.

— E Elijah? Tudo que ele faz é por você! Você o enganou. Usou ele.

As presas de Erebus brilham.

— Essa necessidade de Elijah de me agradar limita o crescimento dele. Eu não quero ser agradado. Quero ser *fortalecido*!

— Você não vai ser fortalecido por mim e pela Zoe — digo, me aproximando das grades e erguendo o queixo para encarar seus olhos rubi. — Mesmo que Ava tivesse conseguido sua coroa, nós decidimos não persegui-la depois de vermos os frascos de raiz. Pode até ser que tenhamos vindo por causa da coroa, mas não foi por você. Foi pelas garotas desaparecidas.

— Não, acho que não. Você fez isso por si mesma — diz Erebus, a voz assumindo um tom mais sombrio, provocador. — Você se tornou inatingível, Briana? Está pronta pra sua próxima lição?

— Qual é a minha próxima lição?

Ele sorri.

— Tornar-se implacável.

Uma vontade desesperada de contrariá-lo cresce em meu peito.

— Eu nunca serei o que você é.

— Não — diz ele. — Você vai se tornar algo muito mais fascinante.

Cambaleio para trás, me afastando das grades após essa afirmação, e Erebus apenas ri.

Sombras começam a se arrastar ao redor de seus tornozelos, preenchendo o espaço do lado de fora da cela.

— Preciso lidar com essa questão dos Regentes e das Artesãs de Raiz com urgência, pois não sei o que Gabriel está planejando, se está trabalhando em segredo com alguém da minha Guarda dos Magos, ou pra onde o vendedor mandou seu helicóptero. Como preciso fingir ser Erebus, a situação exige um pouco de… burocracia.

— Você não pode deixar a gente aqui! — grita Zoe.

— Ah, posso, sim. Esta prisão foi projetada para conter demônios. Vocês não conseguirão escapar, mas — diz o Rei, enquanto as sombras o envolvem por completo, restando apenas dois olhos vermelhos brilhando no escuro — convido vocês a tentarem.



PARTE QUATRO

IMPLACÁVEL



TRÊS DIAS ATRÁS

Natasia

OS TRÊS SUSERANOS que guardam a casa da família Matthews têm boas intenções, mas são descuidados.

Eles não fazem ideia de que estão cercados. Não têm a menor noção de que quatro Guardas estão formando um círculo ao redor da casa de dois andares, e que esses Guardas só poderiam ter sido enviados à residência dos Matthews por ninguém menos que o Mago Senescal, Erebus Varelian.

Depois de uma semana de buscas, perdi o rastro de Selwyn. Corri para Bentonville para proteger Edwin, caso Selwyn procurasse Briana em sua casa de infância. Quando cheguei, meu filho não estava aqui, em vez disso, me deparei com facções da Ordem e suas missões conflitantes: suseranos, ex-*Lendários*, aparentemente protegendo o pai Primavida da Herdeira da Coroa de seus inimigos humanos e demoníacos, enquanto essa mesma Guarda dos Magos, juramentada a protegê-la, tenta arrancar dela seu único parente vivo, seja por sequestro ou assassinato.

Não há outra explicação plausível para a presença de uma unidade da Guarda dos Magos em um bairro residencial e tranquilo. Não há outra razão para soldados treinados se moverem silenciosamente entre as sombras crepusculares de ruas arborizadas por carvalhos brancos e lixeiras plásticas aguardando a coleta da manhã. O feitiço de isolamento acústico lançado ao redor da propriedade e a intenção letal nos olhos dos Guardas tornam ainda mais evidente que a intenção deles aqui não é proteger, mas atacar.

Algo deve ter dado muito errado, e muito recentemente, para que Erebus tenha enviado seus soldados de elite à casa do pai de Briana Matthews. Será que ela desafiou os Regentes de alguma forma? Erebus quer puni-la ameaçando o pai dela? Ou deseja eliminar mais um laço da jovem com sua antiga vida como Primavida, isolando-a ainda mais da própria humanidade?

Selwyn deseja Briana. Se Erebus enviou sua Guarda para cá, é porque quer *controlá-la*. E há uma diferença fundamental entre essas duas coisas.

Mas não *se controla* uma garota da família Matthews. Se Erebus ainda não entendeu isso, farei a minha parte para garantir que ele entenda.

Estou observando a Guarda há mais de uma hora, e eles ainda não notaram minha presença. É bem provável que esperem até o sol se pôr para atacar os Suseranos e Edwin. Os vizinhos humanos continuam passeando pelas ruas com seus cachorros, conversando sobre o ano letivo, o preço da gasolina e o clima. Durante o tempo em que a Guarda dos Magos e eu passamos aguardando o momento oportuno, consegui consertar a maior parte dos danos que meu filho me causou.

Sou a última pessoa no mundo que deveria ter subestimado Selwyn Kane… e ainda assim, foi exatamente isso que fiz. Nos quatro meses em que Selwyn ficou comigo, o máximo de magia que o vi usar foram punhados de aether que ele invocava na palma da mão. Eu o vi testar aquele aether, provocá-lo, arranhá-lo e, em seguida, soltá-lo, mais vezes do que consigo contar.

No entanto, o que eu o vi fazer na minha cabana — a forma como lutou, sua velocidade, sua força, e a alegria sombria em seus olhos enquanto atacava — foi algo que nunca havia testemunhado antes, nem mesmo em um goruchel.

Todos aqueles testes visíveis e *repetitivos* do seu poder na cabana, feitos da maneira mais inofensiva possível, aqueles pequenos surtos de magia na palma da mão do meu filho, podem ter *começado* como experimentos, de fato. Agora, porém, percebo o que realmente eram: uma estratégia para enganar uma mãe tomada pelo luto e pela culpa, fazendo-a acreditar que ele era mais fraco do que realmente era… e eu caí direitinho. *Use as suposições do inimigo contra ele. Apoie-se na ignorância deles para moldar a queda.* Ele não aprendeu essa lição na academia Merlin, mas *comigo,* aos cinco anos de idade.

Há uma justiça poética inegável no fato de meu filho ter usado meus próprios ensinamentos contra mim. O bastante para me fazer sorrir nas sombras escuras do meu esconderijo — e imediatamente cerrar os dentes ao sentir a pontada aguda no rosto. Com um único golpe preciso, perto do fim da nossa luta, Sel deslocou minha mandíbula e quebrou meus dois primeiros pré-molares. Contive a careta, não pela dor dos dentes quebrados — eu os arranquei durante a viagem até aqui —, mas pela sensação incômoda e irritante deles crescendo *de novo*. Juro… quando eu encontrar aquele garoto de novo, nós vamos ter uma conversa *séria* sobre honestidade, enganação e a reconstrução de um relacionamento abalado. Talvez, depois que eu lhe mostrar o que um verdadeiro feitiço de proteção *pode* fazer.

O sol está mais próximo do horizonte. A Guarda dos Magos tem cerca de vinte minutos até que possam usar a escuridão como aliada. Enquanto espero, examino os outros ferimentos que ganhei na luta contra Selwyn: meu ombro esquerdo ainda está se recuperando, mas vai aguentar. A rótula esquerda, que ele deslocou, já foi recolocada antes mesmo de eu entrar no carro e parou de doer há uns dez minutos. Sel me nocauteou com um chute giratório no rosto, me lançando contra os armários da cozinha. Acordei em meio a uma pilha de tábuas quebradas e puxadores de metal ensanguentados, com uma dor de cabeça lancinante.

E meu carro tinha desaparecido.

Aquele maldito garoto. Sinto um misto de vergonha e orgulho crescer no meu peito. Pelo menos não preciso me preocupar com um goruchel dominando-o por aí.

Mas o que realmente me preocupa é o que Selwyn está disposto a fazer para chegar até Bree. Agora que sei que foi a raiz de Bree que empurrou meu filho para a demonia, estou ainda mais desesperada para impedir que ele a encontre. Uma Matthews com a Arte de Sangue em plena posse de seu poder é perigosa demais para qualquer cambion consumir uma única vez, quanto mais duas.

E eu não faço ideia de como ele vai reagir se Bree não se lembrar dele, assim como não conseguiu se lembrar de mim. Algo dentro dela não está totalmente *conectado*. Algum componente essencial foi afrouxado e fraturado, mas o que restou *é* um poder jamais visto.

Faye estaria tão orgulhosa. Apavorada com a segurança da filha, sim, mas orgulhosa.

Se Faye estivesse aqui, poderíamos ter compartilhado esses sentimentos. Ter nos enxergado como mães… e rido da absurda impossibilidade de tudo isso. A dor pelo que ambas perdemos me atinge com força.

Balanço a cabeça. Preciso focar no aqui e *agora*.

Depois de conseguir outro veículo, não me preocupei em dirigir até o Alojamento, pois sei que Bree está com aqueles gêmeos em Asheville — ou ao menos espero que esteja. Selwyn, por outro lado, não tem a mínima ideia de onde ela está. Só posso torcer para que ele tenha voltado ao Alojamento para procurá-la, o que me daria vantagem suficiente para tirar Edwin do caminho do meu filho.

Quatro Guardas e três Suseranos *não* eram variáveis no meu cálculo. Eu não esperava por eles.

Mas, por outro lado, eles também não esperavam por mim.



Acabo de nocautear a última Guarda e escondê-la atrás de um arbusto de hosta adormecida quando o primeiro dos Suseranos me encontra.

— Ei!

Congelo.

— Vire-se! — ordena a Suserana. — Agora!

Lanço o encantamento de mesmerização antes de me virar, torcendo para que a Visão da Suserana não seja forte o bastante para enxergar através dele antes que surta efeito.

A mulher branca, alta e de cabelo escuro e curto ostenta o brasão de Geraint. Ela já foi uma Herdeira e é uma guerreira experiente, que ganhou alguns fios prateados ao longo do tempo de serviço como Suserana. Não vai ser fácil derrubá-la.

— Eu…

As pálpebras dela tremem ao observar algo que, provavelmente, está bastante confuso. A mulher mais velha e magra que ela viu parada perto de um arbusto baixo agora parece um policial corpulento, com sobrancelhas espessas e olhos azuis.

— Boa noite — digo, constrangida. Meu sotaque sulista está enferrujado.

Ela franze a testa enquanto a mesmerização se instala.

— O que está… o que está fazendo aqui, policial?

— Recebemos relatos de arrombamentos na vizinhança.

Ela franze a testa de novo. A Visão dela começa a superar minha mesmerização… e sua inquietação deve ter sido suficiente para chamar sua parceira. Xingo baixinho. O Juramento do Guerreiro significa que as emoções dela estão sendo transmitidas para sua antiga Escudeira, e eu não tenho tempo nem energia para mesmerizar as duas.

— Ophelia? — chama uma voz, e uma Suserana branca mais baixa, com cabelos bronze reluzentes, vira a esquina.

— Sim, Lyss, esse oficial aqui…

Lyss me vê.

— Afaste-se! Ela é uma Merlin!

Eu gemo por dentro, mas me desculpo em voz alta:

— Foi mal.

As duas puxam suas armas — bastões de choque projetados para derrubar um demônio — quando eu ataco.

Avanço em direção a Ophelia primeiro, tocando o centro de sua testa com a palma aberta e com toda a delicadeza possível.

Os olhos dela se reviram. Ela desaba. *Uma a menos.*

Lyss é rápida para uma humana. Seu bastão brilha e ela avança, mas eu já estou me movendo. Desvio da ponta eletrificada e a afasto com um tapa.

Ela arregala os olhos, e eu me movo para o lado e acerto sua têmpora com um gancho rápido.

Lyss cai em meus braços. Com cuidado, a deito de lado, apenas por precaução.

— Mas que porr… — Outra voz.

Puta merda.

Não faz sentido manter a mesmerização agora. Ela é inútil contra o terceiro e último Suserano e só consome energia, então eu a desfaço, deixando-a derreter — e só essa imagem já confunde o homem que está correndo em minha direção do outro lado da

garagem. Ele hesita. Eu o encontro no meio do caminho com um golpe direto no pomo de adão — e seguro sua cabeça antes que atinja o asfalto.

— Isso poderia ter sido melhor — murmuro, quase em tom de desculpa, para seu corpo inconsciente.

Verifico o broche dele… Suserano de Lamorak. Ainda bem que o encontrei como Suserano, e não como Lendário ativo. A Linhagem de Lamorak teria me dado trabalho.

Viro o corpo dele de lado rapidamente e corro de volta até os arbustos da frente para fazer o mesmo com Ophelia.

Só se passaram dez minutos, mas já estou respirando com mais dificuldade, e meu ombro dói.

Respiro fundo e me levanto, limpando a calça com as mãos. Então, ergo o punho para bater na porta da frente. Mas antes que eu possa bater mais de uma vez, a porta se abre, revelando Edwin Matthews, vestido com um robe azul esfarrapado e chinelos. Ele me encara com um olhar severo.

— Você acabou de nocautear essas pessoas simpáticas?

— É… — Pisco, momentaneamente atordoada, com o braço ainda erguido no ar. Sigo o olhar dele até Ophelia atrás de mim, Lyss entre as hortênsias e o Suserano de Lamorak caído junto aos arbustos adormecidos. — Bem…

— Eu gosto deles — diz Edwin, com ênfase, olhando por cima do meu ombro.

Sem a mesmerização, apareço como realmente sou: uma mulher branca de meia-idade, um pouco ofegante, que ele nunca viu antes, com olhos dourados e um pouco de sangue na têmpora, vestindo um suéter e uma calça folgada.

— Eles fazem um bom trabalho lá na loja — continua o homem — e depois vêm aqui para garantir que estou seguro… por algum motivo que nunca me explicam. — Ele cruza os braços. — São boas pessoas. É melhor você não ter causado nenhum dano permanente.

Fecho a boca e depois a abro de novo. Baixo a mão. Estou tão atordoada e desarmada pelo tom calmo e reprovador dele que tudo o que consigo fazer é responder às perguntas.

— Não… nenhum dano permanente. Eles vão ficar bem.

— Hum.

Edwin observa o sangue seco espalhado pela minha bochecha com um olhar nada impressionado, depois o hematoma na minha mandíbula, causado pelo chute de Selwyn, o sangue nos nós dos meus dedos, resultado da luta com dois dos Guardas, e minha postura estranha, ainda tentando poupar o joelho esquerdo.

— Foram eles que fizeram isso com você?

Balanço a cabeça.

— Não, senhor. Foi… o meu filho, na verdade.

— Seu *filho*? — Edwin arregala os olhos. — Que tipo de relação você tem com seu filho?

Estou prestes a dizer: "Uma relação ruim, mas estamos tentando consertar", mas nenhuma palavra sai. Em vez disso, uma onda de tontura me atinge com força, quase me

levando ao chão.

Acho que levei muitas pancadas na cabeça hoje.

Edwin me segura antes que eu caia.

— Mas que diabo, moça?

— Estou bem — murmuro. — Os pontinhos pretos estão… — balanço a mão na frente do rosto, arrastando as palavras — indo… embora. Foram… meses difíceis. Dia.

— Você teve uma concussão? — pergunta ele, alarmado.

— É bem provável.

— Por causa do seu *filho*?

— É.

— Droga. — Ele muda o peso do corpo, se preparando para me carregar para dentro. — Vamos, você precisa de ajuda…

— Não! — grito, fincando os pés no chão antes que ele consiga me fazer entrar. Tateio a camisa manchada de sangue, buscando o colar escondido por baixo. Forço minha mente a se concentrar, a permanecer alerta, a enfrentar a situação. — Espera, não chame a polícia…

— Já estou me arriscando bastante tentando ajudar uma mulher branca, toda machucada, parada na minha porta, então *nem pensar* vou chamar a polícia. Vão acabar dizendo que *fui eu* quem causou essa confusão toda. E agora você diz que não quer minha ajuda? — pergunta ele, puxando meu corpo. Mas eu me mantenho firme e ele não consegue me mover nem um centímetro. — Que por…

Empurro suavemente o peito dele até conseguir ficar de pé sozinha, mesmo que um pouco trêmula. A tontura está passando.

— Não, espera. Por favor. — falo.

Ele me solta e recua um passo. Olho para a casa aconchegante atrás dele. A sala de estar com a TV grande ligada na ESPN, montada acima da lareira. A cozinha arrumada, onde, de vez em quando, Faye e eu nos encontrávamos em uma das nossas raras visitas, quando Edwin estava fora a trabalho e eu queria garantir que a Ordem não havia enviado mais ninguém para vigiá-la. Vejo a mesa onde ela me servia chá e perguntava sobre minha pesquisa. Vejo as fotos de Bree ainda criança, com dentes faltando. Bree com xuxinhas de bolinhas coloridas no cabelo escuro e grosso, no dia da foto da escola. Bree com a amiga Alice, sorrindo uma para a outra por cima das casquinhas de sorvete no zoológico.

Vejo a infância de Bree e o universo inteiro de Faye naquela casa atrás de Edwin… e isso parte meu coração pelo que tenho que fazer a seguir.

— E então? — pergunta Edwin, seus batimentos finalmente acompanhando o terror que seus instintos humanos despertam.

As pupilas nos olhos castanhos preocupados dele se dilatam. As sobrancelhas estão franzidas. A reação de lutar ou fugir começa a se instalar. O corpo dele se prepara para algo para o qual nenhum Primavida pode de fato estar pronto.

Ótimo.

— Isso não vai fazer o menor sentido — digo, a voz carregada de tristeza e dor —, mas não temos tempo para explicações. Sua vida está em perigo, e há muito tempo eu prometi protegê-la.

O medo aparece no rosto dele, como era de esperar.

— Minha vida?

— E — respondo com uma careta — meu filho pode estar a caminho, procurando pela sua filha.

Ele semicerra os olhos.

— O filho que causou uma concussão na própria mãe está atrás da *minha* filha? Pra quê, exatamente?

— Bem… — Eu fecho os olhos. — Ele não quer *machucá-la*, se isso ajuda.

— Não ajuda. — Edwin cruza os braços. — O que ele quer com a minha filha?

— Essa é uma pergunta… bem complexa. Com uma resposta longa, complicada e desconfortável.

Olho por cima do ombro. Os Guardas devem acordar a qualquer momento. Puxo o colar debaixo da camisa e arrebento a corrente. Ele observa enquanto tiro um anel dourado pesado, com gravações, dos elos soltos e o seguro entre o indicador e o polegar. Ergo o anel para que Edwin possa ver bem.

— Achei que tivesse perdido esse anel… — murmura ele — *anos* atrás.

— Você não perdeu — respondo. — Sua esposa o pegou e me deu.

— Faye? — pergunta ele, com a voz falhando. — Por que ela daria isso pra você?

— Eu vou te contar tudo o que puder, eu juro — digo —, mas agora preciso *muito, muito mesmo* que você coloque isso.



PRESENTE

Bree

HORAS SE PASSAM. Tempo suficiente para começarmos a pensar em como ir ao banheiro. Tempo suficiente para que a masmorra faça jus ao nome em todos os sentidos. Ela é iluminada apenas por arandelas no corredor do lado de fora da cela. É úmida. E faz um frio que penetra nos ossos. O silêncio é interrompido apenas pelo som de goteiras que ecoam contra as paredes de pedra. Se eu tivesse que adivinhar, diria que agora é bem cedo, antes do amanhecer.

O Rei disse que precisava confrontar Gabriel "como Erebus" e que isso exigiria burocracia. Isso pode levar pelo menos um dia, talvez dois, antes que ele se preocupe em voltar. Talvez mais. Duvido que ele envie bruxos para nos vigiar. Zoe e eu provavelmente conseguiríamos dominá-los, mesmo com as grades à prova de demônios. Não, ele vai nos deixar aqui até estar pronto para voltar e o assunto mais urgente dos Regentes estiver resolvido.

Em algum momento da noite, Nick me envolveu em um casulo com o corpo dele. Seu peito largo aquece minhas costas, e seus braços me envolvem de modo que ele consegue entrelaçar os dedos sobre meus joelhos dobrados. De vez em quando, ele me puxa para mais perto e apoia o queixo no meu ombro, tremendo de frio. Quando pergunto se ele está bem, ele murmura:

— Tô, sim.

Zoe faz algo parecido com Mariah, segurando a garota mais baixa firmemente pelos ombros enquanto elas se sentam lado a lado, para que Mariah possa aproveitar o calor do corpo cambion de Zoe.

Estou criando coragem para dizer que talvez eu precise usar um canto da cela e me envergonhar para o resto da vida, quando ouvimos um ruído vindo da parede dos fundos.

Nick me puxa para cima, forçando minhas articulações rígidas a se moverem, e me arrasta em direção às grades da cela, enquanto Zoe faz o mesmo com Mariah.

O ruído aumenta.

Zoe, Nick e eu estendemos as palmas ao mesmo tempo, convocando poder em labaredas de chamas verdes, azuis e roxas.

A voz de Nick sai num sussurro rouco:

— Será que tem alguma chance de você me deixar recepcionar os visitantes?

— Por que eu deixaria você recepcionar… as toupeiras gigantes que parecem estar cavando direto na nossa direção? — murmuro. — Acho que o código de cavalheirismo não menciona nada sobre toupeiras gigantes.

— Esse é o código antigo — contesta ele devagar, estreitando os olhos para a parede. — A nova edição tem um capítulo inteiro sobre roedores descomunais. Você não viu? É uma espécie totalmente diferente.

— Vocês dois estão me *tirando do sério* — rosna Zoe.

— Prefiro que me tirem do sério a ser devorada — comenta Mariah.

— Concordo plenamente — digo.

— Tô com vocês — diz Nick. O ruído se transforma em um rangido agudo. Nick avança. Já não está mais achando graça. — Está se aproximando.

E está mesmo. O chão sob nossos pés vibra num ritmo frenético.

— São toupeiras fortes — falo.

A armadura de Nick brilha sobre a pele. Ele esfrega o peito, tremendo como se estivesse com frio.

— Bree…

— Se você me disser pra ficar pra trás, Davis, juro por *Deus*…

A boca dele se curva de leve.

— Só ia pedir pra você começar a enviar sua raiz para o chão, meu rei. Vamos receber nossos convidados com um cumprimento amigável.

— Capacho em chamas — respondo. — Gostei.

Faço o que ele sugere, liberando fluxos contínuos de fogo de mago pelas mãos. O fogo cobre o chão num movimento pesado, formando uma camada ondulante de roxo brilhante sobre a terra. Minha raiz lambe os cantos das paredes, subindo pelas bordas da cela.

Um segundo depois, a parede de concreto começa a tremer. A argamassa se desfaz em pedaços do tamanho de moedas, que faíscam ao cair nas chamas abaixo. Pedaços maiores se desprendem, rachando ao atingir o chão. Nós nos espremememos contra as grades, enfileirados. Ao meu lado, a respiração de Mariah acelera, ofegante.

A primeira rachadura se abre do centro da parede para cima. Quando os blocos de concreto começam a se curvar, Nick apoia o queixo no peito, os olhos atentos e intensos.

— Se preparem…

A parede cede para dentro, o concreto desabando em pedaços do tamanho de punhos, criando nuvens de poeira ao tocar o chão. Fecho os olhos e viro o rosto, prendendo a respiração enquanto a onda de poeira invade nossos rostos.

Se as toupeiras gigantes nos atacarem, estaremos indefesos. Ao meu lado, ouço Zoe tossindo. Nick é o único que se moveu… vejo sua armadura de aether azul-branca brilhando em meio à nuvem cinzenta. Sua lâmina floresce na escuridão ondulante… e é interceptada por outra, de um branco-dourado reluzente.

Eu conheço essa cor. Essa raiz. Já a vi antes. Junto as lembranças com o que Nick me contou… um ataque na floresta. Dois cambions lutando comigo, lutando *por* mim, um com aether azul-branco; o outro empunhando armas douradas. Um deles era Sel; o outro só pode ser…

— Valec! — grita Mariah.

Em um instante, as duas lâminas permanecem firmes uma contra a outra, mas logo se afastam.

— Eu falei que era esse aqui — resmunga uma voz grave.

Alguém comenta ao lado dele.

— Esse foi o terceiro túnel, cara. *Terceiro!*

Enquanto a poeira começa a se dissipar, Nick aparece na minha frente, bloqueando a visão dos recém-chegados com o corpo. Com uma leve inclinação da cabeça, ele me faz uma pergunta silenciosa: *Confiamos neles?* Apago minhas chamas e seguro seu antebraço, guiando a lâmina para baixo a fim de ver melhor.

Uma figura se materializa, abanando a mão diante do rosto enquanto a fumaça se dissipa ao seu redor. Eu não sei o que esperava, mas com certeza não era um garoto negro alto, vestindo um colete risca de giz cinza e vermelho, camisa e calça, com uma corrente de relógio dourado brilhando no peito. À primeira vista, ele parece combinar mais com um dos salões de charuto da Penumbra do que saindo da parede de uma cela subterrânea. Mas então seus olhos brilham em vermelho e ele abre um sorriso largo, revelando presas visíveis no lábio inferior… e eu percebo que esse cambion se encaixaria em qualquer lugar.

— Alguém pediu um resgate? — pergunta ele. Mariah corre até o cambion, e ele a gira num abraço. — Estavam comentando que tudo virou um inferno lá na Penumbra ontem à noite, aí eu soube que era hora de tirar vocês daqui.

A figura mais alta atrás dele deve ser o dono da segunda voz. É um homem negro mais velho, de ombros largos, usando jaqueta, calça jeans e calçados bem mais adequados para escavar uma parede. Mariah se vira para ele e ri.

— Emil?

Emil se aproxima, dá um tapinha nas costas dela e encosta a cabeça na dela.

— Oi, prima. Ouvi dizer que você precisava de ajuda pra mover um pouco de terra.

Agora que a poeira finalmente assentou, consigo ver o túnel atrás deles, perfeitamente redondo e sustentado por algo que parece largas faixas de luz dourada e brilhante. Um rastro de magia dourada esfumaçada conecta a raiz no túnel à ponta dos dedos de Emil. Pela expressão concentrada em seu rosto, a energia que ele está utilizando para manter o túnel de pé não é pouca.

— Puta merda! — exclama Zoe, parando ao meu lado e examinando o uso da raiz com o mesmo fascínio que eu. — Isso é… raiz?

Emil a encara.

— Achou que era só chá e erva de cura?

Zoe abre um sorrisinho.

— Você é legal.

— Poço de energia? — Valec espreita por cima do ombro de Nick. Ele avança sobre os escombros, quase tropeçando em alguns pedaços quebrados na pressa de chegar até mim, com os braços estendidos. — Caramba, que bom ver você!

Dou a volta em Nick, um leve sorriso começando a se formar em meus lábios, mas minha linguagem corporal deve denunciar minha hesitação. Os braços de Valec caem, e ele para a poucos passos de mim.

— Oi, Valec — murmuro.

— "Oi, Valec"? — Ele ergue as sobrancelhas escuras, confuso. — Não nos conhecemos mais?

— Eu…

Nick recolhe a lâmina e dá um passo à frente.

— Nós não nos conhecemos.

Os olhos de Valec cintilam ao observar a armadura de Nick.

— Não, Herdeiro, não nos conhecemos.

— Podemos continuar essa conversa lá no Lounge? — pergunta Emil, rangendo os dentes. — Não consigo segurar isso o dia inteiro.

— Já estamos indo, Emil! — grita Valec. Ele me observa por mais um momento. — Estão prontos pra ir?

Estou assentindo quando minha marca de sangue desperta no peito, um intenso brilho de luz vermelha que inunda o cômodo. Valec é o único que não desvia o olhar. Ele fixa os olhos na marca brilhando acima do decote do meu vestido, acompanhando os veios escarlates que se revelam sobre minhas clavículas e descem pelos meus braços.

— Foi você que fez isso, Bree?

— Não. Foi *ele*.

Valec tensiona o maxilar.

— Ele sabe onde você está?

— Foi ele quem colocou a gente aqui — responde Zoe, a voz carregada de veneno. — Mas ele não consegue rastreá-la. Não vai conseguir nos encontrar quando sairmos daqui. E eu queria sair o quanto antes. Preciso ligar para o meu irmão quando estivermos em um lugar seguro.

— O único lugar seguro é o Lounge, e ainda não chegamos lá — diz Valec, engolindo em seco. Em seguida, seus olhos se voltam para Nick. — O que houve com você?

Nick está com a mão sobre o peito, esfregando o esterno e o fragmento oculto sob o feitiço de Ava.

— Nick? — pergunto.

— Eu não sei — responde ele. — Está tão frio, Bree.

Quando ele treme de novo, percebo que o frio que ele sente não vem apenas da masmorra.

— Foi o fragmento, não foi? — sussurro. — A noite inteira?

Nick pisca, assentindo.

— Deve ter sido, mas isso nunca aconteceu antes.

Dou um passo na direção dele.

— Está doendo?

Nick faz uma careta.

— Não. — É mentira. — Talvez, se eu me concentrar nisso, eu consiga…

O olhar dele se perde, e percebo que está vasculhando a magia de Ava com a própria magia, tentando entender o que mudou.

Valec nos observa, atento e analítico. Mas eu sei que, se nem o Rei consegue perceber o feitiço de Ava e o fragmento em Nick, Valec também não conseguirá. Uma faísca de frustração aparece em seu rosto.

— Vocês vão me explicar o que está acontecendo?

— Aqui não — respondo.

— Hmm. — O rosto de Valec se fecha. — Você e eu vamos ter uma conversinha quando voltarmos ao Lounge.

— Entendido — respondo. — Vamos.

— Isso! — chama Emil. — *Vamos logo*!

— Já *estamos indo*, Emil! — responde Valec.

— Espera — diz Nick, se virando como se tivesse escutado algo, os dedos apertando o tórax. — Eu consigo sentir… um eco. Outro — ele toca o próprio peito — como esse.

Valec e eu trocamos olhares, e Zoe se aproxima.

— Outro como o quê?

— Vocês não estão…? — Nick cambaleia até as grades, encostando o rosto nelas, os olhos bem fechados. — Vocês não estão sentindo isso? Não estão vendo?

— Sentir o quê, Nick? — pergunto.

O que ele está "vendo" vai além da minha Visão. É algo que só ele pode perceber, devido à herança de Lancelot.

Nick se vira para mim, com os olhos arregalados.

— Eu acho… que a coroa ainda está aqui.

Para mover as grades, precisamos unir nossas forças: a minha, a de Zoe e a de Valec. Juntos, conseguimos entortar três delas, abrindo espaço suficiente para Nick rastejar, enquanto Valec e eu passamos atrás dele.

Nick se move como se estivesse sendo puxado pelo fragmento no peito, seguindo um longo e sinuoso caminho por celas vazias, iguais à nossa, até chegar a um pequeno nicho protegido por encantamentos, bem no final de um corredor de pedra, mais ou menos da altura de nossos ombros.

Dentro do selo mágico, repousa um objeto redondo coberto por um tecido, com pontas irregulares saltando para fora.

A coroa.

— Por que o Rei deixaria isso aqui, sem vigilância? — Valec bate os dedos na barreira brilhante ao redor do nicho. — É só uma barreira simples. Um humano não conseguiria passar, mas um demônio forte o suficiente conseguiria.

— Mas um demônio não pode tocar na coroa — respondo. — Então, esse lugar é tão seguro quanto qualquer outro.

— Ele não sabia que eu seria capaz de sentir a coroa de perto — murmura Nick, observando o nicho. — Não sabia sobre o fragmento. Ele não é tão onisciente quanto pensa, né? — Nick estende o braço em direção à coroa, mas eu seguro sua mão. Ele se vira para mim. — Não vai me machucar, Bree.

— Eu sei — respondo —, mas também não sabemos o que vai acontecer se você tocar nela. Você é humano, mas tem um pedaço dela dentro do peito. Se a coroa consegue chamar seus fragmentos perdidos, o que ela vai fazer quando só tiver o seu corpo para separá-la das partes que faltam?

Nick recua a mão.

— Bem pensado.

Valec permanece em silêncio enquanto conversamos, absorvendo tudo. Quando me viro para ele, seu olhar sério deixa claro que a "conversinha" que teremos depois pode não ser muito agradável.

— Depois — digo.

— Em breve — corrige ele.

No fim, sou eu quem pega a coroa, mas a embrulho de modo que não toque minha pele. Não tenho certeza de que quero tocar nela também.

— Vamos sair daqui.

Corremos de volta em direção à cela e a Emil, mas, quando paramos nas grades entortadas para Nick passar, eu paro e olho para Valec de novo.

— Espera. Você é o *Valec*.

Valec me encara como se tivesse acabado de nascer uma cabeça extra em mim.

— Eu sei quem eu sou. Qual é o seu proble…

— Você conhece o *William* — interrompo.

Ele olha para Mariah dentro da cela e depois volta a me encarar.

— Sim, e daí? Você *sabe* que eu conheço o William…

— Ela não sabe — responde Mariah.

— Você pode ligar pra ele? — pergunto, o coração disparado no peito. — E pedir pra ele ir até o Instituto?

Valec puxa o celular, mas é Nick quem faz a pergunta:

— Por que o Instituto?

Eu balanço a mão livre, minha mente a mil.

— Porque acho que é lá que estão mantendo as meninas Artesãs de Raiz desaparecidas.

— Como você sabe disso? — questiona Valec.

— Que horas são? — pergunto, ignorando a pergunta.

Valec ativa o celular com um toque.

— Quatro e quinze da manhã.

— Liga para o William *agora*! — grito, a urgência acabando com minha paciência.

Valec não discute.

— Entendido. — Ele já está discando, correndo para achar sinal.

— Por que o Instituto? — repete Nick.

— Gabriel e os outros Regentes esconderam as meninas de Erebus, certo? — explico, me dando conta da situação rapidamente… e, ainda assim, tarde demais. Eu já deveria ter percebido isso. — Se Gabriel precisava de um lugar seguro para escondê-las durante a noite, onde pudesse estudá-las ou fazer experimentos com elas, ou seja lá o que for… esse lugar só pode ser o Instituto. Lá tem laboratórios. Médicos. A equipe é leal aos Regentes e guardaria o segredo dele, até mesmo de Erebus.

— Consegui falar com o William — diz Valec, voltando em um borrão. — Pedi para ele ir ao Instituto, mas ele disse que ele e Douglas tentaram entrar há alguns dias e não conseguiram passar pela segurança.

Eu não sei quem é Douglas, mas imagino que logo vou descobrir.

— Pede pra eles voltarem — ordeno. — Pede pra falarem que foi o Regente Gabriel quem os enviou. Há quartos com aparência de hotel do outro lado do prédio, atravessando uma passarela. Uma suíte no sexto andar. Eles precisam ir até lá, e devem fazer isso agora, enquanto ainda está escuro, antes do amanhecer, antes que Erebus descubra…

— O que Erebus tem a ver com isso? — pergunta Valec.

— Não temos tempo! — grita Mariah.

— Certo, certo — responde Valec, se afastando para fazer a ligação. — Você ouviu isso?

Nick balança a cabeça, os olhos reluzindo de admiração.

— Garota brilhante.

— Só se eu estiver certa — respondo, cautelosa.

— Você está. Eu posso sentir.



NÃO RECEBEMOS NOTÍCIAS de William imediatamente, e a adrenalina em minhas veias torna a espera difícil. Incomodo tanto Valec pedindo para ele checar as mensagens que, em um momento de exaustão, ele acaba jogando o celular no meu colo, apenas para conseguir focar na estrada enquanto eu fico de olho, aguardando a ligação de William.

A viagem da Penumbra até o Lounge demora tempo suficiente para que Mariah e Zoe adormeçam no banco de trás do SUV de Valec, mas estou ansiosa demais para descansar.

Se eu estiver errada sobre as meninas, não sei mais o que pensar. Se Gabriel as levou para outro lugar, é quase certo que nunca mais as encontraremos. Elas podem desaparecer para sempre. Virar estatística num boletim de notícias. O que me domina agora não é a culpa, mas o desespero.

Uma ânsia de corrigir as coisas, indo de uma garota desaparecida para outras quatro.

Depois da primeira meia hora de estrada, Nick tenta me convencer a descansar. Não me lembro de ter concordado, mas meu corpo deve ter decidido por mim. Acabo adormecendo com o celular de Valec na mão.

Nick me acorda com um leve empurrão quando Valec estaciona no pátio do Lounge da Encruzilhada, mas meu cérebro demora mais do que o normal para voltar a funcionar. Quando abro os olhos, consigo apenas vislumbrar a camada de magia visível sobre o prédio.

— Essa barreira é sua? — pergunta Nick. — Belo trabalho.

— Sim, é minha — responde Valec, acenando com a cabeça enquanto estaciona. — Fiz em camadas tão grossas que o Encruzilhada resistiria até a um cerco de uma Sombra. Assim que descobrimos que o Caçador tinha levado a Bree, reduzi pela metade o horário de funcionamento do Lounge e parei de aceitar contratos, assim pouparia energia e poderia lançar as barreiras. Comecei a fazer atendimentos em domicílio pra investigar pistas fora do meu território. — Ele desliga o motor. — Pensei que, se encontrássemos a Bree, poderíamos trazê-la pra cá e escondê-la dos Lendários e do Caçador, pelo menos

por um tempo. Se vocês não tivessem me contado, eu jamais teria imaginado que o Caçador estava na Ordem, muito menos que era a porcaria de um Mago Senescal. Ele pode voltar à Penumbra, descobrir que vocês sumiram e nos rastrear até aqui, mas as barreiras impedem que qualquer magia feita dentro do Lounge seja detectada do lado de fora. Isso vai atrasá-lo, assim como a necessidade de bolar uma nova estratégia. Acho que temos um ou dois dias para nos reagruparmos.

— Você estava procurando por ela — observa Nick. — Esse tempo todo.

— E também pelo Kane, mas logo percebi que era um beco sem saída. Mas sim, eu estava procurando por ela. — Valec cruza o olhar com o de Nick pelo retrovisor e continua a observá-lo. — Você não é o único que quer manter o poço de energia seguro, Herdeiro. Não é o único que quer protegê-la.

Nick devolve o olhar do cambion com firmeza.

— Eu sei disso.

A porta se abre, permitindo a entrada do ar frio da noite. Emil pega a coroa das minhas mãos e me ajuda a descer do veículo. Minhas pernas estão trêmulas após a viagem, e ele deixa que eu me apoie nele até recuperar o equilíbrio.

— Obrigada — digo baixinho. — Por nos resgatar e ajudar…

Emil sorri.

— Não foi nada.

— Nada? Sustentar literalmente *toneladas* de terra não é nada? — pergunto.

Atrás de nós, Nick desce, seguido por Zoe e Mariah. Agora que estamos à vista da barreira do Lounge, Zoe está com o celular de Valec no ouvido, tentando contatar Elijah.

— Bem — responde Emil, abrindo um sorriso discreto enquanto começamos a andar —, essa parte foi impressionante, mas não posso levar todo o crédito. Ancestrais, sabe?

— É, sei bem.

Ele dá uma risadinha.

— Aposto que sabe. Você é uma Artesã de Sangue, né?

Eu faço que sim.

— Herdado.

Ele assobia, impressionado. Espero algum comentário sobre o pecado da Arte de Sangue, mas ele não diz nada. À medida que nos aproximamos do Lounge, ele aperta meu braço de leve.

— Se seu ancestral fez essa escolha, então eu diria que você está fazendo um trabalho excelente ao dar significado à Arte de Sangue.

Meus olhos ardem.

— Você não me conhece o suficiente pra dizer isso.

— Você está lutando pra salvar quatro meninas Artesãs que nem conhece — diz Emil. — Acho que isso já diz muito.

Quando passamos pela barreira ao redor do prédio, estremeço ao sentir a magia de Valec. Não é uma barreira afetiva, nem tão cruel e agressiva quanto a de Erebus, mas é sólida. Segura.

Assim que atravessamos as pesadas cortinas na entrada e chegamos à sala principal vazia do Lounge, uma onda de sentimentos me invade com tanta intensidade que meus joelhos quase falham. Na última vez que estive aqui, estava cercada por pessoas que eu amava profundamente. E, ao sair, tudo havia mudado. *Eu* havia mudado.

Fico pensando se, quando deixar este lugar de novo, terei mudado mais uma vez.

Emil toca meu braço.

— Pode esperar aqui um pouco? Vou ver como estão os outros. — Ele me devolve a coroa embrulhada antes de ir.

— Claro. Obrigada.

Assim que Emil se afasta, alguém se aproxima.

— Olha ela aí, graças a todas as deusas! — diz uma mulher negra de meia-idade, com tranças grisalhas.

Ela fala com um tom de apreensão que aperta meu peito, mas também transmite cuidado e respeito.

— Olá — digo, enquanto a mulher me envolve em um abraço.

— Essa é a tia Lucille — explica Mariah ao meu lado, pegando delicadamente a coroa das minhas mãos pelas costas da tia.

— Ela sabe quem eu sou, Mariah! — Lucille dá um tapinha no ombro da sobrinha, mas logo a puxa para um abraço também. — E vamos ter uma conversinha sobre você ter pegado aquele Coração e se metido em perigo pelas minhas costas!

— Ela não sabe, não — resmunga Mariah. — E a gente precisa mesmo disso?

Lucille se vira para mim com os olhos castanhos arregalados.

— Do que ela está falando, Bree?

— Hum… — começo a dizer.

Mariah nos separa delicadamente.

— Tia Lu, a Bree está sob um tipo de feitiço…

— Um feitiço? — Os olhos de tia Lu se arregalam ainda mais.

— Bree?

Uma mulher negra mais baixa, usando um xale, se aproxima de nós.

— Graças a Deus.

Ela me envolve em um abraço também, me apertando contra o peito. Eu me enrijeço, talvez por não saber o nome dela. Mas sua a voz, o seu rosto… e esse abraço, *meu Deus*, esse abraço… esquenta meu corpo até os ossos.

— Oi — digo, com a voz abafada.

A mulher me solta no mesmo instante. Seus olhos estão atentos, examinando meu rosto e meu corpo.

— Tem algo errado com você. Está ferida?

— Não, eu…

— Hazel, ela foi ferida — diz Lu. — Um feitiço.

— De quem é esse feitiço? — pergunta Hazel, olhando para mim. — Do que você precisa?

— Ela precisa dormir e comer, mas não vai fazer nada disso até termos notícias das garotas — responde Nick, surgindo ao meu lado e me poupando da explicação. — Eu sou o Nick, aliás.

Ele estende a mão.

— É claro que é — responde Hazel, olhando para ele de cima a baixo. — Quem mais você *poderia* ser além de Nick Davis?

Nick cora.

— Senhora?

— Pode me chamar de Hazel. — Ela olha por cima do ombro, em direção a um dos três corredores escuros feitos de contêineres acoplados ao prédio. Cada corredor tem uma placa de neon brilhante acima da entrada: DESCANSO. DESEJOS. PRAZER. — Temos uma cama sobrando, Bree pode descansar lá.

— Ainda não — responde Valec, se aproximando de Hazel. — Enquanto esperamos notícias de William, acho que Bree e eu podemos ter aquela nossa conversinha.

— E por que essa "conversinha" não pode esperar? — questiona Hazel.

Valec me encara.

— Tem uma resposta pra isso, poço de energia?

Não tenho. Não estou cansada, embora saiba que deveria estar.

— O que está acontecendo, Bree? — A preocupação é evidente no rosto de Hazel.

— Eu… — Sinto um aperto no peito só de pensar em decepcioná-la. — *Sinto* que você é alguém que conheço e em quem confio, mas nossas interações, nossas conversas…

Nick intervém quando Hazel parece alarmada.

— Eu posso explicar.

— Eu gostaria de ouvir uma explicação também — diz Valec —, mas da *Bree*, não de você.

— Não gostei desse tom — retruca Nick para o cambion. — Algum problema?

— Vários, na verdade — rebate Valec. — Mas obrigado por perguntar.

— Acho que também não gosto do seu tom, *Valechaz*. — Zoe se aproxima do grupo. Está com o celular de Valec, mas pelo jeito ansioso com que sua unha bate no estojo de plástico, percebo que Elijah não atendeu. No carro, tínhamos imaginado que ele teria pelo menos um dia antes de Erebus voltar para casa, mas sei que ela preferiria falar com o irmão o quanto antes.

— Ah, o que é *isso* agora? — Valec se vira para ela, os olhos brilhando com sarcasmo. — Não me diga que uma filhote de cambion acha que pode me desafiar no meu próprio território? Dentro dos limites da *minha* barreira?

Zoe dá um sorrisinho debochado.

— Essa *filhote* aqui não liga muito pra esse papo de território. Qual é o problema, *vovô?*

— Tem algo errado com o poço de energia. Todos nós estamos sentindo isso. — Os olhos de Valec brilham em vermelho, e sua voz desce uma oitava. — E a minha paciência

tem limite. Então é melhor que *alguém*...

— Eu não conheço vocês! — grito, interrompendo-o.

Os olhos dele se arregalam, depois ficam sérios. Antes que ele possa perguntar novamente, solto tudo de uma vez, num impulso trêmulo.

— Eu não sei quem são vocês! Não conheço meu próprio pai. Meus próprios amigos. Eu poderia passar por eles na rua e... não saberia os nomes deles, não reconheceria seus rostos. Não sei por que gosto das pessoas, por que *as amo*. — Engulo em seco, os olhos ardendo. — E não sei por que elas gostam de mim ou me amam também.

O silêncio domina o ambiente, e tudo que ouço é minha própria respiração entrecortada.

— Foi *ele* quem fez isso comigo — declaro. — *Roubou* algo de mim. E não sei como recuperar.

Todos permanecem calados. Valec cruza os braços. E então pergunta:

— Você quer recuperar?

— Quero — respondo, sem hesitar.

Um sorriso se espalha pelo rosto de Valec.

— Era só isso que eu precisava ouvir.

Quarenta e cinco minutos depois, após Hazel insistir para que todos fizéssemos uma refeição completa e *eu* insistir que a coroa fosse guardada em um cofre protegido por uma barreira atrás do bar de Valec, me encontro sentada em um banquinho sob as luzes intensas do palco vazio do Lounge da Encruzilhada, enquanto Valec anda ao meu redor com a mão no queixo.

— Isso vai machucá-la? — pergunta Mariah.

Ela, Nick, Hazel, Zoe, Lucille e Emil estão parados na frente do palco.

— Não. — Valec para à minha frente. — Só vamos fazer um pequeno tour pelo corpo metafísico do nosso poço de energia.

Eu me sobressalto.

— Metafísico...?

— Acredite se quiser, já fizemos isso antes — diz Valec com um sorriso travesso. — Foi assim que descobri sua marca de sangue. O que faço é tipo dar uma espiada no seu inventário mágico.

— Tipo ler a minha aura? — pergunto.

— Aura é algo que a pessoa *emite*, não algo que carrega dentro de si. Eu consigo sentir alguns elementos *dentro* de alguém, incluindo habilidades e magias com as quais a pessoa nasceu, e também posso detectar magias que ela absorveu ao longo do tempo. Como um Juramento ou acordo — ele faz uma pausa, uma expressão sombria estremecendo seus

dedos antes de desaparecer — ou uma mesmerização implantada na mente de alguém sem seu conhecimento ou permissão.

Há mais nessa fala sobre mesmerizações não consensuais do que Valec está revelando. Dá para ver nos olhos dele. Quero muito perguntar, *investigar*, assim como ele quer me examinar, mas quando seus olhos castanho-escuros se fixam de novo nos meus, estão completamente fechados. Esta é uma experiência unilateral. Ele pode me ver, mas não vai me deixar vê-lo.

Isso não me parece justo. Franzo os lábios, irritada.

Valec percebe meu descontentamento antes que eu diga qualquer coisa.

— Temos que manter o foco, certo?

Deixo minhas perguntas de lado — por enquanto.

— Certo, tudo bem — concordo. — Bem, já posso afirmar que isso não é uma mesmerização.

— Ainda não olhei, mas suspeito que você esteja certa.

— Se descobrir o que o Rei fez — digo, lançando um olhar para Nick e relembrando os construtos e feitiços que ele consegue Ver e desmanchar —, consegue entender como a magia funciona?

Valec balança a cabeça.

— Só porque sei ler os ingredientes numa caixa de mistura pra bolo não quer dizer que eu saiba assar o negócio.

Os lábios de Nick se contraem em um sinal de frustração, e tenho certeza de que ele está pensando o mesmo que eu. Valec não consegue usar magia como Nick. Ele não consegue Ver as camadas internas, os mecanismos, nem pode tentar desmontá-la. No entanto, consegue localizar e identificar elementos mágicos de um jeito que Nick não consegue.

Eu me remexo no banco. Se Valec não pode descobrir nem desfazer o que Erebus fez, será que deixá-lo vasculhar meu interior metafísico vai mesmo me aproximar de recuperar a parte de mim que foi roubada? Ou vou apenas entender mais… sem poder fazer nada a respeito disso?

Sentindo meu desconforto, Nick se aproxima do palco e sussurra:

— Bree, você não precisa fazer isso.

— Eu sei — respondo, com a voz fraca.

Nick contrai o maxilar ao perceber minha hesitação.

— Talvez seja melhor esperar um pouco.

Endireito a postura na cadeira, buscando confiança por mim e por ele.

— Eu quero fazer isso, Nick.

— É, Herdeiro — diz Valec. — Ela quer fazer. Então vamos.

Os olhos de Nick continuam fixos em mim. Seus punhos se fecham, um sinal silencioso de que ele me apoiará se eu desistir.

— Estou pronta — digo a ele, a mim mesma, a Valec.

— Eu também — murmura Valec, se aproximando. — Será que dá pra não me arremessar para o outro lado da sala dessa vez?

Ergo a sobrancelha.

— Não vou prometer nada.

Valec sorri.

— Anotado. — Ele se aproxima mais, com a palma da mão estendida. — Mesmo aviso de antes: não vai doer, mas também não vai ser *agradável*.

Eu me preparo para o desagradável… e então ouvimos um estrondo forte na porta.

— Eles chegaram! — anuncia Lucille.

Valec vira a cabeça na hora, os olhos se estreitando e a mão caindo ao lado do corpo. Depois, se vira para Emil:

— Emil, fique pronto, caso tenham trazido companhia.

Emil assente e corre até a porta. Nick o segue, perguntando algo enquanto acompanha o passo mais largo do homem mais velho.

— Vamos ter que adiar isso — comenta Valec, recuando e olhando para Zoe. — Fica do lado dela, filhote.

— Eu sei o que fazer! — rosna Zoe, os olhos vermelhos faiscando. — E para de me chamar assim.

Ela desaparece em um borrão até o palco e para ao meu lado assim que Valec salta para o andar de baixo, acompanhando Emil e Nick.

O silêncio paira enquanto os três entram no saguão, e Zoe se aproxima ainda mais de mim. Um segundo depois, Valec grita:

— Tudo limpo! — Nós duas relaxamos os ombros ao mesmo tempo. — Mas vamos precisar de várias mãos aqui!

Zoe me encara e, em seguida, corre até a porta. Mariah e eu a seguimos a tempo de ver as cortinas se abrirem.

— Bree! Mariah! Venham aqui! — chama Zoe. Aceleramos para alcançá-la, junto com os novos rostos que estão na entrada. — Eles encontraram! Encontraram as garotas!

Emil é o primeiro a entrar, trazendo uma menina negra magra, vestida com uma calça jeans larga e uma camiseta. Ela caminha com apreensão até o Lounge, os olhos brilhando intensamente. É uma Artesã de Raiz, em pleno feitiço.

A magia suave que flui de suas mãos e olhos é amarelo-canário, cintilando com listras metálicas prateadas. Uma das quatro cores de raiz nos frascos que o Regente Gabriel tanto buscava com seu lance vencedor. Suas bochechas arredondadas são de um marrom-claro, salpicadas de vermelho pelo ar gelado do inverno. À medida que a multidão se abre entre nós e Mariah fecha as cortinas correndo, a menina percebe meu olhar chocado e acena, e então tenho um vislumbre do aparelho prateado em seus dentes.

— Oi.

Ela é *tão* jovem. Mal chegou à adolescência. Meus olhos ardem.

— Oi.

Ao lado dela, Emil levanta os olhos.

— Hazel? Ela está tremendo. Precisamos de roupas limpas, um cobertor…

Hazel já está se aproximando, às pressas.

— Os quartos estão prontos, Emil, é só seguir por esse corredor.

Emil a acompanha por um dos corredores metálicos, e a jovem se vira uma última vez para encarar o bar alto e o palco iluminado antes de ser levada embora.

Zoe vem logo em seguida, guiando uma garota mais velha, a pele negra retinta. O cabelo da garota está preso em longas tranças que começam escuras na raiz e fluem em mechas castanhas e loiras até a altura dos quadris. Seu olhar é afiado, e ela analisa todos os cantos do Lounge, mesmo com o cansaço evidente nos círculos escuros sob seus olhos brilhantes. A raiz que flui de seu rosto e ponta dos dedos é de uma cor que reconheço: um dourado cintilante e reluzente. Quando elas passam por mim, tento esconder que estou aos prantos. Lucille surge e ajuda a garota mais alta a caminhar quando seus joelhos fraquejam.

— Precisamos desligar sua conexão — murmura a mulher mais velha. — Você vai se sentir melhor depois. Vamos colocar comida nessa barriga e uma bebida quente pra te aquecer…

Mariah passa o braço ao redor de uma terceira garota Artesã de Raiz. A raiz dessa menina tem um tom amarelo-manteiga intenso. Ela se apoia em Mariah, os olhos levemente abertos, revelando apenas uma fina fresta de seu brilho. O cabelo está cortado rente às têmporas em cachos pretos bem definidos. As unhas da garota cravam círculos fundos e desesperados nos antebraços de Mariah, mas duvido que ela perceba. No entanto, Mariah não reclama, nem pede que ela solte. Quando Mariah diz algumas palavras baixinho, o rosto da menina se ilumina com um sorriso radiante, revelando um espaço entre os dentes da frente e mais covinhas do que consigo contar. Quando passam por mim, cruzo o olhar com ela, e a garota sorri.

O sorriso da garota resgatada me tira da inércia. Corro até a porta para ajudar com a última menina, torcendo para reconhecê-la também, não só pelo poder da magia, mas pelo seu rosto. Rezo para que ela esteja segura, para que eu não tenha falhado com ela…

Então, assim que puxo as cortinas, dou de cara com a garota que ocupa meus pensamentos há semanas. A mesma que vi pela primeira vez no chão sujo do banheiro de um bar decadente. A raiz que brilha em seus olhos é dourada, quase da cor do pôr do sol. Ela ofega.

— É você!

— Eu…

Damos um passo uma em direção à outra, e antes que eu consiga perguntar se ela está bem, ela me envolve num abraço.

Minha visão fica embaçada. Os ombros dela tremem, e eu a aperto com ainda mais força.

— Me desculpa — murmuro, ao mesmo tempo que ela diz:

— Obrigada.

Fico sem palavras, recuando um passo.

— Eu não… eu não fiz nada.

A garota balança a cabeça, enxugando os olhos antes de responder:

— Fez, sim. Disseram que uma garota Artesã de Raiz nos mandou ajuda, e eu me perguntei se era você. — Ela aperta minhas mãos. — Você não me esqueceu.

Não tenho resposta para isso. Como poderia tê-la esquecido? Com tantas pessoas sumindo da minha mente e partes de mim também desaparecendo, me prender à imagem dela foi fácil… porque era certo.

— Claro que não. — Engulo em seco, a voz falhando. — Eu deveria ter te encontrado mais rápido. Deveria ter ido atrás de você.

Ela balança a cabeça outra vez, com um sorriso fraco surgindo entre as lágrimas.

— Eu disse para você não fazer isso.

Ela ri. E eu também. E sei que muito tempo já se passou para nós duas.

— Eu nem sei seu nome — digo.

— Nora. — Ela sorri de novo. — Nora Green. E o seu?

— Bree — respondo. — Bree Matthews.

— As outras três são Joy, a menininha que chegou primeiro, Melanie e Amber.

Nora. Joy. Melanie. Amber. Gravo seus nomes na memória.

Passo o braço ao redor da cintura de Nora e, juntas, damos passos lentos em direção ao Lounge. Mariah sai de um dos corredores iluminados por luzes neon e balança a cabeça ao nos ver.

— Nenhuma de vocês está em condições de andar sem ajuda. O que acham que estão fazendo? — Ela se aproxima de Nora e a envolve com o braço também. — Vamos levar você até um quarto e ajudá-la encerrar esse trabalho.

— Podemos nos sentar um pouco primeiro? — pede Nora. — Tudo aconteceu tão rápido. Só preciso de um minuto.

Paramos no bar. Mariah se certifica de que Nora está confortável antes de se afastar para ajudar as tias com as outras.

— Imagino que você queira saber o que aconteceu — diz Nora.

Assinto.

— Se você não se importar em contar.

— Fomos levadas em momentos diferentes, mas todas nós fomos capturadas por um bruxo enquanto estávamos trabalhando. — Ela engole em seco. — Eles nos alimentaram e não nos machucaram, mas não deixaram a gente sair, nem entrar em contato com nossas famílias, nem cortar a ligação com nossos ancestrais. Queriam que o canal entre nós e os mortos permanecesse aberto. *Insistiram* nisso. Joy quase morreu. Ela é tão nova na arte, sabe? Tão novinha. — As sobrancelhas escuras dela se franzem com a memória.

— Nos mantiveram em movimento, em hotéis. Então, na noite passada, um homem de terno apareceu. Colocaram vendas na gente. Os bruxos e o homem nos levaram para fora, até um campo, e nos enfiaram num helicóptero. Talvez tenha passado uma ou duas horas no ar? Não sei dizer. Mas pousamos perto de um tipo de complexo. Quase parecia um hotel de luxo, mas com uma energia estranha. Ouvi o piloto falando. Ele chamou o lugar de… de…

Sinto um calafrio.

— Instituto.

Ela assente.

— Isso, isso mesmo! Pessoas estranhas nos traziam comida. O homem de terno e um médico foram até o quarto e — ela vira o braço para cima, mostrando um curativo na dobra do cotovelo — tiraram nosso sangue.

— Foi o Gabriel — diz uma nova voz. Um garoto Merlin branco que eu não reconheço está parado na porta atrás de nós. Ele é alto, com cabelo ruivo raspado nas laterais, um corte de cabelo que reconheço como parte do uniforme da Guarda dos Magos. — Gabriel escondeu as meninas no Instituto, Bree, como você tinha dito.

Não sei o que esse menino estava vestindo da última vez que o vi, mas hoje ele está usando um casaco azul-marinho, com um par de luvas para fora de um dos bolsos, calça larga preta e botas de couro desgastadas.

— Eu não sei… — começo, envergonhada.

— Quem eu sou? — diz o garoto, com um sotaque escocês forte. Ele sorri. — É, fiquei sabendo. Nick me explicou lá fora. Não tem problema. Meu nome é Lark. Podemos conversar depois. — O Merlin se aproxima de Nora, oferecendo o braço. — Will e Hazel querem se certificar de que você está bem, se ainda quiser ser examinada. Acho que tem uma refeição caseira esperando por você também.

Nora aceita o braço dele.

— Parece ótimo.

Lark a guia para fora.

— Valec está ligando para os seus pais. Eles vão chegar em breve.

O sorriso de Nora se alarga.

— Obrigada. — Ela acena por cima do ombro. — Obrigada de novo, Bree.

Aceno de volta, mas preciso reunir todas as minhas forças para não desmoronar.

Os Regentes queriam o sangue das garotas, mas Erebus disse que caçar Artesãs de Raiz e capturá-las vivas era algo sem precedentes na história da Ordem. A implicação óbvia era que a Ordem nunca havia demonstrado qualquer interesse no poder das Artesãs de Raiz, ao contrário dos demônios. Os Regentes nunca consideraram as Artesãs de Raiz uma ameaça ou uma força *valiosa o suficiente* para serem capturadas vivas, muito menos estudadas em um laboratório. Erebus não entendia por que os Regentes passaram a se interessar tanto pelas Artesãs de Raiz, após tanto tempo ignorando-as.

Mas eu sei.

Eu sei exatamente por que os Regentes querem as Artesãs de Raiz agora.

Por minha causa. Eles as querem por minha causa.



ESTOU PARADA NO MEIO DO SALÃO do Lounge, consumida pelo pavor e pela raiva, quando Nick e outro garoto branco passam pelas cortinas pesadas e entram no prédio, envolvidos em uma conversa intensa. O novo garoto é alto, tem um rosto gentil e está usando um casaco grosso, calça jeans e botas.

Nem preciso perguntar para saber que esse é William.

Nick encontra meu olhar do outro lado da sala, e seu sorriso desaparece assim que vê minha expressão. Antes que ele possa me examinar mais a fundo, William me avista.

— Bree!

O cabelo castanho-claro e bagunçado de William se levanta com o vento enquanto ele corre até mim, sorrindo de orelha a orelha. Ele para bem na minha frente, com os olhos brilhando e as bochechas coradas pelo frio.

Uma parte da minha raiva se dissipa diante do entusiasmo de William, e o restante quase desaparece quando uma profunda preocupação toma conta de seu rosto. Ele me analisa dos pés à cabeça, como se estivesse procurando por ferimentos.

— Nick me contou sobre a sua perda de conhecimento — diz ele, ofegante. — Sei que você não se lembra de mim, mas estou tão, tão feliz por você estar bem.

Noto que ele usa as palavras "perda de conhecimento", e não "perda de memória". Está sendo cuidadoso com as palavras, o que significa que Nick também foi.

— Você é o William — murmuro. — Herdeiro de Gawain. Um curandeiro. Você correu atrás de mim no dia em que deixei a Fortaleza também.

— Sim. — Ele assente, encorajador, com um sorriso ainda maior. — Tudo isso é verdade. Também sou seu amigo, e nesse momento estou resistindo *com todas as minhas forças* à vontade de abraçar você.

Um sorriso fraco surge em meus lábios.

— Na verdade, eu aceitaria um abraço de um amigo agora.

William me envolve tão rapidamente que todo o ar escapa de mim. Ele me gira, rindo baixinho no meu ouvido, com uma voz repleta de alívio e alegria que me faz rir involuntariamente.

É um abraço breve, de apenas alguns segundos, mas deixo que ele me cubra como um cobertor quente, me ancorando antes do próximo golpe.

Quando William se afasta, me observa de novo, os olhos percorrendo o mesmo caminho da cabeça ao rosto, do tronco até as pernas.

— Você *está* bem? Sem ferimentos?

— Nada físico. — Mordo o lábio, o desespero de antes voltando, mesmo com a luz que William traz. — Nora acabou de me contar o que aconteceu com ela e com as outras meninas.

Os olhos dele escurecem.

— Fico feliz que tenha pedido para o Valec nos chamar. Conseguimos chegar rápido ao Instituto porque já estávamos no Alojamento. Tentamos entrar no Instituto alguns dias atrás, depois que Nick foi embora com Ava para a Geórgia, mas os seguranças não deixaram. Não há Merlins suficientes pra proteger um prédio quase vazio, então os guardas são todos Vassalos humanos. Pensamos em lutar e forçar a entrada, mas havia a chance de eles alertarem o Conselho, e eu não podia arriscar ser capturado de novo e… — William hesita, soltando o ar devagar pelo nariz. — Precisávamos de um plano melhor.

— Eles torturaram a gente lá, William. *Disso* eu sei — respondo. — Você fez certo em não arriscar.

— Foi o que eu disse. — Lark entra novamente na sala. Para ao lado de William, encosta levemente o ombro no dele e depois se volta para mim. — Sua ideia de usar o nome do Gabriel funcionou perfeitamente, Bree. Os Vassalos no local operam sob a autoridade direta dele. Há boatos de que Tacitus até mesmerizou alguns para avisá-lo caso outro Merlin tente mexer na memória deles, então eu também não podia usar a mesmerização. Mas assim que dissemos que estávamos lá sob ordens do *Regente Gabriel* para realocar as novas "hóspedes", levaram o William direto até as meninas.

— Enquanto isso, Lark usou a velocidade de cambion para vasculhar os laboratórios — acrescenta William, satisfeito.

Lark cora.

— Só segui o seu instinto, Will.

— Que instinto? — pergunta Nick, se aproximando para se juntar a nós. — Da última vez que te vi, você estava na estrada quando eu saí com Ava.

William assente.

— Encontramos seringas com Thompson. Em vez de voltarmos para a Fortaleza ou para o Alojamento, fomos direto ao Instituto.

Ele e Lark se entreolham.

— Seria bom mostrar as fotos pra ela — diz Lark.

— Que fotos? — pergunto.

— Estacionei seu carro atrás do prédio, Guarda. — Valec reaparece no bar e lança um molho de chaves para Lark, que as pega no ar com destreza. — Carrinho bonito. Nunca imaginei você dirigindo uma minivan.

— Assiiiim… — Lark fica vermelho pela segunda vez na noite. — Eu não diria que é *meu* carro. Precisávamos chegar rápido, então…

As sobrancelhas de Valec se erguem, divertidas.

— Não me diga que você *roubou um veículo*, sr. Lei e Ordem?

William solta uma risadinha, e Lark lança um olhar fulminante para ele.

— Foi só nos últimos quilômetros. O Lounge fica a cinco horas de distância do Instituto, então eu talvez, assim, *quem sabe*… — ele faz uma careta — também tenha roubado o helicóptero do Regente Gabriel no hangar ali perto?

— Virou personagem do GTA? Roubando carros *e* helicópteros na mesma noite? — Valec sorri. — Ainda há esperança pra você, Guarda Douglas.

— Que fotos são essas que vocês mencionaram? — insisto, impaciente.

Lark fica sério e puxa um celular do bolso interno do casaco.

— Como Will disse, enquanto ele resgatava as meninas, eu revirei os laboratórios para investigar os frascos que pegamos com Thompson. Só deu tempo de tirar algumas fotos, então não sabemos exatamente o que estão planejando, mas… — Ele me entrega o celular, e Nick e Valec se aproximam.

Abro uma pasta com cinco fotos. Algumas estão borradas, como se tivessem sido tiradas às pressas, mas consigo distinguir bem o que estou vendo: um longo balcão de laboratório, com tubos de ensaio, béqueres e frascos. Passo para a segunda foto. Um caderno aberto com equações que eu não entendo. Deslizo para a terceira. Quatro frascos rotulados com letras de A a D. Uma centrífuga. E, por fim, outro conjunto de cinco frascos, desta vez marcados com rótulos quase idênticos escritos em uma caligrafia preta e legível: *BM1. BM2. BM3. BM4. BM5*.

Nick segura o celular antes que eu o deixe cair.

— Que merda é essa, Will?

— "BM" é bem óbvio. — William parece se desculpar, embora não tenha culpa de nada. — É o sangue da Bree. Eles estão fazendo experimentos com o sangue da Bree.

— E com o sangue de Artesãs de Raiz ainda ativas — diz Valec, com a voz baixa e ameaçadora. — Para quê?

William engole em seco.

— Se eu já estivesse pesquisando como controlar propriedades mágicas no corpo humano, ativar e desativar habilidades com um soro, tentando isolar o poder do Ciclo de alguma forma… e se eu tivesse encontrado alguém como a Bree, que consegue acessar os poderes dos ancestrais de um jeito novo e mais poderoso…

A sala fica em silêncio, mas as palavras do Rei sobre ganância e fraqueza ecoam nos meus ouvidos. *Um homem que é os dois tentará recriar aquilo que está além do seu entendimento… e, no processo, aniquilará o original.*

— Eles não conseguem me encontrar. Não conseguem me controlar. Então estão tentando me recriar?

William solta o ar com força.

— Replicar o seu poder, ou pelo menos descobrir como neutralizá-lo, pode ser possível. Já se passaram meses desde que você foi vista pela última vez. Se desistiram de rastrear sua árvore genealógica pra localizar o próximo Herdeiro de Arthur, então devem estar tentando usar o que têm pra controlar a Távola e manter a supremacia dentro da Ordem e na guerra. Parece que mudaram de estratégia e agora estão caçando usuários de magia renegados com poderes semelhantes aos seus pra estudá-los e tentar recuperar a vantagem.

— Não vai funcionar — diz Valec, se afastando, os dentes à mostra. — Não *existem* usuários de magia aleatórios com poderes como os dela! Bree é um cruzamento de forças único, que só acontece uma vez na vida. Ela é única.

— *A gente* sabe disso — responde William —, mas o Conselho não sabe. E eles não precisam recriar nem *metade* do poder da Bree pra causar estragos na guerra. E além dela.

— *Como* eles conseguiram frascos com o sangue da Bree?! — exclama Nick.

— Fizeram isso quando eu estive no Instituto — respondo. — Eles me mesmerizaram tantas vezes que passei dias lá dentro. *Dias*.

— Nunca pensei que diria isso... — Valec esfrega o queixo. — Mas talvez isso seja pior do que o Caçador se alimentando da magia das garotas. — Ele volta a andar na direção de William. — O que eles podem fazer com o que têm?

— Não sei — responde William. — Talvez nada. Depende do que já descobriram, das pesquisas que já concluíram... Pelo que sei, Bree é uma anomalia, como você disse. É possível que usem o sangue das garotas e o da Bree e acabem num beco sem saída. Grande parte da ciência é feita de becos sem saída, pra ser sincero.

— Mas sabemos que estão tentando fazer *alguma coisa* — digo. — Estão ficando criativos.

— E desesperados — acrescenta Nick. — Gabriel gastou uma fortuna ontem à noite. Vai saber que outros recursos estão sendo utilizados nessa situação?

— Na situação que *eu* criei, você quer dizer — respondo —, quando fui embora.

— Não. — Nick segura meus ombros. — Não se culpe. Eles podem ter começado esse experimento antes de você ir. Já tinham seu sangue guardado. A Ordem faz pessoas sumirem há décadas. Podem ter coletado o sangue de usuários rebeldes antes de matá-los durante todo esse tempo.

— Mas se eu não tivesse ido embora, eles teriam apenas *me* estudado. — Levo a mão trêmula à boca. — E Nora, Amber, Joy e Melanie não teriam sido capturadas.

— Você não sabe disso — diz Valec. — Davis está certo.

— Mas posso *supor* — retruco. — Mesmo que as garotas fossem levadas de qualquer jeito, por minha causa ou não, isso não muda o fato de que os Regentes precisam ser detidos. Eles não podem fazer isso!

— Eles *já estão* fazendo isso — observa Valec, rouco. — Mexendo com corpos e pessoas que não pertencem a eles. É por isso que você está aqui, poço de energia. É por isso que você foi embora… e eu nem te culpo, a não ser por algumas rugas de estresse a mais que eu tenho certeza de que são culpa sua.

Eu me afasto, andando de um lado para o outro.

— Não. Eu não aceito isso. Não aceito.

— O que você quer fazer? — pergunta Nick.

Eu olho para Valec.

— Antes de mais nada, trazer meu pessoal de volta.



Desta vez, Valec não me dá nenhum aviso. Ele empurra a palma da mão contra o meu esterno — e, então, eu me perco. Sou arrastada, afundando nos olhos cor de rubi e na voz profunda dele.

— Respire.

Quando ele termina sua leitura, está de pé e com uma expressão confusa.

Volto ao palco piscando, tonta, com a mão dele apoiada em minha clavícula.

— Funcionou?

— Não — responde ele.

— O que aconteceu? — pergunto. — Eu senti você.

Ele balança a cabeça.

— Não sei. Eu vi sua marca, sua Arte de Sangue, sua raiz, até partes daquele Feitiço da Eternidade, mas é como se… faltasse uma parte de você… — Ele puxa a mão de volta.

— Como assim? — pergunta William. — Alguma coisa deu errado?

Ele, Lark, Zoe, Mariah e Nick estão parados na beira do palco, observando tudo. Emil, Lucille e Hazel estão no fundo, cuidando das meninas enquanto esperamos pelos pais delas.

— Não é que tenha dado errado, só foi algo inesperado. Preciso olhar mais de perto. — Valec se aproxima, com o rosto tenso e concentrado. Ele envolve meu maxilar com as mãos quentes, pressionando minhas têmporas e entrelaçando os dedos no meu cabelo… e seus olhos castanhos me puxam de volta ao fundo. — *Olhe pra mim* — ordena ele, e eu me desfaço sob seu olhar.

Todas as minhas camadas se abrem, se rasgam. O peso do poder dele me puxa com força no peito e na mente, depois me lança de volta em pedaços, como se ele estivesse vasculhando meu ser, as partes fundamentais de quem eu sou. Um puxão, depois um alívio. Um mergulho profundo, depois um empurrão, como o vai e vem de uma onda do mar.

Depois de um momento, ele recua com um suspiro, soltando meu rosto como se tivesse se queimado.

— Merda.

— O quê? — pergunto, um pouco grogue. — O que você viu?

— É mais o que eu *não vi*. O que foi quebrado. — Seu rosto bonito se contorce de horror. Ele pisca rapidamente, os dedos tremendo ao lado do corpo. — Eu nunca… Eu nem sabia que isso era *possível*. Nunca soube que *podia* ver isso, mas agora que está ausente, agora que está fraturado, é claro como o dia. Visível só pela ausência…

— O que aconteceu comigo? — pergunto, meu foco enfim retornando. — Por que você está com essa cara de medo?

— Não é medo — sussurra Valec, o olhar distante. — É choque. É. É isso.

— Valec! — exclama Mariah. — O que aconteceu?

O olhar de Valec se volta lentamente para a prima ao ouvir a voz dela.

— Por quê?

A princípio, penso que ele está se dirigindo a Mariah, mas logo Valec se vira para mim, e a pergunta se repete:

— *Por quê*, poço de energia? Por que você fez isso?

— Fiz o quê?

Para minha surpresa, o olhar dele se transforma, como rubis furiosos, e sua voz se torna acusadora.

— Por que você deu uma parte da sua alma?

Eu pisco, atônita.

— Eu não dei.

— Não mente pra mim. Eu mereço mais do que isso. E você também.

— Não, eu… — gaguejo, olhando para os rostos chocados dos meus amigos e, em seguida, para a expressão furiosa de Valec. — Eu não estou *mentindo*!

— Você tem ideia do que fez? — dispara Valec. — Do quanto isso é *irreversível?*

Dou um passo para trás, me afastando do calor que emana da pele dele. A cadeira tomba no palco atrás de mim.

— Eu juro que não sei do que você está falando.

— Valec! — grita Mariah. — Explique!

Ele engole em seco, os olhos escurecendo até ficarem castanhos.

— Por mais que nós, negociadores, gostemos de brincar com a cabeça das pessoas com essa história do diabo na encruzilhada trocando almas por talento e afins, isso não é algo que a gente possa de fato manipular. É uma lenda pra nós também. Uma história, a ideia de que poderia existir um demônio tão poderoso a ponto de tomar posse da alma humana. — Ele suspira, frustrado, e começa a andar de um lado para o outro no palco. — É uma lenda porque a alma não é um objeto físico que alguém possa segurar nas mãos. É algo amorfo, mutável, impossível de capturar. Mesmo que todo ser humano tenha uma alma, cada uma é única. A alma é o motor que impulsiona uma pessoa, aquilo sem o qual ela não consegue viver, e por isso pode ser feita de qualquer coisa que se possa

imaginar. É um núcleo metafísico inacessível que não pode existir fora de quem a carrega. Mas nas histórias sobre esse demônio que *consegue* roubar uma alma, há um detalhe importante: esse demônio não pode tirar a alma de uma pessoa viva, a não ser que ela mesma ofereça. — Ele me encara e para de andar. — A alma não pode ser removida sem que a própria pessoa aceite abrir mão dela.

— Mas eu… — Olho novamente para meus amigos, balançando a cabeça. — Eu jamais escolheria esquecer meus amigos, meu pai, minha… — Minha voz falha. — Quando cheguei à casa de Erebus, ele disse que eu estava *fraturada*. Ele fez algo comigo naquele momento, talvez tenha quebrado minha alma de algum jeito…

— Ah, Bree… — Os olhos de Mariah se enchem de lágrimas, e seu rosto está pálido de medo. — Seu fluxo ancestral.

— O que tem o fluxo ancestral dela? — pergunta Valec, tenso.

Cada nervo do meu corpo se inflama, uma dor aguda e incandescente sob minha pele.

— Eu… eu o queimei…

Valec arregala os olhos.

— Você fez *o quê*?

Meu rosto cora, a vergonha me dominando rapidamente. Para minha surpresa, é Mariah quem intervém.

— Você não tem o direito de julgá-la por isso, Valechaz.

Valec pisca, olhando para a prima.

— Mas é claro que tenho…

— Não! — exclama Mariah, erguendo um dedo. — Ela ainda é a Bree. E foi a única que teve que lidar com tudo isso. De todas as formas.

— E foi *assim* que ela resolveu? — rosna Valec.

— Dá um tempo, cara! — grita Zoe lá de baixo.

Valec se vira para mim de uma vez.

— Decisões como essa têm *consequências*, poço de energia! Quando você queimou seu fluxo ancestral, fraturou sua *própria* alma. Arrancou um pedaço e o deixou solto, à disposição!

— Ela não sabia — rebate William com firmeza. — E gritar com ela *não* ajuda em nada.

— Vocês não estão entendendo? — resmunga Valec. — O Rei nem *precisou* de contrato. Só precisou pegar o que foi oferecido!

— Não foi oferecido! — grito antes mesmo de perceber. — Eu não sabia que minha alma estava conectada às pessoas da minha vida. Como eu poderia saber? Não me culpe pelo roubo do Rei!

— Não vou fazer isso, porque você tem razão. Roubo é roubo — responde Valec, com a voz tensa. — Mas você *escolheu* abrir mão de uma parte de si. Não só dos ancestrais, mas de nós também.

Sinto um misto de raiva e culpa queimando no meu peito, se unindo numa combinação perigosa.

— Isso *não* é justo…

— O que *não* é justo são as coisas que tivemos que fazer pra encontrar você! — Valec solta uma risada seca. — As coisas que arriscamos…

— Eu não pedi que vocês arriscassem nada por mim.

— E nunca vai precisar. — Valec me encara com um olhar duro. — Uma alma como a sua é algo pelo qual se mata e se morre, Briana Matthews. Sua alma é o motor por trás de um poder capaz de mudar o *mundo*. Sem igual, nessa dimensão ou em qualquer outra. Inestimável. E você a *entregou* como se não fosse *nada*. — Ele solta um rosnado baixo, furioso… e eu me encolho.

Na mesma hora, Nick se interpõe entre mim e Valec, com o aether cintilando na ponta dos dedos, pronto para atacar.

— Já chega.

O silêncio se espalha pela sala com a ameaça sutil na voz de Nick.

Em resposta, uma onda de calor e ira irradia do corpo de Valec, nos atingindo com força. Forçando os outros, até mesmo Zoe, a virarem o rosto para longe.

Mas quando a raiva de Valec se aproxima de Nick, ela só encontra resistência.

— Você precisa sair daqui, Valechaz. Agora.

— É mesmo? — Valec ergue o queixo, revelando as presas brilhantes sob a luz do palco. — Nicholas?

Relâmpagos brilham nos olhos de Nick.

— Uma alma pela qual se mata e se morre, certo?

Um segundo. Dois. Todos prendemos a respiração, aguardando a briga que parece inevitável. Então Valec xinga e se afasta, a raiva escoando como água.

Eu corro atrás dele, tentando segurar seu ombro.

— Valec, espera…

— Não, o garoto está certo. — Ele me afasta. — Eu preciso sair um pouco.

O pânico me invade.

— Mas eu preciso da sua ajuda pra consertar isso!

Ele se vira bruscamente, os olhos brilhando.

— Eu *não* consigo consertar isso, Bree!

— É a minha *alma* — insisto. — Eu preciso recuperar a parte que falta.

Ele dá de ombros, impotente.

— Se é que ainda existe algo pra recuperar.

Eu pisco, sentindo o chão sumir sob os pés.

— Como assim?

Ele solta um suspiro pesado.

— Um demônio forte o bastante pra arrancar um fragmento da sua alma é forte o suficiente pra destruí-la. Nós não sabemos qual é o plano a longo prazo do Rei. Você precisa se preparar para a possibilidade de que seja *isso*. Na verdade, é melhor já ir se acostumando com a ideia de que essa parte nunca mais vai voltar. Provavelmente é mais inteligente do que criar expectativas.

Meus olhos ardem.

— Isso foi cruel, Valec.

— Nem me fale — murmura ele. — Eu consigo consertar muita coisa, poço de energia, mas tem outras que a gente só tem que aprender a aceitar.

E, após dizer isso, ele sai da sala, me deixando para trás, em um silêncio atordoado.



APÓS A REVELAÇÃO sobre minha alma fraturada e o desaparecimento de Valec, Hazel convenceu Mariah, Zoe, Lark e William a descansarem nos quartos dos fundos do Lounge. Zoe levou o celular de Valec para o quarto, ainda com esperança de receber notícias de Elijah. Hazel também ofereceu banho quente e roupas limpas, e, depois de eu insistir muito, meus amigos finalmente cederam.

Convencer Nick a se afastar de mim foi mais difícil. Eu o empurrei pelo corredor, nossos olhares fixos um no outro com uma mistura de determinação e carinho. Ele só se afastou depois que prometi descansar assim que visse as meninas em segurança.

Mas a verdade é que eu não queria ser vista.

Passei o restante da manhã com Lucille e Emil, ouvindo-os conversar não sobre almas, Regentes ou Artesãos de Raiz, mas sobre os consertos na Volição. Fofocas de família, boatos sobre a abertura de um restaurante do outro lado da rua do estabelecimento de Emil. Eles me deixaram acompanhá-los enquanto limpavam a bagunça do nosso café da manhã e preparavam o almoço tardio. Como ninguém mais saiu dos quartos em busca de comida, Hazel se juntou a nós, e nós quatro comemos em silêncio enquanto esperávamos.

Quando a primeira família chegou ao Lounge, já era fim de tarde. Ouvimos o carro subir pela estrada de cascalho sem sinalização do lado de fora do prédio, e Emil mandou uma mensagem para Valec para avisá-lo. Poucos minutos depois, recebeu uma resposta.

— Tudo certo — murmurou Emil, sorrindo. Os outros carros chegaram ao longo do dia.

Lucille e Emil recebiam os pais do lado de fora e os acompanhavam pela abertura de dois metros e meio na barreira de Valec. Eu fiquei de lado, escondida em um canto escuro atrás do bar, enquanto eles entravam. Se alguém notou o crânio em forma de dragão sobre a placa de neon do Lounge, não deu a menor importância. Seus olhos

estavam voltados apenas para as filhas recuperadas, seus espíritos voltados unicamente para o reencontro.

Observo Joy ser acolhida nos braços da mãe, em prantos, as duas envoltas logo em seguida pelo abraço do pai. Uma hora depois, vi um irmãozinho de óculos colidir com as pernas de Melanie, depois de sair correndo na frente do pai, que vinha quase trotando de tanta ansiedade. Depois, Amber, seus pais e três irmãos se desmancharam em risos e lágrimas, logo atrás das cortinas, sem nem chegarem à sala principal. Por fim, a mãe e a avó de Nora chegaram, envolvendo-a com seus braços largos e marrons como uma trança apertada.

A cada vez que uma das meninas abraçava os membros da família, e a cada rosto que se contorcia de emoção, eu sentia o alívio de algo perdido sendo devolvido. Um coração retornando ao lugar de onde nunca deveria ter saído. Uma alma reencontrando seu lar.

Nunca mais poderei abraçar minha mãe, mas fico feliz que as meninas tenham essa oportunidade. Quanto ao meu pai, terei que me contentar em saber que ele está seguro. Mesmo que eu o visse de novo, não sei se conseguiria abraçá-lo, sabendo que, de certa forma, fui parte do motivo pelo qual ele me perdeu desde o início.

Mesmo aqui, a voz de Erebus me encontra: *Como acha que eles vão se sentir quando você se lembrar de tudo sobre você mesma, mas de nada sobre eles?*

Valec pode odiar saber que sua reação a mim foi prevista por um inimigo, mas Erebus estava certo em tantas coisas que não posso dizer que fiquei surpresa. Eu sabia que uma explosão viria. Só não sabia de quem, nem o tamanho do estrago que já tinha sido causado. Quanto daquilo jamais poderia ser desfeito.

Nora foi a última a partir, já à noite. Ela me viu escondida em um canto e, depois do momento emocionante com a mãe e a avó, pediu para nos encontrarmos no meio do Lounge, exatamente como fizemos mais cedo naquela manhã. O dourado em seu olhar se fora, a conexão com os ancestrais encerrada em segurança. Ela me analisou com seus olhos castanhos tranquilos.

— Se cuida, Bree. — Ela me abraçou, e, por instinto, retribuí o abraço. Após alguns segundos, ela se afastou e lançou um último olhar para o Lounge. As mesas vazias, com cadeiras viradas de cabeça para baixo. O aether girando nas garrafas atrás do bar. O mezanino no segundo andar envolto em sombras de formas estranhas sob as claraboias.
— Vocês são um bom time. Não sei no que vocês estão se metendo, mas se cuidem, tá?

— É… somos mesmo um bom time.

Nora apertou minha mão uma última vez e se juntou à família. Emil se ofereceu para abrir o restaurante e preparar um jantar especial, e todos aceitaram com prazer. Imagino que é para lá que ela foi agora. Não sei se a oferta de Emil tinha outra intenção por trás, mas minha intuição me diz que ele e Valec se juntaram para afastar as meninas e suas famílias do Lounge o mais rápido possível, caso Erebus ou a Ordem decidissem nos procurar novamente. Acredito que não verei Emil tão cedo, e isso me alivia. Menos uma pessoa em perigo.

Prometi a Nick que o procuraria assim que as meninas partissem. Sei exatamente qual corredor leva até sua cama quente e seu corpo ainda mais acolhedor. Também sei que me perderia nele, buscando consolo contra os meus próprios pensamentos, e, por algum motivo, sinto que ainda não mereço isso.

Ainda não estou pronta para deixar que ele leve minha dor embora.

Sentindo uma confusão de emoções, viro as costas para os três corredores e os ecos estranhos de uma casa noturna vazia. Pego um casaco de inverno pesado da pilha de roupas que Lucille deixou no bar para quem quisesse e subo as escadas até o segundo andar, parando diante da porta trancada do escritório de Valec. Um feixe de luz se move sob a fresta da porta, como se alguém tivesse cruzado o cômodo e parado. Engulo em seco e sigo em frente pelo corredor.

Quando saio do elevador antigo para o terraço vazio, a lua me recebe através da barreira de Valec, escondida atrás das nuvens. Visto o casaco, puxo o capuz sobre os cachos para proteger as orelhas e caminho até um banco de jardim de madeira voltado para o muro baixo que marca o limite do terraço. Assim que me jogo sobre ele, a noite escura do interior se fecha sobre mim como um cobertor pesado, e eu caio em um sono profundo, sem sonhos.



Sinto outra presença no telhado antes mesmo de ouvir os passos suaves. Abro os olhos num estalo e vejo que as estrelas de inverno ainda brilham no céu, mas agora estão acompanhadas por finos traços de ametista e azul-marinho no horizonte, confundindo minha visão com as cores do amanhecer. Eu me endireito de repente, puxando as mãos dos bolsos fundos onde as havia enterrado, e uma palma quente toca meu ombro com firmeza.

— Você está segura.

Eu me acalmo no mesmo instante. Relaxo contra o encosto entalhado do banco, levantando o rosto e encontrando o olhar doce de Nick. Ele solta meu ombro apenas para me entregar uma caneca fumegante.

— Do William.

Seguro a caneca entre as mãos, e ele contorna o banco e se senta ao meu lado, esticando as pernas longas sobre o cascalho. Percebo que ele também pegou um dos casacos da pilha disponível e trocou de roupa. Agora veste calça jeans e um suéter grosso. Ao vê-lo assim, percebo o quanto o ar está gelado. Minhas bochechas ardem de frio, e o vestido leve sob o casaco parece quase uma piada.

Mas o chá quente chegou na hora certa, e a companhia também. O chá e o silêncio cuidadoso de Nick me dizem que ele não veio até aqui para me arrancar do meu refúgio no terraço, e sou grata por isso. O aroma que sobe da caneca também me revela algo sobre as intenções de William.

— Camomila.

— Minha receita médica não profissional — murmura Nick —, mas William concordou.

Ficamos em silêncio por um instante, até que olho para ele.

— Você sabia?

Ele entende o que quero dizer sem precisar de mais palavras.

— Eu sabia que algo tinha sido tirado de você, mas não sabia o que era. — Ele retorce os lábios, frustrado. — Almas são, ao que parece, um tipo diferente de magia. Eu não consigo vê-las. Queria conseguir.

Penso na resposta dele, na facilidade com que Nick me encontrou aqui no terraço. No quanto é fácil estar com ele agora, mesmo com o frio intenso, a ponto de meus dentes quase baterem.

— Você… *me vê*, né? — sussurro. — E não estou falando dos seus poderes.

Ele olha para mim.

— Acho que nós nos vemos. Agora, e antes de tudo isso. — Pausa. — E não estou falando dos meus poderes.

— Talvez seja até melhor que você não consiga ver almas com sua visão mágica. — Dou uma risadinha abafada na caneca e tomo um gole. — Se você tivesse me contado na Penumbra que o Rei das Sombras de Annwfyn tinha parte da minha alma, e que talvez eu nunca a recuperasse, era bem capaz que eu tivesse saído correndo para o meio da floresta, sem me importar com a barreira emocional de Mikael.

Ele ergue os olhos para o céu.

— Floresta literal ou metafórica?

Solto o ar no chá quente, deixando o vapor tocar meu nariz.

— Tanto faz.

O silêncio para novamente, até que ele diz:

— Seria tão ruim assim?

Espero ouvir ironia em seu tom, ver um sorriso em seu rosto, mas, ao encará-lo, percebo que isso não acontece.

— Como assim?

Ele me encara, com um olhar mais atento.

— Eu achava que a Ordem, enquanto sociedade, estava desfeita, mas ver você navegando por ela, saber o que fizeram com você por causa dela, e estar longe disso tudo me mostrou que ela não está *desfeita*. Está funcionando exatamente como foi planejada: uma engrenagem girando, encharcada de ódio e controle. Toda vez que você usa seu poder, toda vez que exerce o direito de falar, os Regentes fazem de *você* o para-raios da maldade deles. — Ele hesita, então ergue a mão até meu rosto, afastando o capuz forrado para segurar minha bochecha em sua palma quente, abençoada. — Escuta. Você não deve nada a eles, Bree. *Ninguém* merece o seu sofrimento.

Fecho os olhos, deixando que as palavras dele me alcancem. Eu me sinto vista, mesmo quando tudo que quero é me esconder.

— E se minha alma estiver fraturada pra sempre?

— Então você já começou a viver seu novo pra sempre, e está vivendo bem — diz ele, em voz baixa. — O que já é mais do que muitos com almas intactas podem dizer.

Abro os olhos e encontro o olhar paciente de Nick. Engulo em seco, com um nó na garganta.

— E se eu tivesse mesmo saído correndo para o meio da floresta…? Literalmente, não metaforicamente.

Um sorriso repuxa o canto de sua boca.

— Eu teria indicado a direção contrária pra eles.

Meus olhos ardem.

— E se eu decidisse… *não* ser a Herdeira de Arthur e escolhesse viver como uma garota normal?

— Hum. — Ele passa a mão pela minha bochecha, deslizando até a nuca, onde começa a massagear os músculos tensos com dedos quentes. — Sou todo ouvidos.

Estremeço, mas não de frio. Sinto a força tranquila do toque dele e percebo o convite no olhar calmo e paciente, ambos ali, aguardando que eu aceite.

Num longo suspiro, me entrego.

Deixo a tensão do meu pescoço se dissipar até que minha cabeça se apoie, finalmente, na mão quente de Nick. Fecho os olhos, e um tremor silencioso escapa de mim.

Eu não sabia tudo que estava reprimindo até ele se oferecer para carregar um pouco desse peso.

Ele emite um som baixo, satisfeito, e aprofunda o toque nos músculos retesados logo abaixo das minhas orelhas.

— Você se esqueceria de mim? — murmuro, com a voz embargada de prazer.

— Eu poderia perder minha alma inteira… e ainda assim nunca me esqueceria de você.

— Por favor, não faça isso — sussurro. — Não recomendo. Nem em parte, nem por completo.

Nick toca meus lábios de leve, num beijo suave e breve demais, antes de se aproximar para roçar a bochecha na minha. Com os olhos fechados, o calor da barba por fazer dele me conforta e eletriza ao mesmo tempo.

— Vou pensar no seu caso.

Tiro coragem da escuridão. Trago à tona a pergunta mais assustadora de todas e a deixo escapar em voz baixa, porque Nick faz com que eu me sinta segura.

— Você acha que eu cometi um erro?

Ele segura meu rosto com as duas mãos até que eu abra os olhos.

— Não. — Ele busca o meu olhar, gentil, mas firme. — As suas escolhas salvam *vidas*. E, com frequência, a sua própria vida. A sua existência ajuda as pessoas. Torna o mundo ao seu redor melhor. Eu já via isso antes mesmo de Arthur despertar você. Agora, quando olho pra você… Se eu pudesse te oferecer nem que fosse uma *fração* da vida que você merece…

Meus olhos se enchem de lágrimas com as palavras dele.

Nick passa o polegar para secar uma delas.

— Se você tiver que ir, eu não vou tentar te impedir.

Mergulho novamente no meu poço de coragem. Uma pergunta impossível e um desejo se entrelaçam no olhar dele.

— E se eu quisesse que você fosse comigo?

— Eu iria. — Ele inclina meu queixo e me dá um beijo demorado. — E nunca olharia pra trás.

— Nunca olharia pra trás? — sussurro.

— Nunca.

— E se eu quiser…? — Minha respiração fica ofegante, e minha pele arde sob o casaco de inverno.

As sobrancelhas dele se arqueiam.

— Se você quiser…?

— Na verdade — murmuro —, talvez essa seja a frase completa.

Os olhos dele escurecem.

— Entendi.

Sem desviar o olhar, Nick tira a caneca de chá das minhas mãos e me observa em silêncio, com aqueles olhos atentos demais, analisando cada pequeno sinal que meu corpo traidor revela. Meus lábios entreabertos, os batimentos acelerados, o ritmo do meu peito. Então, ele se vira devagar, colocando a caneca sobre o muro baixo do terraço. Quando se volta para mim de novo, é apenas para me dedicar toda a sua atenção.

— Se você… *quiser*.

— Sim. — Assinto rapidamente, uma súplica sem palavras.

A boca dele se curva.

— Bree…

Ouvir meu nome saindo da boca de Nick é embriagante… quero que ele diga de novo.

— Sim?

Mas, desta vez, o tom é diferente.

— Bree.

Se Nick já tinha dito meu nome assim antes — com essa voz baixa, ofegante, em tom de aviso —, então fico aliviada por ter esquecido. Estremeço com o som e com o desejo estampado no rosto dele enquanto observa o arrepio percorrer meu corpo. Suas mãos encontram minha cintura, como se quisessem capturar minha reação entre as palmas. Prendê-la. Sentir por si mesmo. Quando engulo em seco, o olhar dele desce para acompanhar o movimento no meu pescoço, depois sobe lentamente até meus olhos. Algo intenso e faminto se agita por trás de suas feições, e, de repente, de forma irreprimível, quero libertar aquilo.

— Nossos inimigos ainda estão lá fora — murmura ele.

— Lá fora — sussurro. — Não aqui.

A expressão de Nick oscila. Ele aperta minha cintura até que eu ofegue com a pressão. Até que eu me mexa no assento. Ele absorve minha resposta, satisfeito, ciente.

— A sua missão…

— É o que eu decidir que ela é.

— Eu não sou mais seu noivo. — A voz grave dele arrepia minha pele. — Você não precisa fingir.

— Eu sei — respondo, rouca. — Nem você.

O maxilar de Nick se tensiona. Nossos olhares se mantêm fixos um no outro em um segundo tenso, ardente. Como um fósforo aceso. A tempestade nos olhos dele cresce enquanto me encaram.

Até que se rompe.

Um palavrão baixo escapa da boca de Nick, e ele se inclina para a frente, capturando os meus lábios em um beijo que nos incendeia. Nossos beijos na Penumbra eram como nuvens se formando, com trovões ao longe. Agora, é o começo da tempestade.

— Nós não estávamos fingindo — geme Nick.

— Não — respondo, ofegante. — Não estávamos. — A boca dele desliza do meu queixo até o meu pescoço, queimando minha pele até que meus olhos se fechem. — Mesmo naquela época, quando eu não conhecia você e mentíamos pra todo mundo… nós éramos…

— O que éramos, B? — murmura Nick, a voz tensa enquanto se afasta para me encarar. Meu coração pulsa, e sinto um calor nos lugares em que ele me beijou. — Mesmo naquela época?

Ele envolve minhas coxas com suas mãos largas, desfazendo meus pensamentos. Ainda assim, uma frase surge. Uma ressonância clara que nos atrai.

— Você e eu — sussurro, sorrindo.

— Sim — diz ele, rouco —, você e eu.

Essas palavras — *nossas* palavras — se instalam no meu estômago e queimam como brasas. Deixo Nick me puxar para o colo dele, com uma perna de cada lado. Em troca, ele me permite explorar sua boca e mandíbula com meus lábios. Quando um murmúrio baixo se transforma em um gemido, ambos o perseguimos, desejando mais…

Nick se afasta com um suspiro, e uma chama prateada e azul brilha em seus olhos. Ela irradia, esfumaçada e elétrica, antes de se apagar. Como se ele a puxasse de volta, desviando o olhar.

Mas isso não é suficiente.

— O que você vê — insisto, tocando delicadamente seu queixo — quando me olha?

Quando Nick me encara novamente, a magia em seus olhos cintila… e então explode.

Relâmpago entre nós. Chuva de verão no inverno.

— Eu vou te contar.

E então, as palavras fluem dele. Nick desenha reverências na minha garganta e sela maravilhas em minha boca. Ele sussurra minha própria magia sobre minha pele. Suas mãos deslizam para dentro do meu casaco, puxando a barra do vestido leve até os dedos

encontrarem minha pele, a coluna arqueada e meus quadris se movendo. A voz quente dele inunda meu corpo, me atravessando por inteiro, até que eu me torne calor. Um sol em forma humana.

— Eu vou te mostrar. — diz ele.

Soltar e segurar.

Cair e subir.

Esquecer e lembrar.

Tudo ao mesmo tempo.

Muito tempo depois, eu me afasto, ofegante. A cabeça de Nick repousa contra a cadeira, um sorriso preguiçoso e satisfeito nos lábios. Seus cabelos estão uma bagunça, rastros profundos deixados pelos meus dedos desesperados, enquanto seus olhos refletem o nascer do sol atrás de mim, o brilho se apagando aos poucos. Meu casaco emprestado jaz aberto e esquecido em algum canto do telhado… um esforço conjunto, imagino. O ar frio do inverno toca meus quadris e coxas expostos, mas meu corpo está quente demais pelas mãos habilidosas de Nick para me importar.

Nós nos encaramos, nossos peitos subindo e descendo com a respiração ainda entrecortada. Puxo carinhosamente o lábio inferior dele. Nick mordisca meu polegar. Passo os nós dos dedos ao longo de seu queixo definido, explorando; ele responde com um ronronar grave e satisfeito. Enrosco os dedos nos passantes da calça jeans dele. Ele me segura com firmeza quando me inclino para trás e olho para o céu acima de nós, que vai se tornando rosa, depois laranja, até alcançar um âmbar quente e radiante. Nossa respiração desacelera. Nick fecha os dedos em minha cintura, ainda quentes sob o vestido, mas não me puxa nem me pressiona a dizer nada.

Nick me permite pensar. Ele me deixa me tornar quem eu preciso ser, dentro do círculo de seus braços. Ao nosso redor, a floresta começa a despertar. E, ainda assim, ele espera.

Até que eu saiba o que quero perguntar.

Esse pensamento me leva de volta até ele — e ele se ergue para me encontrar. Enquanto o mundo amanhece, unimos nossos lábios. Chamado e resposta.

Então finalmente sussurro:

— E se eu quiser queimar tudo até o chão?

A resposta dele é um sorriso rápido contra os meus lábios.

— Minha espada é sua.



ENCONTRAMOS VALEC na borda externa de sua barreira e paramos para observá-lo em ação. Seus dedos deslizam pela superfície dourada e translúcida da barreira, deixando para trás uma camada mais espessa que se derrete e depois se solidifica diante dos nossos olhos.

Nick abraça minha cintura por trás e dá um beijo em meu ombro.

— Vou ver o que está rolando no café da manhã.

Faço que sim e aperto seus pulsos antes que ele me solte.

— Hazel nos convidou para o café na casa dela! — grita Valec, sem se virar, depois de ouvir o comentário de Nick mesmo a distância. — E o Lounge está sem comida, então Sir Lancelot vai ter que se virar com amendoim de bar por enquanto.

Ouço Nick rir enquanto entra na casa, me deixando sozinha com Valec.

— Ele vai sobreviver. — falo.

Eu me aproximo do cambion, admirando a barreira.

— Tem certeza? Esse garoto parece precisar de *pelo menos* quatro shakes de proteína por dia. Talvez cinco.

Reviro os olhos, mas sorrio. Se Valec está fazendo piada, então talvez não esteja tão bravo a ponto de não querer conversar.

Como ele não diz mais nada, decido que também vou ficar calada. Em vez disso, o acompanho em silêncio à medida que ele repara a barreira, murmurando de vez em quando algo que não consigo entender.

Por fim, ele fala:

— Fui criado acreditando que cambions como eu não podiam lançar barreiras.

Isso me surpreende.

— Quem disse isso?

Ele dá de ombros.

— Gente bem-intencionada.

— Mas por que os Merlins poderiam e você, não?

— Os Merlins descendem de um grande feiticeiro, e os feitiços deles são, supostamente, de proteção. — Valec faz uma pausa. — Eu sou o filho do cruzamento com uma Sombra.

Arregalo os olhos ao me lembrar de uma cena de uma antiga caminhada por memórias. Ela surge clara em minha mente porque as mulheres que participaram dela já faleceram há muito tempo. Uma jovem chamada Pearl e seu bebê recém-nascido, com olhos âmbar que brilhavam como o sol.

— Seu pai era…

Ele se vira, batendo as mãos para tirar a poeira.

— Uma Sombra da Noite da Corte das Sombras.

— Uau.

Uma expressão irônica toma conta do rosto dele.

— Acabei de te contar que meu pai não só é maligno, mas uma das entidades mais *antigas* e perversas do mundo, a serviço do ser que devorou parte da sua alma, e tudo que você diz é "uau"? — Ele balança a cabeça. — Essa geração está perdida, sério.

— Ok, posso dizer mais do que "uau" — protesto. — Posso dizer: "Puta merda, Valec, isso parece uma herança bem pesada pra carregar. Como você lida com isso?"

— Você poderia mesmo dizer isso, tem razão.

— Mas não vou — respondo, voltando a olhar para a barreira. — Vai que é falta de educação.

Ele balança a cabeça.

— Você é única, Briana Matthews.

Lanço um olhar de soslaio para ele.

— O que você fez pra tentar me encontrar tem a ver com seu pai?

Ele respira fundo e devagar.

— Me coloquei de volta no radar de um dos companheiros dele na Corte, depois de passar os últimos cem anos fazendo de tudo pra me afastar de cada Sombra nesse plano. Eu só consigo fazer isso aqui — ele gesticula em direção à barreira — porque cortei todo contato com a Corte.

Penso a respeito do que ele disse.

— Como você sabe que é só por isso que consegue usar a raiz?

— Porque a raiz é uma forma de exaltar a vida, não a morte — responde Valec. — Mesmo que a gente caminhe ao lado da morte para acessá-la e honrar quem veio antes, os trabalhos são para os vivos, não para os mortos-vivos. Tenho sorte de os ancestrais ainda me permitirem fazer isso e forjar uma arma ou outra pra defesa. Não é como se eu tivesse sido feito para o "bem", por assim dizer.

— Ah.

Ele semicerra os olhos.

— Você não acredita em mim.

Sorrio.

— Não.

Ele suspira, frustrado.

— Estou por aqui há bem mais tempo do que você, poço de energia.

— É verdade — admito, dando de ombros. — Mas alguém me disse uma vez que, embora a gente se conheça melhor do que ninguém, nem sempre sabemos do que somos capazes ou o que podemos nos tornar. E acho que essa é uma forma bonita de ver as coisas.

— Desde quando você ficou sábia?

— Desde que um demônio comeu parte da minha alma, eu acho.

Ele solta uma gargalhada repentina, balança a cabeça e sorri.

— Eita… caramba.

Retribuo o sorriso, feliz por tê-lo feito rir, mesmo que por um instante.

— Me desculpa por ter deixado vocês na mão daquele jeito — digo, num tom mais sério.

Ele faz um gesto com a mão.

— Você não fez isso. *Nós* fizemos. Porque nos importamos. E eu não deveria ter feito você se sentir culpada por isso.

— Mas eu fiz uma escolha e tenho que conviver com ela, como você disse.

— Se eu confio em você, e eu confio, então tenho que acreditar que você vai fazer suas próprias escolhas. Não sou eu quem está vivendo sua vida, é *você*. — Ele cruza os braços e abaixa o queixo. — Coloquei você num pedestal, Bree. Vi você como alguém capaz de caminhar entre mundos, sabe? Fazer o impossível, aquilo que eu persegui a vida inteira. E isso não é justo. Foi esse tipo de coisa que deixou você confusa, antes de mais nada. Me desculpa.

Sinto um nó na garganta.

— Eu não vim aqui esperando um pedido de desculpas.

— Mas eu te devo um, mesmo assim. — Ele dá de ombros com um suspiro pesado. — E, se me permite, gostaria de modificar um pouco sua frase.

Ergo o olhar.

— Como assim?

— Embora a gente se conheça melhor do que ninguém, nem sempre sabemos do que somos capazes ou o que podemos nos tornar. — Ele pausa, pensando. — *E* sempre podemos escolher novos caminhos, se for preciso.

Engulo em seco.

— As regras podem mudar.

Os olhos dele brilham, vermelhos.

— Aprendeu a falar como demônio na sua caminhada pelo lado sombrio?

— Pelo jeito, sim.

Ele me observa.

— Eu também já virei as costas para o meu povo uma vez. Me entreguei. O motivo é pessoal, fica pra outro momento, mas e você? Por que queimou sua linhagem ancestral,

de verdade?

— Eu falhei. Eu estava… falhando — respondo. — Com todo mundo. Em todos os lugares. Em tudo que fazia. Tentei atender às expectativas dos meus ancestrais, tentei ser o que eles precisavam que eu fosse… tentei me tornar o que os Lendários diziam que eu poderia ser, desafiar os Regentes, controlar Arthur, e olha no que deu. Minha melhor amiga está em coma, Selwyn desapareceu, meu pai nem sabe onde estou…

— Calma, calma — diz Valec, me segurando pelos ombros. — Você *precisava* falhar, Bree. Precisava cair.

— Por quê?! — exclamo.

— Para poder se *levantar.* — Ele se aproxima. — Uma verdadeira líder precisa conhecer todos os lados da sua batalha: as vitórias, as derrotas, os inimigos, os aliados, o bem e o mal. E precisa saber quem está ao seu lado, sem títulos ou heranças.

— Você está comigo?

Ele dá um sorrisinho.

— Sempre, poço de energia.

A tensão nos meus ombros se dissolve, e sinto que consigo respirar de novo. Como se cada minuto com essas pessoas que estavam me procurando me devolvesse um pedacinho de mim.

Os braços de Valec caem ao lado do corpo, e ele abre um sorriso travesso.

— E o garoto que acabou de entrar?

Franzo a testa.

— O que tem ele?

— Eu gosto dele. — Valec dá de ombros. — *Ele* está com você.

— De todas as formas que você quiser — diz uma nova voz —, se você deixar.

Valec dá uma gargalhada. Olho por cima do ombro e vejo Zoe encostada na porta dos fundos, com um sorriso enorme no rosto.

— Há quanto tempo você está aí? — pergunto, desconfiada.

— Só uns segundinhos. — Ela aparece ao nosso lado num borrão, joga um punhado de amendoins na boca e levanta as sobrancelhas, zombeteira. — Tempo suficiente pra denunciar você por não ter ido dormir ontem à noite.

Valec cruza os braços, sorrindo de lado.

— Eu não ia dizer nada.

— Por quê? — pergunta Zoe. — *Alguém* tem que manter a Bree na linha.

— Tem razão — concorda Valec, fingindo seriedade. — Eu menti. Eu *ia* falar *alguma coisa*.

— Tá vendo? — diz Zoe, se virando para Valec. — Você devia ter visto os dois na Penumbra…

— Não. — Aponto para os dois, de um para o outro. — Vocês dois se dando bem é uma combinação *amaldiçoada*. Podem parar.

Valec ri.

— Não. — Ele se vira para Zoe, que o encara de volta com os olhos arregalados e hesitantes. — Além disso, tenho a impressão de que temos muito o que conversar, né, garota?

Zoe franze o nariz, mas concorda com a cabeça.

— É, acho que sim.

— Quando estiver pronta — acrescenta Valec.

Ela dá de ombros e desvia o olhar.

— É.

Valec se vira de novo para mim.

— Mas, primeiro, vamos continuar perturbando o poço de energia aqui por causa dos garotinhos brancos dela — provoca ele, e os dois começam a rir.

Reviro os olhos, mas não consigo conter o sorriso que surge.

— Combinação. Amaldiçoada.

— Sendo sincero, Davis parece ser legal — diz Valec, se recompondo. — Mas ele está vinculado ao Mago-Real, e aquele Juramento não é brincadeira. Não dá pra quebrar. A pergunta é: o que o *Kane* acha de você e do vínculo dele se pegando que nem dois adolescentes?

— O quê…?! — engasgo. — Nós *somos* adolescentes!

Zoe se intromete.

— Então você *admite* que estão se pegando!

Sou salva de responder pela minha marca de sangue que começa a pulsar. O riso dos dois cambions desaparece instantaneamente quando ambos olham para o meu peito e para as ramificações vermelhas em brasa. Levo a mão ao peito, frustrada.

O humor de Valec se esvai.

— A marca de sangue está incomodando?

— Está — respondo. — Era disso que eu queria falar com você, na verdade.

— Não posso fazer nada em relação à marca — avisa Valec.

— Eu sei, mas… — Eu me remexo, apreensiva. — Quero que você dê outra olhada no que o Rei fez comigo. Eu não desisti de lutar. E preciso que você também não tenha desistido, Valec.

Ele passa a mão no queixo.

— Quer que eu dê outra olhada, é?

— Preciso saber tudo o que puder sobre o que ele fez com a minha alma, mesmo que haja o risco de eu não conseguir restaurá-la por completo — comento. — Temos a coroa dele. Sabemos sua verdadeira identidade. — Ergo as mãos. — *Preciso* acreditar que ainda exista *algo* que possa nos ajudar. Isso não pode terminar assim. Eu não vou aceitar.

Valec suspira.

— Tem *uma* coisa que podemos tentar… mas não prometo nada. Talvez Hazel consiga fazer, mas vai precisar de nós dois. — Ele me observa com cautela. — E talvez não funcione, por causa do… do que contei sobre mim.

Eu o encaro com a toda confiança que há em mim.

— Vamos fazer o impossível.

Valec solta o ar.

— Bem, se você diz…

Tomo um banho quente e troco de roupa enquanto os outros se preparam para sair. Uma hora depois, chegamos à casa de Hazel. Ela e Lucille nos recebem na varanda — o grupo formado por mim, Valec, Zoe, Nick, William, Lark e Mariah.

William me conta que estava comigo na última vez em que estive ali. Que Alice está lá agora, a salvo da Ordem.

Alice.

Congelo ao ouvir o nome. Minha melhor amiga, à beira da morte, antes de eu deixá-la para trás. Um medo novo me invade: e se eu encontrá-la e não sentir o que deveria?

Mas Hazel não me dá tempo de mergulhar nessa angústia. Ela logo me convida para ir até o quarto dos fundos, onde Alice está descansando. Hesito por apenas um instante, porque isso me lembra outro dia, *outro* momento, quando alguém que eu amava com todas as minhas forças estava deitada sozinha, imóvel, em um quarto vazio. Naquela ocasião, a pessoa era minha mãe, ela estava morta… e eu não pude ver o corpo dela.

Hazel e Mariah se aproximam e seguram minhas mãos, uma de cada lado.

— Vai ficar tudo bem, Bree — diz Mariah. — Deixa a gente ser corajosa com você.

Engulo o nó na garganta.

— Está bem.

Elas me conduzem até o quarto. E então eu a vejo. O medo que me consumia se esvai assim que vejo seu rosto adormecido. Eu me sento ao lado dela e seguro sua mão.

— Alice… — sussurro. Há algo tenso na expressão dela. — O que está acontecendo?

Mariah dá a volta na cama, parando do lado oposto.

— Ela está em uma espécie de purgatório, até onde conseguimos entender. Nem viva, nem morta. — Ela franze a testa. — Eu a visitei lá. Está lutando contra a própria morte. Se eu tivesse que adivinhar, diria que está revivendo o momento em que acredita ter falhado com você. O momento em que poderia ter feito outra escolha para ajudar você… e ajudar a si mesma.

— Ela não falhou comigo — sussurro, com a voz trêmula. — Eu falhei com ela…

— Nada disso — murmura Hazel. — As pessoas que amamos não pensam assim. Elas nos oferecem empatia quando caímos…

— Pra que a gente consiga se levantar — sussurro.

Ela assente.

— Parece que você e a srta. Chen são parecidas.

— Nós crescemos juntas.

— Mesmo padrão elevado, mesmo senso de justiça — comenta Hazel. — O mesmo amor uma pela outra. É o tipo de irmandade que faz você se jogar na frente de um demônio, só pra impedir que a outra sofra ainda mais.

— Eu não…

— Não mesmo? — pergunta Hazel. Ela se aproxima e beija minha têmpora. — Vou terminar de preparar o café com a Lu. Fique com ela o tempo que quiser.

Mariah observa a tia sair.

— Posso ir, se quiser…

— Não — murmuro. — Um… um pouco daquela coragem extra cairia bem… se ainda estiver disponível.

Mariah sorri.

— Pode deixar.



Trinta minutos depois, Mariah e eu saímos juntas do quarto de Alice. Ela esfrega minhas costas com carinho e se despede, indo ajudar as tias na cozinha. Olho à minha volta e vejo que William já está por ali… e Nick também.

— Você cozinha? — pergunto.

Nick sorri para mim.

— Eu sei cozinhar. — Ele olha por cima do ombro, em direção a Hazel, que está mexendo um refratário fundo cheio de molho de salsicha. — Mas não assim.

— Isso é verdade — murmura Lu, atrás dele.

— Você não *morre de fome*, então — diz Valec, arrastando as palavras com um sorriso. — Cozinhar é outra coisa.

A sala explode em risadas calorosas… até que, de repente, os cambions ficam tensos, inclinando ligeiramente a cabeça em direção à porta.

— Está esperando mais alguém, Hazel? — pergunta Valec.

Ela balança a cabeça.

Valec, Lark e Zoe desaparecem num borrão, correndo até a varanda e a estrada de cascalho logo além. A porta da frente balança ao ser deixada aberta.

Nick se coloca ao meu lado num piscar de olhos, a mão firme em volta do meu pulso.

— Se for briga, precisamos tirar você daqui.

— Não — digo. — Não vou fugir.

Ele engole a resposta e assente com a cabeça uma vez.

— Então temos que estar preparados.

Ele olha para os outros na sala, assim como eu. William já está levando Hazel e Lucille para o quarto delas, enquanto sua armadura começa a se formar sobre os antebraços. Mariah se aproxima para ficar ao nosso lado, a mão repousada sobre o Coração em seu

peito. Abro a fornalha de raiz dentro de mim e deixo as chamas descerem pelos bíceps e cotovelos.

Se Erebus quiser me levar de volta, não vou facilitar.

— Bree! — chama Zoe. — É melhor você vir aqui!

Nick envolve meu pulso com firmeza.

— Deixa eu olhar primeiro.

Não é uma pergunta, mas, mesmo assim, eu assinto.

Ele avança até a porta da frente, abrindo-a devagar antes de sair. A porta se fecha atrás dele. E, então, um momento depois:

— Bree, é…

— É seguro? — grito.

Ele hesita antes de responder. Olho para Mariah. O que pode ter aparecido lá fora para deixar os três cambions *e* Nick sem palavras?

— É seguro! — grita Nick, por fim. — Só… vem aqui fora.

Recolho minhas chamas, mas deixo o calor vibrando, alerta, atrás do esterno. Mariah e eu avançamos juntas, então abro a porta da frente com cuidado, sem saber o que vou encontrar do outro lado.

Nick está parado no caminho, seus ombros largos bloqueando minha visão.

— O que houve?

Ele olha para trás e se afasta para mostrar o carro que acabou de estacionar na entrada — e seus ocupantes.

— Aquela é a mãe do Sel.

Vejo uma mulher alta, de cabelos negros e vestida com roupas táticas, parada ao lado do motorista do SUV, com as mãos erguidas. Fico paralisada. É a mesma mulher que encontrei em Eclipse, quando Elijah e Zoe me levaram para conhecer Daeza. Ela falou comigo de um jeito estranho, como se *me* reconhecesse, mesmo que eu não a tivesse reconhecido. *Ela* é a mãe do Selwyn?

— E eu não o conheço, mas… — continua Nick, acenando com a cabeça em direção ao passageiro — acho que aquele é seu pai.

O homem negro de meia-idade, que está ao lado da porta do carona, segura o topo da janela e observa os cambions ao redor. Então, ele levanta a cabeça, e nossos olhos se encontram. Meu coração para quando ele sorri e acena, meio hesitante.

— Oi, filha.



ENTENDO POR QUE NICK presumiu que o homem à minha frente era meu pai. Nossos traços são parecidos. Temos as mesmas covinhas, embora nossos sorrisos sejam diferentes, e a mesma boca e o mesmo nariz.

A onda de emoções que me invade ao encontrar o olhar do meu pai me faz desabar em lágrimas na varanda. Soluços quase violentos sacodem meus ombros, e a intensidade repentina do meu choro provavelmente assusta todos ao redor. Então, sinto braços quentes me envolvendo, o cheiro de um perfume marcante e reconfortante, e sou guiada de volta para dentro da casa de Hazel, até o sofá.

Não sei por quanto tempo choro no peito do meu pai.

Aos poucos, volto à realidade, sentindo o movimento suave de seus braços me embalando, o som do seu murmúrio grave em meu ouvido e os apertos rítmicos em meu ombro, que me lembram que sou amada.

No fim, é o aroma do café da manhã quente que me traz de volta por completo. Panquecas na chapa, calda quente, biscoitos caseiros com molho, tudo isso invade meu nariz. O som de talheres tilintando e vozes baixas chega da varanda telada de Hazel. Espio com os olhos ainda marejados e vejo que uma mesa de piquenique dobrável foi montada lá fora, e que meus amigos estão reunidos para comer, permitindo que meu pai e eu tenhamos um momento a sós em nosso reencontro.

Assoo o nariz e estremeço com o som molhado. Meu pai me entrega um lenço antes que eu possa pedir.

— Obrigada — murmuro.

— Já faz dezessete anos que ajudo você a limpar o nariz — comenta ele, em uma voz baixa, divertida e calorosa. — Não acho que isso vá mudar tão cedo, mesmo que você não lembre quem eu sou.

Eu me endireito, e ele afrouxa os braços ao meu redor.

— Eu sei quem você é — protesto, observando seus traços.

Suas sobrancelhas espessas, o cabelo ralo, a camiseta esportiva e a calça de moletom, a corrente dourada fina que aparece na gola da camisa e o relógio de couro antigo que brilha em seu pulso esquerdo.

Meu pai sorri.

— Natasia me contou o que tem acontecido. — Ele levanta a mão para mostrar o anel dourado no dedo anelar da mão direita. — E sua mãe me contou o resto.

Fico boquiaberta.

— Minha mãe… Como?

Ele puxa meu pulso.

— Do mesmo jeito que contou a você, imagino.

Eu me lembro. Eu me lembro do bracelete. Da voz dela. Da mensagem que me mandou quando eu estava tomada pelo desespero e por muitas perguntas sem respostas. Balanço a cabeça.

— Como é possível que ela ainda esteja ajudando a gente?

Ele abre um sorriso tranquilo.

— Ela é assim filhinha, eterna. — Meu pai dá de ombros — E sempre esteve dez passos à frente, preparada para qualquer cenário. — Ele olha para fora. — Natasia me contou como as coisas devem ter sido pra você desde que herdou as… habilidades da sua mãe. Entendo por que ela não revelou tudo o que poderia acontecer. Talvez nada acontecesse. Nenhum de nós teria lidado melhor com isso, sabendo que ela poderia morrer cedo e deixar você para enfrentar esse mundo sozinha.

— Eu não… — Ele inclina o queixo, como se me desafiasse a completar a mentira antes mesmo que eu dissesse qualquer coisa. — Eu não estou sempre sozinha — digo, baixinho.

— Mas, muitas vezes, parece que está, né? — murmura ele

Assoo o nariz de novo, e desta vez ele me entrega a caixa inteira de lenços.

— É.

Ele me observa por um instante.

— Estamos com você. Você nunca estará sozinha.

— Mas eu sinto saudade dela. Não quero perder mais ninguém, mas acho que… amar as pessoas também dói.

— Eu sei. — Ele se recosta no sofá, e juntos observamos meus amigos passarem mais um prato pela mesa. — Amar outras pessoas e perdê-las dói. E amar quando elas já se foram reabre a ferida. Não sou especialista, mas acho que a única forma de viver com o luto é buscar o antídoto. Pra mim, é aprender a viver sem sua mãe e descobrir como ser seu pai sem ela ao meu lado, enquanto me lembro de como ela fazia com que eu me sentisse. Se eu não fizer isso, tenho quase certeza de que vou esquecer como amar outras pessoas por completo, não porque eu *não possa*, mas porque não vou lembrar *como*. Amar as pessoas exige prática, filha.

Fico em silêncio por um momento. Se eu restaurar minha alma, não serão só as pessoas que vão voltar, mas também a prática diária de *estar* com elas. Os

relacionamentos.

Olho para ele com uma expressão séria.

— Você é sempre assim?

Ele sorri e dá um tapinha no meu ombro.

— Sou famoso por ter sempre algo a dizer, sim.

Balanço a cabeça.

— Mal posso esperar pra me lembrar de todas as outras coisas que você me disse, então. Isso aí foi forte pra caramba.

Ele ri, uma gargalhada alta e calorosa.

— Natasia me contou o que ela e sua mãe aprontaram naquela época. Me contou sobre o que você já teve que enfrentar lá na Carolina do Norte. Você é a Bree Matthews, filha. Você pode tudo.



Quando saímos, encontramos dois lugares nos esperando. Meu pai me leva até o assento ao lado de Natasia Kane, enquanto ele se senta mais próximo da cabeceira da mesa, com Lu e Hazel. Ele parece perceber minha vontade de conversar com a mãe de Sel, agora que minha cabeça está menos confusa.

Hazel preparou comida para um batalhão. Todos têm os pratos cheios, e ainda há mais comida esperando em travessas coloridas e *réchauds* com velas aquecendo por baixo. Enquanto me movo pela mesa, Lark me explica:

— Valec saiu pra lançar novos feitiços de proteção. A Coroa está segura. Ficaremos a salvo aqui por hoje, se você se sentir confortável em ficar.

— Parece ótimo — digo. — Quero que a gente tenha tempo pra comer. Recarregar nossas energias para o que vem a seguir.

Quando me sento ao lado de Natasia Kane, ela abre um sorriso caloroso. Nick e Lark trocam olhares cheios de expectativa ao nos observarem, o que não passa despercebido. Mas nos olhos de Nick há curiosidade *e* preocupação, enquanto em Lark há apenas… preocupação.

— Ele é um Mago-Real — diz Natasia baixinho para mim. — Ou foi treinado pra ser. Se ele não estivesse de olho em você, não mereceria o título.

Observo os traços dela de perto, e Natasia faz o mesmo comigo. Cabelos pretos como asas de corvo, olhos dourados, o maxilar bem definido. Ela conheceu minha mãe, conhecia seu poder. Queria poder fazer mais perguntas a ela. *Todas* as perguntas. Mas, por enquanto, há apenas uma.

— Cadê o Sel?

O silêncio paira na mesa.

Natasia não parece surpresa com o questionamento.

— Não sei.

Nick e eu nos entreolhamos. Pela expressão tensa dele, percebo que fez a mesma pergunta a Natasia… e recebeu a mesma resposta.

— Mas Erebus o levou até você — insisto.

Isso a surpreende.

— Como você sabe disso?

— Porque fui eu quem o mandou fazer isso.

Natasia pisca.

— O quê?

William e Lark também trocam olhares, surpresos com a revelação.

— *Você* mandou? — pergunta Lark.

— Como você não sabe onde ele está? — pressiona Nick. — Por que não está contando tudo o que sabe?

Ela pousa as mãos na mesa e respira fundo.

— Porque vocês são amigos dele, mas não são cambions. Não são Merlins. Vocês não entendem…

— Eu sou um Merlin — interrompe Lark. — E eu *entendo*. Ele fugiu, não foi?

Natasia se enrijece, o encarando.

— A demonia não é o que ensinaram a vocês…

— Foi o Sel que fez isso com você? — pergunta Nick. — Por que está com esses hematomas?

Para minha surpresa, Natasia e meu pai trocam um olhar intenso do outro lado da mesa. Um entendimento silencioso se passa entre eles.

— Você o perdeu? — pergunto.

— Por enquanto — admite ela. — Tentei ajudá-lo, mas meus métodos não funcionaram. Não sei por quê. Já são experimentais por si só, mas o estado emocional dele é muito diferente do que foi o meu. A *raiva* dele é… — Ela levanta os olhos para mim, vê a preocupação no meu rosto pelo filho dela. — Usei o anel que Faye me fez mesmerizar para trazer a memória de Edwin de volta, para que ele entendesse os riscos, e o trouxe para cá, para a casa da Grande Dama, para mantê-lo longe do perigo. Eu não fazia ideia de que encontraria você aqui também, Bree.

— Por que meu *pai* estaria em perigo?

— É só por precaução — responde ela, depressa. — Não acredito que Selwyn machucaria Edwin. Nem que ele queira machucar você, pelo menos não diretamente. É só que… — As sobrancelhas de Natasia se franzem. — A demonia nos deixa famintos. E Selwyn quer o seu poder.

— Por quê? — pergunta Valec, apreensivo. Ele está encostado na porta, com os braços cruzados. — Especificamente?

Sinto meu rosto pegar fogo. Natasia franze a testa.

— Me disseram que ele consumiu esse poder em algum momento.

— Ele sucumbiu à demonia quando devorou a raiz da Bree, para salvá-la do mundo dos sonhos de Arthur — explica Lark. — Embora Kane já estivesse sucumbindo. Ele

estava no caminho da queda. Se for como outros demônios…

— Ele não está sucumbindo — intervém Natasia. — E ele *não é* como nenhum outro demônio.

Lark ergue uma sobrancelha.

— Se ele provou da raiz da Bree, então não vai parar até encontrá-la.

— E não só isso: se ele consumiu o poder dela, estará mais sintonizado com a assinatura mágica da raiz dela do que estaria de outra forma — explica Valec, xingando baixinho, os olhos brilhando. — Kane deve estar caçando nesse exato momento. Rastreando Bree pela magia dela, a *quilômetros* de distância.

— Sim, mas ela está segura aqui — insiste Natasia. — Selwyn não pode encontrá-la nesta casa.

A mesa inteira fica em silêncio.

William fala primeiro.

— Por que não?

— Porque — diz Natasia, com um sorriso de alívio — Selwyn não sabe que Bree já esteve na casa de Hazel antes. Ele nem vai pensar em procurar por aqui, muito menos no estado da Geórgia.

O garfo de William cai no prato com um estrondo. Mariah enterra o rosto nas mãos com um gemido, e Lucille se levanta, jogando o guardanapo na mesa com um palavrão abafado.

— Então temos um problema.

— Qual é o problema? — pergunta Natasia. — Por que todo mundo ficou assim?

— Selwyn *com certeza* sabe que Bree já esteve aqui — diz Lucille, séria —, porque os dois estiveram aqui *juntos* não tem nem cinco meses!

Natasia se levanta num piscar de olhos.

— Eu pensei que… — Ela olha para mim. — Eu não sabia. Bree, me desculpa. Achei que tinha sido só aquela vez, com a sua mãe…

— Minha mãe me trouxe aqui?! — exclamo.

— Sim, ela… — Natasia olha para Hazel, cujo rosto indica que ela acabou de constatar algo vital. Natasia volta a olhar para mim. — Isso não é urgente. O que realmente importa é que Sel pode estar a caminho… a qualquer momento.

— Ele viria direto pra cá? — pergunta Nick, se aproximando para ficar ao lado de Natasia. — Ele esteve com a Bree em muitos lugares…

— Como no meu bar! — acrescenta Valec. — Juro, se ele destruir o Lounge…

— Ele sentiu o cheiro da Bree nas minhas roupas depois da minha visita a Daeza, mas não era a raiz dela. Não era forte o bastante pra ele seguir o rastro. Ele começaria pelo último lugar em que a viu usar magia. — Natasia passa a mão pelos cabelos. — Vai refazer os passos dele. Onde foi que vocês estiveram juntos pela última vez?

— Na Fortaleza — respondo, com o coração acelerado.

— Pra onde ele iria depois disso? — pergunta Nick.

Natasia se posiciona bem na minha frente.

— Pra onde você foi depois da Fortaleza? Qual foi o próximo lugar em que usou sua magia?

— Na casa em Asheville — respondo, olhando para Zoe.

— Isso é bom — diz Natasia, assentindo. — Asheville fica bem longe da Fortaleza. Mesmo com o sentido de aether dele calibrado para detectar a Bree, a distância *vai* desacelerá-lo…

— Isso *não* é bom — corrige Zoe. — Meu irmão está lá! E ele não tem atendido o celular!

— Bree esteve na Penumbra há pouco tempo — comenta Lark. — Qualquer rastro que ela tenha deixado naquela outra casa já *tem dias*. O sentido de aether do Kane é aguçado, mas não *tanto assim*.

— Acho que você não vai gostar de saber que ele melhorou — diz Natasia, num tom irônico. Ela se vira para mim. — Quanto aether… quer dizer, raiz… você usou em Asheville?

Arregalo os olhos. O celeiro, a casa, o quintal — o feitiço de proteção *ao redor* do celeiro.

— Muito.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Quanto é muito? Com que frequência?

— *Muito* — repito. — E todos os dias. Durante meses.

— Ela está por toda aquela casa — responde Zoe, com a voz tensa, e se afasta com os braços cruzados sobre a cabeça. — Elijah é um bom lutador, mas…

— Não sinto intenção de matar pelo vínculo, e Sel não machuca quem não o ameaça — diz Nick, mas empalidece ao perceber que não sabe o que Sel faria agora. Nenhum de nós sabe. — Né?

Natasia balança a cabeça.

— Ele não está na forma mais *humana* nesse momento. Ele é puro instinto, precisão e fome. Não se alimenta há meses, que eu saiba. Escapou várias vezes enquanto estávamos juntos, atacou… algumas pessoas. Merlins e demônios… eu acho.

— Como você sabe que ele não atacaria humanos? — pergunta meu pai, ao meu lado. — Sem ofensas, mas ele te arrebentou, e você é a mãe dele!

— Eu estava tentando impedi-lo de alcançar o que ele realmente queria. Aquilo que ele deseja. Sel não *quer* o poder ou as emoções de mais ninguém. — Ela me observa. — Ele quer a Bree.



O CAFÉ DA MANHÃ ficou esquecido na varanda dos fundos da casa de Hazel. Depois da declaração de Natasia, todo mundo entrou para debatermos nossas opções.

Como não temos muito tempo, a conversa foi rápida.

Observo os cambions rearranjando os móveis de Hazel, colocando tudo de lado com cuidado depois que Natasia pediu um círculo aberto no centro da sala.

Meu pai está ao meu lado, os olhos arregalados diante da facilidade com que Zoe e Lark levantam a pesada mesa de jantar de Hazel. No entanto, algo em meu rosto deve estar revelando o turbilhão de emoções dentro de mim, porque, depois de um momento, ele entrelaça o braço no meu. Sorrio tensa para ele.

Emoções antigas se agitam em meu peito. Sinto frustração por um momento de paz em um lugar seguro ter sido interrompido por mais uma ameaça. Culpa pelo sacrifício de Selwyn para me salvar, que nos trouxe até aqui. Preocupação por talvez não conseguirmos ajudá-lo. Por ele, assim como Lark, ter acreditado na história sobre a demonia que a Ordem declarou como verdadeira, algo que Natasia rejeita tão firmemente. Vergonha, por isso sempre acontecer com aqueles ao meu redor. Uma voz cortante dentro de mim diz que meus amigos e meu pai não merecem ser arrastados para mais uma das minhas confusões.

Mas quando Zoe passa correndo para pegar outro biscoito antes de voltar ao trabalho, a pergunta dela na Penumbra surge em minha mente de novo. *Quem se beneficia com isso?* E quando Valec chama Nick para discutir táticas para neutralizar Sel sem machucá-lo, ouço as palavras dele ecoarem: *Precisava cair… para poder se levantar.* E quando meu pai me aperta contra si, com uma expressão de determinação firme, mesmo diante de uma situação que ele não consegue entender muito bem, ele me lembra de que esta sala cheia de pessoas está colocando sua sabedoria em prática, aqui e agora.

Amar as pessoas exige prática.

Culpa e vergonha não vão me ajudar. Elas paralisam, e agora é hora de agir.

— Espera — anuncia Valec, e todos ficam em silêncio. — Precisamos olhar de novo para a alma da Bree. Foi por isso que viemos até aqui…

— Me deixe fazer isso primeiro — diz Natasia. — Por favor. Vou ganhar tempo pra vocês, caso Sel esteja vindo.

Valec recua, dando de ombros.

— Vá em frente.

Natasia me chama para o centro do círculo e coloca as mãos sobre meus ombros.

— Preciso que você forje um construto, Bree.

Pisco algumas vezes.

— Que tipo de construto?

— Algo resistente e forte. Um construto que persista mesmo quando você não estiver mais o mantendo. — Seus olhos dourados analisam meu rosto. — Você é poderosa o suficiente pra isso. *Eu* sinto. E você?

Assinto rapidamente.

— Sim. Claro.

— Tem certeza? — pergunta Lark, desconfiado. Metade da sala lança um olhar de reprovação para ele. — O quê? Não estou, tipo, *duvidando* nem nada. Só quero dizer que você nunca precisou criar um que, hum, durasse. Isso exige muita concentração e precisão. Anos de treino, para a maioria dos Merlins.

— A Bree não é um Merlin, *Merlin* — rebate Zoe. — Ela consegue.

— Zoe está certa. Antes… — Lanço um olhar para Valec e depois para Nick. — Antes de parte da minha alma ser roubada, eu não conseguiria fazer algo assim. Agora eu consigo. Tenho certeza.

Natasia aperta meu ombro.

— Eu acredito em você. — Ela se afasta, me dando cerca de dois metros e meio de espaço. — Algo grande, mas não esférico. Protuberâncias são melhores.

Abro os braços.

— Grande, não esférico… protuberâncias.

Fecho os olhos e imagino o espaço ao meu redor como o vazio da primeira lição de Erebus. Nele, há duas coisas: meu poder e eu.

Inspiro lentamente e, ao soltar o ar, abro a fornalha em meu peito. Ao longe, ouço as reações dos outros ao ver aquilo e imagino o que estão vendo.

Uma erupção roxa ondula por todo o meu corpo, subindo pelo meu pescoço, escorrendo pelas pernas, me envolvendo em meu próprio poder. Ela se enrola ao redor das minhas pernas como cobras, serpenteia pelo meu corpo como fumaça viva, levantando meus cabelos e fazendo cócegas nas minhas costas.

Não preciso mais usar palavras para a maioria dos feitiços, mas percebo que elas ajudam. Então, para este, escolho… *Cresça.*

Cresça.

O poder se espalha, formando um redemoinho aos meus pés. Moldo aquilo em um broto arredondado e liso, alto o suficiente para alcançar meu ombro. Largo na base, se

afunilando até uma ponta no topo.

Quando o broto se estabiliza, dou um novo impulso. *Floresça.*

Sem muito esforço, o broto se expande.

Abro os olhos e vejo a luz púrpura-branca da minha raiz brilhando e fluindo, parte chama, parte líquido. Ela se abre em meia dúzia de pétalas largas, do tamanho do meu braço, com um conjunto de caules secundários logo abaixo. Quando as pétalas se abrem e revelam um centro cristalino, ordeno à flor que pare.

A flor luminosa paira no ar, respirando, enquanto aguarda meu próximo comando.

Valec assovia na sala em silêncio.

— É, eu diria que ela aprendeu algumas coisinhas.

A concentração da raiz no meu construto é tão intensa que até meu pai consegue enxergá-la. Vejo seus olhos cheios de um orgulho radiante… e meu coração também floresce.

Hazel se aproxima, segurando meu braço com firmeza.

— Você sabe que planta é essa?

Balanço a cabeça.

— Não. Só pareceu certo.

— Sua mãe cultivava essas flores — diz meu pai —, antes de você nascer.

— Que flores são essas? — pergunto.

— *Epiphyllum oxypetalum.* — Os olhos de Hazel se enchem de lágrimas. — Mais conhecida como rainha-da-noite. Essas flores precisam de luz solar constante para crescerem bem, mas só florescem no escuro, e apenas uma noite por ano. Uma Artesã Selvagem como sua mãe saberia exatamente como cuidar de uma planta dessas. Ela sentiria o momento da floração a tempo de vê-la se abrir e murchar antes do amanhecer. — Hazel passa um braço pelos meus ombros. — Essas flores exigem fé, Bree. Mesmo quando não conseguimos ver o progresso delas, mesmo quando esquecemos que estão crescendo, elas florescem. E vale a pena esperar.

Engulo em seco, tentando conter o nó na garganta.

— Faye teria amado isso. — Natasia olha para Hazel. — Diga a Bree…

— Eu direi — afirma Hazel, acenando com a cabeça.

— Certo — diz Natasia.

Quando ela se aproxima, as folhas roxas da planta se inclinam em sua direção, iluminando seu rosto com um brilho lavanda profundo.

— Acredite quando eu digo que isso está incrível, Bree. Um trabalho excepcional. Mas — ela estende a mão até uma pétala — nós vamos ter que destruí-la.

Ela faz uma careta e envolve a pétala com a mão, puxando com força… até arrancá-la. Para minha satisfação, a pétala mantém sua forma. Um cristal reluzente em sua palma.

Natasia se vira e conta rapidamente as pessoas na sala.

— Quantos carros?

— Quatro, incluindo o seu — responde Valec.

Ela joga a primeira pétala para ele, que a pega com facilidade.

— Leve essa com você.

Ela arranca outra pétala e a lança para Lark.

— Duas.

— Você vai usar as pétalas como iscas — diz Nick, se aproximando. — Vai dividir a gente pra que Sel caia na armadilha enquanto tiramos a Bree de lá.

— Exatamente — responde ela, cruzando os braços e se dirigindo aos cambions como uma general diante de seu exército. — Quatro carros, quatro rotas diferentes, um cambion por carro. Valec e Lark levarão uma parte do construto da Bree como isca, e eu levarei outra. Bree vai com Zoe no último carro, enquanto mantém seu poder protegido e *oculto*. Ele deve ir atrás de um dos nossos carros antes de perceber o dela. Como cambions, vocês vão sentir a presença dele mais rápido que um humano e, com sorte, vão conseguir atrasá-lo enquanto Bree passa despercebida.

Valec flexiona a mão livre, fazendo faíscas de raiz dançarem em sua palma.

— Eu consigo parar o Kane numa boa, Merlin.

Natasia o encara.

— Entendido. *Você* pode até se garantir, mas ele não vai facilitar. Vai agir por instinto. Qualquer cambion no caminho dele será visto como uma ameaça.

— E o que você vai fazer? — pergunto. — Você só arrancou dois pedaços.

Natasia une as mãos e forja uma rede azul-prateada que se estende no ar. Em seguida, a joga sobre o núcleo restante da flor, junto das outras pétalas.

— Eu vou levar a maior isca comigo. Saio primeiro pra tentar interceptá-lo logo de cara. As outras duas Bree falsas são o plano B, enquanto vocês fogem para o lado oposto. — Ela recolhe o restante do meu construto e o coloca no ombro, atravessando a porta de correr para a varanda.

— Espera! — Corro atrás dela. — Como vamos saber se ele caiu na armadilha?

Natasia dá de ombros.

— Vocês só vão saber se conseguirem chegar a um lugar seguro e pegarem um transporte que ele não consiga rastrear facilmente. Um trem ou avião, talvez. Não é a solução. É só pra ganhar tempo até que vocês cheguem aonde precisam e até nós lidarmos com Selwyn.

— Se eu acabar tendo que enfrentá-lo, não quero fazer isso sem minhas memórias — protesto.

— Vamos resolver isso em seguida — explica Valec, colocando sua parte da flor no chão por um momento. — Natasia, vá. Lark e William, vocês também.

Lark começa a resmungar, mas William o silencia.

— Vamos ser rápidos com a Bree — continua Valec —, e depois ela, Zoe e Nick podem pôr o pé na estrada. Eu vou lançar uma proteção extra para que Hazel, Lu, Mariah, Alice e o pai de Bree fiquem bem protegidos, e, então, vou seguir o meu caminho.

— Mariah vai comigo — digo.

— Era o que eu estava pensando — responde Mariah, cruzando os braços.

— Riah… — começa Valec.

— Você não viu o que ela fez na Penumbra — retruco. — Com o Coração ativado, ela consegue derrubar um cambion ou um demônio, se for preciso, sem se machucar. Quero que ela esteja comigo.

Valec parece prestes a argumentar de novo, mas desta vez é Lu quem o encara até ele recuar com um gemido.

— Está bem.



Natasia vai embora antes que eu consiga me despedir. William e Lark saem em seguida, dizendo que ligarão caso encontrem Sel. Eles levam o celular de William, mas deixam o de Lark comigo, para que eu possa contatar os outros, se precisar.

Todos observam enquanto Hazel nos puxa, a mim e a Valec, para o círculo vazio no centro da sala.

— Você me conheceu quando eu era criança, dona Hazel? — pergunto, enquanto ela traça um círculo de sal sobre o carpete. — O que a Natasia disse…

Ela olha para mim.

— Sim. Mas eu não sabia que era você, ou teria contado antes. E, claro, quando trabalhei com você, seu poder ainda não tinha despertado. — Ela termina o círculo e bate as mãos para tirar o sal. — Quando uma Artesã de Raiz quer saber se o filho tem chance de ser Artesão ou de manifestar algum tipo de poder, traz a criança até mim. Às vezes, não sempre, mas, às vezes, colocam uma máscara na criança para que ninguém consiga identificá-la depois. Por segurança, quando ainda não me conhecem.

Lu franze a testa.

— Isso explica por que não me lembro. Eu sempre me retiro quando pedem privacidade, mesmo sendo a Grande Dama.

— Como cada um lida com sua magia é problema deles. Não forçamos ninguém a se expor. Nunca se sabe pelo que a pessoa passou… ou de quem está fugindo — diz Hazel.

— Faye sempre foi muito cuidadosa com quem trazia pra dentro de casa — diz meu pai devagar, perdido em lembranças. — Eu achava que ela só não gostava de visitas, mas…

Lu suspira.

— Faz sentido que Faye não quisesse que a filha fosse reconhecida, caso Bree tivesse herdado a Arte de Raiz. Um poder como esse precisa ser escondido e protegido até que possa ser reivindicado da forma certa.

— Odeio dizer isso, mas muitos Artesãos de Raiz teriam desconfiado de Bree e da Arte de Sangue da mãe dela, considerando como as pessoas se sentem em relação a vincular o poder dos mortos aos vivos — diz Mariah, soltando um suspiro pesado. —

Então, para proteger Bree era necessário não só afastá-la de demônios e dos Lendários, mas da própria comunidade também.

— Ela tomou tantas precauções — murmuro. — Planos e mais planos, pra cada possibilidade.

— Dez passos à frente — diz meu pai, com carinho. — Sempre.

— Agora — diz Hazel, com as mãos na cintura —, meu ramo da raiz me permite pedir aos ancestrais que fortaleçam a conexão de uma pessoa com sua própria força vital. Se estou trabalhando com alguém cuja vitalidade está adormecida ou reprimida, ou com um poder de Arte de Raiz oculto, posso solicitar aos ancestrais que a ajudem a emergir temporariamente. Se as habilidades dessa pessoa já tiverem se manifestado, como é o caso do Valec, então eu a ajudo a buscar mais controle.

Sorrio.

— Isso é ótimo!

— Vai com calma — interrompe Valec, cruzando os braços. — Minha habilidade de avaliar a bagagem mágica de alguém não é um poder de Arte de Raiz herdado dos meus ancestrais. É só um truquezinho que herdei do meu pai. Hazel vai pedir ajuda aos meus ancestrais *humanos* pra reforçar um poder que veio de uma Sombra.

— É por isso que você acha que não vai funcionar? — pergunto.

Valec estala a língua.

— Eu disse que *talvez* não funcione. Até onde sei, nunca tentaram isso antes.

— Não podemos controlar o que os ancestrais vão fazer — acrescenta Hazel. — Mas podemos pedir.

Ela se dirige ao balcão e volta com um chá de cheiro forte.

— Magia ancestral de qualquer tipo exige uma conexão aberta nos dois sentidos. Nesse caso, vamos abrir o caminho com uma mistura de dente-de-leão, losna, bergamota, sargaço e louro. Minha intenção já está entrelaçada neste chá, Valec, então você só precisa beber.

— Acho que temos um coquetel assim lá no Lounge — diz Valec, pegando o copo e cheirando. Ele faz uma careta. — Não, esquece. Isso nunca venderia.

Ele vira tudo de uma vez e faz uma careta, colocando a língua para fora enquanto entrega o copo, por cima da linha de sal, para Hazel.

— *Credo*, que nojo.

Dou uma risadinha.

— Antes você do que eu.

Ele me lança um olhar fulminante.

— Vem logo. Vamos nessa.

Dou um passo à frente. Ele coloca a mão sobre meu esterno — e nada acontece.

— Valec?

Ele range os dentes, virando a cabeça de lado.

— Me dá um segundo.

Esperamos mais um instante, então ele volta a me encarar.

— Olha pra mim.

Então, caímos.

O mundo se torna vermelho — cada vez mais intenso — até quase parecer negro. É como se uma nuvem de tempestade tivesse passado sobre nós, roubando a luz do sol antes que ela tocasse a terra.

Onde quer que a gente esteja, Valec está ao meu lado. Ele curva os dedos, que se transformam em garras contra a minha pele.

Alguém grita, mas não consigo me mover. Fumaça verde explode entre nós, escorrendo sob a ponta de seus dedos, agora marcados por veias negras. Mãos tentam nos separar, mas estamos selados um ao outro.

Ouço vozes.

O aroma vibrante da tempestade de verão, emanando das espadas de aether de Nick, alcança meus sentidos a distância.

Meus olhos se abrem de repente.

Os olhos de Valec brilham em um vermelho-sangue furioso. Suas presas à mostra.

Eu tinha esquecido que parte dele não é humana.

Ele rosna, puxando o braço de volta e me arrastando junto, antes de congelar.

Seus olhos começam a mudar. Sem pupilas, sem íris, nem marrom, nem vermelho… apenas o brilho dourado intenso da raiz.

O mundo volta para mim aos poucos. A luz do dia atravessa as janelas. Os outros nos cercam em um círculo apertado, surpresos. Mas tudo o que consigo ver é Valec piscando.

— Bem, isso é diferente. — Quando ele fala, sua voz ressoa e ecoa pela sala, grave e áspera.

— Você consegue ver minha alma? — sussurro.

Ele inclina a cabeça, me observando.

— Nitidamente.

Prendo a respiração.

— E…?

Valec franze as sobrancelhas.

— O que exatamente o Rei disse quando você percebeu que tinha perdido a lembrança de algumas pessoas?

Aquela primeira manhã vem imediatamente à mente.

— Ele parecia surpreso por eu não me lembrar delas. Como se não soubesse ao certo o que esperar do próprio feitiço.

— Então nem o Rei das Sombras consegue prever a essência verdadeira de uma alma humana antes de mexer com ela — murmura Valec. — Como eu disse, almas são insondáveis. O que mais ele disse?

— Que ninguém poderia reverter.

Valec franze a testa de novo.

— Então por que os cortes estão tão limpos?

— O que isso…

— Isso não é trabalho de um amador, nem de um demônio descontrolado pela fome. Não vejo bordas irregulares. Nada rasgado ou destruído. — Ele inclina a cabeça para o outro lado, os olhos semicerrados. — Isso é um corte preciso feito por uma mão firme que sabe o que está fazendo. Você faz cortes assim quando quer *preservar* algo, não destruí-lo.

Meu coração dispara.

— Valec, por favor, me diga que isso é uma boa notícia.

Ele umedece os lábios.

— Acho que… acho que o Rei deixou tudo em ordem pra restaurar sua alma, se quisesse.

— Então ele mentiu? — Arregalo os olhos. — Ele disse que não podia reverter. Que ninguém podia…

— Jogo de palavras. O truque mais velho do mundo — responde Valec, mostrando os dentes. — "Ninguém" pode reverter. Se as histórias forem verdadeiras, são necessárias duas partes pra separar uma alma, então o inverso também pode ser verdadeiro. Nenhuma pessoa *sozinha* consegue fundi-la de novo. Apenas duas. Vocês dois precisam concordar em torná-la inteira, juntos.

De longe, ouço Zoe xingar. Começa com "filho" e termina, bem, de um jeito grosseiro.

— Ele nunca vai concordar com isso — digo.

— A não ser que você dê um bom motivo pra ele mudar de ideia. — Valec semicerra os olhos. — Mas tem mais uma coisa… algo que eu não conseguia ver antes. Não tinha poder suficiente. — Ele se aproxima, a voz carregada de reverência. — Isso não é só uma ruptura. É uma ferida. Tem tecido cicatricial aqui, e não foi o Rei quem fez isso. Foi você.

— Como assim? — pergunto, subitamente tomada pelo medo de que eu possa ter lacunas para sempre.

— Você perdeu um *aspecto* da sua alma. — Valec murmura um agradecimento rápido aos ancestrais, e seus olhos voltam ao castanho habitual. — Sua alma é um motor, lembra? Motores precisam de componentes críticos para funcionar.

Balanço a cabeça.

— Não estou entendendo.

Valec sorri.

— Não importa onde você esteja ou que poder tenha, você escolhe ajudar, poço de energia. Escolhe lutar. Escolhe salvar pessoas. Foi isso que você fez pelas garotas Artesãs de Raiz desaparecidas, não foi?

— Lutar? — Pisco, enquanto as lágrimas surgem de repente. — Minha alma não *pode* servir só pra lutar… Eu não vou sobreviver assim. Não posso *viver* em guerra…

— Não é uma questão de estar sempre em guerra. É mais do que isso — diz Valec, se aproximando para segurar minhas mãos. — Quando o Rei tomou parte da sua alma, ele levou a parte de você que se apega às pessoas da sua vida. Foi *isso* que fez com que elas

desaparecessem. Mas o tecido cicatricial prova que essas pessoas perdidas e os conflitos que elas trouxeram até você não são *tudo* o que te move. Mesmo na dor, mesmo sem a sua comunidade, você se curou da ruptura brutal que o Rei deixou, remendou e seguiu em frente. Você usou sua alma de novo, correndo o risco de se ferir de novo, por um grupo de garotas que nem conhecia, quando ninguém mais estava olhando, só pra conseguir dormir à noite. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto, ele me envolve em um abraço apertado. — Você me fez tentar algo hoje que eu nunca teria imaginado ser possível, só porque você não desistiu de si mesma e *se recusou* a desistir de mim. Mesmo quando escolhe a si mesma, você transforma esperança em algo tangível pra todos nós. Mesmo quando decide *não* lutar, você muda o curso das coisas. Se quer saber minha opinião, isso aí é a alma de um rei.

— Alma de uma líder — acrescenta meu pai.

— Uma heroína — diz Nick, com ternura nos olhos.

— Um ícone! — grita Zoe, sorrindo.

Todos na sala riem, mas eu continuo piscando, com lágrimas nos olhos, e balanço a cabeça.

— Eu não…

— Você, sim — diz Valec, recuando um pouco para me encarar. — Essa é a questão. Foi o que você escolheu, certo?

— Certo.

Ele me solta com um aperto de encorajamento.

— E agora, qual é o plano? — pergunta Mariah, olhando para a pétala ainda brilhante. — Precisamos sair daqui o quanto antes. Pra onde vamos?

Todos olham para mim, esperando. E, pela primeira vez, não sinto que suas expectativas e esperanças sejam um peso. Na verdade, são… uma honra. E uma honra cujo valor não pretendo esquecer.

— Tenho uma ideia.

Dois minutos depois, estou na varanda dos fundos, andando de um lado para o outro enquanto meus amigos e minha família observam.

O telefone chama uma, duas vezes, e então enfim a ligação é atendida.

A voz do outro lado é baixa e controlada. Calma demais.

— Acho que não é Larkin Douglas que está me ligando, certo?

Espero um instante antes de responder.

— Está certo.

Silêncio.

— As regras mudaram, Briana?

Olho para meus amigos. Para meu pai. Para Nick. E penso em todos que ainda estão desaparecidos. Em Alice.

— Mudaram.

Mais uma pausa.

— Entendo.

— Precisamos nos encontrar.

— E por quê?

— Porque você tem algo que é meu. — Olho para a coroa coberta por um tecido marrom, no balcão de Hazel. — E eu tenho algo que é seu.

Ele ri, baixo.

— Muito bem. Me encontre na propriedade de Mikael, hoje à noite, nos fundos do terreno. Se você não estiver aqui até o pôr do sol, então vou fazer uma visita à casa da Dama. Ouvi dizer que seu pai desapareceu… Será que eu o encontraria por lá?

Aperto o aparelho com força, mas mantenho a calma.

— Não precisa de ameaças. Eu vou estar lá.

— Você é uma garota muito esperta. Mas antes de bolar algum plano pra me enganar, permita-me lembrar que existe um acordo não cumprido pendente com você, certo?

— Acho que você vai querer ouvir o que tenho a dizer.

— E por que eu faria isso, Briana? — A voz dele agora está dura, implacável. — O que eu ganharia abrindo mão da minha vantagem? Eu poderia simplesmente ordenar que você me entregue minha coroa assim que chegar.

Eu já esperava por essa pergunta, e minha resposta está pronta:

— Poderia. Mas, se você me ouvir, vai receber algo de *mim* que nunca mais vou oferecer de novo.

— Ah, é? — provoca ele. — E o que seria?

— Minha piedade, Erebus — digo. — Minha piedade.



APESAR DE HAZEL e meu pai insistirem para que eu fizesse uma refeição completa, partimos para a Penumbra no SUV chique de Valec com tempo de sobra.

No entanto, estamos correndo contra o tempo não só por conta de Erebus, mas por causa de Sel também.

Todos no carro estão em silêncio, tensos.

Zoe insistiu em dirigir, alegando que precisava manter as mãos ocupadas, e Nick ficou no banco do passageiro ao lado dela. Mariah e eu estamos no banco de trás, com a coroa embrulhada descansando no assoalho, aos nossos pés. Nunca estive tão grata pelo encantamento dos Morganas ainda estar firme — tanto ao redor da coroa quanto do fragmento no peito de Nick. Já estamos tentando passar despercebidos por Sel. Não podemos correr o risco de atrair mais problemas, principalmente se provocados por demônios que possamos encontrar pelo caminho.

Quando estamos mais ou menos na metade do trajeto até a propriedade, Mariah pigarreia e se vira para mim.

— É doido pensar que sua mãe te levou até a Hazel quando você era criança.

Bato com os dedos no joelho, nervosa.

— Sempre que acho que já entendi quem aquela mulher era, ela arruma um jeito de me surpreender de novo.

— Ela parecia ser incrível.

Abro um sorriso.

— A melhor.

— Diminui a velocidade — pede Nick, e seu tom nos deixa em alerta. — Tem alguma coisa na estrada.

Zoe tira o pé do acelerador.

— Também vi.

— Pode ser uma pedra — comenta Mariah. — Costuma ter deslizamento nas montanhas por aqui…

— Pode ser uma armadilha — avisa Nick, dizendo o que todos estamos pensando.

O carro para, mas ninguém sai.

Estamos a cerca de cem metros do obstáculo, mas já consigo enxergar o que está no meio da estrada.

— Parece mesmo uma pedra — comento —, mas por que só uma? Se fosse um deslizamento, não haveria mais?

— Talvez. — Mariah confere o celular que as tias dela nos emprestaram. — Nenhuma mensagem.

— Você tem sinal aqui? — pergunto.

Ela faz uma careta.

— Depende.

Zoe revira os olhos e coloca o carro em ponto morto.

— Vamos ter que tirar, então é melhor descer logo.

Assim que ela abre a porta, uma rajada de vento gelado invade o carro, afastando o conforto do calor. Estamos numa estrada estreita, de duas faixas, nas montanhas, com um paredão rochoso à direita e um despenhadeiro à esquerda que se abre para um vale imenso, e, além dele, uma floresta densa e fechada.

Começo a me mexer para abrir a porta, mas Nick me lança um olhar sério por cima do encosto do banco.

— Tem alguma chance de você ficar no carro?

— Nenhuma — respondo.

— Certo — murmura ele, destravando a própria porta. — Por que eu ainda pergunto?

— A esperança faz bem para o espírito — digo com leveza, saindo do carro.

Mariah hesita por um instante, mas logo ouço a porta dela se abrindo também. Nós quatro ficamos parados na frente do carro, que continua ligado. O sol ainda está visível entre as nuvens sobre o vale, mas já começa a se mover em direção ao horizonte. À nossa frente, a estrada sobe e faz uma curva à direita, desaparecendo atrás da montanha. Placas de aviso alertam sobre trânsito em sentido contrário, risco de deslizamento de pedras e visibilidade perigosamente reduzida na curva fechada. Tínhamos reservado algumas horas para chegar à Penumbra, com uma hora extra de margem, mas essa pedra está nos atrasando.

— Posso ajudar Zoe a mover isso — ofereço.

O olhar atento de Nick percorre a estrada além da pedra, sobe pela encosta à direita e volta para o trecho vazio atrás de nós.

— Consegue fazer isso rápido?

— O mais rápido possível — respondo.

Zoe e eu caminhamos juntas até a pedra, avaliando tanto o obstáculo quanto a estrada à frente… e a curva, de onde outro carro pode surgir a qualquer momento.

Zoe se agacha de um lado, e eu imito o movimento dela do outro.

— Levanta com as pernas.

Reviro os olhos, procurando pontos de apoio na superfície lisa.

— Uhum. No um?

— Dois.

— Três.

Conseguimos erguê-la cerca de trinta centímetros antes de ter que soltar. A pedra é lisa demais para segurar com firmeza.

— Empurramos, então? — sugiro.

— Isso.

Dessa vez, vamos para o mesmo lado, prontas para rolar a pedra — até que sinto algo quente e cortante deslizando pela minha bochecha. Eu me levanto de repente, levando a mão ao rosto.

— O que você…

— Xiiiu. — Olho ao redor da estrada. — Tem alguém aqui.

Nick corre e para do meu lado.

— Em que direção?

A sensação de queimadura na pele se move para a nuca, depois para o outro lado, e então para a testa.

— Não sei. A gente tem que…

Nós três nos recostamos na pedra ao mesmo tempo, de braços abertos. A armadura se espalha pelo corpo de Nick como uma onda líquida. Zoe convoca uma maça longa e ameaçadora com a mão direita. Não ouso chamar minha raiz, por precaução… Não é *ele*.

— Zoe! — grita uma voz familiar, e quando nos viramos para o carro avistamos Elijah parado ao lado dele, segurando o braço de Mariah com uma das mãos e tapando sua boca com a outra. Ela parece apavorada.

— Elijah? — chama Zoe.

— Solta minha irmã! — grita Elijah, com as presas à mostra, encarando a mim e a Nick. — Solta ela ou eu machuco sua amiga!

Nós três congelamos, em choque. Com a violência nos olhos vermelhos de Elijah. Com o desespero na voz rouca. Com a forma como ele aperta o cotovelo frágil de Mariah.

— Elijah — murmuro. — O que você está fazendo?

— Estou garantindo que minha irmã esteja segura!

Pelo olhar de pavor no rosto de Mariah, Elijah deve ter se aproximado sem fazer o menor ruído. Ela solta um grito abafado, e ele a puxa mais para perto, rosnando em seu ouvido: — Cala a boca!

Avanço instintivamente… mas Nick me puxa de volta.

— Espera.

— Solta ela, Elijah! — Zoe deixa a arma cair, transformando-a em poeira na estrada, e avança como um borrão na direção do irmão. Ela para no meio do caminho. — Nick e

Bree não estão me machucando!

Os olhos reluzentes de Elijah saltam entre mim e Nick.

— Mas seus áudios, suas mensagens…

— Por que você não me respondeu?! — grita Zoe.

— A Penumbra estava bloqueada, então fui pras montanhas atrás de você! As mensagens chegaram todas de uma vez quando voltei pra casa. Na última, você dizia que estava voltando para a Penumbra! — responde Elijah, confuso. — O velhote não estava em casa, eu soube que algo tinha dado errado com o Mikael, e… você parecia assustada.

Zoe encara o irmão com uma expressão envergonhada.

— Solta logo a Mariah, Elijah.

Elijah hesita por um breve instante antes de soltar Mariah. Em um piscar de olhos, ele corre até o meio da estrada e encontra Zoe, e os dois se abraçam com força.

Solto um suspiro de alívio enquanto Nick grita para Mariah:

— Entra no carro!

— Não precisa repetir! — responde ela, correndo até o SUV, batendo a porta e trancando o carro atrás de si.

Estamos perto o suficiente para ouvir Elijah sussurrar no ombro da irmã:

— O velhote foi embora e não voltou, não disse pra onde ia. Perdi contato com você e com a Bree, e então… começaram a circular rumores sobre um novo jogador — declara ele. — Alguém perigoso demais pra se fazer negócio. Alguém à caça, disposto a machucar cambions. Achei que o Merlin que você mencionou estivesse atrás de você…

— Kane não está atrás de mim — explica Zoe. Ela se afasta do irmão e inclina o queixo na minha direção. — Ele quer a Bree. É exatamente como o velhote dizia. Um cambion desequilibrado que passou dos limites.

Elijah me encara, depois observa Nick, e volta a olhar para Zoe.

— O velhote…

— Não é confiável — diz Zoe com firmeza. — Ele *mentiu*. Pra nós. Pra você.

Elijah franze a testa, confuso.

— Não, ele…

— Ele *mentiu*, Elijah! — rosna Zoe. — Agora estamos sozinhos. Só você e eu. É isso.

Elijah parece prestes a contestar, mas, antes que diga qualquer coisa, os dois viram a cabeça ao mesmo tempo — para o lado oposto da estrada, onde há a curva sombria que desaparece atrás do penhasco da montanha.

— O que foi? — Dou um passo à frente. — O que vocês estão ouvindo?

O medo volta aos olhos de Elijah, que começam a piscar entre o carmesim e o castanho.

— Zoe… — sussurra ele.

Zoe abaixa a cabeça, colando o queixo ao peito.

— Também estou ouvindo.

— Mas *nós,* não — protesta Nick, girando o corpo até ficar de costas para o penhasco, de onde consegue observar melhor a estrada dos dois lados.

Nós dois nos viramos para dar uma olhada em Mariah. Ela está dentro do carro, de olhos arregalados, a uns trinta metros. Então voltamos a encarar a escuridão, onde os cambions agora concentram toda a sua atenção.

— Digam o que está acontecendo, por favor?

Zoe escuta por mais um instante, focando, até que seus olhos se arregalam. Ela e Elijah ficam absolutamente imóveis.

Estendo a mão até tocar o braço dela, o coração martelando no peito.

— Zoe, o que…

Ela me encara.

— Ele está mandando um aviso.

Meu coração para por um segundo. Depois recomeça… mais rápido.

Selwyn.

— O que ele está dizendo? — pergunta Nick, com a voz baixa.

Zoe ouve por mais alguns segundos, então se vira para o irmão. Os dois trocam um olhar longo que não consigo decifrar. Um olhar que não é dirigido a mim, a Nick, nem a ninguém.

Então, Zoe fecha os olhos.

— Sinto muito, Bree.

Eu sei o que ela vai fazer. Sei o que os dois vão fazer, antes mesmo que aconteça.

Mesmo assim, arrisco um palpite.

— Ele não vai machucar vocês se forem embora?

Zoe assente, rígida.

— Vocês são cambions — murmura Nick, com um olhar cheio de empatia —, então são uma ameaça.

Zoe assente novamente. Quando se vira para mim, seus olhos brilham sob a luz da lua.

— Agora… agora somos só eu e o Elijah, então…

— Vão — digo, encontrando o olhar de Nick. — Ele não vai machucar a mim nem ao Nick.

Elijah e Zoe se sobressaltam, como se tivessem levado um choque.

— Tem certeza disso? — pergunta Elijah, olhando para nós. — Porque ele está ouvindo você. E acabou de dizer: "Isso eu ainda vou decidir."

A mandíbula de Nick se tensiona.

— Podem ir. Vocês dois. Nós vamos ficar bem.

Elijah precisa puxar Zoe para ela se mover. Ele me cumprimenta com um olhar de desculpas enquanto guia a irmã de volta ao local onde deve ter estacionado o carro.

— Bree, me desculpa por…

— Nós vamos ficar bem — digo aos dois, com um sorriso suave. — Até a próxima, Elijah.

Não sei se alguma dessas frases é verdadeira, mas soam muito melhor do que um adeus.

Zoe me lança um último olhar cheio de culpa, preocupação, frustração e medo.

E então os dois se vão, acelerando estrada abaixo em direção a um carro que presumo que Elijah tenha estacionado longe do nosso campo de visão.

Nick e eu contornamos a pedra e nos viramos para a estrada vazia à frente — e esperamos.

O vento invernal faz meu casaco voar e levanta os cachos soltos no topo da minha cabeça, afastando-os do meu rosto. O cheiro de uma tempestade de verão invade minhas narinas, pouco antes da armadura de aether de Nick brilhar e depois escurecer para um azul mais escuro. Sem precisar lançá-la de novo, ele a molda em um construto mais fino e sólido, feito para facilitar seus movimentos. Para correr, se mover, desviar. Mas algo me diz que ele não pretende fazer nada disso.

Meu coração acelera, enquanto minha raiz vibra sob o tórax. Eu poderia chamá-la para as minhas palmas em um segundo. Criar uma cúpula de proteção ao nosso redor com um pensamento. Mas também não pretendo fazer nada disso.

As nuvens se movem acima de nós, revelando a lua crescente brilhante, baixa no céu.

E continuamos esperando.

Selwyn estava perto o suficiente para ouvir nossa conversa com os gêmeos, o que significa que agora ele está apenas brincando com nossos sentidos. Escondendo sua presença de propósito. Nos observando enquanto aguardamos por ele. Nos estudando. Deixando nossa adrenalina subir até transbordar, escorrendo sobre o asfalto escuro como um tapete estendido para um rei.

Então, um assobio alegre rompe o silêncio.

Com o penhasco de um lado e a parede montanhosa do outro, é impossível identificar a origem do som. Ele ricocheteia de um lado para o outro. Nick firma os pés no chão e foca o olhar.

De repente, vejo uma figura escura ao longe.

Selwyn se aproxima, assobiando e vestindo um longo casaco escuro. Aether verde brilhante se agita ao redor de suas mãos e de seus braços, que balançam ao lado do corpo.

— Isso é novo — murmura Nick.

O passo lento de Sel não diminui, embora ele com certeza tenha ouvido a voz de Nick. A sensação do olhar dele queima minha pele, e meus ombros se erguem até quase tocarem as orelhas, sem que eu consiga evitar. Preciso forçar o corpo a relaxar. Essa intensidade no olhar também deve ser nova. Não consigo imaginar que eu vá me acostumar com isso um dia, mas talvez eu já tenha me acostumado.

— Sel — diz Nick, com a voz baixa e firme ao meu lado —, precisamos conversar.

Sel continua andando, mas o assobio cessa. Ele inclina a cabeça para a esquerda, como se estivesse pensando, mas então a melodia alegre recomeça enquanto Selwyn se aproxima, com passos tranquilos e calculados.

— Você não quer machucar a Bree — continua Nick, com calma. — Eu sei que não quer.

O assobio aumenta, perfurando o ar.

— Deixa a Bree ir — pede Nick. — Vamos conversar, só você e eu. Bree tem um compromisso importante e o tempo está acabando.

Sel não para. A cada passo que ele dá, a sensação do seu olhar contra minha pele se torna mais quente, mais intensa.

— Por favor, Sel… deixa a gente ir. Só por agora.

Ele para ao ouvir minha voz. Então, sem aviso, se move como um borrão escuro entre as sombras das pedras, parando a poucos centímetros de mim.

Essa pessoa diante de mim não tem nada a ver com o "garoto Merlin que me fazia sentir culpa". Ele é só… fogo e fúria, com um sorriso torto, presas longas, mãos brilhantes e garras de pontas negras. Sua magia é uma onda ácida e ardente contra meu rosto, tão cortante que sou forçada a fechar os olhos com força. Assustador e belo ao mesmo tempo, e tudo dentro de mim grita para que eu corra… mas não consigo.

— Olá, Briana.

A lâmina de aether de Nick se acende entre nós, uma linha fina e afiada separando o peito de Sel do meu. A luz prateada-azulada da espada ilumina o rosto sorridente de Sel e as veias escuras que se espalham a partir dos olhos vermelhos e brilhantes.

— Olá, Nicholas — ronrona Sel, sem desviar o olhar de mim. — Obrigado pela luz. Quero mesmo ter uma boa visão dela.

Nick segura a lâmina com firmeza.

— Selwyn…

Sel olha para ele.

— Seu cabelo está comprido demais.

Nick retruca.

— Estou sem tempo pra cortar.

— E a barba por fazer? — pergunta Sel. — Sério?

— Foram meses difíceis.

— Você não faz ideia. — Os olhos de Sel se fixam em mim de repente. — Abaixe a espada, Nicholas, ou eu vou quebrá-la.

— Não quero lutar — respondo.

— Teremos tempo suficiente pra isso depois. — Os olhos de Sel percorrem meu rosto, minhas bochechas, minha testa. — Por que lutar agora, quando você está tão gloriosa quanto eu me lembrava? Tão poderosa? Mais ainda, na verdade. Eu preferiria apenas… observar você.

— Você pode tentar consumir minha raiz pela segunda vez — aviso, erguendo o queixo —, mas saiba que dessa vez eu não vou facilitar as coisas.

Ele se inclina, a garganta encostando na lâmina de Nick, e eu prendo a respiração. Sangue negro escorre da pele pálida onde a espada a corta, mas ele não parece notar nem se importar.

— Por favor, *nunca* facilite as coisas.

Nossos olhares se encontram. O dele, como fogo contra meu rosto e meus lábios, provoca um arrepio que percorre meu corpo sem permissão. Minha boca se abre, mas

logo se fecha.

Ele sorri.

— Peguei você.

— Pegou quem? — sussurro.

O sorriso dele se alarga, satisfação brilhando em seu rosto.

— Nunca vou esquecer nosso primeiro encontro. — Ele se inclina ainda mais, a voz num tom baixo como uma onda prestes a me arrastar. — Seu lado selvagem. Sua fúria. Sua *indignação.*

— Ela não se *lembra* do primeiro encontro de vocês — diz Nick, quebrando o silêncio entre nós. — Ela não te conhece.

Sel se afasta de repente, a apreensão tomando conta de seu rosto.

— Isso é algum truque? Briana não pode ser mesmerizada.

— Não é truque, nem mesmerização — responde Nick. — É por isso que você precisa deixar a gente ir.

Sel rosna, o lábio se levantando.

— Foi isso que minha mãe quis dizer quando disse que eu não poderia dar a Briana aquilo de que ela precisa?

Eu coro… e Nick também.

Sel ignora nossas reações e examina meu rosto.

— Você não se lembra de partes da sua vida? Isso é inaceitável. — Ele olha para a espada entre nós. — Tire sua arma, Nicholas.

— Ele está com raiva — comenta Nick em voz baixa —, mas não sinto intenção de matar. A escolha é sua.

Pondero as opções.

— Abaixe a espada — peço.

A espada se desfaz entre nós, partículas prateadas caindo aos nossos pés. Nick desfaz a postura de combate, mas permanece ao meu lado.

— Foi você quem jogou aquela pedra na estrada?

— Não. Foi aquele cambion de Asheville — responde Sel, olhando por cima do meu ombro. — Foi um obstáculo útil. Agora temos tempo pra conversar.

— *Não temos* — digo.

— Como você encontrou a gente? — pergunta Nick.

— De novo, o cambion — suspira Sel, como se estivesse entediado. — Rastejei até a casa seguindo a assinatura da raiz da Bree e pensei em vigiá-la da floresta. Escutar do lado de fora. Mas aí ele ouviu um áudio que dizia seu nome e saiu às pressas. Eu o segui.

Sinto meu estômago se revirar. As ligações de Zoe para Elijah trouxeram Sel diretamente até nós.

A boca de Sel se curva para baixo, fingindo preocupação.

— Ainda bem que a irmã superpreocupada do Elijah mandou aquela última mensagem totalmente desesperada. Se não fosse por isso, talvez eu passasse mais um dia sem encontrar vocês. Ou dois.

Cruzo os braços.

— Sua mãe disse que você não se alimentou.

O tom zombeteiro desaparece como se nunca tivesse existido.

— Então ela foi ver você, né?

— Sim.

Ele joga a cabeça para trás com um gemido.

— Sempre protegendo uma *garota Matthews* — diz ele, amargurado. — Parece que essa é a sina eterna dela… e o fracasso eterno também.

— Eu não preciso da proteção dela — digo.

Ele vira a cabeça de repente.

— Você já precisou da minha.

— Eu era outra garota naquela época.

— *E eu era outro garoto* — retruca ele, a voz crua, revelando um breve vislumbre de Sel sem máscara.

— Você ainda é um Mago-Real — diz Nick, mantendo a calma.

Sel se move num borrão e para na frente dele, com os olhos flamejando. Ele mostra as presas, e as palavras saem entre elas como um silvo cortante.

— E de que serve isso? Um Mago-Real sem rei.

O olhar de Nick permanece firme.

— Eu nunca fui seu rei, Sel.

Sel torce o lábio em um esgar.

— Um irmão de vínculo, então? Preso a um monstro?

— Você nunca foi um monstro — responde Nick, com serenidade. — E nós nunca fomos irmãos.

— O que eu era, então? E o que sou agora? — A voz de Sel se torna mais baixa, diminuindo a cada palavra, até se transformar em um rosnado profundo. — Se não um sacrifício voluntário e involuntário no *altar de um deus falso*?

— Você é um Mago-Real. Ainda pode *ser* um Mago-Real. — Os olhos de Nick passam por mim e voltam ao seu vínculo. — Se quiser ser.

— Só no nome! — ruge Sel. — Nunca serei ligado ao meu dever de fato, nem pela verdade, *nem* pela magia! Não. Há tantas coisas que eu jamais serei, coisas que nunca fui, coisas que não posso me tornar, nem mesmo agora, depois de mais um dos gloriosos fracassos da minha mãe.

— Você *não* é um fracasso! — digo.

Ele sorri, um sorriso severo, lento.

— E como você saberia disso, garota linda? Como poderia entender o que é o fracasso? O que significa *cair*?

Inspiro, trêmula. Engulo em seco.

— Eu sei o que significa.

— Ah, é? — provoca ele. — Depois de tanto tempo longe da Ordem, agora você percebe o quão *problemático* eu sou? Ainda mais quando descobrirem que minha mãe não

conseguiu dar um jeito em mim.

— Você não é um problema, não precisa ser consertado — digo entre dentes.

Sel recua alguns passos.

— Nicholas achava que eu era.

— Não achava, não — retruca Nick, balançando a cabeça. — O Juramento que temos não era, e não é… *certo*. Nunca deveria ter sido imposto a nenhum de nós. O Juramento, meu pai, a Ordem, os Regentes… — resmunga Nick, suplicando com os olhos para que Sel entenda. — *Tudo isso* é o problema, Sel! Me desculpa se algum dia fiz você se sentir como se o problema fosse você.

Algo indecifrável passa pelo rosto de Sel.

— Já se perguntou por que o Juramento de Mago-Real nos liga pelo medo e pela raiva? Essas duas emoções, especificamente?

Nick não responde.

— Passei muitas horas pensando nisso — continua Sel — e concluí que o medo e a raiva não são tão diferentes assim. A linha entre eles é bem tênue. Nós dois carregávamos muito de ambos, né? Mesmo antes do nosso vínculo. — Sel se vira para mim, levando a mão à boca. — Posso te contar um segredo, Bree?

Nick e eu trocamos um olhar antes que eu responda:

— Pode?

Ele continua, sussurrando de forma teatral.

— Nicholas não é tão fofinho e bonzinho quanto todos pensam. Ele tem seus próprios demônios.

O olhar de Nick endurece.

— Eu nunca disse que era fofinho ou bonzinho.

— Não precisava! — Sel se endireita, abrindo os braços e liberando pequenos fluxos de aether verde no ar. — As pessoas simplesmente… presumiam. Um benefício que deram a você. Um benefício que eu mesmo dei a você, mesmo sabendo que não deveria.

— Sel, escuta — diz Nick, exasperado, lançando um olhar para a lua acima —, Bree e eu precisamos ir. Temos que chegar à Penumbra. É urgente…

— Nicholas Davis e Selwyn Kane — interrompe Sel, ignorando a tentativa de Nick de retomar o foco. — O sol e a lua. Você é o calor e a luz, e eu sou o frio amargo e profundo, ou pelo menos sempre foi assim que pareceu. Mas nós sabemos a verdade, não sabemos, Nicholas?

Nick e eu ficamos imóveis quando Sel se aproxima. Ele para exatamente onde estamos e se inclina até sua cabeça pairar entre as nossas. Mas quando Sel se aproxima do ouvido de Nick, seus olhos carmesim deslizam até os meus. Num sussurro baixo, destinado a nós dois, ele pergunta:

— Ela sabe que a lua vive em você também?

Sel se afasta com um sorriso satisfeito, e vejo a expressão fechada de Nick. Acho que nem Sel nem eu esperávamos que Nick respondesse à provocação, mas ele nos surpreende.

— Ela sabe — sussurra Nick. — Assim como sabe que o sol vive em você.

A raiva latente de Sel o faz ficar assustadoramente quieto.

Mas não dura muito.

Um sorriso torto revela as pontas escuras de suas presas. Sua atenção está em mim agora, embora suas palavras sejam para Nick.

— Briana te contou que ela me beijou?

Fico sem ar de repente, e meu rosto pega fogo. Sei que Nick está ciente do que aconteceu entre mim e o Mago-Real dele, mas, para mim, ainda é uma novidade. É uma lembrança que não consigo recordar, mas claramente Sel parece não se importar em compartilhar.

— Não?

Nick não responde, e a expressão de Sel se torna triunfante.

— Pois é. Ela beijou. E eu deixei… *Ah*, como eu *deixei*…

— Chega — ordena Nick. — Eu sei o que você está tentando fazer. Não vai funcionar…

— Ela tem gosto de calor, perigo, mel e… — Sel estremece — *poder*. Viciante, mesmo sem a raiz.

Nick não reage, e as sobrancelhas de Sel se erguem. Ele nos observa, os olhos se estreitando, até encontrar o que estava procurando.

— Entendi. Vocês dois… se reaproximaram. E recentemente, pelo visto. — Ele se entrega à ideia, mostrando as garras e um entusiasmo quase cruel. — Isso te dá ciúmes, Nicholas? Saber que Briana me beijou enquanto você estava tão ausente?

Nick o observa com calma.

— Você *quer* que eu sinta ciúmes, Sel?

Sel joga a cabeça para trás, rindo, uma gargalhada que se quebra contra a montanha.

— Agora eu sou *feito* só de desejo. Descobri que sou insaciável… e não me importo com isso.

— O que você *quer*? — Dou um passo à frente. — Porque não sou só eu.

Ele permite minha aproximação.

— Ainda não entendeu, garota misteriosa?

— Não.

— Eu quero o que todo demônio quer, Briana. — Ele estende a mão para o meu cabelo, pausando por tempo o bastante para que eu possa recuar, mas não me movo. Ele puxa um dos meus cachos castanho-escuros, esticando-o antes de soltar e observá-lo se encolher de volta. — Caos.

— O caos vai ter que esperar — digo, os dentes cerrados.

Minha raiz se inflama no pulso e sobe até o cotovelo dele, e os olhos de Sel se arregalam de puro deleite.

— Um aperitivo?

Rápido como uma cobra, ele capta um traço da chama e a leva até o nariz. Sel fecha os olhos, inspirando lenta e profundamente a essência da minha magia… e franze a testa.

Abre os olhos de repente, me encara com um olhar acusador e inspira de novo.

— Tem alguma coisa errada.

Eu o encaro.

— Eu sei.

Os olhos dele se voltam para Nicholas.

— A magia dela está alterada. *Ela* foi alterada.

— Era isso que estávamos tentando dizer para você — Nick suspira. — Precisamos chegar à Penumbra.

— E o que vocês vão fazer nessa tal *Penumbra*? — pergunta Sel.

— Reverter, se conseguirmos — respondo.

Selwyn nos observa por um momento e, em seguida, seus olhos se fixam em Nick.

— Não deixem que eu os impeça.

— Essa conversa não terminou — diz Nick. — Nós ainda não terminamos.

— Não, ainda não terminamos — concorda Sel. Ele respira fundo, como se uma luz interna o iluminasse. — Mas essa conversa *foi*... deliciosa.

— Você vai simplesmente deixar a gente ir embora? — pergunto, desconfiada.

Ele dá de ombros.

— Por enquanto.

— E o que vai fazer quando partirmos?

— Talvez você tenha razão, Briana Matthews, e eu não seja um problema. — Seus olhos brilham, chamas vermelhas escorrendo pelos cantos. — Mas talvez eu devesse me tornar um.

Antes que possamos responder, ele se vira e se afasta, assobiando uma melodia suave enquanto desaparece estrada acima, na escuridão.



CHEGAMOS À PENUMBRA com apenas alguns minutos de sobra, ainda abalados com o que aconteceu com Elijah e Zoe — e atordoados com nosso encontro com Sel. Nick desliga o motor na entrada vazia e observa a mansão pelo para-brisa.

— As janelas estão escuras — resmunga ele. — Nenhuma luz acesa lá dentro. Parece que não tem ninguém em casa.

— Eu me acostumei com o movimento — murmura Mariah, se inclinando à frente para observar o quarto andar mergulhado na escuridão e o céu estrelado logo acima. — Cheio de gente horrível, mas ainda assim… cheio.

— Você avisou aos outros sobre o Sel? — pergunto.

Mariah faz que sim com a cabeça.

— Disse que vocês tiveram… um encontro.

Nick aperta o volante com força. Eu me remexo no banco. Nenhum de nós mencionou nosso encontro com Selwyn, mas dá para perceber que ainda estamos abalados com o furacão de emoções que ele provocou em nós com apenas algumas palavras.

— Precisamos nos concentrar — declara Nick. — Vamos.

Juntos, Mariah, Nick e eu contornamos a parte de trás do prédio à luz dos postes de ferro ainda acesos ao longo do caminho de tijolos. Mas, antes de entrarmos nos jardins, eu paro.

Eles se viram para mim.

— O que foi? — pergunta Nick.

Olho para os dois.

— Mariah, se acabar em briga…

— Eu vou correr — assegura ela. — Mas não vou voltar para o carro. Eu acabei com Mikael.

— O Rei não é Mikael. Ele é quem Mikael servia de joelhos — digo.

Ela assente.

— Se ele se transformar ou se eu não conseguir segurá-lo, eu aviso.

Eu me viro para Nick.

— E se você não conseguir…

— Eu consigo.

— Mas se *não conseguir*…

— Confia em mim? — pergunta Nick, dando um passo à frente e apertando minha mão.

Amor. Confiança. Decido que ambos são um exercício diário.

— Está bem.



Quando chegamos aos jardins nos fundos da propriedade, Erebus está sozinho, sentado em um banco de pedra no pátio com vista para o labirinto, uma perna cruzada sobre a outra.

— Você sabe o que dizem — comenta ele ao se levantar. — Dez minutos adiantado é estar no horário, e estar no horário é chegar tarde.

Vou até ele com a expressão fechada.

— Me poupe.

Seus olhos se voltam para Nick, que caminha ao meu lado, e depois para Mariah, que ficou para trás, conforme o plano.

— Trazer uma humana pra uma luta de magos? Os truques dela não vão funcionar comigo.

Paro diante dele, a coroa coberta por um pano e apoiada no meu quadril.

— Desestabilize seu oponente logo de início, para que ele nunca sinta que está no controle. Você me ensinou isso na segunda semana de treino.

Ele sorri, radiante.

— Você *ouve* mesmo.

— Vamos facilitar as coisas — declaro. — Me devolva o fragmento da minha alma.

Erebus bate palmas, devagar.

— Você desvendou o mistério.

Ignoro o comentário e estendo a coroa para ele.

— Se devolver meu fragmento, nós devolvemos sua coroa… e retiramos o encantamento, pra que você possa usá-la de novo.

A expressão de Erebus se torna cética.

— E como pretende fazer isso? Os Morganas sumiram de novo.

Nick dá um passo à frente.

— Eu posso remover.

Erebus semicerra os olhos.

— Nunca conheci um Herdeiro de Lancelot que conseguisse anular magia.

— E dizem que não dá para ensinar truques novos a um cachorro velho — provoca Nick, com um sorriso de deboche.

Com um suspiro, Erebus se volta para mim.

— Se Nicholas de fato puder remover o encantamento, então vocês me devolvem a coroa… e eu considerarei nosso acordo inacabado como encerrado.

Prendo a respiração.

— Não foi isso que eu propus.

Ele abre as mãos.

— Mas é o que estou oferecendo. Possuir um pedaço da sua alma é algo valioso demais pra abrir mão tão facilmente.

— Então vai guardar só por diversão? — pergunto. — Você nem precisa disso!

Ele se aproxima.

— Você sabia que a maioria dos humanos com almas partidas nunca encontra o caminho de volta? Eles fraquejam. Se desviam. Viram pessoas que jamais desejaram ser, enquanto protegem, sem perceber, aquilo que foi ferido. Mas você, Briana Matthews… — Ele inclina a cabeça, olhando no fundo dos meus olhos. — Você se arriscou pra cumprir a missão da sua vida. Talvez tenha arriscado perder ainda mais de si por causa disso.

— Eu sei sobre o tecido cicatricial — interrompo.

— Então você compreende o que me fascina. É raro encontrar alguém que continue lutando a guerra da vida com uma arma quebrada. Estou curioso para ver até onde você pode chegar com a mão amarrada às costas. Talvez eu só devolva o fragmento perdido da sua alma quando você estiver prestes a alcançar todo o seu potencial. Então, veremos até onde você pode chegar.

Nick dá um passo à frente.

— Não foi pra isso que viemos…

— Você não tem voz nesse acordo, *garoto* — rosna Erebus. — Essa conversa é entre reis.

— Você diz isso, mas eu tenho uma visão *excelente* e, quando olho ao redor — Nick observa o pátio de pedra vazio, a voz carregada de ironia —, o único rei que vejo aqui é a Bree.

Por um momento, o rosto de Erebus se transforma em uma sombra furiosa.

— Ao contrário de você, ela tem uma corte ao seu lado — continua Nick —, e, ao contrário de você, ela poderia usar a coroa que segura nas mãos sem ser queimada até se tornar uma pilha de poeira antiga, frágil e esquecida.

A boca do Rei se contorce num rosnado, um abismo negro cheio de presas afiadas como garras.

— *Silêncio.*

— Eu aceito — digo.

Nick se vira para mim, exasperado.

— Bree!

— Eu não posso, *não vou* deixar que ele tenha esse poder sobre mim por mais tempo — explico para Nick. — Ele pode exigir qualquer coisa, a qualquer momento. Não vou permitir que ele tenha acesso livre ao restante da minha vida. Ninguém tem esse direito, lembra? Ninguém merece o meu sofrimento.

Os lábios de Nick se apertam, e ele alterna o olhar entre mim e Erebus. Depois de um momento, assente.

— Então estamos de acordo. — Erebus junta as mãos, animado. — Agora vamos ver se o arrogante Herdeiro de Lancelot consegue ser o segundo que seu rei precisa.

Nick encara Erebus por um instante antes de se voltar para mim.

— Estou pronto.

Retiro o pano que cobre a coroa e a coloco sobre os tijolos entre nós. Um leve brilho de aether azul, em linhas entrelaçadas, cintila sobre o metal negro à luz dos lampiões. A velha relíquia parece quase inocente ali, mas o olhar faminto de Erebus me lembra que ela está longe de ser inofensiva. Assim como ele, a coroa não foi inofensiva nos últimos quinze séculos, só estava adormecida. Nunca sem poder, apenas oculta. Protegida. O verdadeiro poder da coroa foi trancado por tanto tempo que seria fácil confundi-la com algo menor do que realmente é. Algo menos poderoso.

De repente, sinto uma afinidade inesperada com aquele artefato antigo e me pergunto no que nós dois poderemos nos tornar depois deste momento de reivindicação.

Nick circula a coroa, seus olhos se estreitando antes de brilharem em um azul profundo. Ele se ajoelha, estendendo as duas mãos sobre as pontas quebradas.

Prendo a respiração, torcendo para que funcione, sem saber o que faremos se não funcionar.

Então, linha por linha, o encantamento azul cintilante dos Morganas começa a se desfazer.

Os olhos de Erebus se arregalam, ficando cada vez mais vermelhos a cada segundo.

— Incrível.

Nick solta um grunhido de esforço, os ombros se levantando até quase tocarem as orelhas enquanto seus dedos se curvam.

À medida que as camadas da magia dos Morganas se retraem, o preto da coroa parece se intensificar. Raios cintilam nos olhos de Nick, escapando pelas bordas em faíscas irregulares enquanto ele chega perto de retirar a última faixa de poder.

Restam apenas dois arcos de luz azul, cada um estendido de um lado a outro da circunferência da coroa, formando um X brilhante.

Nick me lança um olhar. O sinal.

Então, num piscar de olhos, ele desaparece e reaparece a cerca de seis metros de distância, do outro lado do pátio.

— Ainda não terminou! — grita Erebus atrás dele.

— Eu sei. — Nick sorri.

— Agora! — grito.

De repente, sombras negras e cinzentas se erguem da pele de Erebus. Ele rosna para Mariah, que está atrás de mim.

— Eu disse que isso não vai funcionar…

Eu o ignoro, batendo palmas. *Conter*.

Uma esfera roxa cintilante nos envolve — a mim, a coroa e Erebus.

— Sua barreira também não pode me segurar, Briana. — A magia de Mariah puxa sombras da pele e das roupas dele, arrancando-as dos cabelos e das bochechas até que ele pareça sangrar redemoinhos negros de ar. — Nenhuma de vocês tem força suficiente.

— Não estou tentando conter você — sussurro. — Só quero que você se lembre do que tirou.

Ouço o último suspiro de esforço de Mariah… e as sombras negras que envolviam o corpo de Erebus explodem ao nosso redor, preenchendo minha esfera com mil corpos fantasmagóricos. São as vítimas de Erebus, aparições de toda violência que ele cometeu.

A multidão gira, flutuando em pernas translúcidas, com bocas rosnando para o demônio no centro da esfera. Reconheço alguns rostos das caminhadas pelo sangue dos meus ancestrais: um jovem branco vestido com roupas dos anos 1950, um homem negro que Emmeline viu em Nova Orleans nos anos 1930. O homem magro do Museu Britânico, o tenente bruxo de Bianca, Lawson, e tantos outros.

Uma multidão de gêneros, raças e pessoas de diferentes alturas e formas, vestindo tanto roupas modernas quanto trajes antigos de todo o país… não, do *mundo* inteiro.

Seus olhos vermelhos brilhantes estão cheios de raiva, mas não estão voltados para mim.

— Você matou todas essas pessoas… — suspiro.

— Siiim — rosna o Rei das Sombras por uma boca feita de fumaça. Seus olhos carmesim queimam em sua verdadeira forma: uma criatura alada, com garras curvas e membros negros feitos de sombra e névoa. Ele já não é mais Erebus, pois o fantasma do verdadeiro Erebus está a um passo de distância, amarrado ao corpo do Rei por um grosso fio de fumaça. — E há muitos que ainda estão faltando, Briana. Quase vinte séculos de corpos que devorei e consumi até poder andar em suas peles, viver suas vidas, ver com seus olhos e experimentar todos os sabores feios, azedos e egoístas da humanidade. E sabe o que aprendi sobre os humanos nesse tempo? Em meio a toda a sua bagunça, sua busca, suas escolhas, verdades e mentiras?

Minha voz sai num sussurro trêmulo.

— Não.

— Aprendi que vocês não são *nada* sem seus desejos. Todo o poder que têm não vem do que é certo, ou justo, ou do que o outro quer, mas do que vocês *querem*. Do que sua vontade e intenção tornam real.

— Isso pode até ser verdade — respondo —, mas você precisa de nós, não é?

— Uma mentira reconfortante — sussurra o Rei —, mas ainda assim uma mentira.

Encaro seus olhos furiosos.

— Você não pode ser *você* sem toda a *nossa* humanidade bagunçada. E acho que você sabe disso. Você sabe… e odeia.

Ele rosna, a boca cheia de presas se abrindo.

Atrás de mim, Mariah geme, e o Rei sorri, satisfeito.

— Ela está ficando cansada. Não pode me conter pra sempre.

Ele estende a mão com garras na minha direção, e minha marca de sangue desperta. O cheiro dela preenche a esfera, mesclando madeira de ágar e seiva, mirra e incenso. O aroma de *Erebus*, não o perfume chamuscado e brasas do Rei.

— Parece que você também está ficando cansado.

Ele rosna de novo, e a marca de sangue brilha, se espalhando pela minha pele e queimando com intensidade. Isso me faz cair de joelhos. Fecho os olhos contra a luz e me lembro da minha missão. Me lembro de quem *eu* sou. De quem posso me tornar, se quiser.

Vejo Vera em minha mente. O vestido branco, os pés descalços. O sorriso e a expressão sarcástica. Não sei se é uma fantasia ou se ela é real. Mas estendo a mão para ela, levanto o braço entre mim e o demônio que nos assombra… e sinto um fio grosso se formar entre meus dedos.

Abro os olhos de repente e vejo que meu braço está estendido na direção do Rei das Sombras, mas minha mão está vazia.

Mas a *sensação* é de que ela não está vazia. Parece que estou segurando algo quente e pulsante. Algo que é meu.

— Bree! — grita Mariah. — Eu não consigo…

O controle dela sobre os fantasmas do Rei se desfaz.

Mas os fantasmas ao meu redor olham para minha mão, e vejo sorrisos se formando em seus rostos. Eles me encaram como um só… e então desaparecem.

Fecho os dedos ao redor do fio invisível, e o Rei das Sombras é puxado para a frente, caindo de joelhos até ficarmos um diante do outro no chão.

Nós nos encaramos com olhos arregalados e bocas entreabertas.

As palavras de Hazel ecoam na minha mente: *Magia ancestral de qualquer tipo exige uma conexão aberta nos dois sentidos.*

Duas partes ligadas por sangue.

Aperto a mão de novo, e o Rei das Sombras se contorce em resposta.

— O que você… está fazendo? — pergunta o Rei, ofegante.

Eu poderia dizer que não sei, mas penso melhor e percebo que estaria mentindo. Porque *eu sei*.

— Estou chamando você. — Eu me levanto do chão, segurando firmemente o fio invisível, e, à medida que me ergo, ele também se levanta. — Uma conexão aberta nos dois sentidos.

Agora, sozinha na esfera, sem a distração dos fantasmas, percebo o medo nos olhos dele. É rápido, como seus raios, mas, ao contrário deles, não desaparece. Permanece. Cresce. As presas negras do Rei se arreganham.

— Me deixe ir.

— Deixe minha alma inteira.

Ele ri.

— Você nunca mais será a mesma. Tecido cicatricial, lembra? Os fragmentos da sua alma nunca mais vão se encaixar da mesma forma. Você estará pra sempre alterada, Briana Matthews.

Cerro os dentes.

— Consigo viver com isso.

As asas dele se abrem, imensas.

— Você acha que tem todas as cartas, quando ainda restam jogadas a fazer.

— Como assim?

Ele ri de novo, um som áspero como pedras rachando e vidro estilhaçando.

— Antes de ser Erebus, antes de ser o Rei das Sombras, antes de *Arthur*, eu era Arawn de Annwfyn… o pastor de almas do outro mundo. Se me forçar a devolver sua alma… vou garantir que Alice Chen *nunca* acorde.

Sinto um embrulho no estômago.

— O que você fez com a Alice?

— Eu não a mandei para o purgatório, Briana. Você mandou. — Ele abre um sorriso escancarado. — Mas meus cães me dizem que ela está lá. Presa. Incapaz de morrer, incapaz de viver.

Arrisco olhar para trás, para Mariah, que está ajoelhada no chão, ofegante de tanto esforço. Parece que vai desmaiar a qualquer momento — algo que ela me avisou que poderia acontecer —, mas balança a cabeça com urgência.

— Existem cães… eu os ouvi. Eles estão… a cercando. Caçando.

Viro a cabeça de volta para o Rei sorridente.

— Faz séculos que não vejo meu reino, mas meus cães ainda ouvem minha voz. — prossegue ele. — Ainda tenho algum poder. Então escolha, Briana Irene. A vida da sua amiga inocente… ou reunir sua alma despedaçada?

Viro para o outro lado e vejo que Nick está na borda externa da minha esfera, o rosto dilacerado pela indecisão. Ele sustenta meu olhar, e vejo em seus olhos cada gota de fé que tem em mim. De que *sou capaz* de fazer essa escolha. De que *vou* fazer essa escolha. Nick tem fé em mim… mas não sei se isso é suficiente. Se a fé torna essa escolha mais fácil ou mais clara. Nick pressiona a mão envolta em aether contra a barreira, e o encontro dos nossos poderes gera faíscas azuis e roxas na ponta dos dedos dele.

— Qualquer que seja a sua escolha, será a escolha certa — diz ele. — De um jeito ou de outro.

Baixo a cabeça. As lágrimas queimam nos cantos dos olhos. Meus dedos se contraem em torno do fio que me liga a um deus. Sinto meu próprio grito antes mesmo de ouvi-lo. Minha dor rasga o silêncio ao meio.

— Decida, Briana.

Minha resposta sai num sussurro rouco.

— Faça minha alma ficar inteira.

— Como desejar.

Acontece num instante.

Quando Erebus devolve o fragmento perdido da minha alma, as pessoas desaparecidas também retornam.

E, com elas, uma enxurrada de milhões de pequenas lembranças voltam a seus devidos lugares no fio da minha vida. Rostos ao redor da mesa em aniversários. Novas pessoas nos primeiros dias de aula. Meu pai na loja. Os convidados no funeral da minha mãe. Nick no pátio da Carolina do Norte. Os Lendários em seus julgamentos. Conhecer Mariah e Patricia no campus. William me mostrando a Muralha das Eras. Convidados na festa da Pedreira de Eno. O sorriso sarcástico de Selwyn e sua voz cortante. Alice pendurando um pôster no nosso quarto no alojamento.

As pessoas que eu esperava. As memórias completas pelas quais eu torcia. Mas isso não é tudo que retorna.

É como se meu mundo estivesse desbotado e eu não tivesse percebido sua palidez, porque, cercando essas milhões de lembranças, há uma alegria mais profunda, uma expectativa mais aguda, um humor mais rico — e tanto, tanto amor. Ou talvez o mundo tenha se tornado brilhante demais, e eu tenha esquecido suas sombras, porque, com essas pessoas, também volta um pavor mais distinto, uma confusão mais cortante e o medo. Tanto *medo*.

Inspiro fundo, trêmula. Solto o ar aos poucos.

Respiro, sentindo tudo isso. Depois, de novo.

Quando abro os olhos, minha esfera está vermelha como raiz, mas a angústia que sinto é tão grande que não consigo apreciar seu retorno. Minha magia me recebe como uma velha amiga, mas o preço foi a perda de outra.

— Nós vamos… vamos trazê-la de volta, Bree. Nós vamos. — A voz de Mariah me alcança, e eu me viro para ela, que está ajoelhada.

No entanto, ouço uma pontada de dúvida em suas palavras. Sei que aquilo não é uma promessa. Nossos olhos se encontram, e ela assente uma única vez antes de desabar no chão, exausta.

Quando me viro, Nick me encara através da barreira vermelha. Ao olhar para ele, todos os sentimentos que comecei a nutrir na Penumbra florescem em meu coração. Sinto sua presença em cada batida, em cada fio de esperança. É um chamado e uma resposta, mais profundo e intenso. Ao perceber minha expressão, Nick pressiona as duas mãos contra a barreira, como se quisesse se aproximar mais, como se soubesse que, agora, nossa história compartilhada está completa, como sempre foi para ele. Então, vejo o que Nick havia escondido até este momento. O que ele nunca teria revelado se eu não tivesse decidido restaurar minha alma. No rosto do garoto cujos olhos veem tanto, há uma dor visível. Enquanto eu sentia falta dele, ele *ansiava* por mim.

Meu coração se parte, e minha barreira se desfaz.

Quando solto o Rei, ele desaba de volta no corpo de Erebus, estendido no chão. Riscos de sangue escorrem dos cantos de sua boca, e sua mão sobe até a cabeça, voltando manchada de vermelho.

Seus olhos ardentes se fixam em mim, onde estou de pé.

— E assim… termina… nossa lição — diz ele, ofegante, então sorri, revelando dentes sujos de sangue.

— Que lição?

— Você se tornou… implacável, afinal.



QUANDO EREBUS se arrasta até a coroa, estendendo a mão para pegá-la mesmo ainda encantada, estou tão atordoada que não consigo impedi-lo. Fico surpresa ao vê-lo disposto a correr o risco de tocá-la.

Nick grita, correndo num borrão…

Mas Erebus está mais perto, com a mão estendida… até que um raio de aether verde atravessa seu pulso ensanguentado, decepando a mão que cai no chão.

De repente, Nick para abruptamente e eu congelo, enquanto Erebus observa, atônito, a ponta sangrenta de seu antebraço.

Um segundo raio o atinge, abrindo um buraco em seu ombro oposto.

— Sempre quis fazer isso.

A voz vem de cima de mim. Olho para cima e vejo Selwyn encarando seu antigo mentor, com as presas à mostra num sorriso, as mãos nos bolsos. Quando Sel encontra meu olhar, nossa história me invade de uma só vez. Em um piscar de olhos, seu rosto, sua voz e sua presença preenchem cada lacuna dos momentos que vivemos juntos. As emoções que ele despertou em mim desabam como dominós, me deixando sem ar conforme caem. A culpa está ali, na minha garganta, mas logo é seguida pela frustração. A indignação vem logo atrás. Quando o afeto se espalha pelo meu corpo como metal derretido, aquecendo tudo que toca e deixando algo ainda mais fundido para trás, arregalo os olhos e sinto um calor no peito… Ele ergue uma única sobrancelha, achando graça.

— Olá, Briana.

— Selwyn!

A fúria de Erebus rouba nossa atenção. Ele está de pé novamente, rosnando… mas então cambaleia, tombando de joelhos e se apoiando no braço que lhe resta. O sangue se acumula sob ele, encharcando sua calça.

— Você não parece estar se curando muito rápido — provoca Selwyn. — Tantos corpos pra absorver, vinte séculos e tudo mais, e um buraquinho no peito já está te atrapalhando? — Ele ri com deboche. — Patético. Talvez seja melhor voltar a ser um Senescal.

Erebus arreganha os dentes.

— Bom te ver, Mago-Real.

— Não posso dizer o mesmo.

— Parece que sua mãe falhou com você — dispara Erebus. — Ou foi *você* quem falhou com *ela*?

— Ah, acho que todo mundo tem suas falhas nessa história — diz Sel, avançando em direção ao antigo mentor. — Então *você* era a cobra entre nós o tempo todo. Comandou a legião de raposas no Alojamento. Armou o ataque dos uchels na estrada. Tentou capturar Briana antes que ela passasse pelo Rito dos Reis. E, ainda assim, mandou *me* prenderem.

Erebus hesita, mas exibe um sorriso torto.

— Muito esperto, Kane.

O aether verde crepita na palma de Sel.

— Você deixou a Ordem me chamar de traidor.

— Assombra você que a culpa tenha sido atribuída com tanta facilidade? — Erebus se endireita. — Porque deveria.

— Poucas coisas me assombram hoje em dia — retruca Sel. — Chega de conversa. Quer que eu acabe com isso? — Erebus olha para a coroa… mas Sel balança o dedo. — Na-na-ni-na-não. Você pode morrer ou fugir. Duas opções… escolha uma. Esse pedaço de metal velho não é uma delas.

— Esse *pedaço de metal velho* foi o maior prêmio do seu ancestral. Merlin pagou por ele com dor e *sangue*. — Os olhos de Erebus se fixam em Selwyn. — Você não faz ideia do inimigo que está criando.

Sel sorri.

— Nem você.

Erebus me encara mais uma vez.

— Ainda estamos só começando, Briana Matthews. Você ainda carrega minha marca. É um rei sem espada. Uma Pendragon envenenada. A dor e o sangue a aguardam.

Eu encaro o algoz das duas linhagens do meu sangue — meu antigo mentor, meu oponente, meu inimigo — sangrando de joelhos à minha frente.

— Adeus, Arawn.

Ele sorri… e uma nuvem revolta de sombras escuras o arrasta para longe.

Quando o Rei desaparece, Selwyn me observa de cima, com os olhos carmesim.

— Você está completa.

Eu o encaro, atônita.

— Eu… Como é?

Ele aponta com a cabeça para a raiz vermelha cintilante que ainda brilha no chão ao nosso redor.

— Sua magia. Seu cheiro. Você. — Ele me olha novamente. — Gosto mais de você assim.

Pisco, balançando a cabeça.

— Obrigada?

— E você está bem rápido, Nicholas. — Ele se vira para Nick. — Isso é novidade.

Nick se junta a nós, a armadura desaparecendo.

— Sel, seus poderes estão…

— Muito melhores — diz Sel, com um sorriso torto. — Obrigado por notar.

Ele observa a coroa no ponto em que repousa sobre as pedras, iluminada por uma única linha de proteção mágica.

— Vimos essa coroa na sua caminhada pelo sangue, logo depois que o Merlin original a conseguiu.

— Sim. — Fico de joelhos, ignorando a onda de tontura e a fraqueza que toma meus membros. A lembrança daquela caminhada pelo sangue vem à mente com facilidade. — A Távola acreditou que tirar a coroa de Arawn seria suficiente para enfraquecê-lo. E estavam certos, mas não durou.

Sel inclina a cabeça.

— Merlin tentou impedir que a coroa chegasse à aprendiz dele, a Morgana original. Parece que não teve sucesso.

— O encantamento dos Morganas manteve a coroa escondida dos sentidos demoníacos por séculos. — Olho para Nick e penso no fragmento oculto em seu peito, aquele que nem Erebus nem Sel conseguem detectar, graças àquela mesma magia de ocultação Morgana. — Mas agora que Arawn sabe que temos a coroa *e* que Nick pode remover o encantamento de uma vez por todas, ele com certeza vai voltar pra tomar o que é dele. Vamos precisar escondê-la também, assim como os Morganas fizeram.

Sel se agacha para examinar mais de perto.

— Entendi.

Sinto uma pontada de apreensão que faz meu estômago embrulhar.

Nick deve sentir o mesmo.

— Não toque nisso.

— Por quê?

— Poderia matar você — explica Nick.

Sel franze a testa.

— Não é o ideal.

— O encantamento dos Morganas também faz com que nenhum demônio possa tocar na coroa sem morrer e… bem… — Hesito. — Você não é exatamente um típico cambion agora. Você está mais…

— Demoníaco? — O lábio de Sel se curva. — Pode dizer, Briana. Não vou me ofender.

— Sim, demoníaco! — respondo rapidamente. — Você pode morrer! Só… me deixa pegar o embrulho…

— Poderia e posso — murmura Sel, com a voz baixa, quase cantarolada. — Posso e poderia.

— Selwyn… — adverte Nick. — *Não.*

Os olhos de Sel brilham.

— Mas essas possibilidades são *divertidas.*

Sel estende a mão, mas, antes que seus dedos toquem uma única ponta negra, a coroa desaparece em um borrão veloz.

A mão de Sel permanece suspensa no ar, o braço estendido, enquanto a confusão toma conta dele. Então, nós dois nos viramos e vemos Nick a uns três metros de distância, segurando a coroa com uma das mãos.

— Não! — Eu me levanto num pulo.

Sel não pode tocar a coroa, mas Nick também não deveria. Não sabemos o que a criação viva do Rei fará se suas partes quebradas forem reunidas, nem que seja por um segundo. A coroa já parece clamar por estar inteira… e o coração de Nick está ligado a um dos fragmentos. Um condutor cruel, queimando em silêncio dentro dele.

— Nicholas, que grosseria da sua parte — diz Sel, atônito, enquanto eu passo correndo por ele.

— Larga isso! — Paro a poucos passos de Nick. — É perigoso demais!

— Desculpa — murmura Nick. Ele cambaleia, mas assim que a coroa cai de sua mão e ressoa no chão, ele recupera o equilíbrio. Balança a cabeça, como se quisesse afastar uma névoa. — Tive que fazer. Precisava impedi-lo.

Corro em direção a Nick, mas ele me para com um olhar.

— Eu estou bem.

— Eu não faço a menor ideia do que está acontecendo com vocês dois — diz Sel, se levantando e balançando a calça —, mas eu adoro uma boa perseguição.

Sel se move em direção a Nick e à coroa, mas tropeça. Seu olhar cai sobre a perna esquerda, estendida para trás, presa por uma faixa de raiz vermelha fumegante enrolada em seu tornozelo. Ele segue a raiz até a origem e encontra meus dedos brilhando, enroscados.

Então, solta um som de satisfação.

— Você também tem truques novos.

— Tem mais de onde esse veio — murmuro, me esforçando para segurá-lo.

— Excelente. Continue me mostrando.

Ele invoca uma adaga no ar e corta minha raiz num instante. Ao avançar novamente em direção a Nick, estende a mão, girando a palma para cima até que faíscas verdes brilhantes apareçam ali.

Chamo raízes para ambas as palmas, me preparando para a luta. Nick invoca uma espada no punho cerrado.

Quando ele gira o corpo para nos encarar, Sel abre os dedos, depois os fecha…

E eu engasgo, levando a mão ao peito.

Sel para e olha fixamente para a minha marca de sangue, que brilha intensamente.

— Ele já está chamando você? — pergunta. — Que velhote patético.

Mas o cheiro da minha marca de sangue em chamas não é o mesmo de instantes atrás, com Erebus. Não são as fragrâncias terrosas de madeira de ágar, incenso e mirra… mas o tempero chamuscado ao qual me acostumei nos últimos meses.

Esse cheiro — resina quente transformada em cinzas — se tornou tão familiar quanto meu próprio rosto.

Uma assinatura que antes era rica e completa, agora queimada até virar brasa.

Olho para a minha marca de sangue e depois de volta para a mão de Sel, com os dedos curvados em torno das chamas verdes cintilantes.

Pensei que fosse sempre o Rei me chamando, com sua assinatura às vezes parecendo a de Erebus, às vezes a de sua forma verdadeira, mas…

Quando os dedos de Sel se abrem, minha marca pulsa.

Quando Sel fecha a mão, minha marca enfraquece.

Nick corre até meu lado. Ele observa a luz subir e descer, seu olhar atento acompanhando o ritmo enquanto começa a entender.

— Não…

— O quê? — questiona Sel. — Se vocês estiverem tentando me distrair…

— Sel — digo.

Ele me encara, nitidamente irritado.

— Sim, Briana?

— Sua magia.

Ele revira os olhos.

— Está diferente agora, eu sei. Vê se presta atenção, por favor.

— Não, não é isso… — falo.

— Como é?

— Selwyn! — interrompe Nick, apontando para a mão de seu Mago-Real e depois para a minha marca. — Olha.

Os olhos de Sel se fixam no brilho da minha marca, sob a camisa, e depois retornam à própria palma. Ele abre os dedos, fazendo as chamas de aether subirem… e minha marca se acende junto.

Ele arregala os olhos, depois os estreita.

Repete o movimento, e minha marca responde de novo.

Seu corpo e seu rosto congelam.

— Quando acordei na cabana da minha mãe, senti um poço sem fundo de poder, mas não sabia onde ele estava nem como encontrá-lo. Tentei alcançá-lo da melhor forma que pude, sozinho no meu quarto, chamando por ele. Nunca considerei que aquele poço pudesse ser seu. Ou que o poder que eu desejava, o poder que parecia eterno… pertencesse a você.

— Como você está fazendo isso? — sussurra Nick.

Sel fecha a mão e a abre novamente.

— Ótima pergunta.

Mas eu sei.

— Marcas de sangue podem ser… herdadas.

A mão de Sel para. Sua chama se apaga.

Ficamos os três em silêncio, um encarando o outro, esperando que alguém fale. Que alguém preencha o pátio vazio com a verdade impossível e *tão possível*. Os olhos de Sel se voltam para a coroa, para a pedra entre nós.

Antes que Nick e eu possamos detê-lo novamente, Sel move uma das mãos, e grandes faixas verdes brilhantes se prendem ao nosso redor, colando nossos braços ao corpo.

— Para! — grita Nick, se debatendo. — Mesmo que seja verdade…!

Sel encara a coroa de metal negro e seus espinhos irregulares.

— Sim, Nicholas?

Resmungo, raízes vermelhas em chamas brotando dos meus braços.

— Mesmo que você toque nela e sobreviva ao encantamento da Morgana, Arawn forjou essa coroa pra ter um único portador! Ela é uma arma viva, como a Excalibur, mas se você não for o verdadeiro portador, a coroa pode te matar!

— Lá vem você com essa palavra de novo — murmura Sel. — *Pode*.

As faixas se fecham sobre nossas bocas.

Sel estica os dedos marcados por veias negras em direção à coroa, sorrindo enquanto escuta o som dos nossos gritos abafados e desesperados. Quando seus dedos tocam o metal negro espesso, o sorriso desaparece, como se ele não esperasse, de fato, conseguir tocá-la.

Um estrondo profundo estala nos nossos ouvidos, e sombras explodem sob a mão de Sel. Elas sobem pelo seu pulso, famintas pela pele dele. Ele sibila quando as formas escuras se enroscam em seu antebraço até o cotovelo, e fica de pé com uma careta de dor.

Uso a força de Arthur para romper um dos construtos de Sel, enquanto o braço de Nick se move como um borrão, desgastando a faixa em seu cotovelo. Mas toda vez que rompemos uma armadilha, as faixas quebradas se regeneram em um instante, mais fortes do que antes. A raiz carmesim brilha intensamente na ponta dos meus dedos. Os olhos de Nick cintilam em azul profundo e prata reluzente enquanto ele se esforça para desfazer o poder ancestral que consome Sel… um poder que não era visto há mais de mil anos. Mas nada adianta. Não conseguimos escapar e não conseguimos deter a coroa do Rei. As sombras mortais escalam a garganta de Sel, nos forçando a testemunhar sua destruição em um horror impotente.

Quando os fluxos contorcidos e ávidos de tinta alcançam suas maçãs do rosto, a cabeça de Sel tomba para trás com violência. Num estalo. Num rosnado. Sua coluna se arqueia. A morte se insinua sob suas pálpebras, escapa por entre seus dentes e escorre de seus ouvidos em rios negros e furiosos.

O fim chega rapidamente.

Quando Sel perde a consciência, perde também o controle. Suas faixas de aether brilhante se desfazem ao nosso redor. Os construtos de um Merlin em decomposição, esmaecendo sob a luz das estrelas.

Quando finalmente nos libertamos da magia enfraquecida de Sel, seu corpo endurece… e, depois, cede.

Eu e Nick prendemos a respiração, tomados pelo pavor, e Sel solta um único suspiro — áspero, rouco, derradeiro.

Então, só resta o silêncio, o choque e uma dor devastadora… porque Selwyn Kane está morto.



NÃO. NÃO.

Um grito lancinante se forma na minha garganta, um arquejo sufocado escapa de Nick… e o corpo de Sel começa a cair. Sua cabeça pende para trás sobre os ombros, sem vida…

— Não!

Ouço minha voz, a de Nick, já não sei dizer…

Antes que qualquer um de nós consiga gritar de novo, um som grave e borbulhante emerge do peito de Sel.

Um som profundo que cresce, se expande e, então, irrompe dele em ondas cortantes e estaladas. Ofegos gananciosos, nada humanos.

Então… sua coluna se endireita, sua cabeça se ergue com um estalo…

E seus olhos se abrem… brilhantes, vermelhos e ferventes. Suas presas de pontas negras se alongam, reluzindo à luz da lua, até que sua boca se transforma em algo faminto, selvagem. Os suspiros ofegantes cessam, dando lugar a um riso baixo que se torna algo sinistro na escuridão.

A arma forjada pela própria morte não trouxe a morte prometida. A coroa viva do Rei pode destruir todos os usurpadores, mas não destruiu Selwyn Kane… Ela o transformou.

Só então a verdade se ergue entre nós, como um segredo silencioso e desconhecido que agora é revelado: assim como a Excalibur, a coroa reconhece seu herdeiro legítimo… e Selwyn Kane é o filho do Rei das Sombras.

Uma risada rouca e atordoada escapa dos lábios de Sel ao observar o metal pulsante e escuro em sua mão. Como se movido por algo além de si, ele ergue a coroa… e a coloca sobre a cabeça.

– Parece que meu pai deixou isso cair.

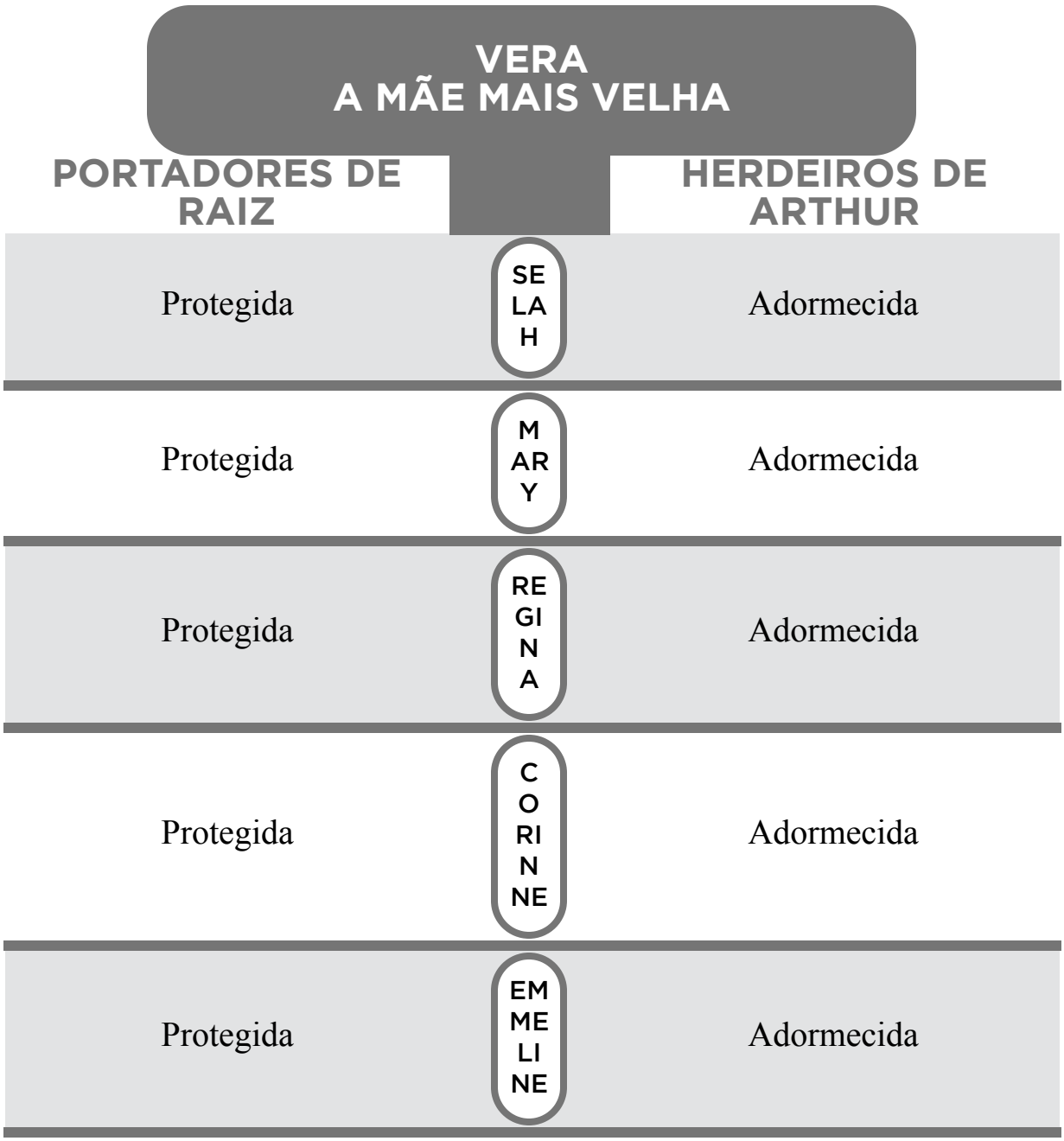
— Meu Deus — digo, a respiração entrecortada.

— Como, Sel? — sussurra Nick. — Como isso é possível?

– Eu não faço ideia. — O olhar carmesim de Sel passeia lentamente entre nós, satisfeito e faminto ao mesmo tempo. *– Mas aqui estamos nós. Um rei, um cavaleiro... e um príncipe.* — O sorriso de Sel se espalha devagar pelo rosto, como sangue escorrendo de um ferimento. *– O que... vamos... fazer?*



A LINHA DE VERA



VERA
A MÃE MAIS VELHA

Protegida	JESSIE	Adormecida
Protegida	LEANNE	Adormecida
Protegida	FAYE	Adormecida
PROTEGIDA E REIVINDICADA	BRIANNAIRENE	DESPERTA

AS LINHAGENS DA TÁVOLA REDONDA

NÍVEL	LINHAGEM	SÍMBOLO	COR	HERANÇA	ARMA(S)
1	Rei Arthur Pendragon	Dragão rampante	Dourado	A sabedoria e a força do rei	Espada longa
2	Sir Lancelot	Veado	Azul-tempestade	Velocidade e visão aguçada	Espada longa dupla
3	Sir Tristan	Três flechas sinistras	Azure	Mira e velocidade	Arco e flecha
4	Sir Lamorak	Grifo correndo	Vermelho-carmesim	Força sobrenatural (duradoura)	Machado
5	Sir Kay	Duas chaves em cruz	Castanho-escuro queimado		
6	Sir Bedivere	Falcão com uma asa	Roxo-ametista		

NÍVEL	LINHAGEM	SÍMBOLO	COR	HERANÇA	ARMA(S)
7	Sir Owain	Leão deitado com a cabeça para cima	Amarelo-tenné	Familiar de leão de aether	Bastão
8	Sir Erec		Água-marinha		
9	Sir Caradoc		Vermelho-granada		
10	Sir Mordred		Preto meia-noite		
11	Sir Bors	Círculo de três voltas	Laranja queimado	Agilidade e destreza	Espada longa
12	Sir Gawain	Águia de duas cabeças	Verde-esmeralda	Habilidades de cura aumentadas; força sobrenatural ao meio-dia e à meia-noite	Adagas duplas
13	Sir Geraint	Lobo correndo	Cinza-pedra		

AGRADECIMENTOS

JURAMENTADOS é o livro de que a série *Lendários* precisava, mas não era um livro que eu planejava escrever lá no início. Muitas pessoas ajudaram a tornar este livro realidade, e muitas também me ajudaram a ser a autora capaz de escrevê-lo; obrigada a todas. Um agradecimento especial aos meus leitores por essa jornada épica.

Obrigada aos meus pais: sinto saudade de vocês e ainda ouço suas vozes. Obrigada à minha família de sangue e à escolhida, por apoiarem minha alma assim como minhas longas ausências enquanto sigo essa missão.

Joanna Volpe: minha gratidão por ter você como minha agente só cresce a cada livro. Obrigada por acreditar nos meus instintos, numa carreira que vai além de um único livro e no conceito do trope *turducken*.

Kendra Levin: obrigada por enfrentar esse desafio impossível. Estávamos equilibrando pratos enquanto fazíamos malabares com cupcakes dentro de um furacão de enredo. *Juramentados* simplesmente não existiria sem você.

Jenica Nasworthy, você é a única domadora de dragões (ou seja, editora de produção) capaz de encarar essa jornada épica. Sou imensamente grata pela sua resistência, paciência e dedicação. Obrigada.

Agradecimentos eternos a todos da Simon & Schuster, principalmente às equipes da Simon & Schuster Books for Young Readers. Em particular, sou grata a Justin Chanda, Anne Zafian, Tionne Townsend, Kaitlyn San Miguel, Sara Berko, Chava Wolin, Hilary Zarycky, Chrissy Noh, Caitlin Sweeny, Alissa Rashid, Bezi Yohannes, Shannon Pender, James Akinaka, Amy Lavigne e Saleena Nival; Michelle Leo, Nicole Benevento, Amy Beaudoin e toda a equipe de educação e bibliotecas; e Morgan Maple, Tara Shanahan, Lisa Moraleda e toda a equipe de divulgação. Obrigada também a Penina Lopez e Lynn Kavanaugh. Uma gratidão imensa e eterna a Laura Eckes, pela sua visão artística, e à própria Laura junto com Hillary Wilson, por essa capa *poderosa*!

Obrigada à equipe incrível da New Leaf Literary & Media, incluindo, mas não se limitando a: Jenniea Carter, Lindsay Howard, Hilary Pecheone, Eileen Lalley, Tracy Williams e Keifer Ludwig. Agradecimentos especiais a outras pessoas da comunidade

“Time Lendários”: Joniece Abbott-Pratt, Ashley Mitchell, Emily Ritter, Andrea Barzvi e Dani Pendergast.

Sou imensamente grata aos meus consultores de pesquisa e leitores: dr. Gwilym Morus-Baird, dra. Chanda Prescod-Weinstein, Lillie Lainoff, D. Ann Williams, Juno Baker e David Taylor.

Há muitos autores e artistas a quem gostaria de agradecer o apoio e conselhos, incluindo Karen Strong, Olivie Blake, Daniel José Older, Brittany N. Williams, Leigh Bardugo, Roseanne A. Brown, Bethany C. Morrow, L.L. McKinney, Sabaa Tahir, Adam Silvera, Victoria Aveyard, Veronica Roth, Chloe Gong, Alex Aster, Victoria Lee, Ayana Gray e Sarah Rogers.

Ao Mage of Space: obrigada por ser nosso campeão artístico dos sonhos.

A Annalise e Alyssa: nossos feitiços são, com certeza, os melhores.

A Kathy Hampton: sua magia é tudo.

A Adele: obrigada por ser tanto a espada quanto o escudo para mim e para Bree. Você é um exército.

A Walter: você está sempre ao meu lado enfrentando montanhas e, quando elas se revelam vulcões, você traça um plano para conquistá-los também. Obrigada, eu te amo.

SOBRE A AUTORA



© Kathleen Hampton

TRACY DEONN é autora da série best-seller *Lendários* e fangirl de carteirinha. Ela cresceu na região central da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, onde devorou em igual medida livros de fantasia e comidas típicas do Sul. Após completar seu mestrado na Universidade da Carolina do Norte, Tracy trabalhou no teatro, na indústria de videogames e em escolas de ensino fundamental. Quando não está escrevendo, participa de palestras sobre ficção científica e fantasia, lê fanfics, organiza encontros entre cachorrinhos e procura qualquer coisa com gosto de gengibre.

X: @tracydeonn
tracydeonn.com